Sessão Coordenada: **A AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA CLINICA E OS MULTIPLOS INFORMANTES**

Na área de avaliação de psicologia clinica (infantil ou adulta) não há consenso sobre quais seriam as melhores estratégias a serem seguidas para se conseguir o melhor encaminhamento para casos clínicos que se apresentam ao psicólogo, especialmente considerando-se que elas são das mais diferentes naturezas. Este fato está associado a outro, qual seja o de que não há um instrumento de medida cuja exatidão (validade) e precisão (confiabilidade) sejam suficientemente altas. É reconhecido, no entanto, a dificuldade que tais fatos trazem para a tomada de decisões clínicas sobre o uso de tais instrumento ou sobre as aplicações de tais instrumentos clinicamente ou em pesquisas. Esses pontos associados o conhecimento científico de que as condições ambientais influenciam o comportamento , que sabidamente varia em função da situação e dos padrões de relacionamento solidamente estabelecidos levam a conclusão de que para haver uma avaliação compreensiva de qualquer pessoa que busque o atendimento clinico psicológico torna-se cada vez mais necessária a utilização de diversas fontes de informação. As pesquisas que utilizam mais de uma fonte de informação, no entanto, têm encontrado e taxas de concordância entre diferentes informantes baixas e, quando muito, os índices de correlação que variam de baixo a moderado, cuja explicação para as discrepâncias têm suscitado novas investigações e outras análises. Visando entender melhor esta temática propõe-se a presente coordenada para a qual foram convidados pesquisadores que têm se dedicado à investigação de tais temas, com o foco principal sobre o uso de instrumentos ASEBA O primeiro trabalho analisa níveis de concordância e discordância entre as avaliações realizadas por pais ou cuidador principal e pelo psicólogo clínico em relação a dificuldades internalizantes e externalizantes de crianças com idade entre sete e 11 anos.. O segundo teve por objetivo demonstrar a importância de múltiplos informantes na coleta de dados sobre pacientes adolescentes, identificando as principais concordâncias em um instrumento padronizado para triagem. O terceiro objetivou comparar a queixa inicial de clientes adultos avaliada pelo psicólogo com a queixa identificada a partir da resposta do paciente ao Inventario de Autoavaliação para Adultos de 18 a 59 anos (Adult Self-Report; ASR), em amostra coletada em Curitiba-PR, Goiânia-GO, São Paulo-SP e São José do Rio Preto-SP. Os três últimos são recortes de uma pesquisa transcultural com o Inventario de Autoavaliação para Adultos de 18 a 59 anos (Adult Self-Report; ASR) e o inventario para avaliação de adultos (ABCL) que se encontra em andamento, sob a responsabilidade da proponente da coordenada. Nessa pesquisa foram coletados dados de diferentes cidades de vários estados do pais e o trabalho objetivou comparar as informações fornecidas por pessoas adultas com a de seus informantes, verificando a convergência ou não destas informações. O quarto trabalho avalia essa convergencia na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. O quinto tem o mesmo recorte da anterior mas com referencia a cidade de São Paulo, SP e o ultimo diz respeito a cidade de Juiz de Fora, M.G. Pretende-se discutir e comparar os resultados de cada um dos trabalhos apresentados na coordenada entre si e verificar os encaminhamentos clínicos e de pesquisa que os resultados de todos eles sugerem.
Apoio: CNPq e FAPESP

Psicologia Clínica e da Personalidade

INCLUSÃO DE MÚLTIPLOS INFORMANTES NO PROCESSO DE AVALIAÇÃO INFANTIL: UMA COMPARAÇÃO DO RELATO DOS PAIS AO INVENTÁRIO DE COMPORTAMENTOS PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES CBCL/6-18 E DA PERCEPÇÃO DO PSICÓLOGO CLÍNICO. *Edwiges Ferreira de Mattos Silvares (Instituto de Psicologia Departamento de Psicologia Clinica da Universidade de São Paulo - SP); Deisy Ribas Emerich** (Instituto de Psicologia- Departamento de Psicologia Clinica da Universidade de São Paulo)*

As dificuldades comportamentais e emocionais, iniciadas na infância, podem estender-se ao longo do desenvolvimento, impactando a vida da criança e de sua família. Para haver uma avaliação compreensiva é necessária a utilização de diversas fontes de informação, que não exclusivamente os pais. Mapear as dificuldades permite elaborar um plano de intervenção adequado a elas, sendo a entrevista clínica de fundamental importância nesta etapa. O objetivo do presente trabalho foi analisar níveis de concordância e discordância entre as avaliações realizadas por pais ou cuidador principal e pelo psicólogo clínico em relação a dificuldades internalizantes e externalizantes de crianças com idade entre sete e 11 anos. Para tanto, foram realizadas a Entrevista Clínica Semiestruturada para Crianças e Adolescentes (SCICA) com 12 crianças (2 meninas; 10 meninos; idade média=8,58; desvio padrão=1,379) encaminhadas para atendimento em serviços de saúde mental, a fim de compará-las com as respostas dos pais/cuidador ao Inventário dos Comportamentos de Crianças e Adolescentes de 6 a 18 anos (CBCL/6-18). De modo geral, em resposta do CBCL/6-18 os pais (11 mães; 1 pai; idade média=35,58; desvio padrão=4,602) indicaram escores médios elevados, a ponto de atingir um nível clínico, para as Escalas de Internalização e Externalização, indicando que metade da amostra avaliada, quando comparada a outras crianças do mesmo sexo e idade, apresentava problemas, em intensidade ou frequência, que mereceriam atenção de profissionais de saúde mental. Considerando apenas as escalas síndromes e o orientadas pelo DSM-V, observou-se que oito das 12 crianças avaliados apresentaram escores clínicos na escala de ansiedade/depressão e problemas de ansiedade. A partir da entrevista clínica e da resposta do clínico à SCICA, observou-se que em média, as crianças da amostra não apresentaram qualquer um dos problemas de comportamento com uma potencial severidade. No entanto, ao considerarmos as escalas síndromes, percebemos que a amostra obteve escores médios elevados para queixas Ansiedade/Depressão, Retraimento/Depressão, Agressividade/Violação de regras e Problemas de Atenção, que embora não indiquem uma potencial severidade, revela a necessidade de intervenção para prevenir o agravamento destas. As pesquisas que utilizam múltiplos informantes têm encontrado baixas taxas de concordância. No presente estudo, observou-se haver concordância entre os informantes no que tange as dificuldades com ansiedade e depressão, no entanto, ao consideramos um grupo de dificuldades internalizantes e externalizantes houve diferença na avaliação quanto a severidade do problema com os pais apontando maior severidade. Tal discrepância era esperada, visto que os pais tendem a maximizar as dificuldades dos filhos em função de fatores como o próprio estresse, as noções que têm como ideal para a sociedade na qual estão inseridos ou a elegibilidade para o tratamento pais podem reportar mais aspectos negativos no comportamento da criança como forma de garantir a vaga para receber atendimento. Analisar as concordâncias e discordâncias permite identificar em qual área encontram-se as reais dificuldades da criança e facilita a delimitação dos objetivos da intervenção. Por fim, a entrevista clínica mostrou-se uma ferramenta de grande valia para garantir a obtenção de dados relevantes, além de propiciar a inclusão da criança em seu próprio processo de avaliação.

Apoio : FAPESP & CNPq

A IMPORTÂNCIA DE MÚLTIPLOS INFORMANTES PARA A AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA DO ADOLESCENTE. *Teresa Helena Schoen (Centro de Atendimento e Apoio ao Adolescente, Departamento de Pediatria, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo - SP)*

O psicólogo, na tentativa de avaliar de forma mais ampla possível o adolescente encaminhado para atendimento, deve ter em mente a importância de buscar informações a respeito de seu paciente em diferentes fontes. Geralmente os pais são os primeiros a serem ouvidos, assim como o próprio adolescente. Quando o motivo da procura por um atendimento especializado é devido a queixas escolares, deve-se também obter informações advindas dos professores. Entretanto, deparamo-nos com a dificuldade de atendimento aos pais, principalmente em serviços de saúde mental que só funcionam durante o dia. O mesmo ocorre com a coleta de dados na escola, pois muitos psicólogos não dispõem de tempo ou recursos para conversar com os professores ou coordenadores e observar seu cliente no ambiente natural onde ocorrem os comportamentos que levaram ao encaminhamento psicológico. A utilização de instrumentos padronizados, que também possibilitem a coleta de dados por parte de múltiplos informantes, é bastante útil. Um dos instrumentros que pode colaborar com a coleta e organização das informações sobre o paciente é o Achenbach System of Empirically Based Assessment (ASEBA), que oferece uma abordagem abrangente para avaliar o funcionamento adaptativo e desadaptativo, procurando identificar os padrões reais de comportamento de quem está sendo avaliado. O presente trabalho teve por objetivo demonstrar a importância de múltiplos informantes na coleta de dados sobre pacientes adolescentes, identificando as principais concordâncias em um instrumento padronizado para triagem. Foram analisados os prontuários de 49 adolescentes que procuraram atendimento psicológico nos anos de 2010 e 2011 em um ambulatório de pediatria. Os instrumentos utilizados foram o Youth Self Report (47 protocolos), o Child Behavior Checklist (49 protocolos) e o Teacher Report Form (17 protocolos). Quinze adolescentes tinham os três instrumentos preenchidos. Com relação a todos os participantes, os responsáveis informaram mais problemas de comportamento dos adolescentes e menos competência social, quando comparados às respostas do próprio adolescente ou de seus professores. Os professores informaram menos problemas de comportamento que os pais ou seus alunos, com exceção do agrupamento quebra de regras e comportamento externalizante, cujas médias foram maiores que as do próprio adolescente, embora ainda menores que as dos responsáveis. A correlação entre as respostas dos responsáveis e dos adolescentes variou de 0,02 a 0,78 (=0,33); entre as dos responsáveis e dos professores variou de -0,06 a 0,68 (=0,31); e entre as dos adolescentes e de seus professores, de -0,04 a 0, 61 (=0,24). Observou-se que a utilização de um instrumento padronizado ajudou ao responsável informar sobre os problemas e competências do seu flho. O adolescente pode melhor identificar os motivos da busca de um atendimento especializado, embora muitas vezes tivesse dificuldade em quantificar suas competências. Como nem sempre é possível ao psicólogo ir à escola, o instrumento permitiu a coleta de informações com o professor de classe. Concluiu-se que a participação de múltiplos informantes, utilizando instrumentos padronizados, facilitou a caracterização das competências e dos problemas apresentados por adolescentes e colaborou com o diagnóstico e intervenções mais adequadas.

UMA COMPARAÇÃO DA AUTOAVALIAÇÃO DO ADULTO/CLIENTE COM A DO SEU TERAPEUTA. *Marina Monzani da Rocha (Consultório Particular, São Paulo, SP); Fabiana Vieira Gauy (Clínica Vitally, Brasília, DF) ; Edwiges Ferreira de Mattos Silvares (Universidade de São Paulo, São Paulo, SP).*

Um dos motivos da baixa adesão em psicoterapia se deve a falha na identificação dos comportamentos que devem ser alvo de intervenção. O presente trabalho teve como objetivo comparar a queixa inicial identificada pelo psicólogo com a queixa identificada a partir da resposta do paciente ao Inventario de Autoavaliação para Adultos de 18 a 59 anos (Adult Self-

Report; ASR) em amostra coletada em Curitiba-PR, Goiânia-GO, São Paulo-SP e São José do Rio Preto-SP. Tal inventário, desenvolvido nos Estados Unidos e em processo de validação no Brasil, é um instrumento empiricamente baseado que permite que o adulto encaminhado para atendimento em serviços de saúde mental avalie seus comportamentos em diversas áreas, incluindo problemas emocionais e comportamentais. A aplicação e correção dos dados é rápida e de baixo custo, o que faz com que o ASR possa ser inserido, com pouco esforço, na rotina da prática clínica. Participaram deste estudo 50 clientes e quatro psicólogos. Para inclusão na amostra foi estabelecido o critério de que o cliente estivesse em atendimento há no máximo quatro sessões, de maneira que a avaliação fosse realizada no início do tratamento. Foram utilizados: 1) Ficha de identificação de queixa, preenchida pelo psicólogo responsável pelo caso a partir da percepção clínica das queixas-alvo do paciente a partir das primeiras entrevistas clínicas iniciais; 2) ASR para clientes de 18 a 59 anos, que avalia em 126 itens o funcionamento adaptativos nas áreas amigos, família, trabalho, educação e relacionamento com companheiro(a) ou esposo(a), os problemas emocionais/comportamentais em oito escalas-síndromes (Ansiedade/Depressão, Retraimento, Queixas Somáticas, Problemas de Pensamento, Problemas de Atenção, Comportamento Agressivo, Violação de Regras e Comportamento Intrusivo) e três somas de escalas (Problemas Internalizantes, Externalizantes e Total de Problemas Emocionais/Comportamentais), além de avaliar uso de substâncias; e 3) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinado pelo cliente e pelo terapeuta. Os dados foram comparados considerando a queixa identificada pelo clínico e pelo paciente no ASR nas escalas-síndromes e somas de escalas e por categorias em cada escala. Observou-se que, com exceção de dificuldades alimentares, estresse e procrastinação, o ASR identificou com precisão as mesmas dificuldades indicadas pelo psicólogo clínico nas entrevistas iniciais. No entanto, o clinico, em uma primeira avaliação, não conseguiu identificar todas as queixas reportadas pelo cliente na resposta ao ASR. Tais resultados sugerem que o ASR tem utilidade clínica e pode agilizar a identificação dos comportamentos-alvos de intervenção, contribuindo, dessa forma, para uma avaliação mais abrangente dos problemas que levaram o cliente à terapia.

CONCORDÂNCIA ENTRE INFORMANTES (ASR) E RESPONDENTES (ABCL) EM AMOSTRA DE ADULTOS DE PORTO ALEGRE. *Irani I. de Lima Argimon (Pós-Graduação em Psicologia Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS); Margareth da Silva Oliveira (Pós-Graduação em Psicologia Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*

Introdução: As escalas ASEBA foram desenvolvidas durante vários anos de pesquisa e se destinam a avaliar as competências individuais, funcionamento adaptativo, emocional e social, assim como problemas de comportamento. Os instrumentos da família ASEBA possibilitam avaliar pessoas de todas as idades a partir da percepção do próprio avaliado e/ou responsável, pessoa próxima ou educador. O informante deve responder as questões considerando os últimos seis meses. Levando isso em consideração, o presente estudo objetivou comparar as informações fornecidas por pessoas adultas com a de seus informantes, verificando a convergência ou não destas informações. Método: Delineamento quantitativo, transversal. A amostra foi constituída de 184 participantes da população geral, sendo 92 adultos que responderam o ASR (Adult Self-Report) e 92 familiares que responderam o ABCL (Adult Behavior Check List) acerca de seu parente adulto. Resultados: A amostra de adultos que responderam ao ASR possuía idade média de 30,96 anos (DP=11,73; Mín. 18 e Máx. 57 anos) e era constituída em sua maioria por pessoas do sexo feminino (71%, n=65),a média de idade foi de 29,23(DP11,12)e o sexo masculino a média de idade foi de 34,51(12,51). Em relação à escolaridade a amostra total apresenta , 5,5% (n=5) na faixa do Ensino Fundamental, 18,3% (n=17) no Ensino Médio, 63,4% (n=59) no Ensino Superior, 9,8% (n=9) na Pós Graduação e

3,0% (n=2) não responderam esta questão. No que diz respeito ao poder aquisitivo destes adultos (de acordo com os Critérios Brasil de Classificação Econômica), 20,5% pertenciam a Classe A, 44,1% a Classe B, 12,9% a Classe C e 22,5% não responderam. Na amostra dos informantes, 67,8% (n=61) era padrasto ou madrasta dos adultos, fato este que chama a atenção. Quanto às respostas aos itens que compõem os instrumentos, não houve diferença estatisticamente significativa entre o grupo de adultos e de informantes em nenhuma das subescalas avaliadas pelos instrumentos (valor de p variou de 0,131 a 0,880 nas subescalas, de acordo com os resultados do Teste de Mann-Whitney). A seguir são descritos os Mean-Ranks (Teste de Mann-Whitney) obtidos nos escores de cada subescala segundo as respostas de cada grupo de participantes: Ansiedade e Depressão (ABCL=88,81; ASR=97,15), Isolamento e Depressão (ABCL=98,30; ASR=87,76), Problemas Somáticos (ABCL=89,03; ASR=96,92), Problemas de Pensamento (ABCL= 90,71; ASR=95,26), Problemas de Atenção (ABCL=89,03; ASR=96,93), Comportamento Agressivo (ABCL=94,18; ASR=91,83), Comportamento de Quebra de Regras (ABCL=88,84; ABCL=97,12), Comportamento Intrusivo (ABCL=96,33; ASR=89,71), Pontos Fortes (ABCL=87,03; ASR=98,90), Ponto Crítico (ABCL=93,63; ASR=92,38), Problemas Internalizantes (ABCL=90,91; ASR=95,07), Problemas Externalizantes (ABCL=93,60; ASR=92,41), Total de Problemas (ABCL=95,29; ASR=90,73), Amizades (ABCL=89,46; ASR=94,57), Casamento (ABCL=21,25; ASR=28,34), Tabaco (ABCL=88,06; ASR=90,87), Álcool (ABCL=88,45; ASR=95,44), Drogas (ABCL=92,53, ASR=91,48), Média de Uso de Substâncias (ABCL=88,24; ASR=90,70), Depressão/DSM-IV (ABCL=94,49; ASR=91,53), Ansiedade/DSM-IV (ABCL=91,89, ASR=94,10), Problemas Somáticos/DSM-IV (ABCL=87,84; ASR=98,10), Personalidade Esquiva/DSM-IV (ABCL=98,43; ASR=87,62), TDAH/DSM-IV (ABCL=90,01; ASR=95,96), Personalidade Antisocial/DSM-IV (ABCL=91,18; ASR=94,80). Conclusão: Este estudo conclui que os adultos e seus familiares apresentaram concordância em relação às suas percepções em relação ao funcionamento adaptativo e aspectos psicopatológicos dos primeiros.

CONCORDÂNCIA ENTRE RESPONDENTES DE DOIS INVENTÁRIOS DE COMPORTAMENTO PARA ADULTOS (HETERO E AUTO AVALIAÇÃO) EM UMA AMOSTRA DE SÃO PAULO. *Camila dos Reis Santos da Silva (Laboratorio de Terapia Comportamental do Instituto de Psicologia da USP e Especialização em Terapia Comportamental USP, São Paulo, SP);Edwiges Ferreira de Mattos Silvares (Professora Titular do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP)*

O Sistema Achenbach de Avaliação Empiricamente Baseada (ASEBA) contêm instrumentos de avaliação que proporcionam aos profissionais de saúde mental inventários que se aplicam da faixa etária pré-escolar até a terceira idade. Esses instrumentos traçam muitas situações do cotidiano do pesquisado, abrangendo desde competências individuais, funcionamento adaptativo, emocional e social, até os problemas de comportamento. O Sistema Achenbach oportuniza que múltiplos informantes forneçam sua percepção sobre o mesmo pesquisado através de procedimentos de avaliação padronizados, como o inventário de Autoavaliação para Adultos (Adult Self-Report ASR) que visa obter o relato do adulto sobre seu próprio comportamento e o Inventário de Comportamentos para Adultos (Adult Behavior Check List ABCL) que obtêm informações de outras fontes, na maioria das vezes familiares de quem responde o ASR. Assim, o estudo teve como objetivo comparar as informações fornecidas por pessoas adultas com a de seus informantes, verificando a convergência ou não destas informações. Método: Delineamento quantitativo, transversal. A amostra foi constituída de 27 participantes, da população geral, que responderam o ASR (Adult Self Report) e 27 familiares que responderam o ABCL sobre o adulto que respondeu o ASR. Resultados: A idade média dos respondentes foi de 31,75 (DP= 9,91), com idade mínima de 20 anos e idade máxima 56 anos. Os 27 participantes sobre os quais foram respondidos os ASRs e ABCLs dividiam-se entre 16

participantes do sexo feminino (59,3%) e 11 do sexo masculino (40,7%). A escolaridade relatada pelos respondentes é na sua maioria do ensino superior completo (44,4%), sendo que apenas 11,1% têm o ensino fundamental. Quanto ao nível sócio econômico: Classe A 7,4%, B 44,4% e C 48,2%. A seguir são descritos os Mean-Ranks (Teste de Mann-Whitney) obtidos nos escores de cada subescala segundo as respostas de cada grupo de participantes: Ansiedade e Depressão (ABCL=57,69; ASR=58,62), Isolamento e Depressão (ABCL=58,02; ASR=57,35), Problemas Somáticos (ABCL=54,18; ASR=56,62), Problemas de Pensamento (ABCL= 54,82; ASR=56,62), Problemas de Atenção (ABCL=56,04; ASR=56,30), Comportamento Agressivo (ABCL=56,22; ASR=56,86), Comportamento de Quebra de Regras (ABCL=54,48; ASR=56,41), Comportamento Intrusivo (ABCL=55,20; ASR=55,03), Pontos Fortes (ABCL=49,82; ASR=49,41), Ponto Crítico (ABCL=55,28; ASR=56,75), Problemas Internalizantes (ABCL=55,42; ASR=57,03), Problemas Externalizantes (ABCL=53,55; ASR=55,26), Total de Problemas (ABCL=54,62; ASR=54,95), Amizades (ABCL=46,20; ASR=48,59), Tabaco (ABCL=50,70; ASR=52,71), Álcool (ABCL=53,31; ASR=53,82), Drogas (ABCL=50,56, ASR=53,88), Média de Uso de Substâncias (ABCL=52,56; ASR=53,79), Depressão/DSM-IV (ABCL=55,40; ASR=56,62), Ansiedade/DSM-IV (ABCL=60,60, ASR=60,65), Problemas Somáticos/DSM-IV (ABCL=54,15; ASR=56,86), Personalidade Esquiva/DSM-IV (ABCL=56,95; ASR=55,15), TDAH/DSM-IV (ABCL=56,33; ASR=58,03), Personalidade Antisocial/DSM-IV (ABCL=54,84; ASR=56,23). Conclusão: o teste de médias mostrou que não houve diferença significativa entre os instrumentos em nenhuma das escalas, evidenciando que os escores foram semelhantes independentemente do respondente. Este resultado preliminar de uma pesquisa mais ampla evidencia a capacidade dos questionários na avaliação de problemas de comportamento da população normal e encaminhada.

Apoio CNPq e FAPESP

CONCORDÂNCIA ENTRE INFORMANTES DOS QUESTIONARIOS ASR/ABCL E RESPONDENTES EM UMA AMOSTRA DE ADULTOS DE Juiz de Fora. *Cacilda Andrade de Sá**, André Avarese de Figueiredo, José Murillo Bastos Netto (Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG)*

O Sistema de Avaliação Empiricamente Baseado do Achenbach (Achenbach System of Empirically Based Assessment ASEBA) é um sistema integrado de avaliação por meio de múltiplos informantes. É o sistema de avaliação empiricamente baseado mais usado e pesquisado, com mais de 6500 publicações relatando pesquisas em mais de 80 culturas e em mais de 85 idiomas. Oferecendo para os profissionais de saúde mental uma ampla coleção de inventários de avaliação que são aplicáveis para diversos tipos de clientes sob várias situações. Sua ampla utilização se deve principalmente devido ao rigor metodológico com que foi elaborado, por seu valor em pesquisa e pela utilidade na prática clínica. A um custo baixo, estes instrumentos conseguem avaliar semelhanças e diferenças do funcionamento humano em diferentes faixas etárias, condições e interações. Os inventários são autoaplicáveis, podem ser preenchidos por pais, professores, cuidadores, entrevistadores clínicos, profissionais que aplicam testes de habilidades e desempenho, e observadores de comportamento em contexto de grupo, como em sala de aula, considerando os últimos seis meses. Suas escalas são adaptadas para uso em pessoas com idades entre um ano e meio a 90 anos, ou mais. O que permite a comparação de perfis individuais com um grupo normatizado de pessoas de mesma faixa etária e sexo, através do software ADM (Assessment Data Manager), fornecendo um relatório narrativo e uma lista com itens críticos e os escores obtidos nesses itens. O sistema ASEBA avalia as competências sociais e problemas de comportamento, classificando em cada uma das somas de escalas a faixa limítrofe e a faixa clínica para os escores que indicam problemas suficientes para gerar preocupação. O objetivo deste estudo foi comparar as informações dadas por pessoas adultas com a de seus informantes verificando a convergência

ou não destas informações. Método: Delineamento quantitativo, transversal. A amostra foi constituída de 138 participantes, da população geral, que responderam o ASR (Adult Self Report) e 138 adultos de convívio do respondente que responderam sobre o seu adulto (ABCL). Resultados: A idade média dos respondentes foi de 31,03,(DP= 11,69) com idade mínima de 18 anos e idade máxima 57 anos Destes, 54 (29,2%) participantes do sexo masculino e 131 (70,8%) do sexo feminino. A escolaridade relatada pelos respondentes é na sua maioria do ensino médio completo 38 (%), ensino superior incompleto 32(%), ensino fundamental completo 21(%)e analfabeto foi 20 (%). Quanto ao nível sócio econômico: Classe A 0,7% B 12,3% C 50% D 19,6% e E 2,9%. Na amostra dos 138 informantes que responderam o ABCL, foi de mães 15 (9,2%) esposo ou companheiro 28 (20%) e amigo 40 (29%). Os resultados obtidos pelo ASR quando comparados com os dados obtidos pelo ABCL, expressam uma correlação entre as informações dos informantes, quando comparadas as médias entre os grupos verificou-se que não houve diferença estatística entre os mesmos ($p > 0,01$) , a correlação entre as variáveis no Teste de Pearson também mostram uma correlação entre as variáveis. O que sugere, em uma análise preliminar, uma semelhança entre os escores das escalas respondidas por diferentes informantes.

Sessão Coordenada: **A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA DA SAÚDE PARA A COMPREENSÃO E INTERVENÇÃO EM DOENÇAS CRÔNICAS**

A Psicologia da Saúde é uma área de pesquisa que envolve muitas linhas de investigação, havendo uma grande quantidade de periódicos dedicados a publicar artigos específicos da área. Nos últimos anos, tem sido observado um crescimento significativo de pesquisas que investigam a relação entre comportamento e saúde. Tais pesquisas procuram identificar as variáveis comportamentais responsáveis pela determinação dos estados de saúde/doença, analisar os efeitos da morbidade sobre a qualidade de vida dos indivíduos e desenvolver procedimentos de intervenção que possam contribuir para melhorar a qualidade de vida das pessoas. A Psicologia da Saúde tem produzido dados extremamente relevantes do ponto de vista teórico-conceitual e de aplicação. A sessão coordenada proposta apresentará pesquisas com portadores de doenças crônicas, especialmente portadores de diabetes tipos 1 e 2 e pacientes com insuficiência renal e seus familiares
Psicologia da Saúde

O QUE A PSICOLOGIA TEM A OFERECER AO JOVEM PORTADOR DE DIABETES. *Dra. Fani Eta Korn Malerbi (Faculdade de Ciência Humanas e da Saúde PUCSP, São Paulo SP)*
Um grande interesse na pesquisa de aspectos psicológicos do diabetes começou há cerca de 30 anos paralelamente ao fortalecimento da ideia de que controlar os níveis de glicemia deveria ser mais do que impedir episódios agudos de ameaça à vida. Para manter os níveis glicêmicos dentro de uma amplitude normal - condição necessária para prevenir a ocorrência de complicações crônicas - o portador de diabetes precisa enfrentar uma série de desafios. No caso do diabetes tipo 1, que acomete principalmente crianças e adolescentes, o tratamento requer múltiplas mensurações da glicemia capilar, várias injeções diárias de insulina ou administração de uma bomba de infusão de insulina, atenção constante ao que é comido e à atividade física praticada. A regulação dos níveis glicêmicos num portador de diabetes depende de muitos fatores, sendo o comportamento do paciente um dos mais importantes. O objetivo desta apresentação é apresentar uma pesquisa que avaliou uma intervenção comportamental com portadores de diabetes tipo 1 e seus familiares. Trinta jovens portadores de diabetes (idades entre 9 -17 anos) e seus familiares (idade média 38,8 DP=6,9 anos) responderam antes e depois da intervenção a questionários que avaliaram o conhecimento sobre diabetes, o apoio da família ao jovem e o ajustamento emocional ao diabetes. Dezesseis jovens e suas mães participaram da intervenção e o restante constituiu o grupo de controle. A intervenção envolveu encontros semanais dos jovens e, em separado, de seus familiares (7 a 8 encontros) com duração de uma hora e meia na sede de uma associação de portadores de diabetes em São Paulo, coordenados pela autora e por estagiários de Psicologia. Esses encontros tinham como objetivos: 1) promover a aceitação dos limites impostos pelo diabetes; 2) estimular a busca de informações sobre a doença e seu tratamento; 3) encorajar verbalizações a respeito das dificuldades relacionadas ao diabetes; 4) salientar a importância do apoio familiar para a adesão ao tratamento; 5) incentivar o fortalecimento de comportamentos independentes de auto-cuidado e 6) estimular uma vida normal. Foram empregados recursos didáticos (orais, visuais e audio-visuais), estratégias comportamentais (modelação e reforçamento social) e estratégias afetivas (apoio e aconselhamento). As atividades envolveram basicamente a discussão de temas relacionados ao diabetes, o emprego de jogos e dramatizações de situações. Para os jovens que participaram dos encontros avaliou-se também a adesão aos diversos itens do tratamento em cada encontro Os resultados mostraram que a intervenção contribuiu para o aumento do nível de informação sobre o diabetes, a adaptação emocional à doença e o apoio dos pais aos comportamentos de auto-

cuidado de seus filhos. Também mostraram que os jovens cujos pais participavam mais da sua rotina apresentaram índices mais elevados de adesão ao tratamento.
Palavras-chave: diabetes, adesão ao tratamento, família, intervenção comportamental
SAÚDE-Psicologia da Saúde

INSUFICIÊNCIA RENAL E COMPROMETIMENTO COGNITIVO. *Dra. Ana Teresa de Abreu Ramos Cerqueira, Mestre Camila de Morais Teixeira Queiroz, Faculdade de Medicina de Botucatu, UNESP, Botucatu (SP)*
A presente pesquisa teve como objetivo estimar a prevalência de comprometimento cognitivo em pacientes com insuficiência renal crônica em três formas de tratamento: pré-diálise, diálise peritoneal e hemodiálise; estudando ainda a associação desse desfecho com variáveis sociodemográficas e clínicas. Método: Trata-se de estudo transversal, descritivo e analítico que avaliou 182 pacientes (75,2%) dos 242 em tratamento na Unidade de Diálise do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Botucatu, UNESP, em 2008. Destes, 39 realizavam diálise peritoneal, 112 realizavam hemodiálise e 31 estavam em pré-diálise. Os instrumentos utilizados para obtenção dos dados foram: um formulário sociodedemográfico e clínico; o Mini-Exame do Estado Mental (MEEM) para avaliação da função cognitiva. Resultados: Verificou-se que 55.0% dos indivíduos estudados eram homens e a idade média era de 57,5 anos. Diabetes foi a doença de base predominante (32,5%) e o tempo médio de tratamento era de 36 meses. A prevalência de comprometimento cognitivo foi de 56,6%. A partir do resultado da análise univariada, que estimou a associação dos casos de comprometimento cognitivo com variáveis sociodemográficas e clínicas, elaborou-se o modelo de regressão logística (stepwise forward). Constatou-se que os fatores de risco, após se ajustar para idade, sexo e renda, foram: apresentar baixa escolaridade (OR 3,05; IC 1,38-6,77); ter diabetes mellitus (OR 2,34; IC 1,24-9,02), estar em hemodiálise (OR 3,34; IC 1,24-9,02) e em pré-diálise (OR 6,79; 1,83-25,18). Conclusão: Concluiu-se que a prevalência de comprometimento cognitivo, entre portadores de doença renal em estágio 5, em pré-diálise, hemodiálise e diálise peritoneal, é extremamente alta, superior à da população geral, e demanda que esses indivíduos sejam sistematicamente avaliados em relação à função cognitiva. Pacientes portadores de doença renal crônica e com prejuízo cognitivo podem ser ainda mais vulneráveis e apresentar limitações para participarem do auto-cuidado necessário para enfrentarem sua doença e tratamento.
Palavras-chaves: Comprometimento cognitivo; Insuficiência renal crônica; Diálise peritoneal; Hemodiálise; Pré-diálise;
Saúde - Psicologia da Saúde

SOBRECARGA EMOCIONAL E TRANSTORNO MENTAL COMUM ENTRE CUIDADORES DE PACIENTES COM INSUFICIÊNCIA RENAL CRÔNICA. *Dra. CRISTIANE LARA MENDES CHILOFF , Mestre Flavia Vieira Leite , Dra. Ana Teresa de Abreu Ramos-Cerqueira, Dr. André Luiz Balbi FMB- UNESP, Botucatu, SP*
Considera-se fundamental o apoio familiar para pacientes com insuficiência renal crônica em terapia renal substitutiva (diálise peritoneal ou hemodiálise). No entanto, cuidar destes pacientes pode sobrecarregar emocionalmente quem exerce esse papel, sendo necessário identificar os aspectos envolvidos nesta sobrecarga. Objetivo: O presente estudo propôs-se a avaliar a sobrecarga emocional percebida e o sofrimento psíquico em familiares de pacientes portadores de insuficiência renal crônica, em tratamento dialítico, e estudar a associação de variáveis clínicas e sociodemográficas com esses dois desfechos. Método: Num estudo de corte transversal, foram estudados 85 cuidadores, utilizando-se um formulário especialmente

preparado para este estudo para obter dados sociodemográficos e clínicos. Para avaliar o transtorno mental comum (TMC), utilizou-se o Self Report Questionnaire (SRQ-20) e para avaliar a sobrecarga percebida a Zarit Burden Interview (ZBI). Resultados: Transtorno mental comum foi observado em 34,1% dos cuidadores, indicando presença de sofrimento psíquico. A sobrecarga percebida ocorreu em 40 cuidadores (47,1%), sendo a média de pontuação na ZBI 29,6 (DP± 17,2), obtendo-se uma associação estatisticamente significante entre essas duas medidas, sugerindo que a sobrecarga por cuidar pode ser um dos fatores que interfere nesse sofrimento. TMC também se associou significativamente com pior auto-avaliação da saúde. Presença de sobrecarga emocional associou-se com falta de ajuda para cuidar, baixa escolaridade do paciente, auto-avaliação da saúde pelo cuidador como negativa e com não adequação (segundo parâmetros clínicos e laboratoriais) do paciente à diálise. Intervenções para apoio e orientação dos cuidadores de pacientes em tratamento dialítico devem ser implementadas, levando-se em conta as variáveis aqui identificadas no sentido de diminuir a sobrecarga emocional no desempenho deste papel.

Palavras - Chave: cuidadores; insuficiência renal crônica; sobrecarga emocional; transtorno mental comum.

Saúde - Psicologia da Saúde

ORIENTAÇÃO COGNITIVO-COMPORTAMENTAL EM GRUPO PARA PACIENTES COM DIABETES MELLITUS TIPO 2. *Dr. Nelson Iguimar Valerio, Mestre Lara Silveira Rodrigues, Dra. Maria Cristina de Oliveira Santos Miyazaki, e Dra. Neide Aparecida Micelli Domingos, Hospital de Base e Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (FAMERP) São José do Rio Preto, SP*

Dificuldade para aderir ao tratamento é um importante problema no manejo adequado do diabetes. Além do uso de medicação, educação sobre a doença, alimentação adequada, prática regular de atividade física e uma colaboração próxima e constante entre paciente e equipe de saúde são fundamentais para o controle da doença. Grupos educativos têm sido frequentemente utilizados para promover adesão ao tratamento nestes pacientes, uma vez que informam sobre a doença, promovem troca de experiência entre os integrantes e desenvolvem habilidades para o auto-cuidado. O presente estudo, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, avaliou o impacto de um Programa de Orientação Cognitivo-Comportamental em Grupo sobre o controle glicêmico, atitudes e qualidade de vida de pacientes com Diabetes Mellitus Tipo 2 (DM2). Participaram do estudo treze portadores de DM2 de ambos os sexos, adultos, com idade entre 35 e 55 anos, divididos aleatoriamente em dois grupos (Experimental e Controle), atendidos em Centro de Saúde Escola da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, S.P. Foram utilizados como estratégias de avaliação dos pacientes: exames de Glicemia Capilar e Hemoglobina Glicada; Questionário de Qualidade de Vida (SF-36); Questionário de Atitudes de Diabetes Mellitus (ATT-19); Questionário de Conhecimento de Diabete Mellitus (DKN-4), Questionário de Auto-cuidado; Ficha de Anotações de Resultados de Exames de Hemoglobina e Glicemia Capilar. O Grupo Controle recebeu o atendimento de rotina oferecido pelo Centro de Saúde Escola para pacientes com DM2. Com o Grupo Experimental foram realizados, além do tratamento de rotina, doze encontros de orientação cognitiva-comportamental em grupo, de duas horas cada, uma vez por semana e todos os pacientes foram avaliados pré e pós intervenção. O Grupo Experimental apresentou mudanças positivas significantes na qualidade de vida, quando comparado ao Grupo Controle, nos seguintes domínios: capacidade funcional (p=0,013), dor (p=0,013), estado geral de saúde (p=0,013), vitalidade (p=0,02), aspectos sociais (p=0,026), aspectos emocionais(p=0,008) e saúde mental (p=0,026). Em relação à avaliação inicial, houve para o Grupo Experimental aumento de informações, de atitudes adequadas em relação à doença, da frequência de comportamentos de auto-cuidado e de níveis glicêmicos adequados e estáveis (p=0,006), quando comparado ao Grupo Controle. Os dados indicam que

a implementação de um Programa de Orientação Cognitivo-Comportamental em Grupo obteve resultados positivos para pacientes com DM2 quando comparados a um grupo controle. Estudos controlados, com maior número de pacientes, ainda são necessários.
Palavras Chave: Diabetes, Grupo Educativo, Adesão a Tratamento, Abordagem Cognitiva-Comportamental.
Área: Psicologia da Saúde

Sessão Coordenada: **A PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO ONLINE E A CONSTRUÇÃO DA COOPERAÇÃO E AUTONOMIA DO ESTUDANTE NOS AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM.**

A expansão do uso das tecnologias da informação e comunicação (TIC) nas escolas e universidades tem representado um crescimento exponencial inigualável com a modalidade do ensino presencial. Para muitos gestores e educadores a expansão é resultado de políticas sociais e programas educativos que apoiam-se nas TIC como elementos potencializadores do processo de ensino aprendizagem. A utilização destes recursos tem modificado, muitas vezes de forma silenciosa, a cultura escolar, as formas de organização dos grupos sociais, as formas de pensar o currículo, o papel dos professores, o perfil dos alunos, as tarefas e conteúdos de aprendizagem e as formas de interação social. Partimos do princípio de que as redes sociais, os ambientes virtuais de aprendizagem e as ferramentas da web, nos oferecem acesso a uma grande quantidade de recursos, convertendo-se em potentes ferramentas psicológicas. Neste contexto, enquanto professores pesquisadores, buscamos compreender os processos e fenômenos psicossociais e educacionais emergentes da intersecção da psicologia escolar e da educação e do uso das tecnologias da informação e comunicação no processo de ensino. Especialmente, o Laboratório do Grupo de Pesquisas e Estudos Ágora Psyché do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília tem se constituído em um espaço/tempo de encontro entre a psicologia, a filosofia, a política, a ética, a educação, e outras áreas afins, e neste espaço o grupo busca analisar e construir metodologias de pesquisa na área de educação a distancia com enfoque para o uso das redes sociais, o trabalho colaborativo, a autonomia e a subjetividade em comunidades virtuais de aprendizagem e as formas de mediação semiótica, sócio-cultural e instrumental decorrentes da interação entre professor-aluno, aluno-aluno, aluno-conteúdo. Nesta linha, convidamos para a sessão os pesquisadores do Laboratório EDUCCO, Grupo de Pesquisa em Educação, Cultura e Comunicação pertencente ao programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. O EDUCCO tem investigado os processos educativos, metodologias e estratégias de ensino e aprendizagem que fortalecem a autonomia dos estudantes na modalidade a distância. Assim, por compreendermos a psicologia escolar, enquanto ciência social, contemporânea, que se preocupa com as mudanças da sociedade da informação e comunicação e seus impactos nos processos educativos e de desenvolvimento humano, trazemos contribuições para a análise dos usos e práticas que os estudantes fazem das novas tecnologias com ênfase para os elementos essenciais que organizam, configuram e transformam as interações sociais e a subjetividade humana mediadas sócio-culturalmente.
Psicologia Escolar e da Educação

A PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO ONLINE E A CONSTRUÇÃO DE COMUNIDADES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM BASEADAS NA AUTONOMIA.. *Wilsa Maria Ramos (Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Laboratório Àgora Psique, Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento, Brasília, DF).*

Geane de Jesus Silva (Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, Brasília, DF.)

Na educação online na perspectiva da psicologia socioconstrutivista a experiência de aprendizagem requer envolvimento ativo, autônomo, no qual o educando interage construtivamente com os colegas, professores, conteúdos, recursos multimidiáticos no ambiente virtual mediado pelas TIC. Os novos ambientes de construção de saberes na web envolvem desafios extraordinários para os professores no planejamento e construção do processo de ensino e aprendizagem para o fortalecimento da autonomia. Neste contexto realizamos uma pesquisa sobre a construção de um ambiente virtual de aprendizagem, no qual foi oferecida a disciplina Psicologia e a Construção do Conhecimento , obrigatória para os estudantes do primeiro semestre dos cursos de Licenciatura no programa Universidade Aberta do Brasil na Universidade de Brasília. Entre os princípios educativos da UAB-UnB, a construção de ambientes de aprendizagem deve imprimir a autonomia do estudante como uma ação educativa intencional e filosófica. Espera-se que os ambientes introduzam estratégias que resultem no desenvolvimento da criatividade, da intuição, da investigação, da resolução de problemas e do desenvolvimento do senso crítico. Estas estratégias devem ser planejadas intencionalmente, acompanhadas e ajustadas durante o processo. Tomando por base o potencial dos ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) para a autonomia, perguntamos: quais metodologias e didáticas podem possibilitar essa autonomia nos AVA? As ações planejadas e a forma como o AVA é organizado potencializam e geram autonomia? Neste contexto, a investigação visava analisar os aspectos pedagógicos e psicossociais de um ambiente virtual de uma disciplina on-line e o seu potencial gerador da autonomia do sujeito que aprende a partir do marco teórico do Triangulo Interativo (Coll, 2005). Adotou-se o estudo de caso, e utilizou como instrumentos de coleta dos dados: 1) observação do ambiente virtual de aprendizagem; 2) aplicação do protocolo de indicadores do potencial para a autonomia (PIPA) e, 3) entrevista com a professora. A organização e análise dos dados coletados estruturou-se a partir das três dimensões da análise do AVA: planejamento do ensino; estratégias pedagógicas mobilizadoras da autonomia; interação e processos mediacionais como provocadores da autonomia. Os dados obtidos pelos três instrumentos de coleta de dados foram comparados entre si, visando verificar a coesão dos dados. Os resultados apontam que o desenho técnico pedagógica, a organização das atividades no tempo e espaço virtual, as atividades conjuntas criativas e as crenças e experiências anteriores da professora com a educação online foram propícios à geração de atitudes de autonomia. Isto foi observado, especialmente no tipo de atividades propostas que buscavam garantir as relações interativas entre os sujeitos (educador-educando) e o objeto do conhecimento (conteúdo), no qual exploraram vários recursos sempre buscando aliar teoria e prática, especialmente por trabalhar com a atividade de pesquisa de campo. O estudo identificou que o ambiente virtual de aprendizagem utilizou-se, potencialmente, recursos de comunicação como: fórum (de discussão didática, de notícia, de socialização sem caráter de sistematização didática), chat, atividades individuais e coletivas. Conclui-se que o fazer docente quanto ao planejamento e execução do plano propiciou o uso pedagógico e social da tecnologia, colocando as TIC em prol do desenvolvimento social e da autonomia dos estudantes.

Palavras-chave: Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA); Autonomia; Construção de Disciplina On-Line; Triangulo Interativo.

Nível: PD - Pesquisador

Área: ESC Psicologia Escolar e da Educação

A APRENDIZAGEM DOS NATIVOS DIGITAIS.. *Maristela Rossato. (Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Laboratório Àgora Psique, Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento, Brasília, DF).*

O uso das ferramentas/instrumentos (tecnológicos) transforma a cultura e, ao mesmo tempo, interfere nos processos humanos. Estamos vivendo, possivelmente, a terceira etapa no desenvolvimento das tecnologias da comunicação, iniciada pela linguagem natural fala, gestualidade marcada pela transmissão oral, em que a observação, a memória e a capacidade de repetição eram as habilidades mais importantes que as pessoas deveriam desenvolver. A segunda etapa foi marcada pelo nascimento da escrita junto com as necessidades de adaptar a natureza às necessidades humanas (técnicas alimentares, construção, etc.) e, a terceira etapa, é marcada pelas tecnologias da comunicação e informação caracterizada pelas possibilidades das pessoas obterem e compartilharem informações de maneira quase instantânea. Compreender como os nativos digitais aprendem, fora das exigências do espaço acadêmico, já que uma grande parcela das pessoas nascidas a partir da década de 80 encontra-se na condição de estudante, tem sido o objetivo das nossas investigações. A pesquisa foi desenvolvida com base na Epistemologia Qualitativa de González Rey, sem nenhuma intencionalidade de produzir generalizações sobre a aprendizagem dos nativos digitais, mas de levantar alguns elementos que contribuíssem nas discussões do tema. A produção da informação foi orientada por um instrumento denominado Fatos e Versões com o objetivo de identificar como se organizam os comportamentos de aprendizagem dos nativos digitais. Trata-se de uma atividade escrita onde os participantes tiveram que descrever como agem diante de situações concretas do cotidiano envolvendo aprender a conviver, aprender a conhecer, aprender a ser e aprender a fazer. A pesquisa foi realizada com dez estudantes do ensino superior da Universidade de Brasília que, numa exploração prévia, se identificaram como usuários em grande potencial das tecnologias da comunicação e informação. Ao realizarmos essa discussão de como a aprendizagem dos nativos digitais vem se configurando acreditamos ter gerado contribuições para a educação formalmente institucionalizada, presencial e a distância. Nesse sentido, possibilitar situações de aprendizagem escolar de onde emergem sentidos subjetivos capazes de impactar positivamente no sistema de configurações subjetivas dos estudantes é o caminho do desenvolvimento psicológico saudável, tão requerido para o enfrentamento da complexidade que cada vez mais se constitui como marca da sociedade contemporânea. A compreensão desses novos modos de aprender pode contribuir para pensar em novos modos de ensinar, onde professores e estudantes sejam sujeitos do processo. Outra expectativa é poder contribuir para a construção de políticas educacionais que sejam inovadoras e que possam se aproximar dos modos de viver e de aprender que estão emergindo diante do impacto crescente das TIC, gerando, com isso, condições favorecedoras da constituição de estudantes sujeitos de sua própria aprendizagem, capazes de uma presença ativa, crítica e criativa na sociedade. Uma educação que seja por natureza inclusiva e permita o enfrentamento das condições de vulnerabilidade social nas quais vivem milhões de crianças e jovens.

Palavras-Chaves: nativos digitais, aprendizagem, subjetividade

Nível: PD - Pesquisador

Área: ESC Psicologia Escolar e da Educação

A IDEALIZAÇÃO E A REALIDADE: A AUTONOMIA DO ALUNO EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA.. *Alessandra Menezes dos Santos Serafini (Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação, Mestre pelo Programa de pós-graduação em Educação, Juiz de Fora, MG)*

Na intersecção da psicologia escolar e da aprendizagem mediada pelas novas tecnologias da informação e comunicação (TIC), buscamos analisar os processos pedagógicos que favorecem

a construção da autonomia do estudante do ensino superior, na modalidade a distância, que ocorre online. Essa autonomia é uma idealização presente nas propostas dos cursos a distância ou configura, de fato, uma realidade, na qual os alunos são realmente autônomos? Que processos de aprendizagem autônoma podem ser construídos ou reforçados no interior de um curso a distância? Qual é o impacto das tecnologias de informação e comunicação na construção da autonomia do educando do curso superior a distância? A pesquisa objetivou identificar alguns pressupostos filosóficos e epistemológicos da concepção de autonomia para, em seguida, analisar os processos psicossociais e pedagógicos que favorecem a construção da autonomia do aluno em Educação a Distância (EaD). Pretendeu-se analisar o perfil e os hábitos de estudo do aluno de EaD, especificamente do curso de Pedagogia a distância da UFJF, bem como verificar se há uma metodologia e materiais didáticos que promovam a autonomia do aluno. Investigamos também o papel do professor e das tecnologias de informação e comunicação na construção da autonomia desse estudante. Tecemos reflexões acerca do significado e relevância do termo autonomia e buscamos a compreensão do seu oposto, a heteronomia, à luz de Rousseau, Kant, Durkheim, Piaget e Freire. Analisamos o que os teóricos atuais discutem sobre a autonomia nesse contexto educacional, reportando-a ao desenvolvimento de competências específicas que exigem constante uso dos meios de comunicação e o desenvolvimento de estratégias pessoais de acesso ao conhecimento. Recorremos, então, a Maria Luiza Belloni, Oreste Preti, Marco Silva, Otto Peters e outros autores que têm pesquisado sobre EaD. A pesquisa de base qualitativa, descritiva e interpretativa, contou com instrumentos de coleta de dados documental da Universidade sobre o perfil do estudante de EaD, entrevistas realizadas com tutores a distância e aplicação de questionários em algumas turmas do curso. Investigamos os hábitos de estudo dos estudantes, buscando, no cruzamento dos dados, evidenciar a ocorrência ou não da autonomia do estudante no seu processo de aprendizagem. Os resultados revelaram que o estudante de EaD com plena autonomia ainda é um ideal; a autonomia não é uma realidade para a maioria dos estudantes. Para reverter o quadro, é necessário que a concebamos como um processo em construção ao longo do curso, que não depende somente do aluno, mas requer a consciência de uma educação para a autonomia por parte dos gestores, professores e tutores em organizar um Projeto Político-pedagógico e um planejamento de curso que contemplem em seus propósitos a promoção da autonomia do estudante. Entendemos, portanto, que a construção da autonomia está assentada em princípios psicossociais essenciais na relação professor-aluno, aluno-aluno e aluno-conteúdo, tanto na organização do ensino a distância, como do presencial, tais como, a inclusão social, interação, mediação, atitudes de respeito e liberdade, de compromisso, de construção, de cidadania, que precisam estar presentes (não distantes) nos processos de ensino e aprendizagem para que o sujeito se faça autônomo.

PALAVRAS-CHAVE: autonomia, educação a distância, tecnologias de informação e comunicação.

Nível do trabalho: Mestrado M

Área: ESC - Psicologia Escolar e da Educação

ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA DE PESQUISA E INTERATIVIDADE NO CIBERESPAÇO: POTENCIALIZANDO A APRENDIZAGEM EM UMA PERSPECTIVA CRÍTICA E AUTÔNOMA POR MEIO DA METODOLOGIA WEBQUEST.. *Olga Ennela Bastos Cardoso (Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação, Mestre pelo Programa de pós-graduação em Educação, Juiz de Fora, MG)*

A pesquisa tem como objeto de estudo a análise do potencial da Metodologia Webquest para a pesquisa como ensino e a autonomia do estudante no contexto da formação superior a

distância. O objetivo foi analisar as potencialidades e os limites para a implementação da Metodologia Webquest, criada do Dodge (1995), em ambientes virtuais de aprendizagem, na perspectiva do ensinar através da pesquisa , a partir do conceito de Demo e outros autores. O estudo pautou-se nas reflexões de autores como Edméa Santos, Celina A. A. Abar, Jarbas Novelino Barato, José Armando Valente, José Manuel Moran, Marco Silva, Otto Peters, Simão Pedro Marinho e outros que, de alguma maneira, abordam a Metodologia Webquest como possibilidade de pesquisa e interatividade na web. Abordamos também a relação entre a internet e a pesquisa e trouxemos um breve relato sobre a Educação a distância. Para o estudo, apresentamos a Metodologia Webquest desde sua criação até os detalhes de sua construção e estrutura, como também sua relação com a Taxonomia Digital de Bloom (CHURCHES, 2009). Adotou-se a pesquisa intervenção, de perspectiva qualitativa, que possibilitou a criação de uma experiência de usos e práticas da Webquest, seu acompanhamento e análise de sua implementação. A experiência envolveu o professor da disciplina, os tutores e os alunos da UAB do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora ofertado em nove pólos. A Webquest construída para o estudo, Mobilização Familiar , agregou diversos recursos disponíveis na plataforma Moodle e na Web, visando ampliar os momentos de interatividade, imprescindíveis para os alunos de cursos a distância. Para identificar o perfil dos alunos, utilizou-se o banco de dados da pesquisa de monitoramento realizada pela Coordenação do referido curso, além de incluir no questionário da pesquisa direcionado aos alunos algumas questões com este objetivo. O questionário foi aplicado em todos os sujeitos envolvidos no processo que pudessem analisar as potencialidades e os limites que essa estratégia pedagógica pode apresentar quando incorporada nos cursos de ensino a distância, sendo possível verificar o grau de envolvimento dos alunos, tutores e professores sobre o trabalho que estava em desenvolvimento na plataforma Moodle. Outro instrumento de coleta de dados foi a entrevista direcionada ao professor da disciplina e aos alunos do pólo de Coromandel. Os resultados permitiram aferir que, para a implementação da Metodologia Webquest em ambientes virtuais de aprendizagem, há necessidade de formação dos professores/tutores, já que a maioria não a conhece e, em alguns casos, também não conhece todos os recursos da plataforma Moodle e as potencialidades de agregar estes às estratégias pedagógicas para a Educação a distância. Assim como os alunos, professores/tutores necessitam continuar pesquisando os múltiplos recursos oferecidos pela Web 2.0, que podem trazer para as práticas pedagógicas. Os resultados da pesquisa apontaram para a aceitação de todos ao trabalhar com a Metodologia Webquest, mas, também demonstraram que ainda há questões internas no processo de aprendizagem da modalidade a distância que ainda carecem de maior aprofundamento.

PALAVRAS-CHAVE: pesquisa; webquest; autonomia; educação a distância.

Nível do trabalho: Mestrado M

Área: ESC - Psicologia Escolar e da Educação

Sessão Coordenada: **A RELAÇÃO DOS ESTILOS PARENTAIS COM AS HABILIDADES SOCIAIS DE PAIS, FILHOS E PROBLEMAS DE COMPORTAMENTOS EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES.**

A importância da qualidade da interação entre pais e filhos no desenvolvimento social das crianças tem sido objeto de inúmeros estudos. A família é caracterizada como o primeiro ambiente no qual a criança participa ativamente, interagindo e aprendendo comportamentos que irão proporcionar um acesso favorável aos diferentes contextos sociais e interrelacionais. A aprendizagem destes comportamentos sociais é influenciada pelas práticas educativas parentais, caracterizadas como estratégias usadas pelos pais para propiciarem independência, disciplina e autonomia, comportamentos estes considerados por eles adequados aos seus filhos. Desse modo, a forma como os pais interagem e educam seus filhos pode levar à promoção ou não de comportamentos apropriados ou que prejudicam a interação da criança com seu ambiente. O Inventário de Estilos Parentais Paterno (IEP-Paterno) tem como objetivo avaliar práticas educativas que comporiam o Estilo Parental Negativo, relacionadas ao desenvolvimento de comportamentos antissociais: abuso físico; punição inconsistente; disciplina relaxada; monitoria negativa e negligência e o Estilo Parental Positivo, favoráveis ao desenvolvimento de comportamentos próssociais: monitoria positiva e comportamento moral. A presente sessão coordenada apresentará quatro pesquisas conduzidas por pesquisadoras de duas universidades particulares do estado de São Paulo envolvendo os estilos parentais. Os quatro trabalhos tratam-se de estudos correlacionais que investigaram a relação dos estilos parentais com as habilidades sociais (de pais ou filhos) ou com os problemas de comportamento em crianças e adolescentes. Todos os estudos têm em comum a utilização do IEP-Paterno. Os outros instrumentos utilizados foram: Inventário de Habilidades Sociais (IHS); Inventário Multimídia de Habilidades Sociais para crianças (IMHSC); Inventário de autoavaliação de habilidades sociais da criança pelo professor e de avaliação do professor sobre os itens de habilidades (SMHSC) e o Child Behavior Checklist (CBCL). A primeira pesquisa teve como objetivo correlacionar indicadores do repertório de habilidades sociais dos pais e do estilo parental adotado por estes na educação dos filhos, já a segunda, por sua vez, correlacionou os estilos parentais maternos com as habilidades sociais dos filhos. O terceiro estudo investigou a correlação dos estilos parentais com problemas de comportamento de crianças e adolescentes e por último, o quarto trabalho, teve por objetivo identificar e analisar a relação entre as habilidades sociais, as práticas educativas parentais e o rendimento acadêmico em adolescentes com queixa de problemas de comportamento e de aprendizagem.
Psicologia Clínica e da Personalidade

CORRELAÇÃO ENTRE HABILIDADES SOCIAIS E OS ESTILOS PARENTAIS APRESENTADOS POR PAIS NA EDUCAÇÃO DE SEUS FILHOS. *Emileane Costa Assis de Oliveira - UNINOVE/UNIANCHIETA, Simone de Oliveira Barreto - UNINOVE*
A forma como os pais interagem e educam seus filhos pode levar à promoção ou não de comportamentos apropriados ou que prejudicam a interação da criança com seu ambiente. O Inventário de Estilos Parentais Paterno - IEP-Paterno (Gomide, 2006) tem como objetivo avaliar práticas educativas que comporiam o Estilo Parental Negativo, relacionadas ao desenvolvimento de comportamentos antissociais: abuso físico; punição inconsistente; disciplina relaxada; monitoria negativa e negligência e Positivo, favoráveis ao desenvolvimento de comportamentos próssociais: monitoria positiva e comportamento moral. Estudos mostraram que pais com habilidades sociais tendem a exercer a monitoria positiva e o comportamento moral como estratégias educacionais, evitando comportamentos antissociais dos filhos, enquanto o déficit em habilidades sociais constitui-se em um fator de risco. Tal repertório pode ser identificado pelo Inventário de Habilidades Socias - IHS-Del Prette (2001) e avalia fatores tais como: enfrentamento e autoafirmação com risco; autoafirmação na

expressão de sentimento positivo; conversação e desenvoltura social; autoexposição a desconhecidos e situações novas e autocontrole da agressividade. Considerando a importância das habilidades sociais dos pais para a qualidade na relação educativa com os filhos; das práticas educativas parentais adotadas por ele e da escassez de estudos que correlacionam estes dois fatores, o presente trabalho teve como objetivo correlacionar indicadores do repertório de habilidades sociais e do estilo parental dos pais adotado na educação dos filhos. Isso foi feito por meio da aplicação do IEP-Paterno e do IHS-Del Prette em 8 participantes, 5 do sexo feminino e 3 do sexo masculino, pais de crianças atendidas na Clínica Escola da Universidade Nove de Julho (UNINOVE). Fazendo-se uma análise descritiva preliminar entre o Escore Geral obtido por meio de Autoavaliação de Habilidades Sociais com o IHS-Del Prette e o IEP, encontrou-se correlação positiva entre estilo parental de risco e repertório bastante deficitário de habilidades sociais em apenas uma mãe, havendo indicação de treinamento em todas as habilidades sociais avaliadas. Em um Estilo Parental de risco aconselha-se a participação em programas de intervenção terapêutica, em grupo, de casal ou individualmente, especialmente desenvolvidos para pais com dificuldades em práticas educativas nas quais possam ser enfocadas as consequência do uso de práticas negativas em detrimento das positivas. As outras quatro mães também apresentaram IEP de risco, no entanto com bom repertório de Habilidades Sociais, acima da média obtida pelo grupo amostral. Dos 3 pais, 2 apresentaram Estilo Parental regular, abaixo da média, onde também aconselha-se a participação em grupos de treinamento de pais. No entanto estes pais também foram bem avaliados no IHS-Del Prette. Por fim, o último pai apresentou correlação positiva entre os fatores avaliados, mostrando Estilo Parental ótimo, com presença marcante das práticas positivas e ausência das práticas negativas e repertório bastante elaborado de habilidades sociais, acima da média obtida pelo grupo amostral. A análise pretende contribuir para a ampliação do conhecimento acerca das dificuldades encontradas pelos pais na educação dos filhos e das dificuldades pessoais apresentadas pelos mesmos. Serão apresentadas análises detalhadas por fatores do IHS-Del Prette e análises correlacionais entre os dois instrumentos utilizados.

Palavras chave: Estilos Parentais; Habilidades Sociais; Práticas educativas parentais

PRÁTICAS EDUCATIVAS MATERNAS E SUAS IMPLICAÇÕES SOBRE AS CLASSES DE HABILIDADES SOCIAIS NA INFÂNCIA. *Samanta Palmieri – UNIANCHIETA, Lissandra Rocha Pereira - UNIANCHIETA*

A importância da qualidade da interação entre pais e filhos no desenvolvimento social das crianças tem sido objeto de inúmeros estudos. O presente trabalho teve por objetivo correlacionar os estilos parentais maternos com as habilidades sociais dos filhos. Participaram desse estudo sete crianças, sendo seis do sexo feminino e uma do sexo masculino, e suas respectivas mães que passaram por atendimento no Centro de Psicologia Aplicada (CPA) do Centro Universitário Padre Anchieta na cidade de Jundiaí, SP. As crianças responderam ao Inventário Multimídia de Habilidades Sociais para crianças (IMHSC-Del Prette) para a obtenção de três tipos de reações: Reação Habilidosa, Reação Não Habilidosa Passiva ou Internalizante e Reação Não Habilidosa Ativa ou Externalizante e as suas mães responderam ao Inventário de Estilos Parentais (IEP) para a classificação de três categorias: Estilo Parental Ótimo, Estilo Parental Regular e o Estilo Parental de Risco. Os dados foram analisados quantitativamente e qualitativamente e indicaram que, de forma geral, mães que apresentam um Estilo Parental Ótimo, ou seja, que utilizam somente práticas educativas positivas nas suas relações, possuem filhos com alta frequência de reações habilidosas frente a diferentes contextos. No entanto, mães que adotam um Estilo Parental Regular, onde há um equilíbrio entre práticas educativas positivas e negativas, possuem filhos cuja reação as diferentes situações é predominante habilidosa, porém observa-se também uma frequência considerável de reações não

habilidosas passivas que podem ser indicadoras de problemas internalizantes. Em contrapartida, mães em que o Estilo Parental predominante é o de Risco em que há prevalência do uso de práticas educativas negativas nas suas relações, têm em seus filhos um baixo repertório de reações habilidosas e uma frequência considerável de reações do tipo não habilidosa passiva. Tais resultados são tomados como sugestivos para a importância do Estilo Parental adotado pelos pais, ou seja, o conjunto de suas práticas educativas ou atitudes parentais para o desenvolvimento de um repertório de habilidades sociais nos filhos. . A forma como os pais educam seus filhos, ou seja, a prevalência de suas práticas educativas parentais, parece influenciar significativamente no desenvolvimento de um bom repertório de habilidades sociais na infância.

Palavras Chaves: Estilo Parental, Habilidades Sociais, Práticas Educativas Parentais.

A INFLUÊNCIA DOS ESTILOS PARENTAIS NA MANIFESTAÇÃO DE PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES. *Márcia Regina Fumagalli Marteleto - UNINOVE*

A família é caracterizada como o primeiro ambiente no qual a criança participa ativamente, interagindo e aprendendo comportamentos que irão proporcionar um acesso favorável aos diferentes contextos sociais e interrelacionais. Inicialmente, estas interações ocorrem pela relação da mãe com a criança, aos poucos, as relações vão se expandindo dentro do grupo familiar, como a relação pai-criança e a relação entre irmãos para estenderem-se para o mundo externo à família. A aprendizagem destes comportamentos sociais é influenciada pelas práticas educativas parentais caracterizadas como estratégias usadas pelos pais para propiciarem independência, disciplina, autonomia, comportamentos estes considerados por eles adequados aos seus filhos. O interesse pelo impacto das práticas parentais nos comportamentos dos filhos é crescente, pois as interações familiares vêm sofrendo mudanças nas últimas décadas; comportamentos até então compreendidos como culturalmente aceitáveis e esperados, como a utilização de força física na educação das crianças por parte dos pais ou cuidadores, atualmente são criticados e coibidos pelos direitos constitucionais em função dos problemas e prejuízos sociais associados que envolvem o indivíduo, a família e a comunidade. Encontramos, também, vários tipos de problemas de comportamento em crianças e adolescentes interferindo nas interações sociais dos indivíduos, mas muitos deles não são identificados e compreendidos precocemente pela família como sendo decorrentes de suas práticas parentais. O objetivo deste estudo foi verificar a correlação de estilos parentais com problemas de comportamento de crianças e adolescentes. Participaram 10 mães de crianças e adolescentes entre 11 e 14 anos, de ambos os sexos e inseridos na 5ª. e 6ª. séries do ensino regular do município de Osasco, que haviam apresentado problemas de comportamento pelo Child Behavior Checklist CBCL (questionário de triagem que indica problemas nessa área). As mães destas crianças e adolescentes foram convidadas a responderem, de forma individual, o Inventário de Estilos Parentais (IEP) que tem por finalidade avaliar a maneira utilizada pelos pais na educação de seus filhos. Para verificar a correlação entre as variáveis foi utilizada a Correlação de Sperman e para validar as correlações usou-se o Teste de Correlação. Os resultados não apontaram correlação entre o escore Total do IEP e o escore Total do CBCL; no entanto algumas práticas educativas foram correlacionadas à problemas comportamentais específicos. Houve correlação negativa entre o item punição inconsciente do IEP e o item quebra regras do CBCL; o item comportamento moral do IEP apresentou correlação negativa com a síndrome ansiedade depressão do CBCL.O item negligência apresentou correlação positiva com problemas sociais.T externalizante apresentou correlação negativa com monitorias negativas. No contexto deste trabalho concluiu-se que a maneira como as famílias educam e criam seus filhos não acarreta de modo significativo problemas de comportamento nas crianças e adolescentes, no entanto algumas

monitorias negativas ou positivas influenciam, de modo específico, o aparecimento de problemas de comportamento identificados em crianças e adolescentes.
Palavras chave: problemas de comportamento, estilos parentais, crianças e adolescentes

AMBIENTE FAMILIAR E PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO APRESENTADO POR ADOLESCENTES COM BAIXO RENDIMENTO ESCOLAR. *Rita de Cássia de Almeida Marinho – UNIANCHIETA, Natália Menegócio- UNIANCHIETA, Kátia Alessandra Stocco - UNIANCHIETA*
Entre as questões que vêm ganhando destaque no cotidiano dos brasileiros, está a questão da adolescência e problemas de comportamento. Nos dias atuais as pesquisas sobre crianças com queixa escolar têm encontrado predomínio e altas taxas de problemas de comportamento, que estão associados a um prognostico pobre quando ocorrem em contexto de adversidade ambiental. A forma como os pais interagem e educam seus filhos é crucial à promoção de comportamentos socialmente adequados ou de comportamentos considerados, pelos pais e/ou professores, como inadequados, os quais são entendidos como déficits comportamentais que causam danos à interação do indivíduo com seu meio. Dessa forma, esse estudo teve por objetivo identificar e analisar a relação entre as habilidades sociais, as práticas educativas parentais e o rendimento acadêmico em adolescentes com queixa de problemas de comportamento e de aprendizagem. Este estudo teve a participação de quatro adolescentes cursando o Ensino Fundamental II, de uma escola estadual situada em uma cidade do interior do Estado de São Paulo. Caracteriza-se como uma pesquisa do tipo descritiva, de natureza quantitativa, que utilizou como instrumentos de coleta de dados: 1)Termo de Autorização da Direção de Ensino; 2) Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE - Conforme Resolução CNS 196/06); 3) Inventário de auto avaliação de habilidades sociais da criança pelo professor e de avaliação do professor sobre os itens de habilidades (SMHSC - DEL PRETTE & DEL PRETTE, 2005); 4) Inventário de Estilos Parentais (IEP - GOMIDE, 2011); 5) Boletim das notas dos alunos, referente ao 1º semestre de 2011 (fornecido pela escola). Os resultados apontados pelo estudo corroboram com os encontrados na literatura, no que se refere a importância da interação entre pais e filhos, e na participação deles na vida do adolescente, enquanto fatores que contribuem para um desenvolvimento socioemocional saudável na adolescência, bem como algumas diferenças quanto às características desse envolvimento com os filhos e quanto ao seu efeito sobre o repertório social deles. Verificou-se que os pais dos adolescentes com baixo rendimento acadêmico apresentam praticas educativas negativas, principalmente no que se refere ao estabelecimento de disciplina e regras e no abuso físico, demonstram pouca atenção e afeto. Os dados também indicam que o rendimento acadêmico pode ser influenciado pela competência social e pelo estilo parental dos pais. Esses aspectos mostram-se relevantes e devem ser levados em consideração no estabelecimento de medidas preventivas a fim de se promover melhorias no desenvolvimento de comportamentos mais ajustados ao contexto escolar, bem como no rendimento acadêmico dos adolescentes.
Palavras-chave: ambiente familiar, comportamento, rendimento escolar.

Sessão Coordenada: **ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL E ADOÇÃO: UMA INTERLOCUÇÃO NECESSÁRIA**

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), criado em 1990, através da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, dispõe a todas as crianças e adolescente proteção integral e cuidados especiais. Sempre que seus direitos forem violados ou ameaçados a autoridade judiciária fica encarregada de utilizar medidas protetoras e, dependendo da situação, torna-se necessário retirá-las da família de origem e inseri-las em programa de acolhimento familiar ou institucional. Segundo a Nova Lei da Adoção de 2009 (Lei 12.010/09), o acolhimento em instituições é considerado uma medida provisória e excepcional, sendo que deve ser privilegiada sua reinserção na família de origem, não devendo ultrapassar o período de dois anos. O acolhimento é, pois uma forma de espera pela reestruturação familiar e de preparo para retornar à família biológica quando a criança se encontra em situação de risco social ou pessoal. É também uma transição para o processo de adoção, quando não há mais possibilidades de serem reinseridas na família de origem. Se por um lado a institucionalização acolhe e contém, por outro pode provocar ansiedade devido a mudanças no ambiente, na rotina, nas pessoas com quem a criança passa a conviver, levando-a a ter de se adaptar às novas situações. Da mesma forma a adoção não deixa de ser um fenômeno social complexo. Tanto o desligamento da família biológica, com suas implicações, tais como, tristeza, luto, quanto a espera pela família adotante, quando não mais se faz possível a reinserção familiar, vem acompanhada de ansiedade inerente à construção de um novo vínculo filial, envolvendo esperança, desafios, possibilidades e impossibilidades, fato que aponta importantes aspectos psicossociais e que necessitam de acompanhamento, estudo e uma profunda sensibilidade no trato desse fenômeno. Dessa forma a Lei n º 12.010/09, visando otimizar as relações entre adotantes e adotandos, na construção de laços familiares duradouros também determina, através de seu artigo 50, que os candidatos à adoção obrigatoriamente participem de um curso preparatório. No preparo psicossocial dos pretendentes a adoção, pode-se esclarecer as pessoas envolvidas, os meandros da adoção, seu procedimento e dificuldades de forma a minimizar a possibilidade de devolução da criança ou do adolescente, que quando ocorre, faz aumentar ainda mais a vivência de abandono. Ainda a Lei 12.010/09, assegura àqueles em condições de serem adotados, que antes de serem colocados junto à família substituta, passem por período gradativo de preparação e por acompanhamento posterior realizado pelos profissionais da Justiça da Infância e Juventude. Diante do exposto, observa-se hoje um contexto em que tanto a adoção quanto a reinserção na família de origem e a situação de acolhimento de crianças e adolescentes são pontos intimamente ligados. Destaca-se que precisam ser temas de discussão em congressos e afins de forma a dar sustentação àqueles profissionais que atuam com crianças e adolescentes em situações de vulnerabilidade psicossocial, assim como despertar o interesse naqueles que pretendem trabalhar na área. Dessa forma justifica-se a proposição da Sessão Coordenada nomeada de Acolhimento institucional e adoção: uma interlocução necessária.
Psicologia da Família e da Comunidade

MATERNAGEM SONHADA: DESEJOS E MOTIVAÇÕES PARA ADOÇÃO EM MULHERES QUE PARTICIPARAM DO CURSO PREPARATORIO PROMOVIDO PELO GIPA. *Ana Flavia Campeiz*, Laís Cristina de Souza*, Laís Lídia Morais Dornelas*, Pâmela Suelen Galego*, Dra. Martha Franco Diniz Hueb (Departamento de Psicologia Clinica e Sociedade da Universidade Federal do Triangulo Mineiro. Uberaba- MG)*
Preparar-se para ter filhos não significa apenas tomar consciência dos limites e possibilidades de si, dos outros e do mundo, é preciso que essa conscientização seja contínua e esteja sujeita as mudanças, pois se trata de um processo dinâmico de construção e reconstrução.

Atualmente a Lei n.º 12.010/09, denominada Nova Lei de Adoção , em seu artigo 50, parágrafo 3º aponta a obrigatoriedade de participação em atividades de preparação para todos os postulantes a adoção. Em Uberaba, priorizou-se a organização de um curso com a metodologia de oficinas participativas e construtivas, nas quais os pretendentes vivenciam situações muito próximas da realidade que viverão com seus futuros filhos adotivos, podendo discuti-las em um grupo fechado sob a coordenação de dois profissionais com diferentes formações. Pesquisas anteriores à Nova Lei da Adoção apontam que na maioria absoluta dos adotantes a verdadeira motivação para a adoção foi à impossibilidade para gerar filhos biológicos embora manifestassem que o principal motivo fosse o próprio desejo de adotar. O objetivo geral deste trabalho foi investigar o desejo e as motivações para ser mãe em mulheres postulantes à adoção após a conclusão do curso preparatório. Em seguida a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, 33 mulheres de 49 que concluíram o referido curso entre 2010 e 2012 foram entrevistadas em salas privativas do CEPPA. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra e agrupadas em categorias. Os resultados parciais apontam diferenças em relação a pesquisas anteriores. Verificou-se que se 71% das mães adotam devido a incapacidade de gerar filhos biológicos, em contra partida 21% pretendem adotar para proporcionar uma família a uma criança. Dessas, 10% são pessoas que trabalham com crianças institucionalizadas e 10% se sensibilizaram com a adoção a partir da mídia. Ainda 34% acredita que a mulher nasce com instinto materno, as demais 66% apontam que não há instinto materno, mas apenas 32% dessas conseguem expressar que o amor materno pode ser construído na relação que se estabelece. Poucas são com visão crítica a apontar que a sociedade estimula e cobra a maternidade, da mulher, desencadeando o sentimento de incompletude naquelas que não podem sê-lo. Algumas relatam adotar devido à perda dos pais na tenra infância (10%). Através da identificação projetiva, tentam fazer uma reparação na vida adulta ao cuidarem de alguém que como elas não recebeu amor materno/paterno. Interessante apontar que 25% do total dessas mães têm filhos com mais de 26 anos e 18% procuram a adoção para dar corpo a um novo relacionamento que se constitui. Os resultados parciais sugerem que há uma evolução no que diz respeito ao social. Se antes 100% adotavam devido à infertilidade, hoje 21% o fazem para proporcionar uma família para quem não tem. No entanto ainda há várias motivações inconscientes que permanecem. Como no passado, os dados sugerem, que a angustia depressiva da entrada na menopausa atinge o Ideal de Ego e para precaver-se da depressão da perda narcísica, a afeição pode ser endereçada a um objeto que acalme suas inquietudes: um novo filho. Palavras chave: maternidade, curso preparatório, adoção.
Nível do trabalho: IC- Iniciação Científica
Código de área: FAMI- Psicologia da Família e da Comunidade

SIMBOLISMOS E EXPECTATIVAS DIANTE DO DESEJO DE ADOTAR A PARTIR DOS DADOS DO DESENHO-ESTÓRIA COM TEMA. *Gleice de Souza Ferreira (Universidade de Taubaté, Taubaté - SP) e Paulo Francisco de Castro (Universidade de Taubaté - SP e Universidade Guarulhos - SP)*
O objetivo deste trabalho foi descrever as representações simbólicas e as expectativas sobre o desejo de adotar em um grupo de adultos, expressos nos elementos dinâmicos observados no desenho-estória com tema. Várias discussões cercam as motivações e desejos diante da adoção de uma criança, dentre elas os elementos psicológicos que os futuros pais apresentam diante da representação da paternidade e maternidade, demandas pessoais envolvidas no processo, elementos de cunho social ou assistencialista, entre outros. Foram entrevistadas 13 pessoas, sendo seis do sexo masculino e sete do sexo feminino, com idade entre 26 a 62 anos. Todos os participantes da pesquisa eram casados, com escolaridade entre fundamental e superior. Quanto ao fato de terem filhos, três participantes tinham filhos naturais; cinco

participantes tinham filhos adotivos; dois participantes tinham filhos naturais e adotivos e três participantes não tinham filhos. Todos os colaboradores produziram dois desenhos, o primeiro com o seguinte tema uma família ou uma pessoa que deseja adotar uma criança, mas que ainda não está com ela que visou o levantamento das expectativas diante da adoção, a segunda produção centrou-se no desenho de uma família ou pessoa que já adotou essa criança e está com ela que pretendia identificar a representação simbólica da adoção, após a realização do desenho, foi solicitado que o sujeito narrasse uma história sobre sua produção, seguindo-se para um inquérito dos pontos importantes da narrativa. Após análise, foi possível observar os seguintes aspectos com maior incidência: Quanto à atitude, observou-se insegurança frente à adoção no desenho 1 (N=6) e aceitação no desenho 2 (N=9), as figuras representadas nos desenhos e narrativas foram consideradas fraterna positiva em ambos os desenhos (N=11 no desenho 1 e N=13 no desenho 2), os sentimentos expressos foram predominantemente identificados como derivados do instinto de vida (N=9 no desenho 1 e N=11 no desenho 2), as motivações do protagonista da história centravam-se em tendências construtivas (N=12 no desenho 1 e N=13 no desenho 2), todos os colaboradores expressaram impulsos amorosos em ambas as produções gráficas e temáticas; a análise da ansiedade apresentada indicou a presença de ansiedade depressiva (N=12 no desenho 1 e 11 no desenho 2), no que tange ao mecanismo de defesa expresso nas narrativas, observou-se a incidência de vários tipos de movimentos defensivos do ego nas produções, com destaque para projeção, regressão e idealização no desenho 1 (N=3 cada um) e projeção e idealização no desenho 2 (N=4 cada um). Diante do que foi apresentado, foi possível verificar que a representação do desejo de adotar expressou, predominantemente, uma atitude de insegurança frente aos acontecimentos e mudanças a partir da chegada do filho adotivo, mas aceitação diante da concretização do fato, apesar disso, as relações eram identificadas como positivas e derivadas do instinto de vida, revelando uma busca por construção e crescimento; e no que se refere aos processos defensivos defesas mais primitivas foram observadas diante das expectativas da adoção, mas processos defensivos melhor elaborados são verificados diante da simbolização da adoção.

Palavras chave: Avaliação Psicológica, Desenho-Estória, Adoção.
Nível do trabalho: P- Pesquisador
Código de área: FAMI- Psicologia da Família e da Comunidade

ABRIGAR E DESABRIGAR ADOLESCENTES: UMA TRAJETÓRIA COMPLEXA. *Ana Mafalda Guedes Cabral Courinha Vassalo Azôr (Universidade de Uberaba, Uberaba-MG)*

O estudo objetivou conhecer o processo de institucionalização/desinstitucionalização de adolescentes abrigados por um período de tempo, em uma instituição de acolhimento no município de Uberaba, MG, através da ótica do(s) genitor(s) e do(s) adolescente(s). Esclarece-se que a literatura aponta que 86,7% das crianças e adolescentes abrigados têm família, todavia somente 14,1% das instituições de acolhimento desenvolvem trabalhos com as famílias. Neste estudo identificaram-se aspectos contributivos para o abrigamento do adolescente; alterações ocorridas na estrutura familiar no decorrer do período de abrigamento; aspectos contributivos para a reinserção do adolescente na família biológica e situação das famílias após a desinstitucionalização dos filhos. A pesquisa, de cunho qualitativo, realizou-se com cinco famílias, escolhidas em função dos seguintes critérios: a) presença do genitor(a) que recuperou o direito a (re) convivência com os filhos; b) filhos abrigados por um período igual ou superior a 12 meses;c) desligamento dos filhos ocorrido há pelo menos 12 meses; d) filhos com idade igual ou superior a 12 anos. Utilizaram-se entrevistas semi-estruturadas com o(s) genitore(s), adolescente(s) e diretor do abrigo; fichas de identificação sócio econômica; livros de registros do abrigo; pastas arquivadas contendo informações dos

adolescentes e diários de campo da pesquisa. Através das entrevistas e das fichas de identificação, definiram-se as seguintes categorias: a) o processo de institucionalização; b) período de abrigamento; c) período de desligamento. Os outros instrumentos auxiliaram na corroboração e análise das categorias supra citadas. Os resultados apontaram que as causas do abrigamento são multifatoriais envolvendo maternidade precoce, ausência da figura paterna, adoecimento psíquico implicando uso de álcool ou drogas, numero elevado de filhos, abandono da genitora, ausência de rede de apoio sócio econômico para a família; Todavia esses apresentam-se sempre, associados ao baixo nível sócio econômico das famílias. O período do abrigamento apresentou-se doloroso para os genitore(s), informando terem sentido revolta e tristeza e para os filhos que apontaram a saudade da família, o medo e a dificuldade de lidar com regras e castigos institucionais como dificultadores. O trabalho dos profissionais vinculados às instituições envolvidas, o desejo do(s) genitor(a) de recuperar a guarda dos filhos, a reestruturação financeira e a possibilidade de acesso à educação formal ou informal propiciada pela instituição de acolhimento foram fatores facilitadores para conquistar o direito ao (re) convívio familiar. O período pós-desligamento apresentou-se repleto de dificuldades no que se refere a convivência familiar, dificuldades financeiras, compromisso escolar dos filhos, e saudades da instituição de acolhimento em função de cuidado e atenção apontados pelos adolescentes e sugerindo a necessidade de um acompanhamento profissional frequente e atrelado a políticas públicas federais, estaduais e municipais comprometidas com o desenvolvimento das famílias, da infância e da adolescência. Compreende-se que o desabrigamento de adolescentes não é o final de um processo de desestruturação/reestruturação familiar biológica, mas apenas uma etapa do processo que demanda um acompanhamento pós-abrigamento, sistemático e criterioso.
Palavras chave: família; instituição de acolhimento; adolescentes.
Nível do trabalho: P- Pesquisador
Código de área: FAMI- Psicologia da Família e da Comunidade

ADOÇÃO E FAMÍLIA NA CLÍNICA PSICANALÍTICA: CURSO PREPARATÓRIO PARA PRETENDENTES À ADOÇÃO. *Carolina Beatriz Savegnago Martins*, Bruno Pereira*, Camila Fernanda Sant Ana*, Hélimi Iwata*, José Pace Júnior*, Kátia de Mendonça Oliveira*, Lidiane da Silva Baptista*, Dra. Maria Luisa Louro de Castro Valente (UNESP Univ. Estadual Paulista Assis SP)*

Quando um processo de adoção é iniciado, é possível observar que muitas questões passam a ser problematizadas, fantasiadas e até mesmo idealizadas pelos pais pretendentes à adoção. O pensamento de que apenas o vínculo afetivo não é suficiente para assegurar a relação parental é notado na ânsia destes pais buscarem crianças com características físicas parecidas com as deles, desta forma, acreditam que reduzirão o vazio da impossibilidade dos laços sanguíneos . O receio de que o filho adotivo queira buscar a sua origem também assombra o imaginário destes pais, que sentem medo de perder o amor da criança. Entretanto, sabe-se que essa busca é importante para o desenvolvimento psicológico da criança, pois a partir disso, ela conseguirá dar o verdadeiro sentido à sua história. O medo de serem trocados pelos pais biológicos permeia o imaginário dos pais adotivos, que têem dificuldade em entender que a partir de uma referência concreta da imagem corporal, os laços afetivos com o filho podem ser reafirmados, contribuindo para uma maior identificação com os mesmos. A partir disto, os alunos do 7º e 9º semestre do curso de Psicologia promovem discussões sobre os temas de adoção, família e psicanálise com o intuito de colaborar para a formação acadêmica dos mesmos. Os estagiários têm como objetivo oferecer espaços para grupos de discussões sobre questões relativas à adoção, orientação e atendimento clínico às famílias com indivíduos adotados e/ou pretendentes à adoção. Em parceria com o Fórum da cidade de Cândido

Mota/SP, os estagiários realizam o Curso Preparatório para Pais Pretendentes á Adoção , uma vez que este é parte obrigatória do processo para efetivação do interesse em adotar. Questões sobre fertilidade/infertilidade, a criança fantasiada e a real, a possibilidade de serem pais e mães e exercerem adequadamente a maternagem de uma criança fazem parte dos temas de discussões com os casais pretendentes à adoção. Abordando esta temática, realiza-se ainda atendimento clínico individual, de casais ou de famílias no Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada (CPPA) que tenham demandas relacionadas à adoção. Matérias sobre o tema de adoção já foram publicadas no jornal local da cidade pelos estagiários com a finalidade de mobilizar uma parcela maior da população sobre o tema adoção. Entende-se por adoção a possibilidade de um casal bem como de uma criança formar uma família através de vínculos afetivos, uma vez que ser adotado e fazer parte de uma família é um direito da criança e do adolescente garantido pelo ECA. Realizou-se, duas vezes por ano Cursos de Capacitação para a Adoção, numa iniciativa conjunta com os Fóruns de três cidades da região. Trabalhou-se com questões tais como: fertilidade/infertilidade, maternagem, a criança real e a imaginada, razões para a adoção. Neste ano de 2012 o primeiro curso contou com cerca de vinte casais. Espera-se que com este trabalho algumas questões relacionadas à adoção possam ser problematizadas e que adotar uma criança possa ser vivido com menos problemas e mais satisfação para ambos os lados.
Apoio financeiro Proex
Palavras chave: família, adoção, psicanálise.
Nível de Trabalho: Outro
Código da área: FAMI Psicologia da Família e da Comunidade.

UMA NOVA HISTÓRIA EM CONSTRUÇAO: AVALIAÇÃO DO CURSO PREPARATÓRIO PARA ADOÇÃO EM UBERABA-MG. *Martha Franco Diniz Hueb, (Departamento de Psicologia Clinica e Sociedade da Universidade Federal do Triangulo Mineiro) Claudia Helena Julião, Marta Regina Farinelli (Departamento de Serviço Social da Universidade Federal do Triangulo Mineiro), Ana Mafalda Guedes Cabral Courinha Vassalo Azôr (Universidade de Uberaba, Uberaba-MG)*
Com a promulgação da Lei n.º 12.010/09, denominada Nova Lei de Adoção , os candidatos à adoção devem obrigatoriamente participar de um curso preparatório. No mês de junho/2012, o nomeado Curso de Preparação para Candidatos à Adoção em Uberaba encerrou sua sétima e oitava edições. A metodologia adotada no Curso é participativa e utiliza-se de técnicas e recursos da Dinâmica de Grupo, de jogos, de dramatizações, de expressões gráficas e discussões. Os temas trabalhados obedecem a uma ordem definida enquanto aproximação sucessiva dos pontos pertinentes e significativos no processo de adoção. As turmas são coordenadas por duplas de profissionais/docentes de duas instituições de ensino (UFTM e UNIUBE) que, juntamente com o Ministério Público, Vara da Infância e Juventude e Grupo de Apoio a Adoção de Uberaba (GRAAU) constituem o Grupo Interinstitucional Pró-Adoção (GIPA). Acompanham também o processo dois discentes dos cursos envolvidos, Psicologia e Serviço Social. No primeiro encontro do grupo de candidatos/pais, após atividade de apresentação dos integrantes, faz-se o levantamento das expectativas, a apresentação do curso e cronograma previsto; no segundo encontro discute-se a visão do amor enquanto construção. Os terceiro e quarto encontros são reservados para aprofundar as questões ligadas às motivações para a adoção. A idealização do filho versus o filho real disponibilizado comumente para adoção é o tema do quinto encontro. É no sexto encontro que o tema sobre a família de origem e as visões que se tem dela é discutido. E no sétimo encontro, trabalham-se as cenas temidas após a adoção consumada e é realizada a avaliação escrita do curso, por meio de questionário preenchido de forma individual pelos participantes. O oitavo encontro é reservado para a participação do promotor da Infância e Juventude e assistentes sociais

judiciários para esclarecerem dúvidas quanto aos aspectos legais de adoção e são entregues os certificados de conclusão de curso. Apresentar a avaliação de três turmas que realizaram o curso no campus da UFTM, num total de 54 pessoas, é o objetivo deste trabalho. Os resultados podem ser sintetizados da seguinte forma: quanto ao curso, 54% dos integrantes o consideraram ótimo; 25% como muito bom e 21% como bom. Em relação às expectativas, 45% dos participantes reconheceram que o curso atendeu às suas expectativas e para 55% elas foram superadas. A maioria dos participantes (89%) avaliou a metodologia adotada como interessante e inovadora, enquanto que 50% a considerou dinâmica e proporcionadora da relação grupal. Quanto à contribuição do conteúdo; para 78% o curso contribuiu para o enriquecimento pessoal sobre a adoção, e 56% considerou que colaborou para a diminuição de medos e construção de confiança. O relato de experiências e a discussão sobre as motivações e os medos relativos à adoção foram apontados como os pontos mais importantes abordados pelo curso. Os resultados obtidos após a finalização de cada turma, apontam que para os pais/postulantes à adoção a metodologia utilizada pelo GIPA que integra diversas frentes ligadas a adoção, tem atingido as metas propostas.

Palavras chave: curso preparatório, adoção, família.

Nível de Trabalho: Outro

Código da área: FAMI Psicologia da Família e da Comunidade.

Sessão Coordenada: **ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL E RELAÇÕES FAMILIARES**

Nas duas últimas décadas, foram vários os estudos que procuraram demonstrar a centralidade da família na política de proteção à infância em vulnerabilidade social. Nesse cenário, compreende-se que proteger a criança é acima de tudo manter e fortalecer seus vínculos familiares: com os pais, os irmãos e outros membros da família de origem, como por exemplo, os avós. Por meio dos serviços de acolhimento institucional, crianças têm recebido atendimento às suas necessidades básicas e proteção especial diante de situações em que há risco à sua integridade física e psicológica. Entretanto, por vezes, esses mesmos estudos mostram que esta medida de proteção sociojurídica coloca à criança novas ameaças: de um lado, favorece a ruptura dos vínculos familiares pelo seu progressivo distanciamento dos pais e irmãos, e de outro, impõe-lhe uma longa permanência em ambiente institucional geralmente pobre em estímulos sociais, o que também pode comprometer o seu desenvolvimento inicial. Na perspectiva de superar essa situação, planos, leis e orientações técnicas foram sendo aprovados e executados no decorrer dos anos, procurando regulamentar os serviços de acolhimento de crianças e adolescentes e evitar assim graves sequelas a sua saúde física e mental. Esta proposta de Sessão Coordenada visa abrir espaço para a discussão de questões próprias das rotinas e práticas de cuidado infantil em instituições de acolhimento, assim como aspectos da convivência e preservação das relações que as crianças, na maioria das vezes, mantêm com sua família. Os estudos aqui reunidos têm em comum a compreensão de que as rotinas de cuidado na instituição e o esforço da sua equipe técnica para preservar os vínculos familiares são definidores da qualidade do serviço disponibilizado à criança e sua família. A atividade prevê a apresentação de quatro trabalhos, sendo dois de pesquisadores do Centro de Investigações sobre Desenvolvimento Humano e Educação Infantil (CINDEDI) da Universidade de São Paulo (USP), e outros dois de membros do Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento (LED) da Universidade Federal do Pará. Desde 2009, estes grupos de pesquisa têm construído formas de intercâmbio e cooperação com o debate sobre temas relacionados ao acolhimento institucional e as relações familiares de crianças em situação de vulnerabilidade social.
Psicologia do Desenvolvimento

ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL E RELAÇÕES FAMILIARES. *Lília Iêda Chaves Cavalcante (Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento, Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará)*
E-mail do coordenador: liliaccavalcante@gmail.com
Telefone: +55(91)81128006 e +55(91)32018482,
Nas duas últimas décadas, foram vários os estudos que procuraram demonstrar a centralidade da família na política de proteção à infância em vulnerabilidade social. Nesse cenário, compreende-se que proteger a criança é acima de tudo manter e fortalecer seus vínculos familiares: com os pais, os irmãos e outros membros da família de origem, como por exemplo, os avós. Por meio dos serviços de acolhimento institucional, crianças têm recebido atendimento às suas necessidades básicas e proteção especial diante de situações em que há risco à sua integridade física e psicológica. Entretanto, por vezes, esses mesmos estudos mostram que esta medida de proteção sociojurídica coloca à criança novas ameaças: de um lado, favorece a ruptura dos vínculos familiares pelo seu progressivo distanciamento dos pais e irmãos, e de outro, impõe-lhe uma longa permanência em ambiente institucional geralmente pobre em estímulos sociais, o que também pode comprometer o seu desenvolvimento inicial. Na perspectiva de superar essa situação, planos, leis e orientações técnicas foram sendo aprovados e executados no decorrer dos anos, procurando regulamentar os serviços de acolhimento de crianças e adolescentes e evitar assim graves sequelas a sua saúde física e mental. Esta proposta de Sessão Coordenada visa abrir espaço para a discussão de questões

próprias das rotinas e práticas de cuidado infantil em instituições de acolhimento, assim como aspectos da convivência e preservação das relações que as crianças, na maioria das vezes, mantêm com sua família. Os estudos aqui reunidos têm em comum a compreensão de que as rotinas de cuidado na instituição e o esforço da sua equipe técnica para preservar os vínculos familiares são definidores da qualidade do serviço disponibilizado à criança e sua família. A atividade prevê a apresentação de quatro trabalhos, sendo dois de pesquisadores do Centro de Investigações sobre Desenvolvimento Humano e Educação Infantil (CINDEDI) da Universidade de São Paulo (USP), e outros dois de membros do Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento (LED) da Universidade Federal do Pará. Desde 2009, estes grupos de pesquisa têm construído formas de intercâmbio e cooperação com o debate sobre temas relacionados ao acolhimento institucional e as relações familiares de crianças em situação de vulnerabilidade social. O primeiro trabalho abre a discussão sobre a qualidade do cuidado infantil em instituições de acolhimento institucional a partir da apresentação de dados sobre a rotina de trabalho e as práticas dos educadores no abrigo onde foi realizada a pesquisa, situado na Região Metropolitana de Belém. O trabalho descreve a rotina desses profissionais e analisa suas práticas de cuidado em razão das características do ambiente. O segundo trabalho investigou especificamente o processo de reintegração familiar de crianças de zero a sete anos que foram atendidas por serviços de acolhimento institucional, em Ribeirão Preto-SP, entre 2008 e 2010. Foi realizada a caracterização dessas crianças a partir de dados coletados em fontes documentais e destacaram-se aspectos que podem contribuir para o conhecimento dos processos reintegração da criança em seu meio familiar. O terceiro e o quarto trabalhos abordam igualmente questões relacionadas à relação entre irmãos acolhidos em instituições infantis, sendo que um deles descreve as interações e aponta a frequência com que tais eventos acontecem envolvendo quatro grupos de grupos de irmãos em uma instituição de Belém, enquanto que o outro trabalho leva em conta aspectos do atendimento conjunto de grupos de irmãos em um abrigo sediado na cidade de Ribeirão Preto, em São Paulo. Os trabalhos acima relacionados dão relevo às diferentes dimensões que envolvem a qualidade do acolhimento oferecido à criança pela instituição, seja porque o abrigo preza pelas práticas dos educadores que integram o cotidiano institucional, seja por ter atenção redobrada com as relações familiares, em particular ao buscar preservar a convivência e a ligação entre irmãos.
Palavras-chave: acolhimento institucional; relações familiares; criança;

ROTINA E PRÁTICAS DE CUIDADO EM ESPAÇO DE ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL INFANTIL: O TRABALHO DE EDUCADORES. *Laiane da Silva Corrêa**, Celina Maria Colino Magalhães, Lília Iêda Chaves Cavalcante, (Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento, Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém, PA).,*

A literatura mostra que dados da rotina da vida diária e a organização dos ambientes podem fornecer o ponto de partida para uma compreensão abrangente das práticas que envolvem as interações cuidador-criança. Nessa perspectiva, este estudo se propõe apresentar dados da rotina de trabalho de educadores que lidam com crianças em uma instituição de acolhimento infantil, com destaque para a descrição de atividades realizadas ao longo de uma jornada de trabalho de doze horas de 7 a 19 horas. O conjunto dos dados observacionais reúne uma sucessão de episódios interativos que reconstituem práticas adotadas pelas educadoras em situações cotidianas. Fizeram parte do estudo 10 educadores responsáveis pelo cuidado diário a crianças encaminhadas a um espaço de acolhimento institucional de Belém do Pará. Cada uma das dez participantes foi acompanhada em diferentes situações que caracterizam a rotina institucional, totalizando 120 horas de observação de suas práticas no cuidado infantil. Os resultados indicam a ocorrência de práticas de cuidado habituais, difundidas e consolidadas ao

longo do tempo. Nesta perspectiva, vê-se que tais práticas estão geralmente em consonância com a política de atendimento às necessidades da criança acolhida pela instituição. Verificou-se ainda que normas e regras institucionais tendem a ser observadas por técnicos, educadores e crianças, assim como o controle de horários e escalas procura assegurar o cumprimento das atividades programadas dentro das condições determinadas pela instituição. Tais atividades obedecem a uma ordem institucional, compõem a rotina de trabalho desses cuidadores profissionais e orientam o cotidiano das crianças. Entretanto, é importante notar que cada educadora, em razão de uma conjunção de fatores ambientais e pessoais, tem a sua própria rotina alterada por padrões de comportamento inscritos no cotidiano. Isto significa modificar o conteúdo das práticas de cuidado e sequências temporais que organizam as atividades diárias, o que resulta em formas individuais de trabalho que não podem ser desconsideradas quando se pretende ter uma visão ecológica desse ambiente institucional. Além disso, observou-se que a rotina institucional pode sofrer alterações por razões as mais diversas, como fatos e dinâmicas que forçam a re-organização do trabalho das educadoras e a grade de atividades com as crianças. Pelo exposto, considera-se que a jornada de doze horas de trabalho envolve diferentes espaços, agentes e atividades. É a partir deste cenário que se constrói a vida e a história de cada pessoa envolvida neste processo, dinâmico e complexo, por ser ditado pela interação entre educadoras e crianças. Da mesma forma que fornece subsídios para conhecer como é o dia-a-dia do profissional que trabalha em instituições de acolhimento infantil, procurando, a partir disso, encontrar soluções para os desafios colocados à qualidade do cuidado nesse ambiente específico.
Apoio financeiro: bolsa de mestrado CAPES (1ª autora); bolsa de produtividade CNPq (2ª autora) e auxílio pesquisa PARD (3ª autora).
Palavras-chave: acolhimento institucional, rotina, práticas de cuidado

COMO SE DÁ A REINTEGRAÇÃO FAMILIAR? ABORDANDO ESSE PROCESSO EM UMA AMOSTRA DE CRIANÇAS ACOLHIDAS. *Fernanda Lacerda Silva** e Maria Clotilde Rossetti-Ferreira (Centro de Investigação sobre Desenvolvimento Humano e Educação Infantil, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP).,*

Reintegração familiar é o termo utilizado no âmbito jurídico para se referir ao processo de crianças/adolescentes que retornaram as suas famílias de origem (natural ou extensa) após terem passado por acolhimento institucional ou familiar. Documentos jurídicos que regulamentam a reintegração e a literatura sobre esse tema enfatizam a necessidade de se investir na família para viabilizar o retorno seguro ao convívio familiar, mas não indicam como isso deve ou pode ocorrer na prática. Há também um desconhecimento significativo sobre famílias que sofrem intervenções da Justiça e do Estado. Assim, a partir do referencial da Rede de Significações, objetivou-se investigar o processo de reintegração familiar de crianças de zero a sete anos e seis meses que estiveram nos serviços de acolhimento institucional, em uma cidade do interior de São Paulo (período de Setembro/2008 a Setembro/2010). Foi realizada a caracterização dessas crianças, de suas famílias e de sua trajetória de acolhimento - reintegração familiar, a partir de 50 autos processuais na Vara da Infância e Juventude do Tribunal de Justiça e seus respectivos prontuários. Os dados foram analisados quantitativamente, através de estatística descritiva. Ressaltam-se alguns resultados: número de participantes foi de 50 crianças, dentre elas havia 13 grupos de irmãos, totalizando 36 famílias (36 mães, 29 pais). Sobre as crianças, 25 são do sexo feminino e 25 do sexo masculino; 66% foram registradas pelos pais juntos; 34% tinham até seis meses de idade; 62% são brancas e 32% afrodescendentes; 88% têm irmãos e 56% mantém os vínculos com eles; 86% têm

outros parentes além da família natural e 14% vivenciaram acolhimento(s) anterior(es). Sobre as famílias, verificou-se uma significativa ausência de informações; famílias dirigidas por mulheres; pais com idade entre 17 a 39 anos, predominantemente solteiros e separados, com baixa escolaridade, desempregados ou com trabalhos que exigem pouca qualificação e oferecem baixa. Com relação a reintegração familiar, há um desencontro de com quem estava antes do acolhimento e quem recebeu recebeu a criança, a maioria estava com os pais, sobretudo com as mães e foi reinserida na família extensa, principalmente sob os cuidados das avós; foi notória a predominância da participação da família materna neste processo. Os acolhimentos foram breves, 76% das crianças permaneceram até 75 dias na instituição: as crianças maiores foram reintegradas mais rapidamente, principalmente as que faziam parte dos grupos de irmãos e os bebês (0 a 6 meses) permaneceram acolhidos por um período maior (2,5 meses a 3 anos). Principais motivos do acolhimento registrados foram: negligência (66%), abandono (34%), falta temporária de condições, moradia e problemas socioeconômicos (30%), associados ao uso de bebidas alcoólicas e/ou drogas pelos pais (76%). Intervenções que visam à reintegração resumem-se, basicamente, a entrevistas com as famílias e visitas domiciliares, realizadas pela equipe técnica das instituições e do judiciário. Há muitas omissões de dados, principalmente, a respeito do acompanhamento pós-reintegração. Tais resultados revelam a importância de pesquisas que mostrem como o trabalho de reinserção vem sendo feito na prática a fim de embasar as necessárias adequações nas políticas públicas e no trabalho em rede.

Apoio financeiro: CAPES e CNPq
Palavras-chaves: reintegração familiar; criança; família; acolhimento institucional
Nível do trabalho: Mestrado M
Código da área da psicologia: DES

A IMPORTÂNCIA DO CUIDADO COM A MANUTENÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE VÍNCULOS AFETIVOS NO ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL DE GRUPOS DE IRMÃOS.. *Ivy Gonçalves de Almeida** e Maria Clotilde Rossetti-Ferreira (Centro de Investigação sobre Desenvolvimento Humano e Educação Infantil, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto,Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP).*

,

Instituições que acolhem crianças/adolescentes devem preservar os vínculos familiares e não desmembrar grupos de irmãos. Seres humanos necessitam estabelecer ligações afetivas e na separação/ausência de um adulto de referência, é provável que a criança estabeleça com pares/irmãos este tipo de relação. Negligência é uma das principais causas do acolhimento de crianças e considera-se que, sob esta condição, é possível que irmãos assumam funções importantes na vida uns do outros. Porém, há poucas pesquisas sobre irmãos acolhidos institucionalmente. A partir do referencial da Rede de Significações, objetivou-se conhecer a rede social de crianças em acolhimento institucional, buscando investigar, sob a perspectiva da criança, como os irmãos e outras pessoas aparecem na rede. A pesquisa foi realizada em três abrigos institucionais, tendo participado sete grupos de irmãos (18 crianças) com idades entre 6 a 12 anos. As crianças foram entrevistas individualmente (quatro encontros) com intuito de conhecer quem procuram em situações relacionadas às funções de cuidados e atividades diárias, proteção, educação, apoio emocional e relação afetiva, e brincadeira e lazer. Complementarmente, foram utilizados desenho e uma adaptação do Four Field Map. Realizou-se análises quantitativas e qualitativas. Resultados indicaram que a rede social das crianças é composta principalmente por pessoas do abrigo institucional e da família. Pessoas do contexto escolar são pouco mencionadas. Irmãos são os membros da família mais citados. Irmãos mais velhos e os que estão na mesma instituição são os mais mencionados. A organização da

estrutura e da rotina da instituição, pautada na faixa etária das crianças, não privilegia a manutenção ou desenvolvimento dos vínculos afetivos entre irmãos. Os resultados sinalizam a importância do relacionamento entre irmãos, bem como da proximidade entre eles para sua manutenção. Apontam a necessidade das instituições de acolhimento reverem suas concepções e práticas relacionadas ao acolhimento de irmãos. Sugerem a necessidade de ampliação da rede social das crianças acolhidas.
Apoio financeiro: CAPES e CNPq
Palavras-chave: Acolhimento institucional; Irmãos; Rede social
Nível do trabalho: Doutorado D
Código da área da psicologia: DES

CONDIÇÕES CONTEXTUAIS DE ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL E SUA INFLUÊNCIA NAS INTERAÇÕES ENTRE IRMÃOS.. *Lígia Negrão Costa**, Celina Maria Colino Magalhães, Lília Iêda Chaves Cavalcante (Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento, Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém-Pará),*
Estudiosos do desenvolvimento têm apontado para a influência das interações estabalecidas entre irmãos sobre o desenvolvimento infantil nos diversos contextos nos quais convivem. Estes estudos trazem contribuições para a compreensão da dinâmica e organização da estrutura social dos grupos de irmãos, das preferências e tipos de interações estabelecidas. Quando se trata de crianças em acolhimento institucional o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) enfatiza que se deve resguardar e fortalecer os vínculos familiares - e particularmente os fraternos -, a fim de contribuir para a formação da identidade das crianças, a preservação da sua história de vida e referencial familiar. Nesse sentido, o presente estudo teve como objetivo descrever e analisar as interações entre irmãos em acolhimento institucional e seus pares, discutindo as condições contextuais da instituição. Participaram da pesquisa 10 crianças que compunham quatro grupos de irmãos, sendo três meninas e sete meninos, com idades que variaram entre três e sete anos, acolhidos em um espaço institucional governamental no município de Belém, Pará. Na instituição pesquisada, as crianças eram divididas em dormitórios de acordo com a faixa etária, tendo sido encontrados somente dois irmãos juntos no mesmo dormitório. Os dados foram coletados por meio de consulta aos prontuários e observação das interações entre as crianças. Foi utilizada a técnica do sujeito-focal, com alvo em cada irmão. Para cada criança foram realizadas seis seções observacionais de dez minutos cada, perfazendo um total de 60 minutos. Os episódios interativos foram categorizados em interações envolvendo compartilhamento, conflito, cooperação, competição, similaridade de comportamentos, afeto e busca de proximidade. Os principais resultados mostraram que: 1) As crianças são oriundas de famílias de classe social baixa, tendo como causas do acolhimento o abandono, a negligência, a pobreza e os problemas relacionados aos pais. Na maioria dos casos, as crianças são reincidentes no abrigo, sendo o tempo de acolhimento institucional superior ao período de convivência familiar em sete das dez crianças. 2) Ao analisar os parceiros e o tempo de interação, os irmãos do grupo 1 apresentaram maior número de interação entre si e maior tempo foi dispensado nestas interações, sobretudo entre irmãos que estavam acolhidos no mesmo dormitório e em outros que acolhiam faixa etária próxima. Nos demais grupos predominaram as interações entre pares coetâneos, tanto na frequência, como no tempo de interação, sendo que no grupo 3 houve apenas um episódio interativo entre os irmãos, e no grupo 4, não foram observadas interações entre os irmãos. 3) No tocante ao conteúdo das interações entre os irmãos, houve maior frequência das categorias de busca de proximidade, afeto e cooperação, enquanto que entre os pares prevaleceram interações relacionadas à cooperação, conflito e similaridade de comportamentos. Os resultados apontam para o debate necessário em torno das instituições

de acolhimento, sobretudo a permanência de irmãos em abrigos infantis, estimulando o cumprimento das resoluções normativas e atuando no fortalecimento das relações familiares.
Apoio financeiro: bolsa de mestrado CAPES (1ª autora); bolsa de produtividade CNPq (2ª autora) e auxílio pesquisa PARD (3ª autora).
Palavras-chave: acolhimento institucional, relações familiares, irmãos, interação
Trabalho de Mestrado M
Código da área: DES

Sessão Coordenada: **ANÁLISE DO COMPORTAMENTO: ENSINO, PESQUISA E APLICAÇÕES.**

Levando-se em conta que a análise do comportamento (AC) é uma das abordagens ensinadas em diversos contextos acadêmicos: graduação e pós-graduação (stricto e latu sensu), torna-se relevante a investigação da aprendizagem dos conceitos da AC. Além da aprendizagem em si, podemos investigar também variáveis que influenciariam a mesma. Nos contextos acadêmicos essa aprendizagem, geralmente, é aplicada em análises de atendimentos clínicos e em pesquisas. Dessa forma, apresentamos investigações e aplicações do processo de aprendizagem da AC. Em uma dessas investigações, foram verificadas alterações e manutenções em relação ao conhecimento sobre AC. Outro estudo investigou expectativas e sentimentos dos usuários de um ambulatório-escola de nutrição tendo como base, para a análise dos dados, a AC. A aplicação dos conhecimentos em AC em atendimentos realizados em uma clínica-escola foi discutida por outro trabalho. E a aplicação dos conhecimentos em AC em supervisões para residentes de medicina foi discutida pelo quarto trabalho que será apresentado nessa sessão coordenada. Apresentar essa sessão nessa reunião é oportuno por atingir públicos diversos da área da saúde e da educação que poderão beneficiar-se de investigações e discussões sobre AC, no que se refere a aspectos acadêmicos e, aplicados a diferentes contextos. Essa apresentação também pode abrir espaço para discutir e repensar novos meios de ensino da AC nos anos iniciais dos cursos de graduação e nos cursos de pós-graduação. Esses novos meios de ensino da AC devem, necessariamente, focar a relação professor - aluno e/ou supervisor supervisionando tendo em vista que a AC é uma abordagem que investiga as relações entre os organismos. Todos os autores são professores, pesquisadores e/ou supervisores em diferentes instituições de ensino o que mostra a competência dos mesmos para análise do tema.
Formação em Psicologia

UMA INVESTIGAÇÃO LONGITUDINAL SOBRE O ENSINO DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO E A INFLUÊNCIA DA RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO.. *Angelica Capelari (Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP); Mariantonia Chippari (Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP); Mariana Januário Samelo (Universidade de São Paulo, São Paulo, SP),*

O presente trabalho teve por objetivos investigar e analisar possíveis alterações e/ou manutenções em relação ao conhecimento de alunos sobre Análise do Comportamento (AC) e verificar a influência da relação professor aluno no processo de aprendizagem sobre AC. A investigação foi realizada longitudinalmente em uma universidade privada. A disciplina AC está alocada na grade curricular do 3º ao 6º períodos. Um questionário misto contendo 23 questões a respeito do conteúdo teórico da abordagem e das relações entre professores e alunos foi aplicado coletivamente, em uma mesma turma do período noturno, do 4º ao 10º períodos. Portanto, a partir do 7º período, o questionário continuou sendo aplicado a despeito dos alunos terem aulas de AC. Participaram das aplicações, em média, 26 alunos. Verificou-se ao longo das sete aplicações a manutenção do conhecimento sobre alguns conceitos e alteração do conhecimento de outros. Em relação à manutenção, os alunos apontaram que a AC trabalha com ratos e homens buscando traços comuns entre ambos e tem interesse pelos princípios gerais e não pela individualidade. Uma das alterações foi que cerca de 50% dos alunos considerava a AC como sendo a Psicologia do S-R e essa porcentagem diminuiu, ao final do estudo, em 30% aproximadamente. Em outra alteração 69,57% dos alunos consideraram na primeira aplicação que a AC não ignora a consciência e sentimentos, enquanto que na última aplicação essa frequência caiu. No geral, verifica-se aquisição e manutenção errônea sobre alguns pressupostos, mas também a aprendizagem correta sobre outros. A partir desses dados, uma variável que foi levantada e passou a ser investigada como relevante em relação ao processo de aprendizagem (manutenção e alteração) foi à relação professor aluno. Em

média 98% dos alunos apontaram essa como uma variável importante no processo de aprendizagem. A presença de contingências positivas na relação professor aluno facilitaria o aprendizado quanto à compreensão, motivação, questionamentos e comunicação. Inversamente, a presença de contingências aversivas dificultaria o processo de aprendizagem, podendo ocorrer o aumento de desinteresse por parte do aluno. Analisa-se que modificações nas contingências que permeiam os comportamentos do professor e do aluno fazem-se necessárias na aquisição e manutenção dos conhecimentos da AC. Uma relação é bi-direcional, deste modo, ambos devem operar no ambiente buscando gerar consequências reforçadoras positivas, que certamente retroagirão sobre o responder, alterando a probabilidade futura de ocorrência dos comportamentos de ensinar e aprender. Os dados de toda a investigação apontaram indicadores que justificam o investimento não apenas no ensino do conteúdo teórico prático, mas também na relação professor aluno.

ATIVIDADES DE PESQUISA DESENVOLVIDAS EM ESTÁGIO PROFISSIONALIZANTE INSTITUCIONAL.. *Eliana Isabel de Moraes Hamasaki, Departamento da Saúde Curso de Psicologia da Universidade Nove de Julho Uninove São Paulo (SP).,*

Como parte da sessão coordenada intitulada: ANÁLISE DO COMPORTAMENTO: ENSINO, PESQUISA E APLICAÇÕES, esse trabalho apresenta atividades desenvolvidas por estudantes de psicologia como parte de uma modalidade obrigatória de estágio profissionalizante institucional, cujas características foram: (1) a apresentação de uma proposta de atuação voltada para usuários de um ambulatório-escola que presta serviços de orientação e acompanhamento nutricionais e (2) a execução de investigação para mapear questões que se mostrassem pertinentes para a atuação voltada aos serviços prestados a esses usuários. Para tanto, os alunos estagiários de psicologia desenvolveram uma proposta que constituiu-se de um estudo preliminar acerca das expectativas e sentimentos dos usuários de um ambulatório-escola de nutrição de uma universidade paulistana. Vale ressaltar que a demanda que se apresentou a esse grupo de alunos estagiários era a relativa baixa aderência aos serviços, segundo os gestores responsáveis pelo ambulatório. Para a condução da investigação, foi elaborado um roteiro de entrevista semidirigida, além de cinco questões, cujas respostas apresentavam-se em formato de escala do tipo Likert. Ambos os instrumentos foram especialmente elaborados para a investigação proposta pelos alunos, sob supervisão de professora responsável pelo estágio. Os alunos, distribuídos em duplas, dirigiam-se semanalmente ao ambulatório-escola, em horários determinados nos diferentes períodos de atendimento: matutino; vespertino e noturno. Durante a permanência dos alunos estagiários, os mesmos aguardavam os atendimentos realizados ou a serem realizados pela equipe de nutricionistas (alunos também estagiários do curso de nutrição, sob supervisão de professores responsáveis). O contato dos alunos de psicologia com os usuários do serviço, portanto, ocorria antes ou após o atendimento da equipe de nutrição, a depender da disponibilidade dos usuários. Participaram, voluntariamente, 18 usuários. Dentre estes, a maioria (82%) encontrava-se em acompanhamento entre um e três meses, em uma população predominantemente feminina (88%), composta por adultos jovens (64% entre 19 e 35 anos de idade). Os resultados indicaram que, em geral, o usuário buscava o serviço por (a) encaminhamento profissional interno ou externo à universidade e (b) sugestões de amigos ou parentes. Além disso, o usuário descreveu o serviço oferecido pelo ambulatório, bem como os alunos estagiários responsáveis pelos atendimentos da equipe de nutrição, com adjetivos considerados bastante positivos (esclarecedor; ótimo; eficiente). Contudo, observou-se, dentre todos os usuários do ambulatório, relativa baixa adesão ao acompanhamento, especialmente dentre os usuários cujas consultas eram agendadas nos períodos da tarde e noite: 42% e 45% do total geral dos usuários. Discute-se as questões relacionadas aos sentimentos que, muitas vezes, são descritos como ansiogênicos da parte dos usuários e as expectativas depositadas

por eles no processo. Quanto ao desempenho dos alunos estagiários de psicologia, destaca-se a importância de atividades de pesquisa aplicada para a compreensão de determinada demanda e posterior planejamento voltado a um tipo específico de serviço prestado por um ambulatório de saúde.

O ENSINO DA TERAPIA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL PARA RESIDENTES DE PSIQUIATRIA: CONTRIBUIÇÕES DA FAP E DE ROLE-PLAY PARA O DESENVOLVIMENTO DE REPERTÓRIOS CLÍNICOS.. *Regina Christina Wielenska (IPqHCFMUSP, São Paulo, SP).,*

O presente trabalho discutirá entraves e soluções encontradas para prover supervisão e aulas de natureza teórica para residentes de terceiro ano (R3s) de Psiquiatria no IPqHCFMUSP, no contexto de um programa, inédito no Brasil, de formação de residentes em Psiquiatria na abordagem analítico-comportamental. Até 2010 a formação dos residentes compreendia abordagens psicodinâmicas e, eventualmente, a pratica de alguns procedimentos de terapia comportamental-cognitiva, isolados da teoria subjacente, num ambulatório especializado em transtornos de ansiedade. Em 2011 foi implantado um programa de terapia analítico-comportamental. O presente trabalho discutirá aspectos da supervisão, exercida em parceria com a psicóloga Carolina Perroni, bem como partes do trabalho com o grupo inteiro, com os demais professores (Francisco Lotufo Neto, Felipe Corchs, Giovanna Del Prette e Karen Vogel). Um problema inicial se refere ao fato de, com alguma frequência, nos deparamos com alunos que se sentem, ao início, obrigados a cumprir a carga horária com algo que não lhes é particularmente interessante ou familiar. Sentem-se sobrecarregados de atribuições e nem sempre encontram tempo para se dedicarem adequadamente a um corpo teórico que lhes parece pouco atrativo. Conhecem precariamente algumas técnicas, que imaginam serem aplicadas de modo mecanicista a indivíduos com diagnósticos psiquiátricos específicos (por exemplo, terapia de exposição se for caso de fobia). Nossa tarefa tem sido quebrar estes paradigmas, ensinar princípios do comportamento que fundamentem a atividade do terapeuta, principalmente a análise de contingências aplicada a contextos clínicos e de atendimento institucional hospitalar. Uma forte ênfase é dada a um estilo de supervisão focado nas cinco regras da Psicoterapia Analítica Funcional (FAP), o que exige dos supervisores o comportamento de identificar os comportamentos relevantes dos terapeutas, consequenciar diferencialmente as respostas (de modo a serem fortalecidas ou enfraquecidas, conforme a classe a que pertencem). Este modo de supervisionar implica em correr riscos e produz sentimentos de vulnerabilidade. A supervisão baseada em FAP requer que nos comportemos compassivamente frente às dificuldades dos supervisionandos, construindo um ambiente de intimidade pessoal e profissional, propício ao bloqueio de esquivas experienciais dos participantes da supervisão. Será também discutido o bem sucedido uso de role-play de sessão inicial como estratégia de ensino na supervisão e também com o grande grupo. Na supervisão, ao se dramatizar um atendimento inicial e discuti-lo passo a passo com o grupo, busca-se reduzir o controle por regras arbitrárias, exercido sobre o comportamento do residente na sessão. Colocar o terapeuta sob controle sutil do comportamento do cliente exige um treino refinado, pontual e constante. Quanto à estratégia de discussão de caso clínico com a classe, feita em paralelo à introdução de conceitos novos, entende-se que tal mescla de teoria com a prática pode reduzir a aversividade do ensino de princípios do comportamento, e funciona como operação estabelecedora para o surgimento e manutenção de comportamentos de interesse e colaboração acadêmica.

ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA À CLÍNICA: EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIOS PROFISSINALIZANTES EM UMA UNIVERSIDADE.. *Mariliz Vasconcellos, Departamento da Saúde Curso de Psicologia da Universidade Nove de Julho Uninove São Paulo (SP).,*

Como parte da sessão coordenada intitulada: ANÁLISE DO COMPORTAMENTO: ENSINO, PESQUISA E APLICAÇÕE,. esse trabalho tem como objetivo ilustrar as experiências que ocorreram em diversos estágios profissionalizantes (ao longo de oito semestres) voltados à área clínica do curso de Psicologia em uma universidade da cidade de São Paulo. Como é sabido as atividades de estágio são parte obrigatória da formação acadêmica do curso aqui abordado, nas áreas clínicas, institucionais e organizacionais. Tratando especificamente das atividades clínicas, foram organizadas nesse tipo de estágio algumas classes de comportamentos relevantes a serem modelados no aluno de Psicologia para adquirirem repertório investigativo, crítico e com bom embasamento teórico acerca da teoria Skinneriana. Para isso os estágios iniciavam com aulas teóricas de conceitos básicos. Em seguida eram estudados alguns casos clínicos publicados na literatura científica, a fim de aplicar os conceitos básicos. Posteriormente os alunos iniciavam seus atendimentos clínicos na clínica escola da Universidade. Cada caso atendido recebia supervisões, de forma que a teoria contemplada anteriormente em sala tivesse a função aplicada a contextos reais de psicoterapia. Um tipo de repertório altamente objetivado por parte da professora era o ensino de análises funcionais do comportamento, de modo que o aluno não ficasse sob controle apenas da topografia do comportamento, mas de sua função. É possível dizer que dos oito semestres em que essa disciplina foi ministrada foi observado que: 1) embora os alunos tivessem tido quatro disciplinas de conceitos básicos em Análise do Comportamento ao longo do curso, dentre outras oportunidades de cursar disciplinas nessa abordagem, havia grande falha em seu repertório acerca dos conceitos, somada à grande dificuldade na aplicação da teoria; 2) mesmo com as falhas apontadas no item 1 houve aproveitamento por boa parte dos alunos, de modo que eles puderam iniciar análises funcionais; 3) foi surpreendente a percepção de que os alunos tinham uma idéia bastante distorcida da Análise do Comportamento, já que achavam que ela era proveitosa para tratamento de sintomas específicos e não era uma abordagem que possibilitava uma intervenção mais profunda do ser humano. Dessa forma vale ressaltar que é necessário repensar em novos meios de ensino da teoria comportamental nos anos iniciais do curso. Além disso é importante rever novos meios de ensino da aplicação da teoria na prática clínica, sobretudo através do uso de recursos de multimídia, dentre outros.

Sessão Coordenada: **Aprendendo ouvir e falar: o modelo da equivalência de estímulos para avaliar e ensinar repertório discriminativo para surdos**

A pesquisa comportamental básica, translacional e aplicada vem buscando contribuir para maximizar as conquistas na área médica para restaurar a sensibilidade auditiva em indivíduos surdos que passam a utilizar o AASI e implantes cocleares. Restaurada a sensibilidade, os indivíduos precisam aprender a ouvir e "aprender a falar" e as condições para isto estão sendo investigadas experimentalmente por meio de procedimentos aplicados desenvolvidos a partir do modelo da equivalência de estímulos.
Além de possibilitar o conhecimento a respeito de como se dá a aprendizagem de repertórios discriminativos complexos envolvidos na habilidade de ouvir e falar, os estudos objetivam o desenvolvimento de tecnologia de ensino para, futuramente, tornar os procedimentos disponíveis e amplamente disseminados para fonoaudiólogos, professores e pais. Os estudos do grupo de pesquisadores reunidos nesta proposta têm documentado o processo de aprendizagem de repertórios discriminativos em surdos passo a passo, sob rigoroso controle experimental; as metodologias que vêm sendo desenvolvidas podem contribuir para gerar tecnologias de reabilitação para esta população e, também, para a elucidação das razões para fracassos ou para sucesso apenas parcial em alguns casos.

Análise Experimental do Comportamento

ENSINO DE DISCRIMINAÇÕES AUDITIVO-VISUAIS COM PISTAS OROFACIAIS EM CRIANÇAS SURDAS. *Anna Christina Porto Maia Passarelli**, Thaís Porlan de Oliveira (Universidade Federal de Minas Gerais Belo Horizonte/MG), Raquel Melo Golfeto (Universidade Federal de São Carlos São Carlos/SP), Robson Cardinali*, Júnio Vieira de Rezende, Marina Castana Fenner* (Universidade Federal de Minas Gerais Belo Horizonte/MG, Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Comportamento, Cognição e Ensino),*
O presente estudo teve como objetivo ensinar discriminações auditivo-visuais, com e sem o auxílio de pistas orofaciais, entre estímulos auditivos e estímulos visuais em dois problemas sucessivos de aprendizagem, a partir de tarefas em um contexto de brincadeira. Participaram cinco crianças usuárias de implante coclear, com surdez pré-lingual, três implantadas precocemente e duas implantadas tardiamente. A deficiência auditiva profunda pré-lingual submete a pessoa à grande privação sensorial. Nesses casos, deve haver encaminhamento para reabilitação auditiva e oferecimento do Implante Coclear. As crianças participantes do presente estudo não conseguem adquirir linguagem sem que haja exposição a eventos concretos cuja relação funcional simbólica seja treinada. O paradigma da equivalência de estímulos oferece uma ferramenta para estudar a aquisição de função simbólica com crianças mais novas a partir de tarefas em um contexto de brincadeira, Em cada problema foram ensinadas relações condicionais entre palavras faladas e figuras (AB) e entre palavras faladas e estímulos textuais (AC), a partir do modelo de emparelhamento com o modelo, apresentado em tarefas através de um microcomputador e o software MST®. Para alguns participantes, se erros fossem cometidos em tentativas auditivo-visuais, as mesmas eram repetidas com a apresentação de pistas orofaciais pareadas ao estímulo auditivo. Testes de formação de classes de equivalência (BC e CB) avaliaram se os participantes estabeleceriam relações condicionais não ensinadas diretamente, entre as palavras escritas e as figuras. Testes adicionais, de comportamento ecoico, nomeação e emparelhamento de estímulos visuais avaliaram os repertórios expressivos e receptivos antes e depois das tarefas de ensino. Os participantes aprenderam as relações condicionais com e sem o uso de pistas orofaciais progredindo da aprendizagem de palavras convencionais, no Problema de Aprendizagem 1, até pseudopalavras, no Problema de Aprendizagem 2. Passaram para o Problema 2 três

participantes. Quatro participantes formaram classes de estímulos equivalentes no Problema 1 e dois participantes formaram classes de estímulos equivalentes no Problema 2. Nos testes adcionais, foram observados melhores desempenhos nos testes finais dos repertórios expressivos e receptivos em relação aos desempenhos iniciais, embora não de forma equitativa para os dois repertórios. O implante realizado precocemente para alguns participantes pareceu favorecer as habilidades de discriminação auditiva e, assim, seu desempenho nas tarefas. O uso de pistas orofaciais combinado com procedimentos de ensino de discriminações condicionais parece favorecer o desempenho de usuários de implante coclear nas tarefas receptivas e expressivas. Foi observado que é preciso discutir melhores formas para manter crianças pequenas sob controle das tarefas e possíveis controles de variáveis que podem influenciar o aprendizado dos participantes, amenizando os desafios encontrados pelos pesquisadores na manutenção destes participantes nos estudos.
Financiamento: CNPq e INCT/ECCE
Palavras-chave: deficiência auditiva, implante coclear, equivalência de estímulos
M
AEC

ENSINO DE DISCRIMINAÇÕES AUDITIVO-VISUAIS COM PISTAS OROFACIAIS EM CRIANÇAS SURDAS. *Anna Christina Porto Maia Passarelli**, Thaís Porlan de Oliveira (Universidade Federal de Minas Gerais Belo Horizonte/MG), Raquel Melo Golfeto (Universidade Federal de São Carlos São Carlos/SP), Robson Cardinali*, Júnio Vieira de Rezende, Marina Castana Fenner* (Universidade Federal de Minas Gerais Belo Horizonte/MG, Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Comportamento, Cognição e Ensino),*
O presente estudo teve como objetivo ensinar discriminações auditivo-visuais, com e sem o auxílio de pistas orofaciais, entre estímulos auditivos e estímulos visuais em dois problemas sucessivos de aprendizagem, a partir de tarefas em um contexto de brincadeira. Participaram cinco crianças usuárias de implante coclear, com surdez pré-lingual, três implantadas precocemente e duas implantadas tardiamente. A deficiência auditiva profunda pré-lingual submete a pessoa à grande privação sensorial. Nesses casos, deve haver encaminhamento para reabilitação auditiva e oferecimento do Implante Coclear. As crianças participantes do presente estudo não conseguem adquirir linguagem sem que haja exposição a eventos concretos cuja relação funcional simbólica seja treinada. O paradigma da equivalência de estímulos oferece uma ferramenta para estudar a aquisição de função simbólica com crianças mais novas a partir de tarefas em um contexto de brincadeira, Em cada problema foram ensinadas relações condicionais entre palavras faladas e figuras (AB) e entre palavras faladas e estímulos textuais (AC), a partir do modelo de emparelhamento com o modelo, apresentado em tarefas através de um microcomputador e o software MST®. Para alguns participantes, se erros fossem cometidos em tentativas auditivo-visuais, as mesmas eram repetidas com a apresentação de pistas orofaciais pareadas ao estímulo auditivo. Testes de formação de classes de equivalência (BC e CB) avaliaram se os participantes estabeleceriam relações condicionais não ensinadas diretamente, entre as palavras escritas e as figuras. Testes adicionais, de comportamento ecoico, nomeação e emparelhamento de estímulos visuais avaliaram os repertórios expressivos e receptivos antes e depois das tarefas de ensino. Os participantes aprenderam as relações condicionais com e sem o uso de pistas orofaciais progredindo da aprendizagem de palavras convencionais, no Problema de Aprendizagem 1, até pseudopalavras, no Problema de Aprendizagem 2. Passaram para o Problema 2 três participantes. Quatro participantes formaram classes de estímulos equivalentes no Problema 1 e dois participantes formaram classes de estímulos equivalentes no Problema 2. Nos testes adcionais, foram observados melhores desempenhos nos testes finais dos repertórios

expressivos e receptivos em relação aos desempenhos iniciais, embora não de forma equitativa para os dois repertórios. O implante realizado precocemente para alguns participantes pareceu favorecer as habilidades de discriminação auditiva e, assim, seu desempenho nas tarefas. O uso de pistas orofaciais combinado com procedimentos de ensino de discriminações condicionais parece favorecer o desempenho de usuários de implante coclear nas tarefas receptivas e expressivas. Foi observado que é preciso discutir melhores formas para manter crianças pequenas sob controle das tarefas e possíveis controles de variáveis que podem influenciar o aprendizado dos participantes, amenizando os desafios encontrados pelos pesquisadores na manutenção destes participantes nos estudos.
Financiamento: CNPq e INCT/ECCE
Palavras-chave: deficiência auditiva, implante coclear, equivalência de estímulos
M
AEC

NOMEAÇÃO DE FIGURAS APÓS FORTALECIMENTO DE REDE DE RELAÇÕES ENVOLVENDO LEITURA E OUVIR BASEADO EM SELEÇÃO.. *Fernanda da Luz Anastácio-Pessan**, Ana Claudia Moreira Almeida Verdu (Laboratório de Aprendizagem, Desenvolvimento e Saúde, Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP; Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Comportamento, Cognição e Ensino).,*
Considerando a privação severa da audição e a reabilitação pelo implante coclear, alguns estudos têm demonstrado que a fala é mais precisa quando é controlada pela palavra escrita do que quando é controlada pela figura. O presente estudo teve como objetivos verificar os efeitos de um programa sistemático de fortalecimento da leitura e do ouvir baseado em seleção sobre a precisão da fala em nomeação de figuras. Para coleta de dados foi utilizado um microcomputador e o software MST® para a programação das rotinas de ensino, teste e registro das respostas do participante. Os participantes foram seis crianças com deficiência auditiva com implante coclear, com idades entre 11 a 14 anos, com escores superiores a 60% em tarefas de seleção de figuras e de palavras impressas condicionalmente à palavra ditada e em tarefas de leitura, mas com baixas porcentagens de acertos em tarefas de nomeação de figuras. As tarefas de ensino e testes foram conduzidas com dois conjuntos de três palavras de acordo com um delineamento de linha de base múltipla entre conjuntos. Os passos do delineamento consistiram no fortalecimento de relações condicionais entre palavra ditada e figura (AB), entre palavra ditada e palavra impressa (AC), seguido dos testes de formação de classes de equivalência (BC e CB) e este pelo fortalecimento da relação entre sílaba ditada e sílaba impressa (ACsil). Além do pré-teste, o repertório de falante foi avaliado após as três tarefas de relações auditivo-visuais baseadas em seleção (AB, AC e ACsil), e após testes de formação de classes de equivalência (BC e CB). Todos os participantes apresentaram precisão nas discriminações condicionais auditivo-visuais e formaram classes de equivalência envolvendo palavras impressas, palavras faladas e figuras com ao menos um dos conjuntos. Nas tarefas de leitura o desempenho se manteve alto e, em muitas vezes chegando a 100% de acertos; nas tarefas de nomeação de figuras, o repertório de falante aumentou gradualmente ao longo das sucessivas medidas, chegando à precisão para cinco dos seis participantes em mais de um pós-teste. Um aspecto que parece ter sido crítico para a melhora em nomeação foi o desempenho vocal emitido na presença da palavra impressa ter sido estendido, por equivalência de estímulos, para a figura. Futuras pesquisas devem identificar quais são as variáveis críticas para reduzir a variabilidade inter-individual assim como da ordem de ensino de tarefas auditivo-visuais nessa população.
FAPESP (Auxílio # 2009/51798-7)
Palavras Chave: nomeação de figuras, classes de equivalência, deficiência auditiva
M

AEC

AVALIAÇÃO DA REDE DE RELAÇÕES ENVOLVIDAS NO LER E NO ESCREVER EM PESSOAS COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA. *Sandra de Lima Ribeiro dos Santos**, Ana Claudia Moreira Almeida Verdu (Laboratório de Aprendizagem, Desenvolvimento e Saúde, Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP; Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Comportamento, Cognição e Ensino).,*

Considerando os casos de privação sensorial auditiva, os procedimentos de reabilitação têm demonstrado sucesso no restabelecimento da detecção da audição, mas a compreensão do que se ouve requer aprendizagem. Considerando as convenções da nossa comunidade verbal, cuja musculatura vocal está sob controle operante, ouvir e falar são repertórios relevantes para a compreensão de muitos conceitos, embora não sejam os únicos. Este trabalho adotou o modelo de compreensão do paradigma das relações de equivalência que apresenta uma descrição operacional de comportamento simbólico e teve como objetivo avaliar o desempenho de ouvir, falar, ler e escrever descritos por esse paradigma em crianças com deficiência auditiva. Participaram deste estudo vinte crianças, com idades entre seis e doze anos sendo 12 usuárias de implante coclear (que restabelece a detecção auditiva) e oito usuárias de AASI (que amplifica a sensação auditiva). Os participantes foram avaliados pelo Diagnóstico de Leitura e Escrita 1 (DLE-1) componente do ProgLeit®, um softwere cuja proposta é avaliar e ensinar repertório rudimentar de leitura e escrita. As tarefas são gerenciadas por um computador que apresenta sucessivas tentativas de avaliação e/ou de ensino e registra a resposta dos participantes. Considerando a topografia da resposta, o DLE-1 é constituído de três tipos de tarefas: de seleção que, mediante palavra ditada, palavra escrita ou figura a tarefa é selecionar uma dentre três comparações que se relaciona com o modelo; de composição que, mediante palavra ditada ou palavra escrita, a tarefa do participante é compor com letras dispostas na tela do computador ou escrever no caderno, uma palavra com correspondência formal com o modelo apresentado; e vocalização que, mediante figura, sílaba, letras ou mesmo a palavra impressa, a tarefa é oralizar a palavra correspondente ao modelo. Os resultados revelaram pouca diferença de repertório entre os dois grupos. Ambos, com IC e com AASI são bons ouvintes, com resultados superiores a 90% de acertos na seleção de figura e de palavra impressa mediante palavra ditada (AB/AC); a maioria não precisa de apoio orofacial para selecionar figuras e palavras, com resultados abaixo de 30% de acertos na seleção de figura ou de palavra mediante movimentos orofaciais (MofB/MofC); em relação à fala, a maioria dos participantes nomeia a lista de figuras com alta porcentagem de acertos, mas não tem leitura de palavras bem estabelecida com resultados abaixo de 40% (CD), somente em leitura de sílabas e de palavras os resultados são superiores a 80% de acertos; em leitura baseada em seleção de figuras mediante a palavra escrita e vice-versa (BC/CB) a porcentagem de acertos é intermediária, dentro da zona de acaso; desempenho preciso em cópia (CE/CF); e desempenho muito rasos em ditado (AE/AF). Os resultados evidenciam que se essa população for exposta a procedimentos de ensino de leitura mais sistemáticos como o Módulo de Ensino do ProgLeit®, dentre outros, a partir do fortalecimento de relações consideradas chave, pois estabelecem relação nodal com outras relações importantes, poderão demonstrar melhora no desempenho de leitura e de escrita sob ditado.

FAPESP (Auxílio # 2009/51798-7)

Palavras-Chave: classes de equivalência, avaliação, deficiência auditiva.

M

AEC

AVALIAÇÃO DA FORMAÇÃO DE CLASSES DE EQUIVALÊNCIA POR INDIVÍDUOS COM SURDEZ PROFUNDA SEM LINGUAGEM FORMAL. *Lucas Tadeu Garcia**; Deisy das Graças de Souza (Laboratório de Estudos do Comportamento Humano, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Comportamento, Cognição e Ensino),*

Investigar a formação de classes de estímulos equivalentes (modelo de significado) em indivíduos com baixo repertório verbal é importante para elucidar suas condições fundamentais. Indivíduos com surdez profunda, sem aprendizagem de uma língua formal, constituem uma população importante para se investigar o impacto da privação sensorial sobre seu funcionamento simbólico. Considerando a dificuldade apresentada por indivíduos com surdez profunda em aprender a ler, objetivou-se avaliar a formação de classes de equivalência entre três conjuntos de sinais (conjunto A), figuras (B) e palavras impressas (C), bem como a emergência de tato gestual (D). Os participantes foram uma mulher de 26 anos de idade, uma adolescente de 16 anos e uma criança de 5 anos. Todos estavam matriculados no ensino regular, apresentavam baixo vocabulário de LIBRAS e se comunicavam principalmente por meio de sinais idiossincráticos. Inicialmente foram realizados os pré-testes das relações entre os estímulos dos três conjuntos (AB, BC, CB, e CC) e das relações entre estímulos e respostas (AD, BD, CD), que implicam, respectivamente, em imitar o gesto e emitir o gesto diante da figura e diante da palavra impressa. Para o ensino das discriminações condicionais foi utilizado um procedimento de emparelhamento com o modelo computadorizado. As relações AB de linha de base foram ensinadas em um estudo prévio sobre aprendizagem de sinais da LIBRAS por exclusão. As relações simétricas BA foram avaliadas antes do ensino das discriminações CB de linha de base, assim como as relações potencialmente emergentes AC, CA e CD. O ensino das relações CB foi realizado por meio de um procedimento blocado, depois do qual foram avaliadas as relações simétricas BC. Sondas para as relações emergentes AC e CA foram inseridas entre 12 tentativas de linha de base após um treino e revisão de todas as relações AB e CB. Procedimentos remediativos (fading, treino de discriminações componentes) foram utilizados para os participantes que apresentaram dificuldade em aprender as discriminações de linha de base. A participante adolescente aprendeu as discriminações BC de linha de base e demonstrou formação de três classes de equivalência entre sinais, figuras e palavras. Esta participante demonstrou a formação de mais dois conjuntos de três classes de equivalência e seu desempenho sugere estabelecimento de learning set durante a linha de base, além da emergência da resposta gestual diante de todas as palavras ensinadas. O participante mais jovem demonstrou a formação de três classes de equivalência, mas não apresentou emergência das respostas gestuais. A participante mais velha não aprendeu a linha de base BC, mesmo com diferentes procedimentos remediativos. Um treino para relações entre sinais e figuras abstratas foi programado para superar as dificuldades apresentadas pela participante e, apesar do desempenho ter melhorado, o treino não foi concluído. Os resultados indicam que mesmo indivíduos com linguagem idiossincrática formam classes de equivalência, o que tem implicações sobre a caracterização destes indivíduos. A falha da participante mais velha é discutida em termos de outras dificuldades, além da ausência de uma língua formal, mas possibilidades para superá-las foram levantadas.

Apoio: FAPESP/INCT-ECCE

Palavras-Chave: Equivalência de Estímulos, Surdez, LIBRAS, Leitura.

D

AEC

Sessão Coordenada: **ASPECTOS EXPERIMENTAIS, NEUROBIOLÓGICOS E CLÍNICOS DA ANSIEDADE**

Os transtornos de ansiedade estão entre os mais freqüentes transtornos psiquiátricos, associados a sofrimento psicológico importante e grande prejuízo funcional. As terapias cognitiva e comportamental, baseadas na reestruturação cognitiva e na técnica de exposição, respectivamente, são as abordagens psicoterápicas mais estudadas e apontadas como primeira escolha para o tratamento destes transtornos, ao lado dos psicofármacos antidepressivos inibidores seletivos da recaptação da serotonina (ISRS). A eficácia dos tratamentos psicoterápico e farmacológico é bastante similar, e pesquisas apontam aspectos neurobiológicos comuns entre essas terapêuticas, sugerindo a possibilidade delas compartilharem, em nível neural, os mesmos mecanismos terapêuticos. O objetivo desta sessão é apresentar a concepção neuropsicológica atual das respostas emocionais de defesa, os modelos experimentais utilizados em seu estudo, e a aplicação dos modelos cognitivo e comportamental na clínica dos transtornos de ansiedade. Além disso, apresentaremos uma articulação destes modelos experimentais, neuropsicológicos e clínicos, buscando elementos comuns dos processos de aprendizagem envolvidos na resposta clínica a essas diferentes propostas de intervenção terapêutica. A identificação desses elementos poderá favorecer o aprimoramento dessas intervenções, bem como o desenvolvimento de novas estratégias terapêuticas, ainda mais eficazes e eficientes que as atualmente disponíveis.
Saúde Mental

ASPECTOS NEUROBIOLÓGICOS COMUNS DAS TERAPIAS COMPORTAMENTAL E COGNITIVA DOS TRANSTORNOS DE ANSIEDADE.. *Thiago Pacheco de Almeida Sampaio (Programa Ansiedade do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo AMBAN-IPq-HC-FMUSP/Episteme Psicologia.,*
Conforme a quarta edição do Manual Estatístico e Diagnóstico dos Transtornos Mentais (DSM-IV) os transtornos que apresentam a ansiedade, medo ou pânico como condição patológica primária, estão dentro da ampla categoria dos transtornos de ansiedade. Entretanto, as teorias neuropsicológicas atuais entendem a ansiedade como uma resposta emocional de defesa que guarda distinções neuroanatômicas e funcionais importantes de outras emoções tradicionalmente a ela relacionadas como o medo e o pânico. Embora essas diferenças favoreçam uma explicação neurobiológica para o sucesso diferencial da psicoterapia em relação à psicofarmacologia em alguns quadros de ansiedade (especialmente nas fobias), a literatura científica apresenta as terapias cognitiva e comportamental e a psicofarmacoterapia como os tratamentos mais eficazes para os transtornos de ansiedade em geral. Essas duas abordagens psicoterapêuticas, apesar de apresentarem divergências teórico-filosóficas importantes entre si, compartilham o objetivo de promover, de algum modo, mudanças consistentes e duradouras nas relações que a pessoa atendida estabelece com seu ambiente. No caso dos transtornos de ansiedade, o foco está fundamentalmente nas contingências aversivas (e seus respectivos comportamentos de esquiva), nas próprias relações respondentes presentes na experiência afetiva, e nas crenças e regras que, de algum modo, tomam parte na manutenção da ansiedade patológica. Em termos comportamentais, essas relações podem ser operantes ou respondentes, abertas ou encobertas, e incluem os aspectos cognitivo, afetivo, comportamental (motor e glandular) e fisiológico. Essas categorias descrevem diferentes níveis de análise dessas relações. Uma análise completa das relações organismo-ambiente não deve desconsiderar nenhum desses aspectos. O arsenal técnico das duas abordagens vem sendo estudado há anos, e o conhecimento dos processos fisiológicos (e mais especificamente os neurobiológicos) subjacentes à resposta clínica às intervenções cognitivas e comportamentais em indivíduos com diagnóstico de transtornos de ansiedade

apontam para uma convergência anatômico-funcional. Os estudos indicam que esses processos são, em ambos os casos, semelhantes aos responsáveis pela resposta clínica à psicofarmacoterapia, envolvendo as mesmas estruturas e circuitos e o mesmo tipo de alteração/normalização neurofuncional. Dados de pesquisas básica e aplicada sobre os processos neurobiológicos subjacentes à ansiedade patológica e aos seus três principais tipos de tratamentos serão analisados em conjunto, numa tentativa de articulação dos modelos cognitivo, comportamental e neurobiológico dos transtornos de ansiedade e de sua terapêutica, considerando o papel central de estruturas específicas do sistema cerebral de defesa nas respostas de ansiedade, medo e pânico e do córtex pré-frontal na produção dos efeitos terapêuticos. Palavras chave: Sistema cerebral de defesa, Sistema de inibição comportamental, Neuropsicologia da ansiedade, medo e pânico.

DISCUSSÃO SOBRE APLICAÇÃO CLÍNICA DE ALGUNS ESTUDOS EXPERIMENTAIS DE ANSIEDADE NA ABORDAGEM COMPORTAMENTAL. *Mariliz Vasconcellos**, Departamento da Saúde Curso de Psicologia da Universidade Nove de Julho Uninove São Paulo -SP/ AMBAN-IPq-HC-FMUSP.,*

Como parte da sessão coordenada intitulada: Aspectos experimentais, neuropsicológicos e clínicos da ansiedade. esse trabalho tem como objetivo fazer a discussão de alguns experimentos de pesquisa básica relacionados à incontrolabilidade sobre o meio em Análise do Comportamento, e sua aplicação clínica em um ambulatório destinado ao atendimento de indivíduos portadores de algum transtorno de ansiedade, situado no Hospital das Clínicas (HC) da cidade de São Paulo. Esse ambulatório é denominado Amban (Ambulatório de Ansiedade) e é composto por psiquiatras e psicólogos. O serviço de psicologia utiliza-se das abordagens cognitiva e comportamental para o atendimento aos pacientes. Assim tanto terapeutas de orientação cognitivista quanto comportaemntalista participam do corpo psicoterapêutico . . Ater-me-ei nesta apresentação a alguns experimentos da abordagem comportamental. . Há uma área de estudos em Análise do Comportamento denominada incontrolabilidade sobre o ambiente, que se caracteriza pela idéia de que ter controle ou poder sobre o meio produz sensações de bem estar, alívio e felicidade, por exemplo. Por outro lado, a falta de controle produz o inverso, ou seja, sensações de fracasso, desânimo, ansiedade e até depressão. Há alguns modelos experimentais relacionados à incontrolabilidade, a saber: supressão condicionada, desamparo adquirido ou aprendido, anedonia ou Estresse Crônico Moderado (CMS) e depressão por separação. Especificamente o presente trabalho se interessa pelas pesquisas relacionadas ao 1) desamparo adquirido ou aprendido e 2) supressão condicionada, que apontam que os organismos expostos à condição 1 apresentam inicialmente respostas de ansiedade (respondentes e operantes), alta de taxa de respostas de fuga ou esquiva mal sucedidas e por último depressão, ou supressão de respostas, mesmo que elas pudessem ser bem sucedidas no futuro. Esse modelo aponta que em um primeiro momento ocorrem ansiedade e sintomas de pânico e em um segundo momento o quadro de depressão. O modelo experimental 2 aponta que a aprendizagem de que estímulos aversivos irão surgir no ambiente, produzem supressão comportamental perante estímulos (pré aversivos) que sinalizam a ocorrência da estimulação aversiva. Além do indivíduo parar de responder quando há sinalização de aversividade, ele também apresenta respondentes de ansiedade. Vale ressaltar que esses dois modelos são apenas dois modos de explicação da ansiedade e que ajudam a atuação profissional dos psicólogos do serviço anteriormente mencionado. Vale ainda dizer que são necessárias mais pesquisas aplicadas dos modelos experimentais relacionados à incontrolabilidade, a fim de se obter mais clareza da eficácia e fidedignidade desses modelos para posterior utilização por parte dos profissionais da área de saúde mental. Palavras-chave: ansiedade, incontrolabilidade, experimentos, Análise do Comportamento.

ANSIEDADE, MEDO E PÂNICO: ASPECTOS NEUROBIOLÓGICOS. *Daisy Hernandes. Programa Ansiedade do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo AMBAN-IPq-HC-FMUSP,*

Com o lançamento do livro The expression of emotions in man and animals em 1872 Charles Darwin iniciou uma nova abordagem em relação às emoções . Desde então , emoções como medo e ansiedade e seus correspondentes comportamentos passaram a ser vistos por muitos como estratégias de defesa filogenéticamente herdadas a partir de um ancestral comum ao homem e demais vertebrados . Disto se depreende que , assim como os mecanismos de seleção natural foram determinantes para a presença das características fenotípicas de cada espécie hoje presente em nosso planeta , o foram também em relação a circuitos neurais pré programados para dispararem emoções e comportamentos frente a estímulos de perigo que eliciem tais reações . Três sistemas cerebrais comuns aos animais mais desenvolvidos e ao homem estariam então ligados direta ou indiretamente à defesa e portanto à sobrevivência (1) Sistema de luta- fuga : Ele se ativa diante de estímulos inatos aversivos (dor, predador..) e estímulos aversivos aprendidos. Desencadeia cptos de luta fuga e emoções de medo e pânico . Assim , se o animal em questão estiver frente à frente com seu predador , será liberado um padrão fixo de ação : se a fuga não for possível , alternará entre ataques repentinos ao predador e postura de completa imobilidade. Se , entretanto , a distância entre o animal e seu predador for um pouco maior , seu cpto será de fuga mais direcionada . A emoção aqui será de medo

Se , por fim houver uma distância ainda maior , onde haja tempo para melhor avaliação , o animal fará uso de suas memórias ontogenéticas para procurar a melhor saída para a situação . A emoção será também de medo. (2) Sistema do prazer : Ele se ativa diante de estímulos inatos de prazer (alimento, sexo..) e estímulos de prazer aprendidos . Desencadeia cptos de busca de prazer e emoção de prazer. Este sistema será importante para explicarmos os mecanismos neurobiológicos da ansiedade . (3) Sistema de inibição Comportamental : Ele se ativa diante de estímulos conflito , isto é, estímulos que contenham ao mesmo tempo um valor aversivo e um valor de prazer (inatos ou aprendidos) . Desencadeia inibição de cptos e ansiedade. Assim , se o animal estiver diante de uma situação onde ele possa obter uma recompensa mas ao mesmo tempo houver a possibilidade de uma punição , seu sistema de inibição comportamental determinará a inibição tanto de um cpto de aproximação para a busca do estímulo apetitivo . Esta inibição estará associada a uma análise detalhada dos riscos , um estado de alerta com ativação do sistema nervoso autônomo , aumento de atenção (avaliação do ambiente) e o sentimento de ansiedade.

Palavras chave: - Sistema de luta- fuga, Sistema do prazer, Sistema de inibição Comportamental

Evidências da eficácia da Terapia Cognitivo Comportamental no tratamento de transtornos de ansiedade. *Mariângela Gentil Savoia*

AMBAN FMUSP

Conscientia Núcleo de Estudos de Comportamento

,

A Ansiedade é uma experiência universal da espécie humana. Embora existam divergências teóricas, um ponto comum parece caracterizá-la: a sensação de apreensão quanto a algum perigo futuro não bem delineado. Encontramos perspectivas filogenéticas na ansiedade, sendo essa resposta resultante da seleção natural. Os homens ansiosos conseguiram sobreviver em detrimento dos não ansiosos. Portanto, sentir ansiedade é normal e adaptativo para os seres humanos.

Em contrapartida, a ansiedade é também um sintoma predominante de um grupo de transtornos, os transtornos de ansiedade, que são uma condição na qual a ansiedade, como sintoma diretamente relatado ou observado, está anormalmente elevada ou é desproporcional ao contexto ambiental. São estados emocionais repetitivos ou persistentes nos quais a ansiedade patológica desempenha papel fundamental, causando sofrimento e/ou prejuízo no funcionamento cotidiano do Indivíduo e que não se devem à presença de outros quadros clínicos. Cada um dos transtornos tem descrições comportamentais diferentes, mas o tratamento combinado Terapia Cognitivo Comportamental e farmacoterapia é o mais eficaz. O tratamento dentro da abordagem cognitiva comportamental tem como principais objetivos a redução da ansiedade o aumento das habilidades de enfrentamento e a melhora da qualidade de vida. Muitas são as definições utilizadas para se compreender TCC e diferenças quanto aos seus princípios, contudo na área clinica a integração das suas vertentes tem se propagado e sendo amplamente utilizada. Com corpo de conhecimento validado empiricamente, a TCC propicia uma contribuição importante às psicoterapias. Com objetivos claros acompanhados de uma boa análise da situação definem-se os fatores desencadeantes e mantenedores da queixa observando as relações de contingências e manipulação das mesmas proporcionando melhor resultado terapêutico. O emprego da análise funcional como ponto básico de diagnóstico e seguimento psicoterápico é imprescindível. Não existe um manual de atendimento a problemas específicos e sim um arsenal de técnicas que deverá ser empregado de acordo com cada paciente, de acordo com o repertório de cada um. Neste processo identificam-se os problemas decorrentes do transtorno ansioso, determinam-se os objetivos terapêuticos e um planejamento terapêutico em colaboração, terapeuta-cliente é implantado. Os procedimentos devem ser avaliados continuamente. A automonitoria e tarefas de casa são muito relevantes na TCC, a primeira nos dá quantitativa e qualitativamente os resultados das mudanças e a segunda a possibilidade de treinamento em ambiente natural dos comportamentos alvo. O objetivo deste trabalho é apresentar e discutir algumas pesquisas aplicadas em psicoterapia que embasam as afirmações acima.

Palavras chave: ansiedade, pesquisa aplicada, TCC

Sessão Coordenada: **Bullying e fatores associados: interações com a gestão escolar, a ansiedade social, a violência familiar e a criminalidade adulta.**

O Bullying tem sido uma das principais temáticas em estudos sobre educação e violência em todo o mundo. Observa-se tal afirmativa através da quantidade de publicações observadas nas revistas de diversos países, onde são apresentados resultados de inúmeras pesquisas, tais como: Journal of School Psychology, Agressive Behavior, School Psychology Quaterly, Educational Research, criminal Behavior and Mental Health. Neste sentido, a discussão sobre a temática associando-se com outras variáveis: gestão escolar, fobia social, violência familiar, criminalidade adulta e bullying, constitui-se algo relevante mediante a necessidade de compreensão abrangente e dinâmica do assunto. Dessa forma, caminha-se para uma concepção mais estruturada e contextualizada para a compreensão de um fenômeno que é caracteristicamente multideterminado e que sofre influência de fatores sociais, pessoais, biológicos e organizacionais para se consolidar. O conhecimento desse conjunto de fatores pode facilitar a prevenção e intervenção junto a essa temática preocupante para diversos segmentos de atuação profissional seja do psicólogo ou do profissional de educação, bem como, estimular outras pesquisas a testar as várias associações possíveis com outros desenhos metodológicos.
Psicologia Social

CRENÇAS DOS EDUCADORES SOBRE BULLYING E A GESTÃO EDUCACIONAL: RESULTADOS PRELIMINARES. *Fellipe Soares Salgado** (Universidade Federal de Juiz de Fora), Lélio Moura Lourenço (Universidade Federal de Juiz de Fora),*
O bullying vem sendo cada vez mais apontado pela literatura cientifica como um tipo específico de violência que, pela sua repetição ao longo da experiência escolar do aluno, é responsável pelo impacto negativo nos aspectos psicossociais, desenvolvimentais e de aprendizagem da criança e do adolescente. Este fenômeno é definido como o ataque físico, verbal ou psicológico entre colegas com o objetivo deliberado do agressor ou grupo de agressores de causar medo e angústia nos alvos. Caracteriza-se, também, pelo desequilíbrio de poder na relação agressor-vítima e os incidentes são repetidos ao longo de semanas ou meses, sendo a conduta caracterizada pela ação intencional. A presente pesquisa teve como objetivo principal analisar as crenças (sistemas de crenças) dos educadores com relação ao Bullying justificada pela literatura sobre o tema que referencia tais educadores como pessoas importantes na intervenção escolar dessa violência, responsáveis pela socialização dos alunos, pelo estimulo ao aprendizado e pela formação de valores e crenças. Tais profissionais podem eliciar condutas positivo propiciando condutas pró sociais bem administrados. Nesse sentido, suas crenças são relevantes para o entendimento do processo de gestão deste ambiente, bem como para a proposta de aplicação coerente de um clima favorável para alunos e educadores conviverem. O estudo das crenças está inserido na Psicologia Social de orientação cognitiva. É compreendida como sendo uma representação mental, uma cognição aceita por pelo menos uma pessoa. Apresenta valor empírico através de proposições declaradas abertamente pelo indivíduo que as comunica e é considerada o componente cognitivo das atitudes humanas. Participaram da pesquisa 19 educadores, dentre eles: professores, coordenadores pedagógicos, diretores e vice-diretores de duas escolas da rede municipal de ensino. Foi utilizada a metodologia qualitativa; os educadores responderam a uma entrevista semi-estruturada e o tratamento das entrevistas foi feito através da técnica de análise de conteúdo organizada através do software NVivo. Pôde-se observar, nos resultados preliminares, que os educadores são marcadamente composta de mulheres (84%), a adesão dos educadores em realizar alguma intervenção é fraca pela desmotivação para o trabalho interventivo em 72%. Apontam que não adiantar muito fazer algo ou mesmo não saberem o que fazer. Soma-se à

essa categoria a crença no bullying como algo normal (32%) ao período de desenvolvimento, algo como um teste de habilidades e busca por espaço no ambiente, sem maiores consequências psicossociais. A falta de apoio e participação dos pais os fazer acreditar (83%) que nada funcione já que os alunos passam um tempo em casa que não tem qualidade nas relações somada ao fato de ser de casa que trazem seus modelos de comportamento e valores. Quanto ao conceito de bullying 87% deles o caracterizam de forma difusa ou incompleta ou mesmo incluindo todo tipo de comportamento avaliado como negativo, como o aluno xingar pelo corredor sozinho. 81% dos educadores acreditam que o agressor é culpado pela agressão devendo ser punido por isso. O uso de métodos punitivos é o mais empregado; pois, segundo eles, é o único que funciona. Dessa forma, programas interventivos podem considerar tais aspectos em seus modelos de ação.

Apoio financeiro: Bolsa Monitoria-UFJF
Palavras-chaves: bullying, gestão educacional, escola, crença.

M
SOCIAL

BULLYING ESCOLAR E CRIMINALIDADE ADULTA: QUAL A POSSÍVEL RELAÇÃO ENTRE ELES?.

*Adriana A. de Almeida** (Universidade Federal de Juiz de Fora), Lélio Moura Lourenço (Universidade Federal de Juiz de Fora),*

Criminalidade é entendida como um conjunto de atos criminosos que ocorrem em um determinado local. Estes atos vão contra as regras estabelecidas por uma sociedade, podendo ser alteradas ao longo do tempo. Tentar entender porque as pessoas cometem crimes não é fácil. Não há uma verdade universal, tendo apenas diferentes fatores que quando combinados tentam explicar a causa de tais comportamentos, havendo na literatura vários modelos teóricos que focam alguns fatores em particular. A criminalidade possui inúmeras motivações e fatores, internos ou externos, concorrentes que facilitam o surgimento dos crimes. Alguns fatores determinantes podem estar envolvidos no início de comportamentos infratores como fatores individuais: baixa realização escolar, bullying; familiares: supervisão parental pobre, abuso físico infantil; socioeconômicos: baixa renda familiar, tamanho da família; de pares: ter pares delinquentes, ser rejeitado; escolares: como taxa de delinquência alta, gestão ruim; e da vizinhança: como alto número de crimes. Nos últimos anos, o bullyingtem sido um dos tipos de violência escolar com maior destaque no meio acadêmico. Ele traz consequências prejudiciais a curto e longo prazo para todos os envolvidos neste contexto, em especial para as vítimas que podem apresentar quadros de depressão, baixa autoestima, pensamentos suicidas, dores de cabeça e de estômago, entre outros; e para os agressores que podem apresentar comportamentos de risco como consumir álcool e outras drogas, portar armas, se envolver em brigas e em comportamentos agressivos, delinquentes e violentos. Com relação às consequências a longo prazo, esta parte da sessão coordenada visa discutir a possível ligação existente entre bullying escolar e o envolvimento em atos de criminalidade na idade adulta. Em revisão sistemática da literatura feita pelo autorentre os anos de 2007-2012, nas bases de dados Web of Science, Scopus, Eric, PsycInfo, Jstor, BVS, Redalyc e Dialnet, com os descritos crime, criminality, offender e delinquency associados ao descritor bullying no campo título de cada base e selecionados apenas os artigos com texto completo,foram encontrados 16 artigos. Com relação aos resultados 90,4% das publicações encontraram alguma associação entre bullying infantil e criminalidade posterior, apenas 9,4% não encontraram associação ou encontraram de forma limitada. Dentre as publicações que encontraram associação, os papéis nos episódios de violência entre pares que mais apareceram relacionados à criminalidade posterior foram: agressores 31,5% e vítimas 15,7% (26,3% das publicações não especificaram).Assim sendo, essa discussãovisacontribuir para o aumento do conhecimento

sobre o tema ediscutir a importância de uma maiorênfase dos programas de intervenção contra o bullying na escola como forma também de diminuir a criminalidade posterior.Criar medidas preventivas contra comportamentos antissociais em fases ainda precoces do desenvolvimento influencia também na diminuição da probabilidade de envolvimento em situações que inflijam a lei. Essa discussão é importante para aumentar o conhecimento dos profissionais que trabalham diretamente com esta população, assim como mostrar para os governantes de forma geral que investir apenas no sistema de segurança pública de forma a reprimir o crime não é uma medida eficaz, se pontos que são cruciais para a perpetuação do crime não são alterados.

Apoio financeiro: Bolsa CAPES Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Palavras-chaves: bullying, criminalidade, consequências.

M

SOCIAL

A RELAÇÃO ENTRE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E BULLYING ENTRE ADOLESCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL. *Luciana Xavier Senra**(Universidade Federal de Juiz de Fora), Lélio Moura Lourenço (Universidade Federal de Juiz de Fora), Marcel de Toledo Vieira (Universidade Federal de Juiz de Fora),*

O fenômeno da violência afeta a população mundial causando prejuízos sociais e de saúde para indivíduos, famílias e comunidades. No âmbito doméstico, a violência ocorre entre membros com vínculo afetivo, convivendo no mesmo ambiente. Envolve condutas agressivas física, sexual, psicológica, patrimonial e financeira, de abuso e negligência, expressas entre pessoas em condições desiguais de poder. As principais vítimas são idosos, mulheres, adolescentes e crianças. Os danos causados, sobretudo para crianças e adolescentes são: problemas fisiológicos, transtornos de stress pós-traumático, depressão, ansiedade, isolamento e conduta agressiva, baixo desempenho acadêmico, envolvimento em situações de bullying, violência escolar e delinquência juvenil. A violência escolar consiste em danos patrimoniais e em atos de agressão contra gestores e entre os pares escolares. A agressão entre pares é denominada bullying, o qual é definido como um fenômeno sem motivação aparente, caracterizado por agressão física e psicológica intencionais, repetitivas e contínuas ao longo do tempo contra um indivíduo em situação de desigualdade de poder, sem condições de defesa ou reversão da situação. Tais situações se devem às características psicológicas, físicas, étnicas, sociais, culturais e econômicas específicas. O bullying consiste em atos de bater, chutar, empurrar, apelidar, humilhar, ameaçar, coagir, xingar, falar depreciativamente de alguém, excluir e isolar socialmente. No Brasil, os principais envolvidos são adolescentes com faixa etária entre os onze e os quinze anos, cursando o ensino fundamental. A literatura recente sobre a temática tem evidenciado uma relação entre os fenômenos supracitados. Com base nisso, foi feita uma pesquisa (submetida e aprovada pelo comitê de ética em pesquisa com seres humanos) em um município brasileiro visando identificar e estudar características da relação entre Violência Doméstica e Bullying entre adolescentes do sexto ao nono anos do ensino fundamental. O estudo teve delineamento transversal de natureza observacional, com alocação probabilística dos participantes e duas etapas de abordagem: (I) pesquisa de campo quantitativa e descritiva, visando o levantamento da prevalência de bullying e para explorar os tipos de envolvimento nas situações de bullying, utilizando o Questionário de Bullying, com testagens paramétricas e não paramétricas; e (II) estudo de campo qualitativo com entrevistas semiestruturadas submetidas à técnica de análise de conteúdo, que objetivou identificar e estudar os contextos e perspectivas relativas à violência doméstica(VD) e ao bullying com os adolescentes. Todos os participantes receberam informações relativas à pesquisa e a adesão,

voluntária, por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE. Os resultados corroboraram a literatura mostrando a estreita relação entre os fenômenos, embora nessa pesquisa não tenham sido identificadas vítimas diretas de VD, apenas espectadores. Em relação ao gênero, constatou-se que 36.98% eram meninos e 63.02% meninas. Observou-se que 5.35% dos envolvidos em bullying eram agressores e 12.37% vítimas. Constatou-se 37% de meninos e 63% meninas. As condutas de bullying mais comuns foram: apelidar (31.5%), pegar objetos sem permissão (14.5%) e isolamento (10.2%). Os tipos de VD que estiveram mais expostos foram à psicológica/verbal (41.7%) e a física (33%), correlacionadas àquelas reproduzidas entre os estudantes, conforme evidenciado pelas entrevistas.

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES
Palavras-chave: violência doméstica, bullying, adolescentes, ensino fundamental.
M
SOCIAL

BULLYING E VIOLÊNCIA ESCOLAR: IMAGENS PRODUZINDO CONCEPÇÕES.. *Juliana Soares da Silva* (Universidade Federal de Sergipe) Jackeline Maria de Souza** (Universidade Federal de Sergipe) Joilson Pereira da Silva** (Universidade Federal de Sergipe),*

A ocorrência frequente de bullying constitui-se uma das questões mais inquietantes da atualidade incidida no ambiente escolar, e sobre tal fenômeno entende-se que é todo tipo de prática agressiva, repetitiva, sem motivação evidente, intencional, que ocorre entre pares em uma relação desigual de poder, podendo ser física, verbal, psicológica ou sexual. É um comportamento que produz consequências individuais e sociais relevantes, e, sobretudo, negativas, como sofrimento, angústia, baixa autoestima, baixo rendimento e evasão escolar. Acerca disso, observa-se que a imagem é um importante meio revelador desse cenário, uma vez que, oferece grande riqueza de informações sobre vários aspectos da vida de uma pessoa e o conhecimento de diferentes contextos e situações, algo que é potencialmente útil ao estudo da psicologia. Nessa perspectiva a violência escolar se refere a bullying, dano ao patrimônio e violência simbólica. Para tanto, esse estudo teve como objetivo investigar a representação de bullying e violência escolar que possuíam escolares do ensino fundamental, assim como, verificar quais práticas agressivas eram mais frequentes na escola. Para isso, realizou-se uma intervenção de cunho qualitativo em uma escola pública do estado de Sergipe. A amostra foi composta por oito participantes, sendo cinco meninos e três meninas, com idade média entre 12 e 14 anos, e escolhidos de forma aleatória. Foram aplicadas entrevistas semiestruturadas, bem como, utilizadas 12 fotografias (escolhidas em um site de buscas de domínio público, com situações de violência física, psicológica e verbal) e um gravador de voz. As imagens foram apresentadas ao decorrer da entrevista após a realização de perguntas sobre se os sujeitos já foram ou eram autores, foram ou eram alvos ou testemunhas de bullying e/ou violência escolar. As entrevistas foram individuais e tiveram a duração aproximada de 30 minutos. De acordo com os resultados, através da análise de conteúdo, observamos que 87% já presenciaram violência na escola, principalmente bullying, através de agressões verbais, como apelidos e xingamentos. Quando presenciavam cenas de violência na escola apenas 37% dos participantes relataram ajudar o alvo. Dos entrevistados, 50% já foram alvos de bullying por meio de agressões físicas e verbais e 50% afirmaram terem sido autores deste tipo de prática. Com relação às fotografias, observamos que as imagens mais representativas de violência na escola, são aquelas onde há um grupo contra um individuo e a vítima encontra-se frequentemente em posição inferior, seja em agressões físicas ou verbais. As imagens que mais presenciaram na escola apresentavam em seu conteúdo cenas de dano ao patrimônio e exclusão, no entanto, 62% afirmaram que a agressão física produz mais

sofrimento do que a agressão verbal e a exclusão. Discute-se que fotografias que contém em seu conteúdo cenas de agressão física representam mais a violência escolar e bullying do que imagens contendo outro tipo de agressão. No entanto, este estudo aponta que, a incidência mais recorrente de bullying e violência escolar se encontram em práticas de exclusão e agressão verbal, assim como dano ao patrimônio.
Palavras-chave: Bullying, Violência Escolar, Fotografia.
IC (Bolsista PIIC - Programa Especial de Inclusão a Iniciação Científica, financiado pela Fundação Universidade Federal de Sergipe).
OUTRO
SOCIAL

BULLYING NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E ANSIEDADE SOCIAL NA VIDA ADULTA. *Francesca Stephan** (Universidade Federal de Juiz de Fora) e Lélio Moura Lourenço (Universidade Federal de Juiz de Fora),*
O Bullying é um tipo específico de violência entre pares, interrelacional, descrito como um abuso de poder continuado ao longo do tempo, com a intenção clara de afligir, intimidar e agredir outra pessoa no convívio permanente em locais coletivos, ocorrendo, preferencial, mas não exclusivamente, nas escolas. Bullying pode então ser considerado como um fator de forte interferência negativa para o desenvolvimento psicológico, social e afetivo do individuo. A Ansiedade Social\\Fobia Social é caracterizada como um quadro patológico no qual uma pessoa teme a convivência social por estar preocupada em ser humilhada e constrangida. A dificuldade em situações sociais durante a infância e adolescência pode influenciar no desenvolvimento de habilidades sociais necessárias para posterior funcionamento acadêmico, social e profissional. Torna-se necessário um maior entendimento entre dificuldades de socialização na infância e adolescência, e o desenvolvimento de Fobia social na idade adulta. Com o objetivo de analisar a relação que os participantes estabelecem entre as experiências de Bullying na infância e adolescência e os sintomas atuais de Ansiedade Social, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com pacientes fóbico sociais do Programa de Transtornos de Ansiedade da Secretaria Municipal de Saúde do Município de Juiz de Fora. As entrevistas foram analisadas segundo a técnica de análise do conteúdo de material transcrito à partir das entrevistas gravadas realizadas com os pacientes. Como resultados podemos destacar o número importante dos participantes pesquisados que tiveram experiências significativas de vitimização escolar. Todos os quinze participantes tiveram experiência de violência escolar, dos quais doze tiveram lembranças de experiências de vitimização no período escolar. Grande parte dos participantes foi alvo de apelidos durante todo o período escolar, e também sofreram experiências de isolamento ou exclusão. Essas experiências em sua maioria ocorreram em sala de aula, e os participantes não contaram para ninguém os episódios sofridos. Os participantes relataram memórias fortes dessas experiências ruins na escola, com presença de pesadelos com esses eventos na escola. Os relatos de perseguição na escola, humilhação, insegurança e exclusão também foram exemplificados em situações de convivência familiar, com relatos de perseguição por membros da família, brigas entre os pais e familiares. Como consequência atual da experiência de vitimização vivida os participantes apontaram as dificuldades de convivência no trabalho, com episódios de perseguição por colegas e isolamento, dificuldade em confiar nos demais e de fazer amigos. A pesquisa aponta para aspectos multidirecionais das experiências de bullying no período escolar no que se refere ao comprometimento social dos envolvidos.
Palavras-chave: Bullying, Ansiedade Social, Consequências.
M
SOCIAL

A TEMÁTICA DA VIOLÊNCIA ESCOLAR / BULLYING, SUAS PRINCIPAIS INTERAÇÕES E FENÔMENOS CORRELATOS.. *Lélio Moura Lourenço (Universidade Federal de Juiz de Fora),*

De origem latina, o vocábulo violência vem da palavra vis, que quer dizer força e se refere às noções de constrangimento e superioridade física sobre o outro. No sentido material os eventos violentos são relativos a conflitos de autoridade, às lutas pelo poder e à vontade de domínio. A consideração sobre a mesma é plástica, variando de acordo com épocas, circunstâncias, locais e culturas. Frequentemente o fenômeno integra o âmbito familiar, afetando as relações interpessoais nesse e desse organismo. Embora ocorra entre todas as faixas etárias, são as crianças e adolescentes, por estarem em processo de crescimento, os que se apresentam em situação de maior vulnerabilidade. A preocupação com a temática da violência escolar traduz-se no grande aumento da investigação sobre a mesma, sendo entendida ou descrita em suas diversas especificidades. O bullying é uma dessas realidades, vivenciada e analisada neste universo. O bullying identificado por se tratar de uma agressão continuada corresponde a um abuso sistemático de poder entre pares, devido a diferenças de variada natureza, como força/tamanho, habilidade/capacidade, hierarquia ou, ainda, características de personalidade. É fenômeno de intimidação física, verbal ou psicológica; produzida com a intenção de causar medo, perturbação ou injúria, e associam-lhe igualmente, a diferenciação do agressor pela sua força ou dominância. Trata-se de uma forma de agressão sistemática, repetida e intencional, seja ela física, verbal ou relacional e que se manifesta de maneiras diversas, como bater, provocar repetidamente, extorquir dinheiro, chamar nomes, excluir ou ainda espalhar histórias humilhantes sobre a pessoa alvo. O Núcleo de Estudos em Violência e Ansiedade Social - NEVAS é um grupo de estudos, pesquisa e extensão, que desenvolve trabalhos de intervenção comunitária e clínica nas temáticas de violência, violência doméstica, bullying, contextos sócioeducativos, avaliação psicológica e ansiedade social. O NEVAS participa do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora - MG e conta com parcerias nacionais e internacionais, tais como a Professora Doutora Beatriz Oliveira Pereira do Instituto de Educação da Universidade do Minho em Portugal e o professor Doutor Makilim Nunes Baptista Universidade São Francisco em Itatiba - SP. Este núcleo integra, através das pesquisas de seus discentes e orientados pelos docentes, aspectos do bullying com a temática da violência mais ampla e a ansiedade social observando de que forma eles se aproximam. Aspectos como gestão escolar; fobia social, violência familiar, entre outras questões, interagem com o fenômeno; aumentando o interesse da academia por esse estudo.

Palavras-chave: violência, violência escolar, bullying.

SOCIAL

Sessão Coordenada: **Comportamento normativo do brasileiro: Jeitinho, política e identificação com o grupo**

Trata-se de um conjunto de trabalhos que investigaram aspectos normativos do comportamento social do brasileiro em contextos que incluem a identificação com o grupo usando a teoria do gerenciamento do terror, dimensões diversas do jeitinho brasileiro e tomadas de decisão política em eleições. Os autores pertencem a diferentes grupos, de duas instituições. A sessão coordenada se justifica por apresentar dados de programas sistemáticos de pesquisa sobre esses temas, considerando a emergência do jeitinho brasileiro como objeto relevante para a psicologia social brasileira e das normas sociais como construto central na área.
Psicologia Social

COMO O BRASILEIRO VOTA? AUTO E HETEROPERCEPÇÕES DE NORMAS SOCIAIS EM CENÁRIOS DE ELEIÇÕES. *Bárbara Monteiro*, Fabio Iglesias, Beatriz Amorim da Cruz*, Esther de Lima Duarte* e Fernanda Barreto Borgatto* / Universidade de Brasília, Amalia Raquel Pérez-Nebra / Centro Universitário de Brasília ,*
A divulgação de pesquisas sobre a intenção de voto é frequentemente identificada como um fator que influencia a escolha de candidatos em eleições, considerando fenômenos de conformidade e de prova social. De um lado, candidatos com baixa intenção de voto podem ter seu eleitorado diminuído, enquanto de outro, candidatos com alta intenção de voto podem angariar mais eleitores. A maneira pela qual o indivíduo vota pode ser diretamente influenciada pela maneira com que eles acredita que as outras pessoas se comportam. Além disso, o fenômeno de ignorância pluralística, caracterizada pela discrepância entre a percepção da norma social do indivíduo sobre ele e sobre os outros, pode influenciar como os eleitores percebem a política como um todo. O objetivo deste estudo foi investigar a influência da ignorância pluralística na escolha de candidatos a cargos políticos. Participaram 288 eleitores (165 mulheres) com faixa etária entre 17 e 70 anos. Foram utilizados uma escala de 17 itens atitudinais sobre política (com 5 categorias de discordância) e um cenário que simulava o dia de eleição em que o participante deveria escolher um candidato fictício ao ser informado por gráficos de porcentagem de intenção de votos para cada concorrente. Os gráficos variaram em três condições, com distintas distribuições das porcentagens de voto, dando ao participante a chancer de manter ou mudar seu voto depois de visualizá-los. Testes t para amostras pareadas revelaram que todas as médias de auto-percepções se mostraram significativamente maiores que as hetero-percepções (ps < 0,05). Não foram encontradas diferenças em função do sexo e da faixa etária dos participantes. Os gráficos divulgando resultados das pesquisas eleitorais não parecem ter gerado efeito nesses julgamentos, mas testes de Mann-Whitney revelaram que quem mudou o voto possui escolaridade mais baixa, $Z = 4,85$, $p < 0,001$; e menor renda, $Z = 2,44$, $p < 0,001$. Os resultados evidenciam a ocorrência de ignorância pluralística, ao se verificar que que os eleitores mantêm julgamentos sistematicamente equivocados sobre os outros. Isso pode significar que as pessoas se consideram mais conscientes e engajadas, mas ironicamente pode provocar ilusão de invulnerabilidade e portanto más escolhas. Embora as pesquisas eleitorais não tenham gerado efeito nesses julgamentos, os eleitores mudaram seu voto em algumas condições, especialmente os participantes de baixa escolaridade e baixa renda. Dada a escassez de trabalhos no Brasil sobre o efeito da divulgação de pesquisas eleitorais, reuniram-se aqui dados preliminares para que se possa discutir esse tipo de problema, o que pode envolver a mídia, a legislação eleitoral e sondagens de opinião pública.

ENTRE A SIMPATIA E A CORRUPÇÃO: UM ESTUDO SOBRE FATORES DE PERSONALIDADE RELACIONADOS COM O JEITINHO BRASILEIRO.. *Rebeca Harumi Guenka*, Marco Akira*

*Miura**, Ronaldo Pilati (GEPS, Laboratório de Psicologia Social, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de Brasília, Brasília, DF),*

O jeitinho brasileiro é entendido em termos das estratégias adotadas em situações especiais e/ou difíceis. Indivíduos pedem um jeitinho ao lidar com obstáculos que envolvem regras pré-estabelecidas e relações de poder. Portanto, ele é um conceito ambíguo, relacionado tanto à simpatia e criatividade quanto à corrupção. Um estudo prévio observou a distinção entre o jeitinho criativo, de quebra de normas e de quebra de leis por meio de cenários típicos. O objetivo deste estudo foi desenvolver e testar a estrutura de uma escala de auto relato sobre comportamentos relacionados ao jeitinho brasileiro. Além disso, também foram investigados possíveis preditores do jeitinho a partir das características sociodemográficas e do modelo dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade. Um questionário contendo 37 itens referentes a cinco dimensões teóricas do jeitinho foi aplicado nas cinco regiões do Brasil por meio da internet. Paralelamente, os participantes responderam à versão reduzida do questionário de personalidade dos Cinco Grandes Fatores. Participaram da pesquisa 362 brasileiros, predominantemente mulheres (73%), residentes nas cinco regiões do país, com idade entre 18 e 73 anos. Primeiramente, realizou-se a análise fatorial exploratória dos itens de jeitinho e, em seguida, foram investigadas as relações dos fatores observados com os perfis sociodemográficos e com os traços de personalidade. Os resultados confirmam observações prévias sobre a dimensionalidade do construto do jeitinho. A fatoração por eixos principais indicou que a escala é composta por dois fatores correlacionados. Jeitinho simpático , composto por itens de cordialidade e criatividade, é predito por traços de abertura a novas experiências, β = 0,223, t(134) = 3,00, p < .01 e agradabilidade, β = 0,403, t(134) = 5,353, p < 0,001. Contudo, as médias deste fator não diferiram de acordo com as regiões do país, F (4, 309) = 1,417, p = ns. O fator malandragem , composto por itens de estratégia, desrespeito à normas e prejuízo, é predito pelo traço de conscienciosidade, β = -0,242, t(134) = -2,798, p < 0,01, e pela idade do indivíduo, β = -0,261, t(134) = -3,126, p < 0,01. Observou-se um efeito significativo da região do país sobre a média deste fator, F (4,309) = 6,561, p < 0,001. Comparações post hoc indicaram que a média na região Nordeste (M = 2,08, DP = 0,420) foi significativamente maior que na região Centro-Oeste (M = 2,04, DP = 0,42) e na região Sudeste (M = 1,78, DP = 0,458). O jeitinho brasileiro tem gradualmente atraído a atenção de cientistas sociais brasileiros e estrangeiros. Por exemplo, psicólogos transculturais comparam o jeitinho brasileiro com fenômenos semelhantes, como o Guanxi, na China. Os resultados obtidos neste estudo confirmaram as expectativas acerca da dimensionalidade do jeitinho. Além disso, observou-se que diferentes formas de jeitinho estão relacionadas a diferentes traços de personalidade. Este estudo faz parte de uma linha de pesquisa envolvendo pesquisadores do Brasil e da Nova Zelândia, que busca compreender os processos psicossociais envolvidos no comportamento do jeitinho brasileiro.

AVALIAÇÃO DE UM MODELO MULTIDIMENSIONAL DO JEITINHO.. *Rebeca Harumi Guenka*, Marco Akira Miura**, Ronaldo Pilati / Universidade de Brasília,*

As teorias sobre o jeitinho brasileiro o reconhecem como um construto cultural complexo, multidimensional. No âmbito da psicologia, observou-se a existência de sete temas centrais do jeitinho brasileiro. Neste trabalho, são relatados dois estudos que tiveram como objetivo avaliar aspectos de validade deste modelo multidimensional. No primeiro estudo, realizou-se a análise fatorial exploratória de uma escala baseada nas dimensões hipotetizadas. Em seguida, realizou-se a análise confirmatória da escala e comparou-se o instrumento com medidas do jeitinho previamente desenvolvidas. Estudo 1: Participaram do primeiro estudo 393 brasileiros residentes nas cinco regiões do país, dos quais 71,8% eram mulheres e apresentaram idade variando entre 18 e 73 anos (M = 33,15, DP = 12,18). A aplicação da escala ocorreu via internet e os participantes responderam aos itens de jeitinho e, em seguida, medidas de personalidade

e valores humanos. A partir da fatoração por eixos principais, foram observados cinco fatores distintos - simpatia , criatividade , malandragem , desrespeito a normas e prejuízo - com cargas fatoriais que variaram de 0,356 a 0,808 e coeficientes de confiabilidade de 0,60 a 0,77. Estudo 2: O segundo estudo foi realizado com estudantes universitários da região centro-oeste (N = 277) com idade variando entre 18 e 79 (M = 26,16, DP = 9,83), dos quais 72,6% eram mulheres. Os participantes responderam, juntamente com a escala desenvolvida no primeiro estudo, o Questionário do Jeitinho Brasileiro (JB), composto por cenários típicos do jeitinho e dividido em três fatores: quebra de normas, criatividade e quebra de leis. A análise fatorial confirmatória mostrou índices marginais de adequação dos dados ao modelo [χ²(265) = 709,90; χ²/df = 2,67; IFI = 0,74; GFI = 0,83; AIC = 879,87; SRMR = 0,08; RMSEA (90%CI) = 0,077 (0,070; 0,084)]. Para comparação entre as medidas, foi realizada uma análise de regressão múltipla tendo como variáveis preditoras os fatores da escala desenvolvida no Estudo 1 e os fatores do Questionário do JB como variáveis critério. O jeitinho criativo foi predito pelos fatores de simpatia [β = 0,172; t(271) = 2,491; p < 0,05] e criatividade [β = 0,187; t(271) = 2,856; p < 0,01]. Os cenários de quebra de normas foram preditos pelos fatores de criatividade [β = 0,168; t(271) = 2,674; p < 0,01] malandragem [β = 0,333; t(271) = 5,972; p < 0,001] e prejuízo [β = 0,180; t(271) = 3,011; p < 0,01]. Por fim, o jeitinho corrupto (quebra de lei) foi predito pelo fator de malandragem [β = 0,296; t(271) = 5,163; p < 0,001]. O fator de desrespeito a normas não se mostrou preditor de nenhuma modalidade do jeitinho. Os resultados encontrados suportam a hipótese de que o jeitinho brasileiro é um construto bidimensional e que a simpatia - traço tipicamente atribuído ao brasileiro - não tem relação direta com os comportamentos transgressivos do jeitinho. Além disso, observamos que o jeitinho pode ser reconhecido como norma social. Este estudo faz parte de uma linha de pesquisa de pesquisadores do Brasil e da Nova Zelândia, que busca compreender os processos psicossociais envolvidos no jeitinho brasileiro.

JULGAMENTO DE CONCORDÂNCIA DO JEITINHO BRASILEIRO. *Rebeca Harumi da Nóbrega Guenka*, Ronaldo Pilati / Universidade de Brasília,*

O jeitinho brasileiro é um componente da identidade nacional do brasileiro e é percebido como uma estratégia de resolução de problemas que envolve a quebra de regras, leis ou convenções sociais por meio da influência social. O jeitinho pode ser visto como uma estratégia que demanda habilidades (simpatia, malandragem e criatividade), exerce um impacto sobre outros e sobre a ordem social, funciona como uma ferramenta de desafio às relações hierárquicas e a obstáculos sociais e pode ser visto como positivo ou negativo. Apesar da descrição apresentada anteriormente, o jeitinho é, ainda, um construto em processo de definição, com baixo consenso entre os autores e poucos estudos empíricos, sendo esta produção concentrada majoritariamente nas áreas de antropologia e comportamento organizacional. Esta pesquisa se insere em uma linha de estudos que busca investigar os processos envolvidos no jeitinho brasileiro, partindo da perspectiva da psicologia social. Estudos demonstraram que o jeitinho é constituído de quatro dimensões, sendo elas: simpatia, malandragem, criatividade e corrupção. O presente trabalho teve como objetivo verificar o julgamento da concordância como variável dependente da manipulação do priming de jeitinho nos participantes, por meio de julgamentos de cenários após a apresentação do mindset priming que era feito por imagens, que variavam com as condições, sendo a hipótese principal que os participantes que compuseram grupos experimentais apresentariam maior concordância com situações típicas de jeitinho do que participantes que compuseram o grupo controle. Além disso, foi pesquisado também se o nível de desejabilidade, moralidade e identificação do participante como brasileiro influenciaria no julgamento dos cenários. Os sujeitos foram divididos em quatro grupos que variavam de acordo com as condições de

priming: corrupção, malandragem, criatividade e neutro (como condição controle). Era entregue um questionário contendo um escala de identificação, uma página com o mindset priming, uma escala de desejabilidade, os cenários referentes a jeitinho que deveriam ser julgados e uma escala de moralidade. Participaram 62 sujeitos. Foi encontrado que quanto menor o escore do participante na escala de desejabilidade, mais ele de identificava com os cenários de malandragem ($r=-0,511$; $p<0,001$) e corrupção ($r=-0,297$; $p=0,019$). Isso também aconteceu com a escala de moralidade, em que quanto maior o escore do sujeito nesta escala menos ele se identificava com o cenário de corrupção ($r=0,273$; $p=0,032$) e de malandragem ($r=0,352$; $p=0,005$). Os resultados acerca da efetividade da ativação dos primings indicaram que nenhum deles teve efeitos significativos sobre o julgamento dos cenários de malandragem [$F(2, 58) = 1,95$; $p=0,13$], corrupção [$F(2,58) =1,024$; $p=0,38$] e criatividade [$F(2,58) =1,24$; $p=0,513$], o que demonstra que não ocorreu efeito da ativação sobre o julgamento dos cenários. Os resultados obtidos nesta pesquisa, por meio da manipulação do priming, contribuem para os estudos de psicologia social acerca do construto do jeitinho brasileiro demonstrando que são necessárias mais pesquisas que tentem descobrir variáveis que ativem diretamente o conceito de jeitinho, como isso ocorre e por que ocorre, podendo então ter uma conceituação mais coesa do construto, das dimensões que o compõem e de seus antecedentes e consequentes.

O QUE ME FAZ MAIS BRASILEIRO? : TESTANDO A TEORIA DO GERENCIAMENTO DO TERROR SOBRE A IDENTIFICAÇÃO COM O GRUPO. *Luiza Fernandes Lootens Machado* e Fabio Iglesias / Universidade de Brasília ,*

A premissa básica da teoria do gerenciamento do terror (terror management theory) é a de que o sistema de crenças de um grupo a que um sujeito se apega tem papel fundamental em minimizar a angústia derivada da certeza de sua mortalidade. Assim, o sentimento de pertença a um grupo mantém afastados pensamentos ligados à própria morte, dado que imbui à vida um certo sentido e ao membro do grupo uma certa importância. No Brasil, o uso dessa teoria é evidente, por exemplo, nas embalagens de maços de cigarro (com fotografias que mostram efeitos negativos do tabagismo), assim como em campanhas de trânsito (com imagens de acidentes e mortes). A teoria tem sistematicamente recebido suporte empírico, por meio de pesquisas com o seguinte padrão: expõem-se os participantes a condições de saliência da morte e, em seguida, medem-se suas atitudes com relação a seus grupos culturais (nacionalidade, religião etc) ou a grupos que coloquem em xeque as suas crenças. O objetivo deste estudo foi testar essa relação em contexto brasileiro, dado que não se tem conhecimento de explorações nacionais desse cunho. Participaram 93 universitários (26 homens), com média de idade de 20,2 anos. Ao grupo experimental ($n = 48$) foi aplicado um questionário composto de três partes: 1) uma tarefa com priming de pensamento de morte, em que o participante era requisitado a responder duas questões abertas acerca de suas crenças e emoções sobre a própria morte (variável independente); 2) uma escala de 14 itens de identificação com os brasileiros (variável dependente); 3) dados sociodemográficos. Aos demais participantes, que formaram o grupo controle, foi aplicado um questionário com a mesma estrutura, substituindo as perguntas sobre morte por perguntas a respeito de emoções advindas do pensar em restaurante/comida (estímulo neutro). Nas respostas do grupo controle perceberam-se, no entanto, referências à família, amigos e comidas étnicas nas respostas abertas. Podendo isto gerar efeito na escala de identificação com os brasileiros, resolveu-se dividir o grupo controle em dois: o dos participantes que fizeram referência a grupos em suas respostas ($n = 30$) e os que não fizeram referência ($n = 18$). Verificou-se diferenças marginalmente significativas nos escores da escala de identificação com os brasileiros entre os três grupos $F(2,90) = 2,829$, $p = 0,06$. Em análises post-hoc, encontrou-se diferença de médias marginalmente significativa ($p=0,06$) entre o grupo controle com

referência a grupo e o sem referência. No entanto, não foi encontrada diferença significativa entre o grupo experimental e os dois de controle, sugerindo que o priming de morte não teve efeito na escala e que novas manipulações experimentais precisam ser testadas neste contexto. Deve-se considerar que grande parte das pesquisas com esse tema tem sido realizadas nos Estados Unidos, país de orientação mais individualista. No Brasil, coletivista, o fato de os valores de grupo serem mais evidentes pode restringir o efeito da saliência da morte na identificação com o grupo, assim como alterar o efeito de estímulos ligado a alimentação, que já costuma ser feita coletivamente.

Sessão Coordenada: **Comportamento Prosocial: Efeito de processos automáticos, temporais e evolutivos na gentileza e cooperação**

O estudo do comportamento prosocial é central hoje na psicologia e em outras ciências como a biologia. Tal investigação demanda uma melhor compreensão tanto de como determinantes imediatos atuam na conduta prosocial, como processos sócio-cognitivos e diferenças individuais, quanto de determinantes ontogenéticos e filogenéticos. Esta proposta de sessão conta com cinco trabalhos e tem como objetivo agrupar um conjunto de pesquisas recentes e feitas em âmbito nacional que oferecem contribuições para a compreensão destes diferentes antecedentes do comportamento prosocial. O primeiro trabalho traz o relato do desenvolvimento de uma medida implícita de prosocialidade, o que representa um avanço metodológico e tecnológico considerável para o estudo de diferenças individuais na prosocialidade. Dois trabalhos se focam na investigação do efeito de processos cognitivos automáticos na gentileza, através da pré-ativação de conceitos relacionados à valores ou à gentileza, além de avaliar o papel que diferenças individuais na prosocialidade exercem no quão suscetíveis os indivíduos são aos efeitos destes processos. Se focando na identificação de outras variáveis relevantes para compreender o comportamento prosocial, o quarto trabalho relaciona a perspectiva temporal a condutas cooperativas e competitivas. Por fim, o quinto trabalho apresenta uma investigação acerca do desenvolvimento da cooperação e dos aspectos evolutivos relacionados com tendências de cuidado parental em nossa espécie. O objetivo desta sessão coordenada é discutir resultados de pesquisas feitas sobre comportamento prosocial na intersecção entre a psicologia social e a psicologia evolucionista, proporcionando discussão teórica e metodológica que contribui para a teorização do comportamento prosocial.
Psicologia Social

O EFEITO DO PRIMING DE GENTILEZA SOBRE A INTENÇÃO E O COMPORTAMENTO DE GENTILEZA. *André Luiz Alves Rabelo*, Maria Alexandra Gaiofatto Hees*, Mariane Franca da Silva*, Raquel Raíssa de Sousa Silva*, Saulo Maciel Oliveira*, Thais Vaz de Paula*, Victor Nahuel Felix de Souza Keller*, Ronaldo Pilati (GEPS, Laboratório de Psicologia Social, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de Brasília, Brasília, DF). ,*
O comportamento prosocial compreende condutas consideradas como benéficas ao outro por parcela significativa de uma população. A gentileza, um tipo específico de comportamento prosocial, corresponde a uma ação espontânea guiada por normas sociais tácitas e de baixo custo que ocorre durante uma interação breve entre duas pessoas, sendo que uma beneficia a outra. A compreensão de fatores subjacentes à gentileza pode contribuir para a promoção de interações cotidianas mais harmoniosas em diversos contextos. Nesse processo de determinação da conduta gentil, interagem de forma complexa fatores disposicionais e situacionais. A despeito do importante papel de variáveis disposicionais no comportamento prosocial, estudos na área de cognição social têm demonstrado que, tanto normas sociais, quanto metas de comportamento podem ser ativados na memória do indivíduo, de modo a afetar sua percepção e comportamento subsequentes, de forma automática e inconsciente. A literatura tem mostrado ainda que a ativação (ou priming) desses elementos na memória pode ser feita de várias formas, a exemplo de tarefas de memorização e de recordação livre. Fazendo uso desta estratégia metodológica, o presente trabalho teve como objetivo investigar o efeito do priming de termos relacionados à gentileza sobre a intenção de comportamento prosocial e sobre o próprio comportamento de gentileza. Para alcançar este objetivo, foi realizado um experimento com delineamento entre sujeitos, sendo a variável independente a condição de priming (gentileza x controle) e as variáveis dependentes o tempo despendido oferecendo informações a um confederado e a resposta às escalas de intenção de agir

prosocialmente. Participaram do estudo até o momento 16 estudantes (7 mulheres), com idade média de 19,75 anos (DP = 0,51). Informados de que participariam de pesquisas distintas, os participantes completaram tarefas de memorização de palavras (priming de gentileza), seguidas de tarefa de problemas aritméticos simples. Nesse momento, o experimentador saía da sala e, pouco depois, o participante era interrompido por um confederado em busca de informações. Na volta do experimentador, o participante respondia um questionário de intenção de participação em pesquisas e trabalhos voluntários, a Bateria de Personalidade Prosocial (BPP), a Escala de Orientação de Valor Social e um questionário sócio-demográfico. Ao final, era realizada sessão de debriefing para esclarecimento do participante e verificação de eventual percepção do objetivo da pesquisa e de relação entre as tarefas realizadas. Análises preliminares indicam ausência de efeito do priming sobre o comportamento de gentileza [F (1, 14) = 0,19; p = 0,66], sobre a intenção de fazer trabalho voluntário [F (1,14) = 0,60; p = 0,45] e de participar de pesquisas futuras [F (1, 14) < 0,001; p = 0,98]. Uma análise de covariância (ANCOVA) indicou que a dimensão prestatividade da BPP foi um covariante significativo, com relação positiva, da intenção de fazer trabalho voluntário [F (1, 14) = 5,43; p = 0,03]. A coleta de dados e análises adicionais estão em andamento. Demais implicações teóricas e empíricas são discutidas.
Bolsista de Iniciação Científica do CNPq
Cognição Social, Priming, Comportamento Prosocial
IC
SOCIAL

EFEITO DO PRIMING DE VALORES NO COMPORTAMENTO E INTENÇÃO DE GENTILEZA: RESULTADOS PRELIMINARES. *Mariane Franca da Silva*, André Luiz Alves Rabelo*, Maria Alexandra Gaiofatto Hees*, Ronaldo Pilati (GEPS, Laboratório de Psicologia Social, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de Brasília, Brasília, DF).,*
De acordo com o Modelo Circular de Valores de Schwartz, os valores humanos se relacionam em uma estrutura circular, que pode ser divida em dez tipos motivacionais de primeira ordem. Dois tipos motivacionais são de interesse para a presente pesquisa, pois inibem ou estimulam o comportamento prosocial. O tipo de Realização está orientado para o alcance de metas de sucesso e reconhecimento pessoal; e o de Benevolência está orientadopara promover o bem estar de alguém próximo. Estudos em cognição social têm indicado que é possível ativar de forma automática metas de comportamento, como é o caso dos comportamentos prosociais. Isto também pode ser verdadeiro para metas relacionadas aos tipos motivacionais, o que já foi evidenciado na literatura. Portanto, o objetivo do presente estudo foi medir o efeito do priming de valores, feito por meio de uma tarefa de memorização, sobre a intenção de se comportar e sobre o comportamento de gentileza. Hipotetiza-se que a ativação de valores relacionados à Benevolência aumentaria a chance do indivíduo se comportar gentilmente , ao passo que os s a ativação de valores de Realização teriam um efeito contrário. Também foi investigado o possível efeito moderador da Escala de Prestatividade da Bateria de Personalidade Prosocial(BPP) e dos tipos motivacionais de Universalismo, Benevolência e Realização sobre a intenção de gentileza. Por meio de uma análise de variância, observou-se que o priming não obteve efeito significativo sobre nenhuma das variáveis dependentes: tempo para dar um informação a um confederado [F(2, 23)=0,47; p=0,63]; intenção de se engajar em trabalho voluntário [F(2, 23) =0,94; p=0,41]; quantidade de dias em que pretende iniciar trabalho voluntário [F(2, 21)=1,22; p=031]; horas de dedicação semanal quando iniciar o trabalho voluntário [F(2, 21)=1,61; p=0,22]; intenção de participar de pesquisas futuras [F(2, 23)=0,33; p=0,73]; disponibilidade de minutos para participar em pesquisas futuras [F(2, 22)=1,69; p=0,21]. Apesar dos resultados não significativos, acredita-se que com o aumento da amostra pesquisada seja possível encontrar o efeito nas variáveis dependentes, já que esses

são resultados preliminares. Um resultado digno de notacorresponde ao efeito encontrado do priming sobre as respostas do PVQ40 para o tipo motivacional de Realização [F(2, 22)=4,13; p=0,03], de forma que aqueles participantes que estão no grupo do priming de Realização (M=2,19; DP=1,23) endossam mais esse valor, os do grupo de Benevolência (M=3,33; DP=1,23) menos e os do grupo controle o endossam (M=2,38; DP=0,58) intermediariamente. Já por meio de uma análise de covariância, observou-se que a Escala de Prestatividade da BPP foi uma covariante significativa [F(1, 22)=10,77; p=0,005]da quantidade de horas de dedicação semanal que os participantes pretendiam disponibilizar para o trabalho voluntário, indicando que a dimensão de prestatividade é uma possível moderadora do efeito do priming.A partir dos resultados preliminares, pode-se concluir que é necessário o aumento da amostra, para que conclusões mais sólidas sobre o papel moderador da prestatividade e do efeito do priming de valores no comportamento e intenção de comportamento de gentileza possam ser tiradas.
Bolsista de Iniciação Científica do CNPq
Valores, Cognição Social, Priming, Comportamento Prosocial
IC
SOCIAL

DESENVOLVIMENTO DE UMA MEDIDA IMPLÍCITA DE PROSOCIALIDADE. *Victor Nahuel Felix de Souza Keller *, André Luiz Alves Rabelo*, Saulo Maciel Oliveira*, Ronaldo Pilati, Maurício Miranda Sarmet (GEPS, Laboratório de Psicologia Social, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de Brasília, Brasília, DF).,*
As medidas implícitas têm sido muito exploradas no âmbito da cognição social. Entre estas medidas, o Teste de Associação Implícita (TAI) destaca-se por ter sido uma das primeiras medidas desenvolvidas e pelos bons níveis de fidedignidade que tem apresentado. Como sugere o nome, o TAI foi desenvolvido para determinar a força das associações implícitas entre conceitos e atributos. Essas associações são implícitas, pois os indivíduos normalmente não têm acesso explícito a estas relações estabelecidas entre conceitos e atributos. No TAI, as pessoas devem categorizar estímulos apresentados em uma tela de computador apertando a tecla correspondente à dupla de categorias da qual a palavra apresentada faz parte, sendo que se usam duas duplas de categorias (e.g. prosocialidade/positivo, individualidade/negativo). A depender de quais categorias são combinadas e destinadas às teclas (e.g.prosocialidade/positivo para uma tecla e individualidade/negativo para a outra), os tempos de resposta podem variar. Quanto mais rápida for a resposta, maior é a associação entre as categorias da dupla (e.g. individualidade/desagradável), e quanto mais lenta, menor é a associação (e.g. individualidade/agradável). Dois conceitos cujas associações têm implicações significantes na conduta social são a prosocialidade e o seu oposto, a individualidade. Prosocialidade define-se como uma variável disposicional relacionada à propensão a beneficiar uma pessoa ou grupo em diferentes situações e ao longo do tempo, e a individualidade, a propensão a beneficiar a si próprio. Assim sendo, este estudo tem como objetivo desenvolver e avaliar uma medida implícita de prosocialidade/individualidade. Esta medida implícita avaliará as associações implícitas entre prosocialidade/individualidade e positivo/negativo. Também será desenvolvida uma versão desta medida com o uso das categorias eu/outro ao invés de positivo/negativo, visando a avaliar o quanto os indivíduos atribuem prosocialidade e individualidade ao outro e a si mesmo. Para desenvolver os TAIs, definiram-se estímulos pertencentes aos campos semânticos dos conceitos e atributos, esta foi a fase inicial da pesquisa. Com buscas em artigos científicos e dicionários de sinônimos e antônimos, foram obtidas 21 palavras pertencentes à categoria prosocialidade (e.g. cooperação, gentileza, altruísmo), 20 palavras da categoria individualidade (e.g. egoísta, egocêntrico, mesquinho), 18 da categoria positivo (e.g. feliz, alegre, disposto), 19 da categoria negativo (e.g. tenso, nervoso, frustrado), 5 da categoria eu (e.g. eu, mim, meu) e 5 da categoria outros (e.g.

eles, deles, outros). Terminada a seleção dos estímulos, fase em que se encontra o projeto neste momento, será feita uma coleta com participantes que avaliarão quais palavras eles consideram mais representativas das categorias, logo serão elaboradas e aplicadas as duas versões da medida implícita de prosocialidade. Espera-se que os participantes tenham associações mais fortes entre prosocialidade, positivo e eu, do que outras associações possíveis. Isso seria congruente com estudos anteriores que indicam que a população brasileira tem uma orientação maior ao grupo que ao indivíduo, e é mais dependente do grupo em relação a outras culturas. O projeto está em execução e até a apresentação os dados serão analisados.
Bolsista de Iniciação Científica do CNPq
Cognição Social, Medidas implícitas, Prosocialidade
IC
SOCIAL

EFEITOS DA PERSPECTIVA E DA PRESSÃO TEMPORAL EM COMPORTAMENTOS DE COOPERAÇÃO E COMPETIÇÃO. *Renan Saraiva*, Fabio Iglesias, Lucas Caldas** (Laboratório de Psicologia Social, Universidade de Brasília,*
Brasília, DF).,
Trabalhos sobre perspectiva temporal mostram que as pessoas se diferenciam na maneira como mantêm uma orientação de pensamentos e comportamentos para eventos do passado (positivo e negativo), do presente (hedonista e fatalista) ou do futuro. Esse construto tem sido associado a comportamentos pró-ambientais, cuidados em saúde e relações pessoais, mas não parece ter sido investigado na escolha por padrões mais competitivos ou cooperativos em dilemas simulados, especialmente quando existe uma pressão de tempo para a tomada de decisão. O dilema do prisioneiro (prisoner\'s dilemma game - PDG) é um protocolo de quantificação de interações sociais e seus produtos, a partir de preceitos da teoria dos jogos em matemática. Dois ou mais participantes jogam ao mesmo tempo e a tarefa consiste em escolher entre duas opções, uma favorecendo o grupo e outra favorecendo o indivíduo. A combinação de respostas de todos os membros envolvidos no jogo produz consequências na forma de pontuação específica para cada situação. Esse jogo é um dilema do tipo social, devido à possibilidade das escolhas serem analisadas tanto sob controle dos interesses individuais (competir), como dos interesses do grupo (cooperar). Planejou-se um experimento para investigar preliminarmente a hipótese de que comportamentos cooperativos estão relacionados a perspectivas temporais voltadas para o futuro, assim como pressões temporais aumentam a ocorrência de comportamentos competitivos. O PDG foi desenvolvido com seis duplas, Cada participante deveria escolher entre dois cartões, sinalizando em cada rodada a escolha de cooperação (cartão branco) ou a escolha de competição (cartão preto). Caso os dois participantes apresentassem o cartão branco ambos ganhavam duas fichas, caso os dois apresentassem o cartão preto cada um pedia uma ficha, e caso um apresentasse o branco e o outro apresentasse o preto, este ganhava três fichas e aquele somente uma. Após a quinta rodada um cronômetro regressivo era acionado, avisando que faltavam 40 segundos para o fim do jogo. Todas as escolhas individuais durante o jogo foram registradas e ao final os participantes responderam à Escala de

Competitividade e Cooperação e a uma versão reduzida do Inventário de Perspectiva Temporal de Zimbardo (sem os itens referentes ao passado, irrelevantes para a pesquisa). Uma análise preliminar dos dados usando o programa SPSS revelou uma forte correlação negativa entre atitudes competitivas e perspectiva temporal voltada para o futuro, ρ = - 0,79, p < 0,01. Averiguou-se também que o número de comportamentos competitivos aumentou após a sinalização do tempo (pressão temporal). Espera-se que com uma amostra maior de participantes o estudo revele um efeito maior da pressão temporal na ocorrência de comportamentos competitivos, assim como mais relações entre a perspectiva temporal dos sujeitos com os comportamentos no jogo. Implicações deste estudo envolvem tanto avanços no âmbito teórico quanto no prático e aplicável. sobre comportamentos de cooperação ou competição e a influência do tempo sobre estes. Diversos problemas envolvendo dilemas sociais e pressão temporal tais como filas, trânsito e trabalho são mais facilmente compreendidos e revertidos conforme pesquisas nessa área são realizadas.

Apoio financeiro: CNPq
Palavras chave: Dilemas Sociais, Perspectiva Temporal, Dilema do Prisioneiro
IC
SOCIAL

JOGANDO PARA GANHAR? ESTUDO DA COOPERAÇÃO E COMPETIÇÃO ENTRE CRIANÇAS.

*Monique Leitão** (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte; Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN), Aline Anúzia de Oliveira* (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN), Danyelle Soares da Costa*, Renara Rocha de Oliveira* (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Natal/RN), Maria Emília Yamamoto* (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN).,*

Os chamados traços infantis referem-se a um conjunto de características físicas e comportamentais que são comumente encontradas em bebês ou filhotes de outras espécies e estão relacionadas com a percepção de graciosidade, juventude e a motivação para o cuidado. A presença destes traços em indivíduos adultos está associada à percepção de ingenuidade, honestidade e fragilidade, além disso, certas características físicas que denotam vulnerabilidade, como idade e sexo, também estão relacionadas à piedade e tendência à proteção. Teóricos defendem que os sentimentos afetuosos evocados nestas situações seriam produto de uma generalizada tendência ao cuidado a infantes. Alguns estudos examinam a relação entre cooperação e traços infantis, entretanto, não há trabalhos que testem estas variáveis entre crianças. O objetivo deste trabalho foi investigar a expressão de comportamentos cooperativos e competitivos entre crianças, avaliando, a partir da diferença de idade e conhecimento, o efeito das características infantis sobre estes comportamentos. Participaram desta pesquisa crianças, de ambos os sexos, entre 8 e 9 anos que jogaram dez rodadas do jogo da velha com crianças entre 4 e 5 anos de idade. Antes de jogarem, as crianças mais novas eram testadas em relação à compreensão das regras do jogo. Às crianças mais velhas era ensinada, previamente, uma estratégia que aumenta as chances de vitória no jogo. Este treinamento objetivou garantir que as crianças de faixas distintas apresentassem disparidade no nível de conhecimento no jogo. Durante o experimento, era registrada a interação dos indivíduos e, posteriormente, eram coletadas informações sobre o jogo. Resultados preliminares revelaram que a maior parte das crianças na faixa entre 8-9 anos

utilizou a estratégia ensinada em sua interação com as crianças mais novas, apresentando frequentemente comportamentos competitivos durante o jogo, como comemorar a vitória ou rir do parceiro. Além disso, os mais velhos venceram em média oito a nove rodadas das dez realizadas entre a díade e, em média, demonstraram ajudar o parceiro mais novo (ensinar algo ou deixar de bater intencionalmente) em apenas uma rodada. Após o jogo, as crianças que relataram ter ajudado o outro justificaram que o fizeram porque a criança era pequena ou porque queriam que ela ganhasse alguma vez. Pode-se concluir, a partir dos dados, que existe alta competitividade entre crianças nestas faixas etárias, especialmente por parte dos mais velhos, que estão na fase de se envolver em brincadeiras com disputas e jogos. Por outro lado, ainda que exista pouca cooperação em relação às crianças mais novas, sua ocorrência está relacionada à idéia de infantilidade ou vulnerabilidade das mesmas e a certa benevolência, aspectos que, em última instância, remetem aos traços infantis. Por uma perspectiva evolucionista, é possível supor que aos 8 e 9 anos esta tendência seja uma sutil expressão dos mecanismos de cuidado parental que atingirão a maturidade na fase adulta. Estes achados contribuem para o estudo do comportamento cooperativo em crianças, bem como auxiliam na compreensão de como características infantis podem influenciar a cooperação ao longo do desenvolvimento.

CNPq; Pró-reitoria de Pesquisa IFRN.
Palavras-chave: cooperação, jogos, crianças.
D e IC
BIO

Sessão Coordenada: **COMPORTAMENTO PROSOCIAL: TEMAS EMERGENTES E SUAS IMPLICAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS**

O comportamento prosocial é um tema clássico em psicologia. Várias subáreas se interessam em investigar fatores antecedentes desta conduta. Muito já se produziu sobre os fatores situacionais desencadeadores desta conduta na psicologia social, psicologia do desenvolvimento, psicologia evolucionista e psicologia ambiental. A área tem recebido atenção continuada nas últimas décadas e alguns assuntos emergentes tem se tornado frequentes na literatura. Uma temática nova, que remonta o estudo do efeito de mídias sobre o comportamento, tem focado em compreender o efeito que vídeo-games tem sobre o comportamento prosocial. Outro tema recente tem aplicado os modelos teóricos da cognição corporificada (embodied cognition) para se compreender os efeitos destes mecanismos em condutas prosociais. Também tem sido recorrentes na literatura estudos que busquem compreender os efeitos que a compreensão de regras em jogos de bens públicos tem no comportamento cooperativo de crianças. No âmbito dos estudos sobre fatores ambientais, tem sido investigado o impacto de diversos estilos musicais sobre o comportamento de cooperação no contexto laboratorial. Por fim, e como elemento transversal, o desenvolvimento de medidas válidas e precisas é essencial para a pesquisa emergente no campo, o que revigora a necessidade do desenvolvimento de estudos de validação de medidas sobre fenômenos relativos à prosocialidade. A presente sessão coordenada, que tem por objetivo discutir temas emergentes no campo e seus impactos teóricos e metodológicos, é composta por cinco trabalhos que discutem pontualmente as cinco temáticas descritas. A expectativa é permitir o debate e o intercâmbio sobre os impactos teóricos e metodológicos que a pesquisa emergente em prosocial tem para a produção teórica na temática.
Psicologia Social

O EFEITO DA SENSAÇÃO DE PESO NA GENTILEZA. *André Luiz Alves Rabelo*, Victor Nahuel Felix de Souza Keller*, Ronaldo Pilati (GEPS, Laboratório de Psicologia Social, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de Brasília, Brasília, DF).,*
O conceito físico de peso é usado em diversas culturas para se referir ao conceito abstrato de importância ou severidade de situações sociais. Isso pode ser observado em usos comuns desta metáfora expressões como pesar melhor as coisas e a gravidade da situação são ilustrações de como esta metáfora é usada em nossa cultura. Pesquisas recentes no âmbito da cognição situada (embodied cognition) têm demonstrado empiricamente que o conceito mais concreto de peso serve como base para o conceito mais abstrato de importância. Nestas pesquisas, têm-se evidenciado que sensações de peso podem ativar o conceito de importância e influenciar a percepção e o comportamento dos indivíduos de maneira inconsciente. Indivíduos que vivem experiências relacionadas ao peso físico apresentam uma maior tendência de perceber estímulos no ambiente como mais importantes e sérios. O presente estudo foi realizado com o objetivo de averiguar se a percepção dos indivíduos em relação a um cenário de gentileza poderia ser influenciada pela ativação automática do conceito de peso. Formulou-se a hipótese de que sensações de peso levariam as pessoas a perceber uma situação em que poderiam ser gentis com outra pessoa como mais importante e grave; que, por sua vez, levá-las-ia a terem mais intenção de gentileza, a sentirem maiores emoções negativas e menores emoções positivas, assim como a atribuírem mais responsabilidade à pessoa em necessidade de ajuda. O estudo foi de delineamento entre sujeitos e contou com 53 transeuntes (28 homens) nas imediações de uma instituição de ensino superior. A variável independente foi a condição de priming (prancheta pesada x leve) e a variável dependente foram as respostas dos indivíduos ao questionário. Para a manipulação experimental, foram usadas duas pranchetas, uma pesada (1560g) e uma leve (298g). Para avaliar o efeito, foi

usado um cenário descrevendo uma situação hipotética de gentileza em relação ao qual o participante respondeu às escalas de intenção de gentileza, atribuição de responsabilidade e emoções simpáticas, que eram agrupadas em um questionário preso às pranchetas usadas na manipulação. Os participantes eram abordados enquanto transitavam na instituição e tinham que segurar uma prancheta enquanto respondiam o questionário. Os resultados não indicaram nenhum efeito significativo, mas apontaram tendências coerentes com as hipóteses iniciais. Participantes na condição de prancheta pesada apresentaram maior nível de emoções negativas (M = 2,67; DP = 1,19) do que participantes na condição leve (M = 2,38; DP = 1,18) [F (1, 51) = 0,76; p = 0,39]. Além disso, participantes na condição pesada indicaram maiores tendências a ser gentis (M = 5,75; DP = 0,93) do que participantes na condição leve (M = 5,64; DP = 1,26) [F (1, 51) = 0,13; p = 0,72]. Estes resultados, embora coerentes com a hipótese inicial, não demonstraram a influência prevista. Discussões recentes na área em relação ao tamanho de efeito e à replicabilidade de estudos são relevantes para compreender a ausência de efeito significativo. Questões relacionadas ao efeito do experimentador são discutidas.
Bolsista de Iniciação Científica do CNPq
Cognição Social, Priming, Comportamento Prosocial
IC
SOCIAL

EFEITOS DA AMBIENTAÇÃO NA COOPERAÇÃO EM DILEMAS SOCIAIS: UM EXPERIMENTO PRELIMINAR COM MÚSICA. *EFEITOS DA AMBIENTAÇÃO NA COOPERAÇÃO EM DILEMAS SOCIAIS: UM*
EXPERIMENTO PRELIMINAR COM MÚSICA. *Beatriz Yamada* e Fabio Iglesias. (Laboratório de Psicologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, DF).,*
Dilemas sociais são situações de disputa por recursos em que os interesses individuais (ex: maximizar os ganhos) são conflitantes com os intereses coletivos (ex: garantir sustentabilidade). Variáveis situacionais, associadas às características imediatas do ambiente, têm recebido atenção menor nesse tipo de literatura, por razões que alguns autores associam à dificuldade de controlá-las nas tarefas experimentais. Tal é o caso da chamada ambientação (atmospherics) na área de comportamento do consumidor, que se expressa nos estudos empíricos focados principalmente em música e seus efeitos. Esses estudos têm sido realizados, por exemplo, em restaurantes, shoppings e supermercados, em que existe uma confluência de variáveis pouco distinguíveis. É fundamental, portanto, que se investigue essas variáveis em dilemas sociais simulados no laboratório, antes que possam ser devidamente generalizados para ambientes reais, fornecendo respostas para questões teoricamente relevantes, mas também para que possam ser aplicados de maneira robusta em contextos de consumo. Não se trata, assim, de um tipo de investigação trivial, nem pouco relevante, uma vez que pode envolver medidas simples e de baixo custo que muitas instituições podem facilmente implementar, como alternativa aos altos custos com segurança, recursos humanos, infraestrutura física ou fiscalização que são constante preocupação nos contextos de consumo. Isso é de especial destaque quando se visa à promoção de comportamentos cooperativos, na forma de consumo responsável, ambientalmente orientado e em situações de recursos escassos. Nesta

pesquisa o objetivo foi testar de forma experimental em laboratório a influência de diferentes ritmos e estilos musicais em ambientes simulados de competição e cooperação, por meio do uso do software FISH 3.0, que operacionaliza dilemas sociais em ambiente virtual, simulando uma tarefa de pesca em que os peixes obedecem a um certo padrão de reprodução. Foram utilizadas 2 condições experimentais (música com o número de batidas por minuto maior que 94 e, em outra, menor que 72) e um grupo controle (sem música). A amostra contou com 11 participantes (7 mulheres). A tarefa foi realizada usando-se um laptop, apresentando-se efetivamente como um jogo. Os instrumentos incluiram, além do software FISH, o uso da Escala de Cooperação e Competitividade, estruturada nessas duas dimensões fatoriais. Os resultados mostraram que músicas mais lentas geraram maiores escores atitudinais de cooperação, $F(2, 8) = 5{,}54$; $p = 0{,}31$. No entanto, teste Post-Hoc mostraram que essas diferenças se mantiveram apenas nos extremos (com música rápida ou lenta). Não houve efeito na medida comportamental dos dilemas. Espera-se que a análise e interpretação dos dados atitudinais e comportamentais como esses, bem como das variáveis controláveis no experimento possam evidenciar uma influência significativa da música em contextos de cooperação e competição. Estudos nessa área são de especial relevância uma vez que podem ser entendidos dentro do contexto de preservação ambiental, por exemplo, assim como de comportamentos prosociais. Como um resultado mais geral, espera-se fornecer evidências preliminares para fomentar o estudo da psicologia social da música e seu desenvolvimento no contexto brasileiro.

Atmospherics, dilemas, música, ambientação, cooperação, competição

IC

SOCIAL

ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DO TIPO DE JOGO ELETRÔNICO NA OCORRÊNCIA DE COGNIÇÕES E COMPORTAMENTOS PROSOCIAIS. *Daniel Pompeu*, Guilherme Raposo*, Lucas Caldas*, Marcello Santos*, Alice Rios*, Beatriz Dantas* e Mauricio Sarmet (GEPS, Laboratório de Psicologia Social, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de Brasília, Brasília, DF).,*

Com a evolução das tecnologias de comunicação e informação, observa-se também um crescimento significativo dos mercados de tecnologias voltadas ao entretenimento digital, como o de jogos eletrônicos. As últimas décadas apresentaram um aprofundamento de estudos que buscam avaliar as possíveis consequências do consumo de jogos eletrônicos por crianças, jovens e adultos. Nos últimos anos passou-se a ter um interesse também por consequências positivas, como o comportamento prosocial - comportamentos que tem como finalidade beneficiar outro indivíduo ou grupo. Estudos sobre esta temática tem utilizado como modelo teórico o General Learning Model GLM, que prediz a influência de características pessoais e situacionais sobre estados internos, dentro das dimensões de excitação (arousal), afeto e cognição que, por sua vez, influenciam o comportamento. A pesquisa nesta área tem evidências de que características do jogo influenciam o comportamento dos indivíduos em situações posteriores. O objetivo desta pesquisa é analisar a influência do tipo de objetivo estabelecido pelo jogo (antissocial ou prosocial) no comportamento prosocial em contexto além-jogo. Inicialmente, realizou-se uma análise de

nove estudos empíricos sobre a influência dos jogos no comportamento dos indivíduos, com o intuito de verificar os principais critérios utilizados na seleção dos jogos-estímulo, bem como possíveis variáveis mediadoras. A análise de estudos empíricos apontou para a comparação entre jogos: agressivos e prosociais (4 casos); prosociais e neutros (3 casos) e; agressivos e neutros (2 casos). Revelou, ainda, que os jogos, em todos os casos, foram categorizados em função de seu objetivo final e do tipo de ação do jogador que é recompensada, utilizando jogos distintos em cada condição experimental. Com isso, há, como limitação, a interferência de características distintas entre jogos, como qualidade gráfica, efeitos sonoros, dinâmica e jogabilidade. Tais resultados permitiram a definição de um delineamento experimental que tem como objetivo auxiliar na resolução desta lacuna, pois permite o controle de variáveis interferentes recorrentemente presentes na pesquisa da área. Este delineamento consiste em três condições: agressiva, prosocial e controle. Para tal, é utilizado como estímulo um mesmo jogo, no qual é possível assumir papéis agressivos ou prosociais. A seleção dos participantes se dá de forma aleatória para cada um dos grupos e, no caso dos grupos experimentais (agressivo e prosocial), são instruídos a jogar por 10 minutos sob o pretexto de participar de uma avaliação das características do jogo. Em seguida, são coletadas, em todas as condições, informações sobre cognições agressivas ou prosociais - a partir de uma tarefa de completar histórias ambíguas - bem como a ocorrência de comportamentos prosociais - a partir de uma situação simulada de ajuda com a participação de confederados. Por fim, são coletadas informações sociodemográficas e de hábitos de jogo. A coleta total dos dados permitirá a comparação, por meio de análises de variância e covariância, do nível de influência da variável independente nas medidas de prosocialidade. Como hipótese principal do estudo, espera-se que a frequência de cognições e comportamentos prosociais seja maior na condição prosocial e menor na condição agressiva, quando comparadas com a condição controle.

Prosocialidade, jogos eletrônicos, GLM
IC
SOCIAL

COMPREENSÃO DO JOGO DOS BENS PÚBLICOS NA VISÃO DE CRIANÇAS DE 6 A 11 ANOS.

*Natália Andrea Craciun Boccardi**, Natália Bezerra Dutra**, Phiética Raíssa Rodrigues da Silva*, Anuska Irene de Alencar (Departamento de Psicologia, Faculdade de Ciências, Cultura e Extensão do Rio Grande do Norte, Natal, RN), Maria Emilia Yamamoto (Departamento de Fisiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN),*

O jogo dos bens públicos tem sido utilizado para a compreensão do comportamento social na infância especialmente em situações de dilemas sociais nos quais a criança tem que escolher entre o benefício próprio e o benefício coletivo. Tal jogo consiste na simulação de investimento de um grupo de indivíduos em um bem comum (por exemplo doces, em estudos com crianças), com a possibilidade de que indivíduos usufruam desse bem ganhem mais doces sem investir o mesmo que os outros. No entanto há poucos trabalhos que analisam a compreensão das crianças submetidas a esse tipo de jogo, bem como os fatores que determinam suas escolhas. Além disso, a interação do pesquisador com a criança pode ser considerada um fator importante de análise. Visando analisar tanto a compreensão do jogo como o efeito da interação entre pesquisador e participante, foi realizado um estudo qualitativo, dividido em duas fases. A primeira delas consistiu na aplicação de entrevistas com crianças que participaram de um outro estudo que tinha por objetivo analisar a influência do estímulo social, sob a forma de feedback verbal ou monitoramento de um adulto, sobre o comportamento de crianças de seis a onze anos em um jogo de bens públicos. Foram entrevistadas 137 crianças de escolas públicas de Natal/RN, entre meninos e meninas, sorteadas dos três grupos (47 do grupo de feedback positivo; 52 do grupo de feedback

negativo; e 38 do grupo cujas doações foram monitoradas por um adulto durante os jogos). A entrevista consistiu de oito questões sobre a compreensão do jogo e a motivação por trás das estratégias adotadas pelas crianças. Também foi avaliado se o tipo de resposta da criança indicava uma tentativa de estabelecer uma boa reputação como participante do jogo frente ao pesquisador. A segunda fase consistiu em uma análise mais detalhada do comportamento das crianças durante o jogo dos bens públicos. O jogo foi aplicado em um grupo de 16 crianças de seis anos de idade, durante o qual as crianças respondiam a duas questões sobre as estratégias adotadas durante o jogo. Verificamos que na primeira fase as crianças, em geral, compreendem as regras. As crianças mais velhas, acima de nove anos, tendem a dar respostas que as mostrem como sendo mais generosas, ainda que isso não necessariamente corresponda à realidade das suas ações no jogo. Crianças mais jovens tendem a responder de forma mais espontânea e correspondente à realidade. Na segunda fase do estudo, foi observado que as crianças, mesmo jovens, consideram as relações sociais do seu grupo quando tomam decisões relacionadas ao jogo, e não se limitam às regras do jogo para tomar decisões quanto à estratégia adotada.
Projeto financiado pelo PRONEX/FAPERN/CNPq/SEDEC e bolsista financiado pela CAPES.
Palavras-chave: Psicologia Evolucionista; cooperação em crianças; Teoria dos jogos.
BIO-Psicobiologia e Neurociências

ADAPTAÇÃO E VALIDAÇÃO DA BATERIA DE PERSONALIDADE PROSOCIAL. *André Luiz Alves Rabelo*, Ronaldo Pilati (GEPS, Laboratório de Psicologia Social, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de Brasília, Brasília, DF). ,*
Algumas pessoas exibem uma tendência duradoura e relativamente estável ao longo de suas vidas para agir em benefício das outras pessoas. Um exemplo famoso deste tipo de conduta pode ser encontrado na figura religiosa da Madre Teresa de Calcutá. Pessoas como ela costumam ser consideradas pessoas boas e caridosas por conta desta característica individual. Há algumas décadas, psicólogos sociais têm investigado como variáveis disposicionais e situacionais interagem para produzir o comportamento prosocial. A despeito do poder que variáveis situacionais podem exercer, também existem evidências na literatura de que as diferenças individuais na prosocialidade são uma variável relevante para compreender o comportamento prosocial. Nesse sentido, pesquisadores da área desenvolveram maneiras de medir tal prosocialidade, e entre elas, a Bateria de Personalidade Prosocial (BPP), configura-se como uma importante medida. Este instrumento mede a orientação de personalidade prosocial, definida como uma tendência estável de pensar no bem-estar e no direito de outras pessoas e de agir de maneira a beneficiá-las. Esta orientação de personalidade prosocial possui as dimensões empatia orientada a outra pessoa , que agrupa sentimentos e pensamentos prosociais dirigidos a outras pessoas e prestatividade , que agrupa comportamentos auto-relatados que demonstram ajuda e cuidado de outras pessoas. Tais dimensões se dividem em sete subdimensões: Responsabilidade Social, Preocupação Empática, Tomada de Perspectiva, Aflição Pessoal, Raciocínio Orientado aos Outros, Raciocínio Moral Mútuo e Altruísmo Auto-Relatado. A bateria possui 30 itens e a resposta a ela é feita em uma escala Likert de cinco pontos. O presente trabalho teve como objetivo adaptar e produzir evidências de validade da BPP para o português. Dois estudos foram conduzidos para atingir este objetivo. O Estudo 1 contou com 556 participantes. Fez-se uso do método de tradução-retradução para traduzir a versão original da BPP, e esta tradução foi aplicada na amostra. Foi realizada uma análise fatorial exploratória para averiguar a adequação dos itens aos fatores postulados originalmente pelos autores do instrumento. A análise indicou como melhor solução fatorial a estrutura de sete fatores, coerente com a estrutura original. Entretanto, alguns fatores apresentaram alfas de Cronbach abaixo de 0,70. O Estudo 2 contou com 548 participantes que

responderam à mesma versão traduzida do Estudo 1. Neste estudo, foi realizada uma análise fatorial confirmatória, uma vez que o Estudo 1 indicou que as subdimensões do instrumento se adequavam à estrutura original e apresentaram índices psicométricos semelhantes aos da versão original. A análise fatorial confirmatória indicou índices pouco satisfatórios, o que é coerente com os índices psicométricos baixos encontrados no Estudo 1. Questões relacionadas à qualidade da construção deste instrumento e da necessidade do desenvolvimento de medidas aprimoradas de diferenças individuais na prosocialidade são discutidas no trabalho.

Bolsista de Iniciação Científica do CNPq

Psicologia Social, Personalidade, Prosocialidade

IC

SOCIAL

Sessão Coordenada: **COMPREENSÃO LEITORA: FATORES FACILITADORES SEGUNDO O REFERENCIAL DA CIÊNCIA COGNITIVA DA LEITURA**

Aprender a ler e escrever é condição indispensável para o sucesso escolar e profissional. Ler é, por definição, extrair sentido do material escrito, portanto, não se pode falar em leitura se não houver compreensão do material lido. A Ciência Cognitiva da Leitura tem demonstrado que a habilidade de leitura proficiente em uma escrita alfabética é o produto de vários fatores e implica na ativação de um conjunto de processos. Alguns desses processos são básicos, como o conhecimento da relação entre letras e sons (princípio alfabético) e reconhecimento de palavras, mas outros são bem mais sofisticados e complexos, envolvendo, entre outros aspectos, a habilidade para realizar inferências e a apropriação de estratégias de monitoramento da leitura. Investigações recentes mostram que a eficácia da aprendizagem da leitura depende do ensino explícito da decodificação (desenvolvimento da consciência fonológica e aprendizagem da correspondência fonema/grafema); do reconhecimento rápido e eficaz de palavras; do ensino explícito de estratégias para a compreensão e do contato frequente com textos escritos. Nesta sessão coordenada apresentaremos um conjunto de pesquisas que investigaram habilidades necessárias para a aprendizagem da leitura e pesquisas que testaram hipóteses de relações entre variáveis utilizando métodos correlacionais e de intervenção experimental.

Psicologia Cognitiva

COMPREENSÃO LEITORA E DESEMPENHO ESCOLAR: UM ESTUDO COM ALUNOS DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL. *Sylvia Domingos Barrera (Universidade de São Paulo Ribeirão Preto SP)*
Maria José dos Santos (Universidade Federal de Goiás- GO)

A aprendizagem da leitura é um grande desafio para a escola e uma exigência social A compreensão leitora é uma atividade complexa que envolve diferentes aspectos: habilidades de decodificação, elaboração das informações contidas no texto, competências cognitivas e conhecimentos gerais. É, portanto, um processo construtivo, que vai além da mera informação textual. Avaliações nacionais e internacionais recentes dão conta das precárias habilidades de leitura e escrita dos estudantes brasileiros, o que compromete o rendimento escolar. A compreensão leitora comporta quatro aspectos: compreensão literal (recuperação da informação explícita no texto), inferencial (conjecturas e hipóteses levantadas pelo leitor a partir das informações explicitadas no texto), crítica (juízo de critério realidade/fantasia) e de reorganização (capacidade do leitor em dar uma nova organização às ideias e informações). Várias técnicas têm sido propostas para avaliar a compreensão leitora, entre as quais se destacam a reprodução oral ou escrita do texto lido, a resposta a questões de interpretação do texto e a técnica de Cloze. sta última foi elaborada por Taylor, em 1953, com o objetivo de avaliar a competência linguística para compreender a informação escrita. Tal técnica tem sido usada em vários estudos que investigam a compreensão leitora e demonstra ser eficiente. Neste estudo, tivemos por objetivo investigar a relação entre competência em compreensão leitora e desempenho escolar de alunos de 5º ano de ensino fundamental. Os alunos participantes realizaram uma tarefa de leitura de um texto adaptado segundo a Técnica de Cloze para a avaliação do nível de compreensão leitora. Posteriormente, foram realizadas análises de correlação entre o desempenho obtido no Cloze e as médias nas diversas disciplinas escolares. Nossos resultados mostram que um número significativo de alunos não

compreende o que lê. A análise dos dados mostra correlações moderadas entre o nível de compreensão em leitura e o desempenho escolar dos alunos da amostra estudada. Observou-se também algumas diferenças na correlação entre compreensão e desempenho acadêmico de acordo com as disciplinas escolares, sendo que o nível de compreensão leitora mostrou-se mais fortemente correlacionado com o rendimento dos alunos nas disciplinas de Português, História e Matemática do que com o rendimento dos mesmos nas disciplinas de Ciências e Geografia. Dada a relação observada entre habilidades de compreensão em leitura e desempenho escolar pode-se supor que uma das formas de melhorar esse desempenho seria investir em metodologias de ensino que privilegiem as habilidades de compreensão. Nesse sentido, a abordagem metalinguística do ensino da língua tem se mostrado promissora ao demonstrar que o texto pode ser objeto de uma análise explícita e intencional por parte das crianças. Discute-se a importância de práticas pedagógicas que desenvolvam capacidades cognitivas de ordens mais elevadas, ligadas à consciência metalinguística que permitiriam a ampliação de estratégias de leitura.

Palavras-chave: compreensão leitora; técnica close; desempenho escolar.

P

COG

É SENDO ENSINADO QUE SE APRENDE: RESULTADOS DE UM TREINO EM INFERÊNCIAS NA COMPREENSÃO DE TEXTOS DE CRIANÇAS DO 4º ANO. *Ioana da Cunha Pereira Yacalos** (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo SP)*

Maria Regina Maluf (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo SP)

,

Esta pesquisa teve como objetivo verificar os efeitos de um procedimento de treino em fazer inferências sobre a habilidade de compreensão de textos em uma turma de alunos de 4º ano do Ensino Fundamental. O referencial teórico utilizado encontra-se situado na perspectiva da Psicologia Cognitiva da Leitura, e tem seu foco nos conceitos que tratam das atividades envolvidas nos processos de aquisição da leitura e com compreensão. O modelo utilizado para o tratamento da habilidade de compreensão de textos foi o proposto por Kintsch, em 1998, e denominado modelo de Construção-Integração (CI). Também foram abordadas as atividades que podem interferir na compreensão de texto, tendo sido dada ênfase à elaboração das inferências, foco da presente pesquisa. Por fim, foram apontadas algumas pesquisas existentes nesta área do conhecimento, que tratam da compreensão leitora. O método do estudo partiu do delineamento com um Grupo de Intervenção (GI) e um Grupo Controle (GC), tendo participado 38 alunos do 4º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede estadual do município de São Paulo, que foram divididos em 19 alunos para o Grupo de Intervenção, e 19 para o Grupo Controle. Inicialmente, foi aplicada uma Tarefa de Sondagem de Decodificação, que eliminou da amostra os alunos que possuíam problemas na decodificação de palavras, já que a boa decodificação é um pré-requisito para que o leitor possa compreender um texto. Após a composição da amostra, foi feito um Pré-Teste com o GC e GI. Com as crianças do GI a pesquisadora planejou e realizou uma intervenção coletiva em sala de aula, com 12 sessões de aproximadamente 60 minutos cada uma. Foram levados textos de histórias infantis, de diferentes gêneros, apresentados em datashow, retroprojetor, papel e quadro-negro. As atividades foram propostas em grupo e individualmente. Nestas sessões, os alunos foram estimulados e ensinados a procurar pistas que os levassem a fazer inferências e justificar as bases geradoras destas inferências, relacionando informações textuais com seu conhecimento de mundo e relacionando informações diferentes presentes no mesmo texto. Após as sessões de intervenção, foi aplicado um Pós-teste 1 e após uma semana foi aplicado um Pós-teste 2. Não foram identificadas diferenças significativas entre os grupos no Pré-teste. No Pós-teste,

todas as crianças do GI tiveram desempenho melhor do que as do GC. Foram as únicas que melhoraram significativamente seu desempenho do Pré-teste para os Pós-testes 1 e 2. A estas comparações entre os grupos, foi aplicado o Teste t de Student, que possibilitou maior confiabilidade nos resultados encontrados. Os procedimentos de intervenção e suas implicações educacionais são analisados e discutidos em termos de práticas de ensino que podem ser utilizadas para desenvolver a compreensão de texto em sala de aula, pois houve melhoras no desempenho das crianças em compreensão de textos após as 12 sessões de intervenção voltadas para o treino na habilidade de fazer inferências. Os resultados obtidos dão suporte à hipótese de que o programa pode ser utilizado por professoras em escolas com o objetivo de desenvolver a compreensão leitora por meio do treino em inferências.
Bolsa: CAPES
Palavras-chave: compreensão de textos; inferências; sala de aula.
M
COG

A INFLUÊNCIA DAS HABILIDADES METASSINTÁTICAS NA APRENDIZAGEM DAS HABILIDADES DE RECONHECIMENTO DE PALAVRAS E DE COMPREENSÃO. *Édiva de Sousa Martins (Universidade do Estado da Bahia, Salvador-BA),*
O trabalho aborda a influência das habilidades metassintáticas na aquisição da leitura. Investiga de que maneira o conhecimento de aspectos morfológicos da frase e do conhecimento sobre a ordem de palavras na frase influencia o desenvolvimento posterior das habilidades de reconhecimento de palavras e da compreensão. Participaram da pesquisa 31 crianças que se encontravam em momentos iniciais de aquisição da linguagem escrita. Foram aplicadas tarefas de julgamento e correção de violações morfológicas e tarefas de julgamento e correção de violações na ordem das palavras, no início do ano e tarefas de leitura de palavras e de compreensão de frases, no meio do ano. Os dados foram submetidos ao Teste de Correlação de Pearson e a duas análises de regressão: a primeira tendo como variável dependente (ou variável a predizer) a tarefa de reconhecimento de palavras e a segunda tendo como variável dependente a tarefa de compreensão de frases. A partir do teste de correlação de Pearson foi possível verificar uma correlação positiva forte ($r = 0,5$; $p < 0,01$) entre a habilidade de julgar e corrigir frases com violações morfológicas e a habilidade de reconhecer palavras. Foi também verificada uma correlação positiva forte ($r = 0,49$; $p<0,01$) entre a tarefa de julgar e corrigir frases com violações morfológicas e a tarefa de compreensão de frases e uma correlação de efeito menor entre a tarefa de julgar e corrigir frases com violações na ordem das palavras e a habilidade de reconhecimento de palavras ($r = 0,39$; $p<0,05$). Os resultados das regressões indicam que a habilidade de julgar e corrigir frases com violações morfológicas continua a ter valor preditivo, como indicado anteriormente no teste de correlação, sobre o desempenho nas tarefas de reconhecimento de palavras ($p<0,01$) e de compreensão de frases ($p< 0,05$). A habilidade de julgar e corrigir frases com violações na ordem das palavras não aparece como preditora de nenhuma das habilidades de leitura investigadas. De um modo geral, os resultados confirmam a importância das habilidades metassintáticas para o desenvolvimento das habilidades de leitura, mas em especial da decodificação. O fato da habilidade de julgar e corrigir frases com violações na ordem das palavras não aparecer como preditora da compreensão parece ter ocorrido porque essas crianças se encontram em estágios muito iniciais da aquisição da leitura. Os resultados revelam, assim, o papel preponderante dos processos voltados para o reconhecimento de palavras no desenvolvimento da leitura nos estágios iniciais dessa aprendizagem e parecem confirmar a ideia de que a habilidade metassintática pode desempenhar papel relevante na

aprendizagem da decodificação e, na medida em que contribui para melhorar o nível da decodificação, influencia também a compreensão.
Apoio Financeiro: CAPES
Palavras-chave: compreensão; habilidades metassintáticas; reconhecimento de palavras.
P
COG

CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA E AQUISIÇÃO DA LEITURA: RESULTADOS DE UMA PESQUISA DE INTERVENÇÃO. *Lina Maria de Moraes Carvalho** (Universidade Federal do Piauí/Teresina-PI)*
Maria Regina Maluf (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/SP)
,
Pesquisas recentes da área da Ciência Cognitiva da Leitura, realizadas com falantes de diferentes idiomas, mostram uma correlação positiva entre o desenvolvimento da consciência fonológica e a aprendizagem da linguagem escrita. Uma grande parte das dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita parece estar relacionada com déficits de habilidades fonológicas que podem ser superados por meio da aplicação de programas de intervenção em consciência fonológica. Este estudo teve como objetivo investigar os efeitos que uma intervenção para desenvolver habilidades de consciência fonológica produz no desenvolvimento dessas habilidades e no desempenho em leitura de alunos com atrasos na aprendizagem da linguagem escrita. O estudo foi realizado em uma escola pública de Teresina-PI e teve como participantes 18 alunos de 3º e 4º anos do Ensino Fundamental, de ambos os sexos, com idades entre 7;1 e 9;3 anos, distribuídos em grupo experimental e grupo controle. A pesquisa do tipo quase experimental foi desenvolvida em três fases: pré-teste, intervenção e pós-teste. Os instrumentos utilizados foram: uma prova de consciência fonológica e uma de leitura de palavras, aplicadas pela pesquisadora aos alunos de ambos os grupos no pré e pós-teste, e o programa de intervenção composto de cinco unidades de atividades e jogos visando o desenvolvimento da consciência fonológica nos níveis suprassegmentar (sílabas, rimas) e segmentar da fala (fonemas). O programa foi aplicado pela pesquisadora aos alunos do grupo experimental, em 24 sessões com 90 minutos cada, três vezes por semana. Os dados foram submetidos à análise estatística com o Teste t de Student (para amostras pareadas e independentes), analisados e discutidos em confronto com outros resultados de pesquisas da área. Os resultados da avaliação inicial, feita como pré-teste, mostraram desempenhos muito baixos de todos os participantes desta pesquisa nas habilidades de consciência fonológica, sobretudo nas tarefas de manipulação e síntese fonêmicas, e desempenhos nulos nas de segmentação e transposição fonêmicas, dando suporte às hipóteses de correlação entre déficit em consciência fonológica e dificuldades na aquisição da leitura. Na avaliação pós-intervenção, os alunos do grupo experimental apresentaram melhor desempenho do que os do grupo controle tanto nas habilidades de consciência fonológica quanto na leitura de palavras, com diferença significativa ($p<0,05$). Os resultados do presente estudo convergem com resultados de outras pesquisas de intervenção estrangeiras e brasileiras que têm demonstrado efeitos positivos de programas de atividades instrutivas para desenvolver consciência fonológica sobre o desenvolvimento de habilidades de consciência fonológica e na aquisição da leitura.
BOLSA CAPES
Palavras-chave: Consciência Fonológica; Leitura; Dificuldades de Aprendizagem.
D
COG

Sessão Coordenada: **CONHECENDO OS TRANSTORNOS ALIMENTARES: A EXPERIÊNCIA DOS PACIENTES, CUIDADORES, FAMILIARES E O PROCESSO TERAPÊUTICO**

A presente proposta se submete às considerações do comitê científico da 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia na modalidade Sessões Coordenadas . Trata-se de uma proposta de trabalho de duas instituições universitárias Universidade de Brasília e Universidade de São Paulo cujos interesses científicos sobre os Transtornos Alimentares (TA) têm encontrado convergência para uma discussão relevante para essa temática.

Os TA configuram relações problemáticas com a alimentação e a imagem de si, que podem acarretar sérios problemas de saúde, inclusive expor a pessoa acometida ao risco de morte. Atualmente, percebe-se um aumento considerável nos casos de TA, principalmente em adolescentes e jovens adultos do sexo feminino. A Anorexia Nervosa e a Bulimia Nervosa figuram como os quadros mais recorrentes.

Por sua crescente incidência no mundo contemporâneo, esses transtornos são considerados, atualmente, um importante problema de saúde pública, remetendo-nos a discussões sobre as dinâmicas subjetivas e sociais envolvidas nesse processo de adoecimento. Nesse sentido, a busca por uma compreensão mais abrangente dos múltiplos aspectos envolvidos para sua ocorrência e crescente incidência, bem como a criação de alternativas mais profícuas de tratamento para as pessoas acometidas são objetivos sociais prementes, para os quais, a psicologia pode contribuir em grande medida.

Os TA podem se manifestar pela primeira vez já na infância, podendo haver perda de peso ou falha em ganhar peso, o que prejudica o crescimento e o desenvolvimento do indivíduo. Na maioria dos casos, porém, como foi dito acima, as manifestações psicopatológicas tomam forma pela primeira vez na adolescência e ocorrem, sobretudo, entre as mulheres, gerando intensa repercussão emocional em seu contexto familiar.

Percebe-se que averiguar as características do funcionamento psicodinâmico de pessoas diagnosticadas com TA pode ser um caminho interessante para refletir sobre intervenções adequadas que evitem o agravamento dos quadros. A literatura aponta para pacientes que apresentam a capacidade intelectual preservada, mas não conseguem utilizar plenamente seus recursos cognitivos. Já com relação aos aspectos emocionais, por vezes, seus impulsos deficitários se fazem marcantes, podendo ocorrer episódios de auto e hetero agressividade.

Todavia, apesar desse padrão geral, a experiência clínica aponta que os pacientes vêm apresentando, atualmente, características cada vez mais diferenciadas, como comorbidades com outros transtornos mentais (transtorno de personalidade borderline, por exemplo); maior número de homens com diagnóstico; comorbidade com problemas de natureza sindrómica, como a síndrome de Turner; dentre outros aspectos que tornam o assunto mais complexo e amplo, demandando por investigações e debates científicos.

No que se refere aos prejuízos causados pelo transtorno, tem-se conhecimento de que os indivíduos com diagnóstico de TA demonstram, em geral, altos níveis de comprometimento dos aspectos vitais, com prejuízos significativos na adaptação e na qualidade de vida. É característico destes pacientes vivenciarem, além de prejuízos na saúde física, alterações no funcionamento psicossocial. Todos esses fatores reafirmam, mais uma vez, o fato destes transtornos serem considerados problemas merecedores de atenção pública.

Aspectos socioculturais, características da personalidade do indivíduo e da dinâmica familiar são fatores que influenciam o surgimento e curso dos transtornos alimentares. Há também estudos que relatam a influência de características biológicas, como fatores genéticos, envolvidos na manifestação dessas doenças. Assim, percebe-se que a etiologia dos TA é multifatorial, apontando, novamente, para a complexidade da compreensão destas psicopatologias e a necessidade de investigações científicas que englobem esses diversos âmbitos dos TA.

No contexto dos TA, as famílias desempenham papel relevante, já que influenciam e, por sua vez, são afetadas pelo transtorno, demandando também por atenção e cuidados. A literatura aponta que as famílias são as principais fontes de apoio social dos pacientes com TA, entretanto, a dinâmica dessas famílias é marcada por relações conflituosas e instáveis. Desse modo, os familiares e cuidadores devem também ser considerados ao se planejar o tratamento para pessoas com TA. Além disso, a investigação da dinâmica dessas unidades familiares aparece como uma das estratégias interessantes de engajamento para profissionais que se propõem a trabalhar com TA, permitindo-nos lançar novos olhares sobre os fenômenos decorrentes.

No que se refere à organização dessas famílias, a literatura aponta que estas apresentam dificuldades no estabelecimento de limites entre seus membros, o que leva a uma confusão nos papéis que cada um assume dentro da dinâmica familiar, prejudicando a constituição da identidade e a preservação da individualidade. A maioria dos trabalhos dedicam-se à investigação das dificuldades de separação mãe-filha, enquanto a figura paterna é reconhecida pela ausência, ou seja, por um contato superficial, não se fazendo presente em momentos críticos para o desenvolvimento da(o) filha(o). Entretanto, pela grande carência de estudos que abordem a função paterna no contexto dos transtornos alimentares, investigações nessa direção podem oferecer contribuições inovadoras para o entendimento de múltiplos processos envolvidos nesse tipo de adoecimento, considerando que o pai apresenta-se como figura importante no cuidado da(o) filha(o) desde o nascimento. Assim, a compreensão da inserção da figura paterna nos psicodinamismos dos quadros de TA pode ser um elemento diferencial no tratamento destes pacientes.

Por se tratarem de quadros de tamanha gravidade e complexidade, o tratamento dos transtornos alimentares deve abordar estratégias de múltiplas naturezas e ser articulado por uma equipe multidisciplinar. Nesse sentido, a intervenção psicológica é possível em diversos âmbitos, de modo que a reflexão sobre modalidades terapêuticas possíveis e o compartilhamento de estudos baseados em experiências clínicas aparecem como alternativas para o amadurecimento do trabalho na área, com vistas a um atendimento mais comprometido e eficaz no cuidado aos pacientes acometidos por esses transtornos.

Tendo em vista essa visão panorâmica do problema em questão, observa-se a necessidade de uma discussão ampla e rica, que consiga abarcar diferentes âmbitos que influenciam e são influenciados pela vivência dos TA. A partir desse debate, reflexões pertinentes podem emergir, apontando para estratégias de atuação profissional que contribuam para um cuidado mais integral de pacientes e familiares que convivem com essa problemática.

Psicologia Clínica e da Personalidade

PSICOTERAPIA INDIVIDUAL EM UM CASO GRAVE DE ANOREXIA NERVOSA ATENDIDO EM SERVIÇO MULTIDISCIPLINAR: CONSTRUINDO NOVOS SENTIDOS E POTENCIALIZANDO MUDANÇAS. *Daniel Magalhães Goulart** (Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília, Brasília DF), Manoel Antônio dos Santos. (Universidade de São Paulo),*

Transtornos alimentares configuram relações problemáticas com a alimentação e a imagem de si, que podem acarretar sérias complicações de saúde, chegando, inclusive, a expor a pessoa acometida ao risco de morte. Uma das expressões mais recorrentes desses transtornos é a Anorexia Nervosa, caracterizada por uma busca incansável pela magreza, seguida de redução de peso e sua manutenção abaixo do padrão de normalidade por processos inadequados de controle, que levam à desnutrição severa. Por se tratarem de quadros graves e complexos, a atenção especializada a esses casos requer um tratamento com enfoque multidisciplinar e que adote múltiplas estratégias, incluindo psicoterapia individual. Nesse contexto, o presente

estudo teve por objetivo problematizar o manejo psicoterápico na Anorexia Nervosa, a partir do acompanhamento de uma paciente com 16 anos de tratamento em um serviço multidisciplinar de referência nacional. A estratégia metodológica utilizada é o estudo de caso individual, tendo como fio condutor a sistematização de relatos do psicoterapeuta transcritos após as sessões realizadas em um período de nove meses. Ao longo desse processo, em virtude do agravamento de seu quadro psicopatológico, a paciente ficou internada na Unidade de Psiquiatria e Psicologia de um hospital geral, por um período aproximado de três meses. Nesse período, optou-se por dar seguimento ao processo psicoterápico da paciente, mesmo no contexto hospitalar, mediante o deslocamento do psicoterapeuta para esse cenário. Após este período, os atendimentos voltaram a ser realizados no local de costume. O material clínico foi extraído dos registros anotados em diário de campo após cada sessão, com frequência de duas sessões semanais e duração de 50 minutos. O material foi posteriormente submetido à análise de conteúdo temática, seguindo abordagem qualitativa em pesquisa, tendo por base os aportes teóricos da psicanálise. Na análise dos aspectos selecionados, destacou-se, primeiramente, o período de atendimento realizado durante a internação. Esse momento foi vivenciado com intenso medo e angústia pela paciente. A relação terapêutica foi construída como sustentáculo para as adversidades experienciadas e sentida como remoto elo de ligação com a realidade perdida . Posteriormente, a análise deteve-se na reconstrução do setting terapêutico, enfatizando oportunidades para refletir sobre aspectos transferenciais e contratransferenciais intensificados nesses períodos de constantes transformações da relação terapêutica. Finalmente, foram destacados alguns momentos de mudança subjetiva, nos quais foi possível resgatar recursos próprios para lidar melhor com frustrações inerentes à vida. Nesses momentos, a paciente foi capaz de reconhecer em si a esperança em novas e conquistas, buscando criar novas alternativas que a desafiavam e a colocavam na posição de superar a si mesma. Ao final do contato terapêutico, muitas das dificuldades que a paciente apresentava no início se mantiveram, sobretudo a intensa insatisfação com seu corpo e os problemas em relação à alimentação. No entanto, a capacidade de olhar para essas dificuldades e o modo de utilizar alguns recursos próprios passaram por uma significativa transformação, no sentido de confiar mais em suas potencialidades e acreditar mais em si. Tais mudanças foram compreendidas e valorizadas pela paciente, que se mostrou mais próxima e consciente do seu processo singular de desenvolvimento.

Palavras-chave: Transtornos alimentares, anorexia nervosa, psicoterapia individual
Nível do trabalho: Pesquisador - P.
Área da psicologia: CLIN Psicologia Clínica e da Personalidade.

FUNCIONAMENTO PSICODINÂMICO DE MULHERES COM BULIMIA NERVOSA E OBESIDADE: SIMILARIDADES E DIFERENÇAS. *Dra. Fernanda Kimie Tavares Mishima Gomes, Valéria Barbieri, Manoel Antônio dos Santos (Departamento de Psicologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, SP),*

No mundo contemporâneo os transtornos alimentares são considerados um dos mais importantes problemas de saúde pública, que acarreta prejuízos tanto para a saúde física quanto para a saúde mental. Somado a esse aspecto, estes transtornos prejudicam a vida dos indivíduos na esfera nuclear e social, acarretando graves consequências, o que indica a necessidade de sua ampla compreensão para o uso dos recursos terapêuticos pelos profissionais de saúde. Além disso, apesar da existência de diversos tratamentos e estudos relacionados a este tema, tem-se que nem sempre os tipos de tratamentos utilizados são eficazes, já que se faz necessário a presença de uma equipe multidisciplinar na conduta terapêutica. Pensando em conhecer e, assim, abranger novas modalidades de tratamentos mais eficazes, em particular para a esfera psicológica, este trabalho teve por objetivo averiguar as características do funcionamento psicodinâmico de mulheres com bulimia nervosa e

mulheres com obesidade, dois tipos de transtornos alimentares atuais e disseminados entre a população feminina. O estudo buscou destacar similaridades e divergências da organização da personalidade das mulheres com ambos os transtornos, no intuito de compreender de forma mais ampla a dinâmica psíquica e aprimorar os recursos de atendimento terapêutico. Para tanto, houve a participação de três mulheres bulímicas e três obesas, com idades que variaram entre 30 e 42 anos. Todas passaram por avaliação psicológica por meio de entrevistas semiestruturadas e aplicação do Teste de Apercepção Temática (TAT), técnica avaliada de acordo com a proposta de Morval. Após avaliação das técnicas propostas, foi possível assinalar similaridades e diferenças no funcionamento psicodinâmico das pacientes. Como resultados semelhantes todas as mulheres apresentaram percepção das figuras parentais como sendo ambivalentes, que ora apoiavam, ora agrediam, transmitindo mensagens ambíguas, o que gerava insegurança e receio de tais figuras. Também denotaram sentimentos de menos valia e sinais de angústia na introjeção da imagem de si como mulheres, com características sexuais e femininas. Todas apresentaram dificuldades no contato interpessoal, em especial, devido à desvalorização e baixa autoestima; elas demonstraram necessidade de apoio e proteção, mostrando-se dependentes do afeto e da aprovação vinda do outro. Apesar dessas dificuldades afetivas apresentadas pelas mulheres serem semelhantes, houve diferenças quanto à maneira de lidar com as mesmas: as mulheres bulímicas defendiam-se do desamparo afetivo por meio da agressividade diante de tudo que provinha da figura materna, em especial, a função alimentar; já as obesas recorriam de maneira compulsiva ao alimento para abrandar a experiência da lacuna emocional. Tais resultados apontam para a diversidade nos psicodinamismos de mulheres bulímicas e obesas, em particular, na maneira como reagem à deficiência afetiva provinda de um ambiente que não foi suficientemente bom. Assim, o tratamento de tais pacientes deve considerar essa diversidade a fim de auxiliar no processo de intervenção terapêutica. Sugere-se a possibilidade de conduzir maneiras distintas ao estabelecer a relação transferencial no cuidado com essas pacientes, já que este conhecimento torna-se essencial para melhor compreender o desenrolar do processo terapêutico e, também, para proporcionar o fornecimento de suporte emocional e a experiência de um ambiente suficientemente bom durante o tratamento.

Palavras-chave: bulimia, obesidade, psicodinamismos.
Nível do trabalho: Pesquisador - P.
Área da Psicologia: CLIN - Psicologia Clínica e da Personalidade.

RELAÇÃO PAI-FILHA NO CONTEXTO DOS TRANSTORNOS ALIMENTARES: A PERSPECTIVA DO PAI. *Lilian Regiane de Souza Costa**, Manoel Antônio dos Santos (Núcleo de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP),*

Transtornos Alimentares (TA) são quadros psicopatológicos, nos quais se percebem graves alterações no comportamento alimentar. Aspectos socioculturais, características da personalidade do indivíduo e da dinâmica familiar são fatores que influenciam o surgimento e curso dos TA. A dinâmica familiar da pessoa com TA caracteriza-se pelas dificuldades de separação mãe-filha, enquanto que a figura paterna é reconhecida pela ausência: fala-se de um pai que parece apoiador, mas de forma superficial, e que nos momentos mais críticos não está próximo ou presente. São raríssimos os estudos que abordam o pai no contexto dos TA, assim como a relação destes com suas filhas. Winnicott lembra que o pai tem função importante em cada etapa do desenvolvimento do filho, influenciando a constituição de sua identidade e personalidade desde o nascimento. O presente estudo teve como objetivo investigar aspectos da relação pai-filha no contexto dos TA, a partir da perspectiva do pai. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com três pais (progenitores do sexo masculino) de mulheres diagnosticadas com anorexia nervosa, em atendimento no Grupo de Apoio em

Transtornos Alimentares (GRATA), serviço especializado do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - HC-FMRP-USP. Os pais são: Edson, 74 anos; Dimas, 61 anos e Laércio, 55 anos (nomes fictícios). As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas na íntegra. Os dados foram submetidos à análise de conteúdo e interpretados à luz do referencial teórico psicanalítico. Os entrevistados julgaram-se pais protetores e exigentes, sempre atentos aos cuidados das filhas, destoando do que aponta a literatura da área. Edson e Dimas relataram dificuldades de aproximação afetiva com as filhas, bem como de associar as exigências com demonstração de afeto. Observaram-se prejuízos na função de interditor na díade mãe-filha. Laércio apresentou uma vinculação controladora em relação à filha, mais característico do relacionamento mãe-filha no contexto dos TA. Os três pais relataram sentimentos de angústia com o surgimento dos sintomas nas filhas, além de vivenciarem sentimentos de culpa. Percebeu-se que o TA provocou modificações de sua percepção como pai: Dirceu refere que buscava ser o pai perfeito , mas que, com a doença da filha, descobriu que não era nada daquilo que imaginava . Esse relato lembra o que Winnicott fala sobre o cuidador suficientemente bom , que é aquele que também falha. Os três pais indicaram o GRATA como fonte de apoio não só para as filhas, mas, principalmente, para si próprios, valorizando o suporte oferecido nos grupos de apoio destinados aos familiares acompanhantes. Os dados apontaram para necessidade de mais estudos sobre a participação do pai no contexto dos TA. Parece que o envolvimento paterno nestes quadros psicopatológicos é complexo e merecedor de investigação científica. Percebeu-se a necessidade de estudos que abordem também a perspectiva das filhas em relação ao pai. Pesquisas como esta podem instrumentalizar a inclusão do pai no tratamento de pacientes, possibilitando um espaço de elaboração das angústias vivenciadas pelos familiares após o aparecimento do transtorno.

Palavras-chave: Transtornos alimentres, anorexia nervosa, pai, família.
Nível do trabalho: Mestrado - M.
Área da psicologia: SAÚDE - Psicologia da Saúde.

A REJEIÇÃO DO ALIMENTO DURANTE A INFÂNCIA: UM ESTUDO DE CASO. *Ana Paula Medeiros**, Fernanda Kimie Tavares Mishima Gomes, Carolina Ruiz Longato, Valéria Barbieri (Departamento de Psicologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, SP),*

Os transtornos alimentares podem se manifestar pela primeira vez na infância ou na adolescência. Os transtornos de alimentação da primeira infância caracterizam-se por uma dificuldade em se alimentar adequadamente, podendo haver perda de peso ou falha em ganhar peso, iniciando antes dos seis anos de idade, o que prejudica o crescimento e o desenvolvimento do indivíduo. Este trabalho apresenta um caso clínico atendido em um Serviço de Triagem Infantil, realizado em cinco sessões: entrevista com os pais, sessão lúdica com a criança, sessão familiar, devolutiva com os pais e devolutiva com a criança. A menina, de quatro anos de idade, foi encaminhada para atendimento psicológico pela fonoaudióloga, com a queixa principal de não aceitação de alimentos, mesmo sem alteração na fisiologia da deglutição. Durante a entrevista os pais relataram que a criança sentia vontade de comer quando sentia o cheiro da comida, mas não tinha prazer em comer, chorando e sentindo náuseas quando precisava se alimentar. Muitas vezes, a criança dizia que havia comido, sem tê-lo feito, além de não aceitar que ninguém a visse comendo. Eles relataram que logo após o nascimento a criança não sugava e ganhava pouco peso. Ela foi diagnosticada com laringomalácia e hipotonia, o que faz pensar na hipótese de que essas doenças desencadearam emoções intensas de ameaça à sua integridade, prejudicando seu desenvolvimento emocional. Além disso, há evidência de ansiedade e insegurança dos pais, que resultaram em comportamentos rígidos e intrusivos da família, refletindo no comportamento alimentar da

criança. Na sessão lúdica a menina interagiu com a psicóloga, envolvendo-se em diversas atividades. Destaca-se o momento em que fez comidas com massa de modelar, dizendo que era para as bonecas, mas, em nenhum momento, a comida era dada a elas. De modo geral, foi possível perceber que a paciente possui capacidade de simbolizar, por meio do brincar criativo. Entretanto, nota-se falta de limites com a perda das fronteiras da identidade, comprometendo o reconhecimento do próprio corpo e de suas sensações. Na sessão familiar, com a criança e seus pais, a paciente se envolveu em diversas atividades, principalmente com o pai. Ambos pareciam ter um bom relacionamento, expressos por naturalidade e afeto. O pai a ajudava a simbolizar e expressar sua criatividade. Já a mãe parecia bastante deprimida e frequentemente buscava a atenção e aprovação da filha. Notou-se que a dificuldade em relação à comida ocorre principalmente pela forma de relacionamento dos pais com a criança: há dificuldade em estabelecer limites, que impedem que a filha se diferencie do outro e estabeleça limites para o próprio corpo. Muitas vezes, os pais impunham suas próprias necessidades à filha, impedindo, assim, a satisfação de suas principais necessidades, tanto afetivas quanto materiais. É possível pensar que a rejeição por comida reflete uma rejeição à forma como é cuidada pela mãe, além de uma estratégia de manifestação de necessidade de separação e busca por sua individualidade. Destaca-se a importância da realização de psicoterapia para a mãe e para a criança, para retomar seu desenvolvimento emocional.

Palavras-chave: triagem infantil, transtorno alimentar, estudo de caso.
Nível do trabalho: Pesquisador - P.
Área da Psicologia: CLIN - Psicologia Clínica e da Personalidade.

O CUIDADO AO CUIDADOR: A PSICOTERAPIA COMO IMPORTANTE RECURSO DE DESENVOLVIMENTO PARA CUIDADORES DE PACIENTES COM TRANSTORNOS ALIMENTARES.

Andressa Carolina de Souza, Érika Arantes de Oliveira-Cardoso, Manoel Antônio dos Santos (Departamento de Psicologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, SP).,*

Os transtornos alimentares (TA) constituem quadros psiquiátricos complexos, sendo considerados graves distúrbios do comportamento alimentar, com sintomas diversos, como perturbações nutricionais e endocrinológicas, que acarretam prejuízos, inclusive emocionais. Devido à complexidade que envolve a dinâmica psicopatológica, o manejo desses quadros representa um desafio para o profissional. Recomenda-se que o tratamento seja multidisciplinar, com aplicação de diversas abordagens, entre as quais a psicoterapia individual. Nesse contexto, as famílias desempenham papel relevante, pois influenciam e, por sua vez, são afetadas pelo transtorno, que exige atenção e cuidados recorrentes. Deve-se incluir na assistência o cuidado aos familiares, que é considerado importante recurso para auxiliar na atenção a esses pacientes. Este estudo teve por objetivo refletir sobre o cuidado oferecido aos cuidadores de pacientes com TA, a partir do atendimento psicoterápico de uma mãe de uma paciente com anorexia nervosa do tipo purgativo. O atendimento teve duração de 20 sessões, que ocorreram no Centro de Psicologia Aplicada de uma universidade pública. O material utilizado se baseou nos registros sistematizados após as sessões, que foram submetidos à análise de conteúdo. Como referencial teórico-metodológico foi utilizada a teoria psicanalítica. Os resultados mostram que a vivência singular da psicoterapia corroborou a importância da criação, junto com a paciente, de um espaço destinado ao cuidado emocional da cuidadora, na tentativa de incluí-la no processo de descoberta de si mesma, e não apenas como parte do tratamento de sua filha. Nesse sentido, a existência de sentimentos ambivalentes de amor e ódio na relação com a filha pôde ser focalizada, permitindo que fossem aceitos de forma mais integrada. Desse modo, os conflitos relacionados à experiência do TA e ao exercício da parentalidade puderam ser melhor manejados. Além disso, as tentativas de controle foram trabalhadas, considerando as dimensões da imprevisibilidade e

do desconhecido como inerentes à condição humana. Os altos e baixos níveis de motivação, também presentes nas vivências da paciente em relação ao seu tratamento, puderam ser trabalhados, preparando o caminho para as mudanças em relação à esperança/desesperança, que oscilavam conforme as dificuldades enfrentadas no contexto dos TA. Houve momentos em que era possível notar as tentativas de se manter os bons objetos dentro de si. No encerramento do atendimento psicoterápico, foi explorada a questão de que, com o início de uma nova psicoterapia, as experiências pudessem ser integradas, levando junto de si os aprendizados conquistados. Pode-se concluir, a partir das reflexões extraídas da experiência psicoterapêutica, que o atendimento psicológico a familiares de pessoas diagnosticadas com TA pôde contribuir com a evolução do tratamento da psicopatologia do paciente identificado, em sinergia com as demais intervenções da equipe multiprofissional, já que possibilitou o fortalecimento egóico da mãe. Com base nos benefícios terapêuticos auferidos, conclui-se que o bom vínculo desenvolvido entre psicoterapeuta e paciente pode ser elemento-chave para que aspectos psíquicos menos acessíveis, relacionados a essa vivência, possam ser trabalhados de forma integral, minimizando o sofrimento psíquico da cuidadora e auxiliando seu desenvolvimento emocional.

Palavras-chave: transtornos alimentares, psicoterapia, família.

Nível do trabalho: Pesquisador - P.

Área da Psicologia: CLIN - Psicologia Clínica e da Personalidade

Sessão Coordenada: **Depressão pós-parto e suas potenciais consequências para a funcionalidade materna: contribuição de variáveis endócrinas, afetivas e socioeconômicas.**

A depressão pós-parto (DPP) é um transtorno mental associado ao período puerperal, especificado nos sistemas de classificação diagnóstica em psiquiatria (CID-10: Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde 10ª. revisão; DSM-IV: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - 4ª. edição). Segundo o CID-10, a DPP tem início até a sexta semana após o parto e, de acordo com o DSM-IV, até a quarta semana pós-natal. Embora isto seja estabelecido pelos manuais diagnósticos, alguns pesquisadores acreditam que a DPP possa surgir em outros momentos do primeiro ano pós-parto e não, necessariamente, nas primeiras semanas. Os sintomas observados são: humor deprimido; alterações no apetite com consequente perda ou ganho de peso; alterações no sono com consequente insônia ou hipersônia; dificuldades de dormir especialmente após amamentar o bebê; agitação ou retardo psicomotor; crises de choro; desinteresse sexual; problemas de concentração; falta de energia e de interesse em atividades que antes eram consideradas agradáveis; ideias suicidas e sentimentos de culpa (HAGEN, 1999). A DPP se manifesta em semanas ou meses após o parto, podendo se estender por um período de seis meses a um ano. Existem autores que acreditam que a DPP pode persistir por mais de um ano ou dois. Desta forma, há certa variabilidade quanto ao período em que a DPP se inicia e se encerra. Indica-se para o tratamento da DPP os mesmos métodos empregados no tratamento de depressões gerais correntes em outros períodos do ciclo feminino, tais como: psicoterapia, farmacologia e, em casos extremos, eletroconvulsoterapia. Grande parte da literatura sobre o tema indica que a DPP atinge entre 10% e 15% das mulheres. Entretanto, a prevalência para este transtorno pode variar de quase 0% a cerca 60% das mulheres avaliadas ao redor do mundo (HALBREICH & KARKUN, 2006). As variações na taxa de prevalência, controladas as questões metodológicas, remetem para a investigação dos fatores de risco subjacentes. Beck (2002) traçou um perfil de risco para diagnosticar mulheres propensas à DPP e segundo esta autora elas seriam em sua maioria: solteiras, ou, se casadas, estariam insatisfeitas com o marido; teriam baixo status socioeconômico; baixa autoestima; história prévia de depressão; vivenciariam eventos de vida estressantes, incluindo estresse oriundo da criação de outros filhos; não planejariam nem desejariam sua gravidez; vivenciariam ansiedade ou depressão durante a gravidez; vivenciariam melancolia da maternidade; descreveriam seus bebês como crianças difíceis e irritadiças; e, por fim, não sentiriam suporte adequado vindo de potenciais parceiros, famílias e amigos. Além dos fatores de risco maternos, existem ainda os fatores de risco infantis. Murray e Cooper (1997a) consideraram que menor desempenho motor em escalas de desenvolvimento e alta irritabilidade do bebê estavam altamente ligados à DPP e ao comportamento menos eficaz em interações face-a-face aos dois meses de idade da criança. Desta forma, fatores de riscos maternos e infantis devem ser analisados conjuntamente, pois ambos possuem relação com a ocorrência de DPP.

Após tratar da definição, surgimento, cronicidade, terapêutica, prevalência e fatores de risco relacionados à DPP, deve-se lembrar que a literatura que versa sobre a DPP se subdivide entre estudos que examinam os fatores de risco que a ocasionam (e.g. BECK, 1995; 2002) e que, juntamente com ela (fatores de risco associados), acarretam potenciais prejuízos para a funcionalidade materna (e.g. STERN, 1997), para a relação mãe-bebê (e.g. FIELD et al., 1985) e para o desenvolvimento infantil posterior (e.g. MURRAY & COOPER, 1997). Inseridos nesta literatura, encontram-se os estudos que compõem a presente proposta de Sessão Coordenada. Os mesmos fazem parte de um projeto temático, longitudinal e multicêntrico maior idealizado pelas Profas. Dras. Emma Otta e Vera Silvia Raad Bussab (Instituto de Psicologia da USP) em conjunto com a Dras. Maria Teresa Zullini da Costa (Divisão de Pediatria do Hospital Universitário, in memorium) e Maria de Lima Salum e Moraes (Instituto de Saúde

de São Paulo). Intitulado Depressão pós-parto como um fator de risco para o desenvolvimento do bebê: estudo interdisciplinar dos fatores envolvidos na gênese do quadro e em suas consequências , o mesmo busca relacionar a incidência da DPP às condições de suporte social (material, afetivo e emocional), à fase da vida reprodutiva da mãe, às questões hormonais, ontogenéticas e de vinculação diádica. Este visa também avaliar implicações potenciais para a mãe e para o desenvolvimento global do bebê, avaliado quanto aos índices de desenvolvimento geral e neuro-psico-motor e aos níveis de cortisol. Dado que a DPP é um problema de saúde pública de natureza multideterminada e não linear que afeta tanto a saúde materna quanto o desenvolvimento da criança, buscou-se conjugar nesta Sessão Coordenada estudos que tratassem do mesmo tema (DPP), mas que tivessem diferentes enfoques para enriquecer e aprofundar a discussão sobre o mesmo.

Saúde Mental

ASSOCIAÇÃO ENTRE DEPRESSÃO PÓS-PARTO, IMPACIÊNCIA E BAIXA RENDA MATERNA..
*Renata Pereira de Felipe** (Departamento de Psicologia Experimental; Instituto de Psicologia; Universidade de São Paulo; São Paulo; SP).*
Vera Silvia Raad Bussab (Departamento de Psicologia Experimental; Instituto de Psicologia; Universidade de São Paulo; São Paulo; SP).
Bruna Karen (Departamento de Psicologia Experimental; Instituto de Psicologia; Universidade de São Paulo; São Paulo; SP).

,
A depressão pós-parto (DPP) é uma desordem de humor que afeta mães e, consequentemente, suas crianças e famílias. Mães deprimidas podem atribuir intenções e motivações negativas ao comportamento de seus filhos mais prontamente do que mães sem DPP. Além disso, essas mães, geralmente, se percebem em sofrimento e precisando de conforto. Dessa forma, poderiam esperar mais competência social e responsabilidade de suas crianças. Nesse contexto, inúmeras reações podem ser esperadas, tais como impaciência e raiva para com seus filhos. Existem inúmeros fatores psicossociais de risco que podem potencializar o efeito da DPP, incluindo a adversidade social. Pessoas que vivem em contextos caracteristicamente adversos possuem menos controle sobre a ocorrência de estressores, ficando cronicamente habituadas a conviver com inúmeros eventos de vida estressantes. Sendo assim, mulheres potencialmente deprimidas e de baixa renda teriam maior probabilidade de vivenciar situações de vulnerabilidade. O presente estudo faz parte de um projeto longitudinal e multicêntrico maior que versa sobre as possíveis causas e consequências da DPP sobre a relação mãe-bebê e o desenvolvimento infantil posterior. Aplicou-se a EPDE (Escala De Depressão Pós-parto de Edimburgo) aos 2-4, 8, 24 e 36 meses do pós-parto em 113 participantes. A partir desta aplicação, dois grupos foram formados: potencialmente deprimidas em algum período do puerpério (N = 54; 47,8%) e nunca deprimidas (N = 59; 52,2%). Outros instrumentos foram aplicados ao longo dos períodos supracitados: 1) Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB); e 2) Entrevistas semiestruturadas sobre características sócio-demográficas, familiares, reprodutivas, obstétricas, infantis e relacionadas a cuidados maternos e alo-maternos. Uma análise de árvore foi realizada através do método Exhaustive CHAID (Chi-square Automatic Interaction Detector), utilizando a razão da verossimilhança indicada para pequenas amostras e critério de 50 casos para o nó inicial e 25 para os demais. Considerando incidência de DPP como variável dependente, a análise incluiu no modelo Frequência com que a mãe fica impaciente com a criança aos 4 meses (χ21 = 18,002; p ajustado < 0,001) como a primeira variável independente, Renda familiar mensal (χ21 = 5,930; p ajustado = 0,015) como a segunda, e Frequência com que a mãe fica impaciente com a criança aos 8 meses (χ21 = 7,851; p ajustado = 0,005) como a

terceira. O modelo apresentou um percentual de classificação correta de 72,2% para mães que estiveram potencialmente deprimidas em algum período do puerpério e de 78% para aquelas nunca deprimidas. O percentual de classificação correta geral de 75,2% e o risco estimado de 0,248 (± 0,041) apontam que o modelo foi razoavelmente adequado para estimar a incidência da DPP em função da impaciência e da renda familiar mensal materna. Portanto, baseado na presente amostra, mães que possuíam baixa renda (menos que 800 reais mensais) e que foram mais impacientes com seus filhos durante o primeiro ano do pós-parto (4 e 8 meses) tinham, aproximadamente, 75% de chance de apresentar DPP. O resultado corrobora o caráter multideterminado da DPP, pois demonstra que esta desordem associa-se tanto a aspectos socioeconômicos quanto a aspectos comportamentais maternos.
Apoio Financeiro: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).
Palavras-chave: depressão pós-parto; impaciência; baixa renda.
Doutorado D.
Área (classificação SBP): SMENTAL - Saúde Mental.

A POSSIBILIDADE DE ESCUTA NA CLINICA PSICOLÓGICA VOLTADA ÀS MÃES QUE APRESENTAM ESPECTROS DA DEPRESSÃO PÓS-PARTO: O CUIDADO PARA QUEM É SOLICITADA A CUIDAR DE UM RECÉM-NASCIDO.. *Marina Cecchini** (Departamento de Neurologia; Faculdade de Medicina; Universidade de São Paulo; São Paulo; SP).*
Vera Silvia Raad Bussab (Departamento de Psicologia Experimental; Instituto de Psicologia; Universidade de São Paulo; São Paulo; SP).,
Muitas mulheres após o parto, ao invés de compartilhar da alegria ou mesmo da euforia social pela chegada do bebê à família, iniciam um quadro de depressão pós-parto (DPP). A DPP é considerada um espectro de transtorno depressivo e ansioso que surge no período perinatal, caracterizado, principalmente, por sintomas tais como desesperança, labilidade emocional, culpa, incompetência para lidar com a criança, dentre outros. O quadro de depressão pós-parto pode ser de difícil percepção. Nesse período, a insegurança, a angústia e a tristeza da mãe tendem a ser minimizadas tanto pelos cuidados intensivos dispensados ao bebê quanto pela questão social e moral vigente de que este período deve ser encarado como uma fase de muita alegria e plena disponibilidade ao bebê. Assim sendo, constata-se que o papel materno já está estabelecido e não em formação. Contudo, a sutileza da sintomatologia materna não minimiza suas implicações na relação diádica mãe-bebê, em que mesmo as formas mais brandas de depressão materna podem afetar o bebê. O recém-nascido reage a prejuízos na contingência do comportamento materno. Assim, aspectos da relação mulher-mãe e mãe-criança voltados ao humor da gestante/puérpera, assim como à qualidade da relação mãe-bebê devem ser melhor investigados. Recomenda-se também considerar a história e a qualidade de vida da mulher no sentido de detectar eventuais fatores de risco para DPP, com vistas à prevenção e intervenção precoces. Desta maneira, considerar o que a mãe e a criança expressam no momento da avaliação se mostra fundamental para o estabelecimento da intervenção precoce. O presente estudo faz parte de um projeto longitudinal maior que versa sobre as possíveis causas e consequências da DPP sobre a relação mãe-bebê e o desenvolvimento infantil. Neste buscou-se investigar os relatos das mães que mais necessitavam de um acompanhamento terapêutico (potencialmente deprimidas), pontuando suas percepções quanto às suas experiências sociais, cuidados com o filho, atenção do seu grupo social, questões psíquicas e estado mental. Das 55 mães com indicativo de DPP que aceitaram o tratamento, apenas 13 (18%) completaram as 10 sessões propostas para o mesmo. Nestas sessões, estas mães com indicativo de DPP relataram dificuldades em lidar com a total dependência do recém-nascido, principalmente por se encontrarem em um

momento de vulnerabilidade com o seu próprio cuidado. Além disso, este relato trazia elementos da falta de um suporte social advindo tanto do companheiro quanto de sua rede social mais ampla. Falta de suporte social esta que intensificava a vulnerabilidade materna em lidar com as demandas infantis. À mãe fica a sensação de que só lhe resta o medo e a insegurança, somados à responsabilidade total de garantir a sobrevivência do dependente e indefeso recém-nascido. Em suma, diante da consideração de tantas questões, cabe ressaltar a ênfase da psicopatologia voltada ao relato da vivência materna após o parto favorecendo assim o conhecimento de quais seriam as determinantes favoráveis e desfavoráveis que permeiam o discurso materno no pós-parto.

Apoio Financeiro: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).
Palavras-chave: depressão pós-parto; intervenção; psicoterapia.
Mestrado M.
Área (classificação SBP): SMENTAL - Saúde Mental.

ASSOCIAÇÃO ENTRE CONCENTRAÇÃO HORMONAL, DEPRESSÃO PÓS-PARTO E PERCEPÇÃO DAS MÃES SOBRE SEUS BEBÊS.. *Tania Kiehl Lucci** (Departamento de Psicologia Experimental; Instituto de Psicologia; Universidade de São Paulo; São Paulo; SP).*
Maria de Lima Salum e Morais (Instituto de Saúde; São Paulo; SP).
Vinicius Frayze David (Departamento de Psicologia Experimental; Instituto de Psicologia; Universidade de São Paulo; São Paulo; SP).
Luiz da Silva Santos (Departamento de Psicologia Experimental; Instituto de Psicologia; Universidade de São Paulo; São Paulo; SP).
Marie Odile Monier Chelini (Departamento de Psicologia Experimental; Instituto de Psicologia; Universidade de São Paulo; São Paulo; SP).
Emma Otta (Departamento de Psicologia Experimental; Instituto de Psicologia; Universidade de São Paulo; São Paulo; SP).
,
Depressão pós-parto (DPP) é um distúrbio diagnosticado semanas após o parto, que pode interferir de forma negativa nas relações familiares. Diversas pesquisas têm investigado o efeito da depressão no estabelecimento do vínculo mãe-bebê e, apesar de não existirem dados conclusivos sobre a qualidade de interação da díade, estudos têm demonstrado que as mães com DPP relatam maior dificuldade na interação com seus filhos. Além da percepção negativa da relação com os filhos, muitos estudos sugerem a ocorrência de alterações hormonais ligadas à depressão. Níveis alterados de cortisol (ligado a estresse) e baixa concentração de dehydroepiandrosterona (DHEA) têm sido associados a diversas condições neuropsiquiátricas, inclusive depressão. No entanto, a relação entre alterações hormonais, depressão pós-parto e percepção materna ainda não foi claramente estabelecida. Pretendeu-se neste estudo verificar as possíveis associações entre esses três fatores e verificar como se dão essas relações. A presente pesquisa faz parte de um Projeto Temático que busca verificar os fatores de risco para a DPP e seus efeitos sobre o desenvolvimento infantil nos três primeiros anos de vida. A amostra foi composta por 58 mulheres moradoras do bairro do Butantã (São Paulo). Foi aplicada a Escala de Depressão Pós-Parto de Edimburgo (EDPE) na 12° semana após o parto e foram consideradas deprimidas as que tiveram pontuação igual ou superior a 12 (29,3%). Aos quatro meses após o parto foi realizada uma entrevista contendo cinco questões em que as mães avaliavam aspectos da sua relação com o bebê através de uma escala likert. Nessa ocasião, foram coletadas amostras de saliva para análise hormonal. Foi realizada uma análise estatística usando o modelo de equações estruturais (MEE). O modelo proposto relacionava as variáveis entre si: ocorrência de depressão em ocasiões anteriores,

DPP, concentrações dos hormônios DHEA e cortisol e percepção materna com relação aos filhos. Este método de análise permite a exploração de relações explicativas entre múltiplas variáveis simultaneamente, sejam essas latentes ou observadas. O ajuste do modelo possibilitou verificar que episódios anteriores de depressão, assim como baixas concentrações do hormônio DHEA (p=0,043) influenciam o desenvolvimento da Depressão Pós-parto. A condição de saúde mental da mãe, por sua vez, influencia uma percepção mais negativa com relação ao tempo dedicado ao bebê (p=0,058), trabalho que o bebê dá (p=0,041) e impaciência com relação aos cuidados do bebê (p<0,01). O modelo não mostrou haver relação entre níveis de cortisol e depressão pós-parto e nem relação direta entre os níveis hormonais e as variáveis de percepção materna.
Apoio Financeiro: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).
Palavras-chave: depressão pós-parto; hormônios; percepção materna.
Mestrado M.
Área SMENTAL Saúde Mental.

REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA SOBRE PREVALÊNCIA DE DEPRESSÃO PÓS-PARTO NA AMÉRICA LATINA E CARIBE.. *Gabriela Andrade da Silva** (Departamento de Psicologia Experimental; Instituto de Psicologia; Universidade de São Paulo; São Paulo; SP).*
Maria Imaculada Cardoso Sampaio (Departamento de Psicologia Experimental; Instituto de Psicologia; Universidade de São Paulo; São Paulo; SP).
Samuel Andrade da Silva (Instituto de Geociências e Ciências Exatas; Universidade Estadual Paulista \"Júlio de Mesquita Filho\"; Rio Claro; SP).*
Luiz Silva dos Santos (Departamento de Psicologia Experimental; Instituto de Psicologia; Universidade de São Paulo; São Paulo; SP).
Emma Otta (Departamento de Psicologia Experimental; Instituto de Psicologia; Universidade de São Paulo; São Paulo; SP).

,
Estudos realizados em diversos países sobre a prevalência de Depressão Pós-Parto (DPP) têm encontrado resultados variando de 1,5% a 62,8%. Metanálises chegaram a valores de 12,6% a 19,2%. Os objetivos do presente estudo foram investigar a prevalência média de depressão pós-parto (DPP) em estudos realizados em populações residentes na América Latina e Caribe e qual é a influência dos fatores metodológicos sobre esses resultados. Foi realizada revisão sistemática de literatura, consultando-se as seguintes bases de dados: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, CINAHL, Biblioteca Virtual Latino-americana de Psicologia, EMBASE, ERIC, LILACS, Networked Digital Library of Theses and Dissertations (NDLTD), Psicodoc, PsycInfo, PubMed, Redalyc, Scielo, Scopus e Web of Science, usando-se os termos depressão pós-parto e prevalência . Também foram consultadas referências bibliográficas dos estudos incluídos. Os estudos foram avaliados de acordo com sete critérios pré-estabelecidos: a) delineamento transversal ou de coorte longitudinal, b) investigou prevalência de DPP, c) participantes foram mães humanas, d) não foram realizadas intervenções para prevenir DPP, e) critério de diagnóstico claro e objetivo, f) período após o parto entre 8 e 365 dias, g) estudo realizado em população geral. A seleção de estudos por esses critérios foi realizada de forma independente por duas revisoras, verificando-se as taxas de concordância e buscando consenso nas divergências, em três etapas: avaliação de título, resumo e texto completo. A qualidade metodológica de todos os estudos incluídos foi avaliada usando o Guidelines for critically appraising studies of prevalence or incidence of a health problem , cuja pontuação varia de zero a oito. A busca sistemática localizou 211 registros na América Latina e Caribe, dos quais 38 atenderam aos critérios de inclusão. A prevalência média variou de 10% (IC95%: 6,7%-13,2%) na Colômbia a 50% (IC95%: 40,5%-59,5%) na Guyana. A maior

parte dos estudos foi realizada no Brasil, cuja prevalência média de DPP foi de 20,8%, variando entre 8,9% em Caxias do Sul (IC95%: 3,4%-14,5%) e 39,4% em Vitória (IC95%: 33,8%-45,0%). Embora grande parte dos trabalhos tenha sido aprovada nos critérios de inclusão da RS, a qualidade metodológica dos estudos, em geral, foi fraca, com média = 1,95 e desvio padrão = 1,1 na escala de avaliação de qualidade. A variação entre as características metodológicas dos estudos sobre prevalência de DPP (por exemplo: diferenças em delineamento, método de diagnóstico, técnicas de amostragem, tamanho da amostra e perfil da população estudada) prejudicou a comparação dos resultados. A Psicologia precisa se apoderar da RS como ferramenta na tomada de decisão clínica e, também, para o avanço das pesquisas, para tanto os autores devem ser orientados em relação à apresentação dos relatos com maior rigor e qualidade.

Apoio Financeiro: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).
Palavras-chave: depressão pós-parto; prevalência; América Latina.
Doutorado D.
Área (classificação SBP): SMENTAL - Saúde Mental.

INTERAÇÃO VERBAL MÃE-CRIANÇA E DEPRESSÃO PÓS-PARTO: ANÁLISE DO DISCURSO MATERNO QUANTO À ORIENTAÇÃO CULTURAL PARA AUTÔNOMIA OU INTERDEPENDÊNCIA..

*Alessandra Bonassoli Prado** (Departamento de Psicologia Experimental; Instituto de Psicologia; Universidade de São Paulo; São Paulo; SP).*
Vera Silvia Raad Bussab (Departamento de Psicologia Experimental; Instituto de Psicologia; Universidade de São Paulo; São Paulo; SP).
Daniela Bulow (Departamento de Psicologia Experimental; Instituto de Psicologia; Universidade de São Paulo; São Paulo; SP).*
Indira Yasmini (Departamento de Psicologia Experimental; Instituto de Psicologia; Universidade de São Paulo; São Paulo; SP).*
Juraci Mendonça (Departamento de Psicologia Experimental; Instituto de Psicologia; Universidade de São Paulo; São Paulo; SP).

,

O desenvolvimento de uma concepção de indivíduo ou de self resulta da interação do organismo em crescimento com outros seres humanos, na qual o meio social é assimilado. A relação de aprendizagem, dentro da perspectiva evolucionista, consiste na decodificação de informação de parceiros sociais significativos durante a fase de socialização, com consequências para o desenvolvimento de uma concepção inicial de self e um padrão de funcionamento interno. Uma matriz social básica é desenvolvida na inter-relação da criança com seus pares significativos (pais e outras pessoas) e diz respeito ao modo como o indivíduo percebe a si mesmos no contexto social mais amplo. Os indivíduos podem se perceber como independentes e autônomos em relação aos seus pares quanto às suas decisões, afetos e metas individuais, ou podem se perceber como inter-relacionados e dependentes. Esta matriz é modulada pelo modo como os pares, principalmente os progenitores, interagem com o bebê e a criança: atentando, respondendo aos sinais de desconforto e alegria (conforto), expressando calor emocional e contingência, por meio de sistemas universais de cuidado parental, como: cuidado primário, estimulação corporal, contato corporal, contato face a face, estimulação por objetos e envelope narrativo. Na fala dirigida à criança, ou pelo envelope narrativo, a mãe transmite seus modelos culturais, ou etno-teorias parentais. A presente proposta consiste na análise do discurso materno, em termos de orientação cultural para a interdependência e/ou autonomia, identificando possíveis correlações com variáveis do contexto sócio econômico e afetivo da mãe, como a depressão pós-parto, avaliada aos quatro

e 36 meses por meio da Escala Edimburgo. Este trabalho faz parte de um estudo interdisciplinar maior longitudinal, que segue uma amostra de díades mãe-criança atendidas pelo sistema público de saúde. A amostra foi composta de 90 mães com idade média de 25,72 anos (DP = 5,996) e escolaridade predominante de ensino médio (completo ou incompleto = 63,4%). Foram realizadas gravações de vídeo da interação da mãe-criança (aos 36 meses) por 10 minutos. O estilo do discurso foi classificado de acordo com categorias desenvolvidas por Heidi Keller, associadas ao conceito de Agência/Autonomia (ex: agência, avaliação, auto-referência, características pessoais, afirmação de necessidade) ou Relacionamento (ex: co-agência, referência à autoridade, contexto social, tratamento e crítica). Os escores correspondentes foram calculados pela soma das frequências das respectivas categorias, e controlados pelo número de emissões da fala materna. Houve predominância do estilo autônomo, a classificação média foi de 70.2% de emissões com autônomas versus 29.8% relacionais. Foi identificada correlação negativa entre o escore de DPP no puerpério e o percentual de emissões autônomas (r=-0,262; p=0,015). A importância deste resultado aponta para novas investigações de associações com outras variáveis socioeconômicas e, também, com diferentes aspectos do discurso materno, como fazer perguntas, dar informação, direcionar a atenção e diretivas de ação, em andamento no projeto mais amplo. A fala materna apresentou-se como um excelente recurso para análise da interação mãe-criança e reveladora sobre orientações culturais.

Apoio Financeiro: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).
Palavras chaves: discurso materno; depressão pós-parto; aprendizagem social.
Doutorado D.
Área (classificação SBP): SMENTAL - Saúde Mental.

Sessão Coordenada: **Desenvolvimento sociocognitivo: As manifestações do pensamento e da linguagem da primeira infância ao ensino fundamental**

Os estudos sobre o desenvolvimento sociocognitivo, a forma como a criança tem manifestado suas escolhas, compreendido o pensamento, suas crenças e as crenças das outras pessoas tem sido alvo de crescente interesse. A linguagem, seja a oral ou a escrita, tem sido apontada como favorecedora do desenvolvimento das habilidades sociocognitivas. A escolarização, o ingresso da criança no ambiente educacional exige dela constante adaptação e ajustamento social. Nesse sentido a constituição da identidade da criança, as diferenças de gêneros levam as condutas imitativas, importantes para o início da vida social. A compreensão dos estados mentais do outro vislumbram uma importância aquisição sociocognitiva de ler a mente do outro , em outras palavras, entender o mundo e as representações mentais, além das próprias crenças. A habilidade de teoria da mente que se inicia na educação infantil, prediz o entendimento e a antecipação do comportamento do outro, habilidade cognitiva essencial para o convívio social. A entrada para o mundo letrado por meio da linguagem oral e escrita, se concretiza na compreensão da leitura. Nessa sessão coordenada pretende-se apresentar os resultados de alguns dos estudos experimentais realizados pelo grupo EIDEP Escolarização Inicial e Desenvolvimento Psicológico. A relevância social e educacional dessas pesquisas reside no fato de discutirem as manifestações do pensamento, linguagem e a aprendizagem de crianças, tanto de desenvolvimento típico quanto atípico, desde a primeira infância até o ensino fundamental.
Psicologia do Desenvolvimento

Manifestação da teoria da mente e da linguagem: desenvolvimento de uma criança autista.
Eliana Cristina Gallo Penna (Pontifícia Universidade Católica, São Paulo/ Escola Superior de Criciúma, Criciúma); Maria Regina Maluf (Pontifícia Universidade Católica, São Paulo),
MANIFESTAÇÃO DA TEORIA DA MENTE E DA LINGUAGEM: DESENVOLVIMENTO DE UMA CRIANÇA AUTISTA Eliana Cristina Gallo Penna (Pontifícia Universidade Católica, São Paulo/ Escola Superior de Criciúma, Criciúma); Maria Regina Maluf (Pontifícia Universidade Católica, São Paulo)
A presente pesquisa refere-se à manifestação da teoria da mente em uma criança autista, considerando sua linguagem e o acerto de tarefas de crença falsa. Nos últimos vinte anos, muitos esforços têm sido empreendidos no sentido de descobrir como ocorre o funcionamento da cognição social no autismo. Os achados dos diferentes estudos têm referido que há um déficit metarrepresentacional, que pode ser decorrente dos prejuízos qualitativos dos sintomas típicos do autismo nas áreas da linguagem, da interação social e do comportamento. Os resultados têm demonstrado que uma minoria destas crianças acerta as tarefas de teoria da mente. Esse estudo tem como objetivo investigar a habilidade de atribuição de estados mentais ao outro, em um procedimento baseado em linguagem. Essa criança do sexo masculino, com idade de 11 anos, aluno da 4ª série do ensino fundamental, foi acompanhada semanalmente, durante seis meses. Foi realizado um treinamento com sua mãe para que ela usasse narrativas de histórias infantis clássicas da Turma da Mônica, e que empregasse uma linguagem baseadas no uso de termos mentais e explicações dos estados mentais dos personagens, com o propósito de favorecer a capacidade de compreensão de estados mentais do outro. A teoria da mente foi avaliada em dois momentos do estudo, no pré-teste e no pós-teste, por meio da Escala da Teoria da Mente de Wellman e Liu. As sessões de treinamento foram feitas na casa da criança, uma vez por semana, as narrativas realizadas pelas mães, foram videogravadas e submetidas para tratamento e categorização de termos de atribuição de estados mentais. Os resultados demonstram que houve uma modificação da linguagem empregada pela mãe, ela passou a adotar uma linguagem explicativa, apontando as

idéias, crenças e emoções dos personagens, explorando de diferentes maneiras o pensamento e a linguagem dos personagens. Com uma maior ênfase a termos cognitivos e emocionais. A criança, no início do procedimento descrevia a ação dos personagens, em torno da décima semana passou a adotar termos e expressões que designavam os estados mentais dos personagens, com uso dos verbos mentais pensar e saber de forma significativa, o que está de acordo com os resultados de pesquisas realizadas com crianças de desenvolvimento típico. No que se refere ao desempenho nas tarefas de teoria da mente, verificou-se um aumento de acertos nas tarefas, do pré-teste para o pós-teste, com o acerto das duas tarefas de crença falsa. Ainda que não se possa afirmar, que essa criança tenha desenvolvido a teoria da mente, durante ao longo dos meses em questão, pode-se concluir as narrativas de histórias pautadas no uso de explicações mentais auxiliou a atribuição de estados mentais aos personagens das histórias. As interações linguísticas entre mãe e filho foram importantes para a compreensão de que as outras personagens e pessoas podem apresentar idéias, pensamentos e crenças divergentes dessa criança. Do ponto de vista social e educacional, espera-se que práticas de interações sociais e linguísticas aplicadas nos diferentes contextos, possam ser favorecedoras no desenvolvimento sociocognitivo de crianças autistas.
Apoio financeiro: CAPES
Palavras-Chave: teoria da Mente; linguagem; autismo.
Nível do trabalho: Doutorado
DES-Psicologia do Desenvolvimento

O desenvolvimento sociocognitivo na educação infantil. *Adriana Soares Freitas de Souza (Universidade Braz Cubas, São Paulo; Pontifícia Universidade Católica, São Paulo); Maria Regina Maluf (Pontifícia Universidade Católica, São Paulo),*
O DESENVOLVIMENTO SOCIOCOGNITIVO NA EDUCAÇÃO INFANTIL Adriana Soares Freitas de Souza (Universidade Braz Cubas, São Paulo; Pontifícia Universidade Católica, São Paulo); Maria Regina Maluf (Pontifícia Universidade Católica, São Paulo)
A pesquisa tem origem na hipótese segundo a qual a compreensão de estados mentais das outras pessoas, vista como importante dimensão do desenvolvimento sociocognitivo, pode ser favorecida por meio de intervenções utilizando a linguagem. Foi utilizado um procedimento em três fases pré-teste, intervenção, pós-teste com um grupo de 10 crianças (6 meninos e 4 meninas), com idade de 4,9 a 5,11 anos, provenientes de famílias em situação de vulnerabilidade social. No pré-teste foram aplicadas uma prova de nível verbal e as cinco primeiras tarefas em teoria da mente da escala de Wellman e Liu. Como intervenção foram realizadas quatro sessões lúdicas, em encontros individuais entre a pesquisadora e a criança, com narração de histórias que envolviam compreensão e atribuição de estados mentais aos personagens, com ênfase no uso de verbos mentais e personagens das tarefas clássicas de teoria da mente. No pós-teste1, realizado no dia seguinte à última intervenção, foram reaplicadas as cinco tarefas do pré-teste; no pós-teste2, realizado após duas semanas do pós-teste1, foram utilizadas as mesmas tarefas. Os resultados mostraram que as crianças progrediram na compreensão social e atribuição de estados mentais ao outro. Conclui-se que as estratégias de conversação empregadas favoreceram avanços no desenvolvimento da teoria da mente e que esses avanços se mantiveram após algumas semanas da intervenção. São feitas considerações sobre a implicação dos resultados para a educação infantil.
Apoio financeiro: CNPq
Palavras-chave: teoria da mente; crença falsa; educação infantil.
Nível do trabalho: Mestrado
DES-Psicologia do Desenvolvimento

A compreensão da leitura em um grupo de alunos da 4ª série do ensino fundamental.. *Marcella Meirelles Ardito (Pontifícia Universidade Católica - São Paulo/SP); Maria Regina Maluf (Pontifícia Universidade Católica - São Paulo/SP).,*

A COMPREENSÃO DA LEITURA EM UM GRUPO DE ALUNOS DA 4ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL. Marcella Meirelles Ardito (Pontifícia Universidade Católica - São Paulo/SP); Maria Regina Maluf (Pontifícia Universidade Católica - São Paulo/SP).

A alfabetização é um tema muito estudado e discutido, uma vez que ler e escrever são fatores primordiais para se viver em uma sociedade letrada. Estudos da linguagem escrita com base na metalinguagem ainda são muito recentes no Brasil. Entende-se que a compreensão da leitura é possível por meio da decodificação, embora sejam necessários também outros fatores como a consciência fonológica, sintática e semântica. A decodificação juntamente com a identificação de palavras auxilia a compreensão da leitura, porem enquanto a leitura não estiver automatizada será necessário um trabalho interventivo que auxilie na compreensão do que foi lido. A presente pesquisa tem como objetivo verificar a habilidade de compreensão de palavras, frases e texto, comparando os resultados obtidos nas tarefas de compreensão de palavras, frases e texto. Trabalhou-se com a hipótese de que tais alunos já tivessem adquirido domínio em relação à compreensão da leitura de palavras, de frases e de texto. Para tal questiona-se, como se apresenta a compreensão da leitura de palavras, frases e texto em um grupo de crianças da 4ª série do ensino fundamental? Entre as diferenças observadas nas habilidades de compreensão de leitura, quais delas estão relacionadas ao tipo de escola frequentada? Este estudo foi realizado em duas escolas públicas municipais da região leste da cidade de São Paulo. Participaram 150 alunos da antiga 4ª série do ensino fundamental, com idade média entre 10 e 13 anos. Foram aplicadas três tarefas, sendo elas: tarefa de reconhecimento de palavras, de compreensão de frases e de compreensão de texto. Todas tarefas foram corrigidas, pontuadas e submetidas a teste estatístico do tipo T Student. Os achados mostram diferenças significativas em relação a compreensão da leitura, em todas as tarefas aplicadas, de palavras, frases e texto. Embora em ambas as escolas, os alunos pesquisados apresentam defasagem em relação à compreensão da leitura, tendo como base as Orientações Curriculares do Município de São Paulo, porém a escola Francisca conseguiu atingir melhores resultados em todas as tarefas em relação à escola Maria. Concluiu-se, que tais dados apontaram que, muitas crianças ainda necessitam de um suporte em relação à aprendizagem da linguagem escrita mesmo estando na antiga 4ª série do ensino fundamental. Alguns alunos apresentaram evolução na aquisição da linguagem escrita, enquanto outros mostraram oscilações em relação à compreensão da leitura. Tal pesquisa se mostra relevante, uma vez que as habilidades de ler e escrever são necessárias para uma aprendizagem significativa tanto no ambiente escolar quanto na vida social. Afinal, o indivíduo vive em uma sociedade letrada, em que o uso da linguagem escrita é fator primordial para aquisição de outros conhecimentos. Espera-se então, que desta forma esta pesquisa auxilie em outros estudos na área de compreensão da leitura, para favorecer um novo olhar para profissionais da educação.

Apoio financeiro: CAPES

Palavras-chave: linguagem escrita; compreensão da leitura; ensino fundamental.

Nível do Trabalho: Mestrado

DES - Psicologia do Desenvolvimento

A aquisição da identidade de gênero na primeira infância. *Simone Priscila Paludeto (Pontifícia Universidade Católica, São Paulo/ Escola Superior de Ensino); Maria Regina Maluf (Pontifícia Universidade Católica, São Paulo).,*

A AQUISIÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO NA PRIMEIRA INFÂNCIA. Simone Priscila Paludeto (Pontifícia Universidade Católica, São Paulo/ Escola Superior de Ensino); Maria Regina Maluf (Pontifícia Universidade Católica, São Paulo).

A presente pesquisa apresenta os resultados de um estudo realizado com crianças pequenas. O propósito desse estudo foi investigar as manifestações de identidade de gênero em crianças de 21 a 30 meses de idade, sob a influência da companhia de outra criança do mesmo sexo ou do sexo oposto. Nesta investigação, foram procuradas evidências de um corpo coerente de comportamentos relacionados ao gênero masculino e feminino. O estudo trabalhou com duas hipóteses: a de que as crianças são influenciadas, durante a escolha e a manipulação de objetos, pelo sexo da criança parceira; e a de que, se essa referência de gênero existe entre meninos e meninas, a manifestação de comportamentos imitativos será influenciada pelo gênero da criança parceira. Para a verificação dessas hipóteses, foram formadas três díades de crianças do mesmo gênero e três díades de crianças mistas. Essas díades foram colocadas diante de objetos considerados apropriados ao gênero masculino e de objetos considerados apropriados ao gênero feminino e suas escolhas e imitações filmadas. Foram analisadas as escolhas das crianças, sua linguagem, os comportamentos imitativos e o tempo de manipulação dos objetos. O estudo demonstrou que houve influência da criança parceira nas escolhas e nas manipulações de objetos. A frequência de escolha e manipulação de objetos femininos pelos meninos aumentou em díades mistas. No que se refere à imitação, os meninos mostraram uma tendência maior em imitar as meninas do que as meninas em imitar os meninos. O estudo concluiu que, meninos e meninas fizeram escolhas de brinquedos considerados culturalmente apropriados ao seu sexo típico.

Apoio financeiro: CAPES

Palavras-Chave: identidade de gênero; diferenças de gênero; primeira infância.

Nível do trabalho: Mestrado

DES - Psicologia do Desenvolvimento

Sessão Coordenada: **Desenvolvimento, sociossexualidade e satisfação nos relacionamentos românticos**

A compreensão dos relacionamentos românticos é uma área de estudo estimulante e ao mesmo tempo desafiadora dada a sua complexidade. A cada pesquisa desenvolvida, tenta-se ampliar o olhar sobre os diversos fatores envolvidos nas preferências, escolhas e manutenção dos relacionamentos. A utilização de um referencial evolucionista tem acrescido de forma consistente argumentos para elucidar alguns aspectos dos relacionamentos românticos. Nessa direção, a proposta que trazemos para a presente sessão coordenada é a de incluir, dentre tais fatores, o desenvolvimento e a orientação sociossexual para compreender mais a fundo a escolha, a satisfação nos relacionamentos, bem como a própria experiência do amor. Os trabalhos que constituirão a sessão coordenada irão: 1) discutir o desenvolvimento do padrão de escolhas de parceiros, abordado na proposta de Lopes et al., numa caracterização dos padrões observados em adolescentes em Natal (RN); 2) compreender até que ponto a experiência do amor pode ser influenciada pela orientação sociossexual, na proposta de Shiramizu et al.;3) identificar elementos que conduzem à satisfação marital em homens e mulheres, na discussão de Rebello e Brito; e 4) comparar as semelhanças entre homessexuais e heterossexuais quanto à sociossexualidade, com a proposta de Fernandes et al. É nosso objetivo, portanto, com a presente proposta, ampliar a discussão nesse campo de conhecimento, com o acréscimo dos fatores supracitados, utilizando um referencial evolucionista, bem como permitir uma comparação dos estudos desenvolvidos em nosso país com as propostas apresentadas em âmbito internacional, uma vez que bem sabemos, que apesar de sermos primatas, e apresentarmos tendências comportamentais organizadas segundo nossa biologia, somos seres sociais, inseridos culturalmente, e que podem ter sua noção de relacionamento organizada de acordo com regras sociais diferentes.
Psicobiologia e Neurociências

CAMINHANDO PARA A VIDA ADULTA: DESENVOLVIMENTO DE PADRÕES DE ESCOLHA DE PARCEIRO ENTRE ADOLESCENTES. *Fívia de Araújo Lopes (Laboratório de Etologia Humana, Departamento de Fisiologia, Programa de Pós-graduação em Psicobiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)*
*Felipe Nalon Castro** (Laboratório de Etologia Humana, Programa de Pós-graduação em Psicobiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)*
*Anthonieta Looman Mafra** (Laboratório de Etologia Humana, Programa de Pós-graduação em Psicobiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)*
Maria Emília Yamamoto (Laboratório de Etologia Humana, Programa de Pós-graduação em Psicobiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)
Wallisen Tadashi Hattori (Laboratório de Etologia Humana, Programa de Pós-graduação em Psicobiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN),
Numerosos estudos têm investigado a universalidade dos padrões de escolha de parceiros e diferenças sexuais têm sido bem documentadas. No entanto, estudos sobre adolescência são raros, embora sejam de grande importância para compreender o desenvolvimento desses padrões no início da idade reprodutiva. Participaram desta pesquisa de forma voluntária e não remunerada, após assinatura de TCLE pelos pais/responsáveis, 659 adolescentes de duas escolas públicas (Escolas Estaduais Atheneu Norte Riograndense e Desembargador Floriano Cavalcanti) de Natal-RN. Deste total, foram 482 meninas (média de idade 15,37±1,48) e 177 meninos (média de idade 15,79±1,50). Os adolescentes responderam a um questionário indicando o sexo e a idade e uma escala Likert de cinco pontos para avaliação da importância de 21 características em parceiros ideais para relacionamentos de curto e de longo prazo. Os sujeitos foram divididos em três faixas etárias: 12-14 anos, 15-16 anos e 17-19 anos. Para cada

sexo, fizemos um Modelo Linear geral [GLM] Univariado, utilizando como variáveis dependentes a avaliação das 21 características e como variável independente a faixa etária dos sujeitos; o teste post hoc de Bonferroni foi aplicado. Quando idealizaram parceiros de curto prazo, somente as meninas apresentaram variação na avaliação da importância de determinadas características: as adolescentes de 12-14 anos avaliaram como mais importante que as de 17-19 anos a característica Gosto por festa (F(2, 462)=7,04; p=0,001); as adolescentes de 15-16 e 17-19 anos avaliaram como mais importante que as de 12-14 anos a característica Desejo por casamento e filhos (F(2, 469)=4,84; p=0,008); as adolescentes de 17-19 anos avaliam como mais importante que as de 12-14 e 15-16 anos as características Ambição e disposição ao trabalho, Bom humor, Boas perspectivas financeiras, Educação e inteligência (F(2, 455)≥3,63; p≤0,027). Quando idealizaram parceiros de longo prazo, as meninas apresentaram variação na avaliação da importância de determinadas características: as adolescentes de 12-14 anos avaliaram como mais importante que as de 15-16 e 17-19 anos a característica Castidade (F(2, 458)=5,39; p=0,005); as adolescentes de 12-14 anos avaliaram como mais importante que as de 17-19 anos a característica Gosto por festa (F(2, 459)=5,55; p=0,004); as adolescentes de 15-16 anos avaliaram como mais importante que as de 12-14 anos a característica Fidelidade (F(2, 462)=5,06; p=0,007); as adolescentes de 17-19 anos avaliaram como mais importante que as de 12-14 e 15-16 anos as características Boas perspectivas financeiras (F(2, 468)=3,56; p=0,029). Os meninos apresentaram variação na avaliação da importância apenas da característica Boas perspectivas financeiras: os adolescentes de 15-16 e 17-19 anos avaliam este traço como mais importante que os de 12-14 anos (F(2, 170)=3,74; p=0,026). Esses padrões sugerem que as meninas, durante a adolescência, já se apresentam mais exigentes quando comparadas com os meninos, além de apresentarem preferências para curto e longo prazo semelhante à preferência dos adultos conforme ficam mais velhas. O mesmo não foi observado para os meninos, que mostraram quase nenhuma alteração nos padrões de preferências românticas. Este estudo acrescenta evidências sobre o desenvolvimento do comportamento reprodutivo e nos fornece pistas sobre a história natural da escolha de parceiros em nossa espécie.

Apoio: UFRN, CNPq, CAPES
Palavras-chave: comportamento reprodutivo, relacionamentos românticos, perspectiva evolucionista.
Nível do trabalho: P
Código da área da psicologia: BIO

ENVOLVER-ME, EU? COMPREENDENDO A EXPERIÊNCIA DO AMOR EM FUNÇÃO DA ORIENTAÇÃO SOCIOSSEXUAL. *Victor Kenji M. Shiramizu** (Laboratório de Etologia Humana, Programa de Pós-graduação em Psicobiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)*
Maria Helena C. Spyrides (Departamento de Estatística, Programa de Pós-graduação em Ciências Climáticas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)
Fívia de Araújo Lopes (Laboratório de Etologia Humana, Departamento de Fisiologia, Programa de Pós-graduação em Psicobiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN),
Os relacionamentos românticos, descritos em vários contextos culturais, parecem extrair as mais variadas emoções, levando pessoas à mentir, enganar, roubar e até matar em seu nome. Diversas teorias buscam compreender o motivo pelo qual alguns indivíduos envolvem-se de forma tão intensa num relacionamento romântico, enquanto outros demonstram pouco ou nenhum envolvimento. Dentro da psicologia cognitiva, a Teoria Triangular do Amor de Sternberg afirma que Intimidade, Paixão e Decisão/Comprometimento são componentes centrais para o desenvolvimento do amor na sua forma completa. Dentro da perspectiva evolucionista, a Teoria do Investimento Parental justifica essas diferenças pelo fato de que

homens apresentam um investimento mínimo e opcional na prole, já mulheres apresentam um investimento maciço e obrigatório. Isso levaria homens a evitarem o comprometimento, buscando maximizar o acesso a várias parceiras sexuais. Já mulheres tenderiam a apresentar maiores níveis de intimidade junto ao parceiro, como forma de fazer com que o mesmo se envolvesse emocionalmente. Entretanto, avaliando o perfil de Orientação Sociossexual, podemos averiguar também a variação individual em relação ao tipo de estratégia reprodutiva adotada, o que pode influenciar na experiência do amor. Assim, este trabalho teve como objetivo verificar se o tipo de estratégia reprodutiva adotada pelo indivíduo poderia influenciar na experiência do amor. Participaram desse estudo 137 indivíduos, sendo 44 homens e 93 mulheres, os quais estavam envolvidos em um relacionamento romântico durante a pesquisa. Os participantes completaram um questionário sociodemográfico, a Escala Triangular do Amor de Sternberg (ETAS) e o Inventário de Orientação Sociossexual (IOS). Os resultados demostraram que mulheres apresentando uma orientação sociossexual restrita apresentaram níveis significativamente superiores nos componentes Intimidade, Paixão e Decisão/Comprometimento quando comparadas àquelas com orientação sociossexual irrestrita. Já homens com uma orientação restrita diferiram dos irrestritos nos componentes Paixão e Decisão/Comprometimento, apresentando maiores níveis nos componentes citados. Sugerimos que, independente da orientação sociossexual, homens apresentam baixos níveis de Intimidade nas relações românticas como uma estratégia para evitar envolvimento emocional e, assim, maximar o sucesso reprodutivo. Mulheres com uma sociossexualidade irrestrita apresentam características que apontam para a organização de uma estratégia reprodutiva de curto prazo, com baixos níveis de envolvimento emocional e comprometimento. Dessa forma, podemos demonstrar como a Orientação Sociossexual pode estar direcionando, de certa forma, o modo como indivíduos envolvem-se e experienciam os relacionamentos românticos. Uma vez que o amor é um fenômeno multidimensional, sugerimos que pesquisas futuras possam ser realizadas, buscando incluir variáveis fisiológicas, além de outras comportamentais, para assim integrar teorias sociais e biológicas.
Apoio: UFRN, CAPES
Palavras-chave: relações românticas, orientação sociossexual, perspectiva evolucionista.
Nível do trabalho: M
Código da área de Psicologia: BIO

IDENTIFICANDO A SATISFAÇÃO CONJUGAL DE HOMENS E MULHERES RESIDENTES NO PARÁ.

*Keila do Socorro da Silva Rebello** (Núcleo em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém-PA)*
Regina Célia de Souza Brito (Núcleo em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém-PA),

Neste estudo investigamos as percepções que homens e mulheres têm de seus relacionamentos conjugais. Estas percepções seriam parte dos mecanismos de monitoramento da satisfação com o relacionamento, de acordo com a Psicologia Evolucionista, referencial téorico utilizado neste trabalho, baseado fundamentalmente na teoria evolutiva darwinista. Especificamente, nosso objetivo foi verificar de que forma os homens e mulheres casados ou em união estável, residentes na região metropolitana de Belém, avaliam a qualidade de seu relacionamento conjugal atual. Utilizando a escala MARQ como instrumento de medida de satisfação conjugal, tanto os homens quanto as mulheres apontaram o ciúme sexual como fator mais importante para a satisfação conjugal - para 99% das mulheres e 98% dos homens - o que indica a preocupação de ambos com a fidelidade do parceiro. Como segundo fator mais

importante, foi apontada a conciliação - por 94% das mulheres e por 93% dos homens, o que indica que ambos estão satisfeitos com o nível de assertividade no contexto de seus relacionamentos. Como terceiro fator mais importante, foi apontada a detecção de problemas com o relacionamento - por 96,5% das mulheres e 95% dos homens, o que indica que ambos estão satisfeitos com o nível de comprometimento do parceiro com o relacionamento conjugal. Utilizando estatística descritiva, encontramos que, dos 100 homens e das 100 mulheres participantes desta pesquisa (N=200), 86% deles avaliaram como satisfatórios seus relacionamentos conjugais, cuja duração média foi 12,62 anos, a maioria oriundos da classe média, segundo a escala Hollinshead, utilizada para avaliar o status socioeconômico dos participantes. A média de idade dos homens em 39,9 anos e das mulheres de 37,08. Os homens tiveram, em média, rendas ligeiramente mais altas que suas esposas e estas por sua vez tiveram, em média, seus níveis de escolaridade ligeiramente maior que os de seus maridos, concentradas na graduação e pós-graduação, enquanto que eles concentrados no ensino médio e técnico. Estas diferenças encontradas nas características sociodemográficas entre os sexos estão de acordo com os pressupostos teóricos da Psicologia Evolucionista relacionados às preferências na seleção de parceiros para homens e mulheres. O ciúme estaria influenciando fortemente o comportamento amoroso de homens e mulheres paraenses. Diferenças na avaliação do relacionamento entre sexos foram bastante diluídas entre os fatores e não afetaram significativamente a satisfação de ambos com o relacionamento. Ainda que milhares de anos tenham decorrido entre a seleção dos mecanismos psicológicos como o do amor, do ciúme e do monitoramento dos custos e benefícios de um relacionamento amoroso/conjugal, estes mecanismos continuam proporcionando adaptabilidade aos hominíneos na contemporaneidade, especialmente na manutenção de parcerias amorosas.
Apoio: UFPA
Palavras-chave: satisfação conjugal, mecanismos psicológicos, psicologia evolucionista.
Nível do trabalho: M
Código da área da Psicologia: BIO

HETEROSSEXUAIS QUEREM, MAS NÃO PODEM: SEMELHANÇAS EM DIMENSÕES DA SOCIOSSEXUALIDADE ENTRE HETEROSSEXUAIS E HOMOSSEXUAIS. *Heitor Barcellos Ferreira Fernandes* (Laboratório de Mensuração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*
*Jean Carlos Natividade** (Laboratório de Mensuração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*
Claudio Simon Hutz (Laboratório de Mensuração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS),
Os homossexuais geralmente são descritos como pessoas com menor restrição sociossexual, especialmente homossexuais homens. Há hipóteses evolucionistas que sustentam que a maior restrição sexual entre os heterossexuais ocorre em função da limitação exercida pelas mulheres para o engajamento em relações sexuais. Não foram encontrados estudos sobre a menor restrição sexual dos homossexuais em aspectos para além daqueles comportamentais, tais como atitudes e desejo. Os poucos estudos que abordaram as possíveis origens evolutivas de comportamentos homossexuais sugerem histórico de seleção positiva, porém não de forma que altere a sociossexualidade. Há também evidências em outras espécies, pouco exploradas em humanos, de que comportamentos homossexuais podem funcionar como facilitadores da formação e manutenção de alianças. Tendo em vista essas lacunas no entendimento da orientação sexual, o primeiro objetivo deste estudo foi testar a hipótese de que não há diferenças entre homossexuais e heterossexuais nas dimensões da sociossexualidade relacionadas a atitudes e desejo. O segundo objetivo foi testar a hipótese de maior investimento em amigos entre os homossexuais, considerando-se isso como um facilitador da

formação e manutenção de alianças. Participaram 136 homens, sendo 69,9% heterossexuais, e 338 mulheres, sendo 95,6% heterossexuais. Não houve diferenças de idade entre sexos, em geral, a média foi de 26,7 anos. Os participantes responderam um questionário online contendo a Escala de Orientação Sexual, Inventário de Sociossexualidade, Escala de Valor de Mercado no Amor, Escala de Estratégias de História de Vida. Ao se testarem diferenças entre os heterossexuais e homossexuais, verificou-se que entre os homens não houve diferenças nas dimensões da sociossexualidade relacionadas à atitude e desejo sexual. Contudo, na dimensão comportamental os homossexuais mostraram-se menos restritos que os heterossexuais. Já entre as mulheres, as homossexuais mostraram-se menos restritas nos fatores da sociossexualidade relacionados à atitude e desejo. Quanto à dimensão comportamental, as diferenças não foram significativas. Também não houve diferenças entre homossexuais e heterossexuais, tanto homens quanto mulheres, para os escores de valor de mercado e estratégias de história de vida. Verificou-se que, entre os homens, os homossexuais julgaram-se menos entusiasmados por sexo e emocionalmente estáveis que os heterossexuais. Além disso, os homossexuais afirmaram dar e receber mais apoio emocional dos amigos. Já entre as mulheres, as homossexuais julgaram-se mais leais, tendo mais contato e dando mais apoio emocional aos amigos. Curiosamente, tanto para homens quanto para mulheres, a avaliação sobre a qualidade do relacionamento com o pai na infância foi menor para os homossexuais. Os resultados suportam a hipótese de que as diferenças entre homens heterossexuais e homossexuais observadas no comportamento sociossexual são devidas à limitação exercida pelas mulheres às relações sexuais. Os achados para a sociossexualidade entre as mulheres homossexuais e heterossexuais permitem, por enquanto, apenas sugerir que as homossexuais têm padrões mais próximos dos homens. Por fim, o maior investimento reportado por homossexuais aos seus amigos, em ambos os sexos, é sugestivo de que uma função social (o fortalecimento de alianças) foi selecionada associadamente a comportamentos sexuais. As evidências encontradas neste estudo fortalecem hipóteses evolucionistas pouco exploradas a respeito da sexualidade humana.

Apoio: CNPq, CAPES
Palavras-chave: homossexualidade, orientação sociossexual, alianças.
Nível do trabalho: IC
Código da área de Psicologia: BIO

Sessão Coordenada: **DIMENSÃO ÉTICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO**

A construção de uma cultura inclusiva implica mudanças paradigmáticas no sentido de um enquadramento ético para relações assimétricas de poder. Consideramos que nenhuma mudança paradigmática se dá sem a mudança do self - mediador entre conhecimento e práticas - entendido como estrutura semiótica, criada por meio da ação na esfera dos significados, em relação dialógica entre os interlocutores. Nesse sentido, o grande desafio é pensar contextos que favoreçam a configuração do self implicando uma dimensão ética no processo de desenvolvimento humano. Desenvolvimento humano está entendido como processos de transformações que ocorrem na interação Eu-Outro, marcadas pelas negociações de significados que se concretizam nessas interações no contexto cultural, e pelas diferentes relações de poder nessas interações. A ética está sendo definida como a colocação do outro no primeiro plano da ação assente na solidariedade, justiça e responsabilidade. Nesse sentido, ela implica o engajamento em um processo de reflexão com vistas à melhor decisão, considerando todos os elementos implicados na situação, e todos aqueles passíveis de serem afetados pela ação. Ética está sendo definida, também, como a exploração de novas possibilidades humanas e novas formas de vontade, de modo que a liberdade implicada na ética é um instrumento para o futuro, não apenas uma escolha entre alternativas dadas. O foco dos trabalhos apresentados nesta sessão são os contextos e as interações favorecedoras da emancipação de seus membros. O objetivo é ampliar a compreensão sobre quais contextos favorecem o desenvolvimento de uma cultura inclusiva e de seres humanos eticamente perspicazes e sensíveis ao estabelecimento de relações solidárias, justas e responsáveis. O primeiro trabalho apresenta pesquisa realizada com estudantes universitários que atuaram como voluntários em uma comunidade soropositiva situada nas imediações de Brasília, enfocando o impacto da atuação voluntária nas identificações dos estudantes segundo seus relatos. A segunda pesquisa foi realizada com estudantes universitárias de graduação e pós-graduação na modalidade EaD, por meio de entrevistas semi-estruturadas e relatos de vida, demonstrando mudanças na estrutura identitária, especialmente, na forma como elas se posicionam no mundo após e durante vivência dos cursos on-line. A terceira pesquisa, sobre planejamento de futuro por parte de adolescentes cumprindo medidas socioeducativas numa cidade satélite do Distrito Federal, enfoca a percepção de seis adolescentes sobre onze oficinas coordenadas por estudantes universitários sobre os temas: planejamento de futuro e motivações para o estudo. A quarta pesquisa aborda o programa Agenda Cultural, criado em 2010, na Faculdade UnB Planaltina, com o objetivo de oportunizar a visita e participação de estudantes de diversos cursos de graduação a exposições, espetáculos, eventos culturais e visitas a espaços ligados ao turismo cívico e turismo convencional no Distrito Federal; o foco foi avaliar se o programa tem atendido seus objetivos e identificar novas demandas e interesses dos estudantes. Os resultados indicam a possibilidade de construção de contextos universitários favorecedores de uma cultura inclusiva e do desenvolvimento de um ser humano com mais habilidade para o exercício da cidadania em contextos diversos, complexos e fluídos.

Palavras-chave: Desenvolvimento humano; Ética; Contexto Universitário.

Psicologia do Desenvolvimento

MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS RELACIONADAS À EXPERIÊNCIA DE VOLUNTARIADO UNIVERSITÁRIO: A DIMENSÃO ÉTICA. *Maria do Amparo de Sousa (Universidade Católica de Brasília UCB, Taguatinga, DF) ,*

Voluntariado é definido neste trabalho como uma forma de solidariedade que direciona atuações diferenciadas do indivíduo no coletivo, implicando justiça e responsabilidade com o outro, consigo mesmo, e com a sociedade. Ética implica uma reflexão com vistas à melhor escolha, considerando todos os elementos envolvidos na situação e todos, próximos e distantes no espaço e no tempo, passíveis de serem afetados pela ação. Ela se configura, neste estudo, pela tendência a posicionar o outro no primeiro plano da atuação assente na solidariedade, justiça e responsabilidade. A solidariedade está relacionada à construção e reconhecimento da intersubjetividade, experimentada como a capacidade de ver o outro como tendo capacidade de reciprocidade, de troca, de produção de conhecimentos e significados, e de realização conjunta. A justiça tem a ver com os critérios adotados no uso do poder, que neste estudo implica um modo de relação possibilitador de igualdades, abridor de novos caminhos, que flexibiliza fronteiras, e assume características capacitantes. A responsabilidade decorre da aptidão inerente à condição humana de poder escolher entre alternativas de ação com saber e vontade. Admitindo-se o imperativo de que o poder leva consigo o dever, e que, na medida em que meus atos afetam o outro, ele se torna objeto da minha responsabilidade, é no âmbito da responsabilidade, da necessária resposta à demanda de um outro, que encontramos a dimensão ética por excelência. Além de orientado para as expectativas e demandas externas, o significado de responsabilidade se refere a uma relação especial que a pessoa tem com a própria subjetividade, quando ela faz a si mesma responsável por comportar-se moralmente, dentro dos limites do seu entendimento. Este trabalho apresenta uma pesquisa realizada com estudantes universitários que atuaram em uma comunidade soropositiva situada nas imediações de Brasília. A pesquisa enfoca o impacto da atuação de responsabilidade social nas identificações dos estudantes segundo seus relatos, analisados na perspectiva ética. A prática se deu ao longo de um semestre no âmbito da disciplina Ética, organizada em três eixos - introdução ao estudo da ética, visão histórica, e a práxis em temas éticos contemporâneos - e tem como foco a formação humanística do universitário. A metodologia de ensino inclui a realização de projetos de extensão em equipes multiprofissionais, aproveitando que a disciplina congrega variados cursos. Os resultados corroboram estudo anterior indicando que a experiência de voluntariado favorece posicionamentos de: (a) complexificação dos elementos considerados para decisão; (b) flexibilização de posicionamentos e superação de preconceitos diversos; e (c) interatuação dessas tendências em outras dimensões da vida. Esses posicionamentos, por sua vez, indicam o potencial das experiências de responsabilidade social para favorecer o desenvolvimento de um ser humano mais reflexivo no seu fazer social e profissional, mais sensível para estabelecer formas solidárias de sociabilidade e maior capacidade para propor e realizar intervenções em seu entorno sociocultural.

Palavras-chave: Voluntariado; Ética; Formação universitária.
Nível do trabalho: D
Código da pesquisa: DES

COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (EAD): A CONSTRUÇÃO DE REDES SOLIDÁRIAS PARA ALÉM DO CONTEXTO WEB. *Juliana Eugênia Caixeta (Faculdade UnB Planaltina, Planaltina, DF)*
Lucas Benevides Lima Ribeiro (Faculdade UnB Planaltina, Planaltina, DF)*
Mayara Cristina de Medeiros Leite (Faculdade UnB Planaltina, Planaltina, DF)*

,

Neste trabalho discutimos o conceito de comunidades de aprendizagem a partir de estudos teóricos e empíricos assente na solidariedade como construção e reconhecimento da intersubjetividade. Há na literatura, três concepções de comunidades de aprendizagem

quando se trata de educação a distância: (a) comunidades de aprendizagem como um grupo de estudantes que se encontram virtualmente para cooperarem em suas atividades acadêmicas; (b) comunidades de aprendizagem como um espaço de encontro de diferentes grupos virtuais, por exemplo, estudantes de diferentes escolas/turmas/estados etc, com o objetivo comum de construção coletiva; e (c) comunidades de aprendizagem como uma rede de interação e de aplicação do conhecimento discutido e aprendido no espaço virtual que transcende a própria comunidade autora daquele conhecimento, possibilitando a geração de novas comunidades de construção e divulgação do conhecimento. Do ponto de vista da solidariedade como reconhecimento e atuação da/na reciprocidade, todos os conceitos de comunidade de aprendizagem parecem apontar para a formação de redes solidárias, na medida em que posicionam seus participantes para a atuação com e para o grupo ao qual está vinculado. No entanto, damos foco à terceira concepção de comunidade de aprendizagem, por acreditarmos que ela seja especialmente valorosa no que diz respeito à prática da solidariedade. Duas pesquisas realizadas com estudantes universitárias de graduação e pós-graduação na modalidade EaD, por meio de entrevistas semi-estruturadas e relatos de vida, tem demonstrado mudanças na estrutura identitária, especialmente, na forma como as estudantes se posicionam no mundo após e durante vivência dos cursos on-line. Por exemplo, as estudantes passaram a usar as tecnologias de informação e comunicação para se comunicar com parentes que moravam distantes de suas localidades; mudaram suas práticas profissionais, desenvolvendo projetos inovadores a partir das mediações que construíram com os professores e colegas do curso on-line, ou ainda, modificaram sua forma de se verem no mundo na medida em que se posicionavam como universitárias. Os resultados da pesquisa teórica e empírica evidenciaram as comunidades de aprendizagem como espaços de construção de si, do outro e das possibilidades que emergem nesses encontros e desencontros sociais, já que as comunidades não integram apenas o que é comum, mas, ao contrário, congregam semelhanças e diferenças que podem, inclusive, terem emergido da convivência no espaço da própria comunidade e que geram, num espaço de aprendizagem como o ambiente virtual de aprendizagem, ricas possibilidades de trocas oportunizadas pelo encontro de diferentes zonas de desenvolvimento proximal.

Palavras chave: identidade, comunidades de aprendizagem, solidariedade.
Nível do trabalho: P
Código da pesquisa: DES

PLANEJAMENTO DE FUTURO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA A INCLUSÃO DE ADOLESCENTES QUE CUMPREM MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS. *Gislâine Cardoso Cláudio* (Faculdade UnB Planaltina, Planaltina, DF)*
*Fernando Barboza Granjeiro * (Faculdade UnB Planaltina, Planaltina, DF)*
*Helena Barroso da Silva * (Faculdade UnB Planaltina, Planaltina, DF)*
*Ilda Rodrigues da Silva * (Faculdade UnB Planaltina, Planaltina, DF)*
*Patrícia Rodrigues da Silva * (Faculdade UnB Planaltina, Planaltina, DF)*
Renato Lopes Barbosa (Faculdade UnB Planaltina, Planaltina, DF)*
Juliana Eugênia Caixeta (Faculdade UnB Planaltina, Planaltina, DF)

,

A psicologia sociocultural entende o desenvolvimento humano como transformações que ocorrem na interação Eu-Outro imersos na cultura. Assim, a adolescência só pode ser compreendida como um fenômeno complexo, a partir do contexto sociocultural em que ela é vivenciada. Pesquisas sobre adolescência e motivação têm evidenciado que os adolescentes têm dificuldades de planejar seus futuros. No contexto das medidas socioeducativas, o planejamento de futuro por parte dos adolescentes costuma ser inexistente ou de curto prazo,

haja vista a condição de internação dos adolescentes em conflito com a lei. Esta pesquisa apresenta resultados de um estudo realizado com seis adolescentes que cumprem medidas socioeducativas numa cidade satélite do Distrito Federal sobre a percepção deles sobre onze oficinas executadas por estudantes universitários sobre os temas: planejamento de futuro e motivações para o estudo. As oficinas tiveram como mediadores jogos, textos e dinâmicas de grupo. A última atividade do projeto foi a visita dos adolescentes à universidade, para participação de oficinas de física, química, biologia e geologia e palestras sobre os cursos superiores da unidade, além de debates sobre os benefícios de ser universitário. Sobre a pesquisa, a metodologia que permitiu a construção dos dados foi a qualitativa. Para a construção de dados, o grupo de pesquisadores construiu um roteiro de entrevista que foi mediador de entrevistas semi-estruturadas com os adolescentes. A construção dos dados foi feita na Unidade de Internação e realizada individualmente. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra. Para concretizar as oficinas e a pesquisa, o grupo de pesquisadores obteve autorização da diretora da unidade e da Vara da Infância e Juventude responsável pelos adolescentes. Para análise de dados, o grupo utilizou a análise temática dialógica que compreende três fases: leitura intensiva dos textos, construção dos temas individuais e construção dos temas grupais. Os resultados evidenciaram: (a) dificuldade de frequência dos adolescentes nas oficinas; (b) dificuldade de presença de adolescentes de gangues diferentes; (c) satisfação de terem participado de atividades na universidade e (d) desejo de continuar as atividades, especialmente, se elas acontecerem fora da unidade de internação. As oficinas, se expandidas em horários, frequência e temáticas, podem se tornar espaços ricos de troca de experiências, ressignificação da identidade desses adolescentes e de geração de estratégias de superação da condição de excluídos sociais.
Palavras chave: adolescente, identidade, inclusão, medidas socioeducativas.
Nível do trabalho: IC
Código da pesquisa: DES

INCLUSÃO, EDUCAÇÃO SUPERIOR E IDENTIDADE PROFISSIONAL: UM ESTUDO SOBRE O PROGRAMA AGENDA CULTURAL. *Daniella Fernandes Linhares * (Faculdade UnB Planaltina, Planaltina, DF)*
*Fabiana Miranda de Souza * (Faculdade UnB Planaltina, Planaltina, DF)*
*Milena Fernandes Sales de Oliveira * (Faculdade UnB Planaltina, Planaltina, DF)*
Juliana Eugênia Caixeta (Faculdade UnB Planaltina, Planaltina, DF)

,

Neste trabalho discutimos o programa Agenda Cultural a partir da visão de seus participantes: estudantes universitários. Os estudos de identidade profissional evidenciam que as experiências na educação superior devem ir além das mediações de conhecimentos técnico-científicos. Nesse sentido, a psicologia do desenvolvimento, por compreender a pessoa completa, oportuniza reflexões e propostas de atuação na educação superior que prevejam a participação ativa do estudante em múltiplos espaços de aprendizagem que não só a sala de aula. As experiências de formação humana, nesse contexto, são compreendidas como atividades fundamentais para a construção de posicionamentos profissionais éticos, solidários e sensíveis à diversidade. O programa Agenda Cultural foi criado em 2010, na Faculdade UnB Planaltina, com o objetivo de oportunizar a visita e participação de estudantes de diversos cursos de graduação a exposições, espetáculos de teatro/dança/música, mostras de cinema, entre outros eventos culturais e, também, visitas a espaços ligados ao turismo cívico e turismo convencional no Distrito Federal. Os espaços não formais de aprendizagem desafiam os estudantes a se posicionarem de forma diferente do contexto convencional da universidade, em função da diversidade de linguagens, profissionais, áreas de conhecimento e de interações

que transcendem o espaço convencional dos seus próprios cursos. O programa oportuniza a inclusão dos estudantes universitários de um campus inclusivo em espaços não formais de aprendizagem diversos. Para tanto, divulga e operacionaliza visitas a eventos culturais e espaços públicos ligados ao turismo cívico e ecológico do Distrito Federal. Este trabalho consistiu na realização de pesquisa quantiqualitativa, on-line, para avaliar se o programa tem atendido seus objetivos e identificar novas demandas e interesses dos estudantes. O link do formulário foi encaminhado por email e divulgado nas redes sociais específicas dos cursos e nas disciplinas do moodle (ambiente virtual de aprendizagem) onde ocorre a divulgação dos eventos. Para a análise, foi utilizada estatística descritiva para os dados quantitativos e análise temática dialógica para os dados qualitativos. Os resultados indicaram que as maiores motivações para a participação dos estudantes no programa são: oportunidade de acesso a conhecimentos e experiências novas e o transporte ofertado pela universidade. Os benefícios apontados foram: novos aprendizados e ampliação das experiências culturais e interações sociais. O desafio apontado pelos estudantes foi a divulgação, para a qual sugerem: criação de grupo no facebook e maior antecedência. A pesquisa permitiu concluir que o programa atingiu seu principal objetivo - oportunizar experiências culturais diversas para os estudantes universitários, mas que precisa ser aprimorado quanto a sua execução.

Palavras chave: identidade profissional, inclusão, agenda cultural
Nível do trabalho: IC
Código da pesquisa: DES

Sessão Coordenada: **Discutindo aspectos psicológicos na gestação normal e de risco: indicadores emocionais, malformação fetal e luto**

A gestação é um momento na vida da mulher e ou casal de grandes mudanças, tanto de ordem física quanto psicossocial, já que nesse período ocorrem tanto mudanças biofisiológicas quanto mudanças psicossociais, que requerem uma reorganização da dinâmica psíquica dos indivíduos envolvidos para assumir novos papéis. Tanto na gravidez normal como na gestação de risco, é comum a mulher e ou o casal experimentar períodos de instabilidade emocional, próprios dessa nova configuração psíquica e social. No entanto, essa situação é particularmente importante quando a gravidez é considerada de risco, ou seja, quando estão presentes fatores de risco gestacionais relacionados à intercorrências presentes nos diferentes períodos da gravidez, tais como a Diabetes Melittus Gestacional (DMG) e/ou o diagnóstico de Malformação Fetal.
Gestantes nessas condições são mais vulneráveis a problemas físicos (morte fetal, macrossomia) e psíquicos (estresse, ansiedade e depressão) durante a gravidez. Nesse sentido, indicadores emocionais de ansiedade e depressão, por exemplo, podem estar relacionados a fatores de risco gestacionais específicos, afetando o desenvolvimento da díade mãe-bebê, sobretudo a mãe e ou o casal, porque mobiliza neles variáveis psicoafetivas desfavoráveis à criação de um vínculo afetivo saudável entre a mulher, o bebê e sua família. Assim sendo, faz-se importante estudos que discutam os vários aspectos relacionados à gravidez, sobretudo naquela que ocorrem sob condições de vulnerabilidade como as anteriormente citadas.
Psicologia do Desenvolvimento

CONDIÇÕES EMOCIONAIS E DE ENFRETAMENTO DE GESTANTES DIANTE DA INVESTIGAÇÃO DIAGNÓSTICA DE MALFORMAÇÃO FETAL. *Ana Cristina Barros da Cunha (Instituto de Psicologia; Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Perinatal/Laboratório de Estudo, Pesquisa e Intervenção em Desenvolvimento e Saúde/Maternidade-Escola, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ); Solange Frid Patrício (Laboratório de Estudo, Pesquisa e Intervenção em Desenvolvimento e Saúde/Maternidade-Escola, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ); Eduarda Lima & Gabriela Serpa (Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ).,*
A gravidez é um período de grandes mudanças físicas e psíquicas que podem resultar na vivencia da maternidade sob condições emocionais (ansiedade, por exemplo) desfavoráveis à criação de um vinculo materno-fetal saudável. Entre a 10º a e 13º semana de gestação, é comum a realização de exames pré-natais para investigação de intercorrências que comprometam à saúde da gestante e do feto. Quando ocorre a suspeita de um comprometimento com o bebê (malformação fetal, por exemplo) a gravidez pode ser mais estressante e a gestante ter dificuldades de enfrentar essa situação, tornando-se mais vulnerável aos riscos físicos e psíquicos durante a gestação. Assim, tornam-se importantes estudos que avaliem as condições emocionais e de enfretamento envolvidas na situação de investigação diagnóstica da malformação fetal na gravidez. O objetivo desse estudo foi verificar indicadores emocionais envolvidos no processo de enfrentamento de gestantes sob avaliação diagnóstica no Setor de Medicina Fetal de uma maternidade-escola na cidade do Rio de Janeiro. Participaram 30 gestantes cuja média de idade era de 23 anos, sendo 26 casadas que contavam com suporte familiar para auxilio durante a gravidez. Durante a consulta conjunta com a equipe médica, a gestante era convidada a participar da pesquisa quando assinava o Termo de Livre Consentimento Esclarecido e respondia, individualmente, aos seguintes instrumentos: 1) Protocolo de dados gerais, para identificação das variáveis psicossociais pessoais e familiares; 2) Escalas BECK, para avaliação psicológica de sinais e

sintomas de ansiedade (BAI) e depressão (BDI); e 3) Escalas EMEP Escala Modos de Enfretamento de Problemas, para avaliação psicológica das estratégias de enfrentamento (coping) frente ao diagnóstico de malformação fetal. Do total, 10 gestantes apresentavam sinais de ansiedade leve, seguido de 7 com sinais de ansiedade moderada e mais 7 com sinais de ansiedade grave; as demais (n=6) não apresentavam sinais de ansiedade pela BAI. Referente ao BDI, 15 gestantes apresentavam sinais de depressão de leve a moderado, 5 apresentavam sinais de depressão moderados a grave e somente 2 apresentavam sinais de depressão grave; as 8 restantes não apresentavam sinais de depressão. Em relação ao enfrentamento, das 30 gestantes apenas 18 responderam a EMEP, sendo que a maioria apresentou estratégias de coping focada na busca de práticas religiosas (n=7), seguida do coping centrado na focalização do problema (n=6) e na busca de suporte social (n=5). Quando comparado o coping com os níveis de ansiedade e depressão, verificou-se que das gestantes que apresentaram ansiedade e/ ou depressão moderada a maior parte delas teve o coping focado no problema, seguido do enfrentamento por práticas religiosas. Dessa forma, confirma-se que a simples suspeita de um diagnóstico de malformação fetal mobilizaria variáveis psicoafetivas relacionadas ao enfrentamento (coping) e constituiria condição desfavorável à criação de um vinculo afetivo mãe-bebê saudável. Dessa forma, são importantes medidas de proteção ao desenvolvimento e de promoção da saúde materno-infantil, o que inclui um manejo adequado da equipe de saúde durante todo o processo de investigação de um risco gestacional como a malformação fetal, desde o momento de dar a notícia até o final da gestação.

MALFORMAÇÃO FETAL E LUTO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA. *Camilla Ramos Medalane Cravinho (Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES) & Ana Cristina Barros da Cunha (Departamento de Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Perinatal & Laboratório de Estudo, Pesquisa e Intervenção em Desenvolvimento e Saúde, Maternidade-Escola, Universidade Federal do Rio de Janeiro,Rio de Janeiro/RJ; Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES),*
Ana Cristina Barros da Cunha (Departamento de Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Perinatal&Laboratório de Estudo, Pesquisa e Intervenção em Desenvolvimento e Saúde, Maternidade-Escola, Universidade Federal do Rio de Janeiro,Rio de Janeiro/RJ; Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES)
As malformações congênitas, segunda maior causa de mortalidade infantil, são fatores de risco gestacional decorrentes de anomalias anatômica, cromossômica ou funcional, que acometem aproximadamente 5% dos bebês nascidos vivos no Brasil. Traz sérias consequências psicológicas para a família, já que a relação mãe-bebê pode ser afetada pela perda do bebê saudável idealizado e a confrontação com um bebê real malformado, o que exige dos pais a elaboração de um luto simbólico e, por vezes, também real quando do óbito do bebê. Sobre o tema da malformação congênita associado ao luto, foi realizada uma revisão sistemática da literatura, com consulta as seguintes bases de dados bibliográficos: SciELO, LILACS, PePSIC e BVS-PSI e utilizando-se como descritores: a) morte AND malformação ; b) luto AND malformação ; e c) luto materno AND malformação fetal . Como critério único de inclusão o trabalho devia ser nacional e publicado nos últimos 10 anos sobre o tema citado. Dentre o total de 100 artigos encontrados, apenas 27 satisfizeram o critério e foram divididos em estudos bibliográficos (n=08) e estudos empíricos (n=19). Os estudos bibliográficos foram analisados nas categorias: a) tipo do estudo; b) enfoque teórico; e c) objetivos. Para os estudos empíricos as categorias foram: a) enfoque teórico; b) objetivos; c) delineamento da pesquisa; d) participantes; e) local de realização; f) instrumentos utilizados; g) procedimentos adotados;

e h) resultados gerais encontrados. Observou-se que metade (n=04) dos estudos bibliográficos se tratava de revisão sistemática da literatura e a outra representava revisão teórico-conceitual, publicados nas áreas de Enfermagem (n=03), Medicina (n=01) e Psicologia (n=04). Nos estudos empíricos, destaca-se como principal enfoque teórico a Psicanálise e dos 19 estudos encontrados o objetivo, em geral, era investigar aspectos psicológicos, como depressão, ansiedade e apego materno-fetal. Referente ao delineamento de pesquisa, 18 estudos realizaram pesquisas descritivas e um seguiu delineamento experimental. Como participantes, cinco estudos tiveram como foco o casal, 13 a mãe e somente um estudo foi realizado com profissionais de saúde. Como local de realização, a maioria das pesquisas foi conduzida em hospitais ou centros de atenção, tendo usado como instrumentos de coleta de dados a entrevista (n=16), Escalas Beck de Ansiedade e Depressão (n=02) e Escala de Apego Materno Fetal (n=01). Dentre os procedimentos adotados, as pesquisas seguiam um protocolo semelhante com a apresentação da pesquisa aos participantes, seguido da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, por fim, a aplicação dos instrumentos. Como resultados, em geral, os estudos apontaram para a importância do acompanhamento psicológico e do suporte oferecido pela equipe de saúde. Conclui-se que poucos estudos nacionais enfatizam a questão do luto, seja simbólico ou real, associado à malformação fetal, o que é um dado relevante, visto que a literatura aponta necessariamente essa relação. Destaca-se também que muitos estudos têm como foco a mãe, descartando a importância do pai e dos profissionais de saúde relacionados a esse tema. Por fim, esta pesquisa pretende apontar novas direções no campo do estudo e pesquisa sobre o luto relacionado a malformação fetal.

INDICADORES DE ESTRESSE E ANSIEDADE ENTRE PRIMIGESTAS E MULTÍPARAS NO TERCEIRO TRIMESTRE DE GESTAÇÃO. *Rafaela de Almeida Schiavo (Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP) & Olga Maria Piazentin Rolim Rodrigues (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP),*

Estresse e ansiedade são condições normais no final da gestação, pois é um momento de inseguranças e expectativas quanto ao futuro. O problema ocorre quando o estresse e/ou ansiedade são vivenciados de forma intensa nesse período, pois em níveis elevados ambos podem se tornar prejudiciais para a saúde materno-infantil. O presente trabalho buscou comparar os indicadores de estresse e ansiedade entre primigestas e multíparas no terceiro trimestre e investigar a associação entre tais indicadores com variáveis sociodemográficas e dados da gestação. Para essa pesquisa utilizou-se os instrumentos IDATE, ISSL e uma Entrevista Inicial. Participaram 159 gestantes, sendo 98 primigestas e 61 multíparas, usuárias de uma Unidade Básica de Saúde de uma cidade do interior paulista. Utilizou-se de estatística para a análise dos resultados. Os resultados indicam que 78% das primigestas apresentaram estresse, sendo que destas 72% estavam na fase de resistência, 25% na fase de quase exaustão e 3% na fase de exaustão, 87% apresentaram sintomas psicológicos e 10% sintomas físicos e 3% apresentaram sintomas físicos e psicológicos concomitantemente. Já as multíparas 95% delas apresentaram estresse, sendo que destas 5% estavam na fase de alerta, 62% na fase de resistência, 31% na fase de quase exaustão, 2% na fase de exaustão, 21% apresentaram sintomas físicos, 74% sintomas psicológicos e 5% sintomas físicos e psicológicos concomitantemente. Quanto alta ansiedade, das primigestas 37% apresentou e das multíparas 51%. Realizando o Teste t independente para verificar se existe diferença estatística entre o estresse apresentado entre primigestas e multíparas, observou-se que há diferença ($t(157) = 2{,}51$; $p < 0.05$), onde as multíparas apresentam maior estresse do que primigestas, e associando as variáveis de estresse com a Entrevista Inicial por meio do teste X2, observou-se que não há associação entre tais variáveis. Quanto ansiedade observou- se por meio do Teste t independente que existe diferença significativa entre a ansiedade manifestada por primigestas e multíparas ($t(157) = 2{,}09$; $p < 0{,}05$), onde as multíparas apresentam níveis de ansiedade mais

elevados do que primigestas, e associando as variáveis de ansiedade com as da Entrevista Inicial por meio do teste X2, observou-se que há relacionamento entre, a idade das gestantes ($X2 (1) = 4,31$; $p < 0,05$), a escolaridade ($X2 (3) = 12,39$; $p < 0,05$), o não planejamento da gravidez ($X2 (1) = 15,94$; $p < 0,01$), o não desejar a gravidez ($X2 (2) = 29,95$; $p < 0,01$), e o não desejo do parceiro pela gravidez ($X2 (2) = 19,16$; $p < 0,01$). Com esses resultados, ainda que com um número limitado de participantes, é possível concluir que mães de pelo menos um filho já nascido apresentam maior estresse e ansiedade durante o terceiro trimestre do que as gestantes que não têm filhos nascidos, pode se concluir também que o estresse no terceiro trimestre não está associado aos dados sociodemográficos e as condições da gestação, entretanto a alta ansiedade no terceiro trimestre está associada com menor grau de instrução, ao não planejamento da gravidez, ao não desejo da gestante e do parceiro pela gestação.

ANÁLISE DE INDICADORES DE RISCO PSICOLÓGICO NA GESTAÇÃO COM DIABETES MELITTUS.
Ana Cristina Barros da Cunha (Departamento de Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Perinatal & Laboratório de Estudo, Pesquisa e Intervenção em Desenvolvimento e Saúde, Maternidade-Escola, Universidade Federal do Rio de Janeiro,Rio de Janeiro/RJ; Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES).,
A gravidez de risco é aquela em que tanto a mãe quanto o bebê estão em condição de vulnerabilidade pelos riscos físicos (alterações biofisiológicas, como macrossomia fetal, doenças crônicas na gestante) e psíquicos (condições emocionais negativas, como ansiedade, depressão) que resultam em intercorrências na gestação e afetam o desenvolvimento da díade mãe-bebê. A Diabetes Mellitus Gestacional (DMG) é uma condição de risco gestacional que afeta a díade, sobretudo a mãe, porque mobiliza variáveis psicoafetivas desaforáveis à criação de um vinculo saudável entre a gestante, o bebê e sua família. Nesse contexto, faz-se importante a avaliação e intervenção interdisciplinar à gestação com DMG, com acompanhamento de grávidas diabéticas e suas famílias durante os períodos do pré-natal, do parto e do puerpério. O objetivo do presente estudo foi identificar e analisar indicadores de risco psicológico na gravidez com DMG, particularmente indicadores de ansiedade e depressão associados ao impacto da noticia da DMG durante a gravidez. Participaram 24 gestantes que eram abordadas para a pesquisa durante a espera para a consulta e/ou exame pré-natal e convidadas a participar do estudo, quando eram aplicados os instrumentos: 1) Protocolo de dados gerais, para identificação de variáveis psicossociais pessoais e familiares; e 2) Questionário Momento da noticia , para identificação das variáveis psicossociais relacionadas ao impacto do diagnóstico de DMG; e 3) Escalas BECK, para avaliação psicológica de sinais e sintomas de ansiedade (BAI) e depressão (BDI). Desde agosto de 2011, foram avaliadas um total de 24 gestantes, cuja média de idade era 35 anos. Desse total, 23 gestantes tinham companheiro e 12 contavam com suporte social de familiares e amigos para ajudá-las durante a gestação. Com relação ao impacto da noticia do diagnóstico de DMG, 22 gestantes relataram terem sido informadas por um médico, em geral pelo obstetra (n=13), sendo a maioria (n=10) durante o 2º trimestre de gestação. Do total, 22 gestantes consideraram adequada a maneira como o médico transmitiu o diagnóstico, apesar de a grande maioria inicialmente relatou sertinr-se tristes ou/e preocupadas. Os dados do BAI, mostraram que seis gestantes apresentaram sinais de ansiedade mínima/leve, sete gestantes apresentavam sinais de ansiedade leve/moderado, cinco apresentavam sinais de ansiedade moderada/grave e seis apresentavam sinais graves de ansiedade. Em relação aos sinais de depressão pelo BDI, seis gestantes apresentavam sinais de depressão mínima/leve, 14 gestantes apresentavam sinais de depressão de leve/moderado, duas apresentavam sinais de depressão moderados/grave e duas apresentavam sinais de depressão grave. Discutem-se possíveis riscos psicológicos presentes na gravidez com DMG, considerando que mais da metade das gestantes apresentou

sinais leve/moderado a grave de ansiedade e de depressão, ambos representados pela amostra de 18 gestantes. Nesse sentido, o manejo da equipe de saúde no momento de dar a noticia do diagnóstico de DMG é importante e deve ser pautado em uma prática humanizada que proporcione a elaboração de sentimentos iniciais de tristeza e de medo para uma condição emocional de confiança e tranqüilidade que favoreça a adesão ao tratamento e um enfrentamento resiliente dessa situação de risco gestacional.

Sessão Coordenada: **EDUCAÇÃO BRASILEIRA: DESAFIOS E AVANÇOS DA PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO NO SÉCULO XXI**

As mudanças no atual mundo globalizado perpassam diferentes setores da vida, tais como tecnologias, saúde, economia, ciências e também a educação. As diferentes inovações tecnológicas impulsionaram o desenvolvimento dessas e de outras áreas fazendo com muitos avanços ocorressem, mas também nos incitando novos desafios. No caso específico da Educação, como uma área interdisciplinar, os desafios são ainda mais notórios e constantemente avaliados socialmente. Diariamente observam-se notícias nos mais diferentes meios de comunicação sobre problemas educacionais como educação especial, alfabetização, formação de professores e dificuldades de aprendizagem. Assim, frente a esses desafios da Educação, áreas correlatas como a Psicologia da Educação podem fornecer elementos para contribuir e auxiliar na resolução dessas demandas. A Psicologia da Educação como uma disciplina-ponte entre a Psicologia e a Educação, se consolida atualmente como uma área teórica e prática que objetiva responder de modo científico as demandas práticas da Educação. Trata-se de uma área de estudos de grande relevância e com um conjunto de evidências científicas vigorosas acerca dos processos ensino-aprendizagem. Nesta sessão coordenada, objetivamos demonstrar como diferentes problemáticas atuais da Educação Brasileira têm sido analisadas e estudadas na área de Psicologia da Educação. Igualmente, objetivamos apresentar alguns dados de pesquisas que oferecem evidências de possíveis caminhos e novos desafios da Educação Brasileira. As apresentações que compõe esta sessão coordenada discutem pesquisas sobre temas relevantes no contexto educacional brasileiro, tais como dificuldades de aprendizagem, alfabetização, educação especial e formação de professores. Esses temas têm sido constantes alvos de discussões tanto nos campos da ciência Psicológica e da Educação quanto na mídia e na sociedade em geral. Esse fato ressalta a relevância científica e social desta sessão coordenada ao procurar demonstrar o que a Psicologia da Educação tem a oferecer como contribuições, ainda que em progresso, para esses temas importantes. Na primeira apresentação, os autores irão apresentar um estudo de caso sobre dificuldades de aprendizagem, considerada uma das mais frequentes queixas escolares, discutirão ainda como esses casos mantêm relação com as dificuldades de aprendizagem da linguagem escrita, questionando os métodos de ensino e a formação dos psicólogos acerca das questões educacionais. Na segunda apresentação, a autora irá discutir o papel facilitador do conhecimento morfológico na aprendizagem da linguagem escrita e como este tem sido pouco estudado no Brasil. Na terceira apresentação, os autores apresentarão pesquisas sobre instrumentos para avaliar e desenvolver as habilidades fonológicas em Português do Brasil. Na quarta apresentação, a autora discutirá as propostas educacionais para a educação de surdos, focando-se na perspectiva da proposta bilíngue, um tema atual e que vem sido discutido frequentemente em termos de educação especial. Por fim, na quinta apresentação a autora apresenta uma revisão da literatura demonstrando alguns aspectos que precisam ser considerados nos estudos sobre a construção da identidade dos professores, um tema ainda pouco explorado no Brasil. Todas as comunicações estão interligadas por fornecerem evidências de pesquisas em Psicologia da Educação acerca de temas atuais e importantes da Educação Brasileira. Nesse sentido, oferecem contribuições possibilitando novos rumos e tentando responder aos novos desafios do século XXI.

Palavras-chave: Educação Brasileira; Psicologia da Educação; Psicologia Escolar
Psicologia Escolar e da Educação

SOBRE AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA PARA A APRENDIZAGEM DE LEITURA E ESCRITA. *Renan de Almeida Sargiani** (Programa de Pós*

Graduação em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC-SP; São Paulo; SP)
*Elisa Teixeira Bernardes** (Programa de Diagnóstico e Intervenção Precoce ProDIP, Instituto de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo) ,*
Todos os dias diversas crianças são encaminhadas aos consultórios ou clínicas psicológicas seja por solicitação de professores, diretores de escola ou até mesmo levadas espontaneamente pelos próprios pais. Em outras palavras, o psicólogo é um dos primeiros profissionais a lidar com crianças em idade escolar e com as queixas escolares. No entanto, uma questão fundamental que se impõe é saber se esses psicólogos estão de fato avaliando uma queixa escolar como tal, considerando as condições específicas da escola e da educação. Inúmeras pesquisas demonstram que as queixas escolares são frequentemente tratadas como queixas clínicas, sem se se considerar as questões pontuais do processo de escolarização. Alguns estudos também apontam que muitas vezes os psicólogos não conhecem ou pouco se interessam pela Psicologia Escolar/Educacional e pela Educação em geral, o que explicaria também parte dessas dificuldades em lidar com tais queixas, além da pouca ênfase dada ao tema nos cursos de formação de Psicólogos. Dentre as mais frequentes queixas escolares estão as chamadas dificuldades de aprendizagem , problemas de aprendizagem ou ainda distúrbios de aprendizagem . Esses conceitos tão amplos e inespecíficos são a principal queixa escolar com que os psicólogos têm que lidar diariamente. Entretanto, após uma análise mais apurada, observa-se que crianças que nunca apresentaram dificuldades até por volta dos 6 anos, começam justamente a apresentar dificuldades nesse período quando ingressam no Ensino fundamental, quando são expostas a situações de aprendizagem formal que não haviam sido expostas anteriormente. O que sugere que na realidade, na maioria dos casos, o problema não está na criança, mas em outros fatores como o modo de ensino, os professores, a escola. Afinal, se todos são capazes de aprender desde que estejam em condições apropriadas de ensino, deve-se questionar o que se ensina e o como se ensina. Além disso, de modo geral, essas dificuldades de aprendizagem aparecem justamente quando as crianças começam a aprender a ler e a escrever, o que justifica a necessidade de que os psicólogos se apropriem também desse tipo de conhecimento a fim de melhor contribuir para as queixas escolares. Nesta apresentação objetivamos primeiramente apresentar e discutir um estudo de caso de duas criança com 7 anos, alunos da 1ª série do ensino fundamental de uma escola pública de São Paulo com a queixa de dificuldades de aprendizagem . No princípio ambos os casos sugeriam quadros patológicos de acordo com informações da escola, o que indicava atendimento clínico. Com a investigação dos casos, após observações na escola e entrevistas com as crianças, pais e professores, observou-se que as queixas refletiam na realidade dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita e na forma como as professoras ensinavam e não em distúrbios patológicos das crianças. Evidenciando-se, portanto, a necessidade de que os psicólogos se instrumentalizem mais sobre as questões educacionais e sobre a aprendizagem da linguagem escrita. Dessa forma, na segunda parte desta apresentação iremos apresentar alguns dados de pesquisas da Psicologia Cognitiva da leitura que vem apresentando fortes evidencias de como se aprende a ler e a escrever.
Palavras-chaves: dificuldades de aprendizagem, alfabetização, queixa escolar.
M mestrado
ESC Psicologia Escolar e da Educação

CONHECIMENTO MORFOLÓGICO E APRENDIZAGEM DA ESCRITA NO CONTEXTO ESCOLAR.
*Júlia Maria Migot** (IPUSP/PSA - Instituto de Psicologia Programa de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, Universidade de São Paulo; São Paulo-SP),*

A aprendizagem da escrita implica a habilidade de decompor palavras faladas em segmentos menores, como os morfemas e os fonemas, e a conversão desses segmentos da fala em seus correspondentes na escrita. A Psicologia Cognitiva tem contribuído para o entendimento das estratégias cognitivas envolvidas no processo de aquisição, organização e uso da linguagem escrita, e afirma que sua aprendizagem consiste no estabelecimento de conexões particulares que refletem os conhecimentos do leitor sobre unidades fonológicas, ortográficas e semânticas. Um ponto importante diz respeito à capacidade da criança de manipular conscientemente a linguagem sob a forma de compreensão e produção, ou seja, a capacidade metalinguística, que se refere aos conhecimentos fonológicos, como também aos conhecimentos morfológicos e sintáticos. Nas últimas décadas multiplicaram-se as pesquisas que têm investigado o papel das habilidades metalinguísticas na aquisição da linguagem escrita e como elas se relacionam e com que eficácia nesse processo. Estudos têm mostrado a importância das habilidades para reconhecer e manipular de maneira consciente as relações entre sons da fala e as letras (consciência fonológica) no processo de alfabetização. É importante ressaltar que a escrita representa sons, mas também significados de uma língua. Nesse sentido, a escrita somente existe pela combinação de dois princípios: o fonográfico, que possibilita às unidades gráficas correspondências com as unidades sonoras, os fonemas; e o semiográfico, que permite às unidades gráficas correspondências de significados. Em função desse fato, a dimensão morfológica passou recentemente a ser investigada e considerada enquanto elemento importante na estruturação de significados e na aprendizagem da língua escrita. Esta dimensão enfoca os morfemas, as menores unidades de sentido que constituem as palavras, e suas características e contribuições para o processamento da língua escrita, e, refere-se à habilidade para refletir e manipular intencionalmente a estrutura morfológica da língua, isto é, de fazer uso explícito dos processos de formação, flexão e classificação das palavras. No Brasil e mais frequentemente no exterior destacam a importância das habilidades metalinguísticas para o processo de alfabetização, principalmente acerca da consciência fonológica. Pesquisas recentes sinalizam para a manifestação de maneira implícita do conhecimento morfológico em crianças já no processo inicial de alfabetização, momento no qual as palavras são identificadas não apenas pelas relações de decodificação grafo-fonológica, mas também por outros fatores como a análise dos componentes morfológicos da palavra. Verifica-se um interesse gradativo sobre a habilidade morfológica e seu papel e contribuição para o aprendizado da linguagem escrita. Nesta apresentação serão discutidas inicialmente evidências sobre a relevância do estudo sobre a dimensão morfológica na aprendizagem da escrita, os principais resultados de estudos e possíveis desvelamentos futuros. É necessário que nos apropriemos desses novos conhecimentos para que, a partir de seu entendimento, ações colaborativas possam ser elaboradas para o avanço das práticas no campo do domínio da escrita e da leitura.

Palavras-chaves: conhecimento morfológico, alfabetização, habilidades metalinguísticas.
Bolsista da FAPESP
M mestrado
ESC Psicologia Escolar e da Educação

DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA: ATIVIDADES DE TREINO. *Sandra Puliezi** (Programa de Pós Graduação em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC-SP; São Paulo; SP)*
*Renan de Almeida Sargiani** (Programa de Pós Graduação em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC-SP; São Paulo; SP),*

O termo consciência fonológica refere-se à habilidade de refletir sobre características sonoras das palavras e manipular os sons da fala de forma consciente, tais como sílabas e rimas. O

desenvolvimento dessa habilidade tem sido frequentemente relacionado ao sucesso de aprendizagem da leitura e da escrita no português falado no Brasil e também em outras línguas. A consciência fonológica é formada por várias habilidades correlacionadas que são avaliadas por tarefas de rima, aliteração (comparação do som nas consoantes iniciais), contagem, adição ou subtração de sílabas, adição ou subtração de fonemas em palavras faladas. Podemos distinguir três níveis de consciência fonológica: nível das sílabas, nível das unidades intra-silábicas e nível dos fonemas. O nível das sílabas compreende a habilidade de segmentar a palavra em sílabas e aglutinar sílabas para formar palavras. A consciência fonológica de nível silábico é considerada a capacidade mais simples de ser adquirida pelas crianças. As atividades que medem esse nível de consciência fonológica são as de síntese (união de sílabas para formar palavras), segmentação (separar uma palavra em sílabas), contagem do número de sílabas, localização da sílaba inicial, medial ou final em uma palavra e exclusão (subtração de sílabas na palavra). O nível intra-silábico corresponde à consciência de que as palavras podem ser divididas em unidades que são maiores que um fonema individual, mas menores que uma sílaba. Essas correspondem à divisão da sílaba em aliteração e rima. A consciência fonológica no nível dos fonemas é denominada consciência fonêmica e compreende a capacidade de dividir as palavras em unidades ainda menores que as intra-silábicas: os fonemas. O fonema é a menor unidade de som que pode mudar o significado de uma palavra. Por exemplo, as palavras mala e bala se diferenciam somente pelo fonema inicial (/mala/ e /bala/). Na primeira parte desta comunicação, serão apresentadas três tarefas que avaliam a consciência fonológica: intruso de rima, intruso de fonema inicial e segmentação de palavras. Esses instrumentos foram testados em uma pesquisa com 28 crianças do 1º ano do ensino fundamental. Os resultados sugeriram que as tarefas além de fidedignas para avaliar as habilidades fonológicas também são de baixo custo material e de fácil aplicabilidade. Além disso, observou-se que os instrumentos despertaram a curiosidade e interesse por parte dos alunos que demostraram, de modo geral, terem muito interesse e prazer em realizar as tarefas. Assim, na segunda parte desta comunicação serão apresentadas algumas atividades que foram desenvolvidas para o ensino de leitura e que têm como objetivo desenvolver a consciência fonológica. Essas atividades foram elaboradas com base nos resultados do primeiro estudo e também mostraram-se fidedignas e de fácil aplicabilidade, podendo servir tanto para auxiliar nas práticas pedagógicas de ensino de leitura e escrita quanto em futuras pesquisas no campo da Psicologia Cognitiva da Leitura, auxiliando na produção do conhecimento da área.

Palavras-chave: Avaliação, consciência fonológica; alfabetização.
Mestrado-M.
ESC - Psicologia Escolar e da Educação

EDUCAÇÃO BILÍNGUE PARA SURDOS: PERSPECTIVAS E CRÍTICAS. *Camila Ramos Franco de Souza ** (Pós Graduação em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC-SP; São Paulo; SP),*

A surdez é o distúrbio no processo normal da audição que, independentemente de sua causa, tipo ou grau de severidade, implicará uma alteração auditiva e, consequentemente, a diminuição da capacidade do indivíduo de ouvir e perceber os sons. O grau e o período de aquisição de perda auditiva influenciam diretamente o desempenho linguístico das crianças com surdez, sendo fatores determinantes para a escolha da melhor forma de comunicação, de recursos terapêuticos necessários e consequentemente da melhor forma de escolarização. A educação de surdos, assim como a educação especial, vem passando por diversas mudanças desde 1996, quando a LDB apresenta a proposta da educação inclusiva. Com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva as escolas especiais

mudaram seu caráter de atendimento e, entre elas, as escolas de alunos surdos. Essa ação levou a diversos protestos dos movimentos e comunidade de surdos para a manutenção das escolas especiais destinadas a esse público pela garantia do direito à utilização da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais).Ao longo da história da educação de surdos sempre esteve em pauta qual seria a melhor forma de ensinar e se comunicar com alunos surdos, levando a diversas propostas pedagógicas que diferem quanto à forma de ensino e comunicação com essas pessoas, sempre questionando práticas e concepções e buscando evidenciar o sucesso ou da oralidade ou dos sinais. As principais propostas educacionais são o Oralismo, a Comunicação Total e o Bilinguismo. O bilinguismo é proposta atual adotada pelas políticas de educação por reconhecer a Língua de Sinais como a primeira língua da pessoa com surdez e a língua oficial do país como segunda língua, no caso do Brasil, a língua portuguesa, preferencialmente na modalidade escrita. Essa abordagem se contrapõe ao oralismo na medida em que considera o canal visogestual como fundamental para aquisição de linguagem da criança com surdez e se opõe à comunicação total por defender e definir um espaço efetivo para a língua de sinais no âmbito educacional, mantendo suas próprias características. Nesta apresentação iremos discutir a abordagem bilíngue de educação para surdos apontando suas definições, princípios, vantagens e dificuldades e o impacto desse acesso comunicativo no desenvolvimento do sujeito com surdez. Para isso foi realizado levantamento bibliográfico sobre o tema em periódicos, legislações federais e municipais e documentos oficiais destinados aos educadores de surdos na perspectiva bilíngue. Com esse estudo esperou-se discutir o que a educação especial tem enfrentado com relação à educação de pessoas com surdez e em que aspectos a Psicologia da Educação poderia contribuir. O estudo evidenciou que a proposta de educação bilíngue para surdo é uma proposta que respeita o sujeito surdo por reconhecer que esse percebe as informações visualmente e tem na língua de sinais a possibilidade de comunicação viso-espacial que as outras abordagens não ofereciam. Além disso o bilinguismo retoma o aspecto educacional na educação de surdos, uma vez que as propostas anteriores enfatizavam o caráter clínico e terapêutico da aprendizagem da fala da pessoa com surdez.

Palavras chaves: educação especial; educação de surdos; bilinguismo; surdez

M- mestrado

ESC - Psicologia Escolar e da Educação

CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA DOCENTE: IMPLICAÇÕES NA MELHORIA DA QUALIDADE NA EDUCAÇÃO. *Eliana Cristina Zanette Cipriano** (Programa de Pós Graduação em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC-SP; São Paulo; SP),*

Estudar sobre professores e suas identidades, em Psicologia da Educação, requer compreender as transformações que a profissão de professor vem sofrendo nos últimos anos em decorrência de vários fatores, como por exemplo, o crescimento do número de alunos, a demanda da população pela qualidade da escolarização e as novas formas metodológicas e tecnológicas de tratar o conhecimento e o ensino. As pesquisas sobre formação docente, de um modo geral, pouco focam no estudo da constituição da identidade profissional do professor. No entanto, esse fator é crucial, uma vez que a constituição da identidade profissional do professor permeia a construção do papel social deles, implicando também na constituição de sua profissionalidade. Assim, a compreensão desta identidade proporciona a interação do professor como sujeito/ator no processo de formação, o que poderá levar a possibilidades concretas de mudança e uma melhoria na qualidade da educação brasileira. Diante do exposto, nesta apresentação será discutida, a partir de um levantamento bibliográfico, a relevância do estudo da constituição identitária docente para uma maior compreensão sobre o desenvolvimento profissional do professor e de sua profissionalidade.

Como consequência, também serão discutidas possibilidades de melhoria na qualidade da educação brasileira. Para este estudo, foi realizado um extenso levantamento bibliográfico sobre o tema em periódicos, dissertações, teses, legislações federais e municipais da área de Psicologia da Educação, buscando encontrar na literatura os estudos que tratavam do tema da constituição identitária do professor. Evidenciou-se que estudar sobre a constituição identitária do professor requer conhecer a história deste profissional docente, suas crenças, valores, formação básica e continuada e os saberes construídos com a experiência em sala de aula. É importante ressaltar que identidade, de modo geral, é aqui é entendida como a forma como nos percebemos no mundo e, mais especificamente, a identidade profissional é a maneira como nos percebemos, avaliamos, refletimos a nossa atividade diária, em nosso caso de ser professor. Desta forma, a identidade não é fixa, mas passível de mudanças ao longo do processo de desenvolvimento. Mudar em consonância com as transformações ocorridas no mundo e, particularmente, na instituição educacional é o esperado deste profissional que lida com o ser humano em pleno desenvolvimento. No entanto, muitas vezes ele não se percebe como ser agente, atuante e pertencente ao processo de mudança. Com este estudo, evidenciou-se também muitos avanços nas pesquisas encontradas, mas por outro lado, igualmente muitos desafios na qualidade da educação brasileira relacionados ao processo de conscientização sobre a constituição identitária docente para melhor compreender o processo do desenvolvimento profissional do professor.

Palavras-chave: constituição identitária docente; formação de professores; profissionalidade docente; qualidade na educação brasileira.

M- mestrado

ESC - Psicologia Escolar e da Educação

Sessão Coordenada: **EFEITOS DA EXPOSIÇÃO A MAUS TRATOS SOBRE DIFERENTES ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO**

A exposição a experiências traumáticas de natureza interpessoal na infância, tais como abuso físico ou negligência, tem um importante impacto sobre o desenvolvimento psicológico e neurobiológico de crianças (Lee & Hoaken, 2007). Além disso, o abuso infantil representa um importante risco para a ocorrência de psicopatologia na adultez (Collishaw et al, 2007). A pesquisa sobre os efeitos dos maus-tratos infantis vem evoluindo nas últimas décadas, no sentido de estudar mais profundamente os mecanismos através dos quais essa experiência influencia resultados negativos (Lee & Hoaken, 2007).

A investigação sobre os efeitos dos maus-tratos em crianças e adolescentes evoluiu nas últimas décadas como uma tentativa de superar limitações metodológicas e conceituais. Por um período, as pesquisas sobre os efeitos dos maus-tratos no desenvolvimento conceituaram a vivência do trauma na infância como um evento dicotômico, isto é, se o evento ocorreu ou não (Lipschitz et al, 1999). Tal posição refletiu-se nos instrumentos desenvolvidos para a avaliação sobre a exposição a maus-tratos que desprezavam o aspecto dimensional da experiência (Grassi-Oliveira et al, 2006). Atualmente os trabalhos e os instrumentos abordam a experiência traumática como algo que varia ao longo de uma dimensão contínua que inclui freqüência, severidade e duração (Bernstein et al, 2003; Lipschitz et al, 1999; Walker et al., 1997). Os instrumentos de avaliação sobre a exposição ao trauma na infância vêm sendo desenvolvidos incorporando uma abordagem metodologicamente mais sofisticada (Bernstein et al, 2003). Cada vez mais, há evidências de que as conseqüências dos maus tratos dependem não somente do tipo de abuso experienciado, mas também da severidade deste (Pears, Kim e Fisher, 2008).

A exposição ao abuso e à negligência durante a infância tem sido consistentemente associada ao risco aumentado para a ocorrência de prejuízos psicológicos, sociais e comportamentais (Kim e Cicchetti, 2010), representando um fator de risco para desordens psiquiátricas, incluindo depressão, ansiedade, transtornos da conduta, transtorno de personalidade antissocial, abuso de substância e suicídio (Fergusson, Boden & Horwood, 2008).

Com base nesses dados, a sessão coordenada proposta objetiva apresentar trabalhos que investigam a prevalência e os efeitos da exposição a maus tratos em diferentes etapas do desenvolvimento. Trata-se de trabalhos atuais, que utilizam metodologias diversificadas e que podem contribuir para a área de conhecimento, bem como para a prática psicológica. Pretende-se ainda que a sessão coordenada constitua-se em um momento de discussão com profissionais e pesquisadores de diferentes locais e experiências acerca do tema.

Os trabalhos apresentados versarão sobre os seguintes temas: 1) a prevalência de maus tratos na população idosa da cidade de Porto Alegre; 2) o impacto da negligência na infância sobre a abstinência e os sintomas depressivos em adultas dependentes de crack; 3) a relação entre maus tratos na velhice, desempenho cognitivo e depressão em idosos; 4) os efeitos da exposição a maus tratos na infância sobre a autoestima de crianças e adultos.

Psicologia Clínica e da Personalidade

OS EFEITOS DA EXPOSIÇÃO A MAUS TRATOS SOBRE A AUTOESTIMA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA.. *Janaína Thais Barbosa Pacheco (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, RS), Tatiana Quarti Irigaray (PPG Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS), Maria Lucia Tiellet Nunes (PPG Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS), Blanca Werlang (PPG Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do*

Sul, Porto Alegre, RS) e Irani Argimon (PPG Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS).,

A exposição ao abuso e à negligência durante a infância tem sido consistentemente associada ao risco aumentado para a ocorrência de prejuízos psicológicos, sociais e comportamentais. Considerando as evidências do impacto da exposição a maus tratos na infância sobre o desenvolvimento, este estudo pretende responder, por meio de revisão sistemática da literatura, a seguinte questão de pesquisa: quais os efeitos da exposição a maus tratos na infância sobre a autoestima? Este trabalho é parte de estudo maior desenvolvido pelo Programa de Pós Graduação da Faculdade de Psicologia/PUCRS, através do Programa Nacional de Pós Doutorado/Capes, que investigará a relação entre exposição a maus tratos com a cognição, a adaptação psicológica e a ocorrência de psicopatologia. Os bancos de dados Medline, PsycoINFO, Embase e Amed na base Ovid foram consultados usando os seguintes termos: maltreatment and child* and self-esteem . Os critérios de inclusão utilizados foram: (a) investigar empiricamente as variáveis maus-tratos e autoestima; (b) apresentar pelo menos um grupo controle composto de pessoas que não foram expostas a maus tratos; (c) utilizar delineamento transversal, caso-controle, ensaio clínico randomizado ou estudo de coorte. Após aplicados os critérios de inclusão, a presente revisão sistemática da literatura incluiu oito artigos, publicados entre 1989 e 2010. Os instrumentos utilizados nos artigos para avaliar a autoestima foram: Self-Esteem Inventory de Coopersmith; Self-Esteem Scale de Rosenberg; Janis-Field Feelings of Inadequecy Scale; Self-Perception Profile de Harter; California Child Q-sort; como um estudo investigou especificamente autoestima sexual foi utilizado o Sexual Self-Esteem Inventory for Women. Nos resultados encontrados pela análise dos artigos, destaca-se: 1) os estudos realizados com crianças não encontraram diferenças estatisticamente significativas entre os grupos de crianças expostas (GE) e crianças não expostas (GC) quanto à autoestima. No entanto, as análises de regressão indicaram associação entre maus-tratos (abuso sexual, abuso físico e negligência) e autoestima. 2) Encontrou-se associação entre a severidade e a cronicidade dos maus tratos e a autoestima. 3) Os estudos realizados com adultos encontraram diferenças entre os grupos GE e GC, observando-se piores níveis de autoestima no grupo exposto a maus-tratos. Os resultados indicaram que não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre crianças expostas e não expostas a maus tratos, no entanto essas diferenças foram encontradas nos adultos. Esse dado sugere que o prejuízo sobre a autoestima se estabelece ao longo do desenvolvimento do indivíduo e pode ser influenciado por outros aspectos, como, por exemplo, o vínculo familiar. Alguns autores encontraram que a exposição a maus tratos e a insegurança na relação materna prejudicam o ajustamento infantil na medida em que afetam negativamente a autoestima e a competência social da criança. A exposição a maus tratos tem sido avaliada considerando-se a ocorrência de múltiplos maus tratos, a cronicidade e a severidade da exposição, indicando uma relação positiva desses fatores com diferentes medidas de ajustamento psicológico, como o resultado encontrado na autoestima.

Apoio: CAPES

Palavras-Chave: maus tratos, autoestima, infância

Nível de Pesquisa: Pós Doutorado

Área da pesquisa: CLIN

PREVALÊNCIA DE MAUS-TRATOS EM IDOSOS DO MUNICÍPIO DE PORTO ALEGRE. *Tatiana Quarti Irigaray (PPG Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS), Cristiane Silva Esteves** (PPG Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS), Janaína Thaís Barbosa Pacheco (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Porto Alegre, RS), Rodrigo Grassi de*

Oliveira (PPG Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS), Irani Iracema de Lima Argimon (PPG Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS)

,

Com o envelhecimento da população, cresce o número de indivíduos portadores de algum tipo de declínio funcional e cognitivo, aumentando o risco para a ocorrência de maus-tratos na terceira idade. A violência contra os idosos pode ser classificada em: a) maus-tratos físicos; b) maus-tratos psicológicos; c) abuso financeiro ou material; d) abuso sexual; e) negligência. Considerando o contexto da exposição de idosos a situações de maus-tratos, o presente estudo objetivou identificar e descrever situações de maus-tratos a idosos; descrever o perfil da vítima e do agressor; e identificar os motivos relatados relacionados à ocorrência de maus-tratos nesse grupo etário. Realizou-se um estudo documental, retrospectivo, a partir da análise dos dados de 224 boletins de ocorrência da Delegacia de Proteção ao Idoso de Porto Alegre registrados nos meses de abril e maio de 2011. Dentre os 224 boletins de ocorrência avaliados, verificou-se que 175 (78,1%) denunciavam situações de maus-tratos e 49 (21,9%) denunciavam perda de documentos, desaparecimento de pessoas, entre outros, sem mencionar maus-tratos. Os maus-tratos psicológicos foram os mais frequentes (47,4%), seguido pelo abuso financeiro ou material (17,7%), maus-tratos físicos (14,3%), maus-tratos múltiplos (14,3%) e negligência (6,3%). Dentre os maus-tratos múltiplos, os mais frequentes foram os maus-tratos psicológicos com maus-tratos físico (28%). A vítima, na maioria das vezes, é mulher (78,9%), com média de idade de 70,8 anos (desvio padrão de 8,1), sem companheiro, ou seja, viúvo(a), solteiro(a) ou separado(a) (54,2%), com baixa escolaridade (42,3% tinham apenas Ensino Fundamental) e brancas (78,3%). O agressor era um adulto do sexo masculino (68,6%), de meia-idade (idade média de 46,4 anos; desvio-padrão de 17,4, familiar da vítima (62,8%), com predominância dos filhos (66,4%), seguido por companheiro (22,7%) e outros familiares (10,9%). Em relação ao local de ocorrência de maus-tratos, verificou-se que 84,6% ocorreram na residência do idoso. A análise qualitativa dos dados produziu as seguintes categorias relacionadas aos motivos relacionados à violência: 1) interesse financeiro do agressor no idoso (26,6%); 2) o idoso apresenta-se vulnerável (21,7%), ou seja, com alguma doença ou limitação física; 3) o agressor é usuário de drogas ou álcool (17,2%); 4) problemas com os vizinhos (11,8%); cobrança de dívidas (11,3%); 5) discussão com familiares (7,9%) e; 6) outros (3,5%). O abuso psicológico pode ser decorrente de uma ameaça do agressor de abandono e do uso de autoritarismo para manter a submissão do idoso. Por outro lado, o abuso financeiro pode estar relacionado à dependência do familiar da renda do idoso, ou da incapacidade do idoso de gerenciar sua própria vida financeira. Considerando as questões relacionadas às dificuldades de denúncia pelo fato do agressor ser um membro da família do idoso, é possível que os maus-tratos contra idosos sejam ainda mais prevalentes e, portanto, subnotificados na cidade de Porto Alegre. A identificação de maus-tratos nessa faixa etária implicará, para o planejamento de intervenções diretas e indiretas e o desenvolvimento de políticas de prevenção.

Apoio: FAPERGS
Palavras-chave: maus tratos, idosos, agressor
Nível da pesquisa:Pesquisador - P
Área da pesquisa: SMENTAL

NEGLIGÊNCIA NA INFÂNCIA: IMPACTO NA GRAVIDADE DA ABSTINÊNCIA E SINTOMAS DEPRESSIVOS DE MULHERES DEPENDENTES DE CRACK. *Ingrid D Avila Francke**(Sistema de Saúde Mãe de Deus/ PPG Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS), Rodrigo Grassi-Oliveira (PPG Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS).*

,

Este é um estudo longitudinal comparativo entre grupos de mulheres com auto relato de negligência física na infância (NF+) e outro sem negligência física na infância (NF-). Os dados derivam de um estudo de coorte que deverá acompanhar um substancial número de usuárias de crack internadas em uma unidade hospitalar para desintoxicação, durante o período de 20 dias de internação cada uma. Estes resultados preliminares contemplam as primeiras 96 mulheres que participaram do estudo e foram analisados e tabulados com o objetivo investigar como a NF impacta na gravidade dos sintomas de abstinência e nos sintomas depressivos durante um primeiro período de interrupção do uso da droga. Durante o período de internação os sujeitos foram convidados a responder diversos questionários e a participar de tarefas de avaliação neuropsicológica a fim de gerar o maior número de dados e controlar variáveis, contemplando avaliações periódicas de abstinência (total de 5), de humor (total de 3) e cognitivas, além de uma completa avaliação sociodemográfica e de gravidade da dependência. A distribuição das variáveis foi descrita como média e desvio padrão ou frequência e proporção, quando cabíveis. Em todas as análises foram adotados os valores de alfa como 0,05 e de beta como 0,20. Foram utilizados diversos testes estatísticos, principalmente ANOVA de medidas repetidas e Pearson Correlation, e estão descritos junto aos respectivos resultados conforme a característica de cada variável. Os resultados sugerem que as pacientes do grupo (NF+) demonstram níveis exacerbados de sintomas de abstinência durante a desintoxicação do crack. Tais sintomas perduram por um período maior de tempo nesse grupo, visto que o declínio dos sintomas, tanto em intensidade quanto em tempo, comporta-se de forma diferente entre os grupos NF+ e NF-. Além disso, foi encontrada relação positiva entre os sintomas de abstinência e depressivos, sendo que as pacientes com maior gravidade de sintomas depressivos eram as que apresentavam maior grau de sintomas de abstinência. Esses achados sugerem uma associação entre maus tratos na infância sobre o desenvolvimento dessas mulheres e sua baixa resistência ao estresse provocado pela retirada da droga. Frente à escassez de trabalhos voltados exclusivamente à pesquisa sobre o crack e inexistência de bibliografia relacionando as contingências do processo de desintoxicação com formas de negligência na infância, esse é um trabalho que traz a importância destes aspectos como relevantes para a discussão nos bastidores das políticas de cuidado à criança e adolescentes, bem como à saúde pública em geral.

Apoio: CAPES, FAPERGS, CNPQ
Palavras-chave: Negligência física, Abstinência, Crack
Nível da pesquisa: Mestrado.
Área da pesquisa: SMENTAL

MAUS TRATOS NA VELHICE, DESEMPENHO COGNITIVO E SINTOMAS DEPRESSIVOS EM IDOSOS. *Luíza Mothes** (PPG Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS), Cristiane Silva Esteves** (PPG Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS), Irani Iracema de Lima Argimon (PPG Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS) e Tatiana Quarti Irigaray (PPG Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS),*

Devido ao envelhecimento da população, cresce o número de idosos com declínio funcional e cognitivo, aumentando o risco para a ocorrência de maus-tratos. Os maus-tratos contra idosos podem ser classificados em maus-tratos físicos, que corresponde ao uso de força física que pode produzir lesão, dor ou incapacidade; maus-tratos psicológicos, que é a ação de infligir pena ou angústia através de expressões verbais ou não-verbais; abuso financeiro, que é a

exploração ilegal e/ou uso não consentido de recursos financeiros de um idoso; abuso sexual, que se caracteriza pelo contato sexual não-consentido e; negligência, que é a recusa ou falha em exercer a responsabilidade no ato de cuidar do idoso. O presente estudo busca identificar e descrever situações de maus-tratos contra idosos e verificar a associação entre maus-tratos na velhice, desempenho cognitivo e presença de sintomas depressivos. Trata-se de um estudo transversal que teve a participação de 250 idosos, sendo 159 mulheres e 91 homens, com idades entre 60 a 95 anos, com média de 3,9 anos de estudo (DP=2,9). A amostra deste estudo foi composta por idosos atendidos pela Estratégia de Saúde da Família (ESF) do Município de Porto Alegre. Os participantes foram avaliados através de uma entrevista individual, na qual preencheram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e responderam aos testes Lista de Palavras da Bateria Cognitiva CERAD, Teste de Memória Lógica da Escala de Memória de Wechsler Revisada- WMS-R (evocação imediata e tardia), Teste de Nomeação de Boston, Teste de Fluência Verbal Fonêmica (FAS) e Teste de Fluência Verbal Semântica (Categoria Animais). Para avaliar a presença de maus-tratos na velhice, foi utilizado um questionário, composto por 10 questões fechadas que avaliam a presença de maus-tratos físicos, maus-tratos psicológicos, abuso financeiro ou material, abuso sexual e negligência. O Mini-Exame do Estado Mental foi utilizado para excluir os idosos que apresentassem pontuação sugestiva de demência. Além disso, a Escala de Depressão Geriátrica, composta por 15 itens, foi aplicada para verificar a presença de sintomas depressivos. A análise dos dados mostrou que 138 indivíduos relataram ter sido vítimas de maus-tratos na velhice, enquanto que 112 afirmaram não ter sofrido maus-tratos na velhice. O grupo de idosos formado por vítimas de maus-tratos apresentou uma média de 3,7 anos de estudo e eram indivíduos que não tinham companheiro em sua maioria (62%). Esse grupo foi composto predominantemente por mulheres (70,3%). mulheres, acima do G2, que teve uma média de 55,4% de mulheres. Por meio do Teste t de Student, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre os grupos, com e sem maus-tratos, no teste de Memória Lógica da Escala de Memória de Wechsler Revisada (evocação imediata) e na Escala de Depressão Geriátrica. Esses resultados evidenciaram que os idosos vítimas de maus-tratos na velhice apresentaram pior desempenho na memória episódica verbal (evocação imediata) e mais sintomas depressivos em comparação aos participantes que não sofreram maus-tratos na velhice. Desta forma, pode-se concluir que os maus-tratos sofridos na velhice levam a um pior desempenho da memória episódica verbal e a uma maior prevalência de sintomatologia depressiva.

Apoio: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul - FAPERGS
Palavras-Chave: MAUS-TRATOS, IDOSOS, COGNIÇÃO.
Nível do trabalho: Pesquisador P
Área da pesquisa: COG

Sessão Coordenada: **EFEITOS DE CONTINGÊNCIA E CONTIGUIDADE SOBRE O COMPORTAMENTO OPERANTE: CONTRIBUIÇÕES EXPERIMENTAIS**

Essa Sessão Coordenada agrega cinco trabalhos experimentais que têm em comum o fato de investigarem os efeitos de contingências e contiguidades na análise do comportamento operante. Esse conjunto de experimentos, realizados por pesquisadores de quatro diferentes instituições, é relevante por explorar variáveis críticas para análise do papel da contiguidade e da contingência na seleção do comportamento operante. Sabe-se que a mudança ambiental importante na determinação do comportamento ocorre depois da resposta, sendo ou não por ela produzida. Os trabalhos apresentarão e discutirão que é possível observar os mesmos efeitos esperados de contingências operantes sem que haja uma relação operante real: a resposta pode ser selecionada pelo ambiente quando há apenas uma relação de proximidade temporal ente ela e o ambiente. Será enfatizada a noção de comportamento supersticioso , o que mostra o papel seletivo do ambiente no comportamento operante. Esta temática é de extrema importância para a Psicologia e a Análise do Comportamento como um todo, o que inclui a pesquisa básica, as aplicações e os pressupostos Behavioristas Radicais. Em uma das pesquisas foi investigada a "transmissão" de comportamento supersticioso ao longo de gerações de participantes. Outro estudo investigou a questão da contiguidade na determinação do desamparo aprendido ou do comportamento supersticioso. A mesma investigação foi realizada em outro trabalho sobre incontrolabilidade e imprevisibilidade. O papel do atraso do reforço foi pesquisado por um quarto trabalho com um procedimento de non resetting através de um treino discriminativo. Uma quinta apresentação reportará dados sobre resistência do comportamento à mudança, com observação de desempenho em fase posterior de extinção. Apresentar esta Sessão Coordenada é oportuno por, a partir de dados experimentais, propiciar discussões referentes a pressupostos básicos da abordagem e do comportamento humano como um todo. Questões aplicadas relacionadas a rituais supersticiosos, ilusões, distorções cognitivas, podem ser analisados com base no papel da contiguidade e das contingências em vigor. Todos os autores são professores e/ou pesquisadores de renomadas instituições de ensino, com anos de prática em laboratório, o que mostra a competência dos mesmos para investigação experimental e discussão da temática proposta.
Análise Experimental do Comportamento

TRANSMISSÃO SOCIAL DO COMPORTAMENTO SUPERSTICIOSO. *Marcelo Frota Lobato Benvenuti*
Flávia Meneses Duarte
Saulo Missiaggia Velasco
Departamento de Psicologia Experimental, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP
,
Estudos experimentais sugerem que o comportamento supersticioso, responder mantido por relação acidental com reforço, pode ser facilitado por variáveis sociais como instruções e modelação. O presente estudo investigou se ocorreria a transmissão do comportamento supersticioso ao longo de gerações de participantes expostos a uma mesma situação experimental em que pontos eram apresentados independentemente do comportamento. A tarefa básica, em um computador, envolveu a programação de um esquema múltiplo com dois componentes: tempo variável (VT) e extinção (EXT). Os participantes podiam emitir respostas, por meio da manipulação de um mouse, em um retângulo colorido apresentado na tela do computador e cuja cor sinalizava qual dos componentes do esquema múltiplo estava em vigor. Durante a vigência de VT, pontos eram apresentados em média a cada oito segundos, independente das respostas do participante (VT 8 s). Durante o componente EXT, os pontos

não eram apresentados. Entre os componentes, havia um time-out de 5 s, período em que o retângulo colorido não aparecia na tela e era apresentada a mensagem AGUARDE . O relato do participante sobre o grau de controle que julgava ter sobre a situação experimental foi coletado ao final de cada sessão. Participaram da pesquisa treze estudantes de uma escola técnica pública divididos em dois grupos: Geração Experimental I, observação e instrução e Geração Experimental II, observação. Nas duas gerações experimentais, um participante executava a tarefa no computador enquanto outro participante o observava. Assim que terminava a tarefa, o participante se retirava da sala, era encaminhado para um local onde era coletado o relato verbal, o observador era colocado na tarefa do computador e um outro observador entrava na sala. O primeiro participante de cada geração era sempre um confederado, instruído para responder apenas no componente VT. Na Geração Experimental I, os participantes deveriam sempre instruir o observador na troca de participantes. Na Geração Experimental II, havia apenas a observação e nunca instrução para os novos participantes na tarefa experimental. Os resultados mostraram que houve a aquisição do comportamento supersticioso para 12 dos 13 participantes (apenas o último participante da Geração Experimental II respondeu tanto em VT como em EXT). Estimativas de controle na situação foram perto de 8 em uma escala de 0 a 10, sendo que 0 significava nenhum controle e 10 controle total sobre a apresentação dos pontos.

OS EFEITOS DA EXPOSIÇÃO A ESTÍMULOS AVERSIVOS INCONTROLÁVEIS: DESAMPARO APRENDIDO E COMPORTAMENTO SUPERSTICIOSO. *Mariana Januário Samelo*
Maria Helena Leite Hunziker
Departamento de Psicologia Experimental, Universidade de São Paulo, São Paulo,

Em uma condição de incontrolabilidade podem ocorrer, com maior ou menor frequência, contiguidades temporais entre uma resposta qualquer do sujeito e a ocorrência do estímulo. Estas relações contíguas caracterizam-se pela justaposição temporal entre respostas e eventos que a seguem, não havendo nenhuma relação de dependência no sentido de que a consequência é produto da resposta, como no caso das relações de contingência. Mudanças ambientais possuem tão forte poder de seleção que respostas podem ser selecionadas mesmo quando são apenas contíguas a eventos ambientais. Dados experimentais dos estudos com animais sugerem que a exposição a estímulos aversivos incontroláveis produz dificuldade de aprendizagem de uma nova resposta operante. Essa dificuldade de aprendizagem vem sendo denominada Desamparo Aprendido. Com humanos os resultados experimentais tem sido inconsistentes. Isto provavelmente devido ocorrência, na sessão de incontrolabilidade, de contiguidades sistemáticas entre o término do estímulo aversivo e a resposta imediatamente precedente, mimetizando uma condição de controle, embora acidental. Com o objetivo de estabelecer um procedimento que permita controle experimental suficiente para que se analise o efeito de uma história de fato incontrolável, foram manipuladas algumas variáveis a fim de evitar a seleção acidental das respostas dos sujeitos submetidos a estímulos não contingentes: (1) a durações do estímulo aversivo; (2) o número de tentativas; (3) o custo da resposta e por fim, (4) a instrução inicial. Dois grupos de participantes foram expostos a sons aversivos (grupos C e I), e um não foi manipulado (Grupo N). Para o grupo C, a interrupção de um som agudo era contingente a emissão de sequências variáveis; para o grupo I, a duração do som era independente das respostas emitidas. Para o grupo incontrolável, os sujeitos foram divididos em dois subgrupos de acordo com diferentes tipos de feedbacks fornecidos (Ip e Ia). Após essa manipulação, todos os participantes foram submetidos a uma tarefa de resolução de um labirinto. Os grupos C e N apresentaram menor latência e maior número de respostas corretas em comparação aos grupos incontroláveis. Entre estes últimos, foi verificada uma correlação negativa entre a frequência de contiguidades no tratamento e o desempenho no teste. Mais contiguidades foram correspondentes a menores latências e falhas

(aprendizagem). O Grupo Ia apresentou baixa frequência de contiguidades no tratamento e latências e falhas mais elevadas no teste; o Grupo Ip mostrou padrão intermediário. Estes resultados replicam o efeito desamparo aprendido em humanos, sugerindo que este procedimento é adequado para o seu estudo e demonstram o papel da seleção acidental na sessão de incontrolabilidade como impeditivo da verificação do efeito no teste (Grupo Ip). O papel do feedback, parâmetros utilizados e a presença de contiguidades sistemáticas foram discutidos.

(IN)CONTROLABILIDADE E (IM)PREVISIBILIDADE DE ESTÍMULOS NA DETERMINAÇÃO DO DESAMPARO APRENDIDO. *Lorena Lima*
Josele Abreu-Rodrigues
Laboratório de Análise Experimental do Comportamento, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília,
O presente estudo investigou o papel da incontrolabilidade e da imprevisibilidade de estímulos sobre o desamparo aprendido em humanos. Estudantes universitários foram expostos a um procedimento que compreendia duas fases, Treino e Teste. Em ambas as fases, a tarefa consistiu em emitir sequências de quatro respostas, distribuídas entre duas teclas do teclado de um computador. Os participantes foram divididos em cinco grupos: Controlável-Previsível (CP), Controlável-Imprevisível (CI), Incontrolável-Previsível (IP), Incontrolável-Imprevisível (II) e Controle (CT), os quais diferiam quanto à programação da relação resposta-estímulo e da relação estímulo-estímulo durante a Fase de Treino (com exceção dos participantes do Grupo CT, os quais passaram apenas pela Fase de Teste). Para os grupos expostos à Fase de Treino, um tom era apresentado em um fone de ouvido. Para os participantes dos grupos controláveis, esse tom poderia ser interrompido caso a sequência emitida diferisse das cinco sequências imediatamente anteriores (critério Lag 5 de variação). Para os participantes dos grupos incontroláveis, os tons não poderiam ser interrompidos, sendo sua duração acoplada à dos participantes dos grupos controláveis. Para os participantes dos grupos previsíveis, o intervalo entre apresentações dos tons era fixo e para os participantes dos grupos imprevisíveis, os tons eram apresentados após intervalos variados. Na Fase de Teste, uma contingência de repetição foi implementada para todos os participantes, de modo que a sequência só era reforçada se fosse igual a uma das cinco sequências previamente emitidas (critério Lag 5 de repetição). Na Fase de Treino, os níveis de variabilidade foram similares entre os grupos, a despeito de haver ou não contingência entre a sequência e a interrupção do tom. A análise do intervalo entre a emissão da sequência e o término do tom, realizada apenas para os participantes dos grupos incontroláveis, indicou que esse intervalo foi igual ou inferior a 1 s em aproximadamente 40% das tentativas. Na Fase de Teste, o nível de variabilidade foi semelhante entre os grupos e inferior àquele observado na fase anterior. Outras medidas, tais como o número de sequências incorretas, a latência da emissão da sequência, o tempo de exposição ao tom e o número de sequências emitidas também não revelaram diferenças entre os grupos. A similaridade entre os grupos pode ter ocorrido em função de dois aspectos principais: (1) a alta ocorrência de contiguidade na Fase de Treino, o que pode ter gerado reforçamento acidental das sequências para os participantes dos grupos incontroláveis; e (2) o baixo grau de dificuldade da tarefa na Fase de Teste, o que pode ter impedido a avaliação de possíveis efeitos diferenciais das variáveis manipuladas. Esses resultados corroboram aqueles relatados na literatura que mostram ser difícil estabelecer incontrolabilidade com humanos.

A PRODUÇÃO DE ATRASO FIXO DE REFORÇO COM PROCEDIMENTO DE NON RESETTING ATRAVÉS DE UM TREINO DISCRIMINATIVO DE AUMENTO GRADUAL NA DURAÇÃO DO ATRASO. *Paulo André Barbosa Panetta (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/ Universidade Nove de Julho, São Paulo, SP*

Roberto Alves Banaco (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/ Núcleo Paradigma, São Paulo, SP)

,

Atraso de reforço pode ser definido como tempo entre resposta e reforço. A duração do período de atraso pode ser fixo, no qual não há manipulação no valor temporal da relação resposta reforço a cada entrega sucessiva de reforços, ou pode ser variado, com manipulação desse valor temporal a cada entrega. Dois são os procedimentos mais utilizados no estudo do atraso de reforço. Com procedimento de resetting, o reforço é apresentado somente se não houver emissões de respostas durante o período de atraso. Caso contrário, o período de atraso é reiniciado a cada resposta adicional. Com procedimento de non resetting, o reforço é apresentado decorrido um período de tempo, independentemente do comportamento do sujeito. As respostas que ocorrem durante o período de atraso não produzem quaisquer consequências programadas elas não reiniciam o período. A duração dos períodos de atraso com resetting são, tipicamente, fixos. Porém é possível arranjá-los como variados. Já as durações dos períodos de atraso produzidos com non resetting são inevitavelmente variadas, pois não é conhecido um arranjo que garanta a produção de atraso fixo de reforço com esse procedimento. O objetivo da presente pesquisa é produzir atraso de fixo de reforço com procedimento de non resetting através de um treino discriminativo. Quatro ratos são utilizados como sujeitos experimentais, distribuídos em três grupos. Para os sujeitos do Grupo A, na Fase Experimental da pesquisa, iniciado o período de atraso de reforço, um produtor de ruídos é acionado por 0.5 segundo. Para o sujeito do Grupo B, o produtor de ruídos é mantido desligado durante o período de atraso. No caso de ambos os grupos, a Fase Experimental é iniciada com o período de atraso tendo um segundo de duração, com aumento gradual de um segundo entre sessões, até que a duração do período de atraso seja de oito segundos. O aumento na duração do período de atraso ocorre somente após três sessões consecutivas sem registro de emissões durante os períodos. Para o sujeito do Grupo C, o período de atraso é introduzido já com oito segundos de duração. Na Fase Experimental, para os sujeitos dos três grupos, as respostas emitidas durante o período de atraso o reiniciam (resetting). Para os sujeitos dos Grupos A e B, uma vez atingido o critério de três sessões consecutivas sem emissões durante o período de atraso (com oito segundos de duração), o procedimento é alterado para non resetting. Já para o sujeito do Grupo C, essa alteração ocorrerá após 120 sessões. A pesquisa está em andamento, com o inicio da Fase Experimental em Junho de 2012 e termino da pesquisa em Outubro do mesmo ano.

DIFERENCIAÇÃO DA TAXA DE RESPOSTAS EM UM MÚLTIPLO VI-VI E RESISTÊNCIA DO COMPORTAMENTO À EXTINÇÃO COM HUMANOS. *Carlos Eduardo Costa*
Raquel Fernanda Ferreira Lacerda
Orlando Amaro de Oliveira e Souza Junior
Carla Jordão Suarez
Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR,

Observa-se, em um múltiplo VI-VI com não-humanos, que quanto maior taxa de reforço, maior a taxa de respostas; e, também, que quanto maior a taxa de reforço, maior a resistência do comportamento a mudanças. O objetivo foi investigar (1) o efeito de diferentes taxas de reforço e de diferentes distribuições dos intervalos de VI sobre a diferenciação taxa de respostas em um múltiplo VI-VI e (2) a resistência do comportamento à extinção, quando a contingência é alterada para um múltiplo EXT-EXT, com humanos. Participaram 20 universitários, distribuídos em quatro grupos. A tarefa era pressionar um botão na tela de um computador e acumular pontos trocados por dinheiro. Os participantes de G1 e G3 foram expostos a um múltiplo VI10s-VI50s e os de G2 e G4 foram expostos a um múltiplo VI10s-

VI100s. Para os participantes de G1 e G2 os intervalos do VI se sobrepunham (i.e., para VI10s os intervalos variaram entre 1s e 28s; para VI50s variaram entre 6s e 136s e para VI100s variaram entre 12s e 273s). Para os participantes de G3 e G4 os intervalos de VI não eram sobrepostos (i.e., para VI10s os intervalos variaram entre 2s e 19s; para VI50s variaram entre 34s e 90s e para VI100s variaram entre 68s e 180s). A cor do botão de respostas era diferente em cada componente do múltiplo. Após oito sessões de 30 minutos em um múltiplo VI-VI, todos os participantes foram expostos a cinco sessões em um múltiplo EXT-EXT, que preservava o controle de estímulos da fase anterior. Os resultados indicaram que quatro de 10 participantes de G3 e G4 (intervalos de VI não sobrepostos) e dois de 10 participantes de G1 e G2 (intervalos de VI sobrepostos) emitiram taxas de respostas maiores no componente com maior taxa de reforço (Índice de Diferenciação ID≥0,6). Entretanto, a maioria dos participantes, independente do grupo, emitiram taxas de respostas indiferenciadas (11 de 20, ID0,5) ou maior taxa de respostas no componente com menor taxa de reforço (três de 20, ID≤0,4). Assim, a diferenciação da taxa de respostas não foi sistemática como encontrado com não-humanos, embora a não sobreposição dos valores de intervalos de VI pareceu favorecer maior diferenciação. Com relação à resistência à extinção, observou-se que oito de 20 participantes apresentaram maior resistência à extinção no componente com maior taxa de reforço, sendo que três participantes eram do G1 e dois do G3 (múltiplo VI10s-VI50s), e três participantes eram do G4 (múltiplo VI10s-VI100s).Tomados em conjunto, os dados da diferenciação e da resistência à extinção indicaram que a distribuição dos intervalos do VI com valores não sobrepostos somado a maior discrepância de taxa de reforço (1:10) entre os componentes (G4), favoreceu um maior número de participantes com diferenciação na taxa de respostas (ID≥0,6) e maior resistência à extinção no componente com maior taxa de reforço. Sugere-se que alguns aspectos do procedimento possamser modificados (e.g., o custo da resposta; ordem de apresentação dos componentes) em pesquisas futuras.

Sessão Coordenada: **ENSINO E PESQUISA EM PÓS DOUTORADO FOCANDO PRODUÇÃO CIENTÍFICA**

A proposta objetiva apresentar vivência do grupo em um programa de Pós- Doutorado que visa uma integração com a capacitação de docentes do curso de graduação da Universidade em que realizam o programa de pós- doutorado. Concomitantemente objetivou-se também o desenvolvimento dos pós doutorando em competências para avaliação de produção científica tendo em vista os parâmetros da cientometria e as novas possibilidades. A ênfase na apresentação será no relato dos primeiros resultados da parte já elaborada da ampla pesquisa e profunda que estão conduzindo. Ainda estão com o compromisso em andamento com outras análises e novos procedimentos estatísticos criados especialmente para este tipo de trabalho. Cada autor focará, conforme consta na apresentação da Coordenadora, seus dados específicos e também relatará a sua própria vivência no contato com docentes as quais ministraram cursos e outras ocorrências que considerem relevantes no processo de pós-doutorado. Entretanto a ênfase será no caso dos autores na apresentação de parte da análise já concluída. A Coordenadora apresentará um panorama geral de como foi planejado e está sendo conduzido o trabalho, fará também uma avaliação geral da evolução dos trabalhos tanto de curso ministrados pelos pós- doutorandos como em relação aos seus projetos pessoais de pesquisa. Justifica-se assim a explicitação de um modelo de desenvolvimento de pós-doutorado e parte de resultados já alcançados, enseja também a divulgação de um processo de produção colaborativa envolvendo pessoas de diversas universidades que estão fazendo o mesmo curso. Do prisma dos pós- doutorando justifica-se pela apresentação pública de parte do trabalho já realizado e de um encontro paralelo com a orientadora que deverá ocorrer na mesma ocasião. O conjunto dos trabalhos permite aquilatar a produtividade científica, tendências nas áreas especificas dos trabalhos e na própria análise da produção. Em síntese justifica-se a Sessão Coordenada por enfocar ensino em nível de pós- doutorado, análise de revistas científicas e uma vivência científico- educacional de autonomia criativa.
Metodologia de Pesquisa e Instrumentação

ENSINO E PESQUISA EM PÓS DOUTORADO FOCANDO PRODUÇÃO CIENTÍFICA. *Profª. Drª Geraldina Porto Witter (Universidade Camilo Castelo Branco, São Paulo SP),*
A busca de aprimoramento e desenvolvimento deve ser uma constante na vida de profissionais . no caso dos já detentores do título de doutor isto é ainda mais esperado. Pode ter projetos que levam à Livre Docência, cumprir um programa de pós- doutorado, participar ativamente de associações científicas, grupos de pesquisa e eventos. A presente sessão coordenada apresenta parte do realizado em um pós- doutorado com foco em produção científico que integrou os esforços de cinco pós doutorandos que participam desta apresentação. Uma primeira parte consistiu em juntamente com a Coordenadora/Orientadora ministrar para mestres e doutores da Universidade dois cursos avançados: Discurso Científico e Metodologia de Pesquisa, com ênfase nos aspectos éticos, estratégias e delineamento. Por ser em nível de avançado, foi estabelecido como pré- requisito que o participante tivesse pelo o menos o título de Mestre. Foi obtido um bom resultado. A segunda parte foi trabalhada concomitantemente e consistiu em análise de revistas científicas focando tema de escolha de cada pós graduando portanto, a escolha do tema e das revistas especializadas ficou a cargo de cada pós doutorando mas foi, em seguida, discutida em reunião do grupo. A proposta incluía uma avaliação convencional seguindo os indicadores de adequação e progresso da Cientometria e em uma segunda etapa requeria usar as novas estratégias e análises estabelecidas na primeira década do presente século, mais complexas, profundas e generalizáveis, contando também novos procedimentos de análise estatística. Na presente sessão são enfocados apenas dados da primeira etapa da pesquisa. A Dra. Ana Esmeralda

Carelli escolheu como área Informação, a Dra. Carla Witter optou pelo estudo da Velhice, a Dra. Elza Maria Tavares Silva focou a leitura, o Dr. Marcelo de Almeida Buriti ficou com a área da atividade-física e esporte. Integra o grupo um outro doutor que, por motivo pessoais não poderia estar presente nesta apresentação. Cada membro do grupo devia selecionar revistas nacionais ou estrangeiras, mas pelo menos uma delas deveria ser estrangeira. A parte que apresentarão também decorreu de escolha pessoal, pois não haveria tempo para se apresentar a 1ª etapa da pesquisa completa. Espera-se em um próximo evento da SBP, poder apresentar apresentar outros aspectos das primeira e da segunda partes, que, por ser mais complexa, também requer mais tempo e investimento. Com as apresentações pretende-se dar uma perspectiva geral de desenvolvimento dos temas conforme aparecem retratados em uma das revistas científicas escolhidas para as pesquisas realizadas. Cada membro do grupo fará a apresentação dos dados obtidos decorrentes da primeira análise de uma das revistas que escolheu. No final serão debatidos os pontos similares e distintos das publicações e as necessidades do setor de avaliação cientométrica no que diz respeito a avaliação de periódicos.

Palavras-chave: pós-doutorado, metaciência, educação continuada.

Pós-Doutorado

MET-Metodologia de Pesquisa e Instrumentação

A PRODUÇÃO CIENTÍFICA NO JOURNAL OF INFORMETRICS. *Drª. Ana Esmeralda Carelli (Universidade Estadual Londrina- Londrina/ Paraná),*

O periódico eletrônico tem alcançado, com o uso das TICs, uma audiência crescente, que permitiu ultrapassar as fronteiras de espaço, tempo e de acessibilidade. Neste trabalho apresenta-se um estudo da produtividade científica na área de Ciência da Informação veiculada no Journal of Informetrics, que publica estudos inter-multi-disciplinares, nas diversas áreas de conhecimento que realizam estudos quantitativos. É editado pela editora Elsevier. Nestes quatro primeiros anos de existência (2007-2010) já é analisado pelo Journal Citation Reports (JCR) e apresenta um fator de Impacto de 3.119 (JCR-2010), o que parece indicar a sua aceitação pela comunidade científica. As variáveis aqui estudadas são total da produção por volume, autoria e os títulos dos artigos deste periódico. A autoria foi estudada quanto: ao tipo, se individual e coletiva; gênero; da afiliação institucional; produtividade dos autores e os países de origem. Do título, se verificou o número de palavras, tipo de frase usada para a composição do título. Os dados foram coletados numa planilha de dados para posterior produção de tabelas e análise. O primeiro resultado foi referente ao total de artigos publicados por volume; nos três primeiros volumes, dos anos de 2007 a 2009, houve pouca variação, no entanto, em 2010 houve uma produção diferenciada com decorrência da maior concentração da produção no volume 04, que quase dobrou a dos anos anteriores. Quanto ao número de vocábulos dos títulos dos artigos observou-se uma concentração entre 6 a 12 vocábulos, totalizando quase 65% dos artigos (104), destaca-se que a faixa compreendida entre 7 e 12, ultrapassou os 50% (81 artigos). Nos artigos analisados foram identificados os tipos de orações, se declarativas afirmativas ou interrogativas Dos 161 artigos analisados, apenas três deste total apresentam-se com frase interrogativa, este resultado é considerado muito satisfatório. No número de autores por artigos, a autoria coletiva está presente em 67% dos artigos focados no estudo. O resultado, quanto ao gênero dos autores mostra que prevalece o masculino foi identificado que há significância estatística da maior participação do gênero masculino (73%) na produção veiculada pela revista (χ²o=74,00). Na análise da variável produtividade os resultados obtidos parecem indicar compatibilidade com a lei de Lotka, isto é, poucos autores publicaram diversos trabalhos e uma grande quantidade de autores publicaram um único trabalho (78,8%). Da afiliação institucional a maior incidência foi para

apenas vinculado com uma única instituição por artigo (58,76%). Conclui-se que neste periódico, nos anos estudados, houve preferência por publicar textos com autoria múltipla, o gênero masculino é dominante, prevalece uma instituição nos artigos analisados nas afiliações institucionais, e instituições europeias. Quanto aos títulos dos artigos, tanto para o número de vocábulos quanto ao tipo de frase, o periódico encontra-se no esperado para uma revista de bom nível científico. Concluiu-se que apesar da revista estudada ser nova, apresenta bom desempenho nas variáveis estudadas, trazendo contribuições relevantes. Há necessidade de incentivar o trabalho inter institucional.
Palavras- chave: cientometria, revista científica, avaliação de produção
Pós-Doutorado
MET-Metodologia de Pesquisa e Instrumentação

LEITURA: ANÁLISE DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM PERIÓDICO BRASILEIRO (2007/2009). *Drª Elza Maria Tavares Silva (Universidade de Mogi das Cruzes, São Paulo SP),*
Os fatores qualidade e quantidade da pesquisa feita são, dentre outros, pontos principais diretamente relacionados com a observação do desenvolvimento de qualquer área de conhecimento. Considerando que o periódico ainda é um dos canais mais utilizados para a comunicação de pesquisa científica, nota-se a preocupação e o interesse de estudiosos pesquisadores por uma avaliação. Assim o foco especial da pesquisa está voltado para a da área de leitura, pois é ela a ferramenta importante de aprendizagem e ocupa papel de grande valor na vida do indivíduo, uma vez que favorece sua inserção cultural e social. A competência em leitura tem sua influência no desempenho de linguagem oral e na elaboração da escrita, além de enriquecer o vocabulário, aumentando o nível de informação e conhecimentos gerais, desenvolve o senso crítico, desperta a curiosidade, a sensibilidade e o raciocínio. Pela importância da leitura e, também, de uma análise de sua produção nacional, o presente estudo objetivou analisar a produção veiculada na revista nacional Leitura: teoria e prática no período de 2007 a 2009 num total de seis números. Ela é classificada como B1 (Qualis/CAPES), escolhida por difundir trabalhos da área de leitura, sendo a única revista brasileira especializada neste assunto. Os objetivos específicos foram assim delimitados: a autoria das produções quanto a gênero, número e vínculo profissional; título quanto a número de vocábulos, tipo de oração e, qual tipo de trabalho. Os registros foram feitos em planilhas, que viabilizam atender aos objetivos com o tema específico. Na análise, desconsideraram-se as poesias, resenhas e comentários. Ficando apenas com os artigos por seu potencial de contribuição para o conhecimento da leitura. Os dados analisados demonstraram que quanto ao gênero dos autores nos 53 trabalhos estudados predominou a autoria feminina e única (χ2o=3,93 e χ2c=3,84); quanto ao vínculo as IES Estaduais apresentaram uma frequência estatisticamente superior de artigos (χ2o=22,57 e χ2c=5,99, ≤0,05); quanto ao título houve diferença estatística, com mais ocorrência para o uso de um menor número de vocábulo (χ2o = 7,39 e χ2c = 5,99, ≤0,05); predominam os textos teóricos (χ2o=13,75 e χ2c=3,84, ≤0,05). Verificou-se que no ano de 2007 houve 15 publicações de artigos (62,5%), em 2008 houve 19 (63,5%) e em 2009 também 19 publicações (79%), aspecto este que permitiu concluir que houve um ascendente crescimento de publicações em torno dessa temática, porém melhor contribuição a revista poderia dar com a publicação de um maior número de pesquisas com delineamentos e análises de dados mais sofisticados que permitissem realmente se ter evidências sobre o problema. De fato observou-se que no período analisado somente um artigo da área de Psicologia tenha esta característica. Os resultados sugerem a necessidade de fornecer subsídios e melhorar a capacitação metodológica dos pesquisadores, bem como estimular o

interessa por esta área de pesquisa, o que é relevante, face aos resultados que se têm obtido no mundo acadêmico.
Palavras-chave: cientometria; avaliação de produção; aprendizagem
Pós-Doutorado
MET-Metodologia de Pesquisa e Instrumentação

ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA NA REVISTA MOVIMENTO (2008 a 2011). *Dr. Marcelo de Almeida Buriti (Universidade São Judas Tadeu São Paulo),*
É notório o aumento da população idosa tanto nos países desenvolvidos como nos países que estão em desenvolvimento. Com a idade o controle do equilíbrio torna-se menos eficiente, particularmente no adulto idoso. Muitos fatores podem contribuir para esse declínio que pode ocasionar queda, influenciar na marcha e resultar em problemas de saúde mais graves, o que torna relevante o estudo do processo de envelhecimento. Além disso, a realização da produção científica é uma tarefa complexa que deve gerar informações assegurando o desenvolvimento e o aprimoramento das áreas e das atividades de pesquisa. É importante que se avalie a quantidade e a qualidade das produções. A presente pesquisa teve como objetivo investigar a produção cientifica da Revista Movimento (2008/2011). Foram analisados sete números da revista, totalizando 82 artigos, nos quais foram focados os seguintes objetivos: (a)classificar por tipo de trabalho; (b) classificar a temática; (c) verificar o gênero dos participantes da pesquisa; (d) detectar o tipo de analise de dados; (e) constatar os instrumentos utilizados; (f) relacionar os participantes das pesquisas; e (g) comparar as conclusões com os objetivos das mesmas pesquisa. Destes trabalhos apenas 26 (31,70%) diziam respeito a idosos. Optou-se por análise de todos os trabalhos deixando em situações específicas a atenção ao idoso. Os dados foram analisados quantitativamente por meio do teste de Qui-quadrado, e evidenciaram a predominância de pesquisas descritivas (χ2o = 20,23 > χ2c = 5,99); quanto à temática, a maioria dos trabalhos era voltada para a Educação Física Escolar (χ2o = 8,74 > χ2c = 7,82), observou-se ainda, quanto ao gênero dos participantes da pesquisa uma superioridade dos artigos que não identificavam esta variável (χ2o = 18,00 > χ2c = 5,99), houve predominância também dos trabalhos do tipo qualitativo (χ2o = 9,31 > χ2c = 5,99), e a predominância de artigos teóricos (revisão) instrumento e artigos que utilizaram como instrumento a entrevista (χ2o = 9,13 < χ2c = 9,40). A maior ocorrência foi de artigos que não usaram participantes (χ2o = 1,65 < χ2c = 5,99). Na comparação das conclusões com os objetivos das pesquisas, a predominância foi de trabalhos em que a relação foi viável (χ2o = 30,56 > χ2c =5,99).Nota-se que não se obteve diferença estatisticamente significante apenas quanto aos instrumentos utilizados e quanto aos participantes da pesquisa. Considera-se que o estudo traçou um panorama dos conhecimentos produzidos, identificando carências que podem ser abordadas futuramente. Vale destacar a pouca pesquisa com idosos. Vale destacar a pouca pesquisa com idosos.
Palavras Chave: Metaciência ; idosos; atividade física; pós doutorado
Pós-Doutorado
MET-Metodologia de Pesquisa e Instrumentação

ENVELHECIMENTO NA REVISTA BRASILEIRA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA (RBGG).. *Dra. Carla Witter (Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências do Envelhecimento e Curso de Psicologia, Universidade São Judas Tadeu - USJT, São Paulo-SP).,*
A temática do envelhecimento é um objeto de estudo com características multifacetadas e multideterminadas exigindo dos pesquisadores uma abordagem interdisciplinar sobre o tema.

A Psicologia tem contribuido com as pesquisas sobre o envelhecimento investigando diversas temáticas, tais como: depressão, atividades físicas, demências, habilidades sociais, qualidade de vida e bem estar, funções cognitivas etc. A Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia (RBGG) publica artigos sobre o envelhecimento dentro de uma perspectiva interdisciplinar, sendo importante a análise da produção científica para verificar a contribuição da psicologia. O objetivo geral foi levantar, analisar e avaliar a produção científica publicada na RBGG, no período de 2007 a 2010. O foco das análises foram os artigos, nos quais foram estudados: autoria (gênero e número), título (número de vocábulos e tipo de oração) e tipo de trabalho (teórico, pesquisa descritiva e pesquisa inferencial). Foram usadas três planilhas no software Access da Microsoft, versão 2007, as quais foram denominadas: Registro de Artigos, Classificação do Artigo e Análise do Titulo. O principal critério de escolha do material foi o tema e o conteúdo dos artigos publicados pela RBGG, no caso, sobre o envelhecimento. Além desse critério, foram utilizados: (1) local de publicação, (2) avaliação da revista pelas comunidades científicas; (3) acesso aberto (open access) aos artigos completos nas bases de dados; (4) acesso dos artigos nos últimos quatro anos de publicação da revista, de 2007 até 2010 e (5) existência continua da publicação por mais de dez anos. Os resultados revelaram que 93,43% dos 137 artigos eram de múltipla autoria cuja amplitude foi de um único autor até dez colaboradores, sendo 68,99% do gênero feminino do total de 503 autores. Os títulos dos artigos tiveram a amplitude de seis até 28 vocábulos, sendo que 43,79% estavam dentro do esperado, entre oito e 14 vocábulos e 97,81% dos artigos eram de orações afirmativas e descritivas. Os tipos de trabalhos publicados eram de pesquisas descritivas (75,91%) e inferenciais (13,87%). O teste de qui-quadrado revelou que a múltipla autoria (χ2o=103,36; p<0.0001), o gênero feminino (χ2o=75,27), o número de vocábulos (χ2o=21,73) e a pesquisa descritiva (χ2o=112,04) são características significantes nos 137 artigos publicados na RBGG de 2007 à 2010. A análise dessas variáveis revelam que a produção publicada sobre envelhecimento na RBGG apresenta evolução e tendências mundiais quanto a autoria múltipla, porém em relação aos demais aspectos precisa evoluir, pois o esperado é que haja um equilibrio quanto ao gênero, uma vez que homens e mulheres observam e analisam o mundo de forma diferente. Também, se espera que a maioria dos títulos estejam entre os oito e 14 vocábulos e que seja o suficientemente compreensível, claro e objetivo. Outra variável importante é o tipo de pesquisa, pois para que haja uma verticalização na produção do conhecimento é fundamental o aumento de estudos do tipo inferencial. Conclui-se que é notoria a necessidade de pesquisas de metaciência com revisão sistemática e metanálise sobre o envelhecimento para que a produção seja analisada e, consequentemente, produza diretrizes para que haja evolução do conhecimento na área.

Palavras-chave: velhice, metaciência, avaliação de revista
Pós-Doutorado
MET-Metodologia de Pesquisa e Instrumentação

Sessão Coordenada: **ENSINO INFORMATIZADO E INDIVIDUALIZADO DE LEITURA E ESCRITA: MANIPULAÇÃO DE VARIÁVEIS PARA DIFERENTES POPULAÇÕES**

A presente proposta reúne uma série de estudos que abordaram a temática do ensino informatizado de leitura, na perspectiva da Análise do Comportamento, para indivíduos com e sem necessidades educacionais especiais e com diversas faixas etárias. A sessão visa reunir esses estudos, permitindo a compilação de dados que ilustram os procedimentos que vêm sendo desenvolvidos para esses casos, assim como a identificação das variáveis que estão sendo controladas e quais ainda necessitam de manipulação adicional, quais os principais resultados encontrados e o que ainda carece para que esses programas caminhem na direção de serem bem sucedidos para todos os aprendizes, especialmente no que concerne a motivação dos aprendizes (desde crianças matriculadas nas séries iniciais do ensino fundamental, com e sem deficiência intelectual, até adultos não alfabetizados) para a realização dessas tarefas. Os dois primeiros estudos abordaram a manipulação de variáveis diferentes no ensino de leitura para indivíduos com deficiência intelectual: o primeiro deles ilustrou a importância de propor um programa de intervenções simultâneas aplicadas por diversos monitores (professor da educação especial, da sala de aula regular e pais), vislumbrando o ensino de leitura para crianças com deficiência intelectual e autismo, com o propósito de avaliar a leitura com compreensão; o segundo mostra a importância da construção de um programa de pré-requisitos, que contemplou desde tarefas mais simples até tarefas mais complexas, com aumento gradual da dificuldade ao longo do treino e alterações na estrutura do programa de ensino. Os resultados desses dois estudos demonstraram progresso dos aprendizes, tanto para ensinar habilidades de pré-requisitos, como para fornecerem pistas importantes sobre as condições necessárias para aprendizagem de leitura, envolvendo aprendizes da educação especial. O terceiro estudo constituiu como tentativa bem sucedida para investigar as variáveis motivacionais que estão presentes no ensino de leitura e que podem favorecer o desempenho nas tarefas de ensino deste repertório para crianças matriculadas no início do processo de alfabetização sem deficiência intelectual. O quarto estudo procurou investigar a aplicação de um programa de ensino de leitura e escrita informatizado para duas mulheres não alfabetizadas (uma com 40 anos e outra com 70). Os resultados alcançados com esse estudo replicaram os dados da literatura prévia, demonstrando maior porcentagem de acertos nas tarefas de leitura após exposição ao procedimento de ensino. Espera-se que o conjunto de estudos forneça subsídios para uma discussão ampla sobre a eficácia dos procedimentos adotados para o ensino de leitura e escrita a diversas populações, evidenciando os sucessos, mas também as dificuldades e propostas de resolução desses problemas, visando à elaboração de procedimentos cada vez mais eficazes destinados ao ensino de leitura e escrita.
Análise Experimental do Comportamento

CONDIÇÕES NECESSÁRIAS E SUFICIENTES PARA APRENDIZAGEM DE LEITURA E ESCRITA POR ALUNOS ESPECIAIS INCLUÍDOS NA ESCOLA REGULAR. *Priscila Benitez (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos), Leticia Barbieri (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos), Camila Domeniconi (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Comportamento Cognição e Ensino INCT-ECCE),*
O baixo desempenho nas tarefas de leitura e escrita tem sido observado em alunos incluídos no ensino regular. Esse trabalho objetivou avaliar um conjunto de atividades aplicadas por professores (da sala de aula e da educação especial) e pais para ensino de leitura e escrita em aprendizes, com deficiência intelectual e autismo, incluídos na escola regular, a partir da mensuração do desempenho dos aprendizes nas diferentes tarefas realizadas ao longo de cada

intervenção. Foram manipuladas três intervenções, aplicadas pelos professores da educação especial, da sala de aula e pais, em um esquema de delineamento com tratamentos alternados, a partir de sete condições experimentais. Cada palavra foi treinada em uma condição específica que era composta por trinta tentativas. As atividades foram desenvolvidas conforme o contexto natural em que eram ensinadas. Na condição A (intervenção aplicada apenas pelo educador especial), a palavra tatu foi ensinada num bloco de trinta tentativas distribuídas nas tarefas de emparelhamento palavra ditada-palavra impressa, cópia e ditado por composição e de modo isolado em um programa informatizado; a palavra vaca foi ensinada na condição B (intervenção aplicada apenas pelos pais), em que os pais eram instruídos a ler em voz alta todas as frases (n=30) de um livro elaborado para esta finalidade, logo após, o aplicador solicitava que o filho apontasse para a palavra treinada; já a palavra gato foi ensinada na condição C (intervenção aplicada apenas pelo professor da sala de aula regular), em que o professor lia oralmente um texto em voz alta para toda a classe, composto por trinta frases; a palavra mula foi ensinada na condição AB (intervenções simultâneas aplicadas pelo educador especial e pais), ou seja, quinze tentativas foram ensinadas no modelo da condição A e quinze na condição B; para lobo o ensino foi dividido em quinze tentativas para a condição A e quinze para a condição C simultaneamente, o que foi denominado como condição AC (intervenções simultâneas aplicadas pelo educador especial e professor da sala de aula); a palavra pato foi ensinada na condição BC (intervenções simultâneas aplicadas por pais e professor da sala de aula), em que foram distribuídas quinze tentativas para B e quinze para C e a palavra sapo foi ensinada na condição ABC (intervenções simultâneas aplicadas pelo professor da educação especial, pais e da sala de aula), ou seja, foram treinadas dez tentativas em A, dez em B e dez em C. Participaram cinco aprendizes, um com diagnóstico de autismo (A1) e os outros quatro com deficiência intelectual (A2, A3, A4 e A5), incluídos no ensino regular. Cada um deles foi exposto às sete condições de ensino alternadas. Na avaliação parcial de Unidade (AP-pré) os cinco participantes não leram qualquer palavra e na final (AP-pós), A1 nomeou corretamente tatu, vaca e sapo (que foram ensinadas nas condições A, B e ABC) e os demais nomearam corretamente todas as palavras ensinadas nas sete condições experimentais propostas. Espera-se que os resultados possam auxiliar na elaboração de intervenções de ensino de leitura para esses aprendizes, envolvendo educadores formais e informais.

PROGRAMA DE ENSINO INDIVIDUALIZADO DE LEITURA E ESCRITA PARA CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL. *Priscila Benitez (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos), Maria Clara de Freitas (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos), Julio Cesar de Rose (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Comportamento Cognição e Ensino INCT-ECCE).,*

A Análise do Comportamento há muitos anos tem se destacado na busca por modos de ensinar repertórios complexos a pessoas com deficiência intelectual. Neste sentido, metodologias com base em equivalência de estímulos têm sido de extrema contribuição e se mostrado altamente eficazes e econômicas, especialmente com relação a conteúdos acadêmicos e habilidades simbólicas. Nesse contexto, foi desenvolvido na UFSCar, um programa de ensino de leitura e escrita pelo computador, o qual tem sido aplicado, com sucesso, como atividade de reforço escolar para centenas de crianças que não têm apresentado o desempenho esperado para a sala de aula em que estão inseridas. Com a crescente inclusão de aprendizes com deficiência intelectual nas escolas regulares e frente às dificuldades enfrentadas por eles quando expostos ao procedimento regular do programa informatizado de ensino, o presente programa foi adaptado para contemplar também tal alunado. As tarefas ensinadas mantiveram-se as mesmas do procedimento regular, ou seja,

seleção de palavras e sílabas escritas mediante modelo ditado e cópia de palavras por meio da seleção de letras na tela do computador. Para a adaptação, foram realizadas modificações formais, como, por exemplo, troca de estímulos, e outras mais estruturais, como a introdução de um procedimento em blocos e inserção de tentativas com palavras que mantinham diferenças críticas entre si. A adaptação do programa obteve grande sucesso, visto que as crianças com deficiência intelectual obtiveram resultados de habilidades de leitura e escrita compatíveis com os obtidos com os alunos com dificuldades de aprendizagem. Contudo, as duas crianças que passaram apenas pelo programa adaptado realizaram partes do programa de ensino, de acordo com o delineamento de linha de base múltipla escolhido para o experimento. Assim, o presente estudo teve como objetivo expor e analisar os dados das duas primeiras crianças que completaram o programa adaptado em sua versão final e comparar com os dados de outros dois alunos que passaram pelo programa regular de ensino em condições similares (i.e. ambos com idades similares e com início da exposição ao procedimento de modo simultâneo). Os resultados mostraram que os alunos alcançaram, com poucos erros durante o ensino, índices altos nas habilidades de leitura e escrita treinadas ao longo do procedimento, um aproveitamento muito alto, comparável (e em alguns casos, superior) àquele alcançado pelas crianças com dificuldades de aprendizagem que passaram pelo programa regular. Como conclusão, reitera-se a efetividade deste programa no apoio à alfabetização de pessoas com deficiência intelectual e recomenda-se a ampliação de sua aplicação para mais alunos e em outros contextos.

DESENVOLVIMENTO DE SISTEMAS MOTIVACIONAIS EM UM PROGRAMA DE ENSINO DE LEITURA INDIVIDUALIZADO. *Dhayana Inthamoussu Veiga**2,3, Leonardo Brandão Marques**2,3, Deisy das Graças de Souza1,2,3, (1Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, 2Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, 3Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Comportamento Cognição e Ensino INCT-ECCE),*

A versão computadorizada do programa de ensino individualizado Aprendendo a Ler e a Escrever em Pequenos Passos , baseado no paradigma de equivalência de estímulos e em procedimentos de exclusão, vem sendo aprimorada há mais de 20 anos. Objetivos mais recentes têm traçado o desenvolvimento de sistemas motivacionais efetivos que potencializem sua tecnologia instrucional. O presente trabalho discute os procedimentos empregados em dois estudos e os resultados obtidos até o momento. Utilizou-se o programa em uma versão disponibilizada pelo Gerenciador de Ensino Individualizado por Computador (GEIC). Realizaram-se os estudos em uma escola municipal de ensino fundamental de uma cidade de pequeno porte no interior de São Paulo com crianças no início do processo de alfabetização, de 8 a 10 anos, do 2º, 3º ou 4º ano. O Estudo 1 foi uma análise experimental de tipos de conseqüências para o desempenho nas tarefas de ensino, com o objetivo verificar se a implantação de sistemas de consequências adicionais àqueles previstos na versão original do software altera a eficiência do ensino de leitura. Participaram 13 crianças que completaram o Módulo I do programa (composto por cinco unidades/ 20 passos de ensino/ 60 palavras). Para o Grupo 1 (7 participantes), o programa foi apresentado sem alterações em seus componentes: elogios ou sons gerados pelo programa são produzidos a cada tentativa de acerto. No Grupo 2 (6 participantes), o programa foi apresentado com um sistema de pontos adicional às conseqüências originais: elogios ou sons + pontos acrescidos em um contador a cada tentativa de acerto; ao final da sessão, pontos eram trocados por tempo de acesso a vídeos infantis. Aumentos sistemáticos nos repertórios de leitura, ditado e relações de equivalência foram observados para todos os participantes, contudo, não se observaram diferenças sistemáticas entre os Grupos 1 e 2 no que se refere à presença de consequências adicionais. O Estudo 2 foi uma avaliação da preferência por procedimentos de ensino

mediados ou não por jogo. Participaram 17 crianças que passavam por um procedimento de escolha antes de iniciar a sessão de ensino, escolhendo uma de duas condições de ensino clicando sobre a tela: na condição de ensino padrão, tarefas de ensino originalmente previstas pelo programa eram apresentadas; na condição de ensino por meio de jogo, as tarefas de ensino eram intercaladas com atividades de jogo. Os cliques liberavam fichas virtuais a uma taxa que variava no decorrer do tempo (VI). Após a aprendizagem de 15 palavras (Unidade 1 do Módulo I), os participantes respondiam uma versão informatizada da Escala de Motivação para Aprender para o Ensino Fundamental (EMA), que identificava os fatores de motivação intrínseca e extrínseca segundo a teoria que a embasa. O procedimento de escolha mostrou-se um preditor confiável de preferência por meio da taxa relativa de reforços e porcentagem total de escolhas. Não foi encontrada correlação entre os escores de motivação aferidos pela EMA e o desempenho em leitura. Discute-se os resultados obtidos nos Estudos 1 e 2, considerando seus procedimentos e resultados. São também discutidos ajustes realizados nos estudos subseqüentes.

ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS UTILIZANDO O PROGRAMA INFORMATIZADO APRENDENDO A LER E ESCREVER EM PEQUENOS PASSOS. *Alessandra Rocha de Albuquerque (Universidade Católica de Brasília); Elenice Seixas Hanna (Universidade de Brasília e Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Comportamento, Cognição e Ensino); Yara Barbosa Gonçalves*(Universidade Católica de Brasília); Vicente Paulo Alves (Universidade Católica de Brasília) ,*

Os índices de analfabetismo de jovens e adultos no país encontram-se em 10%. No DF, 3,3% dos moradores acima dos 15 anos de idade (85 mil) são analfabetos, destes, a maior parte concentra-se acima dos 60 anos. Restrições socioeconômicas e dificuldades de acesso à educação explicam uma parcela destes índices, todavia outro aspecto a ser considerado, refere-se à ineficácia de métodos de ensino que não produzem os resultados esperados e contribuem para um aumento da evasão escolar. A presente pesquisa teve por objetivo avaliar a eficácia de um programa informatizado de ensino de leitura (Aprendendo a Ler e Escrever em Pequenos Passos Módulo 1), de base analítico-comportamental, com duas mulheres não alfabetizados de 40 (MAR) e 70 (VIT) anos de idade. O referido programa tem sido utilizado em contextos de pesquisa e de aplicação, especialmente com crianças com dificuldade de aprendizagem, e tem mostrado resultados positivos sistemáticos. A versão completa do programa divide-se em 5 unidades; cada unidade é composta de pré e pós-teste e por 3 a 5 passos de ensino. Em cada passo de ensino 3 palavras, compostas por sílabas simples, são ensinadas com o uso de diferentes procedimentos. Na presente pesquisa, as participantes foram expostas apenas à primeira unidade do programa, composta por 5 passos de ensino. Deste modo, 15 palavras foram diretamente ensinadas às participantes. Os resultados evidenciam aumento nos percentuais médios de acerto do pré (VIT=20,5%; MAR=36%) para o pós teste (VIT e MAR=57%) para as duas participantes. A participante VIT apresentou aumento nos percentuais de acerto em todas as tarefas no pós-teste: leitura expressiva, leitura receptiva e ditado composição, tanto com palavras diretamente ensinadas, quanto com palavras novas. Os resultados da participante MAR replicam os de VIT, exceto nas tarefas de leitura (receptiva e expressiva) de palavras novas nas quais foram observados decréscimos dos percentuais de acerto. A análise dos passos de ensino indicam altos índices de acerto para as duas participantes, entre 66,7% e 100% nas diferentes tarefas componentes destes passos. Os percentuais de acerto observados ao longo dos passos de ensino são compatíveis com a estrutura do programa, que usa procedimentos para reduzir erros. Os resultados, em geral, replicam os obtidos com crianças e ampliam as evidências da eficácia do programa investigado, dada a escassez de pesquisas com adultos e especialmente com idosos.

Investigações adicionais, com a exposição de adultos e idosos à versão integral do programa precisam, contudo, ser realizadas.

Sessão Coordenada: **ESTRATÉGIAS DE PROTEÇÃO À CRIANÇAS E ADOLESCENTES : DA NOTIFICAÇÃO AO ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL**

Parafraseando um pesquisador do século passado, a condição da infância está associada ao futuro de qualquer sociedade, pois as crianças e adolescentes são os principais transmissores dos valores para as próximas gerações. Um grande marco no olhar para infância foi a aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente, onde os direitos destes tornaram-se mais conhecidos, favorecendo não só a visibilidade do fenômeno, mas a identificação daquelas que estão em risco. A sessão coordenada aqui proposta, articula três instituições (UFPA, UFRGS e UNAMA) e cinco estudos que elucidam a condição da infância e as estratégias de proteção a crianças e adolescentes. O primeiro trabalho, uma revisão de literatura, caracteriza a produção científica sobre a rede social e afetiva dos agressores sexuais, enfatizando que dentre as medidas de prevenção e enfrentamento da violência sexual de crianças e adolescentes a condição psicossocial do agressor tem ficado em aberto. O segundo estudo é uma pesquisa empírica que parte da premissa que quando uma criança/adolescente revela que foi abusado sexualmente, é possível que intervenções psicossociais e legais sejam efetivadas, o que tornará necessária a oferta de suporte e proteção, criando um contexto no qual a experiência de abuso sexual terá menor ou maior impacto. O terceiro estudo investiga a notificação de suspeita ou confirmação de maus tratos contra crianças e adolescentes, que é uma das dimensões da linha de cuidado oferecida pela rede pública de saúde e constitui-se em um instrumento de garantia dos direitos e proteção social de crianças e adolescentes, permitindo aos profissionais de saúde, de educação, da assistência social, assim como os Conselhos Tutelares e a Justiça, adotar medidas imediatas para cessar a violência. O quarto trabalho, caracteriza os casos de violência sexual atendidos no CREAS no município de Abaetetuba-Pará, considerando que a violência sexual é uma das situações que tem presença constante na Região. O último estudo é um relato de caso, de como uma adolescente, vítima de violência sexual intrafamiliar, e sua mãe perceberam o caminho percorrido desde a notificação até o depoimento no processo.

Apoio Financeiro: CAPES/ PROCD-NF, CNPq e FAPESPA
Palavras-chave: violência sexual; agressores sexuais, descoberta e revelação, rede de apoio, crianças, adolescentes, mães
Código da área da Psicologia: FAMI Psicologia da família e da comunidade

Psicologia da Família e da Comunidade

A CONDIÇÃO PSICOSSOCIAL DOS AGRESSORES SEXUAIS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM DUAS DÉCADAS DE PESQUISAS. *Daniela Castro dos Reis (Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, UFPA, Belém-Pará)*
Lilia Iêda Chaves Cavalcante (Universidade Federal do Pará, Belém, Pará

,

As medidas de prevenção e enfrentamento da violência sexual, em suas diferentes facetas e contextos, vêm sendo adotadas por governos e sociedades de forma isolada, não conseguindo alcançar o problema em toda a sua amplitude e complexidade. Além disso, várias questões relacionadas ao tema têm ficado em aberto, principalmente a respeito da condição psicossocial do agressor. As políticas públicas de atendimento ao agressor e a produção acadêmica sobre seu perfil e redes de relações sociais têm ficado à margem da discussão que cerca o tema. O objetivo deste trabalho foi caracterizar a produção científica sobre a rede social e afetiva dos agressores sexuais. O estudo envolveu a produção científica nas duas últimas décadas a partir do levantamento de artigos em bases bibliográficas eletrônicas que compõem o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível

Superior (CAPES). Os descritores utilizados para o levantamento foram, em português, violência sexual, abuso sexual, rede social e rede afetiva, e, em inglês, sexual violence, sexual abuse, social network e affective network. O total de combinações destes descritores possibilitou 26 cruzamentos que orientaram a busca e seleção dos títulos posteriormente revisados. No total, foram identificados 157 artigos científicos indexados completos, publicados no período de 1989 a 2011, com 134 pesquisas internacionais e 23 nacionais. As categorias de análise dos dados foram elencadas previamente, buscando-se responder a três informações preliminares: ano de publicação, características da amostra e método de pesquisa utilizado. Verificou-se que no período 1989 a 1999 concentraram 17 trabalhos, tendo sido os demais publicados nos anos de 2000 a 2001, somando 140 artigos. Quanto às publicações identificadas pelos descritores selecionados, constatou-se que 54 dos trabalhos utilizam o termo abuso sexual, 64 violência sexual, e 39 estão associados a outros pesquisados. Constatou-se ainda que 126 artigos referem-se às vítimas, quatro trabalhos estão voltados para os agressores sexuais, cinco envolvem vítimas e agressores e os demais são situações que não se aplicam à pesquisa. Quanto ao gênero, identificou-se 59 trabalhos estão relacionados exclusivamente ao feminino, 46 envolvem os dois gêneros, sobretudo os que retratam as vítimas, e sete remetem à condição masculina e 45 referem à revisão de literatura. No que se refere ao método utilizado pelas pesquisas, 105 foram estudos de natureza empírica e 52 teóricas. Quanto à classificação por objetivos, a ênfase foi para estudos descritivos (100), pesquisas explicativas (49) e exploratórias (8). No que tange ao procedimento técnico, 90 artigos estavam relacionados ao tipo levantamento, sendo 53 bibliográficos, quatro documentais, cinco estudos de caso, duas pesquisa ação, e três ex pos facto/experimental/explicativa. Percebe-se que o número de trabalhos com agressores sexuais é baixo quando comparado aos que focalizam a vítima, sobretudo na literatura internacional. O gênero é outra variável importante para o debate deste assunto, uma vez que a condição masculina ainda é pouco explorada nesse tipo de investigação. Este estudo ao se propor explorar a produção sobre o tema permite identificar lacunas na produção acadêmica e a proposição de pesquisas sobre questões específicas que envolvem a condição psicossocial do agressor sexual.

Apoio Financeiro: CNPq
Palavra Chaves: Violência Sexual, Agressores Sexuais, Crianças, Adolescentes.

APÓS A REVELAÇÃO: O TEMPO ENTRE A DESCOBERTA DO ABUSO SEXUAL E O APOIO PSICOSSOCIAL ÀS VÍTIMAS. *Pedro Augusto Dias Baía (Universidade Federal do Pará, Belém, PA), Celina Maria Colino Magalhães (Universidade Federal do Pará, Belém, PA).,*

A revelação do abuso sexual por parte das vítimas é considerada um importante meio para alcançar a prevenção primária e secundária. Quando uma criança/adolescente revela que foi abusado sexualmente, é possível que intervenções psicossociais e legais sejam efetivadas. A possibilidade de suporte e proteção cria um contexto no qual a experiência de abuso sexual poderá ter menor ou maior impacto. Estudos mostram que quanto mais cedo estas vítimas recebem atendimentos especializados após a revelação, maiores serão as possibilidades de ajustamento psicossocial. Entretanto, poucas pesquisas têm buscado avaliar se, após a descoberta do abuso sexual, as vítimas recebem atendimento psicossocial imediato. Assim, esta pesquisa objetivou caracterizar o tempo transcorrido entre a revelação/descoberta do abuso sexual e o início dos atendimentos psicossociais. Foram analisados 12 prontuários referentes a casos de abuso sexual registrados em um município no estado do Rio Grande do Sul, considerando como critérios de inclusão as informações sobre a idade da criança/adolescente quando ocorreu o abuso sexual, a revelação, a notificação ou boletim de ocorrência, e o início das intervenções psicossociais. Os casos analisados envolveram abuso

sexual intrafamiliar, com vítimas do gênero masculino (n=2) e feminino (n=10), de 2 a 12 anos de idade. A descoberta do abuso sexual pelos familiares ocorreu nos seguintes eixos: a) revelação intencional por parte das vítimas (n=6), mudanças comportamentais e indícios físicos das vítimas ocasionando a suspeita e revelação (n=5), detecção por testemunha (n=1). O tempo entre o abuso e a revelação/descoberta variou de imediato (<1 mês) a 5 anos. O tempo transcorrido entre a descoberta do abuso sexual pelos familiares e a denúncia aos conselhos tutelares ou delegacias foi imediato na maioria dos casos. Entretanto, o tempo entre a notificação aos conselhos tutelares ou boletim de ocorrência e o início dos atendimentos psicossociais, bem como o tempo entre a revelação e estes atendimentos variaram de imediato a seis anos. Os dados apresentados sugerem que, a despeito de haver um atraso na ocorrência de revelação do abuso sexual, como aponta a literatura, também o tempo entre a descoberta do abuso sexual e a efetivação dos atendimentos psicossociais pode variar da mesma maneira, o que dificultaria a implementação de intervenções imediatas a estas crianças e adolescentes. Além disso, na maioria dos casos analisados, houve revelação intencional pela própria vítima, mas isto por si só não garantiu o atendimento especializado imediato. Há necessidade de estratégias que favoreçam a articulação da rede de apoio às vítimas de abuso sexual, pois se a revelação funciona como um possível mediador entre as características aversivas do abuso e o ajustamento psicossocial das vítimas, a demora na implementação de intervenções especializadas pode maximizar a possibilidade que estas crianças e adolescentes permaneçam em situação de vulnerabilidade.

Apoio Financeiro: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Pará (FAPESPA)
Palavras-chave: violência sexual; descoberta e revelação, rede de apoio.
Nível do Trabalho: Mestrado - M
Código da área da Psicologia: FAMI Psicologia da família e da comunidade.

A IMPORTÂNCIA DA NOTIFICAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A CRIANÇA E O ADOLESCENTE COMO ESTRATÉGIA DE PREVENÇÃO. *Milene Maria Xavier Veloso (Doutoranda do Programa de Pós-Graduãção em Teoria e Pesquisa do Comportamento, UFPA, Belém, Pará)*
Celina Maria Colino Magalhães (Universidade Federal do Pará),

A notificação de suspeita ou confirmação de maus tratos contra crianças e adolescentes é uma das dimensões da linha de cuidado oferecida pela rede pública de saúde e constitui-se em um instrumento de garantia dos direitos e proteção social de crianças e adolescentes, permitindo aos profissionais de saúde, de educação, da assistência social, assim como os Conselhos Tutelares e a Justiça, adotarem medidas imediatas para cessar a violência. Cabe aos serviços de saúde, avaliar qual o melhor momento de registro na ficha de notificação, da responsabilização pelo preenchimento, bem como o seu encaminhamento aos Conselhos Tutelares. Mesmo se a família não quiser ou não aceitar a notificação, o profissional de saúde terá que notificar o caso aos órgãos competentes, amparado pelos artigos 13 e 245 do ECA, sem prejuízo de outras providencias legais. Com o objetivo de dar visibilidade aos casos de violência contra a criança e o adolescente o estudo utilizou os dados do Sistema de Notificação de Violência para descrever o perfil dessas violências. Foram respeitados todos os aspectos éticos legalmente previstos, com aprovação no Comitê de Ética e Pesquisa do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará (CAAE 0078.0.073.073-11 e parecer número 087/11 CEP-ICS/UFPA) e a manutenção do respeito ao sigilo dos informantes. Os resultados revelaram a ocorrência de 3.267 casos notificados em Belém, entre os anos de 2009 a 2011. Em 2011, o número chegou a 1.519 casos notificados, indicando um aumento importante nas ocorrências em torno de 240% quando comparados ao ano de 2009. Em relação aos casos de violência de acordo com a unidade notificadora foi observado que um hospital materno infantil do Pará, que mantém um programa de atendimento integral a

crianças e adolescentes vítimas de violência sexual, foi responsável por 100% das notificações em 2009 e 99% em 2010 e 72% em 2011. Na análise por faixa etária observou-se uma maior incidência dos casos de violência nas faixas de 1 a 9 anos e de 10 a 19 anos, atingindo, portanto, mais crianças e adolescentes. A faixa etária mais vulnerável parece ser a de crianças e adolescentes com 85,1% dos casos notificados. Os principais autores da agressão são do sexo masculino (90,5%) e pessoas próximas às vítimas, sendo os amigos e conhecidos responsáveis por 38,2% da violência notificada. Em relação ao nível de escolaridade das vítimas 69,1% das notificações foram relativas a pessoas com no máximo o ensino fundamental, sendo que 74,6% dessas referiram ter concluído apenas a ensino fundamental menor (até 4a série). Considerando-se os tipos de violência identificados os mais prevalentes foram: violência sexual (41,8%); violência psicológica/moral (26,3%) e violência física (24,0%) respectivamente. A literatura têm demonstrado que os dados notificados não correspondem a realidade dos casos existentes, mas apontam que a notificação pode ser uma ação imprescindível no enfrentamento da violência contra crianças e adolescentes, bem como representa uma importante medida de proteção e prevenção.

Agência Financiadora: CAPES
Palavras-Chave: Violência, crianças e adolescentes. notificação compulsória
Nível do Trabalho: Doutorado-D
Código da área da Psicologia: FAMI Psicologia da família e da comunidade. e-mail: mveloso@ufpa.br

VIOLENCIA SEXUAL NA AMAZÔNIA: ESTUDO PRELIMINAR DE CASOS ATENDIDOS NO CREAS EM UM MUNICÍPIO PARAENSE. *Maria Lucia Dias Gaspar Garcia (Universidade da Amazônia - UNAMA, Belém Pará)*
Dalcinara Guimarães da Silva (Assistente Social do Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) de Abaetetuba, Pará.
Celina Maria Colino Magalhães (Universidade Federal do Pará),

A violência sexual é uma das situações que tem presença constante na Região. É reconhecida como uma das formas de violação de direitos mais devastadora, especialmente na infância e adolescência, pois compromete o pleno desenvolvimento, afetando o aspecto social, afetivo e psicológico. Várias ações têm sido feitas no sentido de prevenir e intervir em casos dessa natureza. Dentro da PNAS cabe ao CREAS acompanhar os casos de violência sexual no nível municipal. Diante disso, a pesquisa teve como objetivo caracterizar os casos de violência sexual atendidos no CREAS Abaetetuba-Pará. As categorias de análises levantadas foram: sexo, idade, relação com o agressor, bairro e forma de entrada de serviço. Os dados foram analisados a partir da estatística descritiva, por técnica de descrição tabular e paramétrica. O levantamento das informações foi realizado nos prontuários de atendimento no período de 2009 a 2011, totalizando 183 casos identificados. Sendo, 70 no ano de 2009, 58 no ano de 2010 e 55 em 2011. Quanto ao sexo, os dados demonstraram que 143 são do sexo feminino e 38 masculino, que significa que 21% estão relacionados com meninos e 79% a meninas. Com relação à idade, o pode-se se observar é que dos 70 casos, aproximadamente 40% refere-se a crianças de 1 até 10 anos e somente um caso com idade superior a 18 anos. As informações relativas ao agressor expressam que estes se encontram entre as pessoas próximas e conhecidas da vítima: predominam figuras como o vizinho (33), seguido do padrasto (29) e do tio (28). No que se refere ao bairro, há uma diversidade muito grande, com prevalência na área urbana nos bairros de Algodoal com 21 casos, seguido do bairro de Francilândia com 17 situações. Do total de casos no ano de 2010, cerca de 24% referem-se à situações ocorridas na região das ilhas e na Estrada. Como porta de entrada para este serviço prevalece o Conselho Tutelar com 44 casos, em 2009, 41 em 2010 e 49 em 2011. É possível perceber que há certa

similaridade entre as categorias apresentadas na série histórica de três anos e que são situações que precisam ser enfrentadas pela equipe do CREAS. Ressalta-se que os dados apontam ocorrências de violência sexual contra meninos e proporcionalmente este número aumentou, do que se pode inferir que há o reconhecimento de que estes também são vítimas e precisam de atendimento qualificado para superar eventuais sequelas psicológicas decorrentes dessa experiência traumática. Recomenda-se definir um plano de prevenção nos bairros de maior incidência de ocorrências. É significativo o número de situações que apresentam o vizinho como agressor. É possível perceber ainda que a porta de entrada que permite dar início ao fluxo de atendimento em geral é o Conselho Tutelar, que encaminha a maior parte dos casos atendidos pelo CREAS. Este estudo tem um cunho exploratório e preliminar, portanto as questões precisam ser aprofundadas para aprimorar o serviço de atendimento especializado, bem como apontar ações preventivas dentro do município.
Palavras-chave: Violência sexual, infância e adolescência e CREAS

VIOLÊNCIA SEXUAL INTRAFAMILIAR E O CONTEXTO PROCESSUAL-PENAL. *Samara Silva dos Santos (Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul), Veleda Maria Dobke (Procuradora do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul) e Débora Dalbosco Dell Aglio (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul).*

,

A violência sexual corresponde a atos de natureza sexual impostos a uma criança/adolescente por um adulto que explora seu poder hierarquicamente superior, com invasão de limites corporais ou psicológicos, expressos por palavras, toques, ou relações sexuais orais, anais ou genitais. Quando perpetrada por algum familiar ou conhecido tem como principais aspectos envolvidos na sua dinâmica a questão da confiança e do segredo. O processo de revelação pode durar pouco, muitos anos, ou nunca ocorrer, dependendo das características pessoais da própria criança ou adolescente vítima, de sua família, do perpetrador e da própria interação abusiva. Quando o silêncio é rompido e a violência sexual intrafamiliar é notificada e ingressa no contexto judicial-penal, a família passa por uma nova experiência, também marcante, permeada por dúvidas e incertezas. A utilidade da intervenção legal reside, em primeiro lugar, na possibilidade de quebrar a situação de segredo e ocultamento em que ocorrem os abusos sexuais, fazendo com que a família, a Sociedade e o Poder Judiciário tomem medidas para garantir a segurança dos cidadãos mais vulneráveis. O desconhecimento sobre a natureza do processo-penal, sobre princípios a ele inerentes, sobre a sua tramitação e outros fatores, pode levar a vítima e sua mãe a expectativas que, ao final, podem não se realizar. Este trabalho investigou, através de um estudo de caso, como uma adolescente, vítima de violência sexual intrafamiliar, e sua mãe perceberam o caminho percorrido desde a notificação até o depoimento no processo. Participaram deste estudo uma adolescente vítima de violência sexual intrafamiliar e sua mãe. A participante mãe tinha 42 anos, cursou o ensino fundamental completo e, estava trabalhando como secretária. A participante filha tinha 17 anos, estava completando o ensino médio e realizava alguns trabalhos voluntários com crianças. Os critérios de seleção do caso foram: envolver abuso sexual intrafamiliar, o processo estar em andamento e a adolescente vítima e sua mãe já terem prestado depoimento. O projeto foi aprovado em Comitê de Ética e as participantes deram seus consentimentos através do TCLE. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, individualmente com as participantes, e o eixo principal da análise qualitativa foi a violência sexual intrafamiliar no sistema de justiça da notificação ao depoimento judicial no contexto processual-penal. Através da análise das entrevistas foi possível verificar que a inexistência de orientação e de informação, sobre os trâmites da notificação até o depoimento judicial, bem como o tempo transcorrido entre um

procedimento e outro contribuíram para uma falta de proteção à adolescente e sua mãe, gerando uma sensação de desamparo e impunidade. Conclui-se que a minimização da importância social do problema torna difícil a tomada de consciência de sua realidade e amplitude e, portanto, dificulta a busca de soluções efetivas para proteger ou ajudar as vítimas. Dessa forma, destaca-se a necessidade de um maior conhecimento da dinâmica da violência sexual intrafamiliar para uma atuação ministerial e judicial adequada e a tomada de providências ligadas ao sistema de justiça para proteger as vítimas e suas mães.

Apoio Financeiro: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)
Palavras-chave: Violência sexual; Revelação; Mães.

Nível do Trabalho: Doutorado - D

Código da área da Psicologia: FAMI Psicologia da família e da comunidade.

Sessão Coordenada: **ÉTICA EM PESQUISA: VIVÊNCIAS EM COMITÊS DE ÉTICA.**

ÉTICA EM PESQUISA: VIVÊNCIAS EM COMITÊS DE ÉTICA. Dra. Carla Witter (Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências do Envelhecimento - Universidade São Judas Tadeu, São Paulo-SP) e Geraldina Porto Witter (Universidade Camilo Castelo Branco, São Paulo - SP).
A sessão coordenada pretende apresentar dados e informações relativas às vivencias dos autores no que concerne aos Comitês de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPs). Não resta dúvida quanto à importância de se cuidar dos aspectos éticos em pesquisa. Sem ética não é valida a pesquisa, assim sendo, discutir dados sobre a matéria é fundamental para o progresso científico e a qualidade da produção. Todos os doutores participantes da presente sessão coordenados vivenciam e já vivenciaram intensamente o trabalhar em CEPs. Focarão diversos aspectos. A Dra. Elza Maria Tavares Silva apresenta um quadro geral dos CEPs no Brasil, seus papeis e funções, com dados sobre a distribuição quantitativa dos CEPs nas regiões do país. A Dra. Carla Witter focará a Plataforma Brasil, avanços e dificuldades na implantação do sistema para os pesquisadores e membros dos CEPs. Dr. Wagner Wuo focará autoria, áreas de conhecimento que encaminharam a pesquisa, decisão do Plenário e aprovação que ocorreram em um CEP no período de instalação da Plataforma Brasil. A Dra. Maria Madalena de Freitas Lopes focará as áreas mais problemáticas, isto é, que levam a Não Aceitação ou Pendência de processos, conforme se registra na Plataforma Brasil tendo por suporte os dados de um CEP, ou seja, de janeiro até maio. A Dra. Geraldina Porto Witter apresentará dados relativos aos problemas apresentados pelos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido no mesmo CEP sendo que se trata de documento obrigatório e que apresenta mais frequentemente problemas o que leva a Não Aprovação e a Pendência. São debatidas questões sobre motivação para capacitação em pesquisa, em ética na pesquisa e para assumir a orientação e a realização de projetos de pesquisa. São considerados ainda aspectos que requerem maior atenção e rigor. Também são discutidas as dificuldades em avaliar a ética nas publicações e o papel das revistas científicas, seus editores e pareceristas no que diz respeito à ética nos vários tipos de trabalho, especialmente no que concerne aos vários componentes do discurso, artigo decorrente de pesquisa, ou seja, do título às referências bibliográficas.
Palavras-chave: CONEP, protocolos de pesquisa, ética em ciências
PD Pós- Doutorado
MET- Metodologia de Pesquisa e Instrumentação

Metodologia de Pesquisa e Instrumentação

PLATAFORMA BRASIL: AVANÇOS E DIFICULDADES. *Dra. Carla Witter (Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências do Envelhecimento - Universidade São Judas Tadeu, São Paulo-SP),*
PLATAFORMA BRASIL: AVANÇOS E DIFICULDADES. Dra. Carla Witter (Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências do Envelhecimento - Universidade São Judas Tadeu, São Paulo-SP)
A Plataforma Brasil foi apresentada pelo Conselho Nacional de Saúde, em 2011, criada para substituir o Sistema Nacional de Informação sobre Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos (SISNEP). A principal ideia foi criar um banco de dados nacional atualizado constantemente e de acesso livre aos pesquisadores, gestores, participantes e sociedade de uma forma geral. O sistema on-line tem mecanismos de busca que permitem analisar retrospectivamente as pesquisas em andamento no País, o qual é composto por um banco de dados com quatro fontes primárias: pesquisadores, CEPs, CONEP e o Público em geral. A Plataforma Brasil informatizou os procedimentos realizados pelo Sistema CEP/CONEP, incluindo-se a implantação de arquivos eletrônicos em substituição aos documentos impressos. Outro objetivo do sistema foi agilizar o processo de revisão e de acompanhamento ético das pesquisas, permitindo cadastramento online de todos os projetos submetidos à avaliação, dessa forma o processo de encaminhamento do projeto de pesquisa e os

documentos adicionais são preenchidos, assinados e encaminhados (anexados) pela Plataforma via internet. Até início de julho a Plataforma Brasil recebeu 5.061 projetos, emitiu 13.701 pareceres com o tempo médio de 21 dias do primeiro parecer emitido, dos quais 6.302 foram pendências. Estão em andamento 4.511 projetos com 114.491.638 participantes envolvidos, os quais podem ser consultados na Plataforma Brasil, porém a ferramenta de busca precisa ser aprimorada para otimizar o acesso ao banco de dados. A CONEP recebeu 161 projetos, emitiu 61 pareceres no tempo médio de 15 dias, sendo emitidas 29 pendências; estão em andamento 115 projetos com 1.637 participantes. Para exemplificar, o CEP/USJT já emitiu 44 pareceres, com o tempo médio de 13 dias para o primeiro parecer e o final, foram emitidos 13 pendências, estão em andamento 37 projetos desde o começo de 2012 com 1.755 participantes envolvidos. Todos os projetos em andamento tem acesso público, basta acessar a Plataforma, entretanto a ferramenta precisa ser aperfeiçoada, pois os projetos só são recuperados pelo titulo, nome do pesquisador principal, instituição proponente, contato público, patrocinador e palavra-chave, porém nem todas as possibilidades estão funcionando adequadamente pois a resposta do sistema informa que o projeto não foi encontrado ou há necessidade de refinar a busca porque foram encontrados mais de 100 projetos. A Plataforma Brasil iniciou com a versão 1.0 e já está na versão 2.7, os reajustes no sistema foram feitos para atender melhor as necessidades dos pesquisadores, CEPs/CONEP e a sociedade civil, agilizar e otimizar os trabalhos dos membros dos comitês de ética. Há algumas dificuldades na implantação do sistema e na utilização da plataforma pelos usuários que precisam ser aprimoradas e superadas para que seja possível a transparência do sistema CEP/CONEP quanto à ética nas pesquisas realizadas com seres humanos.

Palavras-chave: ética em pesquisa, comitês de ética, sistemas de informação

PD Pós-Doutorado

MET- Metodologia de Pesquisa e Instrumentação

PANORAMA ATUAL DOS CEPs NO BRASIL. *Drª Elza Maria Tavares Silva (Universidade de Mogi das Cruzes, São Paulo SP)*

,

PANORAMA ATUAL DOS CEPs NO BRASIL. Drª Elza Maria Tavares Silva (Universidade de Mogi das Cruzes, São Paulo SP)

A ciência e a tecnologia, nos últimos anos, têm avançado vertiginosamente, principalmente nas pesquisas relativas ao temas que envolvem seres humanos, sejam elas experimentais ou não. Isso reforça que as pesquisas merecem ser analisadas com critérios e correções para proteção da sociedade. Para tanto, as organizações e os meios de comunicação científica têm papéis e funções muito importantes nessa produção do conhecimento científico. Dentre eles está o CEP (Comitê de Ética em Pesquisa) que é um colegiado interdisciplinar e independente, com o propósito de defender os interesses dos sujeitos da pesquisa dentro de padrões éticos e contribuir no desenvolvimento da pesquisa. O CEP deve existir nas instituições que realizam pesquisa, sejam elas públicas ou particulares, para que o controle social seja efetivado. No Brasil, a preocupação com a ética em pesquisas sempre houve, porém teve seu registro no início na década de 80 com a Resolução nº 1/88 editado pelo Conselho Nacional de Saúde. A partir dessa resolução e a contribuição de uma revisão da literatura específica sobre o assunto, mais a observação do que já estava sendo executado em outros países, chegou-se à Resolução 196/96, publicada pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS), que criou instâncias regionais, os Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) e a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), órgão nacional de controle de pesquisas envolvendo seres humanos. Já em 2001, a CONEP criou o Sistema Nacional de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (SISNEP), cujo objetivo foi o de fazer, com abrangência nacional, um acompanhamento e controle social dos

aspectos éticos das pesquisas realizadas. Porém, pelas limitações de cobertura da totalidade dos CEPs existentes no Brasil, houve a necessidade de sua revisão que aconteceu em 2007 com um novo e mais completo sistema de acompanhamento de pesquisas denominado PLATAFORMA BRASIL, que integra todos os CEPs e a CONEP e permite a interação com agências regulatórias e de fomento à pesquisa. Assim, onde há pesquisa, preferencialmente, deve haver um CEP e, as direções de instituições devem tomar a iniciativa de criar e organizar o seu CEP devidamente registrado na CONEP, o que a qualifica e a legitima para a pesquisa. Pela importância de seu papel consultivo e educativo há necessidade de que em todos os estados brasileiros sejam implantados CEPs. O levantamento feito sobre o número de CEPs existentes no Brasil, com base no SISNEP (abril/2012), mostrou que a região Sudeste é a que tem o maior número com 329, fato este que pode estar associado ao grande número de processos de pesquisa existentes, grupos de pesquisa, cursos de pós-graduação e de doutores da referida região; a região Sul possui 120; a Nordeste com 117; a Centro-Oeste com 36 e, a Norte com 43, num total de 645 CEPs. É apresentado um quadro descritivo geral de CEPs e de Grupos de Pesquisa, dando perspectiva geral da situação brasileira. A legislação básica está em fase de reformulação, sendo amplamente discutidas, sendo básica a atuação dos CEPs

Palavras-chave: comissão de ética; localização; ética em pesquisa.

PD Pós- Doutorado

MET- Metodologia de Pesquisa e Instrumentação

ÉTICA EM PESQUISA: APROVAÇÃO DE PROJETOS E AS DIVERSAS ÁREAS DO CONHECIMENTO.

Dr. Wagner Wuo (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC/SP e Universidade Camilo Castelo Branco UNICASTELO - SP)

,

ÉTICA EM PESQUISA: APROVAÇÃO DE PROJETOS E AS DIVERSAS ÁREAS DO CONHECIMENTO.

Prof. Dr. Wagner Wuo (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC/SP e Universidade Camilo Castelo Branco UNICASTELO - SP)

Nos projetos de pesquisa em que o humano é um eixo essencial do próprio projeto, em que sua atuação direta é indispensável como parte da esquemática intrínseca da pesquisa, seja quanto ao conteúdo de estudo seja como fonte de informação, o olhar sobre esse humano, e as considerações necessárias que resguardam a sua liberdade de viver, podem diferir em termos de intensidade e extensão entre pesquisadores das diferentes áreas do conhecimento. Em toda pesquisa com pessoas há que se ter de forma clara a imagem do humano a que se refere. Isso deve estar de maneira muito bem definida no corpo do próprio projeto, sendo o ponto nodal das considerações ética que devem estar expressas de forma clara e distinta pelo autor da proposta. São diversos os elementos que permitem visualizar essas considerações nos constituintes formais de um projeto e que refletem, por outro lado, o grau de maturidade do autor para tratar dos assuntos de humanidade. Ao analisar e decidir sobre um projeto de pesquisa o Plenário de um CEP alberga toda a responsabilidade do humano para com o humano, podendo emitir assim um juízo dialético sobre um dado projeto de construção de conhecimento sobre seres humanos, tal como deveria ser a finalidade última de toda pesquisa nesse âmbito. Nesta dimensão é que procuramos focar a questão da autoria das pesquisas, as considerações éticas e as decisões do CEP quanto à aprovação dos projetos encaminhados por pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, durante o período de implantação da Plataforma Brasil, de janeiro a maio de 2012. Neste período, dos 65 projetos com entrada no CEP 13 encontravam-se em tramitação de relatoria no momento da coleta. Dos 52 projetos que passaram por análise as principais contribuições foram: 25 (48,1%) do curso de enfermagem, 10 (19,2%) do curso de educação física, 5 (9,6%) do curso de bioengenharia, 4 (7,7%) do curso de engenharia biomédica e 3 (5,8%) do curso de odontologia. Os índices de

aprovação correspondentes aos projetos enviados por cada um desses cursos teve a seguinte ordem: bioengenharia com 60% de projetos aprovados, engenharia biomédica com 50%, seguida pela educação física com 10% e odontologia que não teve nenhum projeto aprovado. Os dois cursos com melhores índices de aprovação (bioengenharia e engenharia biomédica) são de stricto sensu, enquanto nos demais, de graduação, predominam projetos de iniciação científica e de conclusão de curso. Quanto ao gênero, as mulheres participaram com 71,2% dos projetos analisados (37 entre os 52) e obtiveram 87,5% do total de projetos aprovados (14 entre os 16 aprovados), denotando maior atenção aos requisitos éticos analisados. Ainda que possam se apresentar com características um tanto diferentes em relação às áreas, as considerações da ética em pesquisa já alçaram no mundo atual status de critérios objetivos aplicáveis a toda humanidade, o que remete por parte dos CEPs ao desenvolvimento de ações educacionais, de motivação e capacitação, para os interessados em pesquisas com seres humanos.

Palavras-chave: protocolo de pesquisa; avaliação; saber científico.

PD Pós- Doutorado

MET- Metodologia de Pesquisa e Instrumentação

ÉTICA EM PESQUISA: PROBLEMAS DETECTADOS EM PROJETOS PELO CEP/UNICASTELO.. *Drª Maria Madalena de Freitas Lopes (Universidade Camilo Castelo Branco/SP)*

,

ÉTICA EM PESQUISA: PROBLEMAS DETECTADOS EM PROJETOS PELO CEP/UNICASTELO. Drª Maria Madalena de Freitas Lopes (Universidade Camilo Castelo Branco/SP)

Os itens que compõem o projeto expressam a consistência da pesquisa e revelam o que é pesquisado. Neste sentido, os itens a confirmam. Para efetivar a relatoria é necessário apreender o conjunto, que traduz o que será pesquisado. Os itens são principais: título, introdução, objetivos, metodologia, referências bibliográficas, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cronograma e orçamento. Para cada um deles, e no seu todo, considerações são feitas nesta comunicação, que tem por objetivo narrar e debater como ocorrem ou favorecem a compreensão do modo como os participantes são envolvidos na pesquisa. Deste modo, a pesquisa sendo esclarecida se traduz na informação pública desta ao participante, no TCLE. Subjacente a todo este processo está a revisão bibliográfica, que subsidia a pesquisa inicialmente e ao longo desta, refletindo o cuidado na escolha da área a ser pesquisada, na função do pesquisador e do assistente de pesquisa. Todos estes parâmetros permitem, por fim, a consideração sobre Aprovação, Pendente e Não Aprovado, como parecer final à compreensão e esclarecimento da pesquisa. Quando a ideia está clara comparece na proposta, delineamentos confusos surgem e revelam a inconsistência da pesquisa, aspectos que não foram considerados e não comparecem por exemplo no TCLE, sugerem pendências. A partir das propostas de pesquisas no período de janeiro a maio, conforme registradas na Plataforma Brasil tendo por suporte os dados do CEP/UNICASTELO foram analisadas as ocorrências de problemas em partes de análise obrigatória pelos pareceristas. No período foram inseridos na Plataforma 67 projetos, dos quais os próprios autores cientes de problemas pediram a exclusão de sete e em tramitação estavam 13, ou seja, 20 (29,8%) não foram aqui contabilizados. No restante (N=47), verificou-se a seguinte distribuição: Título-3 (6,4%), Preenchimentos de itens ou Termos obrigatórios N=23(49,0%), Participantes N=14(29,0%), Material N=6(13,0%), Procedimento N=10 (21,3%), Análise de dados N=13(28,0%), Cronograma N=16(34,0%), Orçamento N=12(26,0%) e TCLE N=23(68,0%). A maior limitação nos projetos submetidos ao CEP na Plataforma situa-se no TCLE, vindo a seguir Preenchimento de termos obrigatórios, participantes, análise de dados e outros. Um mesmo projeto pode ter mais de um tipo de folha. A média foi de 2,74 áreas problemáticas. Obteve-se

χ²o=41,90> χ²c=15,51, ou seja, tem significância estatística a maior concentração de falhas na produção do TCLE. De qualquer forma há muitas áreas com problemas. Há necessidade de mais atualização científica o que pede empenho tanto dos pesquisadores como da instituição. Na apresentação será feita a comparação com o obtido até julho, ou seja, cobrindo o 1º semestre da Plataforma Brasil.

Palavras- chave: problemas éticos, projetos de pesquisa, avaliação ética.

D Doutorado

MET - Metodologia de Pesquisa e Instrumentação

TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO. *Profª. Drª Geraldina Porto Witter (Universidade Camilo Castelo Branco, São Paulo SP)*

,

TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO. Profª. Drª Geraldina Porto Witter (Universidade Camilo Castelo Branco, São Paulo SP)

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) é um documento obrigatório para qualquer pesquisa que tenha por foco o ser humano. Se for encaminhado ao CEP sem ter este documento em anexo não poderá ser aprovado. Se não fizer a inclusão do projeto já deve ser restituído ao pesquisador antes do processo interno ser liberado. Se o documento foi devidamente anexado ao processo será rigorosamente avaliado pelo relator, caso não tenha os elementos essenciais terá que voltar obrigatoriamente para o pesquisador refazer o documento. O objetivo da presente apresentação é analisar a ocorrência de problemas detectados nos TCLEs de processos com ingresso no CEP/UNICASTELO, via Plataforma Brasil, de janeiro a maio, ou seja, do inicio do novo sistema de cadastro até maio, totalizando cinco meses e um total de 65 termos a serem avaliados. Destes projetos, 7 ou 10,8% foram retirados pelos autores face a multiplicidade de falhas e limitações apresentadas ou impossibilidade do pesquisador poder dar continuidade refazendo a proposta. Dos sete retirados 71,4% apresentaram problemas no TCLE e os dois restantes foram retirados do sistema a pedido dos autores antes do processamento analítico interno já que muitos aspectos não estavam satisfatórios. No todo no momento da coleta alguns ainda estavam em tramitação (N=13). Desta forma, restaram analisados com pendências, entre os quais está incluso o TCLE um total de 21 projetos (32,31%). Excluindo os em tramite, ficando com o total de Aprovados (1º e 2º apresentação) só 13 projetos não apresentaram problema neste documento. Isto evidência a dificuldade dos pesquisadores em elaborar o documento. Muitos copiam de livros modelos incompletos sem mesmo adaptá-los (até no título e instituição). O CEP ofereceu cursos, orientações constam na Home Page da Universidade item a item do que é necessário constar no TCLE, há disponibilidade de membros do CEP atender as dúvidas via e-mail e pessoalmente, mas as falhas persistem. As falhas mais frequentes no TCLE são os seguintes elementos: 1) falta endereço do CEP, de informações sobre a pesquisa (objetivo, método, direitos, riscos etc.), de endereço do participante e do pesquisador e seu registro profissional, 2) redação com falhas quanto ao nível (fora da capacidade do participante), com pouca clareza, mistura de pessoas gramaticais, completude. Devem constar uma série de componentes obrigatórios para realmente assegurar os direitos éticos do participante e para a própria segurança do pesquisador na hipótese de posteriormente ocorrer alguma queixa ou processo contra ele. Os dados serão cotejados com o que for obtido de registros no CEP/UNICASTELO ao longo do primeiro semestre de implantação da Plataforma Brasil cobrindo o período de janeiro até junho.

Palavras-chave: ética em pesquisa, proteção ao participante, prevenção de falta do pesquisador

PD Pós- Doutorado

MET- Metodologia de Pesquisa e Instrumentação

Sessão Coordenada: **Eventos estressores no ciclo vital do desenvolvimento humano vistos à luz do contexto da saúde pública**

No cenário das instituições de saúde cada vez mais os profissionais de saúde são desafiados quanto aos significados e crenças atribuídos aos eventos estressores no ciclo vital do desenvolvimento humano, como também quanto à construção de condutas e ações específicas diante de situações de crise e sofrimento psicológico gerados por eles. O tema principal da sessão coordenada consiste em visualizar e discutir, a partir do contexto da saúde pública, cinco eventos estressores do ciclo vital do desenvolvimento humano como, HIV/Aids, luto, violência, depressão e cirurgia cardíaca. Portanto, serão apresentados cinco trabalhos de pesquisa que enfocam distintos olhares, como o do profissional da área da saúde e o olhar das pessoas que convivem com um dos eventos estressores apontados. Esses trabalhos discutem a necessidade de observar a dinâmica das redes sociais significativas no enfrentamento do HIV/Aids; o impacto dos legados das perdas sobre as transições no ciclo de vida individual e familiar ; os significados que favorecem a violência relacional por parte da equipe de trabalho que atua com situações de violência; os aspectos relevantes para a inclusão da família no atendimento da depressão no contexto da atenção básica à saúde e os significados atribuídos pelos indivíduos com relação às vivências pós-cirurgia cardíaca. Aponta-se que a tríade - indivíduo, família e profissionais de saúde - está mutuamente implicada na construção de significados e estratégias de enfrentamento, cabendo a ela implementar contextos colaborativos e participativos, pois assim, se possibilitará trabalhar não somente sob a ótica da vulnerabilidade e riscos ao adoecimento psíquico, mas também no âmbito da promoção à saúde no ciclo vital do desenvolvimento humano.
Palavras-chave: eventos estressores; desenvolvimento humano; significados; saúde, enfrentamento.

Psicologia da Saúde

Revisitando os legados das perdas na família diante do atendimento em clínica-escola. *Ivânia Jann Luna ** (Departamento de pós-graduação de Psicologia, Laboratório de Saúde, família e comunidade, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC).*
Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré (Departamento de pós-graduação de Psicologia, Laboratório de Saúde, família e comunidade, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC)

,

A morte de um membro familiar é um dos eventos estressores que imprime uma dinâmica relacional de reajustamento e adaptação denominada de luto e a qualidade deste processo desafia as tarefas desenvolvimentais no ciclo de vida do indivíduo e da família. Na perspectiva de minimizar o impacto da perda sobre o ciclo vital individual e familiar realizou-se atendimentos psicoterápicos a duas famílias, que vivenciaram perdas prematuras e repentinas, sendo estes efetivados no contexto de uma clínica-escola vinculada ao Sistema Único de Saúde. Os atendimentos clínicos realizados geraram documentos e registros que possibilitaram a realização de uma pesquisa documental sobre os efeitos multigeracionais de um luto familiar sobre as transições no ciclo de vida individual e familiar. Os documentos pesquisados foram os registros dos atendimentos, o genograma e a linha do tempo familiar construídas com a família. Cada caso foi analisado qualitativamente a partir de quatro categorias como: as perdas significativas; as mudanças na família, o luto familiar e os legados das perdas. Assim, foram observadas perdas significativas nos dois casos, como o cônjuge e filhos. As mudanças nas famílias, após a perda, referiam-se, na família 1, à paternidade precoce, ao divórcio e ao recasamento; na família 2 referiram-se à problemas de saúde e financeiros. Quanto aos

aspectos do luto familiar observou-se, nas duas famílias. dificuldades de compartilhar significados, o isolamento emocional dos membros familiares, havendo alterações significativas no sistema quanto aos papéis dos filhos, mas não um processo de reorganização familiar e construção de novos projetos de vida. Os legados das perdas observados no caso 1 foram quanto as relações de confiança, intimidade e proteção, impossibilitando a filha confiar no sexo oposto e assumir os riscos de uma relação amorosa e os filhos não permitirem que a mãe assuma a sua condição de vida. No caso 2 observou-se prejuízos na saúde e a falta de expectativas quanto ao futuro. Discutiu-se que os legados na família 1 dificultaram o processo de individuação dos filhos e da mãe, interferindo tanto em seu processo de autonomia quanto na construção de relações de intimidade. Na família 2 discutiu-se as repercussões do luto na saúde de um dos membros familiares. Conclui-se que os legados das perdas tiveram um impacto intergeracional significativo para que as famílias pudessem enfrentar os desafios da transição para a vida adulta e velhice.

Palavras-chave: morte; luto familiar, significado, desenvolvimento, saúde.
IC
SAUDE - Psicologia da Saúde

Estudio de caso: la violencia relacional en contextos laborales que trabajan contra la violencia. *Paulina Andrea Quiñones Santelices ** (Escuela de Psicología, Universidad de Valparaíso, Chile)*
Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Laboratório de Psicologia da Saúde, Família e Comunidade, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC)
Leonor María Cantera Espinosa (Departamento de Psicología Social, Unversidad Autónoma de Barcelona, España)

El trabajo aborda la problemática de la violencia en los espacios laborales que trabajan contra la violencia a través de la presentación de los resultados de una investigación cuyo objetivo fue comprender los significados que favorecen la reproducción de la violencia en estos contextos de trabajo. La investigación se desarrolló a partir de una perspectiva cualitativa, y participaron 4 profesionales que se desempeñaban en un centro de atención que acoge demandas de violencia, y que, a la vez, en este espacio laboral han vivido experiencias de violencia ejercidas por compañeros de trabajo. Para la recolección de los datos se utilizó la entrevista en profundidad, y para la producción de los resultados se utilizó el análisis de contenido categorial. Los resultados evidenciaron las formas que adopta la violencia y sus estrategias , permitiendo conocer los tipos de violencia y la forma en que las agresiones se instalaban en la vida de las participantes, todo ello de una manera sutil e invisible, pero a la vez penetrante, llegando, incluso, a anularlas y paralizarlas; lo que queda de manifiesto en los efectos de la violencia , las narraciones dan cuenta del sufrimiento y el desgaste emocional, de los síntomas físicos, los sentimientos de paralización, la forma en cómo el trabajo inundó sus vidas, y la incapacidad conceptual en que quedan las participantes para identificar la violencia como tal. Consideramos que este último punto es crucial, pues repercute negativamente en la vida de las participantes, ya que al no reconocer la violencia como tal, se instala una visión negativa, en la que ellas están fallando en el desempeño de su trabajo o en la forma en que se están relacionando, lo que las deja atrapadas y sin salida. Más si se considera el contexto de la violencia , el que en este caso en particular, favorece la reproducción de la misma, a partir del abandono, el silencio, la pasividad, la desorganización y el no reconocimiento de la violencia. Consideramos que la relevancia del aporte de esta investigación está dada por la escasa existencia de estudios en esta problemática, y por tanto en la visibilizacion de la situación

paradojal vivida en ese contexto laboral específico. Asimismo, los resultados que emergieron de esta investigación se constituyen en aportes importantes para auxiliar y subsidiar una reflexión necesaria, tanto en nivel organizacional como humano, sobre la intervención de los eventos estresores en estos contextos de trabajo, propiciando el abordaje adecuado y oportuno de estas situaciones y generando acciones en pos de su prevención.
CONICYT, Chile
Palabras claves: violencia, significados, equipos de trabajo, saúde.
M
SAUDE - psicologia da Saúde

Os significados sobre a inclusão da família no tratamento da depressão na perspectiva da prática do psicólogo no contexto da rede municipal de saúde. *Cibele Cunha Lima da Motta ** (Departamento de pós-graduação de Psicologia, Laboratório de Saúde, família e comunidade, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC)*
Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré (Departamento de pós-graduação de Psicologia, Laboratório de Saúde, família e comunidade, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC)
,
A inclusão da família nos processos terapêuticos configura-se uma das diretrizes preconizadas pelo Ministério da Saúde (Brasil, 2003) no desenvolvimento de ações em saúde mental. A família é considerada um dos pilares da assistência integral à saúde na medida em que é concebida como uma unidade de cuidado, além de se configurar como um mediador entre o usuário e a sociedade. Nesse sentido, o objetivo dessa pesquisa foi investigar sobre os significados da inclusão da família no tratamento da depressão no contexto de uma rede municipal de saúde. O estudo foi realizado sob a perspectiva do pressuposto epistemológico do pensamento complexo, sendo este de natureza qualitativa ancorado nos princípios da teoria fundamentada empiricamente (Grounded Theory). Participaram da pesquisa 22 psicólogos atuantes na rede municipal de saúde mental. A coleta de dados iniciou-se por meio de um processo de observação participante de campo que possibilitou conhecer o contexto institucional considerando as políticas públicas de atenção à saúde mental e processos de trabalho. A etapa seguinte constituiu-se da realização da entrevista semi-estruturada. A análise foi realizada por meio da teoria fundamentada nos dados (Grounded Theory) e em conjunto com o recurso do software Atlas/ti 5.0, que possibilitou a integração e organização dos dados em categorias. Os resultados foram organizados em três categorias: (A) Reconhecimento do papel da família; (B) Acolhimento e orientação da família; (C) Limites e dificuldades da inclusão da família no atendimento ao paciente deprimido. Os significados presentes nas falas dos psicólogos reconhecem tanto as potencialidades quanto as limitações da família na vivência desse evento estressor no cotidiano familiar. A partir do reconhecimento dessa gama de habilidades, os resultados evidenciam também a necessidade de que as ações de acolhimento e orientação da família constituam-se em temáticas de educação permanente com vistas a desenvolver esse recurso entre os profissionais de saúde para o tratamento da depressão ou para outros tipos de sofrimentos psíquicos.
Bolsa CAPES/PNPD
Palavras-chave: prática psicológica, depressão, significado, saúde, atenção básica.
PD
SAÚDE - Psicologia da Saúde

A participação da rede social de mulheres que vivem e convivem com o hiv no processo de enfrentamento da soropositividade.. *Renata Orlandi ** (Universidade Federal da Fronteira Sul, Realeza, PR),*
Carmen Leontina OjedaO\'campo Moré (Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC).

,

O recebimento da notícia diagnóstica abre precedentes para uma infinidade de mudanças no cotidiano das pessoas que vivem e convivem com o HIV, atuando como um evento estressor que repercute no seu processo de constituição, assim como desenvolvimento de sua família e de sua rede social. No que tange ao apoio recebido, face à revelação diagnóstica, as pessoas que vivem com o HIV podem acionar a sua rede ou manter em segredo o seu status sorológico, tornando o enfrentamento da contaminação um processo desgastante e solitário. Haja vista a tendência mundial e também brasileira de feminização da epidemia torna-se estratégico o investimento em pesquisas voltadas para essa população. O objetivo deste estudo foi investigar como a rede social significativa de mulheres que vivem e convivem com o HIV participa do enfrentamento da soropositividade. Metodologicamente, o trabalho se caracteriza como qualitativo, transversal, descritivo e exploratório. Para a coleta de dados foram empregados a entrevista semi-estruturada, o mapa de redes e o genograma, bem como foram consultados os prontuários médicos das entrevistadas. Participaram do estudo mulheres infectadas pelo HIV com idades compreendidas entre 20 e 59 anos que haviam recebido o diagnóstico há mais de um ano e que apresentavam condições emocionais para lidar com o procedimento de investigação. Os dados foram coletados em uma cidade situada no sul do Brasil com altos índices de casos notificados. O procedimento de análise foi ancorado na Teoria Fundamentada Empiricamente. Para a organização e processamento dos dados foi utilizado o software Atlas/ti 5.0. O segredo e/ou a impossibilidade de falar abertamente sobre o vírus HIV foi mencionado pelas entrevistadas e o estigma atrelado à Aids destacou-se nos relatos. Referente aos recursos pessoais empregados na resolução de problemas relacionados ao HIV foram destacados: as medidas de auto-cuidado em saúde, o delineamento de projetos de vida, as estratégias psicológicas para ressignificar soropositividade e a atuação da rede social significativa. As participantes que apresentaram mais recursos no enfrentamento do problema, as que referiram maior bem estar, assim como melhores condições clínicas de saúde as apresentaram redes sociais significativas mais eficientes e dinâmicas no que diz respeito à composição, às funções, à heterogeneidade, à freqüência de contatos, à proximidade geográfica, à intimidade e às interconexões. Ainda que isoladas, as iniciativas de profissionais de saúde no sentido de acolher membros da rede social dessas mulheres no processo de enfrentamento da soropositividade foram bem vistas e pareceram repercutir na qualidade da ajuda. Para além do mapeamento e acionamento de membros, a articulação da ajuda e o favorecimento dos processos comunicacionais entre todos estes e as pessoas que demandam o apoio parece ser um foco estratégico de atuação das equipes de saúde, as quais podem atuar tanto no envolvimento de pessoas, como no fortalecimento e na criação de conexões entre os sub-sistemas que compõem as redes sociais significativas. Os dados coletados sugerem que a participação da rede social significativa das mulheres entrevistadas foi decisiva para o processo de enfrentamento da soropositividade.
Apoio financeiro: CNPq

Palavras- Chave: Rede Social Significativa; HIV/Aids; Enfrentamento, significado, saúde.
SAÚDE-Psicologia da Saúde

Vivências após a cirurgia cardíaca: significados atribuídos por pacientes submetidos à cirurgia. *Shana Hastenpflug Wottrich ** (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Laboratório de Psicologia da Saúde, Família e Comunidade, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, SC)*
Alberto Manuel Quintana (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Saúde, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS)
Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Laboratório de Psicologia da Saúde, Família e Comunidade, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC)

,

Estudos referem a cirurgia cardíaca como um procedimento que traz consigo uma carga significativa de dramaticidade para os indivíduos que a ele se submetem, pois é um tratamento invasivo, considerado agressivo, em que estão presentes a ansiedade e o medo. Nesse sentido, tal experiência causa um grande impacto na vida do paciente, caracterizando-se como um evento estressor em seu ciclo vital. A partir dessas considerações, empreendeu-se um estudo clínico-qualitativo, de caráter exploratório e descritivo, cujo objetivo foi compreender os significados atribuídos à cirurgia cardíaca por pacientes pós-cirúrgicos. Participaram do estudo 13 pacientes cardíacos pós-cirúrgicos, usuários de um ambulatório de cardiologia de hospital universitário do interior do Rio Grande do Sul. Entrevistas semi-estruturadas individuais e a auto-fotografia foram utilizadas como método de coleta de dados. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. Os dados foram analisados através da análise de conteúdo e de um roteiro de leitura das imagens, sendo as análises das narrativas e das imagens realizadas de forma complementar. Os resultados evidenciaram referências à sensação de estranhamento do corpo após o procedimento, bem como à necessidade de reconhecimento de si, enquanto sujeito. As narrativas dos participantes aludem à falta de referenciais com relação ao que é possível ou não o corpo suportar após a cirurgia, havendo relatos de sentimento de fragilização e de desamparo. Em função da situação pós-cirúrgica, os participantes apontaram a necessidade de cautela em relação à retomada de atividades anteriores ao próprio adoecimento e à cirurgia, bem como o medo de ultrapassar os limites do corpo, com relação ao desempenho das atividades cotidianas, principalmente no que concerne à capacidade para as atividades de trabalho e sexual. Salienta-se que, mediante a impossibilidade de desempenho nas atividades produtivas, os participantes mencionaram sensação de desvalia, enquanto sujeitos. A virilidade também foi colocada em questão pelos homens, mediante a impossibilidade de um desempenho satisfatório nas relações sexuais. Em suma, a cirurgia foi mencionada como acarretando uma série de mudanças nas possibilidades dos sujeitos vivenciarem os seus cotidianos, sendo compreendida como experiência que demanda um esforço de reconhecimento das possibilidades de ser e estar no mundo. Conclui-se afirmando a necessidade de que os significados atribuídos pelos indivíduos com relação às vivências pós-cirúrgicas sejam considerados no planejamento e nas ações de saúde que os envolvem, norteando o entendimento de atenção à saúde sob a perspectiva da integralidade.

Bolsa CAPES/Demanda Social
Palavras-chave: Cirurgia; significados; corpo, saúde.

M

SAUDE -Psicologia da saúde

Sessão Coordenada: **Experiência elementar em psicologia**

A utilização do conceito de experiência elementar no campo da Psicologia é um tema emergente. A sessão coordenada quer reunir contribuições de pesquisa teórica e empírica sobre o tema. A diversidade de universidades e de regiões do país mostram o amplo interesse pelo assunto. Buscando identificar a dinâmica fundante da experiência propriamente humana, o conceito fenomenológico vem se desenvolvendo em âmbito interdisciplinar e a sessão coordenada aponta a importância da relação entre Psicologia, Filosofia e literatura. A interdisciplinaridade interna à Psicologia está contemplada na sessão coordenada por trabalhos das áreas Social e História (fundamentos).
Psicologia Social

EXPERIÊNCIA ELEMENTAR EM PSICOLOGIA: A TENSÃO FINITO/INFINITO NO DIÁRIO DO ESCRITOR LÚCIO CARDOSO. *Miguel Mahfoud, Marcela Alves Silva* (Laboratório de Análise de Processos em Subjetividade. Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG),*
O presente trabalho tem como objeto identificar as formas como aparecem a tensão entre a finitude e a infinitude no material analisado, o diário de caráter autobiográfico de Lúcio Cardoso, escritor mineiro. Tomando a elaboração de Luigi Giussani sobre experiência elementar, no contato com a realidade esta tensão é a raiz da experiência humana, em que, dentro de nossa limitada condição, vislumbramos um horizonte de totalidade, temos uma busca contínua por sentido. Através do método fenomenológico, o encontro com o diário de Lúcio é a maneira de deixar aparecer as vivências narradas e no mesmo movimento, trazer à tona aspectos fundantes da vida humana, de forma a poder agregar diálogos férteis no campo da Psicologia. A tensão finito/infinito apareceu de diversas formas durante a análise como: a) na forma como Lúcio toma a religião, vislumbrando no relacionamento com o infinito a única forma de viver sua existência finita; b) em sua condição de escritor, contínua busca por realização totalizante que sempre resistiu às inúmeras limitações pelas quais passara para ir adiante em seu trabalho; c) na tematização da morte, que permeia a obra como aviso da finitude e lembrete da importância de sentido. Ora através da afirmação do que lhe importava, ora por pesadas críticas à superficialidade que encontrava em seu cotidiano, visualizamos a mesma tensão, o mesmo vislumbre de um horizonte de significado em uma existência limitada, que o mantinha com urgência de atentar as pessoas para o drama de viver. Observamos a mesma problematização, sob formas paradoxais e contraditórias, quando tomava a morte de tudo como componente saudável de transformação ou a tratava como duro exercício traiçoeiro do tempo. Em outros momentos, falando de Deus ou da maneira como seu trabalho era estruturante para sua pessoa, nota-se a manifestação da infinitude que está além do que ele pode se dar. Concluímos que sob a forma da tensão finito/infinito, que não implica que um pólo exclua outro, mas que, ao contrário, coexistam, Lúcio mantém um diálogo íntimo com a vida vida finita e limitada que sempre o lançou a um horizonte maior. Dessa forma apreendida, os fatos de sua vida narrados não foram tomados como isolados, desconexos, mas como uma possibilidade de se conhecer a pessoa Lúcio Cardoso, em unidade. Ao mesmo tempo, enxergar a unidade do escritor nos lança para a unidade do humano, que, manifestada de inúmeras maneiras, indica aspectos universais necessários para a Psicologia que pretenda ser ciência do homem.
Apoio financeiro: CNPq
Palavras-chave: Experiência Elementar, Fenomenologia, Psicologia e Literatura
IC
SOCIAL

EXPERIÊNCIA E SUBJETIVIDADE: INTERFACES ENTRE LUIGI GIUSSANI E CLAUDE ROMANO. *Paulo Coelho Castelo Branco** (Laboratório de Análise de Processos em Subjetividade, Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG),*

Objetiva-se analisar as filosofias de Luigi Giussani e Claude Romano, de modo a entender o paradigma de experiência em que eles inserem-se, e estabelecer suas convergências e divergências. Para discutir tais proposições, fez-se uso da pesquisa de natureza teórica exploratória, focando as teorias da experiência dos aludidos autores. Constatam-se dois paradigmas para se pensar experiência. O primeiro aborda a experiência como um fluxo de permanência e continuidade. Isto permite formular essências que são possíveis de serem captadas pela consciência e permite acessar um conhecimento que transcende a experiência singular. Esse paradigma é adotado por filosofias racionalistas e empiristas que abordam a relação do sujeito com o mundo, enfocando suas vertentes de conhecimento válido. O segundo paradigma entende a experiência como resposta a um acontecimento, que provoca a pessoa e não evoca repetições e acúmulos de vivências. Ainda que incida numa transformação pessoal, esse paradigma não proporciona conhecimento - não por destituir o sujeito do saber, mas por lançá-lo a possibilidade de compreender-se com base nos eventos que lhe acontecem. Giussani e Romano encontram-se nesse último paradigma, que possibilita outra concepção de subjetividade para a primeira vertente, em que a Fenomenologia está inserida. Ao compreender-se pela forma como responde à provocação que um evento apresenta como realidade, a subjetividade deixa de ser fundamento absoluto e origem do sujeito. Tal concepção encontra-se nas premissas de realismo, razoabilidade e moralidade, presentes na concepção de experiência elementar em Giussani, e nos momentos de passibilidade, implicação e singularidade, propostos pela hermenêutica do advenant de Romano. Nesse aspecto, a subjetividade não é anterior ou superior a qualquer realidade que se impõe, e ela não se reporta a isto como sujeito, mas ipsiedade - uma capacidade de se reconhecer no que acontece e singularizar-se em função da própria experiência e não por estruturas subjetivas a prioris e transcendentais. Para ambos os autores: (1) a experiência surge a partir de uma provocação que a realidade manifesta enquanto evento, e de como o afetado é capaz de acolher essa provocação e reconfigurar o seu mundo e a si mesmo; (2) a emergência da subjetividade não está na relação de aquisição epistêmica de conhecimento entre sujeito e mundo, mas situa-se segundo o evento que acompanha a experiência e em como esta acolhe uma provocação da realidade, se confronta com ela e se estabelece diante dela. Entretanto, os filósofos divergem, pois: Giussani, ao se aproximar de um tomismo, entende que há componentes que são elementares a experiência humana, tais como exigências de liberdade, amor e justiça; e, Romano, ao propor uma crítica a eidética husserliana e a ontologia heideggeriana, estabelece que a experiência não demanda condições de possibilidade de estruturas universais, exigências elementares ou do Dasein. Conclui-se que Giussani e Romano, em suas interfaces, possibilitam uma nova pauta para pensar a fenomenologia da experiência, ao descentralizá-la de uma posição de aquisição de conhecimento e subjetivação dominante a realidade. A totalidade é maior que a experiência, contudo esta pode encontrar nas provocações da realidade uma ocasião de subjetivação.

Palavras-chave: Experiência, Fenomenologia, Subjetividade.

D

HIST

A EXPERIÊNCIA ELEMENTAR PELO ROSTO DO OUTRO REFLEXÕES SOBRE O ÉTICO NO PENSAMENTO DE GIUSSANI. *Emanuel Meireles Vieira (Faculdade de Psicologia, Universidade Federal do Pará, Belém, PA),*

Pretende-se discutir a noção de alteridade na concepção de experiência elementar, de Liugi Giussani, a partir da ética da alteridade radical, desenvolvida pelo filósofo franco-lituano Emmanuel Lévinas. Para tanto, procedeu-se pesquisa bibliográfica que englobou tanto os referidos autores quanto comentadores de ambos. O conceito de experiência elementar pode ser definido como ímpeto primeiro através do qual o humano se lança ao mundo e que serve como critério para o julgamento de suas ações no mundo. Este ímpeto, por vezes, é apontado por Giussani como a relação com o infinito, ou seja, com uma alteridade absoluta. Neste sentido, compreende-se que a filosofia de Lévinas pode ser muito útil no aprofundamento do entendimento da constituição da subjetividade pela relação com o infinito, pois, segundo esse autor, a subjetividade se funda com base em uma relação vertical e não-sintética com o absolutamente Outro. Lévinas contrapõe o Outro ao Mesmo, afirmando a ética como filosofia primeira. Assim, ao invés de se ocupar da questão do Ser (ontologia), Lévinas o questiona através da ética. O Outro, para Lévinas, me chama a uma intransferível responsabilidade para consigo. Além disto, ela escapa à totalização empreendida pelo saber moderno e se revela a partir do Infinito revelado por um Rosto não-fenomênico diferença que não pode ser totalizada, nem apreendida através de uma imagem, por exemplo. Giussani, por sua vez, apresenta apontamentos que podem dialogar com a filosofia levinasiana, ao propor que, para se acessar a experiência elementar que constitui o humano como tal são necessárias as premissas do realismo, da razoabilidade e da incidência da moralidade sobre a dinâmica do conhecimento. O realismo é o reconhecimento de que o método de investigação é imposto pelo objeto, de modo que é necessário abrir à sua diferença para conhecê-lo adequadamente. Já a razoabilidade versa acerca da necessidade de uma razão diferente da que habitualmente conhecemos, pois ao invés de reduzir a realidade a elementos fragmentados (atitude corrente na razão moderna), adere-se a ela, de modo a conhecê-la como abertura à sua totalidade. Quanto à incidência da moralidade sobre a dinâmica do conhecimento, trata-se de um amor à verdade maior do que a si mesmo, o que não significa a negação do sentimento no processo de conhecer, mas reconhecê-lo como elemento constituinte deste processo e colocá-lo no devido lugar e, portanto, assumir um posicionamento diante do objeto a ser conhecido. Nas três premissas postuladas por Giussani é possível perceber constante preocupação em não cair numa postura reducionista da realidade, presente na razão moderna, e em não capturá-la de modo totalizante, pois há sempre espaço para uma imposição desta sobre o sujeito que tenta conhecê-la uma abertura à alteridade, segundo a compreensão aqui desenvolvida. Percebeu-se, portanto, neste trabalho, que o pensamento levinasiano pode evocar profícuo diálogo com a concepção de experiência elementar, possibilitando-lhe o fundamento de um ethos para a experiência humana.

Palavras-chave: Experiência Elementar; Subjetividade; Alteridade

P

HIST

UM ESTUDO DE FELICIDADE CLANDESTINA , DE CLARICE LISPECTOR, A PARTIR DA EXPERIÊNCIA ELEMENTAR.

Jenifer Cortes Demeterco (Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR) Miguel Mahfoud (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais),*

A literatura intimista de Clarice Lispector é reconhecida por abordar temáticas marcadamente existenciais e tratar de questões de alcance ontológico para o humano. Ao refletirem a respeito da própria existência, relacionando-a com as experiências, as personagens clariceanas falam de suas vivências. Na análise destas, a psicologia encontra um importante material em que se pode basear para versar a respeito das exigências e evidências humanas que emergem nas experiências cotidianas. Neste trabalho, objetiva-se explicitar as vivências, contidas no

conto Felicidade Clandestina, de Clarice Lispector, que revelem como se estrutura a relação das personagens/sujeitos com o mundo. Para análise do material, é utilizado o instrumento conceitual experiência elementar . Segundo a formulação de Giussani, trata-se de um critério primordial, reconhecido por meio de investigação existencial, e que se constitui em um conjunto de evidências e exigências originárias que guia o posicionamento do ser humano em suas relações. A análise fenomenológica do texto é feita, portanto, a partir da identificação e compreensão de vivências da personagem central inserida no contexto do próprio conto. Apreende-se, como resultado, por meio das experiências da protagonista, a tensão constante vivenciada pela pessoa na busca incessante da unidade de sentimento e razão em vistas à realização pessoal e a vivência da liberdade quando da concretização desse objetivo. O conto, narrado em primeira pessoa, traz a visão da protagonista adulta a respeito daquilo que vivenciara enquanto criança, já que, à época, não compreendia as situações pelas quais passava. A garota que protagoniza a história ansia por tomar emprestado de uma colega um livro de Monteiro Lobato, mas sofre duras penas até consegui-lo. Sem reconhecer as próprias exigências, a menina permite que a outra lhe cause a dor de limitar o acesso ao que, para ela, representava um horizonte totalizante. A garota vive, então, uma dor fundante que remete à sua Experiência Elementar. É a exigência de bem diante do que, para ela, é uma evidência de mal. A realidade, entretanto, ao provocar esse desejo na menina, coloca-a em movimento. Diante de um acontecimento, entretanto, há um desconcerto que permite que tudo se reorganize. A mãe da garota que se negava a emprestar o livro faz a experiência da razoabilidade, dando-se conta do comportamento da filha. Obriga-a, então, a emprestar o livro. Com ele em mãos, a protagonista vive, ao mesmo tempo, um maravilhamento e uma experiência de liberdade, já que lhe é permitido, por meio do encontro com o livro, afirmar o próprio ser. Nessa experiência, emerge o que é essencialmente humano - a menina, então adulta, compara a relação com o objeto livro ao mesmo sentimento que tem a mulher com seu amante. Conclui-se que, embora se trate de uma obra de ficção, o material literário mostra-se rico em exemplificar as relações da pessoa com as próprias vivências. Além disso, demonstra a necessidade de o homem revisitar constantemente a sua situação no mundo, a fim de reconhecer as exigências que o constituem, podendo assumir, assim, a responsabilidade pela própria existência e viver a experiência de liberdade.

Palavras-chave: Literatura, Experiência Elementar, Fenomenologia.

Outro

SOCIAL

MARKETING INFANTIL E EXPERIÊNCIAS DE CONSUMO: EXPERIÊNCIA ELEMENTAR E ENCONTRO. *Carmen Silvia Porto Brunialti Justo** e Marina Massimi (Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP),*

A presente pesquisa está no âmbito temático da relação entre Marketing Infantil e Psicologia. Esta pesquisa teórica tem por objetivo responder à questão como as crianças fazem experiências de encontro a partir de produtos mercadológicos infantis? tomada pelo aporte de dois conceitos fundamentais: o de Experiência Elementar proposto por Luigi Giussani e o de Encontro sistematizado por Romano Guardini. Ambos discutem - dentro de suas respectivas abordagens - a experiência do encontro com o real e particularmente com o outro como constitutivo da pessoa. Giussani tematiza a abertura do sujeito para o encontro examinando as modalidades de reação diante da realidade social que lhe são impostas. Guardini analisa a experiência do encontro com a alteridade como fundamental por guardar em si a possibilidade de interação e reciprocidade. Foram abordados os temas motivação e consumo, especificamente do público infantil. Analisarem-se tanto o impacto negativo que o marketing

pode vir a exercer em crianças bem como estratégias para envolvê-las mediante produtos e serviços. Discutiram-se os problemas gerados pela exposição desse público a peças publicitárias que estimulam a erotização precoce. A criança, ao se encantar com objetos de consumo estampados em peças publicitárias, entra em relação com um outro podendo vir a estabelecer vínculo de caráter emocional. Estabelecer relações entre os conceitos de Experiência Elementar e de Encontro e consumo infantil resulta útil para identificar nos desejos e exigências constitutivas o elemento propriamente humano no consumidor infantil, enquanto sujeito do ato de consumir. Conclui-se que o público infantil em sua característica abertura para o real enquanto movimento de descobertas tende a assimilar com interesse os produtos tendo efeitos estruturais em seu processo de formação. Esses encontros podem vir a impactar o seu dia a dia e podem ser significativos para seu processo de formação. O caso específico da erotização precoce é particularmente importante, em que o impacto se apresenta em todas as dimensões da pessoa: corpórea, psíquica, relacional, espiritual. As implicações psicológicas no público infantil estão ligadas ao fenômeno chamado de encurtamento da infância . Conclui-se que a abordagem da antropologia filosófica daqueles dois autores de referência da presente pesquisa possibilita uma nova forma de se analisar e discutir as implicações psicológicas do Marketing Infatil.

Palavras-chave: experiência elementar; psicologia; marketing

M

SOCIAL

Sessão Coordenada: **Família, Vínculos e Contemporaneidade**

A contemporaneidade tem propiciado o surgimento de novas configurações familiares e o estabelecimento de diferentes tipos de vinculação amorosa, dissociados do modelo tradicional de família. Considerando-se a importância destes modelos na constituição subjetiva dos indivíduos, torna-se importante a produção de conhecimentos acerca dos diferentes padrões de vinculação. Nesta sessão coordenada, o tema família e seus vínculos serão abordados, sob diferentes perspectivas, considerando-se desde o estabelecimento de vínculos amorosos duradouros, até o fenômeno dos vínculos sem compromisso. Perpassando os vínculos conjugais estabelecidos na interface do parental e a concepção de família adotada pelos técnicos do judiciário no processo de adoção.
Psicologia da Família e da Comunidade

CONJUGALIDADE E PARENTALIDADE INTERDEPENDENTES: SUAS RELAÇÕES COM MODELO GERACIONAL. *Laura Fernandes Merli (Universidade de São Paulo); Isabel Cristina Gomes (Universidade de São Paulo),*
Neste trabalho, o conceito vínculo é utilizado referindo-se à condição de ligação de pelo menos duas estruturas distintas, ou seja, dois egos inteiros. O contato com o outro ativa em cada sujeito alguns funcionamentos e conteúdos conscientes e inconscientes, o outro é ao mesmo tempo lugar e realização dos desejos primitivos. Considerando-se o vínculo conjugal, complexos familiares e imagos parentais estão envolvidos e são reeditados no encontro com o outro. Com a contemporaneidade e a evolução do feminismo, surgiram novas possibilidades de vinculações, incluindo a vivência de uma parentalidade dissociada da conjugalidade. Aqui enfatiza-se compreender o estabelecimento do vínculo conjugal a partir de uma gravidez, tendo-se como base uma pesquisa de Mestrado, que objetivou investigar a influência da parentalidade precoce no estabelecimento e manutenção da conjugalidade, bem como, a influência da transmissão transgeracional nesta forma de vinculação. A amostra foi constituída por quatro casais na faixa etária dos 25 aos 35 anos, que estavam casados legalmente ou vivendo juntos por um período mínimo de três e máximo de oito anos, sendo estas relações precedidas e determinadas pela concepção do primogênito. A metodologia aplicada foi da pesquisa clínico-qualitativa, os dados foram coletados através de entrevistas gravadas, utilizando-se um roteiro de entrevista semiaberta, que abordou questões sobre a dinâmica conjugal, histórico da família nuclear e de origem de cada um dos cônjuges. Apresentaremos os resultados parciais da pesquisa, analisando-os a partir do referencial psicanalítico, mais especificamente da psicanálise de família e casal, buscando contribuir para a construção de conhecimento na área. Dos casais entrevistados, o período entre o início do relacionamento e a descoberta da gravidez varia de três meses à um ano e nove meses. Diante da notícia da gravidez, todos enfrentam um momento conturbado, incluindo discussões com a família de origem, entretanto, optam pela construção de um vínculo familiar. O início da conjugalidade é marcado por conflitos, incluindo interferência das famílias de origem, discussões freqüentes a respeito dos valores e do futuro da relação; e reclamações por parte das figuras femininas do não comprometimento da(s) figura(s) masculina(s) na construção do grupo familiar. Os casamentos são perpassados por separações e suspeitas de traições, todas elas reavaliadas em função dos filhos, atentando para influência desta gravidez na continuidade do vínculo conjugal. Os casais relatam interferências das famílias de origem na estruturação e manutenção da dinâmica conjugal e familiar, demonstrando muitas vezes a necessidade de inserção de terceiros na manutenção do vínculo do casal. A respeito da transmissão geracional, os casais referem semelhanças em relação às famílias de origem na atuação de cada um dentro do vínculo conjugal e na construção da história familiar. Observou-se uma identidade conjugal enfraquecida, em detrimento do exercício da função parental, levando à inserção de terceiros como mediadores desse vínculo. Desta forma, concluímos a presença de

dificuldades na construção e vivência de uma conjugalidade plena e independente da parentalidade, bem como, forte influência do modelo geracional tradicional na estruturação e continuidade do vínculo conjugal.

AS HERANÇAS PSÍQUICAS E A CONSTIUIÇÃO DO VÍNCULO CONJUGAL. *Maria Lucia de Souza Campos Paiva (Universidade Presbiteriana Mackenzie),*
Na contemporaneidade, mulheres e homens têm estabelecido diversos tipos de vínculos amorosos. Já não podemos dizer que existe um modelo único de casamento e família, tampouco fazer previsões a respeito da durabilidade de uma relação matrimonial. Durante muitos anos, os estudos acadêmicos focaram a questão do rompimento do vínculo conjugal, dando pouca relevância aos casamentos duradouros. Este trabalho pretende apresentar os resultados da pesquisa de doutorado realizada por Paiva que versa a respeito dos casais que permanecem casados por muitos anos e a formação do laço conjugal. Assim sendo, o objetivo geral da tese foi estudar a transmissão psíquica entre as gerações e a interferência da mesma na constituição e manutenção do vínculo conjugal. Pretendemos entender as influências que os casais receberam das famílias de origem e como elas interferiram na possibilidade de o casal desenvolver uma identidade conjugal própria, enfocando tanto as influências conscientes como as inconscientes. Utilizamos a psicanálise como referencial teórico, mais precisamente as formulações teóricas de René Kaës a respeito da transmissão psíquica e o peso que o Negativo assume neste processo. Abordamos, então, o mecanismo de transmissão psíquica intergeracional e transgeracional na formação e manutenção do vínculo conjugal. O método utilizado foi o clínico-qualitativo, proposto por Turato. A pesquisa foi realizada com dois casais casados entre vinte e trinta anos; com filhos ainda morando com os pais; e que o casal não estivesse em processo terapêutico. A coleta de dados foi feita por meio de entrevista semi-aberta, com os dois em conjunto, e pela aplicação das pranchas 2, 4, 7RH, 7MF, 19 e 16 do Teste de Apercepção Temática, com cada cônjuge, separadamente. O Teste de Apercepção Temática foi usado enquanto um objeto mediador que favorece a associação livre. Entendemos que o uso do TAT serviu como uma via de acesso às formações psíquicas intermediárias, que ligam o afeto à representação de palavra. Com base no material coletado, evidenciamos a presença do declínio do masculino nas várias gerações das famílias de origem desses casais e apontamos para a transmissão psíquica transgeracional da fragilidade masculina. As principais conclusões indicam que as heranças psíquicas transgeracionais foram determinantes na constituição do vínculo conjugal para esses casais pesquisados e dificultaram o estabelecimento de uma identidade conjugal e familiar própria. Apesar dos casais almejarem viver um vínculo diferente dos vividos em suas famílias de origem, encontraram dificuldade em tal processo, pois não conseguiram elaborar e se apropriar das heranças transgeracionais recebidas.

VÍNCULOS SEM COMPROMISSO COMO EFEITO DAS CONDIÇÕES DE EXISTÊNCIA CONTEMPORÂNEAS E DA HERANÇA PSÍQUICA GERACIONAL. *Sandra Aparecida Serra Zanetti (Universidade de São Paulo); Isabel Cristina Gomes (Universidade de São Paulo),*
Transformações socioculturais são uma importante fonte de influência para a formação das novas configurações familiares e dos vínculos, de modo geral. Fenômenos contemporâneos como o narcisismo exacerbado e o consumismo fazem alguns autores se questionarem a respeito, por exemplo, da estabilidade e da permanência com que são formados os vínculos na atualidade. Contudo, o papel da transmissão psíquica geracional desempenha também forte influência sobre estas configurações. De acordo com a psicanálise vincular, somos sujeitos da herança , o que faz de cada indivíduo um elo de ligação em sua cadeia geracional, entre aquele que o precede e aquele que o descende, e destas ligações uma malha psíquica intersubjetiva. Pensando nestes dois polos de influência, o objetivo deste trabalho é

compreender a construção subjetiva de adultos que optam por não se vincular amorosamente de maneira compromissada em meio às condições contemporâneas de existência e a herança psíquica familiar. Partindo de um referencial clínico-qualitativo de pesquisa, foram realizadas entrevistas semidirigidas com dois participantes, um de cada sexo, com a idade entre 25 e 35 anos, provenientes da classe média da população, que não tivessem tido nenhum tipo de vínculo amoroso compromissado por pelo menos um ano e nem desejassem ter; e que não tivessem filhos. O material coletado foi transcrito e analisado visando uma interpretação psicanalítica profunda de cada caso, privilegiando aspectos da herança psíquica geracional e das características da subjetividade oriundas das condições de existências contemporâneas (como o fenômeno do narcisismo e do consumismo), que culminassem na opção por permanecer sem um vínculo amoroso compromissado. Os resultados apontam para construções subjetivas perpassadas pelas características do narcisismo: ambos mostram-se altamente preocupados com o próprio bem-estar e pouco predispostos a conciliar seus hábitos de vida com o de mais ninguém. Possuem como principal objetivo de vida o desenvolvimento profissional; passeiam; viajam; divertem-se; têm vínculos amorosos esporádicos e sem compromisso. Com relação à herança psíquica, é claro o modo como tais construções subjetivas estão ligadas a aspectos conscientes e inconscientes advindos de material psíquico herdado. No caso de nosso entrevistado, dentre outros aspectos, segue o modelo geracional do pai que casou-se com a mãe quando tinha 40 anos e ela, 23. Logo, sente que tem bastante tempo ainda para construir um possível vínculo compromissado. No caso da entrevistada, o luto pela separação dos pais quando era pequena permanece sem elaboração e ela não pretende repetir o mesmo erro dos pais, avós e bisavós, apaixonando-se, pois, segundo ela, ninguém em sua família teve um bom casamento. Concluindo, os resultados demonstram que, se por um lado esse fenômeno atrela-se às características da contemporaneidade podendo dificultar a construção de vínculos estáveis, sofre também a influência do legado geracional, pois juntos resultam numa construção subjetiva que traz à tona o desejo pelo vínculo amoroso sem compromisso.

A FAMÍLIA ADOTIVA E OS TÉCNICOS JUDICIÁRIOS PSICÓLOGOS. *Rosilene Ribeiro de Oliveira(Universidade de São Paulo); Isabel Cristina Gomes (Universidade de São Paulo),*
A família é um tema amplo e complexo somado á diversas transformações que vêm ocorrendo e suas diferentes configurações presente na história da sociedade e de indivíduos, tanto como objeto de análise social, antropológica, histórica e psicológica. Na área da Psicologia e Psicanálise, a família tem fundamental importância na constituição do sujeito, no que diz respeito à construção de sua identidade, por meio dos sentimentos de pertença e diferença enquanto indivíduo. Escolheu-se conhecer como acontece à intervenção do Psicólogo Judiciário no processo de adoção, tanto sob o ponto de vista da criança ou adolescente quanto da sua futura família. Desta forma, este projeto de pesquisa objetiva refletir sobre a prática destes profissionais acerca do tema família no processo de adoção. A metodologia aplicada refere-se à pesquisa clínico-qualitativa, onde os sentidos e as significações dos fenômenos são o foco principal do pesquisador. A amostragem é formada por profissionais (em número de 6) Técnicos Judiciários, Psicólogos das Varas da Infância e da Juventude que atuam nos casos de adoção, sem distinção de gênero, idade e tempo mínimo de trabalho na área. Atuantes no Estado, Cidade e Zonas Centro - Leste de São Paulo. A pesquisa esta em andamento. Os contatos iniciais com tais profissionais aconteceram por telefone. A participação dos colaboradores foi voluntária após conhecimento do teor da pesquisa e assinatura do Termo de Consentimento. Os dados foram coletados através de entrevistas semi-dirigidas, previamente autorizadas, que foram gravadas e vem sendo transcritas para maior fidedignidade das informações colhidas. Foram realizados no máximo dois encontros com duração de duas horas cada, em um local previamente escolhido pelo entrevistado(a). A análise dos dados vem sendo

feita a partir de referenciais psicanalíticos, de forma qualitativa. Todos os psicólogos entrevistados declararam serem trabalhosas as avaliações realizadas em processo de adoção, uma vez que se reconhecem como quem da assistência, seleciona, não somente no sentido de decidir sobre a aptidão ou não do pretendente a adoção, mas, também aquele(a) que intermedia um procedimento burocrático que interfere na história que esta realidade oferece (candidatos a pais e filhos). As profissionais com menor tempo de serviço mostram-se mais propensas às concepções que levam em conta os novos arranjos familiares. Já os profissionais com mais de dez anos de atuação no serviço judiciário, demonstram que suas intervenções passam por reformulações mediante as novas concepções de família. Aos novos arranjos familiares são geralmente direcionados como possibilidade a adoção de crianças maiores ou grupo de irmãos. Nenhuma das profissionais entrevistadas acompanhou adoção homoparental.

Sessão Coordenada: **Fundamentos fenomenológicos de Edith Stein para a Humanização do cuidado: saúde, educação e gestão**

Esta sessão coordenada vida apresentar os trabalhos científicos realizados por profissionais da área da psicologia, da educação e gestão, que utilizam como embasamento teórico a fenomenologia da filósofa alemã Edith Stein para a formação do psicólogo, do educador e do gestor. A Professora Joelma Ana Espíndula (Centro de Educação da Universidade Federal de Roraima, Boa Vista) mostra como se dá o processo de humanização no atendimento hospitalar e em saúde a paciente e seus familiares, ao discutir a subjetividade e crenças religiosas e espirituais. No atendimento o psicólogo tem uma visão ampla da pessoa, em seus aspectos físicos, psíquicos, sociais e espirituais, e da reinserção à sociedade. Os resultados mostram que para os profissionais que interagem com pessoas que sofrem de doenças crônicas, como o câncer, a angústia se faz presente no momento do atendimento, e se não assimilado e avaliado em sua globalidade, pode ocorrer a despersonalização do atendimento ao paciente e de sua família, criando distanciamento, estresse e mais sofrimento para ambos. * A doutoranda Magna Celi Mendes da Rocha (Programa de Educação: Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) discorre sobre a educação no ambiente hospitalar como educação inclusiva, que visa dar continuidade ao processo de desenvolvimento e aprendizagem de alunos que ficariam excluídos da escola. As bases do pensamento de Edith Stein servem como suporte para a educação inclusiva. O olhar fenomenológico sobre o aluno em tratamento permite ao professor enxergar não só as limitações físicas, mas o potencial e as possibilidades de aprendizagem do aluno. O estudo da empatia de Edith Stein nos permite reconhecer o outro como semelhante, de forma a partilhar sua interioridade, esse conceito é importante para pensar criticamente a educação no ambiente hospitalar, uma vez que o professor que lida com situação-limite deve ter uma identificação com seu aluno e um reconhecimento de sua individualidade. * A mestre Suzana Filizola Brasiliense Carneiro e a Profa Heloisa Szymanski (Programa de Educação: Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) apresentam um relato sobre a articulação entre escola e comunidade local em diálogo com a fenomenologia de Edith Stein e com a discussão da relação entre sociedade e comunidade. Stein estuda os agrupamentos humanos a partir da qualidade das relações entre as pessoas, sendo a comunidade compreendida por relações de abertura, reciprocidade e mútua responsabilidade. Assim, a escola e a classe escolar são compreendidas como uma sociedade, onde o desafio para gestores e educadores visa oferecer um ambiente que propicie o estabelecimento e a manutenção de relações comunitárias, fundamentais para o desenvolvimento da pessoa. As autoras mostram como humanizar a escola e fortalecer o papel educativo da comunidade local. * O doutor José Mario Brasiliense Carneiro e Mônica Ulson Brandão Teixeira (Oficina Municipal Escola de Cidadania e Gestão Pública, São Paulo SP) apresentam uma pesquisa participativa sobre um programa de formação de gestores da educação que se realiza em um consórcio intermunicipal. De acordo com Edith Stein, o processo formativo acontece a partir de vivências comunitárias. O desenvolvimento pessoal depende de um ambiente comunitário que se desenvolva a partir do crescimento pessoal de seus membros. Com base nesta visão fenomenológica buscam motivar os participantes à construção de relações comunitárias resgatando a dimensão cidadã e conscientizando os gestores de sua pertença à comunidade local em que se inserem a partir da valorização de sua história e cultura. Tal trabalho de formação procura integrar as dimensões pessoal, cívica e de gestor. Esta experiência pode ser transposta para a área da saúde e da assistência social. * A Dra Nara Helena Lopes Pereira da Silva e Profa Cármen Lúcia Cardoso (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto-Universidade de São Paulo) apresentam um estudo sobre o cuidado humanizado na atuação do psicólogo na atenção primária à saúde, com fundamentação teórica na fenomenologia de

Edith Stein em prol de um diálogo ampliado e interdisciplinar. O estudo busca compreender as vivências singulares e coletivas do ser humano. Os estudos de Edith Stein oferecem fundamentações rigorosas acerca da estrutura humana, legitimando o respeito às singularidades e a vivência comunitária como potencialidades centrais ao desenvolvimento humano. O estudo propõe uma ponte entre filosofia, antropologia e práticas em saúde mental na atenção primária. A análise do material procurou problematizar três aspectos: a vivência comunitária como potencialidade presente na Estratégia Saúde da Família (ESF); a equipe enquanto possibilidade de uma experiência comunitária; e, a ESF enquanto representante de uma comunidade Estatal. Ressalta-se a necessidade de uma abordagem que legitime a dupla face do ser humano nos aspectos de individualidade e comunidade, superando as lógicas individualistas, assistencialistas e dicotômicas. A tese busca evidenciar a importância de uma fundamentação filosófica acerca do que é o ser humano e da potencia de um diálogo rigoroso entre Fenomenologia, Antropologia e Psicologia, destacando a relevância de uma formação interdisciplinar e a necessidade de uma formação que possibilite uma compreensão integral do cuidado humano. Assim mostraremos a potencialidade dos estudos dos fundamentos fenomenológicos de Edith Stein para a humanização do cuidado em saúde, na educação e na psicologia.
Formação em Psicologia

Fundamentos fenomenológicos de Edith Stein para a Humanização do cuidado: saúde, educação e gestão. *Andrés Eduardo Aguirre Antúnez/Universidade de São Paulo,*
Esta sessão coordenada vida apresentar os trabalhos científicos realizados por profissionais da área da psicologia, da educação e gestão, que utilizam como embasamento teórico a fenomenologia da filósofa alemã Edith Stein para a formação do psicólogo, do educador e do gestor. A Professora Joelma Ana Espíndula (Centro de Educação da Universidade Federal de Roraima, Boa Vista) mostra como se dá o processo de humanização no atendimento hospitalar e em saúde a paciente e seus familiares, ao discutir a subjetividade e crenças religiosas e espirituais. No atendimento o psicólogo tem uma visão ampla da pessoa, em seus aspectos físicos, psíquicos, sociais e espirituais, e da reinserção à sociedade. Os resultados mostram que para os profissionais que interagem com pessoas que sofrem de doenças crônicas, como o câncer, a angústia se faz presente no momento do atendimento, e se não assimilado e avaliado em sua globalidade, pode ocorrer a despersonalização do atendimento ao paciente e de sua família, criando distanciamento, estresse e mais sofrimento para ambos. * A doutoranda Magna Celi Mendes da Rocha (Programa de Educação: Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) discorre sobre a educação no ambiente hospitalar como educação inclusiva, que visa dar continuidade ao processo de desenvolvimento e aprendizagem de alunos que ficariam excluídos da escola. As bases do pensamento de Edith Stein servem como suporte para a educação inclusiva. O olhar fenomenológico sobre o aluno em tratamento permite ao professor enxergar não só as limitações físicas, mas o potencial e as possibilidades de aprendizagem do aluno. O estudo da empatia de Edith Stein nos permite reconhecer o outro como semelhante, de forma a partilhar sua interioridade, esse conceito é importante para pensar criticamente a educação no ambiente hospitalar, uma vez que o professor que lida com situação-limite deve ter uma identificação com seu aluno e um reconhecimento de sua individualidade. * A mestre Suzana Filizola Brasiliense Carneiro e a Profa Heloisa Szymanski (Programa de Educação: Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) apresentam um relato sobre a articulação entre escola e comunidade local em diálogo com a fenomenologia de Edith Stein e com a discussão da relação entre sociedade e comunidade. Stein estuda os agrupamentos humanos a partir da qualidade das relações entre as pessoas, sendo a comunidade compreendida por relações de abertura, reciprocidade e mútua responsabilidade. Assim, a

escola e a classe escolar são compreendidas como uma sociedade, onde o desafio para gestores e educadores visa oferecer um ambiente que propicie o estabelecimento e a manutenção de relações comunitárias, fundamentais para o desenvolvimento da pessoa. As autoras mostram como humanizar a escola e fortalecer o papel educativo da comunidade local. * O doutor José Mario Brasiliense Carneiro e Mônica Ulson Brandão Teixeira (Oficina Municipal Escola de Cidadania e Gestão Pública, São Paulo SP) apresentam uma pesquisa participativa sobre um programa de formação de gestores da educação que se realiza em um consórcio intermunicipal. De acordo com Edith Stein, o processo formativo acontece a partir de vivências comunitárias. O desenvolvimento pessoal depende de um ambiente comunitário que se desenvolva a partir do crescimento pessoal de seus membros. Com base nesta visão fenomenológica buscam motivar os participantes à construção de relações comunitárias resgatando a dimensão cidadã e conscientizando os gestores de sua pertença à comunidade local em que se inserem a partir da valorização de sua história e cultura. Tal trabalho de formação procura integrar as dimensões pessoal, cívica e de gestor. Esta experiência pode ser transposta para a área da saúde e da assistência social. * A Dra Nara Helena Lopes Pereira da Silva e Profa Cármen Lúcia Cardoso (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto-Universidade de São Paulo) apresentam um estudo sobre o cuidado humanizado na atuação do psicólogo na atenção primária à saúde, com fundamentação teórica na fenomenologia de Edith Stein em prol de um diálogo ampliado e interdisciplinar. O estudo busca compreender as vivências singulares e coletivas do ser humano. Os estudos de Edith Stein oferecem fundamentações rigorosas acerca da estrutura humana, legitimando o respeito às singularidades e a vivência comunitária como potencialidades centrais ao desenvolvimento humano. O estudo propõe uma ponte entre filosofia, antropologia e práticas em saúde mental na atenção primária. A análise do material procurou problematizar três aspectos: a vivência comunitária como potencialidade presente na Estratégia Saúde da Família (ESF); a equipe enquanto possibilidade de uma experiência comunitária; e, a ESF enquanto representante de uma comunidade Estatal. Ressalta-se a necessidade de uma abordagem que legitime a dupla face do ser humano nos aspectos de individualidade e comunidade, superando as lógicas individualistas, assistencialistas e dicotômicas. A tese busca evidenciar a importância de uma fundamentação filosófica acerca do que é o ser humano e da potencia de um diálogo rigoroso entre Fenomenologia, Antropologia e Psicologia, destacando a relevância de uma formação interdisciplinar e a necessidade de uma formação que possibilite uma compreensão integral do cuidado humano. Assim mostraremos a potencialidade dos estudos dos fundamentos fenomenológicos de Edith Stein para a humanização do cuidado em saúde, na educação e na psicologia.

A HUMANIZAÇÃO NO ATENDIMENTO NA SAÚDE: UMA COMPREENSÃO DA FENOMENOLOGIA DE EDITH STEIN. *Joelma Ana Espíndula (Centro de Educação da Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR),*

Este trabalho visa proporcionar reflexões para o processo de humanização do atendimento em saúde coletiva. O estudo baseia-se em dados de pesquisas realizadas em hospitais-escola de Ribeirão Preto e que tratam do atendimento de profissionais da área da saúde, pacientes e família. Neste sentido, discute-se a questão da subjetividade de crenças nos eixos, religiosidade e espiritualidade. É necessário pensar em novas direções de atendimento a partir da realidade dos usuários e das novas tecnologias de trabalho e gestão, que apontem à humanização e ao empenho com a vida das pessoas. A humanização hospitalar precisa abranger toda a equipe multiprofissional, trazendo para o atendimento uma visão ampla da pessoa, nos aspectos físicos, psíquicos, sociais e espirituais, sem restrição da avaliação. O papel do profissional é favorecer a promoção à vida, o restabelecimento do equilíbrio físico e psicossocial e a reinserção da pessoa à sociedade. Como suporte metodológico adotou-se a

fundamentação fenomenológica de Edith Stein, que favorece o aspecto subjetivo e intersubjetivo do fenômeno estudado. Esta abordagem se apresenta como recurso apropriado para pesquisar as vivências, tais como percepção, memória, reflexão e decisão; também possibilita ampliar a compreensão em relação ao fenômeno vivido. As pesquisas foram avaliadas e aprovadas pelo Comitê de Ética da Universidade de São Paulo. Para obter o material discursivo, foram realizadas entrevistas abertas. Os resultados mostraram que para os profissionais que interagem com pessoas que sofrem de doenças crônicas, principalmente daquelas que sofrem de câncer, a angústia se faz muito presente no momento do atendimento, e se não assimilado e avaliado em sua globalidade, pode ocorrer a despersonalização do atendimento ao paciente e a sua família, criando distanciamento, estresse e mais sofrimento para ambos. Contudo, a razão de uma visão parcial do profissional em saúde decorre essencialmente das estruturas fragmentadas e hierarquizadas que se apresenta na maneira naturalista e pragmática de perceber as coisas, sendo que isso parece influenciar o pensamento científico que predomina na mentalidade dos profissionais de nossa cultura. Diante disso, mostra a importância da humanização desses centros a partir do desafio de superar a tentação tecnológica , isto é, do esforço de \"enxergar\" o paciente apenas por partes. Deve-se buscar reunir os fragmentos e compor novamente o \"todo\" dessa pessoa e reformular a relação médico/paciente, psicólogo/paciente.
Palavras-chave: humanização da assistência; saúde; psicólogo
Pesquisador - P
FORM Formação em Psicologia

CLASSES HOSPITALARES E A FENOMENOLOGIA DE EDITH STEIN: ENCONTRO POSSÍVEL.
Magna Celi Mendes da Rocha (Programa de Educação: Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo São Paulo - SP),
A temática classes hospitalares, no Brasil, tem sido olhada de modo mais atencioso a partir da década de 1990, que foi marcada pela intensificação das propostas de democratização do ensino, acessibilidade e inclusão. As discussões sobre uma educação de qualidade para todos, independente de condição social, cultural ou biológica se intensificaram. Tal concepção tem seu impulso, em princípio, com a Declaração de Salamanca, em 1994, mas, torna-se mais expressiva ainda, em 1996, com a promulgação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Lei Nº 9394/96, ao deixar claro que se deverá ofertar a todos os educandos portadores de necessidades especiais atendimento educacional. Crianças e jovens internados, que estejam impossibilitados de frequentar a escola, por questão de tratamento médico, são considerados portadores de necessidades especiais e é assegurado por lei o atendimento educacional, no ambiente hospitalar. Crianças com problemas cardíacos, oncológicos, hepáticos, renais, entre outros são prejudicadas em seu rendimento escolar devido ao longo tempo que permanecem no ambiente hospitalar, quer seja internadas, quer seja em consultas e tratamentos prolongados. Esse fato por si já justifica a grande importância da existência das classes hospitalares, com currículos flexibilizados, para que o suporte escolar às crianças em tratamento seja garantido, favorecendo seu retorno ao ambiente escolar regular, logo que possível. Falar em educação no ambiente hospitalar é falar de educação inclusiva, pois visa dar continuidade ao processo de desenvolvimento e aprendizagem de alunos que, de outra forma, ficariam excluídos da escola. Em busca de fundamentos teóricos para pensar a Educação Inclusiva, encontramos em Edith Stein (1891-1942) filósofa fenomenóloga alemã, elementos para discutir e favorecer práticas inclusivas, sobretudo no tocante a seus estudos sobre a pessoa humana e seu itinerário formativo. Edith Stein, em seus estudos sobre as ciências humanas, estabelece interligações entre a filosofia, a psicologia, a história, a sociologia, a religião e a fenomenologia. Embora na obra de Edith Stein não tenha nenhuma referência ao

que hoje chamamos inclusão, as bases de seu pensamento são coerentes e servem como suporte para pensarmos o que hoje chamamos educação inclusiva. No caso específico das classes hospitalares, o olhar fenomenológico sobre o aluno em tratamento é fundamental, pois permite ao professor enxergar além de todas as limitações físicas, o potencial e as possibilidades de aprendizagem do seu aluno, ainda que enfermo. Uma das contribuições de Edith Stein é seu estudo sobre uma vivência particular, que é a empatia. A empatia, para ela, nos permite reconhecer o outro como semelhante, como humano, não apenas fisicamente, mas de forma a partilhar sua interioridade, sendo, porém, um alter ego. Acreditamos ser esse um conceito importante para pensar a educação no ambiente hospitalar, uma vez que o professor que lida com situação-limite deve ter uma identificação com seu aluno, que lhe é semelhante, mas um reconhecimento também de sua individualidade, para um distanciamento saudável das suas vivências.

Capes
Palavras-Chaves: classe hospitalar; Edith Stein; fenomenologia
Doutorado D
FORM Formação em Psicologia

O PAPEL DOS GESTORES NA ARTICULAÇÃO DA ESCOLA COM A COMUNIDADE LOCAL: POSSIBILIDADES E DESAFIOS. *Suzana Filizola Brasiliense Carneiro**; Heloisa Szymanski (Programa de Educação: Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo São Paulo- SP),*

Este relato é o recorte de uma pesquisa de mestrado realizada em uma escola pública da periferia de São Paulo que buscou investigar a articulação entre escola e comunidade local. Discutiremos o papel dos gestores nos projetos que integram a comunidade a partir de relatos do diretor e da coordenadora pedagógica da escola. Faremos isso em diálogo com a fenomenologia de Edith Stein e com a discussão que esta autora realiza a respeito da relação entre sociedade e comunidade. Stein estuda os agrupamentos humanos a partir da qualidade das relações entre as pessoas. Uma comunidade é compreendida por relações de abertura, reciprocidade e mútua responsabilidade. A vivência comunitária respeita e valoriza a singularidade de seus membros, unidos não pela uniformidade no sentir ou no agir, mas por um sentido comum em torno do qual se relacionam. A sociedade por sua vez, existe em função das pessoas e da vida comunitária na qual estão inseridas. Sua estrutura legal possui a função de proteger a vida comunitária gerada autonomamente. Neste contexto, a autora compreende a escola e a classe escolar como uma sociedade onde o desafio para gestores e educadores é oferecer um ambiente que propicie o estabelecimento e a manutenção de relações comunitárias, fundamentais para o desenvolvimento da pessoa. Ao nosso ver, esta concepção se aproxima da visão da equipe gestora da escola em discussão. De acordo com relato do diretor, as ações da instituição escolar estão pautadas, dentre outros princípios, pela promoção do diálogo, atitude reflexiva, respeito mútuo, participação, saber ouvir, falar e agir, pela diversidade e pelo fortalecimento de valores humanizadores. Em concordância com a visão de Torres, para quem a escola é parte da comunidade local, deve-se a ela e existe em função dela; a equipe gestora acreditava na aproximação com os moradores do entorno como um caminho para humanizar a educação. Tal aproximação foi possível e sustentada em grande parte, pela adesão do diretor ao projeto. Retomando a noção de sociedade e comunidade de Stein, o diretor possuía um papel de liderança na estrutura da sociedade escola e de intermediador entre a sociedade a qual lidera e a comunidade do entorno, e buscou integrar os dois ambientes de forma que o encontro favorecesse a ambos; humanizando a escola e fortalecendo o papel educativo da comunidade local. Ao relatar sua experiência em projetos com a comunidade local, ele percebia uma estrutura escolar muitas vezes rígida e estressante,

que dificultava a prática de ações inovadoras como esta, que exigem tempo de reflexão e diálogo para acontecer. Por outro lado, compreendia que abrir as portas da escola trazia riquezas, mas também conflitos de valores entre os dois ambientes. Neste caso, caberia aos gestores zelar para que os projetos acontecessem em consonância com os princípios do ambiente escolar, tarefa complexa que a os seu ver, exigia de gestores e educadores abertura para uma formação continuada que permitisse alinhar os a riqueza da comunidade ao projeto pedagógico da escola.

CNPq
Palavras-chave: gestão escolar; Edith Stein; relação escola e comunidade
Mestrado M
FORM Formação em Psicologia

A FORMAÇÃO DE GESTORES DA EDUCAÇÃO EM UM CONSÓRCIO INTERMUNICIPAL FUNDADA NO CONCEITO DE COMUNIDADE DE EDITH STEIN. *José Mario Brasiliense Carneiro; Mônica Ulson Brandão Teixeira (Oficina Municipal Escola de Cidadania e Gestão Pública, São Paulo SP)*

,

Este é o resumo de uma pesquisa participativa sobre um programa de formação de gestores da educação que se realiza em um consórcio intermunicipal. Trata-se de um trabalho inovador na medida em que, de acordo com Edith Stein, compreende que o processo formativo acontece a partir de vivências comunitárias. Para autora, existe uma interdependência ontológica entre pessoa e comunidade: o desenvolvimento pessoal depende de um ambiente comunitário ao mesmo tempo que a comunidade se desenvolve a partir do crescimento pessoal de seus membros. Com base nesta visão fenomenológica este programa busca motivar os participantes à construção de relações comunitárias em três dimensões. Primeiramente resgatando a dimensão cidadã e conscientizando os gestores de sua pertença à comunidade local em que se inserem a partir da valorização de sua história e cultura. A conscientização cidadã é o ponto de partida para que as pessoas assumam a função político-administrativa com clareza sobre o papel sustentador da vida comunitária a qual pertencem. Um exemplo desta necessidade de aproximar cidadania e gestão é o relato de participantes que sentem uma nostalgia do contato com a comunidade e gostariam de voltar à sala de aula. Sentem-se insatisfeitas no seu papel profissional que, muitas vezes, é assumido com base na ilusão do poder sem uma ressonância interna com o projeto pessoal mais profundo. Dar-se conta desta insatisfação é importante para este trabalho de formação que procura integrar as dimensões pessoal, cívica e de gestor. Para isso utilizamos a expressão cidadão-gestor que define o profissional que utiliza os instrumentos integradores de formulação participativa e implementação democrática de políticas públicas. A segunda dimensão a ser observada é que esta experiência pode ser transposta para outras áreas tais como a da saúde e da assistência social. Mais do que isso, o programa mostra que é necessário construir uma perspectiva intersetorial que abra caminhos para melhora efetiva da gestão aproximando os gestores à pessoa humana na sua integralidade e aos seus contextos comunitários. Neste programa pudemos compreender ainda que tal melhora também se faz a partir da cooperação intermunicipal. Esta é exatamente a terceira dimensão das vivências comunitárias propostas aos participantes que passam a ter a clara percepção de que todos são gestores e podem trabalhar em rede para otimizar processos de caráter regional. Reconheceram a necessidade de caminhar juntos na troca de experiências, no processo contínuo de formação ligado à prática e na unidade dos municípios que integram a bacia hidrográfica do Paranapanema. Puderam descobrir um núcleo de sentido comum de caráter regional, princípio fundamental

para constituição de uma comunidade de aprendizagem com grande potencial para o trabalho coletivo e para transformação da educação. Esta ideia é ilustrada com o seguinte relato de uma participante: O que vale é a forma de lidar com as dificuldades. Compartilhar o que faço e que deu certo. Como a colega disse, um cidadão deve ser atuante e participativo na sociedade onde se insere. O gestor é quem trabalha coletivamente. Concordo embora nem sempre funcione assim. Este grupo vai passar a ser equipe! .
Palavras-chave: formação de gestores; consórcio intermunicipal de educação; Edith Stein
Pesquisador P
FORM Formação em Psicologia

POR UM CUIDADO HUMANIZADO: CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA DE EDITH STEIN PARA ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE (APS).. *Nara Helena Lopes Pereira da Silva; Cármen Lúcia Cardoso (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto-Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP). ,*
A fenomenologia de Edith Stein surge como uma possibilidade de fundamentação filosófica para os diversos níveis de atenção psicológica, desde a promoção do desenvolvimento humano, a elaboração de estratégias integrais no campo preventivo, e ainda, na atenção às vivências e necessidades singulares e sociais, em prol de um diálogo ampliado e interdisciplinar. Neste sentido, este trabalho surge como parte de uma Tese de doutorado que trata da temática sobre a Saúde Mental na Estratégia Saúde da Família (ESF), a partir dos fundamentos fenomenológicos de Edith Stein. O estudo está embasado em um olhar filosófico-fenomenológico para o contexto, tendo como inovação a leitura de tal realidade a partir dos conceitos de uma filósofa alemã chamada Edith Stein. Discípula de Husserl, fundador da fenomenologia, ela fez seu estudo de doutorado, sendo orientada por ele, o que significa que suas concepções estão fortemente enraizadas no método fenomenológico clássico. O interesse de Stein parte da busca em compreender as vivências singulares e coletivas do ser humano. Seus estudos oferecem fundamentações rigorosas acerca da estrutura humana, legitimando o respeito às singularidades, bem como a vivência comunitária como potencialidades centrais ao desenvolvimento humano. Nesse sentido, a partir de um olhar fenomenológico-antropológico, o presente estudo propõe uma ponte entre filosofia, antropologia e práticas em saúde mental na atenção primária. Neste contexto, a análise do material, a partir dos conceitos fenomenológicos que se referem ao indivíduo e à comunidade, procurou problematizar três aspectos: a vivência comunitária como potencialidade presente na ESF; a equipe enquanto possibilidade de uma experiência comunitária; por fim, a ESF enquanto representante de uma comunidade Estatal. A fenomenologia de Stein ofereceu subsídios para a compreensão da estrutura humana em sua singularidade, bem como as relações da equipe de saúde com os usuários, ou desta com os demais profissionais e também o lugar desta equipe enquanto representante das diretrizes provenientes do Estado, favorecendo uma reflexão aprofundada sobre a integralidade do cuidado em prol de uma atenção humanizada, a necessidade de ações intersetoriais fundamentadas em uma concepção global do humano, a potencialidade da construção de redes de apoio social, bem como a formação e o desenvolvimento humano a partir do cuidado e do respeito às singularidades nas diversas formas de atuação. Foi ressaltada a necessidade de uma abordagem que legitime a dupla face do ser humano nos aspectos de individualidade e comunidade, no ideal fenomenológico de Homem e Comunidade, superando, assim, as lógicas individualistas, assistencialistas e dicotômicas. A tese, em síntese, busca evidenciar a importância de uma fundamentação filosófica acerca do que é o ser humano e da potencia de um diálogo rigoroso entre Fenomenologia, Antropologia e Psicologia, destacando a relevância

de uma formação interdisciplinar e também a necessidade de uma formação que possibilite o alargamento das fronteiras para uma compreensão integral do cuidado humano.
FAPESP/ CAPES (PDEE)
Palavras-chave: formação do psicólogo; humanização; atenção primária à Saúde
Doutorado - D
FORM Formação em Psicologia

Sessão Coordenada: **Habilidades Sociais e Contextos de Saúde**

A Psicologia da Saúde apoia-se nos pressupostos do modelo biopsicossocial. Uma das premissas básicas desse modelo aponta que os estilos de vida adotados pelos indivíduos podem tanto auxiliar na promoção de sua saúde, prevenção de doenças, quanto podem criar condições para o desenvolvimento de doenças e transtornos psicológicos. Parte dos estilos de vida adotados pelos indivíduos diz respeito aos relacionamentos sociais estabelecidos. Isto porque, tais relacionamentos podem auxiliar na formação de redes sociais e apoio emocional, prover qualidade de vida, porém, também podem ser fontes de conflitos, o que traz consequências negativas à saúde física e emocional das pessoas. Um dos aportes teóricos que pode assistir nesse aspecto é o campo teórico-prático das habilidades sociais. A relevância das habilidades sociais tem sido cada vez mais referendada em diversos contextos, inclusive no âmbito da saúde. A literatura da área tem indicado que o repertório socialmente habilidoso é importante, por exemplo, para os profissionais de saúde, como a relação médico-paciente, à população adolescente, à população dependente do uso de drogas, às relações conjugais. O pressuposto é que as habilidades sociais podem ser consideradas como um fator de proteção em qualquer fase do desenvolvimento. Apesar da importância de investigações que contemplem estes problemas de pesquisa, ainda existem lacunas na literatura e, por isso, faz-se necessário conhecer e descrever alguns aspectos como os propostos nesta sessão coordenada. O estudo intitulado: O ensino das habilidades sociais para promoção da relação médico paciente na graduação de medicina discute sobre a importância da sistematização de ensino formal do repertório de habilidades sociais nos contextos de saúde e as implicações dessa formação para o mercado de trabalho e os benefícios tanto para o paciente quanto para o profissional. Posteriormente, a pesquisa denominada Saúde do adolescente e habilidades sociais: uma revisão sistemática da literatura discutirá o perfil dos estudos dessa temática realizado em âmbito nacional e internacional, as principais temáticas associadas e encaminhamentos de pesquisa. O estudo nomeado A relação entre habilidades sociais e estilos de apego em sujeito com dependência de substância proverá uma discussão sobre o padrão de vínculos aprendidos por indivíduos que se encontram em situação de dependência psicoativa e a relação com o repertório de habilidades sociais, bem como as implicações dessa relação para o investimento de treinamento de habilidades sociais, nessa população. Por fim, será apresentado um instrumento padronizado chamado de Habilidades sociais conjugais: IHSC-VILLA&DEL-PRETTE, como ferramenta para investigação e desenvolvimento , além da apresentação do instrumento, pretende-se discutir a importância do desenvolvimento dessa tecnologia tanto para a produção de novas pesquisas como os benefícios trazidos aos profissionais psicólogos e à população atendida.
Psicologia da Saúde

O ENSINO DAS HABILIDADES SOCIAIS PARA PROMOÇÃO DA RELAÇÃO MÉDICO PACIENTE NA GRADUAÇÃO DE MEDICINA.. *Janaína Bianca Barletta (Universidade Federal de Sergipe, Aracaju/SE); Sheila Giardini Murta (Universidade de Brasília, Brasília/DF); Rosana Cipolotti (Universidade Federal de Sergipe, Aracaju/SE).,*
A competência profissional é resultante do desenvolvimento e da aprendizagem que contempla a intersecção de três dimensões durante a graduação: o conhecimento teórico, a habilidade prática e a habilidade social/relacional. Desta forma, atualmente entende-se que a relação de qualidade estabelecida no contexto da saúde entre o médico e seu paciente é fundamental para o sucesso do tratamento, uma vez que favorece o melhor entendimento da problemática, da terapia e das barreiras existentes neste processo, assim como fortalece o vínculo e a confiança entre os envolvidos. Outro fator importante é que a relação médico paciente (RMP) de qualidade aumenta a motivação e emissão de comportamentos promocionais de saúde do paciente, como a adesão, a colaboração, a capacidade de expressar

com maior precisão suas queixas, dúvidas e sentimentos tanto positivos quanto negativos. Da mesma forma, aumenta a capacidade do médico em compreender seu paciente, assim como favorece as habilidades comunicação terapêutica, de empatia, de assertividade, de civilidade, de expressividade emocional e de trabalho conhecidas como habilidades sociais. Estas habilidades incluem componentes comportamentais e cognitivo-afetivos, e podem ser aprendidas. A fim de identificar como essas habilidades são ensinadas, todos os 93 professores do curso de Medicina de uma universidade de Sergipe receberam um questionário sobre a temática contendo 16 questões via e-mail. Do total, 30 questionários foram devolvidos respondidos. A maioria dos participantes era do sexo masculino (19), casado (21), com idade média de 45 anos (34-68) e continua exercendo a medicina além da docência (25). O tempo de docência na graduação de medicina variou de 2 anos a 38 anos (média=12,7). A maior parte dos professores (28) afirmou que a relação médico paciente pode ser aprendida na faculdade, mas 26 ressaltam que as características pessoais do estudante são complementares. Apenas dois professores discordam da sua possibilidade de ensino na universidade, afirmando que as vivências pregressas e as características pessoais são o ponto chave. Apesar disto, apenas um acredita que é pouco importante ensinar para os estudantes as habilidades sociais para o estabelecimento de uma relação médico paciente de qualidade. E apenas um respondente afirmou que não as ensina, mesmo acreditando na sua importância. De um total de 37 menções sobre diferentes estratégias didáticas utilizadas para o ensino da relação interpessoal, as mais citadas foram: a) a promoção de discussões (16), seja a partir de caos clínicos ou após os atendimentos e b) o professor como modelo de postura e conduta (9), cabendo, portanto, ao aluno observar o professor no seu cotidiano e no atendimento ao paciente. Apenas 2 professores indicam leituras específicas e 3 não responderam essa questão. A principal vantagem indicada para seu ensino foi a melhor preparação para a vida profissional (14) e as desvantagens foram: pouco tempo (8) e desinteresse de alunos e professores (6). Conclui-se, que apesar da preocupação com a qualidade da RMP, as habilidades sociais são ensinadas de maneira informal pelos professores, não havendo uma sistematização ou treinamento específico.
APOIO: FAPITEC/CAPES

SAÚDE DO ADOLESCENTE E HABILIDADES SOCIAIS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA.. *Josiane Rosa Campos (Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP); Alessandra Turini Bolsoni-Silva (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquista Filho, Bauru-SP)*

,

A presença de habilidades sociais no repertório do adolescente pode funcionar enquanto fator de proteção e auxiliar na promoção de sua saúde, assim como o déficit pode funcionar como fator de risco para o desenvolvimento de doenças e transtornos psicológicos. Entretanto, poucas são as pesquisas que tentam mapear quais variáveis são protetivas ou de risco à saúde dos adolescentes. Menos frequentes são ainda as pesquisas de revisão sistemática da literatura sobre esse tema, o que justifica investimentos nessa direção. Nesse sentido, torna-se necessário investigar qual o estado da arte dos estudos com a temática habilidades sociais, adolescência e saúde. Analisaram-se 83 resumos publicados, entre os anos de 1990 a dezembro de 2010. As bases de dados consultadas foram: Lilacs, PsycInfo, Scielo, Medline e Index-Psi/Periódicos. As palavras-chaves utilizadas e cruzadas entre si, em todas as bases de dados foram: social skills, social competence, assertiveness, assertive training, interpersonal communication, interpersonal relationships nonverbal communication, interpersonal problem, friendship, empathy, social skills training, problem resolution, adolescents e health. Os termos poderiam aparecer no resumo, no título, nas palavras-chave, ou seja, em qualquer campo de indexação. As bases de dados foram consultadas entre fevereiro e março de 2011. Os critérios

de inclusão dos resumos foram: (a) estudos que contemplassem amostras clínicas ou que apresentassem condições de risco para desenvolvimento de doenças e transtornos psicológicos e amostras não clínicas; (b) desenvolvimento de instrumentos; (c) revisão. Os critérios de exclusão utilizados foram: (a) estudos farmacológicos; (b) problemas endócrinos; (c) estudos sobre problemas de saúde (como doença crônica, anemia falciforme, AIDS, fibrose cística, diabete, obesidade, oncologia pediátrica, aborto, tabagismo), violência doméstica, vício em internet, delinquência, estudos psicométricos que não se relacionavam ao tema de habilidades sociais e/ou a nenhuma palavra-chave; (d) estudos sobre autoimagem e lócus de controle. As análises dos resumos foram conduzidas a partir de um protocolo que incluiu as seguintes categorias: bibliográfica, temática e metodológica As análises dos resultados apontaram que: (a) houve um aumento de interesse pelo tema, especialmente a partir de 2006-2010; (b) as pesquisas são predominantemente empíricas e internacionais; (c) a maioria das amostras é constituída por cem a mil participantes; (d) os estudos, em sua maioria, são de relato e os tratamentos de dados são estatísticos inferenciais; (e) as temáticas são variadas, porém, predomina-se a investigação de Habilidades Sociais e Transtornos de Substâncias e Comportamento Sexual/Saúde Reprodutiva e, dentre os transtornos psicológicos, os Transtornos Depressivos apareceram com maior destaque quando comparados aos outros. Este trabalho discute encaminhamentos de pesquisa, contribuições e limitações do estudo.

HABILIDADES SOCIAIS CONJUGAIS: IHSC-VILLA&DEL-PRETTE COMO FERRAMENTA PARA INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO.. *Miriam Bratfisch Villa (Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP); Zilda A. Pereira Del-Prette (Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP)*

,

A literatura tem mostrado a importância das habilidades sociais nos diversos relacionamentos, potencialmente trazendo impacto sobre a saúde emocional das pessoas envolvidas e dos que estão próximos. Um dos contextos nos quais os comportamentos interpessoais tornam-se essenciais para a qualidade do relacionamento é o contexto conjugal, podendo afetar cônjuges, filhos, relações no trabalho, na comunidade entre outros. Estudos recentes apontam algumas classes de comportamentos interpessoais especialmente relevantes no contexto conjugal, estando, inclusive, relacionadas à satisfação conjugal dos parceiros, à maximização da qualidade do relacionamento, como sua estabilidade e duração. Neste sentido, torna-se crucial dispor de ferramentas confiáveis para avaliação e desenvolvimento do repertório de habilidades sociais específicas do contexto conjugal, auxiliando no diagnóstico de déficits e no desenvolvimento de comportamentos adequados. No sentido de preencher esta lacuna, foi desenvolvido em 2005, o Inventário de Habilidades Sociais Conjugais (IHSC-Villa&Del-Prette). Este instrumento é composto de 32 itens nos quais está descrito uma situação e um comportamento possível diante da mesma. O respondente deve avaliar a frequência com que apresenta o comportamento descrito, preenchendo, numa escala likert de 5 pontos. O presente estudo propôs a realização de análises complementares para verificação das características psicométricas deste instrumento, dentre elas a Análise Fatorial. Na fase de validação e padronização participaram 406 respondentes, sendo 217 mulheres e 188 homens, com nível mínimo de escolaridade de segundo grau e idades de 20 a 73 anos, que responderam ao Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette) e ao Inventário de Habilidades Sociais Conjugais (IHSC-Villa&Del-Prette). Foram obtidos escores individuais para cada instrumento, procedendo-se a análises descritivas e a comparações entre eles. A consistência interna foi boa (Alfa de Cronbach= 0,82 para a escala total e os coeficientes alfa dos fatores variaram de 0,56 a 0,75), com correlação significativa no teste de duas metades (r=0,62; p=0,00), bem como nas correlações teste-reteste (r=,64, p=,000), evidenciando estabilidade temporal. A Análise Fatorial reteve 28 itens em cinco fatores, são eles: (1)

Expressividade/Empatia; (2) Autoafirmação assertiva; (3) Autocontrole reativo; (4) Autocontrole proativo; (5) Conversação assertiva. O instrumento permite ainda a verificação da Significância Clínica e do Índice de Mudança Confiável, fornecendo os pontes de corte necessários para estes cálculos. São discutidas a aplicabilidade do instrumento a novos estudos e ao contexto prático do psicólogo em psicoterapia individual e de casal, treinamentos pré nupciais, bem como implicações dos resultados obtidos para novas pesquisas. Propõem-se a utilização do instrumento para a avaliação das habilidades sociais conjugais e também como ferramenta facilitadora para o desenvolvimento de habilidades sociais conjugais.
APOIO: CAPES

A RELAÇÃO ENTRE HABILIDADES SOCIAIS E ESTILOS DE APEGO EM SUJEITO COM DEPENDÊNCIA DE SUBSTÂNCIA.. *Vanuza Francischetto (Universidade Salgado de Oliveira, Niterói RJ); Adriana Benevides Soares(Universidade Salgado de Oliveira, Niterói RJ e Universidade do Estado do Rio de Janeiro),*

As habilidades sociais são consideradas por muitos pesquisadores importantes para a saúde psicológica e qualidade de vida das pessoas. O comportamento socialmente habilidoso possibilita que as relações sejam satisfatórias e prazerosas. No entanto, os déficits em habilidades sociais podem levar o indivíduo a utilizar estratégias comportamentais disfuncionais, como por exemplo, o uso de drogas. As primeiras interações sociais e o estabelecimento dos primeiros vínculos afetivos se iniciam na família. Este vínculo afetivo (apego) é construído na infância através das experiências com os pais ou cuidadores. Se os pais ou figuras de apego proporcionarem segurança e conforto para a criança fazer suas descobertas no mundo em que a cerca, esta poderá desenvolver uma vinculação segura, porém se existir uma ameaça constante em relação a tais figuras, a vinculação será estabelecida de forma insegura. As organizações de apego seguro possibilitam o indivíduo a lidar de forma competente com os conflitos interpessoais diários e são consideradas fatores de proteção aos problemas mentais, enquanto as organizações inseguras podem proporcionar formas inadequadas de expressão de afeto, baixa autoestima e uma vulnerabilidade aos transtornos psicológicos. Portanto, tanto os déficits de habilidades sociais e estilos de apego inseguro podem contribuir para ocorrência de comportamento de abuso de substâncias psicoativas e consequentemente a dependência. Desta forma, esta pesquisa teve como objetivo, investigar a relação entre as habilidades sociais e os estilos de apego em sujeitos com dependência de substância psicoativa. A amostra foi composta de 142 sujeitos, entre 21 a 59 anos, sendo que 71 sujeitos com dependência de substância psicoativa e 71 não dependentes de substância. Foram utilizados o Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette) e a Escala de Apego Adulto (EAA-Collins-Read). Conforme os resultados, os dependentes de substância psicoativa apresentaram escores mais baixos em habilidades sociais e níveis mais elevados de apego inseguro que os não dependentes. Este estudo contribui para a compreensão dos fatores que desencadeiam a dependência de substância psicoativa bem como para a prática clinica no que se refere ao desenvolvimento de treinamentos em habilidades sociais, suporte ao familiar para a promoção de organizações seguras de apego e orientação ao indivíduo com problemas com drogas, levando a conhecer e reavaliar seu padrão de vinculação e aprender estratégias saudáveis para lidar com o seu meio.

Sessão Coordenada: **Habilidades sociais: infância, adolescência e juventude**

Durante o processo de socialização, é por meio, principalmente, das relações interpessoais que ocorrem no ambiente da família e, posteriormente, da escola e da vizinhança que a criança amplia o seu repertório de habilidades sociais. Dessa forma, pode-se dizer que, segundo Del Prette e Del Prette (2001, 2005), as habilidades sociais são sempre aprendidas e que essa aprendizagem ocorre durante toda a vida, nos mais diversos contextos dos quais a pessoa participa diretamente (Del Prette & Del Prette, 2005). Desde o seu nascimento, a criança é exposta a determinados contextos, com características sociais e culturais específicas que irão possibilitar, de maneira formal ou informal, a aprendizagem e o desenvolvimento de habilidades sociais, tais como reconhecer e nomear as emoções próprias e as dos outros, fazer amizades, expressar sentimentos e defender seus próprios direitos (Del Prette & Del Prette, 2005).

Assim, em cada fase do desenvolvimento, a pessoa se depara com demandas específicas que se alteram conforme o contexto em que está inserida. Quando, por exemplo, a criança entra na escola, ela não só muda (e amplia) de ambiente (do familiar para o escolar), como também, essa transição requer novas habilidades sociais e acadêmicas e habilidades específicas do novo papel social, antes de filho, e agora de aluno. Já a adolescência é um período de vida particularmente rico em mudanças biológicas e sociais que requer o desempenho de novos papéis e a aquisição de novas habilidades sociais. Dessa maneira, à medida que a rede social é ampliada e diversificada, é esperada, por parte dos pais, professores, pares e demais interlocutores, a manifestação de um reportório comportamental progressivamente mais complexo e elaborado pelos adolescentes (Del Prette & Del, 2002). Outro importante momento de transição de vida ocorre da adolescência para o início da vida adulta. Nesse sentido, estudos indicam que a entrada na universidade é para o jovem uma fase caracterizada por novos desafios, seja no âmbito dos relacionamentos interpessoais, seja quanto às demandas acadêmicas (Bariani & Pavani, 2008).

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que a aprendizagem das habilidades sociais torna-se mais complexa com o passar dos anos e sua aquisição é interdependente com as tarefas desenvolvimentais. Para Masten e Coastworf (1998), tarefas desenvolvimentais são critérios universais ou específicos de uma cultura ou momento histórico, utilizados para avaliar a competência da pessoa em atender as demandas da sociedade, em diferentes fases do desenvolvimento. Em cada fase de desenvolvimento (na infância, adolescência e vida adulta) há diferentes demandas por habilidades sociais (Del Prette & Del Prette, 2001), sendo que a aquisição de um repertório num determinado momento da vida pode alterar a competência na realização das tarefas desenvolvimentais de uma etapa posterior, levando a trajetórias favoráveis ao desenvolvimento saudável (Masten & Coastworf, 1998). Por sua vez, déficits em habilidades sociais na infância ou na adolescência, por exemplo, podem dificultar a realização das tarefas desenvolvimentais nas fases seguintes do ciclo vital (Masten & Coastworf, 1998).

Portanto, diferentes variáveis pessoais (tais como as habilidades sociais, o desempenho acadêmico, a inteligência, as expectativas, etc.), de processo (por exemplo, práticas educativas parentais, estilos de apego, etc.) e de contexto (tais como configuração familiar, variáveis demográficas etc.) podem estar relacionadas à realização das tarefas desenvolvimentais (Masten & Coastworf, 1998). Considerando as habilidades sociais como mecanismo de proteção para dificuldades sócioemocionais e comportamentais, a presente sessão coordenada tem por objetivo apresentar seis estudos que procuram, de maneira geral, investigar e relacionar as habilidades sociais na infância, adolescência e juventude com diferentes indicadores de ajustamento e aspectos do desenvolvimento humano. Os três primeiros estudos focalizam a infância. O segundo e terceiro estudo abordam a adolescência. E o último enfatiza o início da vida adulta. O primeiro estudo apresenta um delineamento de intervenção com pré-escolares para a avaliação e promoção de automonitoria. O segundo

estudo investiga as relações entre habilidades sociais de crianças do primeiro ano do ensino fundamental e outras variáveis de ajustamento da criança no contexto escolar, por exemplo, potencial cognitivo, sintomas de estresse, percepção sobre estressores escolares, desempenho escolar, competência acadêmica e problemas de comportamento. O terceiro estudo procura caracterizar o repertório de habilidades sociais e problemas de comportamento em crianças que cursavam do 3º ao 6º ano do Ensino Fundamental. O quarto estudo tem por objetivo comparar as práticas educativas de mães e as habilidades sociais de adolescentes de diferentes configurações familiares, bem como investigar as influências de variáveis demográficas gênero, escolaridade e nível socioeconômico em relação aos comportamentos dos adolescentes e às práticas parentais. O quinto estudo compara e investiga as relações entre apego e as habilidades sociais de adolescentes com e sem histórico de infração legal. O último estudo verifica se as expectativas acadêmicas, as habilidades sociais e a inteligência fluida de estudantes universitários poderiam afetar o desempenho acadêmico do aluno. Os resultados obtidos em todas as pesquisas poderão contribuir para o melhor entendimento teórico entre o conceito de habilidades sociais e os demais constructos abordados nos estudos. Além disso, será possível traçar estratégias de intervenção baseadas em programas de Treinamento em Habilidades Sociais com aquelas populações que apresentam dificuldades de adaptação psicossocial e transtornos psicológicos.

Psicologia do Desenvolvimento

PRÁTICAS EDUCATIVAS MATERNAS E HABILIDADES SOCIAIS DE ADOLESCENTES DE FAMÍLIAS NUCLEARES, MONOPARENTAIS E RECASADAS. *Vanessa Barbosa Romera Leme (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP); Zilda A. P. Del Prette (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP); Susana Coimbra (Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto, Portugal).*

,

Constata-se, na atualidade, que o modelo de família nuclear formado por pai, mãe e filhos biológicos da primeira união conjugal já não é mais o hegemônico na sociedade ocidental, da mesma forma como os papéis parentais vêm se redefinindo. Verifica-se, por exemplo, que a emergência de famílias monoparentais e recasadas vêm reconstruindo um novo cenário para o conceito de família. Diante da pluralidade das configurações familiares, muitos estudos focalizaram aspectos negativos das transições familiares sobre diversas dimensões do desenvolvimento dos filhos. Entretanto, pesquisas têm sinalizado que a separação conjugal e o recasamento podem ser oportunidade de crescimento pessoal e de desenvolvimento de habilidades sociais dos filhos. Diante disso, a partir do Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano, o presente estudo teve por objetivos: a) comparar práticas educativas positivas e negativas maternas e habilidades sociais de adolescentes provenientes de diferentes tipos de famílias; b) investigar as relações entre as práticas educativas das mães e as habilidades sociais dos filhos; c) investigar as influências de variáveis demográficas gênero dos adolescentes, escolaridade materna e nível socioeconômico em relação aos comportamentos dos adolescentes e às práticas educativas maternas. Para isso, participaram da pesquisa 477 adolescentes de famílias nucleares, monoparentais e recasadas. Os alunos (53,7% do sexo feminino, idade compreendida entre 13 e 17 anos - M = 15,33, DP = 0,83) frequentavam o primeiro ano e o segundo ano do Ensino Médio de escolas estaduais públicas de uma cidade do Estado de Minas Gerais. Os dados foram coletados com os adolescentes de forma coletiva, nas salas de aula das escolas. Os participantes responderam aos seguintes instrumentos: a) Questionário sobre caracterização familiar; b) Inventário de Estilos Parentais - versão materna (IEP); c) Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA-Del-Prette);

c) Questionário sobre nível socioeconômico. Foram avaliadas as propriedades psicométricas dos instrumentos (validade fatorial e confiabilidade). A amostra foi homogênea em relação ao gênero dos adolescentes, à escolaridade materna e ao nível socioeconômico. Os dados das análises de variância indicaram que, segundo a percepção dos adolescentes de diferentes configurações familiares, não foram encontradas diferenças nas práticas educativas positivas e negativas das mães. Comparados aos adolescentes de famílias nucleares e monoparentais, os adolescentes de famílias recasadas apresentaram mais habilidades sociais de abordagem afetiva. As práticas educativas positivas maternas associaram-se positivamente às habilidades sociais dos adolescentes, ao passo que, as práticas educativas negativas maternas correlacionaram-se negativamente com as habilidades sociais dos filhos. As análises comparativas por gênero indicaram que as mães monitoram positivamente mais os comportamentos dos filhos do que das filhas. Além disso, as mães apresentam mais punição inconsistente e negligência na educação das filhas do que dos filhos. De forma geral, o estudo sugere que as transições familiares não têm impacto negativo sobre várias dimensões do desenvolvimento interpessoal dos adolescentes, especialmente para as habilidades sociais. Assim, a pesquisa destaca a importância de investigar a separação/recasamento não apenas como um fator de risco, mas também como uma oportunidade para promover os recursos individuais que podem ajudar a enfrentar os desafios trazidos pelas transições familiares.
Apoio Financeiro: FAPESP
Palavras-chave: Transição familiar; Adolescência; Habilidades sociais.
PD
DES.

HABILIDADES SOCIAS E SUA RELAÇÕES COM VARIÁVEIS DA CRIANÇA NO CONTEXTO ESCOLAR: UM ESTUDO LONGITUDINAL. *Marta Regina Gonçalves Correia-Zanini** (Faculdade de Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, SP); Edna Maria Marturano (Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, SP)*

,

O primeiro ano do Ensino Fundamental (EF) é período de adaptação a um novo contexto de relações interpessoais, que exige da criança um repertório social elaborado, mas pode contribuir para o incremento de habilidades já existentes em seu repertório. Este trabalho tem como objetivos: (a) investigar relações entre habilidades sociais e outras variáveis de ajustamento da criança no contexto escolar, quais sejam: potencial cognitivo, sintomas de estresse, percepção sobre estressores escolares, desempenho escolar, competência acadêmica e problemas de comportamento externalizante e internalizante; (b) verificar em que medida essas variáveis se alteram do primeiro para o segundo ano escolar. Participaram 178 crianças que na primeira avaliação cursavam o 1º ano do EF, em setes escolas públicas municipais de uma cidade de médio porte do estado de SP. Também participaram os professores de primeiro e segundo ano, como informantes. Os instrumentos utilizados foram o Social Skill Rating Sistems - SSRS, versão para professores, as Matrizes Coloridas de Raven, a Escala de Estresse Infantil-ESI, o Inventário de Estressores Escolares-IEE e a Provinha Brasil - PB, usada como medida de desempenho acadêmico. Em um delineamento longitudinal, os instrumentos foram aplicados duas vezes, no 1º e no 2º ano. A análise de dados incluiu o teste de correlação de Pearson e o t de Student para amostras emparelhadas e foi processada no Software SPSS Statistics versão IBM-19. O nível de significância estabelecido foi 0,05. Como principais resultados tem-se que nas duas avaliações, as habilidades sociais apresentaram correlações moderadas, negativas e significativas com sintomas de estresse, percepção de estresse e problemas de comportamento externalizante e internalizante. Também apresentaram correlações positivas com competência acadêmica, desempenho intelectual e resultados da

Provinha Brasil. A comparação entre as médias do 1º e do 2º ano indicou aumento nos indicadores de desempenho intelectual e escolar e nas medidas de estresse, assim como diminuição dos comportamentos externalizantes e internalizantes. O aumento do desempenho acadêmico e potencial cognitivo eram esperados tendo em vista o avanço escolar. Embora mais sintomas de estresse infantil tenham sido relatados no segundo ano, também houve declínio de problemas de comportamento. De maneira geral, o repertório social não obteve ganhos significativos: as habilidades de autodefesa aumentaram, ao passo que o autocontrole e a cooperação com os pares diminuíram. Mas vale ressaltar que tanto no primeiro, quanto no segundo ano, foram observadas relações ainda que moderadas entre habilidades sociais e as demais variáveis de ajustamento, indicando que elas podem ser importantes durante o período de adaptação da criança e para o bom desempenho social e acadêmico no contexto escolar. A configuração dos resultados de correlação entre habilidades sociais e outros indicadores reitera achados prévios e tem sido interpretada como sugestiva de um efeito protetor das habilidades sociais sobre o desenvolvimento nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Contudo, são necessárias pesquisas que investiguem qual a relevância das habilidades sociais para o ajustamento não só no início, mas também e ao longo do ensino fundamental, bem como seus efeitos no contexto escolar.

Apoio financeiro: Capes - Demanda Social
Palavra-chave: Habilidades sociais; Anos iniciais; Ajustamento
D
DES

HABILIDADES SOCIAIS NA INFÂNCIA: PROPOSTA DE UM PROGRAMA DE PROMOÇÃO DE AUTOMONITORIA PARA PRÉ-ESCOLARES.. *Talita Pereira Dias**(Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP); Zilda A. P. Del Prette (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos,SP)*

,

O autoconhecimento, enquanto descrição de contingências, é um dos componentes da automonitoria. Na área de Habilidades Sociais, a automonitoria é considerada pré-requisito para competência social. Admite-se que desenvolver aspectos da automonitoria já na infância, como autodescrever comportamentos e descrever contingências sociais, podem contribuir para a promoção de comportamentos sociais competentes e minimização ou prevenção de problemas de comportamento. Nesse sentido, desenvolver recursos que promovam comportamentos relacionados à automonitoria pode contribuir para competência social. Contudo, no campo de Habilidades Sociais ainda não se dispõe desse tipo de recurso. Um possível caminho para a aquisição do autoconhecimento e, por consequência, da automonitoria, pode envolver o uso de instruções que podem ser associadas à ilustração de contingências em situações interativas com recursos como desenhos gráficos. Ainda, a literatura tem destacado que é importante associar ao procedimento instrucional, a exposição direta a contingências em situações interativas onde são estruturadas demandas para a emissão de habilidades sociais. Considerando a importância da automonitoria para a competência social e a falta de estratégias para promovê-la, principalmente na infância, o presente estudo teve por objetivos: (1) Apresentar um delineamento de intervenção envolvendo instrução, por meio da adoção Recurso para Avaliação e Promoção de Automonitoria em Crianças (RAPAC), em formato impresso, e exposição a contingências sociais em situações estruturadas para crianças pré-escolares com dificuldades na identificação e descrição de contingências sociais; (2) Apresentar resultados disponíveis sobre a avaliação de efetividade do programa, considerando indicadores de descrição do próprio comportamento e

previsão de consequências. A semelhança do Sistema Multimídia de Habilidades Sociais pra Crianças (SMHSC-Del-Prette), o RAPAC, em formato impresso, apresenta 12 conjuntos de desenhos coloridos sendo que cada um desses conjuntos é composto por uma situação social do cotidiano da criança e três possíveis respostas: uma socialmente habilidosa e duas reações não-habilidosas, uma ativa e outra passiva. Adicionalmente, o recurso contém uma possível consequência para cada tipo de resposta. O programa de intervenção envolveu 12 sessões individuais com nove crianças pré-escolares compostas por duas fases: instrucional e de desempenho. Na fase instrucional, era apresentada uma situação interativa do RAPAC em versão impressão e discutida a adequação ou pertinência de cada resposta (passiva, agressiva e habilidosa) e prováveis consequências de cada uma delas para aquela situação do recurso. Após isso, a criança participava da fase de desempenho na qual era apresentada uma situação estruturada que tinha como demanda a apresentação da habilidade social antes discutida na fase instrucional. De forma geral, foi possível verificar com a intervenção uma melhora da descrição de comportamentos e de previsão de consequências por parte das crianças participantes do estudo, comparando-se os dados de pré e pós-teste. Discute-se a importância da promoção de automonitoria em diferentes etapas do desenvolvimento, em função dos recursos e possibilidades cognitivas do indivíduo, em particular a necessidade de pesquisas nas etapas iniciais do desenvolvimento. As formas de uso, possíveis aplicações terapêuticas adotando esse recurso e sua contribuição para a área de Habilidades Sociais também são discutidas no contexto da apresentação.

Apoio Financeiro: FAPESP
Palavras-chave: Habilidades sociais; Automonitoria; Intervenção psicológica;
D
DES

HABILIDADES SOCIAIS E PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO EM CRIANÇAS. *Ivana Gisel Casali** (Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP); Zilda A. P. Del Prette (Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP)*

,

Ao longo do tempo tem se reconhecido a importância das relações sociais no processo de desenvolvimento infantil, sendo crucial para isto um bom repertório de habilidades sociais, para lidar de forma competente com as demandas das situações interpessoais. Crianças socialmente competentes têm maior probabilidade de estabelecer relações sociais saudáveis e, consequentemente, perspectivas mais favoráveis para o futuro. Pesquisas revelam, por outro lado, que um repertório deficitário de habilidades sociais representa um fator de risco que pode levar a criança a apresentar problemas de comportamento, externalizantes ou internalizantes, podendo comprometer fases posteriores do ciclo vital. Não obstante ainda são muitas as questões pendentes a respeito das relações entre habilidades sociais e problemas de comportamento, entre elas, a perspectiva dos pais sobre as habilidades sociais e o papel de outras variáveis associadas, como as sociodemográficas. Diante disso, o presente estudo tem por objetivos: (a) caracterizar o repertório de habilidades sociais e problemas de comportamento em crianças escolares; (b) identificar a importância que pais/responsáveis atribuem às habilidades sociais; (c) comparar a autoavaliação do repertório de habilidades sociais da criança com a avaliação realizada pelos pais/responsáveis; (d) avaliar se o repertório de habilidades sociais prediz os problemas de comportamento nas crianças; (e) analisar a influência de variáveis sociodemográficas (gênero, tipo de escola e nível socioeconômico) sobre as habilidades sociais e problemas de comportamento na infância. Participaram 220

crianças, de ambos os sexos, que cursavam do 3º ao 6º ano do Ensino Fundamental em escolas públicas e particulares de uma cidade do interior de São Paulo. Elas foram avaliadas por meio do Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais (SSRS-BR), na versão para as crianças e para os pais ou responsáveis. As análises estatísticas, realizadas utilizando o Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), apontaram que: (a) a maior parte das crianças parece ter um repertório enriquecido de habilidades sociais (n = 117; 53,2%) e um nível médio de problemas de comportamento (n = 109; 49,5%). Porém, a hiperatividade constitui, de acordo com os pais/responsáveis, um dos mais frequentes problemas de comportamento; (b) as habilidades sociais de civilidade são consideradas pelos pais/responsáveis como as de maior relevância social (M = 1,399; DP = 0,347); (c) houve correlação significativa entre a autoavaliação e a avaliação dos pais sobre as habilidades sociais da criança (r = 0,257; p = 0,000); (d) segundo as análises de regressão linear, as habilidades sociais das crianças predizem significativamente os problemas de comportamento (F(1,218) = 1,661; p = 0,000), explicando aproximadamente o 22% da variância deles e revelando que quanto mais enriquecido o repertório de habilidades sociais da criança, menor o nível de problemas de comportamento que apresenta; (e) de acordo com análises de variância, existem diferenças significativas no repertório de habilidades sociais das crianças segundo o gênero (F (1,218)= 12,813; p = 0,000), favoráveis ao sexo feminino. Nesta apresentação serão discutidas algumas implicações educacionais e clínicas desses resultados bem como implicações de pesquisa considerando o contexto da produção científica para o campo teórico-prático das habilidades sociais e novas questões a serem investigadas.

Apoio financeiro: Capes
Palavras-chave: Habilidades sociais; Automonitoria; Problemas de comportamento.
M
DES

A RELAÇÃO ENTRE APEGO, HABILIDADES SOCIAIS E ADOLESCENTES COM HISTORICO DE INFRAÇÃO LEGAL. *Betânia Marques Dutra**(Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, RJ); Adriana Benevides Soares (Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, RJ e Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ)*

,

A adolescência é considerada uma fase de várias transformações que abrange o desenvolvimento de habilidades fundamentais para que o jovem enfrente de maneira adaptativa e apropriada as questões emocionais e sociais nas suas relações interpessoais. Os adolescentes quando passam por perdas ou separações tendem a apresentar dificuldades na regulação de afeto, quando não podem contar com as figuras de apego, tendem a ficar inseguros e desenvolver estratégias disfuncionais. A relação familiar segura, com afeto, carinho, confiança são fatores de proteção para que o adolescente não incorra em infração legal. Desta forma, é importante ressaltar a necessidade de vínculos afetivos que possam oferecer apoio e que possibilitem aos adolescentes desenvolverem padrões seguros de apego. Sendo os afetos importantes moduladores dos comportamentos e facilitadores da aprendizagem de outros comportamentos mais adequados, exerce, por sua vez sua influencia, nas habilidades sociais como uma capacidade para agir de modo competente nas interações sociais. Portanto, esta pesquisa teve como objetivos comparar e investigar relações entre apego e habilidades sociais de adolescentes. Para isso, participarem do estudo 69 adolescentes, sendo que 34 com histórico de infração legal e 35 sem histórico de infração legal, com idade média de 16 anos. Foi utilizado o Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA-Del-Prette) e a Escala de Apego Adulto (EAA-Collins-Read). Conforme os resultados, adolescentes com histórico de infração legal apresentaram maior escore na

habilidade de autocontrole no indicador de dificuldade em relação a adolescentes sem histórico de infração legal. Adolescentes com histórico de infração legal apresentaram menor grau de confiança e maior grau de proximidade na escala de apego em relação a adolescentes sem histórico de infração legal. Adolescentes com histórico de infração legal apresentaram correlação positiva significativa entre confiança e habilidade de autocontrole no indicador de frequência e correlação entre ansiedade e habilidade de civilidade no indicador dificuldade. Apresentaram correlação negativa e significativa entre confiança e habilidade de autocontrole no indicador de dificuldade. Não houve correlação significativa entre padrões de apego e habilidades sociais em adolescentes sem histórico de infração legal. Esta pesquisa contribui para se compreender que apego e habilidades sociais podem ser fatores de proteção ao comportamento de infração legal. Orientação para formação de organizações segura de apego e treinamento em habilidades sociais podem ajudar no processo socioeducativo nas instituições, escolas e clínicas com este segmento. Além de contribuir para discussões sobre o processo de resiliência que pode ser atribuído aos jovens que passam por medidas restritivas de liberdade.

Palavras-chave: Apego; Habilidades sociais; Adolescente com histórico de infração legal.

M

DES.

A RELAÇÃO ENTRE EXPECTATIVAS ACADÊMICAS, HABILIDADES SOCIAIS, INTELIGÊNCIA FLUIDA E DESEMPENHO ACADÊMICO EM UNIVERSITÁRIOS. *Gil Gomes** (Universidade Salgado de Oliveira, Niterói - RJ); Adriana Benevides Soares (Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, RJ e Universidade do Estado do Rio de Janeiro , RJ).*

,

A evasão escolar gera custos financeiros consideráveis para as universidades públicas e privadas, além dos custos sociais e econômicos para o país, traduzidos na falta de quantidade e qualidade de mão de obra que possibilite ao Brasil consolidar um crescimento sustentável. Algumas pesquisas foram realizadas para identificar as causas para o abandono do curso superior pelo estudante. Diversos pesquisadores procuraram entender o impacto das expectativas acadêmicas em estudantes universitários, partindo da hipótese de que expectativas altas e irracionais acerca do Ensino Superior poderiam de algum modo afetar o desempenho acadêmico do estudante, principalmente no início do curso. Estudos indicam que as expectativas iniciais podem provocar no estudante ideias sobre as relações sociais e interpessoais e sobre suas capacidades cognitivas para atender as demandas do ambiente universitário. Nesse caso, os estudantes que depositam o seu sucesso acadêmico nas relações sociais e interpessoais com os seus colegas e professores podem sofrer prejuízos, caso não possuam habilidades sociais que os habilite a atendê-las. Não obstante, os estudantes necessitam de inteligência fluida para resolver problemas dentro e fora de sala de aula, num ambiente com demandas novas que na maioria das vezes exigem estratégias finas de raciocínio. Dessa forma, do aluno será exigido adequação de suas expectativas à realidade, habilidades sociais e inteligência fluida que o capacite atender as demandas efetivas do Ensino Superior. Assim, o presente estudo teve como objetivo verificar se as expectativas acadêmicas, as habilidades sociais e a inteligência fluida poderiam afetar o desempenho acadêmico do estudante, que foi avaliado através das suas médias conseguidas ao final de cada semestre conhecido como coeficiente de rendimento (CR). Para isso, participaram 196 universitários de faculdades públicas e privadas da cidade do Rio de Janeiro, no 1º ano do curso, e de ambos os sexos. Foram utilizados o Questionário de Envolvimento Acadêmico (QEA-Soares-Almeida, versão A-Expectativas), o Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette) e a Bateria de provas de raciocínio (BPR-5-Almeida-Primi). O estudo pode constatar que as expectativas

acadêmicas e as habilidades sociais podem afetar o desempenho acadêmico do estudante no 1º ano de curso. A pesquisa indicou que os alunos que possuem habilidades sociais de autocontrole, de enfrentamento das relações interpessoais, que aparentemente ofereçam riscos e que se auto afirmam perante o outro, conseguem melhor desempenho acadêmico. Por outro lado, os estudantes com mais habilidades de conversação podem obter desempenho acadêmico abaixo do esperado. Ressalta-se que a inteligência fluida não se correlacionou com o desempenho acadêmico. Dessa forma, considerando a importância do desempenho acadêmico para tomada de decisão do estudante em dar continuidade ao curso do Ensino Superior iniciado, o estudo contribui para compreensão de variáveis, tais como as habilidades sociais que podem afetar o desempenho acadêmico do estudante recém-chegado na universidade.

Palavras-chave: Expectativas Acadêmicas; Habilidades sociais; Inteligência Fluida.

M

DES.

Sessão Coordenada: **IDOSO E ENVELHECIMENTO: BEM ESTAR E QUESTÕES BIOPSICOSSOCIAIS**

SESSÃO COORDENADA
PROPONENTE: Dra. Vera Socci
TITULO:
IDOSO E ENVELHECIMENTO: BEM ESTAR E QUESTÕES BIOPSICOSSOCIAIS
PARTICIPANTES:
Dra. Adriana Aparecida Ferreira de Souza - CRIATIVIDADE E A PROMOÇÃO DO BEM ESTAR NA VELHICE.
Dra. Ana Lucia Gatti, Thabata Ventura e Marcelo Ferro ENVELHECIMENTO NA MIDIA IMPRESSA BRASILEIRA: DOIS QUINQUENIOS.
Emy Suelen Pereira e Eliane Florêncio Gama PERCEPÇÃO CORPORAL DO IDOSO ATIVO.
Dra. Carla Witter e Sueli dos Santos Vitorino ENVELHECIMENTO E INTERVENÇÕES PSICOLÓGICAS PARA O BEM ESTAR DO IDOSO.
Marcelo de Almeida Buriti - EXERCÍCIO E ATIVIDADE FÍSICA PARA O BEM ESTAR DO IDOSO.
Dra. Vera Socci - IDOSO, RELIGIOSIDADE E SAÚDE.
JUSTIFICATIVA
Coordenação Dra. Vera Socci
A questão do envelhecimento populacional vem sendo exaustivamente tratado nos últimos anos, em seus múltiplos e multifacetados aspectos biopsicossocias. Este crescimento é mundial, entretanto, em relação a estrutura social nos países desenvolvidos e ricos houve possibilidade da criação de uma infraestrutura adequada para acompanha-lo, enquanto que nos países em desenvolvimento, como no Brasil, o envelhecimento populacional se dá em meio a desigualdade social, o que dificulta, ou mesmo impede que este grupo etário emergente seja atendido adequadamente em suas necessidades biopsicossociais.
Esta Sessão Coordenada se propõe refletir sobre algumas questões pertinentes, além de propor aspectos interventivos importantes quando se trata de ações de promoção da saúde integral, e prevenção da doença do Idoso, buscando seu Bem Estar.
A Dra. Ana Lucia coloca a importância da comunicação dos achados cientifico para além dos periódicos especializados, e sua pesquisa demonstra que embora haja um aumento de publicações na mídia, esta ainda apresenta vieses indesejáveis.
A Dra. Carla apresenta um levantamento de estudos interventivos, comparando a literatura nacional com a internacional, concluindo o quanto estamos defasados neste aspecto.
Os demais autores/ apresentadores contribuem de forma contundente para programas interventivos, chamando atenção de aspectos fundamentais que devem ser levados em consideração ao se tratar dos Programas de Promoção do Bem Estar do Idoso:
A Dra. Adriana apresenta o desenvolvimento do potencial criativo (que se refere a capacidade de resolução de problemas, tendo um olhar flexível, portanto em seus aspectos cognitivos e afetivos) como um elemento fundamental para o enfrentamento de situações adversas, tão comum nesta fase da vida.;
O Dr. Marcelo enfatiza a importância da atividade física após 60 anos de idade, afirmando, em conclusão a pesquisas apresentadas, o seu potencial para reduzir o ritmo do envelhecimento, devendo ser coadjuvante em programas de atendimento ao idoso, para melhoria de vários aspectos de sua saúde biopsicossocial.
Neste sentido, a Dra. Eliane e sua orientanda apresentam um Programa de Exercícios Ritmados, que simulam atividades do cotidiano, que parece contribuir efetivamente para a melhora da capacidade de percepção das dimensões corporais facilitando portanto a vida do Idoso.

Finalmente, como coordenadora da Sessão, Dra. Vera Socci farei o fechamento as apresentações destacando o papel precípuo da religiosidade/espiritualidade na vida do Adulto Idoso, destacando sua influência na manutenção da saúde e prevenção da doença. A religiosidade, dando um sentido para a existência, suaviza o impacto negativo de acontecimentos dolorosos e facilita a aceitação de perdas naturais ligadas ao processo de envelhecimento. A pesquisa apresentada corrobora com a literatura nacional e internacional e demonstra que, embora todos participantes tomassem algum tipo de medicação (hipertensão, diabete, doenças osteomusculares, etc.) e referissem dores e complicações da saúde, os mais religiosos (70%) relataram sempre um impacto bem menor de seus males sobre suas atividades de vida diária, referindo-se a eles de forma mais otimista e bem humorada.

Psicologia do Desenvolvimento

IDOSO, RELIGIOSIDADE E SAÚDE. *DRA. VERA SOCCI (Universidade de Mogi das Cruzes),*
Ao contrário da tradição da medicina oriental, que sempre buscou integrar de forma explícita a dimensão religiosa/espiritual ao binômio saúde/doença, no Ocidente tanto a Medicina como a Psicologia negligenciaram, durante anos, este estudo. A partir da década de 80, entretanto, as evidências de que a espiritualidade assim como as práticas religiosas são decisivas na recuperação da saúde das pessoas foram extensivamente documentadas, em pesquisas multidisciplinares. Revisões da literatura especializada, relatam uma relação positiva entre a variável religiosidade e indicadores de saúde. Nestes estudos revisionais os autores demonstram resultados com significância estatística que revelam os efeitos positivos da frequência e das práticas religiosas no controle de doenças cardiovasculares, na recuperação de cirurgias, alem de uma variedade de síndromes relacionadas a neoplasias, e outras síndromes. Também em relação a saúde mental, existem revisões que concluem que as pessoas religiosas, principalmente as idosas, são mais saudáveis, mais felizes e mais satisfeitas com suas vidas, além de se sentirem menos deprimidas, ansiosas e solitárias. Estudos da psicogerontologia demonstram que a religiosidade é um recurso de enfrentamento importante frente aos eventos estressantes próprios da velhice. A religiosidade, dando um sentido para a existência, suaviza o impacto negativo de acontecimentos dolorosos e facilita a aceitação de perdas naturais ligadas ao processo de envelhecimento. O presente estudo procurou caracterizar a religiosidade de um grupo de idosos que participam de um programa para a Terceira Idade, ligado a Prefeitura Municipal de uma pequena cidade do Vale do Paraíba, cuja missão é promover o envelhecimento saudável e a integração social do idoso. Os principais resultados da caracterização sócio-demográfica: 120 idosos, 30% na faixa etária entre 60 e 65 anos, 40% entre 66 a 75 anos, 30% acima de 71 anos. Aproximadamente 60% dos participantes do gênero feminino. Quanto ao estado civil, 50% estavam casados, 31% viúvos, e os demais solteiros ou divorciados. Em relação a afiliação religiosa 44% eram Católicos, 37% protestantes/evangélicos, 18% de outras religiões, 1% declarou-se sem crença religiosa. Em segundo lugar pretendeu verificar o nível de religiosidade desta amostra, assim como sua percepção sobre a própria saúde, através de uma entrevista semi estruturada, utilizando-se o método de análise de conteúdo de Bardin para a interpretação das respostas abertas. Encontrou-se que 90% desta amostra reza/ora diariamente; 50% realiza leituras religiosas, ao menos uma vez por semana, 70% freqüentam assiduamente uma igreja. O que se pôde perceber, foi que, embora todos tomassem algum tipo de medicação (hipertensão, diabete, doenças osteomusculares, etc.) e referissem dores e complicações da saúde, os mais religiosos (70%) relataram sempre um impacto bem menor de seus males sobre suas atividades de vida diária, referindo-se a eles de forma mais otimista e bem humorada. Atualmente, numa segunda etapa, esta pesquisa está confrontando a avaliação subjetiva do estado de saúde, com medidas clínicas mais objetivas e confiáveis. Estes resultados

corroboram os achados da literatura apontada, e sinalizam sua importância para profissionais da saúde pública, que devem levá-los em consideração em suas intervenções.

Palavras-chave: velhice, espiritualidade, qualidade de vida
P
DES

ENVELHECIMENTO NA MÍDIA IMPRESSA BRASILEIRA: DOIS QUINQUÊNIOS.. *ANA LUCIA GATTI - THABATA VENTURA - MARCELO FERRO,*

A preocupação com o envelhecimento dos indivíduos e das populações tem sido tema de vários trabalhos científicos nos últimos anos e constitui-se como campo que pode ser chamado de multi ou interdisciplinar, dado concorrerem para sua compreensão e a melhoria das condições das pessoas os saberes advindos de várias áreas. A difusão do conhecimento gerado, de modo amplo à sociedade, é realizada por meios de comunicação que não pode se restringir às revistas científicas, dado o caráter e abrangência mais técnico de que estas se revestem. Por outro lado, a sociedade, como um todo, necessita e busca informação acerca do fenômeno que se faz cada vez mais presente em todo mundo, especialmente nos países em desenvolvimento- a ampliação do topo da pirâmide etária. O objetivo da investigação foi realizar um levantamento na revista semanal de maior circulação nacional quanto ao tema envelhecimento, tomando dois lustros (1997/2001 e 2007/2011), comparar como foi tratado o tema, quais os aspectos mais enfocados, os profissionais envolvidos nos artigos e o fluxo das notícias no período. A busca foi realizada manualmente a partir da leitura dos índices das 514 edições do período escolhido, disponibilizadas no portal eletrônico da publicação. Quando a chamada do artigo sugeria a possibilidade da existência de referência ao assunto, o artigo era lido na íntegra e tabulados os parâmetros de interesse pré-determinados. O ano que apresentou o maior número de artigos foi 2009, com 30, quando houve uma edição com o especial longevidade , e o ano de 1997 como o de menor incidência, com oito reportagens. Entretanto, o número dos artigos levantados em ambos os períodos (81 e 99) não apresenta diferença estatisticamente significante (2o= 1,80; g.l.=1; 2c=2,706). O total dos artigos se distribui por 38 seções, sendo que apenas seis com incidência superior a 10 (saúde= 30; medicina= 24; beleza= 20; longevidade= 20; especial= 16; guia=14) e 20 seções que apresentam apenas uma citação. Do total de 218 citações de profissionais, os da área médica são responsáveis por 65,59% das menções, o que configura, segundo o veículo, o envelhecimento como assunto predominantemente médico. Assim, de um total de 66 tipos diferentes de profissionais que aparece nas reportagens, 40 tipos surgem com apenas uma citação e dentre os mais citados estão os médicos (sem especificação, N=33 referências), dermatologistas (N=17), cirurgiões plásticos (N=15), geriatras (N=13), psicólogos (N=12) e psiquiatras (N=12). Questões como a impotência, as rugas e a calvície são periodicamente revisitadas na pauta, evidenciando a preocupação dos cientistas e o possível interesse da população em retardar aspectos externos e de desempenho sexual da passagem do tempo no indivíduo. Entretanto, temas sobre atividade física e cognitiva, bem como problemas políticos, econômicos, demográficos e previdenciários foram tratados ao longo do período analisado. Conclui que, ainda que haja uma ampliação sobre os temas tratados e de profissionais envolvidos quanto ao envelhecimento, há ênfase nos problemas estéticos e a multi e interdisciplinaridade do assunto tem se concentrado nos profissionais da área da saúde, dado serem esses que se apresentam como grupo consultado em várias reportagens.

Palavras-chave: idosos, senescência, social.
P
DES

CRIATIVIDADE E PROMOÇÃO DE BEM ESTAR NA VELHICE.. *ADRIANA APARECIDA FERREIRA DE SOUZA (Universidade de Mogi das cruzes)*

,

Ao tratar dos aspectos psicológicos do envelhecimento, uma preocupação constante é a promoção do bem estar na velhice, sendo que o envelhecimento bem sucedido é resultado de critérios como longevidade, saúde física e mental, eficácia cognitiva, competência social e produtividade, controle pessoal e satisfação com a vida. A criatividade se refere à capacidade de resolução de problemas, tendo um olhar flexível sobre os fenômenos apresentados, o que envolve aspectos cognitivos e emocionais. Nesse sentido, idosos que apresentam um potencial criativo tendem a enfrentar as situações adversas desta fase da vida de maneira mais saudável, o que promove um bem estar psicológico. O potencial criativo pode ser desenvolvido em qualquer fase da vida, inclusive na velhice.O termo late-lifebloomer tem sido utilizado para se referir a pessoas que apenas na velhice tendem a revelar talentos criativos e intelectuais. É uma metáfora a plantas que florescem na primavera, verão e no inverno. Algumas árvores americanas não florescem antes da primeira geada. Por analogia, algumas pessoas mostram seus frutos apenas quando seus cabelos estão grisalhos. A relação entre criatividade e bem estar vem sendo estudada na literatura psicológica e é objetivo do presente estudo. Para cumprir ao objetivo foi realizadauma busca na base de dados PsycINFO nos anos de 2011 e 2012 utilizando a palavra-chave creativity e selecionando-se os trabalhos com idosos participantes.Foram encontrados29 estudos (72% em 2011 e 28% até 06/2012). Destes 88% são artigos de periódicos, há duas teses/ dissertações e três livros ou capítulos de livros sobre criatividade do idoso. Uma análise dos temas dos estudos permite verificar a relação entre criatividade e bem estar em idosos. O tema mais frequente foi o desenvolvimento da criatividade em idosos com doenças degenerativas ou mentais (21%), ou seja, o desenvolvimento da criatividade para promoção do bem estar em idosos com doenças. Em segundo lugar ficou Arte, arte terapia, criatividade e saúde (17%), seguidos porResolução de problemas e promoção do bem estar e Clima organizacional/ liderança para criatividade (ambos com 10%). Com 7% dos temas ficaram Criatividade e cognição em idosos, Criatividade traços de personalidade e Criatividade e Educação. Finalmente, apareceram apenas uma vez os temas Criatividade e mortalidade, Processo criativo inconsciente, Registros de família sobre criatividade, Criatividade percepção de pesquisadores educacionais, Criatividade e auto-estima e Pensamento contrafatuais e criatividade. Conclui-se que a relação entre criatividade e bem estar em idosos aparece com diversas facetas entre os estudos internacionais, relacionado a promoção da saúde, resolução de problemas da faixa etária, arte terapia, cognição, auto-estima e educação. Faz-se necessária a realização de estudos no âmbito nacional além de trabalhos voltados para o desenvolvimento do potencial criativo em idosos e promoção do bem estar.

Palavras-chave: Envelhecimento, Criatividade, Saúde

P

DES

ENVELHECIMENTO E INTERVENÇÕES PSICOLÓGICAS PARA O BEM ESTAR DO IDOSO. *CARLA WITTER - SUELI DOS SANTOS VITORINO (Universidade São Judas Tadeu),*

O idoso e o processo de envelhecimento são objetos de estudo com características multifacetadas e multideterminadas exigindo dos pesquisadores uma abordagem interdisciplinar sobre o tema. A Psicologia tem contribuido com as pesquisas sobre o envelhecimento investigando diversas temáticas, tais como: depressão, atividades físicas, demências, habilidades sociais, qualidade de vida e bem estar, funçoes cognitivas, etc., porém

poucos são os trabalhos no Brasil que relatam intervenções psicológicas realizadas com os idosos. A análise da produção científica sobre idosos e intervenções psicológicas disponível na Scielo e na PsycINFO revelou, respectivamente, quatro e 81 resumos de artigos, de 2009 à 2011, utilizando as palavras-chave: idosos (elderly) e intervenção psicológica (psychological intervention). Os resultados revelaram que a publicação na base de dados brasileira é 20 vezes menor que na estrangeira, sendo a média de 1,33 e de 27 artigos/ano, respectivamente. Em 2011, foi publicado um estudo na Scielo contra 28 na PsycINFO. Dos quatro artigos publicados na Scielo, apenas dois relatavam intervenções psicológicas realizadas em grupos de idosos nas Unidades Básicas de Saúde (UBS), um artigo tratava de barreiras arquitetônicas nas UBS e outro sobre a validação de um instrumento de compreensão verbal. Todas as pesquisas eram de campo e descritivas. No PsycINFO, 65,43% eram artigos de estudos empíricos, 62,96% de pesquisas quantitativas, 13,58% de intervenções, 8,64% de revisões da literatura, o que denota o avanço científica sobre o assunto na literatura estrangeira, pois este resultado é um indicador do conhecimento na área de idosos e intervenção psicológica. Nenhum registro de revisão da literatura foi encontrado na base de dados brasileira devido ao baixo número de publicações, o que denota a necessidade de aumento da produtividade sobre os idosos brasileiros com pesquisas de intervenção psicológica. Assim como é importante que a área da psicologia desenvolva pesquisa baseada em evidências para uma melhor atuação dos profissionais nos atendimentos aos idosos. Na PsycINFO foram 82,71% de participantes idosos, 53,08% do gênero feminino e 50,62% do masculino, sendo o Teste Mini-Mental (14,81%) e duas escalas diferentes de depressão (ambas com 7,41%), os instrumentos mais utilizados nas pesquisas. Os trabalhos de intervenção publicados investigaram problemas de depressão e comorbidades, cognição, demência, diabetes e outras doenças crônicas, estresse, ansiedade, atividade física e quedas, cuidadores entre outros temas relacionados ao idoso e o processo de envelhecimento. Os resultados das intervenções, na maioria dos artigos, relataram a manutenção ou promoção no bem-estar do idoso. As intervenções, geralmente, envolviam mais de uma área de conhecimento, como a médica/psiquiátrica, atividades físicas (yoga e massagem), nutricionais, etc, o que revela a interdisciplinaridade no estudo da velhice. Conclui-se que a produção científica sobre os idosos e intervenção psicológica no Brasil é incipiente e merece mais atenção por parte dos pesquisadores e agências de fomento, assim como é notoria a necessidade de pesquisas de revisão sistemática sobre o assunto.

Palavras-chave: velhice, metaciência, psicologia
Pesquisador P
DES Psicologia do Desenvolvimento

PERCEPÇÃO CORPORAL DO IDOSO ATIVO. *ELIANE FLORENCIO GAMA - EMY SUELEN PEREIRA,*
O envelhecimento é um processo progressivo e natural que se caracteriza por uma série de alterações nas funções biológicas, psicológicas e sociais e que, ao longo do tempo, levam a redução das capacidades de execução de tarefas cotidianas e até à dependência. A percepção da forma e dimensão do corpo, bem como sua relação com o ambiente ao redor, denominado esquema corporal, tem fundamental importância para o planejamento e execução das atividades motoras. Observa-se que com o avançar da idade há uma tendência dos idosos subestimarem suas dimensões corporais (hipoesquematia). Além disso, observa-se também insatisfação com o corpo (imagem corporal) devido às mudanças na sua aparência (aparecimento de rugas, redistribuição gordura corporal) e declínio da funcionalidade. A prática de atividades corporais tem sido relacionada à melhora da capacidade de percepção das dimensões corporais e mais satisfação como próprio corpo. O objetivo desse estudo foi analisar os efeitos de um programa de exercícios ritmados que simulem atividades do

cotidiano no esquema corporal e imagem corporal de idosos. Participaram dessa pesquisa 29 voluntários de ambos os sexos, divididos em 2 grupos, o grupo controle composto por 13 indivíduos (11 mulheres e 2 homens) com idade média de 73±8 anos, e o grupo experimental composto por 16 indivíduos (13 mulheres e 3 homens) com idade média de 68±8 anos. Os sujeitos do grupo experimental participaram do programa de exercícios ritmados, que consistiu em aulas coreografadas, simulando atividades do cotidiano, realizadas duas vezes por semana, com duração de 60 minutos, durante 12 semanas. Para avaliação dos indivíduos foi aplicado o teste de marcação do esquema corporal, a partir do qual foi calculado o índice de percepção corporal e uma escala de Figuras de Silhuetas para avaliação da Imagem Corporal. O grupo controle foi avaliado duas vezes, com intervalo de 3 meses, já o grupo experimental foi avaliado antes e após a intervenção. Os resultados obtidos foram: no grupo controle, 46% dos indivíduos apresentaram piora no esquema corporal, já no grupo experimental 62% dos indivíduos se perceberam mais simétricos. O índice de percepção corporal do grupo controle piorou 9% e do grupo experimental melhorou em 4% após a prática das atividades propostas. Com relação à imagem corporal o grupo grupo controle apresentou insatisfação com o próprio corpo nos dois momentos da avaliação; e o grupo experimental apresentou satisfação corporal antes da prática das atividades corporais e após a mesma. Portanto, não houve modificação na imagem corporal em ambos os grupos. Sendo assim, observamos que o programa de exercícios ritmados que simulavam atividades do cotidiano foi capaz de interferir positivamente no esquema corporal dos idosos analisados.

Bolsa CAPES
Palavras-chave: percepção corporal, atividade física, envelhecimento
M
DES

EXERCÍCIO E ATIVIDADE FÍSICA PARA O BEM ESTAR DO IDOSO. *MARCELO DE ALMEIDA BURITI (Universidade São Judas Tadeu),*

A educação para prática de atividade física tem sido mencionada como instrumento de recuperação, manutenção e promoção da saúde. No entanto, só recentemente estudos epidemiológicos com melhor rigor conseguiram demonstrar com maior clareza essa associação. Dados recentes do Centers for Disease Control and Prevention de Atlanta apontam que mais de 2 milhões de mortes por ano podem ser atribuídas à inatividade física, em função de sua repercussão no incremento de doenças crônicas não-transmissíveis, como problemas cardiovasculares, câncer e diabetes, os quais responderam em 1998, por quase 60% das mortes no mundo, índice que deve alcançar em 2020 o total de 71,7 milhões se forem mantidas as tendências atuais. No Brasil, constatou-se tendência à inatividade física de forma semelhante a observada nos Estados Unidos segundo o relatório sobre padrões de vida dos brasileiros, elaborado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, indicando que 26% dos homens realizam atividade física regular e somente 12,7% das mulheres estão envolvidas em algum programa de treinamento. Quando se verifica a quantidade de pessoas que se exercitam pelo menos trinta minutos ou mais por dia, no mínimo três dias na semana, encontra-se 10,8% e 5,2% de homens e mulheres respectivamente. A prática de atividade física, regular e sistematizada aumenta ou mantém a aptidão física da população idosa, contribuindo para o bem estar funcional, diminuindo a taxa de morbidade e de mortalidade desse segmento da população. A atividade física protege o velho jovem (tipicamente idade entre 65 a 75 anos) contra a maior parte das doenças crônicas mencionadas. Também é importante na prevenção das doenças emocionais e físicas da atividade de vida diária, assim conservando a independência evitando a institucionalização. Pesquisas revelam que a participação dos idosos em programas de atividade físicas e de lazer em grupos pode colaborar

com o individuo a lidar com a perda do (a) companheiro (a), auxilia na recuperação da imagem corporal , na auto estima e no estado depressivo, o trabalho em grupo de atividade física tem papel fundamental na consciência de participar e fazer parte de um grupo e sentir se vivo. Para o meio velho (76 85 anos) e o muito velho (maior que 86 anos) os programas de exercícios regulares factíveis e seguros, podem levar a melhora na força muscular, melhor coordenação e equilíbrio, menor tempo de reação, maior velocidade natural do andar e maior flexibilidade. Pesquisas mostram ainda que o exercício regular pode melhorar as funções a tal ponto que o individuo possa manter a independência por mais sete a 11 anos com melhora substancial na qualidade de vida. Assim, a participação do idoso (velho jovem, meio velho e muito velho) em programas de atividade física regular poderá influenciar no processo de envelhecimento, com impacto positivo sobre a qualidade de vida. Dessa forma, o incentivo à prática de atividade física regular deveria ser rotina na vida do idoso. A atividade física tem potencial para reduzir o ritmo do envelhecimento e para ser coadjuvante em programas de atendimento ao idoso, melhorando vários aspectos da saúde biológica e psicológica, além dos aspectos relacionados ao viver social.

Palavras- Chave Envelhecimento, Independência funcional e qualidade de vida

P

DES

Sessão Coordenada: **IDOSO E ENVELHECIMENTO: BEM ESTAR E QUESTÕES BIOPSICOSSOCIAIS**

SESSÃO COORDENADA
PROPONENTE: Dra. Vera Socci
TITULO:
IDOSO E ENVELHECIMENTO: BEM ESTAR E QUESTÕES BIOPSICOSSOCIAIS
PARTICIPANTES:
Dra. Adriana Aparecida Ferreira de Souza - CRIATIVIDADE E A PROMOÇÃO DO BEM ESTAR NA VELHICE.
Dra. Ana Lucia Gatti, Thabata Ventura e Marcelo Ferro ENVELHECIMENTO NA MIDIA IMPRESSA BRASILEIRA: DOIS QUINQUENIOS.
Emy Suelen Pereira e Eliane Florêncio Gama PERCEPÇÃO CORPORAL DO IDOSO ATIVO.
Dra. Carla Witter e Sueli dos Santos Vitorino ENVELHECIMENTO E INTERVENÇÕES PSICOLÓGICAS PARA O BEM ESTAR DO IDOSO.
Marcelo de Almeida Buriti - EXERCÍCIO E ATIVIDADE FÍSICA PARA O BEM ESTAR DO IDOSO.
Dra. Vera Socci - IDOSO, RELIGIOSIDADE E SAÚDE.
JUSTIFICATIVA
Coordenação Dra. Vera Socci
A questão do envelhecimento populacional vem sendo exaustivamente tratado nos últimos anos, em seus múltiplos e multifacetados aspectos biopsicossocias. Este crescimento é mundial, entretanto, em relação a estrutura social nos países desenvolvidos e ricos houve possibilidade da criação de uma infraestrutura adequada para acompanha-lo, enquanto que nos países em desenvolvimento, como no Brasil, o envelhecimento populacional se dá em meio a desigualdade social, o que dificulta, ou mesmo impede que este grupo etário emergente seja atendido adequadamente em suas necessidades biopsicossociais.
Esta Sessão Coordenada se propõe refletir sobre algumas questões pertinentes, além de propor aspectos interventivos importantes quando se trata de ações de promoção da saúde integral, e prevenção da doença do Idoso, buscando seu Bem Estar.
A Dra. Ana Lucia coloca a importância da comunicação dos achados cientifico para além dos periódicos especializados, e sua pesquisa demonstra que embora haja um aumento de publicações na mídia, esta ainda apresenta vieses indesejáveis.
A Dra. Carla apresenta um levantamento de estudos interventivos, comparando a literatura nacional com a internacional, concluindo o quanto estamos defasados neste aspecto.
Os demais autores/ apresentadores contribuem de forma contundente para programas interventivos, chamando atenção de aspectos fundamentais que devem ser levados em consideração ao se tratar dos Programas de Promoção do Bem Estar do Idoso:
A Dra. Adriana apresenta o desenvolvimento do potencial criativo (que se refere a capacidade de resolução de problemas, tendo um olhar flexível, portanto em seus aspectos cognitivos e afetivos) como um elemento fundamental para o enfrentamento de situações adversas, tão comum nesta fase da vida.;
O Dr. Marcelo enfatiza a importância da atividade física após 60 anos de idade, afirmando, em conclusão a pesquisas apresentadas, o seu potencial para reduzir o ritmo do envelhecimento, devendo ser coadjuvante em programas de atendimento ao idoso, para melhoria de vários aspectos de sua saúde biopsicossocial.
Neste sentido, a Dra. Eliane e sua orientanda apresentam um Programa de Exercícios Ritmados, que simulam atividades do cotidiano, que parece contribuir efetivamente para a melhora da capacidade de percepção das dimensões corporais facilitando portanto a vida do Idoso.

Finalmente, como coordenadora da Sessão, Dra. Vera Socci farei o fechamento as apresentações destacando o papel precípuo da religiosidade/espiritualidade na vida do Adulto Idoso, destacando sua influência na manutenção da saúde e prevenção da doença. A religiosidade, dando um sentido para a existência, suaviza o impacto negativo de acontecimentos dolorosos e facilita a aceitação de perdas naturais ligadas ao processo de envelhecimento. A pesquisa apresentada corrobora com a literatura nacional e internacional e demonstra que, embora todos participantes tomassem algum tipo de medicação (hipertensão, diabete, doenças osteomusculares, etc.) e referissem dores e complicações da saúde, os mais religiosos (70%) relataram sempre um impacto bem menor de seus males sobre suas atividades de vida diária, referindo-se a eles de forma mais otimista e bem humorada.

Psicologia do Desenvolvimento

IDOSO, RELIGIOSIDADE E SAÚDE. *DRA. VERA SOCCI (Universidade de Mogi das Cruzes),*
Ao contrário da tradição da medicina oriental, que sempre buscou integrar de forma explícita a dimensão religiosa/espiritual ao binômio saúde/doença, no Ocidente tanto a Medicina como a Psicologia negligenciaram, durante anos, este estudo. A partir da década de 80, entretanto, as evidências de que a espiritualidade assim como as práticas religiosas são decisivas na recuperação da saúde das pessoas foram extensivamente documentadas, em pesquisas multidisciplinares. Revisões da literatura especializada, relatam uma relação positiva entre a variável religiosidade e indicadores de saúde. Nestes estudos revisionais os autores demonstram resultados com significância estatística que revelam os efeitos positivos da frequência e das práticas religiosas no controle de doenças cardiovasculares, na recuperação de cirurgias, alem de uma variedade de síndromes relacionadas a neoplasias, e outras síndromes. Também em relação a saúde mental, existem revisões que concluem que as pessoas religiosas, principalmente as idosas, são mais saudáveis, mais felizes e mais satisfeitas com suas vidas, além de se sentirem menos deprimidas, ansiosas e solitárias. Estudos da psicogerontologia demonstram que a religiosidade é um recurso de enfrentamento importante frente aos eventos estressantes próprios da velhice. A religiosidade, dando um sentido para a existência, suaviza o impacto negativo de acontecimentos dolorosos e facilita a aceitação de perdas naturais ligadas ao processo de envelhecimento. O presente estudo procurou caracterizar a religiosidade de um grupo de idosos que participam de um programa para a Terceira Idade, ligado a Prefeitura Municipal de uma pequena cidade do Vale do Paraíba, cuja missão é promover o envelhecimento saudável e a integração social do idoso. Os principais resultados da caracterização sócio-demográfica: 120 idosos, 30% na faixa etária entre 60 e 65 anos, 40% entre 66 a 75 anos, 30% acima de 71 anos. Aproximadamente 60% dos participantes do gênero feminino. Quanto ao estado civil, 50% estavam casados, 31% viúvos, e os demais solteiros ou divorciados. Em relação a afiliação religiosa 44% eram Católicos, 37% protestantes/evangélicos, 18% de outras religiões, 1% declarou-se sem crença religiosa. Em segundo lugar pretendeu verificar o nível de religiosidade desta amostra, assim como sua percepção sobre a própria saúde, através de uma entrevista semi estruturada, utilizando-se o método de análise de conteúdo de Bardin para a interpretação das respostas abertas. Encontrou-se que 90% desta amostra reza/ora diariamente; 50% realiza leituras religiosas, ao menos uma vez por semana, 70% freqüentam assiduamente uma igreja. O que se pôde perceber, foi que, embora todos tomassem algum tipo de medicação (hipertensão, diabete, doenças osteomusculares, etc.) e referissem dores e complicações da saúde, os mais religiosos (70%) relataram sempre um impacto bem menor de seus males sobre suas atividades de vida diária, referindo-se a eles de forma mais otimista e bem humorada. Atualmente, numa segunda etapa, esta pesquisa está confrontando a avaliação subjetiva do estado de saúde, com medidas clínicas mais objetivas e confiáveis. Estes resultados

corroboram os achados da literatura apontada, e sinalizam sua importância para profissionais da saúde pública, que devem levá-los em consideração em suas intervenções.

Palavras-chave: velhice, espiritualidade, qualidade de vida
P
DES

ENVELHECIMENTO NA MÍDIA IMPRESSA BRASILEIRA: DOIS QUINQUÊNIOS.. *ANA LUCIA GATTI - THABATA VENTURA - MARCELO FERRO,*

A preocupação com o envelhecimento dos indivíduos e das populações tem sido tema de vários trabalhos científicos nos últimos anos e constitui-se como campo que pode ser chamado de multi ou interdisciplinar, dado concorrerem para sua compreensão e a melhoria das condições das pessoas os saberes advindos de várias áreas. A difusão do conhecimento gerado, de modo amplo à sociedade, é realizada por meios de comunicação que não pode se restringir às revistas científicas, dado o caráter e abrangência mais técnico de que estas se revestem. Por outro lado, a sociedade, como um todo, necessita e busca informação acerca do fenômeno que se faz cada vez mais presente em todo mundo, especialmente nos países em desenvolvimento- a ampliação do topo da pirâmide etária. O objetivo da investigação foi realizar um levantamento na revista semanal de maior circulação nacional quanto ao tema envelhecimento, tomando dois lustros (1997/2001 e 2007/2011), comparar como foi tratado o tema, quais os aspectos mais enfocados, os profissionais envolvidos nos artigos e o fluxo das notícias no período. A busca foi realizada manualmente a partir da leitura dos índices das 514 edições do período escolhido, disponibilizadas no portal eletrônico da publicação. Quando a chamada do artigo sugeria a possibilidade da existência de referência ao assunto, o artigo era lido na íntegra e tabulados os parâmetros de interesse pré-determinados. O ano que apresentou o maior número de artigos foi 2009, com 30, quando houve uma edição com o especial longevidade , e o ano de 1997 como o de menor incidência, com oito reportagens. Entretanto, o número dos artigos levantados em ambos os períodos (81 e 99) não apresenta diferença estatisticamente significante (2o= 1,80; g.l.=1; 2c=2,706). O total dos artigos se distribui por 38 seções, sendo que apenas seis com incidência superior a 10 (saúde= 30; medicina= 24; beleza= 20; longevidade= 20; especial= 16; guia=14) e 20 seções que apresentam apenas uma citação. Do total de 218 citações de profissionais, os da área médica são responsáveis por 65,59% das menções, o que configura, segundo o veículo, o envelhecimento como assunto predominantemente médico. Assim, de um total de 66 tipos diferentes de profissionais que aparece nas reportagens, 40 tipos surgem com apenas uma citação e dentre os mais citados estão os médicos (sem especificação, N=33 referências), dermatologistas (N=17), cirurgiões plásticos (N=15), geriatras (N=13), psicólogos (N=12) e psiquiatras (N=12). Questões como a impotência, as rugas e a calvície são periodicamente revisitadas na pauta, evidenciando a preocupação dos cientistas e o possível interesse da população em retardar aspectos externos e de desempenho sexual da passagem do tempo no indivíduo. Entretanto, temas sobre atividade física e cognitiva, bem como problemas políticos, econômicos, demográficos e previdenciários foram tratados ao longo do período analisado. Conclui que, ainda que haja uma ampliação sobre os temas tratados e de profissionais envolvidos quanto ao envelhecimento, há ênfase nos problemas estéticos e a multi e interdisciplinaridade do assunto tem se concentrado nos profissionais da área da saúde, dado serem esses que se apresentam como grupo consultado em várias reportagens.

Palavras-chave: idosos, senescência, social.
P
DES

CRIATIVIDADE E PROMOÇÃO DE BEM ESTAR NA VELHICE.. *ADRIANA APARECIDA FERREIRA DE SOUZA (Universidade de Mogi das cruzes)*

,

Ao tratar dos aspectos psicológicos do envelhecimento, uma preocupação constante é a promoção do bem estar na velhice, sendo que o envelhecimento bem sucedido é resultado de critérios como longevidade, saúde física e mental, eficácia cognitiva, competência social e produtividade, controle pessoal e satisfação com a vida. A criatividade se refere à capacidade de resolução de problemas, tendo um olhar flexível sobre os fenômenos apresentados, o que envolve aspectos cognitivos e emocionais. Nesse sentido, idosos que apresentam um potencial criativo tendem a enfrentar as situações adversas desta fase da vida de maneira mais saudável, o que promove um bem estar psicológico. O potencial criativo pode ser desenvolvido em qualquer fase da vida, inclusive na velhice.O termo late-lifebloomer tem sido utilizado para se referir a pessoas que apenas na velhice tendem a revelar talentos criativos e intelectuais. É uma metáfora a plantas que florescem na primavera, verão e no inverno. Algumas árvores americanas não florescem antes da primeira geada. Por analogia, algumas pessoas mostram seus frutos apenas quando seus cabelos estão grisalhos. A relação entre criatividade e bem estar vem sendo estudada na literatura psicológica e é objetivo do presente estudo. Para cumprir ao objetivo foi realizadauma busca na base de dados PsycINFO nos anos de 2011 e 2012 utilizando a palavra-chave creativity e selecionando-se os trabalhos com idosos participantes.Foram encontrados29 estudos (72% em 2011 e 28% até 06/2012). Destes 88% são artigos de periódicos, há duas teses/ dissertações e três livros ou capítulos de livros sobre criatividade do idoso. Uma análise dos temas dos estudos permite verificar a relação entre criatividade e bem estar em idosos. O tema mais frequente foi o desenvolvimento da criatividade em idosos com doenças degenerativas ou mentais (21%), ou seja, o desenvolvimento da criatividade para promoção do bem estar em idosos com doenças. Em segundo lugar ficou Arte, arte terapia, criatividade e saúde (17%), seguidos porResolução de problemas e promoção do bem estar e Clima organizacional/ liderança para criatividade (ambos com 10%). Com 7% dos temas ficaram Criatividade e cognição em idosos, Criatividade traços de personalidade e Criatividade e Educação. Finalmente, apareceram apenas uma vez os temas Criatividade e mortalidade, Processo criativo inconsciente, Registros de família sobre criatividade, Criatividade percepção de pesquisadores educacionais, Criatividade e auto-estima e Pensamento contrafatuais e criatividade. Conclui-se que a relação entre criatividade e bem estar em idosos aparece com diversas facetas entre os estudos internacionais, relacionado a promoção da saúde, resolução de problemas da faixa etária, arte terapia, cognição, auto-estima e educação. Faz-se necessária a realização de estudos no âmbito nacional além de trabalhos voltados para o desenvolvimento do potencial criativo em idosos e promoção do bem estar.

Palavras-chave: Envelhecimento, Criatividade, Saúde

P

DES

ENVELHECIMENTO E INTERVENÇÕES PSICOLÓGICAS PARA O BEM ESTAR DO IDOSO. *CARLA WITTER - SUELI DOS SANTOS VITORINO (Universidade São Judas Tadeu),*

O idoso e o processo de envelhecimento são objetos de estudo com características multifacetadas e multideterminadas exigindo dos pesquisadores uma abordagem interdisciplinar sobre o tema. A Psicologia tem contribuido com as pesquisas sobre o envelhecimento investigando diversas temáticas, tais como: depressão, atividades físicas, demências, habilidades sociais, qualidade de vida e bem estar, funçoes cognitivas, etc., porém

poucos são os trabalhos no Brasil que relatam intervenções psicológicas realizadas com os idosos. A análise da produção científica sobre idosos e intervenções psicológicas disponível na Scielo e na PsycINFO revelou, respectivamente, quatro e 81 resumos de artigos, de 2009 à 2011, utilizando as palavras-chave: idosos (elderly) e intervenção psicológica (psychological intervention). Os resultados revelaram que a publicação na base de dados brasileira é 20 vezes menor que na estrangeira, sendo a média de 1,33 e de 27 artigos/ano, respectivamente. Em 2011, foi publicado um estudo na Scielo contra 28 na PsycINFO. Dos quatro artigos publicados na Scielo, apenas dois relatavam intervenções psicológicas realizadas em grupos de idosos nas Unidades Básicas de Saúde (UBS), um artigo tratava de barreiras arquitetônicas nas UBS e outro sobre a validação de um instrumento de compreensão verbal. Todas as pesquisas eram de campo e descritivas. No PsycINFO, 65,43% eram artigos de estudos empíricos, 62,96% de pesquisas quantitativas, 13,58% de intervenções, 8,64% de revisões da literatura, o que denota o avanço científica sobre o assunto na literatura estrangeira, pois este resultado é um indicador do conhecimento na área de idosos e intervenção psicológica. Nenhum registro de revisão da literatura foi encontrado na base de dados brasileira devido ao baixo número de publicações, o que denota a necessidade de aumento da produtividade sobre os idosos brasileiros com pesquisas de intervenção psicológica. Assim como é importante que a área da psicologia desenvolva pesquisa baseada em evidências para uma melhor atuação dos profissionais nos atendimentos aos idosos. Na PsycINFO foram 82,71% de participantes idosos, 53,08% do gênero feminino e 50,62% do masculino, sendo o Teste Mini-Mental (14,81%) e duas escalas diferentes de depressão (ambas com 7,41%), os instrumentos mais utilizados nas pesquisas. Os trabalhos de intervenção publicados investigaram problemas de depressão e comorbidades, cognição, demência, diabetes e outras doenças crônicas, estresse, ansiedade, atividade física e quedas, cuidadores entre outros temas relacionados ao idoso e o processo de envelhecimento. Os resultados das intervenções, na maioria dos artigos, relataram a manutenção ou promoção no bem-estar do idoso. As intervenções, geralmente, envolviam mais de uma área de conhecimento, como a médica/psiquiátrica, atividades físicas (yoga e massagem), nutricionais, etc, o que revela a interdisciplinaridade no estudo da velhice. Conclui-se que a produção científica sobre os idosos e intervenção psicológica no Brasil é incipiente e merece mais atenção por parte dos pesquisadores e agências de fomento, assim como é notoria a necessidade de pesquisas de revisão sistemática sobre o assunto.

Palavras-chave: velhice, metaciência, psicologia
Pesquisador P
DES Psicologia do Desenvolvimento

PERCEPÇÃO CORPORAL DO IDOSO ATIVO. *ELIANE FLORENCIO GAMA - EMY SUELEN PEREIRA,*
O envelhecimento é um processo progressivo e natural que se caracteriza por uma série de alterações nas funções biológicas, psicológicas e sociais e que, ao longo do tempo, levam a redução das capacidades de execução de tarefas cotidianas e até à dependência. A percepção da forma e dimensão do corpo, bem como sua relação com o ambiente ao redor, denominado esquema corporal, tem fundamental importância para o planejamento e execução das atividades motoras. Observa-se que com o avançar da idade há uma tendência dos idosos subestimarem suas dimensões corporais (hipoesquematia). Além disso, observa-se também insatisfação com o corpo (imagem corporal) devido às mudanças na sua aparência (aparecimento de rugas, redistribuição gordura corporal) e declínio da funcionalidade. A prática de atividades corporais tem sido relacionada à melhora da capacidade de percepção das dimensões corporais e mais satisfação como próprio corpo. O objetivo desse estudo foi analisar os efeitos de um programa de exercícios ritmados que simulem atividades do

cotidiano no esquema corporal e imagem corporal de idosos. Participaram dessa pesquisa 29 voluntários de ambos os sexos, divididos em 2 grupos, o grupo controle composto por 13 indivíduos (11 mulheres e 2 homens) com idade média de 73±8 anos, e o grupo experimental composto por 16 indivíduos (13 mulheres e 3 homens) com idade média de 68±8 anos. Os sujeitos do grupo experimental participaram do programa de exercícios ritmados, que consistiu em aulas coreografadas, simulando atividades do cotidiano, realizadas duas vezes por semana, com duração de 60 minutos, durante 12 semanas. Para avaliação dos indivíduos foi aplicado o teste de marcação do esquema corporal, a partir do qual foi calculado o índice de percepção corporal e uma escala de Figuras de Silhuetas para avaliação da Imagem Corporal. O grupo controle foi avaliado duas vezes, com intervalo de 3 meses, já o grupo experimental foi avaliado antes e após a intervenção. Os resultados obtidos foram: no grupo controle, 46% dos indivíduos apresentaram piora no esquema corporal, já no grupo experimental 62% dos indivíduos se perceberam mais simétricos. O índice de percepção corporal do grupo controle piorou 9% e do grupo experimental melhorou em 4% após a prática das atividades propostas. Com relação à imagem corporal o grupo grupo controle apresentou insatisfação com o próprio corpo nos dois momentos da avaliação; e o grupo experimental apresentou satisfação corporal antes da prática das atividades corporais e após a mesma. Portanto, não houve modificação na imagem corporal em ambos os grupos. Sendo assim, observamos que o programa de exercícios ritmados que simulavam atividades do cotidiano foi capaz de interferir positivamente no esquema corporal dos idosos analisados.

Bolsa CAPES
Palavras-chave: percepção corporal, atividade física, envelhecimento
M
DES

EXERCÍCIO E ATIVIDADE FÍSICA PARA O BEM ESTAR DO IDOSO. *MARCELO DE ALMEIDA BURITI (Universidade São Judas Tadeu),*

A educação para prática de atividade física tem sido mencionada como instrumento de recuperação, manutenção e promoção da saúde. No entanto, só recentemente estudos epidemiológicos com melhor rigor conseguiram demonstrar com maior clareza essa associação. Dados recentes do Centers for Disease Control and Prevention de Atlanta apontam que mais de 2 milhões de mortes por ano podem ser atribuídas à inatividade física, em função de sua repercussão no incremento de doenças crônicas não-transmissíveis, como problemas cardiovasculares, câncer e diabetes, os quais responderam em 1998, por quase 60% das mortes no mundo, índice que deve alcançar em 2020 o total de 71,7 milhões se forem mantidas as tendências atuais. No Brasil, constatou-se tendência à inatividade física de forma semelhante a observada nos Estados Unidos segundo o relatório sobre padrões de vida dos brasileiros, elaborado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, indicando que 26% dos homens realizam atividade física regular e somente 12,7% das mulheres estão envolvidas em algum programa de treinamento. Quando se verifica a quantidade de pessoas que se exercitam pelo menos trinta minutos ou mais por dia, no mínimo três dias na semana, encontra-se 10,8% e 5,2% de homens e mulheres respectivamente. A prática de atividade física, regular e sistematizada aumenta ou mantém a aptidão física da população idosa, contribuindo para o bem estar funcional, diminuindo a taxa de morbidade e de mortalidade desse segmento da população. A atividade física protege o velho jovem (tipicamente idade entre 65 a 75 anos) contra a maior parte das doenças crônicas mencionadas. Também é importante na prevenção das doenças emocionais e físicas da atividade de vida diária, assim conservando a independência evitando a institucionalização. Pesquisas revelam que a participação dos idosos em programas de atividade físicas e de lazer em grupos pode colaborar

com o individuo a lidar com a perda do (a) companheiro (a), auxilia na recuperação da imagem corporal , na auto estima e no estado depressivo, o trabalho em grupo de atividade física tem papel fundamental na consciência de participar e fazer parte de um grupo e sentir se vivo. Para o meio velho (76 85 anos) e o muito velho (maior que 86 anos) os programas de exercícios regulares factíveis e seguros, podem levar a melhora na força muscular, melhor coordenação e equilíbrio, menor tempo de reação, maior velocidade natural do andar e maior flexibilidade. Pesquisas mostram ainda que o exercício regular pode melhorar as funções a tal ponto que o individuo possa manter a independência por mais sete a 11 anos com melhora substancial na qualidade de vida. Assim, a participação do idoso (velho jovem, meio velho e muito velho) em programas de atividade física regular poderá influenciar no processo de envelhecimento, com impacto positivo sobre a qualidade de vida. Dessa forma, o incentivo à prática de atividade física regular deveria ser rotina na vida do idoso. A atividade física tem potencial para reduzir o ritmo do envelhecimento e para ser coadjuvante em programas de atendimento ao idoso, melhorando vários aspectos da saúde biológica e psicológica, além dos aspectos relacionados ao viver social.

Palavras- Chave Envelhecimento, Independência funcional e qualidade de vida

P

DES

Sessão Coordenada: **Idosos e o processo de envelhecimento: estratégias e intervenções para o bem-estar**

O envelhecimento populacional é uma realidade mundial e coloca na pauta de discussões problemas importantes quanto a necessidade de se conhecer o ciclo da vida aumentado que pode ser vivido com qualidade. As informações e dados de pesquisa quanto: Leitura e qualidade de vida: estratégias cognitivas e metacognitivas pesquisado pela Dra. Elza Maria, apresenta a leitura como uma estratégia útil que pode contribuir em vários aspectos tais como: a) ter informações sobre determinadas doenças e com isto prevenir e postergar Parkinson, Alzhaimer, falta de atenção, perda de memória etc. A Dra. Claudia Gil, mostra dados sobre a importância das Oficinas psicológicas para promoção de bem estar do idoso, uma vez que, observou-se que a proposta terapêutica favoreceu maior integração e possibilidade de recordação saudável, refletindo vivências que apontaram para o crescimento pessoal dos participantes do grupo.Uma outra importante questão que será discutida é sobre Alimentação e qualidade de vida: estratégias nutricionais abordada pela Dra. Rita de Cássia de Aquino, a pesquisadora evidencia que no envelhecimento é preciso adaptar a alimentação com a finalidade de promover a saúde e reduzir o risco de desenvolvimento de doenças crônicas não transmissíveis. Será foco de atenção também o Lazer, atividades básicas e instrumentais de vida diária: avaliação e intervenções como estratégia para a melhoria da qualidade de vida e bem estar da população idosa apresentada pelo Dr. Marcelo de Almeida Buriti, essas questões que serão discutidas durante a sessão coordenada parecem suficientes para justificar a melhoria da saúde e prevenção de problemas biopsicossociais entre os idosos. É recomendável também estabelecer políticas de saúde e desenvolver programas para estímulo às atividades desse tipo. Para que tais programas tenham maior probabilidade de êxito, são necessárias pesquisas que permitam conhecer os fatores que levam ao decréscimo das atividades com a idade, os efeitos específicos dessas atividades e que avaliem os programas propostos e executados.
Psicologia do Desenvolvimento

Lazer, atividades básicas e instrumentais de vida diária: avaliação e intervenções. *Dr. Marcelo de Almeida Buriti (Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia de São Paulo-SP),*
A qualidade de vida é um conceito subjetivo que depende do nível sociocultural, da faixa etária e das aspirações pessoais do indivíduo. Está relacionado à auto-estima e ao bem-estar pessoal e abrange uma série de aspectos como a capacidade funcional, o nível socioeconômico, o estado emocional, a interação social, a atividade intelectual, o autocuidado, o suporte familiar, o próprio estado de saúde, os valores culturais, éticos e a religiosidade, o estilo de vida, a satisfação com o emprego e/ou com atividades diárias e o ambiente em que se vive. Os idosos estão realmente cada vez mais ativamente presentes em nossa sociedade, e seu engajamento em atividades de lazer está, inclusive, previsto no artigo 20 do Estatuto do Idoso, que lhes assegura o direito à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, a diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade. A preservação de identidade psicológica do indivíduo é de fundamental importância, pois é ela que ajuda ao individuo a adaptar - se ao mundo externo e a enfrentar com serenidade a perda progressiva da capacidade fisiológicas e todas as outras limitações. Para seu desenvolvimento ter continuidade e para superar dificuldades psicossociais inerentes a velhice, o idoso precisa estar envolvido em diversas tarefas entre as quais, explicita ou implicitamente, espera se que busque o lazer. O lazer é uma das mais importantes dimensões da cultura, assim como o trabalho e a família. As atividades de lazer apresentam funções específicas como descanso reparar desgastes físicos e mentais decorrentes da vida diária, estresse, fadiga entre outros, a

recreação é considerada também como uma atividade importante para o lazer. Uma outra função é o desenvolvimento pessoal que viabiliza os aspectos sociais, cognitivos e a personalidade. Apesar do aumento do tempo livre, observa se a falta de preparo para usufruir dele. Esse cenário também tende a se manter porque a maioria dos idosos menospreza atividades de lazer pela influência de uma sociedade que valoriza demasiadamente a produção. Desse modo, é necessário que o idoso possa estar capacitado a participar integralmente dessas atividades de forma a aproveitar melhor seu tempo livre. Conclui-se, dessa forma, que a educação para o lazer é de fundamental importância para o processo de desenvolvimento do idoso, ao longo do seu tempo de vida, bem como, para melhoria qualidade de vida da população idosa, especialmente, as mais carcntes localizadas e aglomeradas nos grandes centros urbanos. Há muito por conquistar inclusive no que concerne ao lazer na velhice.

Alimentação e qualidade de vida: estratégias nutricionais. *Dra. Rita de Cássia de Aquino (Universidade São Judas Tadeu),*

O envelhecimento populacional é um fenômeno mundial e tem se tornado cada vez mais frequente em razão do aumento da sobrevida dos indivíduos, e a população idosa é um segmento que vem se expandindo rapidamente no Brasil e no mundo. Envelhecer é um processo natural, dinâmico, progressivo e irreversível, em que ocorrem inúmeras alterações que levam o indivíduo a necessidade de se adaptar a alterações fisiológicas e, eventualmente patológicas, que se manifestam com o tempo. No envelhecimento é preciso adaptar a alimentação com a finalidade de promover a saúde e reduzir o risco de desenvolvimento de doenças crônicas não transmissíveis, e os idosos podem representar uma população mais frágil devido às alterações morfológicas, biomoleculares e funcionais, podendo ocorrer perda de capacidade de adaptar-se às mudanças e acarretar maior vulnerabilidade a doenças. As principais mudanças que podem comprometer o aproveitamento dos nutrientes são as alterações no metabolismo basal, mudanças na composição corporal, alterações no sistema digestório relacionados à produção de enzimas, alterações na percepção sensorial, no apetite e na sensação de sede. A avaliação do estado nutricional por meio de monitoramento de variáveis antropométricas, bioquímicas, clínicas e principalmente dietéticas, é o papel do nutricionista em conjunto com todos os profissionais de saúde. Estratégias nutricionais programadas de forma individualizada podem contribuir de forma significativa com a redução no impacto que as alterações podem acarretar na saúde do indivíduo idoso e, se realizadas em conjunto com intervenções e acompanhadas de forma interdisciplinar, vão promover saúde e qualidade de vida no envelhecimento. Tendo em vista que os alimentos não são consumidos isoladamente e que a análise dos hábitos alimentares e das combinações dos alimentos é uma forma de avaliar o consumo alimentar, uma das estratégias utilizadas na avaliação da alimentação do idoso é o Padrão Alimentar. Um adequado padrão nas escolhas alimentares no dia-a-dia, a combinação de grupos alimentares na quantidade e proporção corretas tem papel imprescindível na prevenção de deficiências nutricionais que podem acarretar desnutrição, levando a sarcopenia e a fragilidade, aumentando a morbidade e mortalidade. O uso correto de guias alimentares na orientação dietética deve levar ao atendimento às necessidades energéticas e nutricionais, além do equilíbrio hídrico, indispensável na prevenção da desidratação e hipertermia, além da constipação, problemas muito frequentes com o envelhecimento. Assim, a atenção nutricional ao idoso em conjunto com a atenção de todos os profissionais de saúde, de forma integrada e harmoniosa, pode promover o envelhecimento saudável e a qualidade de vida.

Leitura e bem estar de idosos: estratégias cognitivas e metacognitivas. *Drª Elza Maria Tavares Silva (Universidade de Mogi das Cruzes, São Paulo SP),*

No Brasil, dados do IBGE apontam que nos próximos anos o número de idosos ultrapassará a 30 milhões de pessoas (15%), por dois fatores justificáveis, a redução da taxa de mortalidade, e a redução da morbidez e da mortalidade. A esperança de vida que era de 33,7 anos em 1950 deverá alcançar 77,08 em 2020/2025. Hoje já é de 75 anos. Esses idosos formam um grupo heterogêneo, com uma nova visão, que passou a ser percebido como tendo muitas possibilidades, perspectivas e conhecimentos quanto à qualidade de vida e bem estar no contexto. Para tanto, a leitura é um estratégia útil em todas elas, pois ao longo da História ela tem sido uma das formas mais importantes de que dispõe o homem para fundir conhecimento e prazer. O auxílio da metacognição é significativa, etapa conhecida como uma conquista evolutiva do ser humano, assim o idoso pode por meio da leitura ter contribuição em vários aspectos tais como: a) ter informações sobre determinadas doenças e com isto prevenir e postergar Parkinson, Alzhaimer, falta de atenção, perda de memória etc.; b) obter informações de como melhor conduzir sua vida para usufruí-la e obter qualidade de vida; c) ficar informado sobre tarefas de desenvolvimento que se espera que as pessoas nesta faixa etária cumpram; d) auxiliar os netos em suas tarefas escolares; e) atendimento a outros leitores em trabalhos nos hospitais e entidades (leitura para pacientes); f) na escola (programas especiais de auxílio aos alunos em tarefas e de como estudar), g) preparação para a aposentadoria para aqueles que desejam ou querem sair do mercado de trabalho e, h) idosos a serem atendidos em suas necessidades de leitura, porque muitos deles têm dificuldades com a língua escrita, em função da precária escolaridade. A internet também contribui para mudança de comportamento do idoso, pois pode auxiliar a leitura dos principais jornais, escrever e responder e-mails, buscar informações sobre assuntos de interesse pessoal e mundial. Pela importância do tema, metanálises e novas pesquisas são necessárias. Um levantamento foi feito nas bases SciELO (três últimos anos) resultou em só oito artigos e na ERIC, no mesmo período, em 27. Em quatro periódicos nacionais obteve-se: Psicologia: Ciência e Profissão (2007/2012) nenhum artigo; Psicologia e Sociedade (2007/2012) um único artigo; em Psicologia: Reflexão e Crítica (2007/2012) nove artigos; Paidéia (2007/2011) publicou um único artigo. Fatos estes que demonstram carência de estudos na área sobre o idoso, em particular focando a leitura e sua contribuição. Assim, no âmbito da promoção de qualidade de vida do idoso, a leitura tida e mantida como atividade pode auxiliar a sanar e a manter motivações e possibilidades em direção ao sentimento de bem estar, mas ainda há poucas pesquisas. No Brasil, há necessidade de pesquisas relacionando a leitura e sua aplicação em intervenções que propiciem bem estar aos idosos.

Oficinas psicoterapêuticas para promoção de bem estar do idoso. *Claudia Aranha Gil (APOIAR-Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo); Leila Cury Tardivo (Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo).*

,

O crescente envelhecimento populacional e o consequente aumento da expectativa de vida se consolidaram como uma tendência mundial. No campo da saúde mental, o aumento dos índices de depressão e demências em idosos se destaca tanto pela elevada prevalência como pelas consequências que acarretam nas vidas dessas pessoas. As políticas de saúde para os idosos enfatizam formas de prevenção com o objetivo de manter a capacidade funcional desses indivíduos, ou seja, manter as habilidades físicas e mentais necessárias para uma vida autonôma. É observada a carência, principalmente na rede pública, de equipamentos e profissionais aptos a oferecer o cuidado necessário à saúde mental do idoso e que venham a contribuir para a melhoria da sua qualidade de vida. Torna-se necessário o desenvolvimento de novos modelos e propostas que possam, nesse contexto, ser implementados com o

objetivo de oferecer a atenção psicológica essencial ao idoso, tanto no sentido da intervenção como da prevenção. O estudo tem como objetivo apresentar a Oficina de Cartas, Fotografias e Lembranças como proposta de intervenção psicoterapêutica visando a promoção do bem estar do idoso. A pesquisa foi desenvolvida com o método clínico, baseado na teoria psicanalítica e, em especial, na leitura dos conceitos winnicottianos. Participaram do estudo seis idosos - um homem e cinco mulheres -com idade entre 65 e 79 anos que frequentavam um Grupo da Terceira Idade pertencente a Secretaria de Ação Social da Prefeitura de um munícipio do interior do estado de São Paulo. Para compreensão diagnóstica foram realizadas duas entrevistas iniciais e aplicados os instrumentos WHOQOL BREF (Inventário de Qualidade de Vida Forma Breve), o BDI Inventário Beck de Depressão e o Teste de Apercepção temática para Idosos - SAT. O processo psicoterapêutico foi realizado em grupo e de forma breve durante 16 sessões. Nas Oficinas Psicoterapêuticas, aos pacientes são apresentadas materialidades de diversas naturezas com o objetivo de facilitar a comunicação emocional. Neste enquadre, os participantes são convidados a trazer para as sessões cartas, fotografias e objetos, que são fixados ou apoiados em um quadro magnético e durante uma hora e meia falam sobre as recordações despertadas. Após o período de duração da Oficina foi realizada uma entrevista final com cada participante e reaplicados o Inventário de Qualidade de Vida e o Inventário Beck de Depressão. A partir da análise do processo psicoterapêutico e do resultado da analise dos instrumentos utilizados, a proposta da Oficina desenvolvida com esse grupo se mostrou eficaz. Houve significativa melhora dos sintomas depressivos e, de modo geral, da qualidade de vida dos participantes que concluiram sua participação no grupo. Ao final do estudo, observou-se que o enquadre utilizado na proposta terapêutica favoreceu maior integração e possibilidade de recordação saudável, refletindo vivências que apontaram para o crescimento pessoal dos participantes do grupo.

Sessão Coordenada: **IMPACTOS NA CRIANÇA E NA FAMÍLIA: CONTRIBUIÇÕES DE PESQUISAS NO CONTEXTO DE RISCO NEOANTAL.**

A Sessão Coordenada intitulada Impactos na criança e na família: contribuições de pesquisas no contexto de risco neonatal proposta para apresentação na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia abordará a temática do risco neonatal, considerando os impactos sobre o desenvolvimento da criança e da família. Propõe-se a apresentação e discussão de resultados de pesquisas que buscaram compreender como se dá o processo de comunicação da família com o profissional de saúde nos casos de diagnóstico de malformação fetal, prematuridade e baixo peso ao nascer; e conhecer o impacto dessas condições na mãe, no que se refere aos seus estados emocionais e suas estratégias de enfrentamento, e na criança, no que tange às queixas comportamentais relatadas pelas mães.

A malformação fetal e as condições de nascimento prematuro e de baixo peso constituem fator de risco para o desenvolvimento global da criança. Nesse contexto, variáveis psicossociais relacionadas à família e, em especial, à mãe podem contribuir para minimizar ou agravar a condição de vulnerabilidade. Desde o momento do diagnóstico da condição de risco, o qual é fornecido pela equipe de saúde, a família precisa ser assistida em suas necessidades de informação sobre os aspectos envolvidos no diagnóstico e prognóstico, bem como de suporte psicossocial para o enfrentamento do problema. Entende-se que a interação entre os microssistemas família e equipe de saúde pode se constituir em fator de proteção para a criança em diferentes etapas do seu desenvolvimento.

Sendo assim, a proposição dessa Sessão Coordenada representa a oportunidade de discutir, no âmbito da Sociedade Brasileira de Psicologia, pesquisas sobre a temática do risco neonatal que acompanha os casos de malformação fetal, prematuridade e baixo peso, incluindo nessa discussão não somente a criança, mas também sua família (representada pela mãe) e a equipe de saúde. A Sessão Coordenada está composta por quatro participantes vinculados a instituições públicas do ensino superior, situadas em dois estados do país (Espírito Santo e Rio de Janeiro), que desenvolvem pesquisas na temática proposta, sendo que duas são membros do Grupo de Trabalho Psicologia Pediátrica da ANPEPP. A proponente da sessão coordenada, Profa. Dra. Alessandra Brunoro Motta Loss, é docente do departamento de Educação Integrada em Saúde e professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, desenvolvendo pesquisas na área de avaliação e intervenção psicológica, em contextos de risco biológico e psicossocial, com crianças e suas famílias. Nesta Sessão Coordenada ela apresentará a terceira comunicação, relatando um estudo sobre os estados emocionais maternos (stress e depressão) e estratégias de enfrentamento de mães de bebês prematuros e baixo peso. A Professora Doutora Ana Cristina Barros da Cunha, vinculada ao Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Perinatal, Laboratório de Estudo, Pesquisa e Intervenção em Desenvolvimento e Saúde, Maternidade Escola da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, também desenvolve pesquisas na área de avaliação e intervenção psicológica, em contextos de risco biológico e psicossocial e irá apresentar a primeira comunicação, abordando o impacto do diagnóstico de malformação fetal em gestantes, analisando variáveis psicossociais pessoais e familiares envolvidas no processo, bem como a importância do manejo do profissional de saúde na comunicação desse diagnóstico. Dando continuidade à abordagem da comunicação do profissional de saúde com a família, a segunda apresentação será realizada pela mestranda Schwanny Roberta Costa Rambalducci Mofati Vicente, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, que irá abordar a comunicação da mãe com a equipe de saúde como sendo um aspecto facilitador do enfrentamento da mãe no contexto da UTIN. Por fim, a quarta comunicação será feita pela

doutoranda Kelly Ambrosio Silveira, também vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, que abordará o impacto da prematuridade e do baixo peso em crianças de 18 a 36 meses, por meio da verificação de queixas maternas sobre problemas de comportamento e competência social.
Espera-se contribuir para a área da Psicologia da Saúde e da Psicologia Pediátrica, uma vez que a discussão proposta irá integrar a literatura da área aos dados empíricos produzidos nos estudos realizados, ressaltando a importância desses trabalhos na proposição de programas de intervenção psicossocial durante a gravidez de risco, a internação na UTIN e o acompanhamento ambulatorial. Tais programas devem subsidiar a avaliação e intervenção precoce junto à criança; o suporte à família, por meio da atenção às suas reações emocionais e estratégias de enfrentamento; e o manejo da equipe de saúde, no que se refere às habilidades de comunicação com a família.

Psicologia da Saúde

ESTADOS EMOCIONAIS E ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO DE MÃES DE RECÉM-NASCIDOS DE RISCO.. *Pâmella Vitória Moreno dos Santos Rigoni* (Curso de Psicologia, Universidade Vila Velha, Vila Velha, ES e Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES).*
Alessandra Brunoro Motta (Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Departamento de Educação Integrada em Saúde, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES).
*Fernanda Rosalem Caprini** (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES).*
Brunna Laryssa Santos de Andrade (Curso de Fonoaudiologia, Departamento de Educação Integrada em Saúde, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES).*

,
Estudos mostram que mães de recém-nascidos de risco (prematuridade e baixo peso) podem apresentar estados emocionais de ansiedade e depressão, interferindo na qualidade da interação com o bebê e em suas estratégias de enfrentamento da condição de risco. O apoio emocional à família, em especial à mãe, tem sido incorporado às propostas de intervenção junto a essa população, exigindo uma avaliação adequada de sua condição psicológica. Com o objetivo de avaliar seus estados emocionais e suas estratégias de enfrentamento, 13 mães de bebês prematuros e com baixo peso ao nascer, em acompanhamento no Programa de Follow-up de Recém-nascidos de Risco do Hospital Escola da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), responderam aos instrumentos: Inventário de Depressão de Beck (BDI), Inventário de Sintomas de Stress de Lipp (ISSL) e Escala Modos de Enfrentamento de Problemas (EMEP). Para a caracterização sócio demográfica das mães e das condições de nascimento dos bebês, foram consultados os prontuários do programa de follow-up. Todo o procedimento de coleta dos dados ocorreu após o consentimento das mães, que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Procedeu-se à análise estatística descritiva dos dados, sendo que as avaliações de stress, depressão e enfrentamento foram submetidas às normas dos instrumentos. A idade gestacional média dos bebês foi de 31,5 semanas (26-35) e a mediana do peso ao nascer foi 1450g (706-2040). O tempo de internação da Unidade Intensiva Neonatal (UTIN) variou entre 13 e 132 dias (Md = 51 dias). Em relação às mães, verificou-se que a média de idade foi de 25 anos (20-38), sendo que 53,8 eram primíparas e a maioria vivia uma união estável (69%), trabalhava fora do lar (54%) e seguia alguma prática religiosa (93%). Das 13 mães participantes, 62% apresentaram algum nível de stress, sendo que 62,5% encontravam-se na fase de resistência, 25% estavam na fase de exaustão e 12,5% indicaram níveis de quase exaustão. Com relação aos sintomas com maior prevalência nas participantes avaliados, verificou-se que a maioria era de origem predominantemente psicológica (75%),

12,5% relatavam sintomas físicos e 12,5% combinavam sintomas físicos e psicológicos. Na avaliação de índices de depressão, verificou-se que 46,2% das mães apresentaram níveis clínicos de depressão, sendo 50% leve e 50% moderado. Para lidar com a condição de prematuridade e baixo peso de seus filhos, a avaliação do enfrentamento por meio da EMEP indicou o predomínio de estratégias de enfrentamento de busca de prática religiosa/pensamento fantástico (Média = 3,71) e focalizado no problema (Média = 3,7), seguido das estratégias de enfrentamento de busca de suporte social (Média = 3,08) e focalizado na emoção (Média = 2,21). Esses achados corroboram a literatura que ressalta a importância da continuidade do suporte à díade (mãe e bebê) após a alta hospitalar, por meio dos programas de acompanhamento, com ênfase na atenção às reações psicológicas maternas negativas diante do neonato de risco, bem como nas suas estratégias de enfrentamento que, uma vez favoráveis ao seu processo adaptativo, poderão minimizar o impacto sobre o desenvolvimento do bebê.

Financiamento: FAPES/UFES (bolsa de Iniciação Científica).
Palavras-chave: estados emocionais maternos; estratégias de enfrentamento; recém-nascido de risco.
Nível do trabalho: Iniciação Científica - IC
Área: Psicologia da Saúde Saúde

ANÁLISE DO IMPACTO DO DIAGNÓSTICO DE MALFORMAÇÃO FETAL EM GESTANTES.. *Ana Cristina Barros da Cunha (Instituto de Psicologia, Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Perinatal, Laboratório de Estudo, Pesquisa e Intervenção em Desenvolvimento e Saúde, Maternidade Escola da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ e Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES).*
Solange Frid Patrício (Laboratório de Estudo, Pesquisa e Intervenção em Desenvolvimento e Saúde, Maternidade Escola da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ).
Gabriela Medina Serpa (Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ).*
Eduarda Costa Lima (Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ).*

,

Considerando que as malformações congênitas (anomalias anatômica, cromossômica ou funcional que acometem o bebê na sua formação intrautero) são a segunda maior causa de mortalidade infantil, a gravidez com diagnóstico de malformação fetal é uma condição de vulnerabilidade importante. Para minimizar o impacto da notícia desse diagnóstico, é fundamental o planejamento de intervenções baseadas na avaliação das variáveis psicossociais envolvidas no enfrentamento desse risco gestacional pela díade mãe-bebê e sua família. Assim, o objetivo desse trabalho foi identificar e analisar variáveis psicossociais em gestantes com diagnóstico de malformação fetal, particularmente após a notícia do diagnóstico. Participaram do estudo no período de 09 meses, 36 gestantes atendidas no Setor de Medicina Fetal da Maternidade-Escola da UFRJ. Em consulta conjunta com a equipe médica, a gestante era convidada a participar da pesquisa quando assinava o Termo de Livre Consentimento Esclarecido e respondia, individualmente, aos seguintes instrumentos: 1) Protocolo de dados gerais, para identificação das variáveis psicossociais pessoais e familiares: a) idade; b) numero de filhos; c) se tem companheiro; d) tempo de união; e) se trabalhava; e f) se contava com suporte familiar durante a gravidez, por exemplo; e 2) Questionário Momento da noticia , para identificação das variáveis psicossociais relativas ao diagnóstico de malformação fetal. Em geral, as gestantes tinham idades que variavam entre 21 e 41 anos e a grande maioria contava com um companheiro (n=33), trabalhava fora (n=24), era casada pelo período de 2 a 5 anos

(n=24) e contava com suporte familiar para ajudá-las durante a gravidez (n=27). Apenas 16 responderam ao Questionário Momento da noticia , após terem confirmado o diagnóstico de malformação fetal. Todas declararam terem sido informadas por um médico, em geral um obstetra (n=13), sendo a maioria (n=12) informada durante o segundo trimestre de gestação. Do total, 10 gestantes consideraram apropriada a forma como o médico transmitiu o diagnóstico, apesar de terem inicialmente se sentido tristes, preocupadas e com medo. No entanto, no momento da pesquisa, essas mesmas gestantes declararam que já se sentiam mais confiantes (n=06) ou tranqüilas (n=04). Diante dos resultados obtidos pode-se afirmar que um diagnóstico de malformação fetal durante a gravidez constitui uma condição de vulnerabilidade para riscos físicos e psíquicos durante a gestação, já que mobiliza variáveis psicossociais na gestante (medos e preocupações), como relatado pelas mães do estudo. Essa condição exige a adoção de medidas de proteção ao desenvolvimento e de promoção da saúde materno-infantil, já que tais variáveis resultam em condições emocionais inicialmente desfavoráveis à criação de um vínculo afetivo saudável entre a gestante, o bebê e sua família, desde o início da gravidez. Condições emocionais adversas, características de uma gravidez com diagnóstico de malformação, podem gerar sinais de ansiedade e de depressão, que podem existir antes mesmo do bebê nascer. Nesse sentido, o manejo da equipe de saúde no momento de dar a noticia do diagnóstico de malformação é importante para proporcionar uma melhor elaboração de sentimentos iniciais de tristeza e de medo para uma condição emocional de confiança e tranqüilidade.

Financiamento: CNPq (bolsa de produtividade); FAPERJ (auxílio à pesquisa; bolsa de Treinamento Técnico Científico e de Iniciação Cientifica).
Palavras-chave: saúde materno-infantil; malformação fetal; vulnerabilidade.
Nível do trabalho: Pesquisador P
Área: Psicologia da Saúde - Saúde

AVALIAÇÃO DE MÃES DE BEBÊS INTERNADOS EM UTIN SOBRE A COMUNICAÇÃO COM A EQUIPE DE SAÚDE: ASPECTOS FACILITADORES DO ENFRENTAMENTO.. *Fabiana Pinheiro Ramos** (Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES).*
Sônia Regina Fiorim Enumo (Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES).
Kely Maria Pereira de Paula (Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES).
*Schwanny Roberta Costa Rambalducci Mofati Vicente** (Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES).*

,

O nascimento de um bebê prematuro e com baixo peso (PT-BP) e sua internação em Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN) se constitui como um potencial estressor para os pais. É importante, sobretudo para as mães, facilitar o seu enfrentamento (coping), que tem sido descrito como um conjunto de ações para minimizar o impacto do estressor e restaurar ou manter as necessidades psicológicas básicas. A comunicação com a equipe de saúde que cuida do bebê internado pode facilitar ou dificultar esse enfrentamento. Este trabalho integra uma pesquisa mais ampla, e tem por objetivo descrever a avaliação de 25 mães sobre a comunicação estabelecida com a equipe de saúde. As participantes foram abordadas em um hospital público situado na Grande Vitória/ES e, após a explicação dos procedimentos, deram seu consentimento por escrito. A amostra respondeu aos seguintes instrumentos: protocolo para registro de variáveis sociodemográficas, questionário sobre a comunicação (notícia) no momento em que foi informada que seu bebê havia nascido em condição de risco e teria que

ficar internado na UTIN; e entrevista sobre a comunicação durante a hospitalização do bebê. Também foi levantada, por meio de entrevista, a avaliação que duas mães fizeram sobre a comunicação do falecimento de seus filhos. As mães tinham em média 27 anos, eram em sua maioria casadas (64%) e primíparas (52%) e pertenciam predominantemente às classes econômicas D e E (84%). A maioria das gravidezes foi de risco (52%), e a maior parte dos partos foi cesárea (56%). Os bebês tinham em média 32 semanas de idade gestacional e 1.617 gramas de peso ao nascer, tendo ficado, em média, 40 dias internados. A maioria das mães (76%) não sabia nada sobre PT-BP. As mães foram comunicadas da notícia em sua maioria (80%) pelo médico (obstetra ou neonatologista), durante ou após o parto (64%). Em relação a como a notícia foi dada, em 76% dos casos as respostas englobaram uma descrição do fato (repetição da informação dada pelo profissional), enquanto 12% das respostas apresentavam uma avaliação da forma como a notícia foi dada, e 12%, a reação da mãe à notícia. Sobre as informações recebidas, as mães responderam: bebê ser de risco ou grave; ser PT-BP; ter que ficar internado na UTIN; ficar no oxigênio ou ter dificuldade de respirar sozinho; e não perder a esperança. A maioria das mães (54%) avaliou que a notícia foi dada de forma adequada pelo profissional; enquanto 21% avaliaram a comunicação de maneira negativa, com menção à necessidade do profissional conversar mais . O restante (25%) se dividiu entre avaliações neutras e respostas que abordavam as reações da própria mãe à notícia. Em relação ao falecimento do bebê, as duas participantes avaliaram que a comunicação dos médicos foi adequada, com destaque para o fato de que eles expressaram seu sofrimento pela perda do bebê, o que as ajudou no enfrentamento desta perda. De forma geral, a comunicação com a equipe foi avaliada como sendo adequada pelas participantes, podendo ser um aspecto facilitador do enfrentamento no contexto da UTIN.

Financiamento: CNPq/MCT (bolsa de produtividade em pesquisa; bolsa de Doutorado para a primeira autora); CAPES/MEC (bolsa de Mestrado para a quarta autora) e CNPq/MCT (auxílio à pesquisa Proc. n. 481483/2009-8; bolsa de produtividade em pesquisa para a segunda autora).
Palavras-chave: enfrentamento (coping); UTIN; comunicação profissional.
Nível do trabalho: Doutorado - D
Área: Psicologia da Saúde - Saúde

QUEIXAS COMPORTAMENTAIS EM CRIANÇAS NASCIDAS PREMATURAS E COM BAIXO PESO ENTRE 18 A 36 MESES.. *Kelly Ambrosio Silveira** (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES).*
Profa. Dra. Sônia Regina Fiorim Enumo (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES).

,

O nascimento prematuro (PT: ≤37 semanas de gestação), o Baixo Peso ao nascimento (BP: ≤2.500g) e o Muito Baixo Peso (MBP: ≤1.500g) são apontados pela literatura como fatores de risco para problemas de comportamentais em crianças. Entretanto, a literatura da área também aponta ação de variáveis extrínsecas, como os fatores de risco que podem acentuar o problema, a exemplo de idade, escolaridade e saúde mental dos pais e número de irmãos. Já os fatores de proteção, como supervisão parental e promoção de cuidados estáveis, podem atenuar esses riscos. A partir dessa perspectiva, considera-se que o repertório comportamental depende de variáveis biopsicossociais que delineiam a experiência infantil, o que ressalta a importância das funções e práticas parentais e do relacionamento com os filhos. Com ênfase preventiva, este estudo investigou os problemas de comportamento de crianças nascidas prematuras e com baixo peso ou com muito baixo peso na primeira infância. Para isso, avaliou as queixas comportamentais de 30 mães sobre seus filhos PT-BP (20) e PT-MBP (10), com idade entre 18 e 36 meses, nascidos em hospital público da Grande

Vitória, ES, com idade gestacional média de 31,9 semanas e peso médio de 1.695,5g. Foram consultados prontuários médicos e aplicado o Child Behavior CheckList CBCL (1½ - 5 anos), avaliando problemas comportamentais internalizantes (como ansiedade e depressão) e externalizantes (como problemas atencionais e agressividade), escalas orientadas pelo DSM-IV e resultado geral. Em 10 % da amostram, houve perfil clínico geral. Houve predominância de problemas externalizantes (30% clínico), sobretudo atencionais (50% da amostra). A maioria (20) apresentou perfil clínico para ao menos uma queixa comportamental. Nas escalas DSM-IV, houve maior frequência para Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade - TDAH (10) e Transtorno Desafiador/Opositor (5). Pelas médias dos T scores, os problemas atencionais (62,3) e a agressividade (59) apresentaram maiores pontuações. Não houve diferença significativa nas médias de BP e MBP, pelo teste de Mann-Whitney U, para resultados do CBCL (1 ½- 5 anos). Considerando outras variáveis biopsicossociais, houve diferença apenas para o total de dias na UTIN, que foi maior para os casos de MBP, BP (24,5) e MBP (64,7). As queixas comportamentais em ordem decrescente de T scores médios foram os problemas de atenção (62,2), agressividade (59,3), ansiedade (58,1), reação emocional (57,0), introversão (56,0), problemas de sono (54,1) e problemas de sono (54,1). Evidenciou-se vulnerabilidade da amostra para problemas comportamentais, sobretudo do tipo externalizante. Não houve agravo nos casos de risco acentuado ligado ao MBP. Contudo, o aumento nas queixas sobre problemas externalizantes confirma pesquisas na área. Os resultados reafirmam a necessidade da atenção em saúde, não apenas no período pré-natal, mas especialmente no período pós-natal, com intervenções que promovam comportamentos parentais facilitadores ao desenvolvimento de crianças em vulnerabilidade biológica.

Apoio: CNPq (bolsa de Mestrado)
Palavras-chave: prematuridade; baixo peso; avaliação comportamental.
Nível do trabalho: Mestrado - M
Área: Psicologia da Saúde - Saúde

Sessão Coordenada: **IMPACTOS PSICOLÓGICOS DA ANEMIA FALCIFORME NA CRIANÇA E NO CUIDADOR.**

A proposição da Sessão Coordenada intitulada Impactos psicológicos da Anemia Falciforme na criança e no cuidador na XLII Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia tem como principal objetivo discutir o impacto da doença e da dor no desenvolvimento de crianças. A Anemia Falciforme é a doença crônica hereditária mais prevalente no Brasil e tem a dor como sua principal manifestação clínica, a qual pode ser crônica ou aguda, de intensidade variável e recorrência imprevisível, sendo responsável por cerca de 60% dos casos de hospitalizações. Neste sentido, considera-se relevante compreender os fenômenos envolvidos no processo de adoecimento e seus impactos na trajetória desenvolvimental de crianças. Além disso, considerando que a família pode servir como mediadora na atenuação dos efeitos negativos da doença, promovendo um ambiente facilitador para o desenvolvimento do filho, compreender como os pais/cuidadores percebem a doença e a dor, bem como o seu ajustamento emocional, é de fundamental importância para a sua adaptação em relação à doença e para a adaptação da própria criança.

A discussão dessa temática se torna oportuna dentro do campo da Psicologia da Saúde e da Psicologia Pediátrica, pois possibilita refletir sobre métodos de investigação voltados para a análise dos efeitos adversos da doença crônica e da dor no desenvolvimento infantil e propor intervenções psicológicas mais eficazes com foco na díade cuidador/criança, capazes de propiciar uma melhor adaptação à doença. Mais especificamente, a proposta da Sessão Coordenada pretende contribuir para a análise da percepção de crianças e de seus cuidadores diante da Anemia Falciforme e da dor decorrente desse quadro, assim como seus impactos no desenvolvimento cognitivo, no desenvolvimento de problemas comportamentais e na competência social das crianças. Estas análises são frutos de resultados de uma pesquisa integrada, com dados coletados em duas regiões, divulgando a abrangência da Psicologia Pediátrica no país, bem como no desenvolvimento de competências específicas do psicólogo na área da saúde, com o objetivo final de melhorar a qualidade de vida de crianças, adolescentes e suas famílias. A Sessão Coordenada será composta por quatro pesquisadoras de instituições de ensino superior, situadas em duas regiões do país (Sudeste e Centro-Oeste), que desenvolvem pesquisas na temática proposta, e são membros do Grupo de Trabalho Psicologia Pediátrica da ANPEPP. A coordenadora será a Professora Doutora Kely Maria Pereira de Paula, docente do Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, desenvolvendo pesquisas na área de avaliação e intervenção psicológica com crianças e suas famílias, em situação de risco e deficiência. Ela ficará responsável pela primeira apresentação, abordando os comprometimentos cognitivos apresentados por crianças com Anemia Falciforme. A Professora Doutora Sônia Regina Fiorim Enumo, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, também desenvolve pesquisas na área de avaliação e intervenção para a promoção do desenvolvimento infantil em situação de risco/vulnerabilidade, em múltiplos contextos, como os ambientes familiar, escolar e hospitalar. Ela fará a segunda apresentação, discutindo os problemas de comportamento e de competência social na mesma amostra. A terceira apresentação será realizada pela Professora Doutora Tatiane Lebre Dias, que pertence ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Estado de Mato Grosso, e desenvolve pesquisas na área de avaliação do desenvolvimento infantil e da família, em situação de doença crônica, nos contextos ambulatorial e hospitalar. Esta apresentação analisará os impactos da dor, segundo avaliação dos cuidadores e das crianças que apresentam a mesma condição. Por fim, a última apresentação será conduzida pela Professora Christyne Gomes Toledo de Oliveira, docente da

Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, pesquisadora das temáticas referidas. Pretende-se, assim, abordar de forma multidimensional os problemas psicológicos associados com uma doença crônica que agrava uma parcela da população infantil de nosso país.

Psicologia da Saúde

DIFICULDADES NO DESEMPENHO COGNITIVO DE CRIANÇAS COM ANEMIA FALCIFORME..
*Daniele de Souza Garioli** (Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES). Kely Maria Pereira de Paula (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES).,*
A Psicologia Pediátrica é uma área interdisciplinar relacionada à Psicologia da Saúde e Psicologia do Desenvolvimento, que estuda, entre outros temas, processos adaptativos e suas alterações, bem como suas consequências no desenvolvimento, com base na Psicopatologia do Desenvolvimento. Nesta temática, está o estudo das doenças crônicas e seus impactos no desenvolvimento, entre as quais se destaca a Anemia Falciforme (AF). Esta doença pertence ao grupo das hemoglobinopatias, sendo a mais prevalente no Brasil. Pesquisas têm apontado que a AF causa limitações funcionais, fenômenos de vaso-oclusão, lesão de órgãos e dor constante, além de déficit cognitivo, principalmente das funções executivas. As funções executivas são um conjunto de processos cognitivos que, de forma integrada, permitem ao sujeito direcionar comportamentos a metas, avaliar a eficiência e a adequação desses comportamentos, abandonando, quando necessário, estratégias ineficazes em prol de outras mais eficientes e, assim, resolver problemas imediatos, de médio ou longo prazo. Tais funções organizam os comportamentos de forma a orientá-los a objetivos específicos, realizando ações voluntárias e organizadas. Assim, elas compreendem habilidades que são necessárias para solucionar problemas, através do planejamento, memória operacional, controle inibitório e autorregulação do comportamento. Considerando a importância dos potenciais déficits cognitivos na AF, este estudo analisou o desempenho cognitivo de crianças com AF, destacando-se o processamento das funções executivas. Participaram 12 crianças, com idades entre 8 anos e 10 anos e 11 meses (7 do sexo masculino), frequentando o Ambulatório de Hematologia Pediátrica do Hospital Universitário da Universidade Federal do Espírito Santo, em Vitória, ES. Para avaliar o desempenho cognitivo, foram aplicados dois testes psicométricos: Matrizes Progressivas Coloridas de Raven (Raven-MPC) e Teste Wisconsin de Classificação de Cartas, que medem o raciocínio analógico e as funções executivas, respectivamente. A correção dos dados dos testes psicométricos seguiu as normas para a população brasileira. Nos resultados obtidos pelo Raven-MPC, 3 crianças apresentaram déficits cognitivos mais significativos. Contudo, em relação às funções executivas, avaliadas nos domínios do Wisconsin, todo o grupo apresentou dificuldades nos domínios Respostas perseverativas e Erros perseverativos , e 2 crianças tiveram dificuldades no domínio Fracasso em manter o contexto . Os dados obtidos pelo Wisconsin indicaram déficits de atenção e prejuízo em habilidades do funcionamento executivo, principalmente no controle inibitório, na flexibilidade cognitiva, no planejamento e na atenção sustentada. Esses resultados sugerem a necessidade de programas de intervenção cognitiva para crianças com AF, no sentido de reabilitar as funções comprometidas - a atenção e o funcionamento executivo -, prevenindo, assim, problemas no desempenho escolar e facilitando a inclusão educacional dessas crianças.
Apoio Financeiro: CAPES (bolsa de Mestrado para primeira a autora)
Palavras-chave: 1) Funções executivas; 2) Cognição; 3) Anemia Falciforme.
Nível do Trabalho: M.
Código da Área: SAÚDE.

PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO E DE COMPETÊNCIA SOCIAL EM CRIANÇAS COM ANEMIA FALCIFORME.. *Grace Rangel Felizardo Lorencini** (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES); Kely Maria Pereira de Paula (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES); Sônia Regina Fiorim Enumo (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES). ,*

A doença crônica constitui um fator de risco importante para o desenvolvimento, afetando de 10 a 15% da população infantil mundial. Os cuidados atuais resultaram em maior expectativa de vida, mas também levaram os portadores a conviver com as sequelas e intercorrências ocasionadas pela doença. Particularmente para as crianças, essas intercorrências apresentam um impacto ainda maior. As idas frequentes aos hospitais e os longos períodos de internação limitam seu funcionamento em diversas áreas, acarretando faltas recorrentes à escola, privação das atividades prazerosas, interferindo nas relações interpessoais. A vivência de uma doença crônica torna a criança suscetível a problemas psicológicos e de comportamento, ampliando a gama de prejuízos ao desenvolvimento. Entre as doenças crônicas com forte impacto sobre o desenvolvimento está a Anemia Falciforme (AF), doença que se caracteriza por uma alteração na constituição das hemácias, o que compromete a distribuição de oxigênio e provoca a obstrução dos vasos sanguíneos, dando origem a episódios dolorosos e lesões de órgãos. A forma como a criança se ajusta à doença apresenta uma relação direta ao seu funcionamento psicológico e, nesse processo adaptativo, vários fatores devem ser considerados, como, por exemplo, o grau de severidade e duração da doença, as alterações nas funções cotidianas, o estilo parental, o padrão de comportamento da criança e seu nível de competência social. No caso de crianças com AF, o comprometimento nas interações sociais pode ser agravado pelas crises de dor, pelo maior cansaço devido à anemia, ou mesmo por ficar impedida de executar determinadas atividades que podem desencadear novos episódios de dor. Essa situação acaba por favorecer o surgimento ou agravamento de problemas internalizantes e de comportamento, fator preocupante para uma população já suscetível a problemas no desenvolvimento, considerando a sua condição médica. Dada a escassez de pesquisas voltadas para a população infantil com AF e a importância de se identificar aspectos que indiquem o ajustamento da criança frente à doença, foi realizado este estudo para identificar o nível de competência e o padrão de comportamento em crianças com AF. Participaram 12 mães de crianças diagnosticadas com AF, na faixa etária de 8 a 10 anos, que frequentavam o Ambulatório de Hematologia do Hospital Universitário da Universidade Federal do Espírito Santo, em Vitória, ES. Para a coleta de dados foi utilizada a Lista de Verificação Comportamental (CBCL 6-18 anos), respondida pelos pais ou cuidadores. A maioria das crianças foi classificada como clínica para problemas internalizantes (83,3%), com destaque para o retraimento (58,3%); também apresentando classificação clínica no escore total da Escala de Competência Social (83,3%). No geral, os resultados encontrados estão em consonância com a literatura, segundo a qual crianças que sofrem de alguma doença crônica são mais suscetíveis a desenvolver distúrbios comportamentais e de competência social, quando comparadas à população típica. Esses dados demonstraram que este grupo de crianças com AF está em risco para problemas de desenvolvimento e comportamento, sugerindo a necessidade de intervenções psicológicas nesta população.

Financiamento: CAPES (bolsa de Mestrado para a primeira a autora) e CNPq/MCT (auxílio à pesquisa Proc. n. 481483/2009-8; bolsa de produtividade em pesquisa para a terceira autora).
Palavras-chave: Problemas de comportamento; Competência social; Anemia Falciforme.
Nível do trabalho: M.
Código da área: SAÚDE.

A DOR E SEU IMPACTO SEGUNDO CUIDADORES E CRIANÇAS COM ANEMIA FALCIFORME..
*Tatiane Lebre Dias (Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT; Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, MT). Christyne Gomes Toledo de Oliveira** (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES). Sônia Regina Fiorim Enumo (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES). Kely Maria Pereira de Paula (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES). Thayane de Almeida Ferreira* (Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT).,*
O quadro clínico de Anemia Falciforme (AF) é marcado pela presença de crises dolorosas, palidez, cansaço fácil, icterícia, úlceras nas pernas e maior tendência a infecções. Na AF, a dor se apresenta de forma recorrente, imprevisível, com intensidade e duração variáveis, de modo a se tornar prejudicial, incapacitante e angustiante, comprometendo, assim, a qualidade de vida dessas pessoas. Procurando analisar como as crises dolorosas afetam o cotidiano de crianças com AF e seus cuidadores, este estudo analisou a percepção de ambos em relação à caracterização da dor da criança, seus impactos no cotidiano da família e suas formas de enfrentamento da crise dolorosa. Participaram 23 crianças com diagnóstico de AF (CID.10: D57.0) e seus cuidadores, frequentando 2 hospitais universitários federais em Cuiabá, MT e em Vitória, ES. Foi aplicado um Protocolo adaptado para Caracterização da Dor na Anemia Falciforme e seu Impacto, na versão cuidadores e versão criança, contendo dados sobre: a) caracterização da dor (intensidade, frequência, duração e descrição das crises dolorosas; localização e realização de atividades); e b) relação com a dor no cotidiano (interferência na rotina, estratégias de enfrentamento e manejo da dor). A dor na AF foi assim caracterizada pelas crianças e seus cuidadores: a) ambos associaram a dor ao quadro clínico da AF; b) ambos avaliaram a intensidade da dor como sendo extrema, seguida por intensidade leve; c) a região do abdômen/peito foi o local do corpo mais indicado por ambos como o mais dolorido; d) a dor em aperto foi o tipo de dor mais citado pelas crianças e os cuidadores indicaram a dor do tipo profunda; e) as crises dolorosas duravam um dia; f) ambos identificaram as atividades de lazer como principal fator desencadeante da dor; e g) consideraram que a atividade física intensificava a dor. Quanto ao impacto da dor no cotidiano, as crianças e seus cuidadores consideraram que a dor interfere, principalmente, em atividades como dormir, andar e comer. Diante das crises de dor, os cuidadores relataram sentir-se em estado de alerta, como se algo ruim fosse acontecer , além de tristeza, também relatada pelas crianças. Ambos citaram maior frequência de pensamentos do tipo catastrófico, ou seja, pensavam mais nos aspectos negativos da situação estressante. Para o manejo da dor, tanto os cuidadores quanto os filhos indicaram o uso de medicamentos, ficando a hospitalização em segundo lugar. Os dados mostram que, no geral, a amostra apresentou percepções semelhantes em relação a algumas características da dor, sendo esta percebida de forma negativa. Esse impacto da dor na vida das crianças com AF e de seus cuidadores levantam a necessidade de intervenções terapêuticas que visem a melhorias na qualidade de vida dessa população.
Apoio financeiro: FAPEMAT (auxílio à pesquisa para a primeira autora); FAPES (auxílio à pesquisa para a segunda autora); CNPq/MCT (auxílio à pesquisa Proc. n. 481483/2009-8; bolsa de produtividade em pesquisa para a quarta autora).
Palavras-chave: 1) Dor; 2) Cuidador e criança; 3) Anemia Falciforme.
Nível do trabalho: P.

ESTRESSE E ANSIEDADE EM CUIDADORES DE CRIANÇAS COM ANEMIA FALCIFORME..
*Christyne Gomes Toledo de Oliveira** (Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo;*

Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES); Ednéia Bonning Oliveira (Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo, Vitória, ES); Nayara Silva Miranda* (Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo, Vitória, ES); Sônia Regina Fiorim Enumo (Programa de Pós- Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES).,*

Há avanços no tratamento de doenças crônicas infantis, com melhora nos índices de sobrevivência dessas crianças, mas, são poucas as investigações sobre as implicações emocionais da doença crônica nos cuidadores. Especialmente na Anemia Falciforme (AF), uma doença crônica que possui como principal manifestação clínica a dor, a atuação dos cuidadores pode ser um mecanismo de proteção ao desenvolvimento. Dessa forma, compreender como os familiares ou cuidadores enfrentam e reagem à doença da criança e percebem a sobrecarga do cuidado é de fundamental importância para facilitar sua adaptação à condição de cronicidade da saúde do filho. Com esse intuito, este estudo identificou e avaliou o impacto da doença e da dor na saúde mental de cuidadores de crianças com AF, em termos do nível de estresse e ansiedade. Foram entrevistados 8 cuidadores de crianças com AF, com idade de 8-10 anos, atendidas em um Ambulatório de Hematologia Pediátrica do Hospital Universitário da Universidade Federal do Espírito Santo, em Vitória, ES. Em sessão individual, com duração média de 25 minutos, os cuidadores responderam aos seguintes instrumentos: a) questionário sociodemográfico; b) Inventário de Ansiedade Beck (BAI), composto por 21 sintomas de ansiedade que permite uma classificação em níveis de intensidade da ansiedade em mínima, leve, moderada e grave; e c) Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp (ISSL), que permite identificar a presença e o tipo de sintoma (somático/físico ou psicológico) e a fase em que se encontra, por meio de um modelo quadrifásico do estresse (Alerta, Resistência, Quase Exaustão e Exaustão). A média de idade dos cuidadores foi de 32,4 anos (AV: 27-36 anos), com escolaridade média de 8,63 anos, equivalente ao Ensino Fundamental completo. Todos os cuidadores eram as próprias mães, sendo a maioria (n= 6) casada com os pais das crianças; e 7 delas não trabalhavam fora de casa. Os resultados apontaram a presença de ansiedade em nível moderado e grave em 37,5% (n= 3) dos cuidadores. Na avaliação do estresse, 87,5% (n= 7) apresentaram sintomas na fase de Resistência, com predomínio de sintomas psicológicos (75%). Esses dados estão associados ao desgaste e cansaço dos cuidadores no enfrentamento de eventos estressores relacionado à AF, demonstrando diminuição dos recursos para lidar de forma adaptativa ao contexto da doença. É uma situação que coloca os cuidadores em risco aumentado para desenvolvimento de problemas físicos e emocionais, pela exposição continuada ao evento estressor (doença crônica) e pela sobrecarga de cuidado que a doença impõe. Neste sentido, considera-se relevante a proposição de intervenções psicossociais que incluam a díade cuidador-criança e que contribuam para a ampliação dos repertórios de enfrentamento das mães, de forma a atuar como medida de prevenção contra problemas psicológicos maternos associados à doença crônica e sua sintomatologia.

Apoio Financeiro: Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo (bolsa de capacitação docente-doutorado para a primeira autora); FAPES (auxílio à pesquisa Proc. nº 001/2010 TO nº 148/2011 para a primeira autora); CNPq/MCT (auxílio à pesquisa Proc. n. 481483/2009-8; bolsa de produtividade em pesquisa para a quarta autora).

Palavras-Chave: Estresse. Ansiedade. Cuidador.

Nível do Trabalho: P.

Área da Psicologia: SAÚDE.

Sessão Coordenada: **INTERAÇÕES ENTRE PSICOLOGIA E COMUNICAÇÃO SOCIAL: A MÍDIA COMO OBJETO DE ESTUDO DA PSICOLOGIA E A INSERÇÃO DA PSICOLOGIA EM CURSOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

Emprega-se comumente o termo meios de comunicação social, ou mídia de massa, para descrever organizações de comunicação midiática e como referência a diferentes instrumentos ou veículos de comunicação, usados para produzir e disseminar informações em grande escala meios impressos (jornal, revista); eletrônicos (rádio, televisão); e meios digitais (surgidos com a internet). É importante, porém, que se faça distinção entre mídia como instituição e como instrumento, para não se correr o risco de confundir as funções da tecnologia com as funções ou as práticas da mídia. A mídia como instituição detentora e disseminadora de informações tem importante papel na sociedade atual, especialmente após a globalização da economia que resultou em associações e fusões entre instituições de mídia distintas e grandes empresas multinacionais. Com alcance global, e com auxilio de novas tecnologias de informação e comunicação, a mídia caracteriza-se hoje por grandes conglomerados que produzem e disseminam informações com poucas (ou sem) restrições geográficas e em tempo real. Dada a importância da mídia na sociedade e seu poder de controlar amplamente comportamentos humanos, a compreensão de suas múltiplas funções na cultura exige tratamento multidisciplinar. Neste trabalho, propõe-se: 1) refletir sobre as práticas da mídia na sociedade com base na perspectiva analítico-comportamental; 2) discutir algumas características da mídia pós-moderna que contribuem para acentuar o controle que exerce sobre o público consumidor, bem como outras características que facilitariam o contracontrole por parte desse público; 3) apresentar dados de pesquisas realizadas pela Psicologia na perspectiva analítico-comportamental e de pesquisas sobre a inserção da Psicologia em cursos de Comunicação Social, que indicam que a interação entre ambas as disciplinas pode beneficiá-las mutuamente; e 4) discutir novas estratégias de pesquisas para ampliar a compreensão da relação entre mídia e público consumidor e vice-versa. Por fim, com esse trabalho, propõe-se ampliar o diálogo entre a Psicologia e Comunicação Social, considerando que ambas dispõem de um conjunto de conhecimentos que podem contribuir para melhorar o entendimento da relação entre mídia e sociedade, de forma que se possam planejar intervenções que aumentem a probabilidade de contracontrole por parte do público consumidor.

Palavras-chave: Mídia como agência de controle; mídia e prática cultural; Análise do Comportamento; Comunicação social.
Nível do trabalho: M e D
Código da área: AEC

Análise Experimental do Comportamento

MIDIA E EQUIVALÊNCIA DE ESTÍMULOS: UMA PROPOSTA DE ESTUDO EXPERIMENTAL. *CAMILA MARIA SILVEIRA DA SILVA** (PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA EXPERIMENTAL: ANÁLISE DO COMPORTAMENTO, PUC-SP, SÃO PAULO, SP),*

Um aspecto considerado fundamental quando se discute a mídia do ponto de vista da análise do comportamento é seu papel na construção social do conhecimento. Diferente do conhecimento produzido pela interação direta com o ambiente físico, o conhecimento socialmente construído é estabelecido pelo comportamento verbal de outros indivíduos. A principal implicação da construção social do conhecimento é que esse tipo de conhecimento pode passar por várias mediações e se distanciar do controle pelo ambiente não social. Com a forte presença da mídia nas comunidades verbais atualmente, supõe-se que ela tenha grande importância na mediação do conhecimento. O controle pela mídia parece ter se ampliado com

a formação de oligopólios midiáticos, característicos da sociedade globalizada atual. Uma das sérias implicações dessa característica é a ameaça à diversidade comportamental, uma vez que notícias essencialmente idênticas são produzidas e disseminadas por fontes aparentemente diversas, impossibilitando o contracontrole por parte dos indivíduos. Considerando-se as implicações do controle pela mídia, analistas do comportamento têm se interessado pelo estudo do tema. Normalmente, estudos sobre a mídia na análise do comportamento se caracterizam pela análise de relatos de mídia acerca de algum evento específico, como atentados terroristas, acidentes aéreos de grandes proporções e propagandas políticas. O presente trabalho é uma primeira tentativa de estudo experimental para avaliar o controle da mídia, com base o paradigma da equivalência de estímulos. Na primeira fase, 32 participantes foram treinados a estabelecer classes de estímulos com função específica (S+ e S-), através de procedimentos de discriminação simples e condicional. Nessa fase, procurou-se estabelecer uma história de vida com relação a estímulos abstratos. Na Fase 2, esses mesmos participantes leram notícias cujo assunto era um acidente de trem. A causa do acidente foi manipulada: metade dos participantes leu uma notícia que acusava a companhia pelo acidente, e outra metade leu uma notícia que responsabilizava a natureza. Depois, todos os participantes leram a negação oficial da causa descrita anteriormente. Após as leituras, testes (matching to sample) foram feitos para verificar em qual das classes treinadas anteriormente o nome da companhia seria incluído: S+, S- ou neutra. Dez dos participantes também avaliaram o nome da companhia em escalas bipolares. Os resultados indicaram que não houve relação sistemática entre a inclusão nas classes e as causas do acidente: ler uma notícia que acusava a companhia pelo acidente não levou à inclusão na classe de S-. Também se verificou que metade dos participantes que realizou a linha de base com pseudopalavras a serem designadas como nome da companhia alterou a inclusão do nome da companhia, e a outra metade manteve a inclusão a despeito da leitura da notícia. Por outro lado, a avaliação em escalas bipolares replicou resultados anteriores de pesquisas na área de comunicação. A média das avaliações do nome da companhia nas escalas foi negativa quando a notícia responsabilizava a companhia, e próxima de zero quando a natureza era responsabilizada pelo acidente. A comparação dos resultados nas escalas e no matching to sample mostrou incompatibilidade entre essas medidas.

Palavras-chave: Mídia como agência de controle, construção social do conhecimento, mídia e controle de estímulos
Nível do trabalho: D
Código da área: AEC

POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES PARA A DIVERSIDADE COMPORTAMENTAL NA WEB 2.0.

*Maria A de Lima Wang** (PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA EXPERIMENTAL: ANÁLISE DO COMPORTAMENTO, PUC-SP, São Paulo, SP)*
Maria Eliza Mazzilli Pereira (PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA EXPERIMENTAL: ANÁLISE DO COMPORTAMENTO, PUC-SP, São Paulo, SP)

,

Em trabalhos em que se analisa a relação entre a mídia de massa e o público consumidor de produtos midiáticos, costumam-se enfatizar os efeitos dos meios de comunicação sobre os consumidores e desconsiderar a função dos consumidores na manutenção da mídia. Essa prática deve ter se sobressaído, em primeiro lugar, porque o poder de influência de grupos empresariais com objetivos específicos, como os formados pela grande mídia, é incomparavelmente superior ao do consumidor, que se relaciona com a mídia de forma individualizada. Em segundo lugar, as possibilidades de o consumidor interagir com jornalistas/editores dos meios de comunicação tradicionais jornais, revistas, rádio, televisão

e contribuir com a produção de notícias, foram sempre muito limitadas: ocorriam, normalmente, por meio de cartas à redação que chegavam às mãos do jornalista/editor sempre depois de uma matéria/reportagem ser publicada. Embora a relação mídia-consumidor não seja simétrica, em alguma medida o consumidor contribui para a manutenção da mídia com suas práticas. Há indícios na literatura de que a assimetria da relação mídia-consumidor vem se alterando nos últimos anos, particularmente após o surgimento de ferramentas que facilitaram o compartilhamento de informações pela internet, referidas por alguns autores como web 2.0, entre os quais se incluem as ferramentas de blog. Neste trabalho compararam-se interações verbais em dois blogs, para identificar aspectos que pudessem ser caracterizados como diversidade ou como uniformidade na interação de participantes sobre um tema-alvo. Serviram como fonte um post relacionado com PSDB e PT publicado em um blog e reproduzido no outro blog e respectivos comentários. Classificaram-se os comentários segundo dois aspectos principais: 1) quanto a concordância ou discordância de participantes ao interagirem entre si sobre aspectos do post, do comentário de outro participante e outros aspectos; 2) quanto ao posicionamento de participantes especificamente sobre partidos políticos/representantes de partidos mencionados nos episódios verbais analisados. Em ambos os blogs, encontraram-se mais discordâncias do que concordâncias nas interações de participantes entre si em geral. Em relação ao posicionamento de participantes sobre política, especificamente no que diz respeito a verbalizações favoráveis ou desfavoráveis a um partido e seus representantes, em um dos blogs encontrou-se polarização de participantes entre PSDB e PT: parte se posicionou de forma favorável ao PSDB; parte se posicionou de forma desfavorável ao PT, e vice-versa. No outro blog, encontrou-se uniformidade na maneira como os participantes se posicionaram sobre PSDB/PT e representantes desses partidos. Discute-se que é possível que o produto de interações verbais de comunidades na internet seja mais diverso no início dessas comunidades e vá se tornando menos diverso ao longo do tempo. Isso parece ocorrer especialmente quando se trata de interações sobre temas acerca dos quais integrantes de uma comunidade verbal têm crenças semelhantes, por exemplo, acerca de determinada corrente político-partidária. Nesse caso, manter a diversidade em interações verbais de comunidades na internet, no longo prazo, parece depender do planejamento e adoção de estratégias explícitas para esse fim. Sem estimular explicitamente a variabilidade comportamental de integrantes de dadas comunidades corre-se o risco de que apenas classes de respostas específicas, compatíveis com as crenças dessa comunidade, sejam reforçadas e selecionadas.

Palavras-chave: mídia e cultura, interações verbais em blogs, contracontrole na web 2.0.
Nível do trabalho: D
Código da área: AEC

ESTUDO DA MÍDIA ENQUANTO AGÊNCIA DE CONTROLE: A CONSTRUÇÃO DO VALOR DE UM ESTÍMULO NA COMUNIDADE VERBAL. *Henrique Valle Belo Ribeiro Angelo** (UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE / PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, SP)*
Nicolau Kuckartz Pergher (UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE / PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, SP); Ricardo Corrêa Martone (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, SP)

,

Alguns analistas do comportamento têm se dedicado ao estudo de fenômenos sociais. Dentre esses estudos, podem ser encontrados alguns estudos referentes à mídia, tanto como corporação, enfatizando seus aspectos institucionais, quanto como veículo de comunicação de massa, enfatizando seu controle sobre a vida cotidiana das pessoas. O presente trabalho teve

como objetivo verificar possíveis efeitos da forma de apresentação do nome de Dilma Rousseff em manchetes do jornal virtual Folha Online nas pesquisas de intenção de voto e na posterior resposta de escolha dos eleitores tanto no primeiro quanto no segundo turno das eleições presidenciais de 2010. Foi contabilizado o número de manchetes que continham a palavra Dilma de novembro de 2002 (primeira aparição do nome) a outubro de 2010 (segundo turno da eleição presidencial). As manchetes foram categorizadas de acordo com aspectos formais e/ou presença de outras palavras. Entre essas estavam manchetes nas quais, além da palavra Dilma , aparecia a palavra Lula ou, em outra categoria, manchetes que contivessem a palavra Serra (principal adversário de Dilma nas eleições). Também foi criada uma categoria com palavras e combinações de palavras que indicassem manchetes relacionadas à eleição. Para a construção das últimas categorias, foi feita uma analise gramatical dos sujeitos das orações principais de cada manchete e foram computadas as manchetes nas quais a palavra Dilma fazia parte do sujeito da oração principal. Todas as manchetes, dentro de cada categoria, foram registradas de acordo com o mês de publicação. Os resultados mostraram que o número de manchetes aumentou consideravelmente ao longo do período estudado, especialmente a partir de 2008 quando há uma mudança brusca na frequência de manchetes publicadas. Discute-se que a comunidade verbal passou a conhecer e utilizar a palavra Dilma em seu cotidiano, possivelmente sob influência do aumento de veiculação do nome Dilma Rousseff na mídia. A associação com Lula, cuja popularidade é alta, pode ter sido um dos fatores que ocasionou o aumento nas intenções de voto em Dilma. As expressões relacionadas à eleição podem ter auxiliado no estabelecimento de relações de forma que as pessoas tenham passado a considerar Dilma como candidata mesmo antes da candidatura ser confirmada. Conclui-se que a partir do controle de estímulos estabelecido pela mídia, relações entre estímulos se estabeleceram de forma que o estímulo Dilma passasse a ser relacionado com estímulos com valor reforçador já estabelecido na comunidade verbal de forma que fosse possível que, diante da concorrência de estímulos na hora de votar, grande parte dos eleitores votassem em Dilma Rousseff.

Palavras-chave: Mídia, Fenômenos Sociais, Comportamento de Escolha, Agência de Controle.
Nível do trabalho: M
Código da área: AEC

COMUNICAÇÃO MIDIÁTICA, SUBJETIVIDADE E REPRESENTAÇÕES. *RICARDO ALEXINO FERREIRA (ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, SP),*

O objetivo desta pesquisa foi analisar como a disciplina Psicologia se insere nos cursos de Comunicação Social. Na evolução da disciplina nos projetos pedagógicos do curso é possível relatar três momentos: 1. O primeiro é quando, nos anos 80, a disciplina está totalmente focada no campo da Psicologia, trazendo em cena os seus teóricos e um olhar pouco voltado para a Comunicação, em que os docentes da disciplina são formados em Psicologia. 2. Na segunda fase, a disciplina passa a ter o nome Psicologia da Comunicação. No entanto, o campo ainda é colocado de forma distinta em que existe a Psicologia e a Comunicação como duas áreas com poucas interações, mas com alguns pontos de interseção. Os cursos de Comunicação Social basicamente valorizavam muito mais os teóricos da Psicologia, principalmente Experimental, do que propriamente os teóricos da Comunicação. 3. Com o desenvolvimento da Comunicação Midiática e de sua autonomia epistemológica é possível na atualidade entender a Psicologia da Comunicação como uma área interdisciplinar da Comunicação Midiática. Nesta pesquisa foi feito o estudo de caso desses diferentes momentos da Psicologia da Comunicação enquanto disciplina no curso de Comunicação Social, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Nessa fase atual utilizam-se as

produções processuais e conteudísticas midiáticas para permitir que o aluno tenha percepção da Comunicação e as possibilidades dessas ferramentas na perspectiva das subjetividades e representações, entendendo-as como elementos constitutivos da Comunicação e da necessidade do comunicador interpretar e inferir no campo do simbólico e da Psicologia. Resultados alcançados. A pesquisa realizada é contínua, considerando que a interdisciplinaridade é algo dinâmico por si só. No entanto, ao refazer a trajetória histórica da disciplina Psicologia da Comunicação (a partir de 2013, na ECA-USP, ela passará a ter o nome Comunicação, Subjetividades e Representações) é possível verificar a simbiose do processo. Atualmente, não se pode dizer que é uma disciplina da Psicologia da Comunicação ou que é a Comunicação da Psicologia, mas trata-se da construção de uma vertente mais contemporânea em que a Comunicação dialoga intimamente com a Psicologia e produz uma terceira vertente, que em certa medida torna-se transdiciplinar. Nessa fase, é uma disciplina que se molda tanto aos cursos de Psicologia como aos de Comunicação Social.

Palavras-chave: Psicologia da Comunicação; Mídia; Subjetividade; Representações; Ensino.
Nível do trabalho: D
Código da área: FORM

Sessão Coordenada: **Investigações sobre comportamentos emergentes por cães e ratos: discutindo os controles de estímulos variados presentes nas tarefas.**

A proposta tem o objetivo de, a partir de dados novos, discutir os diferentes controles de estímulos presentes em tarefas de discriminação simples e condicional. Pretende-se que a proposta permita avançar no campo das investigações sobre processos simbólicos em não humanos, a partir de discussões sobre procedimentos tradicionalmente utilizados, vantagens e limitações destes para uso com espécies diferenciadas.
Análise Experimental do Comportamento

Investigações sobre comportamentos emergentes por cães e ratos: discutindo os controles de estímulos variados presentes nas tarefas.. *Camila Domeniconi/Universidade Federal de São Carlos, Andreia Schmidt/ USP Ribeirão Preto, Isabela Zaine/ Universidade Federal de São Carlos, Matheus Felipe de Souza/ USP Ribeirão Preto,*
A Psicologia tem interesse em investigar como diferentes organismos aprendem a se comportar nos mais diferentes contextos em que vivem. Responder sob controle de estímulos refere-se à importante habilidade de se comportar diferencialmente a depender dos estímulos presentes no momento da emissão da resposta de modo a maximizar as oportunidades de reforçamento. Diferenciam-se, na Análise do Comportamento, as situações nas quais os estímulos têm suas funções previamente definidas como discriminativas ou não daquelas em que as funções dos estímulos são condicionadas por um outro estímulo. A estes dois processos foram dados nomes de discriminação simples (no primeiro caso) ou condicional (no último caso). Treinos de discriminações simples têm sido considerados importantes para observação da formação de classes funcionais e são facilmente replicáveis com uma grande variedade de espécies. Por outro lado a discriminação condicional tem se mostrado uma tarefa difícil para a maioria das espécies não humanas o que tem sido encarado por vários pesquisadores como dificuldades do procedimento tradicionalmente utilizado com humanos e as adaptações feitas para o estudo com não humanos. O primeiro trabalho trata dessa dificuldade no estabelecimento de um repertório estável de discriminações condicionais por cães e discute os controles de estímulos variados presentes no momento da emissão das respostas pelos animais. No contexto de discriminações simples diferentes investigações têm conduzido a resultados replicáveis que evidenciam a possibilidade de espécies não humanas formarem classes entre estímulos e demonstrarem repertórios emergentes. Um repertório emergente considerados de extrema importância refere-se ao responder por exclusão. Responder por exclusão pode ser demonstrado no contexto de discriminações simples. De acordo com esse padrão de resposta, o organismo forma duas classes de estímulos, uma com função discriminativa e outra não, sendo capaz de inserir estímulos novos em uma classe ou na outra a depender da relação a ele apresentada, sem nenhum treino direto com os estímulos novos. Os dois trabalhos que complementam essa proposta de sessão coordenada discutem dados obtidos com cães (estudo 2) e com ratos (estudo 3) que mostram claramente o responder de acordo com exclusão no contexto de discriminações simples. A proposta tem o objetivo de, a partir de dados novos, discutir os diferentes controles de estímulos presentes em tarefas de discriminação simples e condicional. Pretende-se que a proposta permita avançar no campo das investigações sobre processos simbólicos em não humanos, a partir de discussões sobre procedimentos tradicionalmente utilizados, vantagens e limitações destes para uso com espécies diferenciadas.

PROCEDIMENTOS ADOTADOS PARA O ESTABELECIMENTO DE REPERTÓRIO DE EMPARELHAMENTO VISUAL ARBITRÁRIO ENTRE ESTÍMULOS COM CÃES (CANIS FAMILIARIS). *Isabela Zaine, Camila Domeniconi/ UFSCar,*

Pesquisas com animais são interessantes, dentre várias razões, por permitirem a realização de comparações de determinados repertórios, comportamentos e habilidades entre humanos e outras espécies animais não humanas. Investigações sobre princípios básicos de aprendizagem e diversos aspectos de comportamentos sociais tem sido tradicionalmente realizadas com ratos, camundongos, pombos e primatas. Recentemente o cão doméstico (canis familiaris) tem sido considerado um interessante animal para a pesquisa comparativa com o ser humano, por ser um animal cuja história de domesticação implica no compartilhamento do ambiente físico e social com o homem, além de ser um animal de acesso mais fácil acesso do que primatas, por exemplo. Estudos com cães tem focalizado especialmente mecanismos de comunicação com o homem, investigando a sensibilidade dos mesmos em dicas sociais oferecidas por humanos, e de aprendizagem de alguns repertórios, tais como responder por exclusão e a capacidade de relacionar objetos do mundo físico a seus respectivos nomes. Este tipo de repertório, de emparelhamento entre um estímulo auditivo com um visual, foi demonstrado em alguns estudos, no entanto, ainda não há dados sobre se cães seriam capazes de realizar emparelhamento entre estímulos do tipo visual-visual. O presente trabalho apresenta variações metodológicas na tentativa de ensinar relações condicionais arbitrárias entre estímulos visuais a dois cães, por meio de procedimentos de emparelhamento com o modelo. Cada sessão de treino era composta por 24 tentativas, em que respostas corretas eram reforçadas, enquanto que não havia consequências programadas para respostas incorretas. As variações de procedimento contaram com modificações na apresentação do modelo, local de coleta e apresentação dos estímulos de comparação. Com relação à apresentação do modelo, variaram-se desde a simples presença do modelo na situação experimental, até a exigência de respostas de observação operantes por parte dos cães, como olhar diretamente ao modelo e tocar o modelo com o focinho. Já no que se trata do local de coleta, a mudança realizada foi passar para uma sala experimental maior, aumentando-se as possibilidades de localização dos estímulos de comparação na sala. Quanto a esses últimos, foram realizadas três principais variações: 1. Aumento do número de estímulos de comparação (de 2 para 4), procurando aumentar a possibilidade de estímulos os quais os cães poderiam selecionar; 2. Modificação de uma situação em que os estímulos eram posicionados sempre em posições fixas pré-determinadas, para uma situação em que os estímulos de comparação fossem posicionados em qualquer ponto da sala experimental, em uma tentativa de controlar o responder sob controle de posições fixas ocupadas pelos estímulos, ou posição relativa ocupada entre os mesmos; 3. Variações na distância entre os estímulos de comparação, procurando contornar o controle por distância percorrida até se chegar a um estímulo de comparação. Até o momento, foram realizadas aproximadamente 60 sessões com cada animal e, apesar de todas as alterações realizadas, não foram verificadas melhoras de desempenho, no sentido de os animais apresentarem um responder controlado pelo modelo, sendo que este permanece próximo aos níveis do acaso.

Palavras-chave: emparelhamento arbitrário com o modelo; discriminações condicionais; cães.
FAPESP
D
AEC

RESPONDER POR EXCLUSÃO EM RATOS WISTAR. Matheus Felipe de Souza; Andréia Schmidt*. (Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP).. *Matheus Felipe de Souza, Andréia Schmidt,*

O responder por exclusão é um processo específico que pode ser definido como a escolha imediata de um estímulo de comparação indefinido por meio da rejeição de alternativas de

estímulos previamente definidos. Esta forma de responder tem sido investigada tradicionalmente na espécie humana como um processo de discriminação condicional envolvido na aquisição de vocabulário. Vários estudos têm sido conduzidos com o objetivo de investigar esse mesmo processo em animais não humanos, na tentativa de identificar e rastrear a ocorrência desse fenômeno em diferentes espécies. Apesar dos resultados variados desses estudos, algumas investigações recentes têm descrito a capacidade de algumas espécies de responder desta maneira, como cães, chimpanzés, leões-marinhos e golfinhos nariz-de-garrafa. No entanto, há a necessidade de se demonstrar a generalidade desse desempenho nestas e em outras espécies. A variedade dos resultados tem sido atribuída as diferentes metodologias empregadas, por isso a importância do desenvolvimento de metodologias compatíveis com as características das espécies estudadas. Nesta perspectiva, o presente trabalho teve por objetivo ampliar os estudos de responder por exclusão em não humanos, testando a ocorrência do responder por exclusão em Ratos Wistar treinados em uma tarefa de discriminação simples simultânea com estímulos visuais. Os sujeitos foram seis ratos (Rattus norvegicus) da linhagem Wistar, machos. Os estímulos visuais foram formas geométricas, projetadas sobre túneis em uma caixa de condicionamento operante. As respostas de escolha dos estímulos eram as de focinhar (nose poken), reforçadas com a disponibilidade de água por 3 segundos. Após o estabelecimento da discriminação entre dois estímulos, foram realizadas três sessões de sonda, intercaladas com sessões de linha de base. Em cada sessão de sonda, eram apresentadas 28 tentativas de linha de base e duas tentativas de sonda: uma de controle pela novidade, na qual um estímulo novo (N1) era apresentado juntamente a um estímulo já estabelecido como S+; e uma sonda de exclusão, em que um segundo estímulo novo (N2) era apresentado simultaneamente ao estímulo treinado como S-. Apenas um animal respondeu ao estímulo novo em uma sonda de controle pela novidade. Nas sondas de exclusão, quatro animais responderam aos três estímulos novos, e um respondeu ao estímulo novo em duas das três sondas. Apenas um animal respondeu ao S- nas três sondas de exclusão. Este estudo verificou, portanto, a ocorrência de responder por exclusão em indivíduos desta espécie a partir do estabelecimento de uma linha de base de discriminação simples simultânea, ampliando, desta forma, os resultados sobre esse tipo de desempenho em espécies não humanas.

Palavras-chave: Responder por Exclusão; Discriminação Simples; Ratos Wistar.
Iniciação Científica IC
AEC-Análise Experimental do Comportamento

Responder por exclusão em cães em contexto de discriminação simples Camila Domeniconi; Isabela Zaine**. *Camila Domeniconi, Isabela Zaine, UFSCar,*

O repertório de responder por exclusão define-se pela seleção de um estímulo indefinido, cuja função não fora previamente estabelecida, na presença de um estímulo modelo também indefinido. Assim, se dentre os estímulos de comparação possíveis a serem selecionados, existem estímulos definidos e um estímulo indefinido, diante de um modelo também indefinido, o organismo tende a responder no estímulo de comparação indefinido, excluindo os estímulos cujas relações foram previamente estabelecidas com outros estímulos modelo. O repertório de responder por exclusão é considerado um desempenho emergente, na medida em que relações não diretamente ensinadas entre estímulos são demonstradas no repertório dos indivíduos sem treino direto. Estudos com humanos tem replicado o resultado da escolha pelo estímulo indefinido ao longo dos anos. Dentre estudos com animais não humanos, os dados mais consistentes encontrados foram com cães, envolvendo estímulos auditivos e visuais. O presente trabalho teve como objetivo investigar o responder por exclusão em 8 cães em situações de discriminações simples simultâneas envolvendo exclusivamente estímulos

visuais. Durante as sessões de treino, três pares de objetos eram disponibilizados e os animais eram ensinados a responder (tocar o objeto selecionado com o focinho) a somente um dos estímulos de cada par, sendo que a seleção pelo estímulo previamente definido como correto (S+) era seguido por reforço (som de um clicker junto com alimento canino), enquanto que a seleção pelo estímulo experimentalmente definido como incorreto (S-) não produzia consequências. Estabelecida a contingência de que a seleção por alguns estímulos produziam consequências reforçadoras, enquanto que a seleção de outros não produzia consequências, foram realizadas duas sessões de sonda do responder dos animais diante de estímulos indefinidos. Na primeira sessão de sonda, os itens que não produziam quaisquer consequências eram apresentados juntamente com outros três estímulos indefinidos (SI), aos pares. No segundo tipo de sonda, aqueles itens que produziam consequências reforçadoras durante o treino foram apresentados com três estímulos indefinidos, também aos pares. Os resultados apontaram que todos os cães atingiram aos critérios de aprendizagem estabelecidos durante o treino, com alguma variação no número total de sessões realizadas (mínimo: 2; máximo:7; média: 4 sessões). Na primeira sonda (S-/SI), a porcentagem média de seleção dos SI pelos cães foi de 87,3%, sendo um forte indício de que os animais estavam selecionando os novos objetos excluindo os estímulos que tinham função negativa durante o treino. Na segunda sonda, a porcentagem média de seleção dos cães pelos S+ da condição de treino, correspondeu a 83% das seleções realizadas, indicando que os cães selecionavam os estímulos positivos em maior frequência por já conhecerem sua função reforçadora. O segundo teste teve a importância de esclarecer se a seleção pelos SI na primeira sonda estavam sendo controladas pela novidade. Essa hipótese foi rejeitada pela segunda sonda, que também possuía objetos novos, sendo que, no entanto, o responder dos animais foi controlado pela função adquirida pelos estímulos. Os resultados apontaram que os cães apresentaram um repertório de responder por exclusão.

Palavras-chave: exclusão; discriminações simples; cães.

Outro

AEC

Sessão Coordenada: **JUVENTUDE E CONTEMPORANEIDADE**

O capitalismo contemporâneo foi responsável por uma grande transformação social, trazendo desenvolvimento e riqueza. As novas tecnologias de comunicação e informação geram novas formas de interação e transformação nos modos de vida e cultura contemporâneas, tornando-se foco de atenção das ciências humanas e sociais. Porém, suas vantagens cobrem apenas uma minoria da população, convivendo lado a lado com a exclusão e a pobreza. Embora os últimos indicadores econômicos do país tenham revelado que há um menor contingente populacional vivendo abaixo da linha da pobreza, as imensas disparidades sociais ainda são, infelizmente, uma realidade nacional. Cerca de 33% da população brasileira não possui um nível mínimo de renda para satisfação de suas necessidades mais básicas. Além disso, o analfabetismo atinge ainda cerca de 16 milhões de pessoas com idades acima de 15 anos, cujo exercício da cidadania está limitado por não dominarem o mundo da leitura e da escrita. Nas famílias pobres, para aumentar a renda familiar é freqüente o engajamento dos filhos precocemente no mercado de trabalho, comprometendo seu acesso e permanência na escola. Fato que contribui para formação de mão-de-obra não qualificada e conseqüentemente com baixa remuneração. Não por acaso, a sociedade, as ciências e o governo têm debatido o tema em busca de soluções. Segundo González Rey, as condições objetivas de vida participam e interferem na construção subjetiva. Nesta perspectiva, a subjetividade não é um processo inato e natural, mas concebida como um sistema que se expressa dialeticamente na dimensão social e individual. Nesta sessão buscamos discutir algumas questões e temáticas contemporâneas ligadas aos jovens, as novas tecnologias e as práticas de exclusão social. Discutir as mudanças do mundo atual, que excluiu muitos de seu conceito de justiça social é fundamental para entendermos e conhecermos melhor os seus determinantes e a partir daí podermos buscar construir práticas que contribuam para minorar as desigualdades sociais existentes no país.
Psicologia Social

INJUSTIÇA SOCIAL: REPRESENTAÇÕES DE JOVENS DO ENSINO MÉDIO. *Ana Lucia Paes de Barros (Universidade Católica de Petrópolis/ Petrópolis, R.J.)*
Elizabeth Fiuza De Giovanni (Universidade Estácio de Sá/ Rio de Janeiro, RJ.)
Jesuína Neide Morais Batti (Universidade Estácio de Sá / Rio de Janeiro, RJ.)

,

Este estudo teve como objetivo conhecer o núcleo central da representação social, que jovens do ensino médio, das camadas menos favorecidas economicamente têm acerca da injustiça social. A partir da Teoria do Núcleo Central das Representações Sociais, investigaram-se os elementos que constituem o núcleo central da representação social da injustiça social, entendido como o organizador das crenças componentes de uma representação, e por isso o seu elemento mais permanente e o fator determinante da sua estruturação. Para conhecer a representação social - sua estrutura e seu conteúdo - foi realizada uma pesquisa de campo com 112 alunos do ensino médio de uma escola pública, localizada num bairro da zona norte do Rio de Janeiro. O grupo estava composto em sua maioria por jovens entre 16 e 17 anos (69%), 40% relatou ser da raça negra e 30% da raça branca, todos solteiros, sendo 60% do sexo feminino. Entre eles 20% relatou estar trabalhando. Os dados foram coletados através da aplicação de questionários com perguntas abertas e fechadas, abordando as características sócio-econômicas sexo, idade, estado civil, ocupação e renda dos entrevistados, e abertas, versando sobre a questão da representação social. Para o acesso ao conteúdo do núcleo central, utilizou-se a técnica da evocação livre. A análise dos dados das perguntas fechadas foi realizada através de procedimentos básicos de estatística descritiva. Quanto ao teste de evocação de palavras, estas passaram primeiramente por uma análise qualitativa que consistiu no agrupamento das palavras, enunciadas pelos entrevistados, em categorias de acordo com a

semelhança de conteúdo. Em seguida, buscando conhecer a estrutura da representação social do trabalho embarcado, as categorias formadas passaram pelo seguinte tratamento: cálculo das freqüências, cálculo da ordem média de evocação e montagem dos quadrantes. Dentre as categorias que compõem o núcleo central da representação social da injustiça social as que apareceram como as mais freqüentes e mais prontamente evocadas são: racismo, desigualdade, preconceito, pobreza e violência. Essas representam os aspectos mais socialmente compartilhados por este grupo. Nos esquemas periféricos, encontram-se categorias como: discriminação, indiferença, injustiça e impunidade. De fato, no núcleo central, verificamos a prevalência de palavras ligadas às vivencias dos sujeitos. Já no sistema periférico, predominam termos relativos aos sentimentos dos entrevistados frente à injustiça social. Segundo eles, para que a injustiça fosse minorada seria necessário acabar com o preconceito e a discriminação, haver maior solidariedade, diminuir o desemprego, o crime e a corrupção. Dentre eles, 74% identificam injustiça social em sua cidade, entretanto apenas 32% consideram que ela poderia ser evitada, revelação preocupante visto que uma parcela significativa não visualiza saídas para essa situação.
Palavras chaves: Injustiça social; exclusão social; jovens.
Nível do Trabalho: Pesquisador - P
Código da Área da Psicologia: SOCIAL - Psicologia Social.

JUVENTUDE E RELIGIÃO: UM ESTUDO PSICOSSOCIAL. *Julio Cesar Cruz Collares-da-Rocha** (UFSJ São João del-Rei MG),*
A vida social é regulada, em parte, a partir do conhecimento/práticas acerca da religião, suas manifestações, suas orientações e seus interditos nas relações estabelecidas. Reconhecendo o papel da religião no cotidiano dos jovens, objetivamos conhecer a formação da opção religiosa e de algumas crenças religiosas de jovens segundo grupo religioso autodefinido. Observamos 223 estudantes do terceiro ano do Ensino Médio de ambos os sexos, com idades entre 18 e 30 anos, nos turnos da manhã e da noite, em 11 Escolas Estaduais da Cidade do Rio de Janeiro. Utilizamos um questionário auto aplicado e os dados foram analisados estatisticamente. Dos estudantes que participaram da pesquisa, em relação ao grupo religioso, 120 sujeitos se autodefiniram como Católicos (C), 61 como Evangélicos (E) e 42 como Sem Religião (SR). Trabalhamos com os três grupos religiosos com as faixas etárias supracitadas em face da sua representatividade nas pesquisas demográficas como, por exemplo, o Censo demográfico 2000 que revelou três grandes mudanças no campo religioso brasileiro em relação ao censo de 1991: a diminuição do percentual de católicos em 9,99%; o crescimento dos evangélicos em 6,45%; e aumento dos que se declararam sem religião em 2,6%, totalizando, 73,77%, 15,5% e 7,4%, respectivamente. Outra informação importante para nosso estudo é que os jovens entre 15 e 24 anos representam 20,13% da população do País. Esses resultados revelam que a religião não pode ser considerada como um aspecto pouco relevante no cotidiano do jovem brasileiro, e, portanto, faz-se necessário realizar mais pesquisas sobre o campo religioso, em especial, com a população da pesquisa supracitada, tendo em visto sua representatividade populacional. Quanto ao resultado, todos informaram acreditar em Deus. Entre os Católicos, 80% decidiram pela religião atual até os 12 anos de idade, 69% reconhecem a família como influência religiosa, 84% seguem a religião escolhida pela família, 23% praticam outra religião, 51% se consideram praticantes da religião, 11% participam de grupos organizados na religião, 46% consideram matar o pecado mais grave e 12% consideram a gula o pecado menos grave; entre os Evangélicos, 33% decidiram pela religião atual até os 12 anos de idade, 43% reconhecem a família como influência religiosa, 33% seguem a religião escolhida pela família, 7% praticam outra religião, 67% se consideram praticantes da religião, 51% participam de grupos organizados na religião, 41% consideram matar o pecado mais grave e 49% consideram que não existe nenhum pecado menos grave; e entre os Sem Religião, 40% tem famílias

Católicas, 19% tem famílias Evangélicas, 40% consideram matar o pecado mais grave e 19% consideram que não existe nenhum pecado menos grave. Estes resultados demonstram a forte e precoce influência que a família tem sobre a opção religiosa dos jovens, especialmente entre os Católicos. Revela também maior participação dos Evangélicos nas atividades religiosas fruto possivelmente da maior cobrança no meio evangélico por envolvimento e em face do proselitismo. Possivelmente, a influência religiosa da família coopera tanto para a opção religiosa, quanto para formação dos valores dos jovens, orientando suas práticas religiosas e sociais em geral.

CNPq
Palavras-chave: Juventude, Religião, Psicossocial
Nível do Trabalho: Mestrado - M
Código da Área da Psicologia: SOCIAL - Psicologia Social.

O ATRAVESSAMENTO DA CULTURA AFROBRASILEIRA NA CONSTRUÇÃO SUBJETIVA DE JOVENS DO SEXO FEMININO. *Leila Dupret (Laboratório de Estudos Afrobrasileiros /Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/ Rio de Janeiro/RJ)*
*Eloisa Oliveira** (Laboratório de Estudos Afrobrasileiros /Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/ Rio de Janeiro/RJ),*

Desde que os negros foram trazidos do continente africano para o Brasil pelos caminhos dos navios negreiros, esta população se enveredou por trajetórias muitas vezes atribuladas, porque sempre estiveram ligadas ao preconceito e a exclusão na sociedade. No caso da mulher negra em especial, sua história foi marcada por lutas políticas e culturais, em que estiveram envolvidos seus valores e princípios. Quando escravizada, apesar de estar em posições muito subalternas foi capaz de introduzir, de maneira peculiar, as características de sua africanidade nos modos brasileiros: estava na cozinha, na casa do senhor educando seus filhos, cuidando de sua casa. Apesar de toda a repressão, também foi ela quem inseriu sua cultura por intermédio da religião, contribuindo assim para o que denominamos cultura afrobrasileira. Pois, ao cultuar seus Orixás e seguir sua tradição, esta mulher que se manteve atuante no tecer da história do país acabou por construir pilares fundamentais para a transmissão de um conhecimento, que ainda circula vivo entre nós. Sem contar os atravessamentos dos próprios mitos africanos femininos na construção subjetiva não só da mulher, mas da coletividade de maneira geral. Entretanto, os conflitos sociais em relação às práticas religiosas afrobrasileiras permanecem mantidos até 2012; e é neste contexto atualizado que se dá a investigação sobre a subjetividade da jovem mulher que participa da Casa de Culto aos Orixás em qualquer nível de seu comprometimento com a mesma. A pesquisa de cunho qualitativo está sustentada pelos pressupostos teórico-metodológicos trazidos por Vygotsky (1988), que se traduzem basicamente em: analisar processos e não objetos; desprender-se do comportamento fossilizado e diferenciar descrição de explicação; e a técnica que operacionaliza a pesquisa refere-se à sugerida por Rey (1997), segundo a qual através da construção de unidades de sentido, que emergem do elenco de configurações advindas de entrevistas abertas foi possível uma abordagem processual e singular ao grupo estudado, jovens do sexo feminino entre 12 e 28 anos participantes de Terreiros de Candomblé e/ou Umbanda, na Baixada Fluminense, inicialmente do município de Nova Iguaçu. A partir da interpretação do referido elenco podemos entender os sentidos dados pelas jovens à prática religiosa no Terreiro, conhecer como ocorre o atravessamento religioso em suas vidas, a importância que destacam na transmissão de conhecimento através dos mais velhos, atrelada à noção de ancestralidade, preservando assim a cultura afrobrasileira. Porém, cabe destacar que as jovens demonstraram inquietações pertinentes sobre suas relações com o Terreiro, que permanecem preocupadas com o preconceito e outras manifestações indicativas de discriminação que nutrem o receio de

se dizerem praticantes de religião afro-brasileira em razão de possíveis retaliações, apesar da grande quantidade de jovens frequentadores de Terreiros na Baixada Fluminense.
Palavras-chave: jovem, cultura afro-brasileira, subjetividade.
Nível do Trabalho: Pesquisador - P
Código da Área da Psicologia: SOCIAL - Psicologia Social.

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA PARA JOVENS UNIVERSITÁRIOS: POSSIBILIDADES E DESAFIOS.
*Maria Cristina Figueira Louro** (Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Rio de Janeiro, RJ.)*
*Alexandre Moura Paes de Barros** (Universidade Federal de Santa Catarina/Florianópolis/SC)*
Ana Lucia Paes de Barros (Universidade Católica de Petrópolis/ Petrópolis, R.J.),
A educação a distância (EAD) tem sido uma modalidade de educação que se intensifica e se amplia a cada dia mais no país. Considerando as enormes desigualdades sociais e as dimensões territoriais, ela se apresenta como uma das soluções viáveis para problemas tais como: falta de tempo, distância dos locais de ensino, menor custo, entre outros. O contexto de educação a distancia envolve também muitos profissionais, alunos e educadores trazendo diferentes questionamentos e posições. No entanto, favoráveis ou não a esta nova tecnologia, não podemos nos esquecer que ela já é uma realidade no nosso país, garantida pela legislação em vigor. Hoje os cursos universitários podem oferecer 20% do currículo presencial na modalidade a distância. Assim, nos parece interessante analisarmos criticamente, para conhecermos as suas possibilidades e limitações de aplicação em contextos de graduação. Acreditamos que a opção que uma organização faz pela implementação ou não da EAD nas suas práticas educacionais esteja fortemente vinculada à sua cultura organizacional. Nos parece, importante, que os gestores institucionais conheçam os sentidos construídos e partilhados coletivamente por seus membros relativos a EAD no momento da decisão de sua implementação e, na construção de estratégias para a sua viabilização, pois em função deles maiores ou menores serão as resistências enfrentadas na hora da tomada de decisão. Este trabalho teve como objetivo conhecer a representação social da educação a distância para jovens universitários. Partimos da idéia que a representação social que os estudantes possuem da EAD estará, possivelmente, influenciando na maneira com eles irão atuar neste novo contexto sócio-educacional. Para tanto, foram entrevistados 154 jovens, de ambos os sexos, distribuídos entre os cursos de administração, psicologia e engenharia de 2 universidades do estado do Rio de Janeiro, cursando a partir do sexto período. O grupo estava composto em sua maioria por pessoas do sexo masculino (66%), na faixa etária entre 25/35 anos e que estavam trabalhando. Foi utilizado um questionário semi-estruturado com perguntas abertas e fechadas. As perguntas fechadas abordaram os seguintes temas: idade, sexo, período, e informações sobre suas atividades de trabalho e de renda. As perguntas abertas compreenderam: o que é EAD, quais são as vantagens e desvantagens desta modalidade de educação, se ela melhora as condições de educação do país. Os Conteúdos das respostas passaram, primeiramente, por uma análise qualitativa que consistiu no agrupamento das falas dos entrevistados em categorias de acordo com a semelhança de conteúdo. Os resultados ora apresentados são, ainda, produto de análises iniciais. As categorias que apareceram mais freqüentemente ligadas à educação a distância são: maior possibilidade de acesso à educação, novas tecnologias e menor qualidade na educação. As vantagens mais enunciadas pelos participantes foram: Permitir administrar melhor o tempo e proporcionar maior comodidade e praticidade. Quanto às desvantagens as mais citadas foram: Falta de interação, menor aproveitamento e dificuldade de compreensão. Vale ressaltar que a maioria deles não acredita que a EAD pode melhorar a educação no país, apenas nas regiões mais pobres e distantes, que não possuem uma estrutura educacional adequada.
Palavras chaves: Representação social; Educação a distância; Educação.

Nível do Trabalho: Pesquisador - P
Código da Área da Psicologia: SOCIAL - Psicologia Social

Sessão Coordenada: **Leitura compartilhada no hospital e na escola: perspectivas para a descrição das intervenções dos mediadores de leitura e de seus efeitos sobre a aprendizagem de habilidades de leitor.**

Pesquisas recentes sobre a leitura no Brasil mostram que ainda há muitas barreiras para o crescimento do número de leitores e para o domínio de competências relacionadas ao letramento, mesmo com o aumento do acesso à escolarização. Vários estudos apontam a importância da leitura compartilhada para a aprendizagem de competências de leitor, tanto para crianças em fase de alfabetização, quanto para crianças já alfabetizadas. No entanto, há poucos estudos sistemáticos, no Brasil, que descrevem as intervenções do mediador de leitura/contador durante a leitura compartilhada e seus efeitos sobre a aquisição, pelo ouvinte, de competências de leitor, tais como ampliação do vocabulário, compreensão da narrativa, etc. As apresentações desta Sessão Coordenada descrevem uma série de estudos que investigam diferentes aspectos da leitura compartilhada, desde a perspectiva dos contadores acerca de seu trabalho até propostas de medidas de compreensão da narrativa após a leitura compartilhada. Os estudos situam-se em dois contextos: no hospital pediátrico, a partir do trabalho de voluntários que leem histórias com as crianças internadas, e na escola, a partir de um projeto de extensão que busca integrar as rodas de leitura compartilhada ao cotidiano escolar.
Psicologia Escolar e da Educação

ANÁLISE DAS FUNÇÕES DO NARRATIVA: UMA PROPOSTA PARA A AVALIAÇÃO FUNCIONAL DA COMPREENSÃO TEXTUAL. *Eileen Pfeiffer Flores, Lais Pires*, Raquel Freire* (Universidade de Brasília, Brasilia, DF) e Carlos Barbosa Alves de Souza (Universidade Federal do Pará, Belém, PA).,*

A leitura dialógica é uma forma modificada de leitura compartilhada em que o contador apresenta estímulos discriminativos para o comportamento verbal das crianças, tais como perguntas do tipo quem, o quê, quando, onde, como e qual , questões sobre as figuras do livro, etc. Além disso, o contador emite verbalizações contingentes às verbalizações das crianças ao repetir as respostas corretas, dar modelos de respostas adequadas, etc. Esta forma de leitura compartilhada tem mostrado efeitos superiores, em comparação com a leitura convencional, sobre medidas de vocabulário receptivo e expressivo, uso de recursos narrativos, dentre outros. No entanto, os estudos existentes (1) apresentam poucos dados acerca dos efeitos da leitura dialógica sobre a compreensão do texto e (2) utilizam delineamentos de grupos e apresentam as limitações inerentes a esse tipo de delineamento, como a rigidez no tempo de exposição à(s) variável(is) independente(s), o baixo número de medições da(s) variável(eis) dependente(s) (geralmente em pré-e pós- testes que usam medidas padronizadas), dentre outras. O pequeno número de medições impossibilita o aferimento de mudanças sutis que podem ocorrem durante o processo de aprendizagem individual. Buscando contornar parcialmente esssa limitações e como pré-requisito para poder estudar o efeito da leitura dialógica sobre a compreensão textual, o presente estudo objetivou desenvolver medidas de compreensão de leitura após a leitura compartilhada que permitam medidas repetidas, ou seja, que possam ser adaptadas para diversos textos narrativos. Usando-se como base a noção de unidades funcionais da narrativa proposta por Roland Barthes, cada um dos dezessente capítulo de um texto infanto-juvenil foi decomposto em: sequência de eventos, funções principais do texto, evidências das funções. Dois meninos e duas meninas com idade entre 7 e 8 anos participaram de sessões grupais de leitura compartilhada do livro, após as quais cada criança realizava a recontação livre do(s) capítulo(s) lidos. O comportamento verbal de cada criança na tarefa de recontação foi transcrito e sua correspondência com o texto foi avaliada calculando-se (1) proporção de eventos principais

citados pela criança sobre o total de eventos descritos no texto (2) o total de funções principais citadas pela criança, sobre o total de funções encontradas no texto e (3) total de evidências citadas, sobre o total de evidências presentes no texto. O acordo em dois testes separados de fidedignidade, usando cada um uma amostra aleatória de cinco transcrições e dois avaliadores diferentes, foi de 100% e 98%, respectivamente. Discutem-se algumas vantagens da avaliação funcional da correspondência entre o comportamento verbal e o texto lido, dentre as quais (1) não incorrer na exigência de correspondência formal com o texto; (2) fornecer critérios para estabelecer as funções textuais mais relevantes e (3) ser adaptável para diversos textos narrativos, permitindo assim o uso de medidas repetidas de compreensão textual.

Apoio: CNPq 400687/2011-9. A segunda autora é bolsista de IC.
Palavras-Chave: Leitura; Compreensão textual; Comportamento verbal.

P

ESC

LEITURA DIALÓGICA DE HISTÓRIAS INFANTIS: EFEITOS SOBRE A COMPREENSÃO TEXTUAL.

Laís Fernandes Pires, Eileen Pfeiffer Flores, Raquel Freire Coelho*. (Departamento de Processos Psicológicos Básicos, Universidade de Brasília, Brasília, DF) e Carlos Barbosa Alves de Souza (Universidade Federal do Pará, Belém, PA).,*

A leitura dialógica consiste em uma forma modificada de leitura compartilhada em que o contador encoraja a participação dos ouvintes solicitando nomeações, fazendo perguntas, etc. e emite verbalizações contingentes às verbalizações dos ouvintes, como repetir as falas destes e ampliá-las, etc. Estudos anteriores, usando delineamento de grupo, mostraram ganhos superiores no vocabulário expressivo e receptivo de crianças pré-escolares que participaram de encontros de leitura dialógica, em comparação com a leitura compartilhada convencional. No entanto, a maior parte dos estudos usou livros ilustrados e centrou as intervenções dialógicas sobre as figuras do livro, havendo poucas evidências acerca do possível efeito das intervenções sobre a compreensão textual. O principal objetivo deste estudo foi investigar os efeitos de intervenções da leitura dialógica adaptadas a livros com predominância de texto, sobre a compreensão textual de crianças em processo de alfabetização, conforme medido pela correspondência funcional entre o texto lido e o comportamento verbal do ouvinte em tarefas de recontação. Uma criança de oito anos, matriculada no terceiro ano de uma escola particular, e três crianças, um menino e duas meninas, com idades entre 7 e 8 anos e matriculadas em uma escola pública, referenciadas pela equipe pedagógica como tendo dificuldades no processo de alfabetização e na expressão oral e escrita, participaram do estudo. Um texto infanto-juvenil foi dividido doze partes (um ou dois capítulos), consistindo cada parte em uma narrativa completa, com início, meio e fim, embora cada uma, por sua vez, fizesse parte da narrativa maior. O texto a ser lido em cada sessão foi analisado e foram listadas as funções da narrativa e a sequência de eventos, a partir da proposta de Roland Barthes de análise da narrativa. Foram preparadas intervenções dialógicas (prompts para participação) relacionadas a cada função da narrativa, para cada uma das doze sessões. Na condição de linha de base (A Leitura não dialógica), o texto era lido para a criança sem as intervenções dialógicas. Na condição experimetnal (B - Leitura Dialógica), o texto era lido com as intervenções dialógicas planejadas para aquela sessão e com outras que surgissem a partir da interação com a criança. As sessões eram feitas individualmente com cada criança, usando-se um delineamento de linha de base multipla por sujeito. Uma das crianças participou inicialmente da condição A (Delineamento A-B-A). As outras duas foram submetidas primeiramente à condição experimental (Delineamento B-A-B) por razões aplicadas de demanda imediata de melhorias na compreensão textual. Toda sessão era sucedida

imediatamente pela coleta de medidas de compreensão em três fases: (1) Recontação Livre (instruções gerais para recontar a história ouvida (2) Recontação Dirigida (perguntas fixas sobre cenário, personagens e partes da história e (3) Jogo de Frases (julgamento de frases, pré-gravadas e redigidas a partir da análise das funções do texto (duas frases para cada função, uma certa e outra errada). Os dados até o momento apontam que: (1) o número de verbalizações correspondentes a funções do texto na contação livre é inferior ao atingido na contaçã livre + contação dirigida, mostrando a complementariedade das duas medidas; (2) No sujeito em que já houve mudança de condição (de B para A), o percentual de funções presentes na recontação variou entre 80 e 100% (média de 88,3%) e entre 40 e 83% (média de 60%) na Condição A, indicando que os efeitos da leitura dialógica não são irreversíveis e que a correspondência entre aspectos funcionais do texto e do comportamento verbal na recontação livre é maior na leitura dialógica.

Apoio: CNPq

Palavras-chave: Leitura dialógica, comportamento verbal, compreensão textual

IC

ESC

LEITURA COMPARTILHADA EM UM HOSPITAL PEDIÁTRICO: INTERVENÇÕES DOS CONTADORES SEGUNDO A IDADE E O REPERTÓRIO VOCAL DAS CRIANÇAS. *Gabriela Fiúza de Almeidas Santos*, Eileen Pfeiffer Flores, Luíza Ferreira da Motta Amadeu* (Universidade de Brasília, Brasília, DF) e Adriana de Rezende Dias (Associação Viva e Deixe Viver, Brasília, DF).,*

A hospitalização infantil, principalmente se prolongada, se consolida como uma quebra da rotina da criança e de seu desenvolvimento escolar. A criança tem o desafio de lidar com a doença e com a isolação social, enfrentando, portanto, problemas são só físicos como emocionais em virtude da hospitalização. A Associação Viva e Deixe Viver (Viva), nascida em um contexto de humanização da saúde, tem como objetivo promover entretenimento, cultura e informação educacional através do estímulo à leitura e do brincar, visando transformar a internação hospitalar em um momento menos traumático. Diversas práticas didáticas apoiam-se sobre a premissa do impacto positivo das atividades de contação de histórias sobre processos de aprendizagem ligados à leitura. Entre as práticas de contação de histórias, encontra-se a atividade de leitura compartilhada, em que uma ou mais crianças ouvem uma história lida em voz alta por um adulto. Considerando que a criança ou adolescente hospitalizado vive um cotidiano privado de experiências de aprendizagem, a contação de histórias pode exercer o papel de preencher parcialmente essa lacuna ao promover habilidades relacionadas à leitura em um contexto prazeroso. Um estudo anterior categorizou as intervenções dos contadores durante a leitura compartilhada em 30 categorias, agrupando-as em quatro eixos: (1) Tatos, textuais e/ou intraverbais acerca do texto e/ou das ilustrações; (2) Prompts para comportamento verbal (3) Consequências para tatos, textuais ou intraverbais (4) Consequências ou prompts para comportamento não-verbal. O presente estudo, de caráter descritivo, teve como objetivo verificar se as intervenções dos contadores variam com a idade e/ou com o repertório verbal das crianças. Foram observados 36 episódios de contação com crianças entre 3 meses e 12 anos de idade, utilizando-se o registro contínuo categorizado (registro de evento) em intervalos de 1 minuto. O índice de acordo entre dois observadores independentes foi de 80%. O índice é considerado satisfatório, considerando quo número de categorias dificulta os acordos devidos ao acaso. Os resultados apontam que (1) intervenções do Eixo 1, como nomeações e dramatizações, são mais frequentes quando os ouvintes são crianças pequenas ou possuem repertório vocal limitado; (2) Essa relação se inverte em contações com crianças maiores, nas quais as categorias pertencentes ao Eixo 2, como perguntas complexas tipo o quê? (p□rguntas tipo \"qu\") □ □vocar □xpansõ□s ac□rca d□

asp□ctos da histórias (□ncorar □xplicação ou d□finição), ocorr□ram com maior fr□quência; (3) A int□rv□nção dos contador□s modifica-s□ d□ acordo com as n□c□ssidad□s d□ cada criança: livros com sons, por □x□mplo, são utilizados com crianças qu□ possu□m baixa visão como m□io d□ □ncorajar a participação das m□sma na história; □ (4) Os contador□s faz□m int□rv□nçõ□s qu□ sinalizam r□forço para ant□cipaçõ□s □ nom□açõ□s, m□smo quando a criança não vocaliza. Discut□-s□ a s□nsibilidad□ da int□rv□nção dos contador□s □m r□lação às contingências □sp□cíficas a cada criança □ ao cont□xto hospitalar □ o pot□ncial da l□itura compartilhada para o d□s□nvolvim□nto d□ r□p□rtórios v□rbais □ comp□tências d□ l□itor.
Palavras-chav□: l□itura compartilhada; contador□s d□ história; crianças hospitalizadas.
Outro
ESC

ANÁLISE DE ENTREVISTAS COM CONTADORES DE HISTÓRIAS: O MAPA CONCEITUAL COMO FERRAMENTA PARA A REPRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE CONTEÚDO VERBAL.. *Victor Guevara Loyola de Souza*, Eileen Pfeiffer Flores, Beatriz Leão Yamada* (Universidade de Brasília, Brasília, DF) e Adriana de Rezende Dias (Associação Viva e Deixe Viver, Brasília, DF).,*

O mapa conceitual é uma ferramenta esquemática que auxilia na representação das relações entre conceitos ou termos, dentro de uma estrutura composta por proposições. Muito utilizado como ferramenta didática, o mapa conceitual pode ser também uma estratégia importante para a análise de conteúdo verbal, especificamente para a análise do conteúdo de entrevistas, pois permite representar visualmente os termos mais frequentes e suas inter-relações na fala do entrevistado. O presente trabalho apresenta algumas vantagens dos mapas conceituais para a interpretação de dados fornecidos por entrevistas semiestruturadas e ilustra seu uso por meio da análise de entrevistas semiestruturadas realizadas com oito voluntários contadores de histórias em um hospital pediátrico. O objetivo das entrevistas foi conhecer as concepções dos contadores acerca de seu trabalho e acerca das relações que estes postulavam entre o trabalho de leitura compartilhada e processos de aprendizagem e desenvolvimento da criança. Primeiramente, foi realizado um mapa conceitual para representar o conteúdo das entrevistas com cada contador. O mapa é formado por nódulos, que representam termos ou conceitos usados pelo entrevistado, e ligações, que resumem as relações entre dois conceitos, conforme aparecem no discurso do entrevistado. As ligações possuem direção. Por exemplo, se os nódulos criança e livro estão relacionados pela ligação distrai, considera-se que a direção da relação é de livro para criança (o livro distrai a criança, mas não o contrário). Desta maneira, cada nódulo pode ter x ligações saindo para outros nódulos e x ligações chegando de outros nódulos, e algumas ligações podem ser bidirecionais. A partir de um metamapa (mapa que juntou os mapas conceituais de todas as entrevistas, elaborado com a ferramenta CmapTools, versão 5.04.02), foi possível verificar os nódulos que apresentaram o maior número de ligações. Estes foram: contação -neologismo comumente usado para definir o ato de contar histórias, narrar- (41 ligações saindo e 38 chegando, sendo 18 das ligações com o nódulo criança); criança (s) (31 ligações saindo e 30 chegando); livro (6 ligações saindo e 12 chegando, sendo 3 para idade e 2 para criança, respectivamente); contador (a/es/as) (7 ligações chegando, sendo 2 para UTI); UTI (8 ligações chegando, sendo 2 para contador) e literatura infantil (6 ligações saindo, sendo 2 para idade). A partir destes dados, torna-se possível proceder a análises semânticas mais detalhada, por exemplo, unindo-se ligações semelhantes entre dois nódulos em uma única categoria. São discutidas três características do recurso de mapas conceituais para análise do conteúdo de entrevistas: 1) o mapa reduz o tamanho das entrevistas esquematizando as falas do entrevistado, porém sem perder o conteúdo específico das proposições; 2) permite ao pesquisador análises visuais e quantitativas imediatas dos conceitos mais frequentes e de suas

inter-relações; 3) trata-se de um método flexível que permite facilmente tanto análises visuais e quantitativas, quanto análises semânticas baseadas na semelhança conceitual entre proposições.
Palavras-chave: mapa conceitual, entrevista, contadores de história.
Outro
ESC

OUVIR E CONTAR HISTÓRIAS NO CONTEXTO HOSPITALAR: UMA PERSPECTIVA DOS CONTADORES.. *Beatriz Leão Yamada*, Eileen Pfeiffer Flores, Victor Guevara Loyola de Souza* (Universidade de Brasília, Brasília, DF) e Adriana de Rezende Dias (Associação Viva e Deixe Viver, Brasília, DF).,*
A hospitalização, dependendo das condições em que ocorrer, pode ocasionar diversos prejuízos, incluindo prejuízos afetivos, familiares e escolares. A humanização da saúde é uma proposta de tornar o cenário da hospitalização menos duro e minimizar o sofrimento psicológico produzido pela internação, tanto para a criança quanto para seus familiares. Nesse contexto, a Associação Viva e Deixe Viver (VIVA) reúne voluntários mediadores de leitura (contadores) para crianças e adolescentes hospitalizados, que através de atividades culturais que estimulam o desenvolvimento das aptidões dessas crianças, contribui para a humanização dos serviços a elas destinados, integrando no seu cotidiano as condições sensíveis de comunicação e interação com a realidade externa . O presente trabalho teve por objetivo investigar as concepções dos contadores a respeito do desenvolvimento e aprendizagem dentro do contexto hospitalar. Hipotetizou-se que os voluntários, por realizarem um trabalho de leitura compartilhada com crianças e adolescentes em idade escolar, fariam referência ao seu trabalho como ferramenta útil para a aprendizagem das crianças. Foram entrevistados oito contadores de histórias que participavam regularmente do projeto VIVA. Dentre os entrevistados, sete eram do sexo feminino. As entrevistas semiestruturadas foram transcritas e as informações foram organizadas por meio de mapas conceituais, representando-se os conceitos presentes nas falas dos entrevistados e suas relações. Os mapas conceituais de cada entrevista foram agregados em um único mapa (metamapa) com o objetivo de verificar os conceitos e relações comuns aos vários contadores. A análise semântica das proposições presentes no metamapa revelou as seguintes relações entre conceitos: 1) a leitura e/ou a contação de histórias são vistos como quesitos importantes no processo de desenvolvimento infantil (21 proposições); 2) o hospital é visto como um lugar depressivo, baixo astral , triste e, ainda, relacionado à doença/enfermidade (13 proposições), para o qual a contação de histórias traz alegria (5 proposições), alivia a dor e ajuda a criança a abstrair o contexto imediato (10 proposições); (3) o contador busca estratégia/recursos variados que o aproximem da criança (13 proposições), sendo que as reações positivas da criança à contação são muito importantes para sua motivação (8 proposições); 4) a contação de história aprimora-se, sobretudo, com a prática ou com a observação (mais que com cursos ou instruções) (11 proposições). Em geral, embora os contadores citem a leitura como sendo importante no processo geral de desenvolvimento infantil, fazem poucas referências diretas a relações entre seu trabalho no hospital e processos de aprendizagem. Espera-se fornecer informações preliminares para fomentar o estudo acerca da aprendizagem em contexto hospitalar no cenário brasileiro e discutir as possibilidades de atuação de contadores de histórias nessa área.
Palavras-chave: contação de histórias, mediadores de leitura, hospital.
Outro
ESC

Sessão Coordenada: **Meditação e Yoga sem preconceito: evidências para programas em saúde mental**

Nos últimos anos tem havido um crescente interesse na investigação dos efeitos das práticas de meditação na saúde mental e física, devido aos seus promissores resultados na redução de sintomas de estresse, ansiedade e depressão. De alguma maneira, o treinamento da atenção focada em um objeto específico, ou o monitoramento dos padrões de pensamentos e emoções - habilidades treinadas nas diferentes práticas meditativas -, parece agir, modificando o funcionamento cerebral e comportamental. Ressalta-se que no Brasil este campo ainda é incipiente. Portanto, o aumento e a sistematização da investigação científica da prática meditativa, da sua aplicação nas áreas da saúde em contextos clínicos e não-clínicos , assim como a publicação e divulgação destes achados podem contribuir neste sentido. No que tange ao campo da Psicologia, em especial, estes estudos podem incluir investigações qualitativas e quantitativas sobre como as pessoas vivenciam a sua prática, os seus efeitos, quais as dificuldades encontradas, o que as motiva a buscar e manter a mesma, além de outros fatores possivelmente associados, tais como traços de personalidade. A meditação também é uma alternativa para a pesquisa aplicada, através de estudos clínicos que testem sua eficácia como tratamento complementar e/ou preventivo para diversas condições psicológicas e psicossomáticas, possibilitando o estudo da tão referida relação mente-corpo. Da mesma forma, pode contribuir para a pesquisa básica, auxiliando na compreensão de processos como atenção, consciência, percepção, emoção, e suas interrelações, bem como no entendimento da plasticidade cerebral e da relação mente-cérebro. Além disso, através do estudo da meditação, a Psicologia encontra-se com outras áreas importantes e relacionadas, como Neurociências, Psiquiatria, Medicina Comportamental, Psiconeuroimunologia, entre outras. Por fim, dentro da própria ciência psicológica, a meditação pode ser estudada e aplicada dentro de diferentes abordagens, visto que todas visam ao desenvolvimento de uma mente mais saudável e a um estado de bem-estar psicológico.
Psicobiologia e Neurociências

O efeito de um treino de 5 dias de meditação da atenção focada em variáveis emocionais e cognitivas. *Carolina Baptista Menezes[1]; Mirtes G. Pereira[2]; Lisiane Bizarro[1] ([1]Laboratório de Psicologia Experimental, Neurociências e Comportamento, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS; [2]Laboratório de Neurofisiologia do Comportamento, Instituto Biomédico, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, RJ),*
Estudos indicam que intervenções de meditação do tipo mindfulness e mindfulness combinada com outras técnicas tão breves quanto três, quatro e cinco dias já podem produzir mudanças significativas em variáveis como ansiedade e desempenho atencional. O objetivo neste estudo foi avaliar o efeito de um treino de cinco dias em meditação do tipo atenção focada sobre variáveis emocionais e cognitivas. Comparou-se o desempenho de universitários (M=24.5 anos, DP=4.70; 60.4% mulheres) aleatoriamente distribuídos a um grupo de meditação (N=13) ou à lista de espera (N=20) em uma tarefa comportamental de discriminação utilizada para avaliar o controle cognitivo e a interferência emocional. Nesta, imagens (9º x 12º) neutras (120) e emocionais (120) - negativas e ativadoras - eram flanqueadas por duas barras periféricas (0.3º x 0.3º), equidistantes do centro da imagem (9°), igualmente distribuídas e apresentadas randomicamente entre três blocos, um com baixa demanda atencional (BD) e dois com alta demanda (AD). Os participantes indicavam se as barras eram, ou não, paralelas, pressionando um de dois botões. Nas condições BD e AD, respectivamente, as barras diferiam com 90° e 6° em metade das tentativas. Cada tentativa começava com uma cruz de fixação (1500ms), seguida pelas imagens flanqueadas (200ms). A seguir, um quadro de xadrez permanecia na tela até a resposta ou por 2000ms. Também

foram utilizados o Inventário de Ansiedade Estado-Traço, a Escala de Afeto Positivo e Afeto Negativo, o Teste de Atenção Concentrada e o subteste de Dígitos Ordem Inversa do WAIS. O efeito dos fatores intra grupo valência (emoção x neutra), carga (fácil x difícil) e tempo (pré x pós), e entre grupo (meditação x controle) sobre as variáveis tempo de reação (TR), taxa de erro (TE) e desvio padrão (DP) foram analisadas através do modelo linear geral (GLM). Observou-se uma interação tempo x grupo para TE [F(1,29)=8.1, p=.008]. Ambos os grupos reduziram TE após o treino (meditação=<.001; controle=.044), mas esta diferença foi maior na meditação (p=.008). Também houve interação significativa entre valência x grupo para o DP geral (pré + pós) [F(1,29)=4.5, p=.043]: no grupo controle, o DP foi maior para imagens emocionais (M=74.60, DP=7.85; neutras: M=53.91, DP=7.63), ao contrário da meditação (M=58.93, DP=9.88; M=63.37, DP=9.60). Não houve efeito desses fatores sobre TR. O treino em meditação reduziu os escores de ansiedade estado e traço (p=0.016, p=0.02, respectivamente), de afeto negativo (p=.035), e melhorou o desempenho em atenção (acertos: p=.0.002) e memória de trabalho (p=.05). A ansiedade traço correlacionou-se negativamente com a atenção (r=-.44, p=0.05) e com a diferença na TE (r=-.53, p=0.37) na meditação, e positivamente com o DP para imagens emocionais pós-teste (r=.42, p=0.03) no grupo controle. Estes resultados corroboram e complementam outros estudos, sugerindo que um treino breve de meditação da atenção focada também pode gerar algumas mudanças, auxiliando praticantes na melhor regulação da atenção e da emoção. As correlações com a ansiedade sugerem que a sua redução pode ser um dos mecanismos facilitadores desta capacidade regulatória. Ressalta-se que a continuidade dos benefícios deste treino só poderá ser verificada através um estudo longitudinal.

Apoio Financeiro: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq
Palavras-chave: meditação da atenção focada, controle cognitivo, interferência emocional.
Nível: D
Código da área: BIO

Efeitos da prática de meditação no funcionamento e na estrutura cerebrais.. *Elisa Harumi Kozasa1; João Ricardo Sato2; Shirley Silva Lacerda1; Maria Angela M. Barreiros1; João Radvany3; Luiz Eugênio A.M. Mello4; Edson Amaro Jr1 (1Instituto do Cérebro- Hospital Israelita Albert Einstein, 2Universidade Federal do ABC, 3Departamento de Imagem- Hospital Israelita Albert Einstein, 4Departamento de Fisiologia- Universidade Federal de São Paulo),*

Nos últimos anos tem havido um crescente interesse na investigação dos efeitos das práticas de meditação na saúde mental e física, devido aos seus promissores resultados na redução de sintomas de estresse, ansiedade e depressão. De alguma maneira, o treinamento da atenção focada em um objeto específico, ou o monitoramento dos padrões de pensamentos e emoções - habilidades treinadas nas diferentes práticas meditativas -, parece agir, modificando o funcionamento e a estrutura cerebrais. Na última década, importantes trabalhos de neuroimagem têm ajudado a elucidar possíveis mecanismos de ação das práticas meditativas no cérebro. Algumas áreas implicadas no treinamento em meditação são aquelas que participam de funções executivas, como áreas pré-frontais, além de áreas de processamento sensorial, como a ínsula. Este trabalho tem como objetivo apresentar a literatura com os estudos mais recentes sobre os efeitos da prática de meditação no cérebro, assim como apresentar resultados de um protocolo com ressonância magnética funcional dentro desta temática. Para tanto, foi realizada uma revisão sobre estudos de neuroimagem funcional e estrutural e a coleta de dados através de um estudo realizado com 39 participantes, 20 que praticavam meditação regularmente (idade 46,39 ± 9,30) e 20 sujeitos inexperientes em meditação (idade 43,80 ± 9,35), sem diferenças significantes em escolaridade e gênero. Foram considerados sujeitos que meditam regularmente aqueles que praticavam meditação pelo

menos três vezes por semana, por três anos. Na revisão encontramos que estudos recentes têm mostrado alterações funcionais e estruturais resultantes da prática de meditação, tal como a atividade cerebral, a espessura de áreas corticais e a densidade de substância cinzenta. Estas alterações são encontradas em áreas atencionais, sensoriais e motoras. Nossos resultados preliminares corroboram estes resultados, mostrando que sujeitos que praticam meditação regularmente precisam de um menor recrutamento de áreas cerebrais, em especial frontais, do que pessoas inexperientes em meditação para ter o mesmo desempenho em uma tarefa atencional e de controle de impulsos: o Stroop Word Color Task. Nesta tarefa existem três condições - congruente, neutra e incongruente - e o participante deve escolher a cor em que uma palavra está pintada. A condição incongruente é aquela com maior grau de dificuldade (a palavra azul, por exemplo, está pintada de vermelho e a pessoa deve responder vermelho). Os resultados permitem concluir que a prática de meditação pode trazer mudanças não apenas psicológicas, como mostram boa parte dos estudos, mas também modificações na fisiologia e anatomia cerebrais. Nosso estudo indica que pessoas que praticam meditação regularmente podem apresentar um cérebro mais eficiente no desempenho de uma tarefa de atenção.

Apoio Financeiro: Instituto Israelita de Ensino e Pesquisa Albert Einstein e CNPq. Agradecimentos: Monja Coen e Zendo Brasil pela orientação das prática meditativas do projeto.
Palavras-Chave: meditação; neuroimagem; atenção
Nível: P
Código da área: BIO

Avaliação da efetividade do programa de mindfulness-based relapse prevention (mbrp) como estratégia adjunta ao tratamento da dependência de tabaco.. *Isabel Cristina Weiss de Souza1; Ana Regina Noto2; Elisa Harumi Kozasa2; Telmo Mota Ronzani1 (1Centro de Referência em Pesquisa, Intervenção e Avaliação em Álcool e Outras Drogas da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP),*

A dependência de tabaco é reconhecida como uma das principais causas previsíveis de morte no mundo. Apesar do tratamento baseado na terapia cognitivo-comportamental, incluindo prevenção de recaída, ter se tornado padrão, avanços são necessários uma vez que as taxas de abstinência têm demonstrado certa estagnação ou declínio. Identificar fatores relacionados à regulação emocional e do comportamento após a cessação do consumo de tabaco pode ser relevante na prevenção das recaídas. Torna-se necessário pensar em modelos de tratamento que contemplem um componente crítico no processo de mudança de comportamento, que é a habilidade de resposta aos afetos negativos. O objetivo do projeto que iremos apresentar é avaliar a efetividade do programa de Mindfulness-Based Relapse Prevention (MBRP) como adjunto no tratamento de cessação do tabagismo instituído pelo Ministério da Saúde, por meio do Instituto Nacional de Câncer (INCA). O Programa MBRP consiste de dois componentes: treino em meditação e Prevenção de Recaída/técnicas de Terapia Cognitivo-Comportamental, desenvolvidas para prevenir recaídas em indivíduos dependentes de substâncias psicoativas. Para tal, será realizado um ensaio clínico randomizado, com alocação aleatória simples. A fim de detectar com um poder de 85% e um nível de confiança de 95%, diferenças na proporção de abstinência entre os grupos, participarão do estudo 232 sujeitos (considerando-se uma perda de 50% da amostra até o final do estudo) que serão randomizados entre dois grupos: pacientes que receberam tratamento padrão e serão submetidos a oito encontros de manutenção grupo controle e, pacientes que além do tratamento padrão serão submetidos a oito sessões de MBRP grupo experimental. Serão incluídos pacientes com diagnóstico de dependência de nicotina, que estejam abstinentes do

tabaco. Estes serão avaliados no baseline (T0) e em quatro momentos: 1 (T1), 3 (T2), 6 (T3) e 12 meses (T4) após o início do estudo, além de serem submetidos às avaliações de manutenção previstas no protocolo INCA. Serão utilizados um instrumento de rastreamento de transtornos mentais não psicóticos (Self Reporting Questionnaire SRQ-20) e instrumentos de medida de fissura (Questionnaire of Smoking Urges QSU), ansiedade (Hamilton-Anxiety HAM-A), depressão (Center for Epidemiologic Studies Depression Scale CES-D), mindfulness (Five Facet Mindfulness Questionnaire FFMQ), abstinência (Smokerlyser - medida de CO), dependência de tabaco (The Fagerstrom Test for Nicotine Dependence FTND) e de afetos positivos e negativos (Positive and Negative Affect Schedule PANAS). Para análise dos dados será utilizada Análise de Variância com Medidas Repetidas e Regressão Logística Longitudinal, a fim de avaliar o efeito dos dois tipos de intervenção sobre a evolução de comorbidades e abstinência dos pacientes.
Apoio Financeiro: 1) Desenvolvimento, Avaliação e Implementação de Inovações em Intervenções para Usuários de Álcool, Tabaco e Outras Drogas (Chamada Pública MCT/CNPq/MEC/CAPES - Ação Transversal nº 06/2011 - Casadinho/Procad): Processo 552452/2011-4; 2) Estudo sobre Desenvolvimento, Avaliação e Implementação de Inovações em Intervenções para Usuários de Tabaco e Outras Drogas (PRONEM - Programa de Apoio a Núcleos Emergentes de Pesquisa da FAPEMIG) Processo Nº: APQ-04279-10.
Palavras-chave: tratamento do tabagismo; mindfulness; prevenção de recaída.
Nível:D
Código da área: SMental

YOGA para melhora dos sintomas do climatério em mulheres na pós-menopausa com insônia. *Rui Ferreira Afonso1;Helena Hachul2; Elisa Harumi Kozasa3, Denise Souza de Oliveira1; Viviane Goto1; Dinah Rodrigues4; Sérgio Tufik1; José Roberto Leite1 (1Departamento de Psicobiologia Universidade Federal de São Paulo, São Paulo SP, 2Departamento de Ginecologia e Departamento de Psicobiologia- Universidade Federal de São Paulo, São Paulo SP, 3Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva e da Família, Universidade Nove de Julho, São Paulo SP, 4International Yoga Teachers Association, São Paulo SP),*
O Yoga é uma prática milenar que surgiu na Índia há aproximadamente 5.000 anos. Inicialmente, estava relacionado com o desenvolvimento da espiritualidade. Recentemente a comunidade científica tem observado os benefícios e os efeitos das diversas técnicas de Yoga no controle de algumas doenças e na manutenção da saúde. A prática de yoga tem se mostrado positiva na redução de insônia em diversas populações. Outros estudos mostram redução de sintomas de climatério, sendo que destes, os sintomas mais comuns são os sintomas vasomotores com uma incidência de 70 a 80% e os distúrbios de sono. Porém, nenhum estudo havia sido realizado até o momento para verificar os efeitos da prática do yoga em mulheres na pós-menopausa com diagnóstico de insônia. O trabalho teve como objetivo avaliar o efeito da prática de Yoga como um tratamento na saúde física e mental, e na redução dos sintomas do climatério em mulheres na pós-menopausa com diagnóstico de insônia. Foram selecionadas mulheres entre 50 e 65 anos na pós-menopausa sem terapia hormonal, IAH <15, com diagnóstico de insônia. Estas foram randomizadas em 3 grupos: grupo controle, grupo alongamento passivo, grupo Yoga. Foram aplicados questionários no momento pré e 4 meses após o início do estudo para avaliação da qualidade de vida na menopausa, avaliação dos sintomas de ansiedade e sintomas de depressão, sintomatologia climatérica, gravidade de insônia, sonolência diurna e estresse. Também foi realizado um exame de polissonografia nos momentos pré e pós. O estudo teve duração de 4 meses. No total, 44 voluntárias terminaram o estudo. Quando comparado ao grupo controle, o grupo Yoga teve escores significativamente mais baixos para sintomatologia climatérica, gravidade de insônia, melhores

índices de qualidade de vida na menopausa e da fase de resistência do estresse na condição pós-tratamento. A melhora na gravidade de insônia no grupo Yoga foi significativamente maior que os grupos controle e alongamento passivo. Além disso, o grupo Yoga apresentou diferenças significativas quando comparados os momentos pré e pós-tratamento. Sugere-se que as melhoras experimentadas pelas voluntárias do presente estudo se devem às alterações do sistema nervoso central, autônomo e neuroendócrino. Por meio dos resultados obtidos, foi possível destacar melhora na qualidade do sono das voluntárias que participaram dos quatro meses de prática de Yoga. Este estudo também mostrou que uma sequência específica de Yoga pode ser eficiente para melhora da qualidade de vida e sintomas de menopausa em mulheres na pós-menopausa com insônia. Salienta-se que há escassez de estudos mais rigorosos, controlados e randomizados envolvendo Yoga.
Apoio Financeiro: não houve
Palavras chave: Yoga, pós-menopausa, insônia.
Nível: M
Código da área: BIO

Sessão Coordenada: **Narrativas e Símbolos de Experiências Subjetivas e Comunitárias nos Estudos em Psicologia Social**

A sessão consistirá da apresentação de cinco estudos em Psicologia Social, alinhados pela preocupação com o esclarecimento das relações entre as experiências subjetivas e comunitárias de pessoas que compartilham um mesmo território de existência. Este alinhamento se dá em torno de considerações sobre o projeto epistêmico da modernidade e seus desdobramentos históricos, dentre os quais se pode apontar a emergência da Psicologia Científica. Assim, conforme preconiza o professor Luís Cláudio Figueiredo (1996), admite-se que a tarefa da psicologia é, inapelavelmente, reconhecer a experiência subjetiva e, ao mesmo tempo, desvelar criticamente suas condições de possibilidade e de impossibilidade. Hodiernamente, tais condições correspondem predominantemente ao chamado Paradigma Ocidental Moderno Clássico (a expressão provém do geógrafo e orientalista francês Augustin Berque), cuja face mais saliente é o fenômeno das megalópoles e a supremacia do modo de vida urbano; nesta perspectiva, os trabalhos também coordenam-se porque ilustram diferentes situações próprias do mundo urbanizado: as memórias de uma cidade-satélite proletária (Osasco), a precarização de um bairro histórico vinculado às origens e ao processo de urbanização de uma das maiores cidades do mundo (bairro da Luz, em São Paulo), uma localidade cujos saberes tradicionais encontra-se ameaçado pelo processo de urbanização (a região dos lagos, no estado do Rio de Janeiro) e, por outro lado, porque ilustram a situação de dois grupos que mantém uma relação sui generis com o espaço, o grupo dos moradores de rua e o grupo dos internautas que habitam as redes sociais do ciberespaço, ambos direta ou indiretamente engendrados no/pelo processo de urbanização. A importância destas discussões reside em que as repetidas crises por que passam as grandes cidades, além do crescente mal-estar subjetivo expresso pelas chamadas psicopatologias contemporâneas , têm suscitado reflexões que alertam para a necessidade de urgentes e profundas transformações no nosso modo de ser, viver e conviver - ou seja: de uma reorientação do ethos humano. Por outro lado, é preciso considerar que qualquer transformação efetiva no ethos implica mudanças no lugar e no comportamento ou, em termos correlatos: na morada e na moralidade, na habitação e nos hábitos dos homens; também que a subjetividade e a intersubjetividade têm um papel fundamental nessas transformações. Por isto mesmo, uma condição fundamental para o delineamento e a execução de estratégias que possam efetivamente promover as transformações, tanto no plano individual quanto no plano coletivo, necessárias à superação do momento crítico vivenciado pelo mundo contemporâneo é compreender os elementos e articulações que constituem a complexa dialética psicossocial que sustenta nossos modos de sentir, pensar e habitar este mundo, na companhia de outros seres. Neste sentido, a Psicologia Social deve assumir a tarefa de, em diálogo com os campos de saber adjacentes, investigar as interveniências entre lugar, subjetividade e comportamento - tarefa que se mostra de uma urgência crítica, na medida em que este modelo civilizatório tem se mostrado, cada vez mais claramente, insustentável. Mas, quando se intenta operacionalizar esta perspectiva em termos da pesquisa e da intervenção psicossocial surgem também dificuldades de ordem metodológica - não é fácil concatenar com os procedimentos adequados à investigação das relações das pessoas com o mundo, quando se admite a necessidade de apreendê-las em sua complexidade e concretude. Sobretudo o fluxo temporal destas relações dificulta a pesquisa empírica; qualquer estudo mais abrangente passará, obrigatoriamente, pelo campo das memórias e narrativas. Além disso, a dimensão simbólica que perpassa todas as relações do sujeito com o mundo circundante exige um trabalho hermenêutico quando se quer compreender tais relações. Na medida em que integra diversos procedimentos inspirados pelas correntes compreensivas da Psicologia (observação participante, recolhimento de narrativas autobiográficas, aplicação de instrumentos para o

mapeamento das atividades cotidianas e para a modelização do imaginário grupal etc.), a sessão traz valiosas contribuições metodológicas para os estudos em Psicologia Social.
Psicologia Social

MITOPOÉTICA DA CIDADE. ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO DAS RELAÇÕES ENTRE IDENTIDADE, AMBIENTE E SUBJETIVIDADE.. *Sandra Maria Patrício Vichietti. Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Doutora em Psicologia Social (USP),*
A comunicação consistirá na apresentação de uma pesquisa teórica acerca das relações intrínsecas entre psicologia, ética e política, realizada pela autora entre 2009 e 2011. A pesquisa teve por objetivo formular as bases metodológicas para uma descrição mais sistemática dos processos de subjetivação e socialização, em relação com a experiência subjetiva privada e o território de existência do sujeito. O estudo serviu para destacar a necessidade de se adotar uma perspectiva transdisciplinar, à altura da complexidade das relações visadas pela Psicologia Social, como condição para compreender (mesmo apenas parcialmente) as interveniências entre lugar, subjetividade e comportamento. Por outro lado, destacou o valor heurístico das noções de paisagem e imaginário , que têm sido objeto de elaborações muito sofisticadas nas áreas da Filosofia, Geografia Cultural e Antropologia - elaborações que escapam aos reducionismos sociologizantes e psicologizantes, tão denunciados e, mesmo assim, ainda muito frequentes no campo da Psicologia Social. Deste estudo, derivaram alguns projetos de pesquisa empírica que vêm sendo executados junto a moradores de diversas localidades, dentre as quais os bairros paulistanos Luz, São Miguel Paulista e Itaquera, algumas cidades da região noroeste do estado de São Paulo e na região dos lagos, no estado do Rio de Janeiro. A comunicação destacará alguns dos resultados preliminares já alcançados por estas pesquisas, de modo a ilustrar a fecundidade do delineamento conceitual e metodológico adotado. Em linhas gerais, tal delineamento caracteriza-se por um conjunto de procedimentos de coleta, análise e interpretação de informes sobre a paisagem e o imaginário de seus habitantes, nos quais estão contidos dados qualitativos e quantitativos, de natureza espacial e temporal, abrangendo diferentes aspectos da vida humana (cognitivo, afetivo, imaginativo, comportamental, expressivo etc.), em suas dimensões individuais e coletivas. Dentre os muitos procedimentos empregados neste tipo de estudo, destacam-se a observação participante, o recolhimento de narrativas autobiográficas, a aplicação de instrumentos para o mapeamento das atividades cotidianas e para a modelização do imaginário dos moradores. Os informes assim coletados são processados e discutidos de maneira interdisciplinar, envolvendo saberes sobre diversos níveis de organização da vida humana: psicológicos, sociológicos, geográficos, históricos (sócio-culturais), etológicos e antropológicos. Finalmente, a comunicação abordará a importância da articulação de uma rede temática interdisciplinar dedicada a discutir os resultados, de modo a alcançar uma compreensão mais refinada das situações investigadas - neste sentido, será mencionada a constituição do Grupo de Pesquisa Mitopoética da Cidade , organizado em torno do interesse pelo ethos contemporâneo e da premissa de que a memória, a experiência subjetiva, a paisagem e o imaginário consubstanciam processos psicossociais cruciais para a configuração e sustentação dos modos humanos de ser, viver e conviver (logo, também para as suas transformações).
PALAVRAS-CHAVE: Narrativa; Paisagem; Imaginário
P
SOCIAL

MEMÓRIA COLETIVA E AFETIVIDADE: NARRATIVAS ORAIS SOBRE A RESISTÊNCIA À DITADURA MILITAR EM OSASCO. *Marta Gouveia de Oliveira Rovai. Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO)/Diversitas. Universidade de São Paulo. Doutora em História Social (USP),*

A apresentação abordará a pesquisa em torno das relações de gênero na construção da memória de trabalhadores, estudantes e donas de casa que tiveram sua trajetória marcada por uma greve realizada durante regime militar, em 1968, na cidade de Osasco. O acontecimento promovido por eles teria sido breve - apenas um dia mas seu significado teria ultrapassado o tempo físico e se prolongado no tempo da memória, dos sentidos e da ucronia. As ações repressivas do Estado promoveram prisões, tortura e exílio aos membros que organizaram o evento, além de grande sofrimento às famílias, que perderam seus entes queridos e sua liberdade, no contexto ditatorial. Depois de longo silenciamento produzido pelo regime autoritário, com a redemocratização, houve movimentação na cidade em busca de abrir espaços públicos para a discussão sobre a greve e seu significado de luta contra a ditadura. Desde 1987, acompanhei a atuação dessa colônia, profundamente marcada por perdas e traumas, e também por vitórias e projeções políticas e sociais que ainda se delineiam no horizonte futuro. Foi possível perceber nesse espaço identitário, alimentado constantemente pelo grupo, um esforço para romper com estereótipos negativos criados pelo regime contra a cidade e lutar contra o esquecimento e a memória oficial, impostos pela repressão. O consenso muito grande nos discursos e encontros promovidos após o início da democratização, também apresentou constantes negociações, licenças, silenciamentos, enquadramentos e limites entre as redes na memória coletiva e que nos fazem pensar sobre os efeitos desse evento sobre as pessoas e suas relações, e como a memória coletiva lhes permitiu sobreviver e se reconstruir. O trabalho com história oral testemunhal procurou compreender o significado da experiência da greve na memória de seus participantes e os elementos identitários que mantêm viva a ideia de pertencimento coletivo. A repressão à greve, entendida como trauma coletivo, estaria sendo superada por meio dos testemunhos orais? As entrevistas permitiram registrar e analisar as histórias de vida e suas relações na construção de uma memória coletiva, cruzadas por questões políticas, sociais e de gênero, na busca da justiça contra um passado opressor. Isso se revelou de extrema importância no contexto atual em que o testemunho ganha força no embate entre memórias de resistência e repressão, e no momento em que a Comissão da Verdade pretende que a sociedade brasileira tenha acesso a outras formas de lembrar e encarar seu passado.

PALAVRAS-CHAVE: História Oral; Memória Coletiva; Trauma Coletivo.

P

SOCIAL

A CONSTRUÇÃO DE UM MUNDO DESENCANTADO - PAISAGEM, MEMÓRIA E SUBJETIVIDADE NA TRANSMISSÃO COTIDIANA DOS OFÍCIOS, SABERES E CONHECIMENTOS TRADICIONAIS NA REGIÃO DOS LAGOS RJ.. *Paulo Sérgio Barreto Santos. Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Mestre em Sociologia da Cultura (UNICAMP),*

A apresentação consistirá no relato de uma pesquisa-ação em andamento há dois anos na região dos lagos (RJ), junto a grupos de pescadores artesanais. Nas pequenas histórias de vida cotidianas, ordinárias e corriqueiras contadas por estes pescadores, expressam-se as angústias suscitadas pelas transformações que atingem seu território de existência desde meados do século passado e que se intensificaram nos últimos anos: o sentimento de que lhes escapa das mãos o pedaço do mundo da tradição: práticas, saberes, ensinamentos, ofícios, modos de ser, de estar e de ver a vida com suas paisagens, narrativas orais, memórias, gestos, imaginários, experiências, vivencias e subjetividades. Sentimentos de deriva e impotência

frente à sedutora lógica do mercado, do consumo e do individualismo contemporâneo; perplexidade diante do desinteresse, da desorganização, da desqualificação e da perda de legitimidade e de reconhecimento do saber-fazer tradicional frente às novas subjetividades, individualidades e as relações sociais advindas dos atuais sistemas abstratos de conhecimento e dos saberes modernos. Em particular, em Arraial do Cabo (RJ) existem os pescadores tradicionais que fazem a pesca de arrasto em canoas de boçarda (canoas de um tronco-só), realizada por uma Campanha composta por nove companheiros e o mestre vigia. Na Praia do Pontal, o mestre Vica , do alto do morro, com lenço na mão, acena e gesticula para os membros da Companha sobre o movimento, a quantidade e as espécies de peixes da manta que passa nos pesqueiros (Porto , Cruz da menina , Leôncio etc.). Para estes moradores, os lugares são marcados por narrativas épicas, inscritas entre a beira de praia, dunas, restinga, brejos e lagoas - marcas inaudíveis para os forasteiros. Na Praia Grande, existe o Porto da Canoa , espaços de trabalho da carpintaria naval e de encontro dos antigos pescadores tradicionais do pau mole . Neste local, havia uma pedra conhecida por Galeão ; hoje, tem um restaurante plantado em cima dela. Também havia a pedra chamada Buraco da Pulga que protegia os pescadores das chuvas, sol e vento; hoje, ela está enterrada pelo tempo e por obras antigas e recentes no Porto da Canoa . Neste espaço, há 40 anos existe o estaleiro naval do Chonca que restaura sozinho as canoas de borsata . Os saberes da pesca são acumulados, transmitidos e assimilados, através das gerações, em cada canto das praias da cidade - cantos cujas marcas também são visíveis apenas para aqueles que guardam a memória ancestral deste lugar. Para os pescadores tradicionais a falta de visibilidade e de reconhecimento social os constrangem, ao perceberem que a sua volta se constrói um mundo desencantado . Esta pesquisa-ação inspira-se nas reflexões de pensadores como, dentre outros, Anthony Giddens, Boaventura de Souza Santos, Gilbert Durand, Augustin Berque, Eugène Enriquez, Jean Maisonneuve, Frederic Munné, Gilberto Safra, Ecléa Bosi e Luiz Claudio Figueiredo. Nesta perspectiva transdisciplinar e dialogando com os saberes tradicionais, temos construído e executado intervenções socioambientais e psicossociais dirigidas à preservação do modo de vida tradicional daquelas comunidades.

PALAVRAS-CHAVE: Paisagem; Memória; Subjetividade

P

SOCIAL

A PROPAGANDA TELEVISIVA E A PUBLICIDADE ONLINE NA PRODUÇÃO DE UM SABER SOBRE O GOZO COM O USO DAS REDES SOCIAIS DA INTERNET. *Gabriel Monteiro da Fonseca Leal Maia. Núcleo de Psicanálise e Sociedade do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica (SP).,*

O entendimento a respeito da emergência, na passagem da sociedade de produção para a sociedade de consumo, de um imperativo de gozo como dever moral imputado aos sujeitos pelo discurso social, implica no reconhecimento da produção de um saber sobre o gozo que, ao afirmar a alienação narcísica e justificar a compulsão ao consumo, sustenta esse dever de gozo como ideologia contemporânea. Tal produção é em parte realizada pela propaganda e pela publicidade ao interpelarem os sujeitos enquanto detentoras de um saber gozar, deixando oculto o objetivo de privilegiar necessidades ligadas ao modo de produção capitalista atual por meio da regulação do gozo e seu direcionamento a opções pré-concebidas para o consumo. Se atualmente os sujeitos são interpelados pela propaganda e pela publicidade a gozar com o uso das redes sociais da internet, entendemos que assim respondem ao imperativo de gozo consumista de nossa época - imperativo esse que deve igualmente estar sustentado por um saber sobre esse gozo. Pretendemos, nesta apresentação, discorrer a respeito da nossa investigação, em curso no Núcleo de Psicanálise e Sociedade do

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da PUC-SP, sobre a existência deste saber sobre o gozo obtido pelos sujeitos no uso das redes sociais da internet. Investigação que se dará mediante o estudo do manejo e da articulação de símbolos nas propagandas televisivas e na publicidade direcionada aos usuários nos principais portais brasileiros da Internet.
PALAVRAS-CHAVE: Redes Sociais; Psicanálise; Subjetividade Contemporânea.
ME
SOCIAL

DECIFRA-ME OU TE DEVORO: A PROBLEMÁTICA DO BAIRRO DA LUZ E A CRISE DO CONTEMPORÂNEO. UM ESTUDO EXPLORATÓRIO EM PSICOLOGIA SOCIAL.. *Paulo Rodrigo Unzer Falcade. Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Mestrando em Psicologia Social (USP).,*
A apresentação consistirá da discussão de dimensões coletivas e individuais subjacentes à problemática dos moradores de rua que transitam pelo bairro da Luz, em São Paulo, aspectos estes observados e refletidos durante a participação do autor, ao longo de 18 meses, em um programa assistencial dirigido a esta população. Esta experiência permitiu a elaboração de projeto de pesquisa, ora em desenvolvimento, que explora as relações entre a crise da Modernidade, o mal-estar contemporâneo e a forma como isso se comunica com a crise urbana valendo-se, para isso, do modelo emblemático do bairro da Luz. Posto que o objeto específico da Psicologia Social está na interação entre o nível individual e o nível coletivo de organização da vida humana, tal como esta se dá nas condutas de sujeitos em situações, o objetivo específico deste projeto será investigar como o lugar de vida se imbrica com a experiência subjetiva em um caso marcante: o bairro da Luz. Para a análise da dimensão coletiva objetiva e histórica procederemos com a análise de discurso, e para a análise da dimensão individual subjetiva, procederemos a partir da história oral e com a aplicação do Teste Arquetípico com Nove Elementos em Urbanismo (ATU-9). A relevância científica consiste na exploração de hipóteses heurísticas e de uma metodologia inovadora na investigação das relações entre o lugar, a subjetividade e o comportamento que, ademais, respeitam a função desilusionadora (analítica, crítica e desconstrutiva), à qual o psicólogo se reporta em sua forma de fazer ciência, coincidindo, exaustivamente, a objetividade da análise histórica com a subjetividade daquele que vive (ou viveu) uma dada situação. A relevância social está na urgência inexorável de produções científicas que produzam um saber necessário para reverter a problemática instaurada na Luz, um dos mais emblemáticos avatares da crise urbana que se expande pelo mundo.
PALAVRAS-CHAVE: Cidade; Morador de Rua; Imaginário.
ME
SOCIAL

Sessão Coordenada: **O ESTÁGIO BÁSICO COMO CONDIÇÃO PARA A FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO COMO CIENTISTA: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE DIFERENTES INSTITUIÇÕES**

O exercício da prática científica é fundamental na formação do profissional da área da Psicologia. Neste sentido, fazem-se necessários investimentos ao longo de todo o percurso do aluno, durante o processo de sua formação, no estabelecimento de atividades voltadas ao raciocínio científico. A proposta dessa sessão se foca em relatos de professores responsáveis pelo acompanhamento de modalidade de estágios básicos que visam promover a formação científica dos alunos de Psicologia, desde os primeiros momentos de sua formação, empregando principalmente a observação como um recurso essencial nessa formação.
Formação em Psicologia

ENSINO DE CONCEITOS DE ANSIEDADE E DEPRESSÃO EM ANÁLISE DO COMPORTAMENTO: EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIOS BÁSICOS EM UMA UNIVERSIDADE. *Mariliz Vasconcellos**, Departamento da Saúde Curso de Psicologia da Universidade Nove de Julho Uninove São Paulo (SP).,*
Como parte da sessão coordenada intitulada: o Estágio Básico como condição para a formação do psicólogo como cientista: relatos de experiências de diferentes instituições esse trabalho objetiva descrever algumas experiências que ocorreram em estágios básicos (ao longo de onze semestres) que buscaram investigar estudos experimentais de ansiedade e depressão em Análise do Comportamento, no curso de Psicologia, em uma universidade da cidade de São Paulo. Nos cursos de Psicologia, as atividades de estágio são parte obrigatória da formação acadêmica. Na universidade na qual foram realizadas as experiências aqui relatadas, os estágios básicos são dados ao longo de quatro semestres. Nesses estágios que ministrei selecionei algumas atividades que considerei relevantes, a saber: inicialmente havia revisão de conceitos básicos e discussão desses conceitos. Em seguida iniciavam-se os estudos dos experimentos, de forma que os conceitos básicos fossem ilustrados nos experimentos vistos. A partir daí havia ensino da aplicação desses experimentos em situações cotidianas, clínicas, psiquiátricas, dentre outras. E por último cada aluno selecionava um tema que tivesse correlação com questões vistas nos experimentos, e dava um seminário desse tema. Os experimentos vistos foram: desamparo aprendido, anedonia ou Chronic Mild Stress (CMS), depressão por separação e supressão condicionada. Todos esses experimentos tratavam de questões relacionadas à incontrolabilidade, ou a falta de controle do indivíduo sobre seu meio. Esses modelos experimentais permitem mostrar que alguns arranjos ambientais podem produzir sintomas nos indivíduos a eles submetidos, tais como, ansiedade e seus transtornos, e depressão leve ou mais grave. Os seminários que faziam parte da disciplina consistiam em algum tema (abuso sexual, violência doméstica, institucionalização de idosos, doenças terminais, dentre outros) que tivesse relação com alguma condição incontrolável e o objetivo era que o aluno abrangesse os conceitos para situações aplicadas diversas. É possível dizer que dos onze semestres em que essa disciplina foi ministrada foi observado que: 1) embora os alunos tivessem tido quatro disciplinas de conceitos básicos em Análise do Comportamento ao longo do curso, dentre outras oportunidades de cursar disciplinas nessa abordagem, havia grande falha em seu repertório acerca dos conceitos, somada à grande dificuldade na aplicação da teoria; 2) mesmo com as falhas apontadas no item 1 houve aproveitamento por boa parte dos alunos, de modo que eles puderam compreender porque a abordagem comportamental se utiliza de experimentos para validar seus conceitos básicos e suas aplicações e como psicopatologias relacionadas a transtornos de humor e de ansiedade podem ser explicadas na abordagem comportamental; 3) foi surpreendente a percepção de que os alunos tinham uma idéia bastante distorcida da Análise do Comportamento, já que achavam que ela era proveitosa para tratamento de sintomas específicos e não era uma abordagem que

possibilitava uma intervenção mais profunda do ser humano. Dessa forma vale ressaltar que é necessário repensar em novos meios de ensino da teoria comportamental nos anos iniciais do curso de forma a tornar mais claros seus conceitos e suas aplicações na vida cotidiana.
Palavras-chave: estágio básico, ansiedade, depressão, Análise do Comportamento.
Nível do Trabalho: D Doutorado
Código da área: FORM

A OBSERVAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE INVESTIGAÇÃO.. *Eliana Isabel de Moraes Hamasaki**, Departamento da Saúde Curso de Psicologia da Universidade Nove de Julho Uninove São Paulo (SP).,*
Como parte da sessão coordenada intitulada: o estágio básico como condição para a formação do psicólogo como cientista: relatos de experiências de diferentes instituições, esse trabalho apresenta atividades desenvolvidas por estudantes de psicologia em uma modalidade obrigatória de estágio de uma universidade particular, da cidade de São Paulo. Os estágios básicos (ou EB), que compõem o currículo dessa universidade, são determinados como obrigatórios aos alunos, iniciando-se no terceiro semestre letivo e encerrando-se no sexto semestre. A proposta que cada docente apresenta é livre e relacionada à sua área de interesse e/ou aderência, desde que cumpridas as exigências institucionais. No caso das atividades aqui descritas, o objetivo principal tem sido o de capacitar o aluno de psicologia, desde o início do curso, no processo de investigação científica. Para tanto, estabelece-se a técnica da observação como o recurso essencial na introdução dessa prática. Basicamente, o material introdutório para essa prática é a obra de Danna e Matos (2006). O estágio se configura da seguinte maneira: (1) a exigência de um registro de evento cotidiano qualquer, com duração de no máximo dois minutos, como tarefa inicial a ser executada pelos alunos. Nesta tarefa, pretende-se identificar o repertório de entrada do aluno quanto à linguagem científica, especificamente; (2) a descrição desse registro inicial, com discussão supervisionada pela professora responsável, enfatizando tal como descrito anteriormente questões relativas à linguagem científica; (3) o estabelecimento de objetivos para a condução de uma investigação efetiva. Para tanto, o aluno é exposto às atividades de buscas em bases de dados eletrônicas para a seleção de artigos que deverão ser lidos e apresentados nas reuniões semanais de supervisão e o material selecionado deverá fundamentar a proposta de investigação do aluno. A partir do estabelecimento dos objetivos, o aluno deverá decidir se a sua proposta requer (4) o desenvolvimento de protocolos de observação, com a definição de categorias pré-determinadas para o registro. Caso a opção seja pela definição de categorias, estas são determinadas, após discussões levando-se em consideração os objetivos estabelecidos e os dados da literatura selecionada para a fundamentação da proposta. Uma vez que os dados são obtidos, o aluno, então, parte para (5) a organização e a análise de eventos observados e registrados, sob a ótica analítico funcional. Como produto final do estágio desenvolvido, o aluno deverá (6) apresentar um relatório científico, contendo todas as seções que o compõem (título; resumo; abstract; Introdução; Método; Resultados e Discussão; Referências). A experiência tem se revelado promissora na modelagem de repertórios básicos para, pelo menos, a redação de relatórios, seguindo a linguagem científica e o interesse na prática de pesquisa científica, tanto bibliográfica quanto empírica. Além disso, o aluno tem se exposto a situações de apresentação de seu trabalho, tanto em eventos internos da universidade como em congressos da área.
Palavras-chave: supervisão graduação; estágio básico; observação; pesquisa.
Nível do Trabalho: D Doutorado
Código da área: FORM

OBSERVAÇÃO E DESCRIÇÃO DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS ADOTADAS POR PAIS NA EDUCAÇÃO DE SEUS FILHOS: EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO BÁSICO EM UMA UNIVERSIDADE PRIVADA.. *Emileane Costa Assis de Oliveira, Departamento da Saúde, Curso de Psicologia, Universidade Nove de Julho UNINOVE São Paulo (SP).,*

Como parte da sessão coordenada intitulada O Estágio Básico como condição para a formação do psicólogo como cientista: relatos de experiências de diferentes instituições , o presente trabalho propõe descrever algumas experiências que ocorreram em quatro estágios básicos realizados na Universidade Nove de Julho ao longo de dois semestres, abrangendo alunos do 3º, 5º e 6º semestres. Nos cursos de Psicologia, as atividades de estágio básico são parte obrigatória da formação acadêmica e acontecem do 3º ao 6º semestres da graduação, tendo como meta desenvolver competências relevantes para o exercício da profissão assim como colocar o aluno em contato com áreas de atuação do psicólogo. A proposta de estágio aqui descrita teve como objetivo a observação e descrição das práticas educativas adotadas por pais na educação de seus filhos. Desse modo, os alunos tiveram contato com a área de estudo dos Estilos Parentais, a qual investiga a forma como os pais educam seus filhos e como esta pode ou não levar à promoção de comportamentos apropriados ou que prejudicam a interação da criança com seu ambiente. Foi estudado as práticas educativas que compõe o Estilo Parental Negativo, relacionadas ao desenvolvimento de comportamentos antissociais: abuso físico, punição inconsistente, disciplina relaxada, monitoria negativa e negligência; as relacionadas ao Estilo Parental Positivo, favoráveis ao desenvolvimento de comportamentos próssociais: monitoria positiva e comportamento moral e o Inventário de Estilos Parentais Paterno (IEP), que tem como objetivo investigar as práticas adotadas pelos pais. As competências treinadas envolveram a observação e registro de comportamentos, o estabelecimento de relações funcionais entre as ações do organismo e os eventos ambientais observados e a aplicação e correção de um Inventário. A metodologia de trabalho adotada envolveu: 1) leitura e discussão de textos relacionados aos Estilos Parentais e à observação científica; 2) treinos de observação e registro do comportamento em sala de aula, usando filmes comerciais e envolvendo o uso de um protocolo de observação composto pela descrição do (a): objetivo, sujeito observado, diagrama da situação, ambiente físico e social e interação propriamente dita; 3) observação e descrição de interações entre pais e filhos em ambiente natural ou por meio de filmes; 4) análise dos estilos parentais observados classificando-os de acordo com a literatura e estabelecendo relações funcionais e 5) aplicação do IEP em um pai e uma mãe e posterior correção e análise dos resultados. A execução da proposta permitiu aos alunos adquirirem repertório de observação científica e descrição objetiva do comportamento, uma vez que a maioria chegou ao estágio sem estes repertórios desenvolvidos. Os treinos de observação em sala (usando filmes e comerciais) e em ambiente natural foram efetivos para este objetivo. O estágio também criou condições para que os alunos entrassem em contato com uma área de estudo que será útil em etapas futuras do curso, por exemplo, nos estágios profissionalizantes em clínica e instituições, quando possivelmente trabalharão com pais e seus filhos.

Palavras-chave: estágio básico, práticas educativas parentais, observação de comportamento.
Nível do Trabalho: M - Mestrado
Código da área: FORM

OBSERVAÇÃO E REGISTRO DA PRÁTICA DE PROFISSIONAIS DA PSICOLOGIA. *Samanta Palmieri, Departamento da Saúde, Curso de psicologia do Centro Universitário Padre Anchieta, Jundiaí (SP),*

Como parte da sessão coordenada intitulada: O Estágio Básico como condição para a formação do psicólogo como cientista: experiências de diferentes instituições , esse trabalho apresenta as atividades desenvolvidas por estudantes do 4º e 5 º semestres do curso de psicologia de uma Universidade Particular de ensino pertinentes a disciplina obrigatória intitulada: Estágio Básico em Observação: Contextos Institucionais. A proposta desse estágio é proporcionar ao estudante o aprimoramento das habilidades de observação e do registro do comportamento associado ao conhecimento da prática do profissional de psicologia em diferentes contextos de atuação. Para a realização dessa atividade de observação os estudantes foram orientados a: (1) Observar e registrar as intervenções, em grupo ou individualmente, realizadas por um psicólogo em uma instituição qualquer e (2) realizar uma entrevista semiestruturada com o mesmo psicólogo anteriormente observado. Para a observação e registro das intervenções os estudantes utilizaram um protocolo de observação que abrange uma série de informações relevantes para a análise do comportamento. Os itens do protocolo estavam relacionados a três conjuntos de informações, são eles: identificação geral (nome dos observadores, objetivo da observação); identificação das condições em que a observação ocorre (data, horário, descrição do sujeito, descrição do ambiente físico e descrição do ambiente social); e registro de comportamentos e circunstâncias ambientais (relato dos comportamentos da psicóloga e seus efeitos sobre as pessoas). A entrevista foi elaborada pelo supervisor do estágio por meio de um roteiro composto de 16 questões divididas em quatro blocos a seguir descritos: bloco 1 questões referentes a caracterização do campo (contexto, área) de atuação; bloco 2 questões pertinentes a população atendida pelo psicólogo; bloco 3 - questões relativas a formação profissional do psicólogo; e bloco 4 questões sobre o mercado de trabalho. Os dados coletados pelos estudantes estagiários de psicologia- foram apresentados, discutidos e analisados durante as supervisões que ocorriam semanalmente. Podemos considerar que a atividade de estágio proporcionou aos estudantes um aprimoramento das habilidades de observação científica, ou seja, uma melhor compreensão dos fenômenos observados e um entendimento mais apurado sobre a diversidade de práticas que a profissão da psicologia se propõe, a importância social que ela exerce e as abrangências e limitações da atuação do profissional da psicologia, uma vez que o aluno está em contato direto com a realidade da profissão escolhida por ele.

Palavras chaves: estágio básico, intervenção psicológica, observação

Nível do Trabalho: M - Mestrado

Código da área: FORM

Sessão Coordenada: **O TRABALHO NO CONTEXTO DE INSTITUIÇÃO PÚBLICA E PRIVADA E A INSERÇÃO DE JOVENS NO MERCADO**

Pelo que se percebe é quase consenso que as empresas estejam cada vez mais apostando em modelos de gestão voltados para as pessoas, tentando tornarem-se as empresas mais humanizadas, motivo pelo qual o seu capital intelectual tem sido valorizado como um dos ativos mais importantes e as mais variadas ações implantadas têm propiciado um melhor bem-estar e satisfação dos empregados, o que, consequentemente, tem promovido também um aumento na qualidade de vida articulada com o trabalho. No contexto atual, marcado por ambientes turbulentos e diante de mudanças que vêm ocorrendo rapidamente em todos os setores, a situação que está posta é a preocupação com os indivíduos e que passam a ser, quando comprometidos com a organização, o diferencial competitivo de onde provém a inovação e conhecimento capazes de estabelecer este diferencial. O investimento no capital humano, além de uma exigência, traz um enorme retorno ao nível da qualidade e produtividade da empresa. A organização do ambiente de trabalho é um dos fatores importantes para a melhor da qualidade de vida do trabalhador, o qual vive grande parte de sua vida voltada a funções operacionais, que de alguma forma interfere no seu estado de saúde. Em face do exposto o interesse em pesquisar o trabalho no contexto da instituição pública e privada, e motivo para apresentação do tema no Congresso da SBP com o tema central Psicologia sem fronteiras se dá em função de que há poucos estudos com esse enfoque nessas organizações. Por outro lado com os resultados da pesquisa acredita-se que subsidiará os gestores dessas organizações no sentido de que se conheça a percepção dos servidores em relação ao ambiente de trabalho a sua satisfação com relação aos benefícios, que a instituição oferece. Ainda possibilitará tomar conhecimento se nas atividades que desenvolve está causando o stress e causa para aposentadoria. Esses dados também poderão possibilitar aos gestores nas estratégias para tomada de decisão organizacional na área de gestão de pessoas, tendo um trabalho mais humanizado. O tema ainda é importante, pois contemplará com estudo da manutenção de jovens universitários no mercado de trabalho. É oportuno e relevante a divulgação dos resultados desse tema no evento, pois a maioria da clientela do mesmo são jovens e contribuirá para que essa eles estejam sempre preparado para se manter no mercado trabalho.
Psicologia Organizacional e do Trabalho

SATISFAÇÃO NO TRABALHO E VIDA PESSOAL DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE. *Ávilo Roberto de Magalhães** (Professor Adjunto IV, Departamento de Administração da Universidade Federal de Mato Grosso Cuiabá-MT) Anaiza Ferreira da Cruz** (Técnica de Enfermagem do Setor de Pediatria do Hospital Universitário Julio Muller Cuiabá-MT) Rosa Almeida Freitas Albuquerque** (Professora Assistente I, Departamento de Administração da Universidade Federal de Mato Grosso Cuiabá-MT);*

,

O interesse pela Satisfação no Trabalho, tanto em nível nacional como internacional, tem sido particularmente demonstrado por psicólogos, principalmente da área organizacional, desde o início da década de 30. A motivação para o estudo da Satisfação no Trabalho dos profissionais de saúde parte do pressuposto básico de que esta variável influencia o desempenho do trabalhador e pode atuar sobre inúmeras facetas do comportamento, desde o profissional até o social, interferindo em sua saúde mental. O objetivo geral deste estudo é compreender a satisfação relacionada à vida pessoal e profissional dos servidores da área de pediatria do Hospital Universitário Julio Muller em Cuiabá Mato Grosso. Especificamente buscou-se: identificar o nível de satisfação no trabalho e na vida pessoal dos profissionais de saúde; verificar as influências negativas e positivas existentes entre o trabalho e a vida pessoal dos

profissionais de saúde. A pesquisa realizada foi do tipo descritivo-exploratório. A população foi constituída de aproximadamente 60 servidores efetivos e contratada do setor de pediatria do Hospital, do sexo masculino e feminino dos períodos matutino, vespertino e noturno. Dessa total foram escolhidos aleatoriamente 20 servidores. O instrumento aplicado para coletar os dados foi um questionário estruturado com 10 perguntas objetiva. A análise dos dados foi feita de forma qualitativa e quantitativa. Os resultados mostram que 91% servidores participantes do estudo são do sexo feminino, predomina uma faixa de 30% entre (26-31 anos), 35% possuem o 2º grau completo. 74% dos servidores disseram que vão para o trabalho com prazer. Os dados mostram que o grupo atuante na pediatria do hospital é maduro, experiente na especialidade, apresenta-se um grande índice de satisfação intrínseca no trabalho. Consideram que trabalham bem, em ambiente agradável que atende suas necessidades. Declararam que os materiais de trabalho de boa qualidade e em bom estado de conservação. Observou-se no grupo que as pessoas estão emocionalmente equilibradas, pois 45% dos respondentes afirmam que suas frustrações pessoais não interferem em seu ambiente de trabalho. Concordam que a valorização do ser humano, a preocupação com sentimentos, emoções e com a qualidade de vida são fatores que fazem a diferença no trabalho de uma pessoa. A grande maioria desses profissionais desempenha sua atividade com prazer, pois, gostam de sua profissão e sentem-se realizados. Declararam que em função disso, tem a oportunidade de tornar sua vida mais solidária e feliz, em contrapartida extraem do trabalho oportunidade de crescimento espiritual e material. Concluindo os participantes do estudo apontaram que apesar da vida acirrada em função dos compromissos e responsabilidades, os profissionais de saúde estão satisfeitos com sua vida tanto pessoal quanto profissional e dentro desse contexto dual, referem trabalhar em um ambiente agradável e em contrapartida tem uma boa qualidade de vida.

Palavras Chave - satisfação, vida pessoal, trabalho.

Pesquisador - P

ORG Psicologia Organizacional

STRESS E PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS EM PROCESSO DE APOSENTADORIA. *Patrícia da Motta Vieira Figueredo* (Faculdade Mackenzie Rio e Unicarioca) e, Janes Santos Herdy**) (Depto de Psicologia -Universidade Federal Fluminense-Niterói-RJ)*

,

O objetivo desta pesquisa foi investigar se os indivíduos aposentados e/ou em processo de aposentadoria são acometidos por stress. Para Hopf (2002), conhecer e compreender a passagem para inatividade profissional e o (des) apego dos relacionamentos grupais construídos e vividos no trabalho torna-se de suma importância para professores no momento da aposentadoria. Cunha (2004, p.530) coloca que (...) o exercício docente nunca é estático e permanente; é sempre processo, é mudança, é movimento, é arte: são novas coisas, novas experiências, novo contexto, novo tempo, novo lugar, novas informações, novos sentimentos, novas interações . Santos (1990) afirma que a aposentadoria é freqüentemente vivenciada como a perda do próprio sentido da vida, uma espécie de morte social. Ao se valorizar apenas aqueles que produzem, deprecia-se o sujeito aposentado, no modo de produção capitalista, que idolatra a produção e aliena o trabalhador do processo de produção. O stress pode ser definido como um desequilíbrio interno que afeta o indivíduo física, psicológica e socialmente e, consequentemente, afeta a vida profissional. Para Paschoal e Tamayo (2004, p.46) o stress ocupacional é um processo em que o indivíduo percebe demandas do trabalho como estressores, os quais, ao exceder sua habilidade de enfrentamento, provocam no sujeito reações desfavoráveis . A metodologia utilizada neste estudo foi a revisão bibliográfica sobre stress e aposentadoria e uma pesquisa de campo, tendo como recurso os instrumentos:

Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp (ISSL) (2005) e um roteiro de entrevista, semi-estruturada adaptado do modelo de Marchi (2002). A amostra contou com cinco professores universitários da Universidade Federal Fluminense, com idade média de 59,6 anos, sendo quatro casados e uma divorciada, todos são doutores. Na análise dos resultados não foi identificado nível relevante de stress em nenhuma das respostas dos participantes, considerando-se a análise do ISSL. Os participantes não apresentaram preocupação quanto a questão financeira, pós- aposentadoria; 80 % dos participantes afirmam que haverá perda de vínculo afetivo com os colegas de trabalho quando se aposentarem, mas também 80% comentam que terão mais tempo com a família e para o lazer. Todos os participantes afirmaram que um projeto de aposentadoria promovido pela universidade, seria de grande ganho para eles e para os demais professores. Aponta-se como considerações finais que as respostas dos participantes não demonstraram que estão estressados (ISSL), porém, todos se queixam da falta de tempo quanto à família e quanto ao lazer. Os professores afirmaram que a aposentadoria traz uma perda das relações afetivas, mas, por outro lado, eles afirmaram também que farão novos vínculos após essa etapa, o que não era possível antes, pelo tempo absorvido na universidade. A limitação desse estudo apresenta-se a partir do pequeno número de professores entrevistado, bem como a impossibilidade de encontrar pessoas aposentadas para participar da pesquisa; ressalta-se que o projeto para esta pesquisa foi elaborado para um cronograma de execução em três meses. Para sugestão futura, seriam necessários que mais professores fossem entrevistados, inclusive professores de instituições privadas.

Palavras Chaves: Stress, Aposentadoria, Professores Universitários,
Doutorado D
ORG Psicologia Organizacional e do Trabalho

BELEZA MASCULINA, INSERÇÃO E MANUTENÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS.. *BELEZA MASCULINA, INSERÇÃO E MANUTENÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS.*

*Patrícia da Motta Vieira Figueredo** (Professora da Faculdade Mackenzie Rio e UNICARIOCA) Maria Cláudia Tardin** (Professora da Faculdade Mackenzie, Rio e Escola Superior de Propaganda e Marketing/RJ).*

,

No final da década de 90, surge um modelo de beleza, na moda e na mídia, que requer dinheiro, tempo ocioso, uma concentração obsessiva para manter o corpo "esculpido, com exercícios na academia, orientação de um personal trainer, lipoaspiração e possivelmente implantes (ETCOFF, 1999, p.259). O culto ao corpo aparece disfarçado de um cuidado de si direcionado a longevidade, a saúde, a beleza e a boa forma, e, segundo Costa (2004, p.131), vem produzindo uma obsessão pela forma e pela saúde, que se transformou em uma verdadeira hipocondria cultural . Para Novaes (2011, p.1), em se tratando de mercado de trabalho, o capital erótico é uma moeda de troca. Enquanto a aparência for valorizada na sociedade, é burrice não investir nela . Pinheiro e Figueredo (2011) identificaram, a partir de pesquisa relacionando as variáveis beleza e stress, que o padrão de beleza vigente é fator condicional à inserção no mercado de trabalho, na percepção das jovens universitárias, participantes da pesquisa. Segundo a psicóloga Joana de Vilhena Novaes (2006), a beleza passou de um dever social de se apresentar mais belo para um dever moral . Se a pessoa quiser, ela consegue ser bela, só basta se informar, investir em tratamentos, dietas, malhação, cirurgias e trabalhar seu corpo com disciplina. Desta forma, a beleza tornou-se um critério para legitimar os indivíduos capazes de sucesso. Pinheiro e Figueredo (2011), em pesquisa anterior relacionando stress e beleza, observaram que todas as entrevistadas mencionaram que a estética é fator importante na aprovação em processos seletivos. Uma entrevistada afirmou só

ter conseguido entrar no mercado de trabalho depois que fez dieta e emagreceu vinte e cinco quilos. Foi observado também que uma participante da pesquisa, com mais de trinta anos, disse ter tido dificuldade em se empregar e apontou o padrão de beleza socialmente estabelecido como fator responsável por tal dificuldade, principalmente, porque no segmento que tentou trabalhar, o de comércio, a imagem pessoal é muito exigida. Portanto, como pôde ser visto através da revisão de literatura, a beleza é fator essencial para o mercado de trabalho vigente. A partir dos resultados desta pesquisa anterior, as autoras da pesquisa em questão, objetivaram investigar a percepção de jovens universitários, de 19 a 35 anos, do sexo masculino, a respeito da relação existente entre beleza, inserção e manutenção no mercado de trabalho. Esta pesquisa é descritiva que tem como procedimento técnico a pesquisa bibliográfica e, para coleta de dados, uma entrevista estruturada, elaborada pelas próprias autoras. Portanto, além dos resultados já observados em pesquisa anterior e em pesquisa bibliográfica, as autoras Figueredo e Pinheiro estão em fase de análise e discussão dos resultados da pesquisa em questão.

Palavras-chave: Inserção no mercado de trabalho; jovens universitários, sexo masculino; beleza.

Pesquisador - P

ORG Psicologia Organizacional

CAPACITAÇÃO E QUALIFICAÇÃO NA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA FEDERAL: UM ESTUDO DE CASO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO NO ANO DE 2010.. *Autores: (Domingos Salvio Santana** (Técnico Administrativo da Universidade Federal de Mato Grosso Cuiabá-MT); Rosa Almeida Freitas Albuquerque** (Professora Assistente I, Departamento de Administração da Universidade Federal de Mato Grosso*

,

Os avanços observados nas últimas décadas têm levado as organizações sejam elas públicas ou privadas a buscarem novas formas de gestão com o intuito de melhorar o desempenho, alcançar resultados e atingir a missão institucional para o pleno atendimento das necessidades dos clientes. No Serviço Público Federal estas observações não se diferenciam muito. A partir da década de 90, com as profundas mudanças nos cenários nacional e internacional, o Estado teve a necessidade urgente de buscar novos paradigmas para a Administração Pública Federal. Este artigo propõe demonstrar que a qualificação e a capacitação profissional dos servidores da Universidade Federal de Mato Grosso devem possuir em estreita relação com as políticas de Recursos Humanos do serviço público federal, utilizando- se de planejamento estratégico e políticas institucionais que possibilitem melhores resultados na gestão dos recursos da Instituição. O modelo de gestão pública pressupõe ações planejadas mediante o cumprimento de metas que deverão ser constantemente mensuradas, aumentando as probabilidades de diagnosticar problemas e sugerir aperfeiçoamentos, gerando com isso mais eficiência e qualidade na prestação dos serviços. Para isso desenvolveu-se este estudo na Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, analisando o Plano de Desenvolvimentos Institucional, a Política de Recursos Humanos na esfera pública federal e o plano de capacitação desenvolvido na UFMT com o objetivo de verificar o alinhamento das propostas de ações no que diz respeito a capacitação e qualificação dos servidores, sem deixar de lado a realidade institucional. Para o delineamento da pesquisa, contribuíram com o tema: MATOS E MATOS E LERCHE: 2001; Bresser-Pereira (apud Arvate, 2004, p. 12); Graham (1994, p. 19). O método utilizado foi a pesquisa bibliográfica,e documental e qualitativa. Para a pesquisa documental o suporte teórico foi o Plano Anual de Capacitação dos servidores da UFMT e o Plano de Desenvolvimento Institucional da Universidade Federal de Mato Grosso. Na análise dos dados verificou-se que os dirigentes das diversas unidades da UFMT e os do HUJM, preocuparam-se

mais em preparar o servidor para o cargo competência técnica - sendo que o foco deveria ser o de qualificar os servidores para desenvolver habilidades e competências estratégicas para o desenvolvimento organizacional. Poucos cursos de capacitação, do total desenvolvido, preparam os funcionários para assumirem novas responsabilidades, melhorar o seu desempenho e manter a sua competência face às mudanças de conhecimento e tecnologia.
Palavras-Chave: Capacitação, Qualificação, Gestão Pública.
P - Pesquisador
ORG - Psicologia Organizacional e do Trabalho;

ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DO TRABALHO E QUALIDADE DE VIDA PELOS PILOTOS DE AVIÃO..
*Rosa Almeida Freitas Albuquerque** (Professora Assistente I, Departamento de Administração da Universidade Federal de Mato Grosso Cuiabá-MT); Ávilo Roberto de Magalhães** (Professor Adjunto IV, Departamento de Administração, Universidade Federal de Mato Grosso Cuiabá-MT); Guilherme Andrade de Souza*(Administrador - Universidade Federal de Mato Grosso- Cuiabá-MT),*
A Qualidade de Vida no Trabalho é uma busca de humanização no ambiente corporativo, com o objetivo de alterar suas características, para obter uma maior satisfação do trabalhador e maior produtividade organizacional. A questão da Qualidade de Vida no Trabalho foi encarada, inicialmente, como uma reação individual ao trabalho e, posteriormente, passou a ser uma preocupação dos gestores que passou a possuir uma visão mais global do ser humano. O objetivo desta pesquisa foi analisar na percepção dos pilotos de avião nas diferentes categorias em relação à Qualidade de Vida no Trabalho. O estudo é de caráter exploratório e foi desenvolvida com uma amostra selecionada por acessibilidade com 25 pilotos, no Aeroporto Internacional Marechal Rondon, em Cuiabá, Mato Grosso. Utilizou-se como instrumento de coleta de dados um questionário, com 17 perguntas objetivas, uma subjetiva. A análise foi feita de forma quantitativa e qualitativa. O aporte teórico da pesquisa baseou-se nos seguintes autores: Machado (1996, p.47, apud CHIAVENATO, 2003), Barros e Santos (2002), Limongi-França (2009), Lehdermann et al (2009 apud FISCHER, 2009), Lima (2008, p.17), Moraes et al. (2000, apud AYRES et al, [200-], p.4), Lima (2008), Filho e Moreira (apud LIMA, 2008), (RODRIGUES, apud LIMA, 2008, p.12), (BRUK-LEE e SPECTOR, 2011, apud ROSSI, 2011), (FAJER, 2009). Os dados que 90% dos pilotos são do sexo masculino, brasileiros, mais de 60% possuem mais que 31 anos de idade e 60%, são casados. Através dos resultados da pesquisa, verificou-se que a vocação pela profissão de piloto pode ser um fator determinante na percepção da Qualidade de Vida no Trabalho. Os pilotos, em sua maioria (56%) disseram que não sofrem pressão no trabalho e a totalidade, deles tem autonomia para solicitar manutenções nas aeronaves e até vetar vôos por falta de condições adequadas, A satisfação com o trabalho está presente em 84% dos pilotos entrevistados. Dentre os pilotos da aviação executiva, 72,6% se sentem valorizados em seu emprego; verifica-se que 80% entraram na aviação por vocação, ou seja, por gostar da profissão. 100% dos pilotos disseram que possuem autonomia para solicitar manutenções nas aeronaves. De maneira geral, os pilotos estão satisfeitos com a profissão que desempenham e a carga horária de trabalho é, em média, menor que a carga de trabalho dos brasileiros de modo geral. A reação dos familiares, tanto da aviação executiva quando de linha aérea são de compreensão e satisfação. Fatores desgastantes para o convívio familiar como insegurança não foram citados pelos profissionais. Já a preocupação foi identificada apenas por uma pequena parcela dos pilotos. Conclui-se com o estudo que a Qualidade de Vida dos pilotos de avião é de maneira geral, satisfatória. As companhias aéreas, no entanto, devem melhorar a relação com seus pilotos, já que metade dos aviadores que estão nesse ramo não percebe com clareza a valorização no emprego e que funcionários de uma mesma companhia têm opiniões diferentes sobre um mesmo assunto.

Palavras-Chave: Qualidade de Vida no Trabalho Satisfação - Pilotos de Avião
IC
ORG Psicologia Organizacional e do Trabalho

Sessão Coordenada: **O USO DE PROCEDIMENTOS COM DESENHOS COMO INSTRUMENTOS MEDIADORES DA COMUNICAÇÃO TERAPÊUTICA: CONSIDERAÇÕES DAS IDEIAS PSICANALÍTICAS**

O conhecimento do funcionamento psicodinâmico do indivíduo é imprescindível para a efetivação de seu atendimento psicológico, em especial, quanto ao seu funcionamento global, para que seja proposto o melhor encaminhamento e cuidado oferecido. Para que haja o conhecimento dos psicodinamismos de diferentes populações, uma possibilidade é recorrer ao uso de desenhos, como instrumentos mediadores da comunicação, que facilitam o contato e permitem um conhecimento amplo da personalidade em um curto período de tempo, sem a necessidade de atendimento psicológico prolongado. Alguns dos procedimentos que usam desenhos são: Procedimento de Desenhos-Estória (D-E), Procedimento de Desenhos de Famílias com Estórias (DF-E) e Procedimento de Desenhos-Estórias com Temas, formas de intermediação comunicativa que não se mostram invasivas. Tal procedimento possibilita a percepção de uma visão global do indivíduo, ou seja, suas dinâmicas intrapsíquicas, intrafamiliares e socioculturais, considerando a dinâmica desenvolvimental e maturação do indivíduo, realizando uma interpretação e intervenção baseadas na abordagem psicanalítica, em particular, partindo das ideias do pediatra e psicanalista inglês Donald Woods Winnicott. O grupo de trabalhos envolvidos na proposta desta sessão coordenada trará pesquisas realizadas com crianças, adolescentes e adultos, buscando conhecer os psicodinamismos de todas elas por meio dos procedimentos de desenhos com estórias. O primeiro trabalho se inicia com uma abordagem do potencial clínico e formativo do uso transicional do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, relacionado às primeiras entrevistas feitas por alunos de graduação. Assim, assinala-se um momento particular da formação do psicólogo, que se realiza por meio do atendimento clínico a crianças. Na sequência, o segundo trabalho retrata a análise do imaginário coletivo de estudantes de psicologia sobre maternagem, por meio do Procedimento de Desenho-Estória com o Tema. Indo na mesma direção, o terceiro trabalho aborda as especificidades deste mesmo procedimento em situação de entrevista grupal, no intuito de realizar abordagem da pessoalidade coletiva, tendo por base uma investigação desenvolvida sobre as manifestações imaginativas de estudantes de psicologia em relação ao sofrimento psíquico contemporâneo. Pensando no contexto clínico, junto a indivíduos com determinados diagnósticos, o quarto trabalho apresenta dados de uma pesquisa realizada com crianças com tendência antissocial, ou seja, comportamentos desafiadores, no intuito de conhecer seu funcionamento psicodinâmico, por meio do DF-E e, assim, poder propiciar estratégias de intervenção eficazes. Na sequência, tem-se o estudo realizado com adolescentes com transtorno alimentar, buscando conhecer o uso do DF-E no contexto hospitalar. E, por último, apresentar-se-á uma pesquisa desenvolvida com mulheres obesas, entre 30 e 40 anos, cujo atendimento fez uso de mediadores da comunicação, como o D-E, com enfoque interventivo. A técnica foi avaliada por meio do método da livre inspeção, em uma abordagem qualitativa de perspectiva psicanalítica. Assim, o intuito de apresentar tais trabalhos nesta sessão é oferecer conhecimento acerca do uso dos desenhos como instrumentos mediadores da comunicação terapêutica, em especial, inseridos na clínica winnicottiana. Além disso, também é possível refletir sobre os tipos de psicodinamismos envolvidos em pacientes com diferentes patologias, tanto crianças, como adolescentes ou adultos. Com isso, pretende-se propiciar reflexões acerca do uso de tais procedimentos, que podem ser usados em populações de diferentes faixas etárias e comprometimentos diversos, tanto no contexto da universidade, clínico ou no hospitalar, no intuito de oferecer ao indivíduo conhecimento mais aprimorado, possível encaminhamento mais delineado, acolhimento e a experiência do encontro analítico, por meio do fornecimento de holding e a vivência de um ambiente suficientemente bom, oferecido durante a avaliação/intervenção. Tal proposta mostra-se atual e de extrema

relevância, pois, além do acolhimento dado ao paciente e também ao terapeuta, é possível pensar nos psicodinamismos e nas implicações envolvidas nas patologias apresentadas, seja na clientela infantil, adolescente ou adulta. Além disso, é possível mostrar a abrangência do procedimento e sua aplicação como uma maneira possível de realizar estudos científicos e atuar dentro do contexto clínico, da universidade, estendendo-se à comunidade. Para tanto, é de suma relevância a discussão dessas possibilidades de atuação junto ao público, propiciada pelo encontro na Reunião Anual. Os participantes da mesa estão aptos a falar do assunto, pela experiência prática e teórica, além da participação frequente em grupos de estudos sobre o tema. A discussão desta temática trará reflexões acerca de outras possibilidades de atuação do psicólogo clínico, em especial, considerando o uso de instrumentos mediadores da comunicação terapêutica, como o procedimento utilizado.
Psicologia Clínica e da Personalidade

OS DESENHOS COMO INSTRUMENTOS MEDIADORES DA COMUNICAÇÃO NO ATENDIMENTO BREVE PSICANALÍTICO DE MULHERES OBESAS. *Dra. Fernanda Kimie Tavares Mishima-Gomes, Valéria Barbieri (Departamento de Psicologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, SP),*
Uma das patologias de mais alto risco e com graves consequências para a saúde física e mental é a obesidade. Nem sempre os tipos de tratamentos utilizados são eficazes, pois, em geral, as pessoas sentem dificuldade em seguir dietas alimentares e manter atividades físicas. Com isso, a perda de peso não permanece por muito tempo. Pensando em outras modalidades de tratamento, este trabalho objetivou averiguar os psicodinamismos de mulheres obesas e, assim, as possibilidades de auxílio advindas do atendimento breve psicanalítico no tratamento de mulheres com obesidade grau II. Foram realizados cinco estudos de caso com mulheres entre 30 e 40 anos, com Índice de Massa Corporal considerada nível obesidade grau II. Elas foram encaminhadas por uma equipe médica de um Centro de Saúde-Escola. Realizou-se avaliação psicológica em oito sessões, por meio do uso de mediadores da comunicação, como o Procedimento de Desenhos-Estória (D-E), com enfoque interventivo. A técnica foi avaliada por meio do método da livre inspeção, em uma abordagem qualitativa de perspectiva psicanalítica. Dentre os aspectos comuns observados nas mulheres avaliadas, tem-se que todas elas apresentaram experiências iniciais com um ambiente que não se mostrou suficientemente bom, que foi incapaz de prover as necessidades afetivas. A figura materna não foi capaz de acolher as necessidades das mulheres, e ainda não houve auxílio da figura paterna, vista com intensa rigidez, autoritarismo e severidade. A falta de confiança no ambiente familiar pareceu se estender ao convívio social dessas mulheres, em especial, em seus relacionamentos amorosos, considerados insuficientes e até traumáticos. Em diversos momentos foi possível perceber que o outro funcionava como figura provedora de afeto e cuidado, em uma tentativa de substituir o prejuízo advindo das figuras parentais. Nesse sentido, o companheiro era visto como cuidador e não aquele capaz de prover satisfação sexual. Ainda como semelhança, as mulheres apresentaram sentimentos de desvalorização de si e baixa autoestima, recorrendo à submissão ao outro e à busca incessante por agradá-lo para não perder o seu afeto. O alimento era usado como forma de se proteger do contato interpessoal, por receio de sofrerem e não serem amadas, semelhante a uma capa falso self que protegesse o self verdadeiro. Consequentemente, afastavam-se deste convívio e sentiam-se isoladas. A deficiência de provimento das necessidades dessas mulheres na infância acarretou em dificuldade na aquisição da autonomia e quanto à possibilidade de fazer uso pessoal dos objetos, com prejuízos na passagem pela transicionalidade. Durante o atendimento breve psicanalítico, o encontro entre participante/paciente e pesquisadora/terapeuta permitiu que as mulheres se sentissem seguras, confiantes e aceitas, mesmo ao demonstrar seus sentimentos mais hostis em relação ao outro. O fornecimento de

holding e a vivência de um ambiente suficientemente bom, oferecido durante a avaliação/intervenção, permitiram que elas entrassem em contato consigo mesmas, para que, ao conhecer suas próprias necessidades e desejos, pudessem expressá-los sem o perigo de sofrer retaliação ou perder o objeto amado. Finalmente, foi possível oferecer um sentido para o alimento e cada uma pôde fazer uso desta significação em sua vida pessoal.

RABISCO PEDAGÓGICO COM USO DO PROCEDIMENTO DE DESENHOS-ESTÓRIAS COM TEMA NAS PRIMEIRAS ENTREVISTAS CLÍNICAS. *Dra. Diana Pancini de Sá Antunes Ribeiro (Professora Assistente Doutora do Departamento de Psicologia Clínica - Universidade Estadual Paulista Campus de Assis - SP),*

O uso de mediadores dialógicos na clínica psicanalítica winnicottiana deve ser efetivado sempre no encontro da dupla terapêutica e como facilitador de uma comunicação entre esta. Na transicionalidade, portanto é que o uso de mediadores dialógicos faz sentido na clínica, seja com crianças, adolescentes ou adultos. O brincar é possibilitado na transicionalidade e este brincar deve ser a busca de estagiários/terapeutas, facilitada por supervisores clínicos, com uso ou não de materialidades e/ou mediadores dialógicos. A questão que se apresenta neste trabalho é o favorecimento da comunicação entre paciente e estagiário/terapeuta, assim como entre estagiário/terapeuta e supervisor, desde as primeiras entrevistas clínicas. Este trabalho investiga o potencial clínico e formativo do uso transicional do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema em primeiras entrevistas realizadas por alunos de graduação e em reuniões de supervisão grupal, concebida como atividade que articula transmissão de conhecimento e holding. Insere-se, portanto, em um particular momento da formação do psicólogo, que se realiza por meio do atendimento clínico a crianças. Pensada a partir do abandono de uma visão positivista e da adoção de um paradigma epistemológico, que privilegia a intersubjetividade, o trabalho se estrutura segundo arquitetura complexa, na medida em que entende o atendimento clínico e a supervisão como práticas indissociáveis. Foram psicanaliticamente examinadas, em próxima interlocução com o pensamento winnicottiano, dezesseis narrativas do uso do Procedimento, elaboradas num período de dois meses letivos, ao longo dos quais dezesseis alunos realizaram vinte e quatro psicodiagnósticos interventivos completos. Duas narrativas são detalhadamente apresentadas neste estudo. O conjunto das análises de duas narrativas selecionadas para este estudo permite afirmar que o uso transicional do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema revela-se heuristicamente valioso por favorecer comunicações emocionais significativas, entre todos os envolvidos, nos contextos do atendimento e da supervisão. No entanto, o uso criativo de mediadores dialógicos na clínica psicanaliticamente orientada não garante, por si, que haja uma comunicação significativa entre a dupla analítica. Assim foi a proposta para que sujeitos/estagiários usassem o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, ou seja, dependendo do encontro e da possibilidade de uso deste, como mediador dialógico e naquele momento único. Nota-se que, em 24 processos psicodiagnósticos interventivos dezesseis estagiários usaram o Procedimento em 16 primeiras entrevistas clínicas. Todos que utilizaram o Procedimento autorizaram seu uso na pesquisa. Apesar de o uso ter sido significativo em termos numéricos, nota-se que houve situações em que o estagiário optou livremente por não usá-lo. Este fato demonstra que se sentiram à vontade para usá-lo livremente, conforme a proposta do supervisor. Este também se surpreendeu com a experiência dos estagiários, pois experimentou uma superação dissociativa por meio da recuperação de um saber vivencial, de um encontro-criação de sentidos a partir da obra winnicottiana, que parece ter ocorrido exatamente quando não estava pensando conceitualmente nisso. A surpresa, portanto, pôde ser vivenciada pelos pacientes, pelos estagiários/terapeutas e também pelo supervisor/pesquisador, na medida em que os Desenhos-Estórias tornaram-se seu rabisco pedagógico.

O IMAGINÁRIO COLETIVO DE ESTUDANTES DE PSICOLOGIA SOBRE A MATERNAGEM. *Larissa Garcia Ponce ** (Mestranda em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica-SP), Dra. Diana Pancini de Sá Antunes Ribeiro (Professora Assistente Doutora do Departamento de Psicologia Clínica - Universidade Estadual Paulista Campus de Assis SP),*

Considerando o fato de que a subjetividade individual do profissional de psicologia está indissociavelmente implicada no exercício de sua profissão, este trabalho objetivou refletir sobre as concepções subjetivas sobre maternagem e suas possíveis implicações nas práticas clínicas com crianças, na atualidade. O objetivo principal foi o de analisar, winnicottianamente, o imaginário coletivo de estudantes de psicologia sobre maternagem. Em amostra de 25 estudantes ingressantes no curso de psicologia de uma universidade pública foi utilizado o Procedimento de Desenho-Estória com o Tema: Desenhe e conte uma estória sobre uma criança sendo cuidada em seu primeiro ano de vida . Salienta-se que os sujeitos ainda não haviam entrado em contato com teorias psicológicas, apenas com conteúdos introdutórios do curso. Enfatiza-se que, apesar da produção do Procedimento ter sido realizada individualmente, a análise foi do conjunto da produção a fim de apreender as associações do psiquismo grupal para obtenção dos campos psicológico inconscientes, no qual o imaginário coletivo é organizado. Os campos psicológicos predominantes encontrados são: Campo da família perfeita: 5 sujeitos; Campo da mãe/amor que nutre e não pode falhar: 4 sujeitos; Campo da teoria popular: 12 sujeitos; Campo da maternagem não idealizada: 4 sujeitos. Os assuntos abordados nos primeiros três campos revelam uma boa maternagem, com cuidados suficientemente bons efetuados principalmente pela mãe. Esta figura pode ocasionalmente desempenhar vários papéis, tais como se dividir entre os afazeres do trabalho e os relativos à função materna. A família como um todo também foi um tópico presente nas produções, com as associações efetuadas revelando uma família idealizada, amorosa e que se responsabiliza pela formação da criança. Aqui observamos um subcampo imaginário que é: Criança bem cuidada precisa de família unida e com todos os membros . Questões referentes à maternagem insuficiente apareceram no último campo. Os conteúdos emergentes têm relação com falhas parentais e as consequências negativas destes erros à criança. Alguns tópicos destacados pelos sujeitos se referem a rejeição materna, rivalidade fraterna e paterna. Também apareceram nas estórias conflitos na relação mãe-filho como fatores que atrapalham o bom exercício da maternagem, independente de quem a realiza, e prejudiciais ao amadurecimento emocional. Para Winnicott, o processo de humanização do bebê necessita de um cuidado sensível e constante de um cuidador que apresente falhas em pequenas e gradativas doses . Desta forma se pode supor que outros cuidadores, independentemente de gênero, possam também ser mães suficientemente boas . No entanto, a hipótese inicial sobre a atuação dos paradigmas tradicionais de família na atualidade se fez presente no imaginário coletivo apreendido. O pai e outros cuidadores aparecem como secundários e até mesmo como dispensáveis, bem como se observa a ausência de novas configurações familiares. É necessário apontar que, embora este grupo de participantes represente uma pequena amostra da sociedade, se infere que esta possa refletir certa tendência de nossa população nacional. Destaca-se, portanto a relevância deste estudo como fomento de reflexões no meio científico sobre novas configurações de cuidado e família que nos parece indispensável para o exercício de práticas psicológicas libertas de preconceitos.

RECURSOS DIALÓGICOS NA INVESTIGAÇÃO: SUBJETIVIDADE E PSICANÁLISE. *Heloisa Aguetoni Cambuí** (Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem da Universidade Estadual Paulista Faculdade de Ciências de Bauru, Bauru/SP); Carmen Maria Bueno Neme (Prof. Adjunta do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual Paulista Faculdade de Ciências de Bauru, Bauru/SP).,*

A psicanálise apresenta em seu bojo um comprometimento clínico-reflexivo acerca da compreensão dos fenômenos humanos. Em sua especificidade, caracteriza-se como um método de investigação que busca revelar as dimensões inconscientes, e delineia-se, também, como uma técnica direcionada ao tratamento psicoterápico, despontando como um conjunto de proposições psicológicas referentes à constituição da subjetividade. A psicanálise, enquanto método investigativo, não restringe a possibilidade de compreensão da experiência humana e se sustenta em pressupostos éticos que permitem revelar a complexidade inerente aos fenômenos investigados. Configura-se, portanto, como um instrumento potencialmente disposto a compreender o campo experiencial humano em suas diversas possibilidades, por meio de diferentes propostas procedimentais. No presente trabalho, pretende-se abordar as especificidades do uso do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema em situação de entrevista grupal para a abordagem da pessoalidade coletiva, com base em uma investigação desenvolvida sobre as manifestações imaginativas de estudantes de psicologia em relação ao sofrimento psíquico contemporâneo. Compreendemos que a produção de conhecimento sobre o ser humano configura-se como um fenômeno intersubjetivo, e, sob esse enquadre a investigação acerca do imaginário coletivo viabiliza a captação dos variados significados advindos das experiências específicas dos fenômenos complexos em sua manifestação natural. O acesso a conteúdos inconscientes e a captação do imaginário coletivo por meio do uso do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema é oportunizado pela criação de um espaço apropriado para a expressão subjetiva, realizado sob um enquadre transicional diferenciado, denominado entrevista grupal para abordagem da pessoalidade coletiva. O delineamento do instrumento sustenta-se sob os preceitos do jogo do rabisco e da consulta terapêutica de Winnicott, tratando-se de um recurso mediador dialógico. Por meio da criação de um espaço apropriado para a expressão subjetiva, esse instrumento possibilita a comunicação emocional significativa entre os membros do encontro, o acesso aos conteúdos inconscientes e a captação do imaginário coletivo. A utilização deste instrumento propicia, portanto, a investigação das angústias, defesas e elaborações imaginativa, que tem efeito determinante na constituição e manutenção representacional, além de, permitir o encontro intersubjetivo, a partir do qual esta experiência possibilita a liberação de novas formas de pensar e de agir. Tal procedimento dialógico é passível de ser psicanaliticamente analisado, na medida em que esclarece os pressupostos lógico-emocionais estruturantes das representações que se revelam. A produção de conhecimento sobre o humano configura-se como um fazer intersubjetivo e, sob um enquadre investigativo psicanalítico, o uso de mediadores dialógicos favorece o necessário encontro inter-humano. Viabilizando a emergência de significados advindos das experiências específicas dos fenômenos complexos em sua manifestação espontânea, os mediadores dialógicos mostram-se importantes recursos na busca e produção de conhecimentos na psicanálise e Ciências Humanas em geral.

O FUNCIONAMENTO PSICODINÂMICO DE CRIANÇAS COM TENDÊNCIA ANTISSOCIAL: O USO DO PROCEDIMENTO DE DESENHOS DE FAMÍLIAS COM ESTÓRIAS. *Ana Paula Medeiros**, Fernanda Kimie Tavares Mishima-Gomes, Valéria Barbieri (Departamento de Psicologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, SP),*

A psicopatologia e o atendimento psicoterápico infantil foram abordados por diversos autores, em especial, considerando o uso de formas de expressão da criança, como o brincar. Winnicott ressalta que o brincar é um acontecimento que acontece na área transicional, ou seja, existe uma forma de comunicação entre o mundo interno e externo. Para facilitar esse processo pode-se fazer uso dos desenhos com estórias, que também permitem uma compreensão do funcionamento psicodinâmico infantil. Uma das patologias estudadas pelo psicanalista inglês foi a tendência antissocial, decorrente de um período de de-privação sofrido em detrimento

de insuficientes provisões afetivas. A Tendência Antissocial é caracterizada por comportamentos como desobediência, agressividade, desafios; é um diagnóstico infantil, pois a permanência dos sintomas após os dezoito anos altera o diagnóstico para Transtorno de Personalidade Antissocial. Sua etiologia é atribuída a fatores genéticos associados a desencadeadores ambientais, particularmente o relacionamento familiar. Este trabalho apresenta a pesquisa desenvolvida com 10 meninos de 7 a 12 anos, que apresentavam tendência antissocial, comparados a 10 meninos sem dificuldades psicológicas, aspectos conhecidos por meio do Strengh and Difficulties Questionnaire. Fez-se uma comparação entre os dois funcionamentos, a fim de verificar as peculiaridades dos psicodinamismos de crianças com comportamentos desafiadores. Para tanto, foi realizada avaliação psicológica com o uso do Procedimento de Desenhos de Famílias com Estórias (DF-E). As crianças com tendência antissocial demonstraram particularidades na percepção da dinâmica familiar em comparação aos outros meninos. Também foi possível observar diferenças na qualidade da percepção das figuras materna e paterna: as crianças desafiadoras perceberam a figura paterna como ambivalente, não desempenhando sua função satisfatoriamente, com atributos positivos e negativos; a figura materna foi vista como positiva, desempenhando sua função de forma satisfatória e apresentando características positivas. Já o outro grupo, percebeu a figura paterna também como ambivalente, mas conseguindo desempenhar suas funções de maneira satisfatória; a figura materna foi vista por metade das crianças como positiva e pela outra metade como ambivalente, também com desempenho satisfatório de sua função. De maneira geral, os meninos com tendência antissocial apresentaram uma autoimagem preservada, com características positivas; suas necessidades predominantes referiam-se à busca por auxílio no controle dos impulsos, por afeto (por parte dos pais), proteção, diversão, inclusão e aceitação na família. Estas necessidades eram atendidas de maneira parcial, o que confirma a presença de conflitos entre a criança e os pais. Os meninos sem dificuldades psicológicas também apresentaram autoimagem positiva, atribuindo-se características como harmonioso, feliz, amoroso, legal, concomitante a atributos negativos, como solitário, rígido, arrependido. Em relação às necessidades expressas, houve predomínio de ser amado e acolhido em sua espontaneidade, de união familiar, independência protegida e proximidade com a mãe, que eram atendidas de forma parcial. Assim, as principais características passíveis de diferenciar o funcionamento psicodinâmico dos dois grupos foram quanto à natureza das necessidades e angústias (mais primitivas nos meninos desafiadores) e, por consequência, as defesas usadas. Consequentemente, é possível pensar em formas estratégicas de intervenção com meninos que apresentam condutas desafiadoras, oferecendo-lhes um ambiente suficientemente bom por meio do holding e cuidado afetivo.

USO DO DESENHO DE FAMÍLIA COM ESTÓRIAS COMO PROCEDIMENTO DE INVESTIGAÇÃO CLÍNICA EM PAIS DE ADOLESCENTES COM ANOREXIA NERVOSA. *Lilian Regiane de Souza Costa**, Manoel Antônio dos Santos (Núcleo de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP),*

A dinâmica familiar de pessoas com Transtornos Alimentares (TA) é consistentemente apontada na literatura como um dos fatores desencadeadores/ mantenedores desses quadros psicopatológicos. O relacionamento mãe-filha no contexto do TA é marcado pela dificuldade de estabelecimento de limites claros, caracterizando uma relação invasiva. A inserção da figura paterna nessas famílias é pouco referida. Todavia, sabe-se que o pai tem papel importante na constituição da identidade das filhas. Por esse motivo, para compreensão dos TA, são relevantes investigações que tematizem a figura paterna. O presente estudo objetivou investigar a inserção da figura paterna na dinâmica de famílias que têm filhas com TA, a partir da perspectiva do pai. Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada e Desenho de Família com Estórias (DF-E) em três pais de adolescentes com Anorexia Nervosa. A

estratégia metodológica utilizada foi o estudo de caso. O DF-E é um instrumento gráfico projetivo, escolhido por permitir detectar conteúdos e processos emocionais inconscientes e conscientes que dizem respeito às relações que o sujeito estabelece com seu universo familiar. Os resultados mostraram que os pais exibiram resistência na elaboração dos desenhos e das histórias, todavia, isto não os impediu de responderem ao instrumento. Essa dificuldade foi percebida concretamente, de acordo com o relato dos pais, como indicativa de não terem habilidades específicas de desenhar, porém, sugere dificuldade de entrar em contato com emoções despertadas pela proposta de aproximação com a temática relações familiares . Na entrevista, os pais sentiram-se mais à vontade e verbalizaram com clareza sobre os sentimentos em relação à família e à filha acometida. Nas histórias, os personagens eram os próprios familiares e foram produzidos relatos corriqueiros do cotidiano familiar, evidenciando dificuldades de se engajar no jogo imaginativo. No Desenho da Família que Gostariam de Ter repetiram o Desenho de suas Famílias: a família que eu gostaria de ter é a minha . Um dos pais, ao desenhar a Família em que Alguém não Está Bem, representou graficamente apenas sua mãe, que é deficiente física, excluindo do contexto da doença os outros membros, como a filha com Anorexia. Pode-se pensar na necessidade de apresentação de uma família idealizada, que destoa das dificuldades encontradas antes e depois do surgimento do TA. Esses dados sugerem um envolvimento afetivo restrito da figura paterna com os outros membros da família, não somente com a filha doente, mas também com a esposa. As dificuldades encontradas para aplicação do DF-E, dada a resistência dos pais, podem ser vistas como uma limitação para a utilização do instrumento nesse contexto. Por outro lado, corrobora a literatura sobre as relações familiares nos TA: pais que, aparentemente, são apoiadores (como se apresentaram no decorrer das entrevistas), nos momentos de maior dificuldade e exigência emocional mostram-se evasivos (como se pôde perceber a partir do desempenho na técnica projetiva). A técnica projetiva exige maior grau de regressão e contato com emoções mais arcaicas, suscitando o uso inconsciente de defesas mais regredidas, que aparecem sob a forma de resistências à tarefa. Essas particularidades devem ser consideradas na aplicação do instrumento.

Sessão Coordenada: **OS DIFERENTES CONTEXTOS DA PARENTALIDADE**

A parentalidade pode ser exercida de diferentes formas de acordo com o contexto em que está inserida. Múltiplos fatores podem afetar o relacionamento pais-bebê, como a questão da depressão pós-parto, o contexto da prematuridade, as gestações em que a mãe está afetada pelo vírus HIV, a questão da monoparentalidade das famílias de mães solteiras, assim como a questão da qualidade da assistência pré-natal. A peculiaridade de cada contexto será explanada por cada uma dos pesquisadores que fazem parte dessa proposta, mas em comum há ênfase na promoção da saúde e do bom desenvolvimento das relações iniciais pais-bebê.
Psicologia da Saúde

PARENTALIDADE NO CONTEXTO DA DEPRESSÃO PÓS-PARTO. *Giana Bitencourt Frizzo, Cesar Augusto Piccinini, Rita de Cássia Sobreira Lopes (Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS)*
Milena da Rosa Silva (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS)
Aline Grill Gomes (Instituto de Ensino e Pesquisa em Psicanálise- IEPP, RS)
Cristiane Ajnamei dos Santos Alfaya (Universidade Federal do Recôncavo Baiano, Ba)
Daniela Delias de Sousa (Universidade Federal de Rio Grande, RS)
Evanisa Helena Maio de Brum (Curso de Psicologia do Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha, CESUCA, RS)

,

Palavras-chave: depressão pós-parto, família, parentalidade
Nível: P
SAÚDE - Psicologia da Saúde

O papel exercido pela depressão pós-parto tem sido abordado por inúmeras investigações nas últimas décadas, devido às evidências de que o estado depressivo da mãe pode repercutir negativamente no estabelecimento das primeiras interações com o bebê e, em conseqüência, no desenvolvimento afetivo, social e cognitivo da criança, bem como no relacionamento com o pai do bebê. Inicialmente serão apresentadas as características da depressão pós-parto, com destaque para sua incidência no contexto brasileiro e internacional, assim como os principais fatores de risco associados a esse transtorno. A seguir, serão revisados aspectos da maternidade e da conjugalidade nesse contexto, uma vez que esse transtorno tem sido associado a inúmeras dificuldades nos relacionamentos interpessoais da mãe deprimida. A paternidade nesse contexto também será examinada, a fim de explicitar o papel do pai, particularmente como fonte de apoio à mãe deprimida. Após, será abordado o impacto da depressão pós-parto no bebê, especialmente com relação ao seu desenvolvimento emocional. Por fim, destacam-se as várias abordagens que compõem o panorama atual da psicoterapia pais-bebê, que tem sido muito utilizada no tratamento dos distúrbios nas relações iniciais pais-bebê, com resultados positivos na melhora dos sintomas depressivos maternos e dos relacionamentos da mãe com o bebê, com o marido, com a família de origem e consigo mesma.

PARENTALIDADE NO CONTEXTO DO NASCIMENTO PRÉ-TERMO: A IMPORTÂNCIA DAS INTERVENÇÕES PAIS-BEBÊ. *Lígia Braun Schermann (Curso de Psicologia e Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, ULBRA-Canoas, RS)*
Evanisa Helena Maio de Brum (Curso de Psicologia do Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha, CESUCA, RS)

,

Palavras-chave: prematuridade, família, parentalidade
Nível: P

SAÚDE - Psicologia da Saúde

Os rápidos avanços científicos e tecnológicos nos cuidados dos recém-nascidos internados em Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN), bem como o desenvolvimento da tecnologia de reprodutividade assistida, permitiram uma diminuição de óbitos neonatais e um aumento da incidência de nascimentos múltiplos, prematuros e de baixo peso. Em Porto Alegre, RS, os óbitos neonatais, diminuíram de 20 para 7,4 óbitos a cada 1.000 nascidos vivos nos últimos 25 anos. Inversamente, a incidência de nascimentos prematuros passou de 8,2% dos nascidos vivos, em 1999, para 10,3% dos nascidos vivos em 2005. Este panorama configura-se como uma realidade brasileira e mundial, caracterizando uma transição epidemiológica. Nesse sentido, os esforços, antes investidos na busca da sobrevivência dos bebês prematuros, passam a focar a qualidade desta sobrevivência, tanto no que se refere ao desenvolvimento infantil propriamente dito, como à busca de condições que auxiliam a parentalidade nesse contexto. O nascimento pré-termo está invariavelmente associado à imagem de um bebê pequeno e frágil, nascido antes do tempo. Esta imagem estende-se, na atualidade, a dois adultos, aos quais foi conferida a parentalidade antes de estarem prontos para tal e, provavelmente, com mais estresse e ansiedade do que o usualmente esperado. Conforme o modelo bidirecional da interação social, interações satisfatórias entre os pais (cuidadores primários) e seu bebê são mediadas por sentimentos mútuos de eficácia. Nesse modelo, o bebê saudável é visto como competente e capaz de prover experiências contingentes aos pais através de comportamentos legíveis, preditivos e responsivos. Estas qualidades ajudam os pais a entender os sinais do bebê e a intervir de forma sensível e eficaz, gerando um ciclo de interações gratificantes. A interação cuidador-criança é, portanto, considerada como um processo ativo, estruturada dentro de uma mutualidade de comportamentos do cuidador e da criança. No caso do nascimento pré-termo, muitos fatores podem afetar esse processo como o comportamento particular das crianças nascidas pré-termo, o seu estado de saúde, a necessidade de ajustamentos psicológicos dos pais e as dificuldades de estarem em contato com seu filho quando ele se encontra na Unidade de Tratamento Intensivo Neonatal. Nesse contexto, é esperado que os pais realizem vários ajustes para poderem lidar com o seu bebê. Esses ajustes dizem respeito tanto a aspectos emocionais, quanto ao reconhecimento e cuidado do bebê, e podem ser mediados através de programas de intervenção. Com base nessas questões, o objetivo do presente trabalho é revisar condições que promovem a vivência favorável da parentalidade no contexto do nascimento pré-termo, especialmente os programas de intervenção precoce.

A REVELAÇÃO DO DIAGNÓSTICO DE SOROPOSITIVIDADE PARA HIV ENTRE MÃES ADOLESCENTES SOROPOSITIVAS. *Daniela Centenaro Levandowski/UFCSPA, Lara Monteiro Schuck*/UFCSPA, Gabriela Nunes Maia*/UFCSPA, Aline Assmann Ruas Munhós*/UFCSPA, Luciana Castoldi/UNISINOS, Maria Cristina Canavarro/Universidade de Coimbra, Marco Daniel Pereira/Universidade de Coimbra ,*

Apoio Financeiro: CNPq, FAPERGS. Lara Monteiro Schuck é bolsista PIBIC CNPq; Daniela Centenaro Levandowski é Bolsista PQ CNPq.

Palavras-chave: adolescência, maternidade, soropositividade, revelação, diagnóstico

Nível do trabalho: P

Área da Psicologia: SAÚDE

O diagnóstico de soropositividade para HIV é uma questão médica, mas também social, pois ainda se percebe um estigma associado à infecção. Tal fato muitas vezes impede a revelação do diagnóstico até mesmo para a família. Medo da rejeição, discriminação e estigmatização são apontados pela literatura como razões para a não revelação desse diagnóstico. Além da

possibilidade de perda de emprego, do lar ou rejeição, essa revelação implica também desvelar segredos ocultos, como uma traição. Pode ainda se associar a outras fantasias relativas à vida sexual do indivíduo, gerando sofrimento. Embora a não revelação possa ser mantida em algumas situações, no caso de uma gestação a sua manutenção fica dificultada diante da não amamentação do bebê ou da necessidade de administração de medicamentos. Esse estudo apresenta uma análise preliminar de dados coletados com mães adolescentes soropositivas sobre a revelação do diagnóstico de soropositividade para HIV, derivados do projeto Avaliação e Intervenção com Mães Adolescentes Soropositivas: Focalizando a Saúde Mental, a Adesão ao Tratamento e a Relação com o Bebê . Quatro adolescentes (17 a 19 anos, nível socioeconômico médio-baixo) foram entrevistadas em serviços de saúde de Porto Alegre, a partir do terceiro mês do bebê. Nenhuma trabalhava e três estudavam. Todas moravam com o atual companheiro, que, em um dos casos, não era o pai do bebê. A causa provável de contaminação foi sexo desprotegido; para duas delas, o transmissor foi o pai do bebê. A partir da transcrição das entrevistas, foi realizada uma análise de conteúdo qualitativa das respostas das adolescentes às questões: A sua família sabe que você é HIV+? , Como foi a reação dos seus familiares ao saberem? , A sua relação com a sua família foi afetada pelo fato de você ter HIV? , Caso eles não saibam, você pensa em contar para eles? Por quê? . Três participantes afirmaram o conhecimento de algum familiar sobre o seu estado sorológico, havendo tanto aceitação como reação negativa à notícia. Dentre os familiares que conheciam o diagnóstico, a mãe foi mais frequentemente mencionada, seguida do pai. Já dentre os que não o conheciam, foram mencionados irmãos e pai. Todos os parceiros conheciam o diagnóstico e o aceitavam. As participantes que revelaram o diagnóstico para algum familiar referiram melhora no relacionamento com este, especialmente mais apoio e união. Contrariamente, o desconhecimento do diagnóstico pela família dificultou o auxílio para o tratamento de saúde. A aceitação pessoal da soropositividade foi considerada condição necessária para a revelação. Esses achados permitem vislumbrar a complexidade do processo de revelação e a necessidade de acompanhamento dessas mães adolescentes pelos profissionais, para a facilitação desse processo, que, no presente estudo, trouxe ganhos em termos de apoio. Devido à importância do apoio familiar para a adolescente no enfrentamento das diversas demandas relacionadas à doença e à maternidade, faz-se necessário abordar o tema nas consultas e intervir junto às famílias neste momento crítico. A melhora nos relacionamentos após a revelação pode favorecer a adesão das adolescentes ao tratamento de saúde pessoal e do bebê, merecendo novas investigações.

FAMÍLIAS DE MÃE SOLTEIRA. *Angela Marin (Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, RS)*
Cesar Augusto Piccinini (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto aLegre, RS)

,

Palavras-chave: família; mães solteiras; desenvolvimento infantil.

Pesquisador P

FAMI - Psicologia da Família e da Comunidade

Em muitas das sociedades contemporâneas ocidentais co-existem, atualmente, diversas configurações familiares sujeitas a transformações psicológicas, sociais, políticas, econômicas e culturais. Entre essas novas configurações, as famílias uniparentais, que possuem, na maioria dos casos, a mãe como progenitor responsável, têm aumentado em proporção. Isso está ocorrendo em função tanto dos altos índices de divórcio, quanto da opção de mulheres por terem um filho/a enquanto solteiras. As famílias de mães solteiras tendem a exigir intensos recursos adaptativos, visto que aspectos relacionados à ausência do pai têm sido apontados

como importantes para o desenvolvimento familiar e, conseqüentemente, para a criança. Estudos têm indicado que o pai tem uma influência tanto direta sobre o desenvolvimento de seus filhos/as, provendo as bases para as relações sociais, quanto indireta, através do apoio dado à mãe. A presença do pai também tende a potencializar a vivência mais rica e afetiva da interação da mãe com a criança. Nesse sentido, o presente estudo visa apresentar as eventuais implicações de ser mãe solteira e como esta configuração familiar tem sido abordada pela literatura nacional e internacional. Algumas pesquisas têm mostrado que a criança pode se desenvolver sem prejuízos em lares de mães solteiras, mas em oposição a estes, parte expressiva da literatura aponta para as implicações negativas destas configurações, especialmente em relação às suas características sociodemográficas, psicológicas e sociais. Apesar da inconsistência de achados, é possível pensar que, no caso das famílias de mães solteiras, a ausência do pai pode ser compensada pela dedicação das mães ou por outros fatores como o apoio social de avós, parentes e amigos, o que pode substituir, ao menos parcialmente, o papel do pai. Assim, acredita-se que a ausência do pai não traz, necessariamente, conseqüências negativas para a maternidade e a interação familiar e expectativas a esse respeito podem ser meros preconceitos. Por fim, é importante ressaltar que a maternidade envolve uma situação subjetiva que acaba não dependendo, necessariamente, da configuração da família. Existe uma série de outros fatores familiares (atitudes e comportamentos maternos, ausência do pai), sociais (nível socioeconômico, escolaridade da mãe, rede de apoio social, prestígio profissional) e emocionais (aspectos subjetivos, estresse, depressão) que podem afetar, diferentemente, a dinâmica e o funcionamento familiar. Portanto, as necessidades das crianças podem ser supridas por uma variedade de rearranjos sociais, pois o que parece ser mais importante é que todos aqueles que contribuem para o desenvolvimento das crianças tenham recursos emocionais, sociais e materiais adequados para este fim.

PERCEPÇÃO DE GESTANTES ACERCA DA ASSISTÊNCIA PRÉ-NATAL, SEUS SENTIMENTOS E EXPECTATIVAS QUANTO AO PREPARO PARA O PARTO. *Natalia Almeida Tostes** (Universidade de Brasília, Brasília/DF); Eliane Maria Fleury Seidl (Universidade de Brasília, Brasília/DF),*

**Bolsista do CNPq.
assistência pré-natal; gestantes; preparação para o parto
M- Saúde

A gestação e o parto são experiências significativas para a maior parte das mulheres, podendo trazer consequências para o puerpério e influenciar suas concepções e vivências como mulheres, mães, companheiras. Estudos apontam que as expectativas de gestantes influenciam nas vivências relacionadas ao parto e à maternidade, destacando a necessidade atual de melhor preparação das gestantes e dos casais para esses momentos. Políticas públicas de saúde e o Programa de Humanização no Pré-natal e Nascimento no Brasil vêm destacando a forte tendência à medicalização no parto, além dos riscos que intervenções desmedidas e a primazia da tecnologia podem causar à mulher e ao bebê. Recomenda-se hoje maior foco nas relações interpessoais e na humanização da atenção pré, peri e pós-natal. Esta pesquisa teve por objetivo investigar as expectativas de mulheres primigestas sobre o parto e suas percepções acerca da assistência pré-natal oferecida em serviços da rede pública de Brasília (DF). Focalizou-se, assim, a preparação para o parto, sentimentos e expectativas das mulheres para a chegada desse momento. Trata-se de estudo descritivo com metodologia qualitativa, de caráter exploratório, feito por meio de entrevistas com gestantes em duas unidades de saúde da rede pública. Participaram 18 mulheres primigestas em acompanhamento pré-natal que estavam no terceiro trimestre de gestação. A média de idade foi de 24 anos (dp=5,5 anos),

variando de 18 a 40 anos. As entrevistas foram realizadas, após consentimento das gestantes, nas próprias unidades de saúde onde faziam o pré-natal. O tratamento dos dados foi feito com base em procedimentos da análise de conteúdo. Foram identificados 14 eixos temáticos, havendo a nomeação e a contagem da frequência de categorias para cada eixo. Como principais resultados, destacaram-se: as vivências referentes à descoberta da gestação como um susto e sua relação com a gravidez não planejada; a diversidade de dificuldades relatadas pelas participantes, advindas das vivências da gravidez; as expectativas relacionadas ao parto, em geral bastante negativas, perpetuando ideias de um momento de medo, dor e sofrimento, que pode trazer riscos para a mulher e para o bebê; os relatos de sentimentos de despreparo e falta de confiança para vivenciar os momentos de trabalho de parto e parto. Pôde-se constatar demanda por mais informações e ações educativas sobre temas da gestação, em particular o parto, bem como a necessidade de maior apoio psicoemocional às gestantes em geral percebido como insuficiente no acompanhamento pré-natal, segundo relatos das entrevistadas. São feitas sugestões para a contribuição de profissionais da psicologia nesse cenário, particularmente associadas a ações interdisciplinares da equipe de saúde ao longo de todo o pré-natal. Entende-se que, ao compreender melhor a realidade do pré-natal e do parto, pode ser possível melhorar sua qualidade tanto no âmbito das vivências das mulheres e casais gestantes, quanto no campo da saúde pública e das recomendações do Programa de Humanização do Pré-natal e Nascimento. Dessa forma, pode-se favorecer a implementação da atenção integral e humanizada no pré-natal, parto e nascimento que, ainda hoje, esbarra em dificuldades para sua consolidação.

Sessão Coordenada: **Pesquisas com o CBCL no Brasil**

O Child Behavior Check List (Inventário de comportamentos da infância e adolescência) é um instrumento utilizado internacionalmente para avaliar o comportamento de crianças e adolescentes desde a perspectiva dos pais. Tem se mostrado útil para avaliar o desenvolvimento típico e para investigar problemas de comportamento nessas faixas etárias. As publicações brasileiras já são em número significativo em periódicos nacionais e estrangeiros e essa sessão de comunicaçãos evidencia as últimas pesquisas levadas a efeito com o instrumento em várias regiões do país.
Avaliação Psicológica

PERCEPÇÃO DE PAIS E MÃES ADOTIVOS EM RELAÇÃO AOS SEUS FILHOS ADOTIVOS. *Andrea Kotzian Pereira**, Rafaele Medeiros*, Maria Lucia Tiellet Nunes (Programa de Pós-Graduação, Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS),*

A literatura brasileira sobre os pais adotivos aponta alguns fatores que não contribuem para uma adoção bem sucedida, dentre estes o despreparo, por parte destes pais, para receber e acolher seu filho adotivo. Somado a este aspecto, também existe o preconceito em relação à origem do filho adotivo, podendo isso interferir na forma como os pais adotivos percebem seu filho. Estudos científicos, sobre esta temática, são escassos e muitas conclusões são baseadas em relatos de atendimentos clínicos e de experiências pessoais. Faz-se necessário, dessa forma, averiguar se a percepção dos pais adotivos frente aos seus filhos adotivos difere da percepção dos pais biológicos diante dos seus filhos biológicos. Para tal análise, foi utilizado o instrumento Child Behavior Check-List-CBCL, que é um questionário destinado aos pais ou aos responsáveis para que respondam questões referentes aos aspectos sociais e comportamentais de seus filhos. Os itens do questionário listam uma série de comportamentos desejáveis e disruptivos e, para cada um deles, é marcada a frequência com que esses problemas ocorrem. A presente pesquisa foi realizada junto aos pais de crianças adotivas e biológicas que são atendidas em duas clínicas-escolas de Porto Alegre. Foram analisados questionários CBCL de 50 pais, sendo 25 de pais/mães adotivos e 25 de pais/mães biológicos, emparelhados por sexo e idade. A idade das crianças se encontra compreendida na faixa etária de seis a 10 anos, com a maior concentração na idade de 9 anos (28%). Os resultados indicam que não existem diferenças significativas, do ponto de vista estatístico, entre a percepção dos pais adotivos em relação aos seus filhos e a percepção dos pais biológicos frente aos seus filhos biológicos (p=0,268 para problemas internalizantes e 0,737 para problemas externalizantes). Os resultados são discutidos à luz da literatura psicanalítica na temática da adoção, dos pais adotivos e do desenvolvimento infantil. A partir dos dados obtidos, busca-se desmistificar a idéia de que os pais adotivos apresentam preconceitos em relação aos seus filhos pela condição da adoção.

CAPES/CNPq
Palavras-Chave: Adoção, Pais Adotivos, CBCL
M/IC/P
CLIN

COMPORTAMENTOS E PROBLEMAS DE SONO AVALIADOS PELO CHILD BEHAVIOR CHECKLIST (CBCL). *Renatha El Rafihi Ferreira**, (Programa de Pós-Graduação Psicologia Clinica, Instituto de Psicologia-USP), Edwiges Ferreira de Mattos Silvares (Instituto de Psicologia, USP), Maria Laura Nogueira Pires (Departamento de Psicologia Experimental e do Trabalho, Unesp-Assis), Cynthia Borges de Moura (Universidade Estadual do Oeste do Paraná) e Francisco Assumpção Jr (Instituto de Psicologia, USP).*

,
Problemas de sono são frequentes na infância, afetando cerca de 25% a 40% da população infantil. Dentre os problemas de sono, a insônia comportamental é o distúrbio de sono mais comum entre as crianças. A insônia comportamental tipicamente é observada em crianças de zero a cinco anos, embora possa persistir em idade escolar e na adolescência. Os distúrbios de sono na infância podem causar prejuízos nas crianças e em seus familiares. Estudiosos apontam que a má qualidade de sono na infância pode prejudicar a funcionalidade diurna e afetar aspectos cognitivos, comportamentais, emocionais e acadêmicos da criança. Pesquisadores apontam uma possível associação entre distúrbios de sono e problemas de comportamento. Partindo da hipótese que número considerável de crianças em idade pré-escolar apresenta problema de sono, o objetivo do presente estudo foi investigar a presença de problemas de sono em crianças pré-escolares e suas relações com problemas internalizantes e externalizantes avaliadas pelo Child Behavior Checklist (CBCL). Participaram do estudo 83 mães de crianças (58 meninos e 25 meninas) com idade entre dois e cinco anos. As mães participantes foram chamadas para uma sessão de triagem na qual assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e responderam às questões do CBCL - versão 1½ a 5 anos. Para análise de dados foram realizadas análises descritivas (proporções, médias e desvio padrão) e comparações entre grupos foram feitas com ANOVA de uma via, seguida pelo teste de comparações múltiplas de Duncan, quando apropriado. Medidas de associação entre exposição (problemas de sono) e desfecho (problemas internalizantes e externalizantes) foram feitas por meio do cálculo da razão de prevalência (RP). Os resultados demonstraram que 29% (n=24) das crianças atendiam aos critérios para Problemas de Sono (escores T igual ou maior que 65). Dentre os problemas, foi observado em alta frequência o fato da criança não querer dormir sozinha, apresentar problemas no momento de dormir, resistir ir para cama e despertar várias vezes durante a noite. O presente estudo demonstrou associação entre problemas de sono e problemas de comportamento. O cálculo da razão de prevalência demonstrou que crianças com problemas de sono tem chances 40% maiores de apresentarem problemas internalizantes (RP = 1,4; IC 95%= 1,14-1,67) e externalizantes (RP = 1,4; IC 95%=1,07-1,73) em comparação com as que não apresentam dificuldades com o sono. Este dado sugere que problemas de sono podem constituir-se como fator de risco ou mesmo agravar outros problemas de comportamento. O presente estudo demonstrou que problemas de sono são frequentes em crianças pré-escolares e que estão associados com problemas de comportamento internalizantes e externalizantes.

CNPq
Palavras-chave: Problemas de sono; Problemas Internalizantes; Problemas Externalizantes; Child Behavior Checklist (CBCL).
DR/P
CLIN

PERCEPÇÃO DE PAIS E MÃES ACERCA DE SEUS FILHOS GÊMEOS. *Elisa Bochernitsan*, Cristiane Friedrich Feil, Erika Jeckel, Maria Lucia Tiellet Nunes (Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*

,
A origem gemelar é intrigante para a ciência, que não consegue justificar a divisão de um óvulo em dois seres semelhantes. Com o avanço da medicina, no caso da reprodução assistida, a gemelaridade tem se tornado mais freqüente. Entretanto, são poucas as pesquisas que versam sobre o assunto da gemelaridade, embora exista muita procura por esse tema de importância social e carente de aprofundamentos teóricos. O nascimento de gêmeos apresenta desafios

específicos para aqueles que vivenciam esta situação - os próprios gêmeos, os pais, irmãos, amigos, entre outros. Estudos realizados com gêmeos demonstram que os pais de gêmeos normalmente despendem um trabalho com carga maior para dar conta dos filhos, assim como problemas econômicos conseqüentes. Também é salientada as dificuldades desses pais, pois quando se atende a um dos filhos, o outro pode se sentir menos valorizado. As diferenças de comportamento e temperamento de cada um dos filhos vai se tornando mais clara aos poucos, mas será através da diferenciação do pai e, principalmente da mãe, que, em geral, convive mais tempo com as crianças, que os filhos poderão também conhecer e aceitar suas diferenças e características individuais. O presente estudo tem por objetivo verificar se há diferença na percepção dos pais e mães sobre o comportamento dos filhos gêmeos, no tocante ao grupo de gêmeos assinalados pelos pais e mães como semelhantes ou diferentes. Os sujeitos foram 75 casais, pais de filhos gêmeos entre um ano e meio até 13 anos de idade, de todo o Brasil. Os instrumentos utilizados foram o CBCL 1 ½ até 5 anos e 6 a 18 anos, respondido individual e separadamente pelo pai e pela mãe, para cada um dos gêmeos. Foi calculado o T de Student para amostras independentes em relação aos comportamentos internalizantes, externalizantes e comportamento total. Os resultados não foram significativos nem para o pai nem para a mãe no comportamento externalizante (mãe, p=0,595; pai, p=0,769) e no comportamento total (mãe, p=0,339; pai, p=0,318); no tocante ao comportamento internalizante, houve diferença significativa para as resposta do pai (p=0,023), mas não para as respostas da mãe (p=1,188). A estabilidade psíquica dos gêmeos só pode acontecer quando eles conseguem transitar e afirmar suas diferenças; é possível o desenvolvimento de gêmeos com identidades próprias bem definidas e maduras. Estudos mostram como resultado que para os comportamentos internalizantes e externalizantes não há diferença significativa entre os gêmeos monozigóticos e dizigóticos do mesmo sexo, compostos tanto por duplas de meninos como de meninas, assim como para as avaliações de pais e mães.
Palavras-chave: CBCL, Gêmeos; Pais e Mães.
M/P
TEP/DES

INDICADORES DE COMPORTAMENTOS AGRESSIVOS AVALIADOS ATRAVÉS DO CBCL. *Juliane Callegaro Borsa** e Denise Ruschel Bandeira (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, UFRGS, RS, Brasil),*
O comportamento agressivo é definido como a conduta que visa a prejudicar ou causar dano físico ou psicológico a uma pessoa ou a um grupo de pessoas. Trata-se de um problema comum na relação entre crianças e adolescentes e frequentemente relatado nos consultórios e nas clínicas-escola de Psicologia. O comportamento agressivo, quando intenso e persistente, pode trazer sérias consequências ao longo do desenvolvimento, tais como problemas de interação, ansiedade, depressão e atitudes opositoras. Instrumentos padronizados têm sido comumente utilizados para avaliar os comportamentos agressivos ocorridos em crianças e adolescentes. Um dos instrumentos para essa finalidade é o Child Behavior Checklist (CBCL) - instrumento baseado nos critérios nosológicos do DSM-IV, que tem como objetivo avaliar o grau de competência social e a presença e intensidade de problemas comportamentais de crianças e adolescentes. O CBCL fornece informações sobre os problemas de comportamento comuns de crianças e adolescentes, a partir do ponto de vista dos pais ou responsáveis. Classifica os problemas de comportamento em externalizantes e internalizantes, de acordo com a frequência dos relatos ante os diferentes tipos de problemas. Os comportamentos externalizantes são avaliados a partir de duas escalas-síndrome: Comportamento Agressivo e Comportamentos Opositores. Este estudo teve por objetivo testar a associação entre a Escala de Comportamentos Agressivos do CBCL com duas outras medidas correlatas: O Questionário

de Comportamentos Agressivos e Reativos entre Pares - Q-CARP e a Escala de Agressividade para Crianças e Jovens EACJ ambas medidas de autorrelato. Participaram do estudo 727 crianças (52% meninos), de 8 a 13 anos, estudantes de 2ª a 5ª série do ensino fundamental, de escolas públicas e privadas do Rio Grande do Sul, Brasil. Participaram, também, os pais, mães e cuidadores destas crianças, os quais responderam ao CBCL. Foram realizadas análises de correlação entre a Escala de Comportamentos Agressivos do CBCL, o Questionário de Comportamentos Agressivos e Reativos entre Pares - Q-CARP e a Escala de Agressividade para Crianças e Jovens EACJ. Os resultados indicaram correlação positiva e significativa da Escala de Comportamentos Agressivos do CBCL e a Escala de Comportamento Agressivo (ECA) e Escala de Reação Agressiva (RA) do Q-CARP. Do mesmo modo, apresentou correlação positiva e significativa com a Escala de Comportamento Agressivo na Família e com a Escala de Comportamento Agressivo na Escola da EACJ. Tais achados apontam que a Escala de Comportamentos Agressivos do CBCL é uma medida sensível para avaliar a presença destes comportamentos em crianças, sendo, assim, uma medida útil para screening, tanto no contexto clínico, como no contexto de pesquisas.

CNPq
Palavras-Chave: Comportamentos Agressivos, Avaliação, CBCL, Crianças.
D/P
TEP

TRANSCORRER DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: ETAPA DE ESTUDO LONGITUDINAL QUANDO OS FILHOS CHEGAM À ADOLESCÊNCIA. *Nancy Ramacciotti de Oliveira-Monteiro (Laboratório de Psicologia Ambiental e Desenvolvimento Humano, Universidade Federal de São Paulo, Santos, SP)*

,

Com desafios teórico-metodológicos para compreensão dos fenômenos da gravidez e maternidade de adolescentes, em contextos socioambientais de vulnerabilidade por pobreza e/ou proximidade de territórios permeados por criminalidade e tráfico de entorpecentes, vem se realizando estudo psicossocial longitudinal com oito díades (mães/filhos primogênitos nascidos na adolescência), acompanhadas desde 1997. Aspectos de desenvolvimento estão sendo considerados com uso da teoria ecológica do desenvolvimento. A primeira etapa do estudo aconteceu quando os filhos das mães adolescentes tinham menos de cinco meses; etapas subsequentes ocorreram aos três anos e meio das crianças e quando estavam com 10 anos. A atual etapa do seguimento acontece aos 14 anos do nascimento das crianças. Como estudo de caráter longitudinal, o objetivo do trabalho refere-se à atualização e comparação dos dados psicossociais com os três estudos realizados anteriormente. Os objetivos específicos são avaliar aspectos pessoais e ambientais do desenvolvimento das díades, incluindo: condições de cotidiano; relações mãe/filho(os) com o pai do filho primogênito, na manutenção, construção ou reconstrução de família; trajetória escolar e profissional; condições gerais de desenvolvimento e segurança do filho primogênito, incluindo avaliações relativas a recursos de competência e de indicadores de problemas psicológicos e comportamentais; proximidade ou experiência de situações de risco, de condutas marginais, uso e dependências de drogas ilícitas, situações de exclusão. Os instrumentos utilizados foram: 1) observação de moradias e de seu entorno; 2) Critério Brasil; 3) entrevistas de discurso livre autobiográfico; 4) ASR (Adult Self-Report), YSR (Youth Self-Report) e CBCL (Child Behavior Check List). Após buscas para reencontro, as oito mães foram localizadas, e sete manifestaram interesse para continuidade na pesquisa. Para obtenção de validade ecológica no estudo, anteriormente, os encontros para levantamento dos dados ocorreram nas próprias residências, em três a quatro visitas com intervalo aproximado de uma semana entre os

encontros. O material das entrevistas foi tratado por análise qualitativa, com utilização de referências dos eixos temáticos considerados nas etapas longitudinais anteriores. Os dados do ASR, CBCL e YSR foram transcritos para o software de correção dos inventários; o programa permite a apresentação dos escores nas faixas clínica, não clínica (normal) e limítrofe, na avaliação de escalas de Competência e de Problemas psicológicos e comportamentais. Os dados das observações das moradias foram considerados para levantamento de /indicadores ambientais, de forma semelhante às etapas longitudinais anteriores do estudo. Os dados de todos os instrumentos foram tratados em parâmetros longitudinais referentes a alterações e constâncias nas diferentes etapas da sequência temporal. Os resultados indicaram tendência à manutenção e consolidação das condições apresentadas na etapa longitudinal anterior. Maiores problemas ficaram identificados em associação a ambientes de tráfico de drogas e criminalidade, e a prejuízos com as figuras paternas. A maternidade, valorizada por todas as investigadas, pode ter sido escudo protetor diante de condições maior vulnerabilidade social.
FAPESP
Palavras-chave: gravidez na adolescência; estudo longitudinal; desenvolvimento humano
P
DES

Sessão Coordenada: **Possibilidades de Prevenção e Intervenção em Violência**

São apresentados trabalhos de pesquisa em prevenção e/ou intervenção na temática da violência.
Psicologia do Desenvolvimento

Possibilidades de Prevenção e Intervenção em Violência. *Lucia Cavalcanti de Albuquerque Williams (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos-SP),*
Coordenadora da sessão.

METAPARENTAGEM: UMA NOVA POSSIBILIDADE DE AVALIAR A RELAÇÃO PAIS-FILHOS. *Sabrina Mazo D Affonseca**; Estela Manfrin*; Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP).,*
A metaparentagem consiste em um conjunto de processos internos que resultam em uma compreensão mais abrangente da parentalidade, envolvendo o pensar sobre ou o refletir a respeito das praticas parentais. Tal constructo como proposto, divide-se em quatro componentes: (1) antecipação ou considerações intencionais dos pais/mães sobre algo que ainda não aconteceu; (2) avaliação ou ato de aferição dos pais em relação à criança; (3) resolução de problemas - ato de identificar o problema e sua origem, selecionar possíveis soluções; (4)reflexãoenvolve pensar sobre quais características os pais/mães querem evitar, assegurando-se do seu comportamento. Espera-se que os pais/mães que pratiquem a metaparentagemcom freqüencia tenham menor probabilidade de se engajar em práticas parentais mal-adaptativas ou extremas, tornando esse constructo um fator importante de se avaliar para a prevenção de maus-tratos. O presente trabalho objetiva identificar se uma amostra de mães brasileiras se engaja na metaparentagem e de que maneira. Participaram do estudo, até o presente momento, 40 mulheres com pelo menos um filho de 2 a 12 anos (M=7,5). Das participantes 30% tinha o ensino médio completo e 25% pós-graduação. A maior parte das participantes (32,5%) tinha renda familiar superior a 7 salários mínimos (SM), 22,5% de 2 a 3 SMs e 20% de 4 a 5 SMs.Todas as mães responderam a versão traduzida e adaptada do Questionário de Metaparentagem. Os dados obtidos demonstraram que todas as mães praticavam a metaparentagem, sendo que, em média, as mães praticavam mais a avaliação (M=16, dp=2,4); seguido pela antecipação (M=12,3, dp=2,49); resolução de problemas (M=10,8, dp= 3,25); e reflexão(M=8,87, dp=2,8), ou seja, aparentemente as mães buscam identificar as causas dos problemas de comportamento de seus filhos, tentam realizar atividades que previnam o aparecimento dos mesmos e com frequencia menor, utilizam estratégias de resolução de problemas ou refletem a respeito do seu papel. Tais dados são semelhantes aos encontrados em uma pesquisa com mães norte-americanas e parecem indicar caminhos para a implementação de intervenções com essa população. Pesquisas futuras poderão investigar se tal configuração se mantem em amostras maiores e quais variáveis das mães (escolaridade, renda familiar, presença de problemas familiares) influenciam esse comportamento.
* Graduanda em Psicologia, UFSCar, Bolsista IC, CNPq
** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, UFSCar
Palavras-chave: mães, metaparentagem, habilidades maternas
DES

INTERVENÇÃO A MÃES COM HISTÓRICO DE AGRESSÃO FÍSICA AOS FILHOS. *Paolla Magioni Santini**; Lucia Cavalcanti de Albuquerque Williams (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos-SP),*

Crianças que sofrem maus-tratos podem apresentar vários problemas de saúde, desenvolvimento, aprendizado e de comportamento no futuro caso não recebam ajuda, e uma das maneiras de se prevenir tais problemas é por meio de programas parentais. O presente estudo tem como objetivo descrever dados sobre problemas emocionais e de comportamentos em crianças, coletados na fase pré-teste de uma intervenção a mães com histórico de agressões físicas aos filhos. As mães participantes foram selecionadas por três instituições diferentes, pertencentes à rede de proteção a criança e adolescente do município, e foram indicadas pelos profissionais em função do histórico mencionado. Após o consentimento de participação na pesquisa, 17 mães e seus filhos responderam ao Questionário de Dificuldades e Capacidades da Criança (Strenghts and Difficulties Questionnaire SDQ), o qual faz um rastreamento de problemas de saúde mental em crianças. Os itens são pontuados nas seguintes categorias: total de dificuldades, sintomas emocionais, problemas de comportamento, hiperatividade, problemas com colegas e comportamento pró-social. Os resultados do SDQ aplicados às mães indicaram o escore total de dificuldades como desenvolvimento anormal e às crianças indicaram desenvolvimento limítrofe . A queixa mais frequente das mães era em relação à hiperatividade, e das crianças era em relação aos problemas de comportamento. A queixa menos frequente, tanto das mães quanto das crianças, era em relação aos problemas com colegas. Na categoria que avalia o comportamento pró-social houve maior concordância de respostas entre as mães e os filhos, e na que avalia a hiperatividade houve menor concordância. Em geral, as respostas das mães pontuaram escores mais elevados em todas as categorias em comparação às respostas das crianças, com exceção na categoria que pontua problemas com colegas. Isso pode indicar que as crianças não se autoavaliaram com tantos problemas quanto suas mães o fizeram o que também está refletido no escore total de dificuldades. No entanto, seus filhos pontuaram escore mais elevado de problemas com colegas em comparação à pontuação nas respostas das mães. Tais dados apontam que a comunicação entre as mães e seus filhos não é efetiva, o que pode ser um dos motivos de as mães agredirem fisicamente seus filhos. Apesar de as mães acreditarem que o maior problema de seus filhos era relacionado à hiperatividade, eles não se avaliaram de tal maneira, sendo os problemas de comportamento a queixa mais presente nas respostas deles. Isso indica que as crianças respondentes devem receber, em geral, reclamações mais frequentes direcionadas aos comportamentos inadequados, e não à agitação ou falta de concentração. Na fase de intervenção, pretende-se aliar técnicas de comunicação positiva e manejo de comportamento às mães participantes por meio de sessões de observação com seus filhos, por meio de um ponto eletrônico auricular. Além disso, serão realizadas sessões individuais de orientação sobre educação positiva baseadas na abordagem cognitivo-comportamental.

Palavras-Chave: intervenção a mães, maus-tratos, mães que agridem

** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, UFSCar, bolsista FAPESP, Apoio CNPq
FAMI

AVALIAÇÃO DE PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS EM MÃES ENCARCERADAS. *Gabriela Reyes Ormeno,** (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP) Juliana Saito*, (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP) Simone Sanches Rojes, (Aprimoramento na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams*

(Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP),

De acordo com perfil traçado por relatório oficial, grande porcentagem das mulheres presas é mãe de pelo menos uma criança. No Brasil não existem muitos estudos a respeito do estilo parental de mães encarceradas, ficando tanto essas mães quanto seus filhos esquecidos, mesmo que estes últimos estejam correndo sérios riscos de se tornarem a próxima geração de encarcerados, por estarem expostos aos mesmos fatores de risco que a atual geração. O presente estudo investiga quais práticas educativas foram utilizadas por tais mães no período anterior ao encarceramento, bem como e estilo parental de suas progenitoras. Participaram deste estudo 45 mães, com filhos de até 15 anos de idade. Foi utilizado o Inventário de Estilos Parentais (IEP) que é composto por 42 questões que avaliam sete práticas educativas (monitoria positiva, comportamento moral, punição inconsistente, negligência, disciplina relaxada e monitoria negativa, e abuso físico), obtendo-se com sua análise escores de cada uma das práticas e também o índice de estilo parental geral. Valores do IEP variam de estilo parental ótimo, regular acima da média, regular abaixo da média e de risco. As participantes responderam ao instrumento em dois momentos: em relação a seus filhos e em relação a suas mães (avós das crianças). O instrumento foi aplicado de forma individual com duração aproximada de 45 minutos, em uma sala oferecida pelas próprias instituições. A coleta se deu em três locais diferentes, uma penitenciaria, uma cadeia e um centro de ressocialização. Como resultado, pode ser observado que as participantes apresentavam uma média de 28,16 anos e grau de escolaridade variando entre ensino fundamental incompleto e ensino médio completo. O estilo parental apresentado pela maioria das participantes foi o de risco, com 47% das participantes, seguido pelo estilo regular acima da média, com 35%, o estilo parental regular abaixo da média foi apresentado por 11%, enquanto que o estilo parental ótimo foi apresentado por apenas 5% das entrevistadas. Com relação às progenitoras das encarceradas, o estilo parental mais presente foi o regular acima da média, com 37% das respondentes, seguido pelo de risco, com 31%, regular abaixo da média, 18% e ótimo, com 12%. Relacionando o estilo parental com a escolaridade, temos 50% das mulheres com ensino médio incompleto, apresentando estilo parental ótimo e 50% regular acima da média. Dentre as mulheres com ensino fundamental completo, temos 20% apresentando estilo parental regular acima da média, 20% regular abaixo da média em 60% apresentando estilo parental de risco. Entre as mulheres com ensino fundamental incompleto, 44% demonstravam um estilo parental regular acima da média, enquanto que 56% apresentavam estilo de risco. A partir dos resultados, é possível observar práticas educativas de risco em ambas as gerações, o que indica a necessidade de intervenções para esta população, visando a diminuição de maus-tratos infantis e a quebra do ciclo intergeracional da violência.

Palavras-chave: Estilos parentais, mulheres encarceradas, fatores de risco.

* Graduanda em Psicologia, UFSCar, Bolsista IC, CNPq

** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, UFSCar

DES

PSICOTERAPIA BASEADA EM EVIDÊNCIAS PARA MENINOS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL.

*Jean Von Hohendorff**, Luísa Fernanda Habigzang, Silvia Helena Koller (Centro de Estudos Psicológicos CEP-Rua Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS),*

Crianças e adolescentes vítimas de violência sexual (VS) tendem a apresentar consequências psicopatológicas necessitando, assim, de intervenções psicoterápicas. O desenvolvimento e aplicação de tais intervenções devem ser subsidiados por evidências científicas acerca de seus elementos (formato, abordagem, técnicas). Ademais, é necessário que as intervenções psicoterápicas sejam avaliadas com o intuito de verificar sua efetividade. Diante disso,

objetivou-se adaptar e avaliar um modelo de psicoterapia cognitivo-comportamental (CC) para meninos vítimas de VS. O modelo de psicoterapia CC foi adaptado a partir de um modelo já existente, o qual foi avaliado para o tratamento de meninas vítimas de VS. Estudos prévios e profissionais experts também foram consultados no processo de adaptação da nova intervenção. Após a adaptação, o modelo de psicoterapia CC para meninos vítimas de VS foi avaliado com a participação de três meninos entre oito e 16 anos de idade. O delineamento utilizado foi o estudo de casos múltiplos. Os participantes foram avaliados por meio de instrumentos psicológicos para investigar sintomas de depressão, estresse, transtorno do estresse pós-traumático (TEPT), transtorno desafiador-opositivo (TOD), transtorno de conduta (TC), transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), uso/abuso de substâncias, além de atribuições e percepções relacionadas à VS antes e após a aplicação do modelo de psicoterapia CC. Foram produzidos relatos detalhados após a aplicação de cada sessão e, ao final da aplicação de todo o modelo, tais relatos foram analisados por três juízes experts a partir de seis indicadores: Aliança terapêutica, participação nas sessões, resposta às técnicas empregadas, estrutura, objetivos e tarefas de casa. Os participantes também realizaram avaliações qualitativas acerca da intervenção em sua última sessão. Os principais resultados indicaram a adesão dos participantes ao modelo de intervenção CC e redução no número de sintomas de depressão e estresse. Houve grande variabilidade quanto aos demais sintomas, sendo que fatores pessoais relacionados à VS e ao histórico de cada um dos participantes podem ter influenciado esses resultados. A avaliação da aplicação revelou a adequação do modelo adaptado quanto a dois indicadores (Aliança Terapêutica e Auto-revelação). A análise das avaliações qualitativas realizadas pelos participantes indicou a adequação da maioria das atividades. No entanto, os participantes mencionaram não ter gostado das atividades relacionadas à construção de narrativas sobre a VS sofrida. Tal resultado pode estar relacionado à dificuldade que meninos vítimas de VS tendem a ter em produzir relatos sobre as memórias traumáticas. Diante desses resultados, ajustes no modelo de psicoterapia CC para meninos vítimas de VS foram propostos.

Bolsa: CNPq Mestrado
Palavras-chave: Violência sexual contra meninos; Terapia cognitivo-comportamental; Psicologia baseada em evidências
Nível: M
Área: SMENTAL

LIDANDO COM O CHORO DO BEBÊ: POSSIBILIDADES DE PREVENÇÃO DA SÍNDROME DO BEBÊ SACUDIDO. *Nahara Rodrigues Laterza Lopes** (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP) Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, Universidade Federal de São C*

Os bebês humanos são dependentes de apoio e proteção ativas de seus cuidadores para sua própria sobrevivência, sendo crucial para seu bem-estar o desenvolvimento de um relacionamento próximo com seus pais. Este relacionamento é formado ao longo do tempo e depende tanto de características dos pais, como dos bebês. Dentre as características do bebê, destaca-se aqui seu choro. O choro é o principal meio de o bebê comunicar suas necessidades e tem efeito poderoso sobre pais e cuidadores, aumentando a frequência cardíaca e a pressão arterial dos mesmos. Literatura recente aponta para um padrão normal do choro que aumenta de frequência nas primeiras seis semanas de vida, quando começar a diminuir e se tornar mais intencional. Além disso, até os dois primeiros meses de vida, pode haver episódios de choro inconsolável, caracterizados por terem duração entre 40 minutos a 2 horas consecutivas, ocorrerem no final da tarde ou começo da noite e serem muito difíceis de acalmar. Este padrão foi observado em diversas culturas, estando relacionado com a ocorrência da Síndrome

do Bebê Sacudido (SBS). A SBS é uma forma de violência física que consiste em sacudir violentamente um bebê, usualmente em resposta ao seu choro inconsolável. Sacudir um bebê pode acarretar em consequências gravíssimas para o desenvolvimento infantil, podendo levar até à morte da criança. Neste sentido, é importante reconhecer as estratégias que pais brasileiros têm utilizado para lidar com o choro de seus filhos, de modo a subsidiar futuras ações de prevenção de casos da Síndrome do Bebê Sacudido e outras formas de maus-tratos infantis. Este estudo é parte da dissertação de Mestrado da primeira autora, que tem como objetivo avaliar se o vídeo informativo Respondendo ao Choro do Bebê é capaz de mudar o conhecimento relacionado a esta forma de maus-tratos e auxiliar em sua prevenção. Participaram do estudo 90 pais de recém-nascidos que estavam na maternidade por ocasião do nascimento dos filhos. Os participantes responderam um questionário sobre o Choro do Bebê, que contém questões sobre crenças à respeito das causas do choro do bebê, bem como sobre estratégias que os cuidadores utilizam para lidar com ele. Após análises estatísticas observou-se que as estratégias mais utilizadas foram trocar a fralda do bebê (100%), trazer o bebê para perto do corpo (100%), consultar o pediatra ou outro profissional de saúde (100%), sendo estas estratégias consideradas adequadas para lidar de forma saudável com o bebê. Destaca-se que 38,5% dos participantes sacudiriam o bebê para tentar acalmá-lo, evidenciando a necessidade de intervenções que ensinem outras estratégias mais adequadas para lidar com o choro em um momento de estresse. Apesar de adequada, a estratégia colocar o bebê em um lugar mais escuro foi pouco utilizada (18,5%), apontando para possibilidades de intervenção com os pais. Os resultados deste estudo mostram que pais brasileiros têm utilizado estratégias adequadas para lidar com o choro do bebê, porém apontam também para a necessidade de intervenções breves que informem os riscos de sacudir o bebê e previnam a ocorrência dos maus-tratos infantis.

CNPq

Maus-Tratos Infantis, Prevenção, Síndrome do Bebê Sacudido

M

DES

Sessão Coordenada: **PREVENÇÃO E AVALIAÇÃO DA SAÚDE MENTAL NA ADOLESCÊNCIA**

Compreender os problemas vivenciados pelos adolescentes é um desafio para os profissionais de saúde mental. Muitos dos esforços empregados no tratamento da dependência química favoreceram diretamente apenas os adultos envolvidos, seja o usuário ou seu conjuge, ao passo que, em um contexto preventivo, o núcleo de filhos de usuários vem sendo, de certo modo, protelado. Os esforços dirigidos a esta população vem se modificando na literatura internacional, porém no Brasil, esta realidade ainda é presente, ficando evidente ao se observar a escassez de referências sobre o tema. O presente estudo pretende elucidar alternativas de prevenção e avaliação da saúde mental na adolescência, através da apresentação de dados referentes à organização de serviços para crianças e adolescentes em situações de risco, apresentação de um instrumento de avaliação de comportamentos de adolescentes (Inventário de Autoavaliação para Adolescentes - YSR), validado para a população brasileira e aplicado na amostra de adolescentes assistidos pelo CUIDA (Centro Utilitário de Intervenção e Apoio a Filhos de Dependentes Químicos) e o impacto da dependência química nos núcleos familiares. Esse trabalho pretende somar com os achados da literatura nacional sobre o tema, norteando estratégias de prevenção e promoção de saúde direcionadas a familiares e filhos de dependentes químicos. Além disso, considerando a escassez de políticas públicas e financiamentos direcionados para prevenção no Brasil, esta sessão coordenada pretende apontar a importância da prevenção e a necessidade de investimento em serviços e políticas públicas desta ordem.

Saúde Mental

ADOLESCENTES QUE CONVIVEM COM A DEPENDÊNCIA QUÍMICA: AVALIAÇÃO DE UM SERVIÇO DE PREVENÇÃO. *Thaís dos Reis Vilela**, Rebeca Souza e Silva, Marina Monzani da Rocha, Neliana Buzi Figlie (Departamento de Psiquiatria e Psicologia Médica, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP) ,*

As investigações das últimas três décadas têm demonstrado que a exposição ambiental de crianças e adolescentes ao uso de álcool ou drogas pelos pais está associada a vários resultados negativos em seu desenvolvimento. O objetivo deste estudo foi investigar a efetividade de um modelo de intervenção preventiva com adolescentes que convivem com a dependência química em suas famílias. A amostra do estudo foi composta por um Grupo Intervenção (GI), no qual foram alocados 67 adolescentes, com idade entre 12 e 17 anos, assistidos em um serviço de prevenção localizado no Bairro Jardim Ângela, periferia da cidade de São Paulo entre 2001 e 2008. O Grupo Controle (GC) foi composto por 35 adolescentes participantes de Centros de Juventude da região. Os grupos foram pareados por sexo, idade e tipo de substância consumida pelo dependente químico. Os dados foram coletados por meio de um protocolo contendo questões sobre dados sociodemográficos e o Inventário de Autoavaliação para Adolescentes de 11 a 18 anos (YSR). Realizou-se a análise descritiva dos dados e, para a verificação de presença de associações estatísticas significativas (p≤0,05), o teste X2 de Pearson foi utilizado. Para a análise múltipla, utilizou-se a regressão logística. Da amostra pesquisada 57% é do sexo masculino e 43% do sexo feminino. A idade média é 14 anos (dp=1,70). De acordo com o Critério de Classificação Econômica Brasil, (CCEB) 20,6% pertence à classe D, 66,7% à classe C e 12,7% à classe B2. A maioria dos pais são casados ou amasiados (51%) e 71,6% das mães e 81,3% dos pais estão no mercado de trabalho. Em 66,7% dos casos, o dependente químico é parente em primeiro grau e em 33,3% parentes em segundo grau. A substância mais consumida é o álcool (58,8%) enquanto que 41,2% consome substâncias ilícitas. Os resultados apontam que o GI é mais protegido de presenciar agressões físicas entre familiares (p=0,014) e tem mais chances do membro dependente químico já ter passado por algum tratamento anteriormente (p=0,021). Apesar do

GI ser o grupo mais vulnerável no fator socioecônomico, ainda assim é o grupo mais protegido, ou seja com a menor proporção de adolescentes com escores clínicos no YSR (p=0,009). Esse trabalho pretende somar com os achados da literatura nacional sobre o tema, norteando estratégias de prevenção e promoção de saúde direcionadas a familiares e filhos de dependentes químicos. Além disso, considerando a escassez de políticas públicas e financiamentos direcionados para prevenção no Brasil, este estudo aponta a efetividade de um serviço de prevenção e sustenta a necessidade e importância de investimento em serviços e políticas públicas desta ordem.

ORGANIZAÇÃO DE SERVIÇOS PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÕES DE RISCO: FAMÍLIA, PERIFERIA E USO DE SUBSTÂNCIA. *Neliana Buzi Figlie (Departamento de Psiquiatria e Psicologia Médica, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP),*

A convivência com um dependente químico traz diversos prejuízos sendo grande fator de risco para criança/adolescente que pertence à essa família. Evidências apontam que os filhos de alcoolistas apresentam-se em desvantagem quando comparados com filhos de não alcoolistas, e costumam apresentar maior predomínio de problemas, tais como: déficit cognitivo, baixa autoestima, dificuldades acadêmicas, problemas de comportamento, dificuldades emocionais e de relacionamento. Além disso, podem apresentar algumas características psicológicas que têm sido citadas como precursoras no desenvolvimento do alcoolismo e de distúrbios psicológicos, que são: insegurança, baixa autoestima, impulsividade, agressividade, baixa tolerância às frustrações, transtorno de conduta. O objetivo desse trabalho é discutir um modelo de organização de serviços preventivos em saúde mental para crianças e adolescentes em condições de vulnerabilidade social e familiar, bem como discutir a urgente necessidade de implementar serviços de saúde mental comunitários, especializados no atendimento a crianças e adolescentes, principalmente em regiões carentes, bem como na periferia das grandes cidades. Na periferia de São Paulo, em um dos bairros mais violentos da cidade, foi criado o serviço CUIDA (Centro Utilitário de Intervenção e Apoio a Filhos de Dependentes Químicos). O CUIDA manteve suas atividades por dez anos e assistiu 1109 crianças e adolescentes (não incluindo o atendimento de familiares). Da experiência do serviço, foram realizados estudos sobre esta população, como perfil, aderência, risco de distúrbios em saúde mental tanto na população assistida quanto nos pais e cuidadores. A proposta de tratamento tinha a duração de um ano, focada na prevenção do uso de substâncias e de transtornos na área de saúde mental, com avaliação constante dos fatores de risco de modo a reduzir danos e favorecer os fatores de proteção, pautada na resolução de problemas dentro do referencial da Terapia Cognitiva e Entrevista Motivacional. Por fim, é considerada que as intervenções preventivas são economicamente benéficas quando a condição a ser prevenida é prevalente; quando a condição ou doença tem um custo elevado; quando as intervenções preventivas são consideradas efetivas; e quando os custos das intervenções são baixos. O que podemos perceber é que as intervenções preventivas relacionadas ao uso de álcool, tabaco e outras drogas preenchem, para não dizer todas, várias dessas condições. Além disso, os valores investidos na prevenção ao uso de substâncias retornam à sociedade, como diminuição dos agravos de saúde e custo social relacionado.

INVENTÁRIO DE AUTOAVALIAÇÃO PARA ADOLESCENTES: OBTENÇÃO DE NORMAS PARA A POPULAÇÃO BRASILEIRA.. *Marina Monzani da Rocha (Consultório Particular, São Paulo, SP) e Edwiges Ferreira de Mattos Silvares (Universidade de São Paulo, São Paulo, SP).*

,

Compreender os problemas vivenciados pelos jovens é um desafio para os profissionais de saúde mental. O Inventário de Autoavaliação para Adolescentes (YSR) é um instrumento de autorrelato desenvolvido nos Estados Unidos e traduzido para diversos outros idiomas,

respondido por adolescentes de 11 a 18 anos para que estes fornecem informações sobre seus comportamentos. Diversos estudos de validação e normatização do YSR têm sido realizados em diferentes países. Dentre esses estudos, merecem destaque os esforços empreendidos para realizar comparações multiculturais, através dos quais foi possível verificar que os escores obtidos por jovens de diferentes sociedades nas escalas do YSR são bastante parecidos. Apesar de parecidos, os valores médios obtidos nas escalas do YSR em algumas sociedades foram substancialmente mais altos ou mais baixos que a média estabelecida para as outras sociedades, de maneira que um conjunto de normas multiculturais pôde ser estabelecido: Grupo 1 (aquelas que ficaram mais que um desvio padrão abaixo da média geral), Grupo 2 (aquelas que ficaram dentro da faixa de um desvio padrão abaixo ou acima da média geral) e Grupo 3 (aquelas que o escore médio do total de problemas de comportamento ficou pelo menos um desvio padrão acima da média geral). Mais recentemente, um estudo nacional evidenciou a validade do YSR para a população brasileira. Dando continuidade a estes esforços, o objetivo do presente trabalho é comparar os resultados obtidos pelos jovens brasileiros na resposta ao YSR, com os dos adolescentes das demais sociedades onde o YSR já foi validado, de maneira que normas adequadas para nossa população possam ser identificadas. Um total de 2836 adolescentes não-encaminhados para serviços de saúde mental, 1315 meninos e 1521 meninas, com idades entre 11 e 18 anos, provenientes de quatro das cinco regiões brasileiras, preencheram o inventário. Tal comparação foi feita separadamente em cada um dos sexos. Os escores médios obtidos pelos adolescentes do sexo masculino (Média = 46,8; DP = 21,9) e feminino (Media = 50,8; DP = 22,8) na escala Total de Problemas Emocionais/Comportamentais, que engloba todos os itens de problemas do instrumento, foram muito semelhante ao do Grupo 3 das normas multiculturais. O fato dos adolescentes brasileiros responderem ao YSR de maneira semelhantes aos adolescentes das sociedades que compõe o Grupo 3 não implica necessariamente que eles apresentem mais problemas que aqueles pertencentes aos Grupos 1 e 2. Escores mais elevados podem refletir uma maior facilidade de expor suas fraquezas e falar sobre problemas, ou um baixo índice de encaminhamento para serviços de saúde mental, em função da ausência de recursos, tanto por parte da família, quanto por parte da comunidade, para que o encaminhamento pudesse ser efetivado. Dessa maneira, os resultados obtidos indicam parâmetros mais precisos para que possamos usar o YSR na avaliação dos adolescentes brasileiros, facilitando, assim, a compreensão dos problemas vivenciados por nossos jovens.

O IMPACTO DA DEPENDÊNCIA QUÍMICA NOS NÚCLEOS FAMILIARES: FILHOS, PAIS E CUIDADORAS.

Roberta Payá, Neliana Buzi Figlie (Departamento de Psiquiatria e Psicologia Médica, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP)

,

A população de filhos de dependentes químicos representa um importante público-alvo de prevenção seletiva. Investigar os fatores de risco e de proteção envolvidos no ambiente familiar e no desenvolvimento de crianças e adolescentes inseridos em contexto de vulnerabilidade social e familiar é fortemente recomendado. No entanto, dados de pesquisa refletem em maior número estudos internacionais, caracterizando um cenário nacional limitado. Este estudo investigou fatores de risco presentes nos núcleos familiares que convivem com a dependência química, com ênfase dada no núcleo de filhos, participantes do serviço de prevenção seletiva para filhos de dependentes químicos e da pediatria do posto de saúde, ambos localizados na periferia de São Paulo. Trata-se de um estudo de caso controle com uma amostra de conveniência pareada por sexo e idade. Foram entrevistados 305 participantes, sendo 133 famílias com pai dependente de álcool (44%), 50 famílias com pai dependente de cocaína/crack/maconha (16%) e 122 famílias do grupo controle (40%). Na

análise estatística foram utilizados os testes Qui-Quadrado, exato de Fisher, para variáveis categóricas; Análise de Variância para média das idades e comparações dos escores da resiliência familiar; teste t de Student para a comparação de médias entre os grupos; e regressão logística para associação dos fatores de riscos e de proteção. Foi aplicada às cuidadoras uma entrevista estruturada com dados demográficos, CBCL (Child Behavior Checklist), Estressores Psicossociais da Família segundo CID-10 (Classificação Internacional de Doenças) e FIRA-G - Índice Familiar de Regeneração e Adaptação Geral. Os resultados apontaram que filhos de dependentes de substâncias ilícitas demonstram maior comprometimento em problemas de comportamento, retraimento, queixas somáticas, problemas de contato social, problemas de pensamento, comportamento delinquente, e total de problemas de comportamento. O grupo álcool tende a desenvolver problemas como ansiedade e depressão, problemas de atenção, internalizing e, por último, comportamento agressivo. A faixa etária de 4 a 8 anos apresenta maior vulnerabilidade quando comparada com as restantes para aspectos de comportamento, agressividade e delinqüência. A faixa etária de 9 a 12 anos apresenta maior vulnerabilidade para depressão e ansiedade e a de 13 a 18 anos, para comportamento sexual. Entre os fatores de risco mais recorrentes, tensões familiares, condições psiquiátricas da cuidadora, morte e doenças crônicas na família, agressões entre familiares e envolvimento policial do pai revelaram ter relação direta com o aumento da vulnerabilidade dos filhos, pois quanto mais fatores de risco presentes, maior a probabilidade de risco para desenvolver problemas de comportamento e conduta. Os dados deste estudo sugerem que intervenções preventivas são fundamentais para a saúde mental de filhos de pais usuários de substâncias lícitas e ilícitas, uma vez que a dependência química paterna apresenta ser um fator de risco significativo para o desenvolvimento de problemas de saúde mental e quanto mais nova for a criança maior a vulnerabilidade para o desenvolvimento de algum comportamento de risco. O ambiente familiar inserido no contexto de abuso de substâncias ilícitas provoca maior vulnerabilidade para crianças e adolescentes do que um ambiente que apresente dependência do álcool.

Sessão Coordenada: **Procedimentos em Análise do Comportamento: Educação e Saúde.**

A Análise do Comportamento Aplicada a diferentes contextos tem sido um excelente recurso na melhoria da qualidade de vida de diversas populações. A presente sessão coordenada apresenta trabalhos que tem o objetivo de contribuir na aplicação dos conceitos e procedimentos da Análise do Comportamento. No primeiro trabalho a ser apresentado, os princípios básicos da Análise do comportamento foram ensinados a professores do Ensino Fundamental de uma escola da rede municipal de educação através de um software desenvolvido para sua capacitação. O segundo trabalho levanta uma preocupação crescente apresentada por analistas do comportamento em atuar em contextos mais complexos a partir da compreensão do conceito de cultura, a fim de aumentar suas possibilidades de intervenção na redução de problemas sociais a partir do estudo da formação de professores e da Educação como um sistema complexo, formado por diferentes agentes e determinado dentro dessa complexidade de relações e, portanto, só entendendo as contingências em um âmbito mais global é que será possível programar intervenções mais eficazes. O terceiro trabalho apresentado trata de uma revisão conceitual sobre o procedimento de Reforço Diferencial de Comportamentos Alternativos (DRA), um procedimento que tem sido utilizado com sucesso no tratamento de problemas comportamentais em populações humanas distintas, mas, em especial, aquelas que apresentam alta frequência na emissão de comportamentos inadequados que trazem prejuízos para quem os emite ou para outros. Este trabalho teve como objetivo realizar uma revisão conceitual apresentando algumas das principais definições acerca do procedimento, bem como seu alcance em relação à área de intervenção, suas diferenças em relação a outros procedimentos (NCR, DRO, DRI, DRL e Extinção), tipo de comportamento estudado e limitações. Por fim, o quarto e último trabalho relata um estudo que considera os dois parâmetros necessários para programação de implantes cocleares, que são medidas de limiar e máximo conforto elétrico para a estimulação gerada em cada eletrodo implantado. Na prática clínica a obtenção destas medidas depende crucialmente das habilidades orais dos implantados e, entre crianças com deficiência auditiva neurosenssorial pré-lingual a obtenção destas medidas com precisão torna-se bastante comprometida, pois a capacidade de fala pode encontrar-se seriamente limitada. O trabalho apresenta um procedimento para delimitação de medidas de limiar e máximo conforto com base no controle de estímulos. Concluindo, espera-se que a sessão possa ser um momento de reflexão e estudo sobre as possibilidade de aplicação da Análise do Comportamento em Saúde e Educação.
Análise Experimental do Comportamento

ENSINANDO ANÁLISE FUNCIONAL E REFORÇO DIFERENCIAL DE COMPORTAMENTOS ALTERNATIVOS (DRA): CAPACITAÇÃO DE PROFESSORES POR MEIO DE PROGRAMA INFORMATIZADO. *Silvia Aparecida Fornazari, Nádia Kienen, Edmárcia Manfredin Vila, Patrícia Belgamo Rossetto*, Mariana Rodrigues Proença*, Franciane de Oliveira Nantes* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, Universidade Estadual de Londrina, Londrina PR, Brasil).,*

ENSINANDO ANÁLISE FUNCIONAL E REFORÇO DIFERENCIAL DE COMPORTAMENTOS ALTERNATIVOS (DRA): CAPACITAÇÃO DE PROFESSORES POR MEIO DE PROGRAMA INFORMATIZADO. Silvia Aparecida Fornazari, Nádia Kienen, Edmárcia Manfredin Vila, Patrícia Belgamo Rossetto*, Mariana Rodrigues Proença*, Franciane de Oliveira Nantes* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, Universidade Estadual de Londrina, Londrina PR, Brasil).

Os princípios básicos da Análise do comportamento estão sendo ensinados a professores do Ensino Fundamental de uma escola da rede municipal de educação através de um software desenvolvido para sua capacitação. A importância está no fato de que esses conceitos podem ser aplicados diretamente às situações de ensino como, por exemplo, o comportamento do

aluno em relação ao professor, às suas técnicas de ensino e às contingências de reforço em sala de aula. Este trabalho tem como objetivo ensinar esses princípios básicos e assim, capacitar os professores por meio de um programa informatizado, para que possam intervir com os alunos ao utilizar o procedimento de reforço diferencial de comportamentos alternativos (DRA). Os materiais utilizados são: Software ENSINO , que se divide em 3 etapas: (1) conceitos básicos da Análise do Comportamento; (2) análise funcional e capacitação no procedimento de reforço diferencial de comportamentos alternativos (DRA); e (3) capacitação em habilidades sociais. Cada etapa é composta por fases de treino e de teste, sendo que na fase de teste são necessários 100% de acerto para que o participante possa avançar para o próximo conceito. Participaram da capacitação 5 professoras da escola, das quais 1 leciona em classe especial e a diretora; sendo que os encontros ocorrem na própria rede de ensino na qual as professoras atuam. Foram realizadas avaliações pré e pós-intervenção por meio de um protocolo para levantamento de repertório em Análise do Comportamento, o Inventário de Habilidades Sociais (IHS) e entrevistas para o relato das dificuldades encontradas em sala de aula e as soluções por elas empregadas. Enquanto resultados, considerando o software, a etapa que as professoras apresentaram maior dificuldade e maior número de repetições da capacitação para o alcance do critério para mudança de categoria foi a Etapa 2, apresentando uma média de 2,6 repetições por conceito. Com relação ao protocolo foi possível observar resultados positivos, com melhoras no desempenho de 83,3% das participantes. As professoras acertaram em média 6,5% questões a mais após a capacitação. Apenas uma das participantes teve queda no número de acertos em 30%. Todos as outras professoras tiveram aumentos no número de acertos entre 3% à 29%. No IHS foi constatado um aumento de 4,6% na média do número de acertos, considerando as avaliações pré e pós-intervenção. Com esse trabalho visa-se o desenvolvimento de um instrumento informatizado, que possibilite uma capacitação de professores, e que seja de baixo custo e alto benefício aos envolvidos. Para futuras pesquisas, populações e conteúdos diferenciados podem ser trabalhados a fim de averiguar a efetividade do software para novos e diferentes contextos.

Apoio financeiro: Fundação Araucária / Bolsa IC: Universidade Estadual de Londrina e Fundação Araucária

Palavras-chave: Educação; Capacitação de professores; Instrumento informatizado para capacitação.

Pesquisador P

AEC

ELEMENTOS DE ANÁLISE NA PROGRAMAÇÃO DE INTERVENÇÃO CULTURAL.. *Cassiana Stersa Versoza**, Verônica Bender Haydu, Silvia Aparecida Fornazari (Mestrado em Análise do Comportamento, Universidade Estadual de Londrina, Londrina PR),*

ELEMENTOS DE ANÁLISE NA PROGRAMAÇÃO DE INTERVENÇÃO CULTURAL. Cassiana Stersa Versoza**, Verônica Bender Haydu, Silvia Aparecida Fornazari (Mestrado em Análise do Comportamento, Universidade Estadual de Londrina, Londrina PR)

Há uma preocupação crescente apresentada por analistas do comportamento em atuar em contextos mais complexos a partir da compreensão do conceito de cultura, a fim de aumentar suas possibilidades de intervenção na redução de problemas sociais. Para esse tipo de análise e intervenção tem sido utilizados conceitos como metancontingência e macrocontingência, que permitem a análise de relações as quais tem como consequência produtos culturais. Esses conceitos têm colaborado com pesquisas que visam produzir predições e intervenções mais eficazes de analistas do comportamento, diante de questões sociais. Inclui-se, portanto, nessas possibilidades de intervenção, além das contingências de reforçamento, as metacontingências, as macrocontingências e as contingências não selecionadoras. Para um procedimento de

pesquisa ou intervenção ser caracterizado como um dos tipos de intervenção citados, ele deve seguir os critérios que caracterizam cada um. Elementos de análise de procedimentos para intervenção foram descritos a fim de auxiliar na análise de intervenções já realizadas e na programação de novas intervenções. Esses elementos são: produtos comportamentais, consequências funcionais, número de participantes, variedade de comportamentos e locus de mudança. Todos esses elementos devem ser análisados para que se possa garantir que uma dada intervenção seja no nível cultural ou comportamental. Atualmente, discute-se a necessidade de olhar para a formação de professores e para a Educação como um sistema complexo, formado por diferentes agentes e determinado dentro dessa complexidade de relações e, portanto, só entendendo as contingências em um âmbito mais global é que será possível programar intervenções mais eficazes. Nessa perspectiva, esse trabalho teve como objetivo analisar os artigos de estudos empíricos publicados no JABA entre 2000 e 2011 sobre formação de professores para diferenciar aqueles que se caracterizam como intervenções comportamentais dos que são de cunho cultural, a partir dos elementos de análise. Os artigos foram classificadas quanto ao tipo de intervenção realizado. Foram selecionados todos os artigos que tinham como uma das palavras chave a palavra teacher training (treinamento de professores) e que haviam sido publicados dentro do período delimitado. Dos sete artigos localizados e analisados, apenas um tinha como foco explícito de interesse da pesquisa um produto cultural através da intervenção em uma macrocontingência. As demais intervenções ocorreram no nível comportamental, sendo o foco o próprio indivíduo. Esses dados apontam para a necessidade de os analistas do comportamento ampliarem o foco de análise de suas intervenções a fim de contribuírem mais eficazmente na solução de problemas sociais, pois, apesar de os analistas do comportamento enfatizarem a importância da Educação e da formação de professores, os estudos publicados no JABA, no período da revisão feita para o presente estudo, revelam que os procedimentos e programas de intervenção descritos focalizaram as contingências comportamentais. Espera-se com esse trabalho, divulgar os elementos que definem cada tipo de intervenção a fim de auxiliar que pesquisas que se proponham a intervir em um problema social programem seus procedimentos corretamente para atuar no nível cultural.

Bolsista Capes
Palavras-chave: formação de professores; análise do comportamento e cultura; intervenção cultural.
Mestrado - M
AEC

REVISÃO CONCEITUAL DOS PROCEDIMENTOS DE REFORÇO DIFERENCIAL DE COMPORTAMENTOS ALTERNATIVOS. *Everton Vieira Martins** (Faculdade Guairacá, Guarapuava, PR; Programa de Mestrado em Análise do Comportamento, Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR), Silvia Aparecida Fornazari, Victor Hugo Bassetto** (Programa de Mestrado em Análise do Comportamento, Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR),*

REVISÃO CONCEITUAL DOS PROCEDIMENTOS DE REFORÇO DIFERENCIAL DE COMPORTAMENTOS ALTERNATIVOS. Everton Vieira Martins** (Faculdade Guairacá, Guarapuava, PR; Programa de Mestrado em Análise do Comportamento, Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR), Silvia Aparecida Fornazari, Victor Hugo Bassetto** (Programa de Mestrado em Análise do Comportamento, Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR).

O Reforço Diferencial de Comportamentos Alternativos (DRA) pode ser definido como um procedimento no qual o reforço é liberado após uma ou mais ocorrências de um determinado comportamento, que seja ensinado, e que não necessariamente seja incompatível com o comportamento indesejado. Este procedimento tem sido utilizado com sucesso no tratamento de problemas comportamentais em populações humanas distintas, mas, em especial, aquelas que apresentam alta frequência na emissão de comportamentos inadequados que trazem prejuízos para quem os emite ou para outros. Entretanto, há diferentes entendimentos em relação a alguns pontos do procedimento de DRA e sua aplicação. Este trabalho teve como objetivo realizar uma revisão conceitual apresentando algumas das principais definições acerca do procedimento, bem como seu alcance em relação à área de intervenção, suas diferenças em relação a outros procedimentos (NCR, DRO, DRI, DRL e Extinção), tipo de comportamento estudado e limitações. Para isto foi realizada uma busca por artigos que continham a palavra chave DRA no Journal of Applied Behavior Analysis (JABA) nos 10 últimos anos. Inicialmente foi apresentado o conceito de reforço diferencial e as principais estratégias de controle de contingências utilizadas na pesquisa aplicada e em seguida foram apresentados os diferentes entendimentos quanto à definição e o uso do termo. Por fim, tem-se que, para a aplicação bem sucedida do procedimento, faz-se necessário considerar o efeito de diferentes variáveis tais como: o uso ou não da extinção em sua aplicação, o efeito da história prévia do participante e o efeito de diferentes esquemas de reforço no comportamento desejado. Além destes, outros autores ainda consideram fatores como: a saciação de reforçadores, o tempo de permanência do reforçador, a qualidade do reforçador e o atraso do reforço. Observou-se que estas pesquisas acontecem em populações diversas e em várias áreas de estudo, mas, em sua grande maioria, estão preocupadas com as diferentes utilizações de reforço diferencial e suas aplicações nos contextos de educação, saúde e clínica. As pesquisas em geral são realizadas com crianças com desenvolvimento típico e atípico, adolescentes, portadores de transtorno mental e não humanos. Os comportamentos de interesse que as pesquisas tratam compreendem desde obediência, fobias, aceitação alimentar, repertório verbal e problemas do sono. Espera-se que este trabalho possibilite esclarecer as diferenças entre os procedimentos de controle, o uso ou não da extinção no reforço diferencial, o efeito da história prévia e o efeito de diferentes esquemas de reforço nas diversas populações. Desta forma, novas possibilidades de pesquisa e de intervenções comportamentais aplicadas podem se tornar possíveis com a utilização da análise funcional e o uso de diferentes arranjos de contingências.

Palavras-chave: DRA, revisão de literatura, reforço diferencial, procedimentos de controle.
Nível do Trabalho: Mestrado M
AEC

PROCEDIMENTOS OPERANTES PARA AVALIAÇÃO DE CRIANÇAS COM SURDEZ: MAPEAMENTO EM USUÁRIOS DE IMPLANTE COCLEAR PRÉ-LINGUAIS.. *Wagner Rogério da Silva (Faculdade Dom Bosco, Cornélio Procópio, PR, Hospital de Reabilitação de Anomalias Crânio-Faciais, Universidade de São Paulo, Bauru, SP, Brasil); Maria Cecília Bevlacqua (Hospital de Reabilitação de Anomalias Crânio-Faciais, Universidade de São Paulo, Bauru, SP, Brasil); Deisy das Graças de Souza (Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil),*

PROCEDIMENTOS OPERANTES PARA AVALIAÇÃO DE CRIANÇAS COM SURDEZ: MAPEAMENTO EM USUÁRIOS DE IMPLANTE COCLEAR PRÉ-LINGUAIS. Wagner Rogério da Silva (Faculdade Dom Bosco, Cornélio Procópio, PR, Hospital de Reabilitação de Anomalias Crânio-Faciais, Universidade de São Paulo, Bauru, SP, Brasil); Maria Cecília Bevlacqua (Hospital de Reabilitação de Anomalias Crânio-Faciais, Universidade de São Paulo, Bauru, SP, Brasil); Deisy das Graças de Souza (Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil).

Dois parâmetros necessários para programação de implantes cocleares são medidas de limiar e máximo conforto elétrico para a estimulação gerada em cada eletrodo implantado. Na prática clínica a obtenção destas medidas depende crucialmente das habilidades orais dos implantados. Entre crianças com deficiência auditiva neurosenssorial pré-lingual a obtenção destas medidas com precisão torna-se bastante comprometida, pois a capacidade de fala pode encontrar-se seriamente limitada. Respostas à estimulação elétrica de diferentes áreas do sistema fisiológico da audição têm sido utilizadas como procedimento alternativo para se estimar medidas, principalmente de máximo conforto auditivo com crianças pré-linguais implantadas. A literatura da área de implante coclear sugere que as medidas eletrofisiológicas carecem de consistência na correlação com a sensação auditiva produzida pela estimulação gerada com o implante. Um estudo realizado por da Silva (2005) avaliou a possibilidade de um procedimento operante produzir medidas de máximo conforto auditivo. Participaram do estudo sete crianças com deficiência auditiva neurosenssorial pré-lingual submetidas a implante coclear, com idades entre 5 e 7 anos e foi utilizado um eletrodo. Para avaliar máximo conforto foi empregado um procedimento operante para ensinar que uma resposta motora (não oral) interrompia o estímulo elétrico e, posteriormente, com esta linha de base, foi realizada uma variação ascendente na quantidade de corrente elétrica aplicada ao estímulo para verificar se a resposta aprendida seria utilizada. Os resultados mostram que a maioria dos participantes apresentou dificuldade em aprender a função da resposta e sugeriram a necessidade de revisão e modificação do procedimento. Para isso, foi realizado o presente estudo do qual participaram crianças menores (abaixo de 5 anos) e mais de um eletrodo. As alterações foram inspiradas em procedimentos operantes de esquemas concorrentes e procedimentos que fazem uso de estímulos compostos como antecedentes em operantes discriminados. Assim o procedimento aplicado buscou estabelecer via consequência reforçadora duas possibilidades de desempenho simultâneas durante a estimulação elétrica aplicada com quantidade de corrente confortável: uma resposta motora que produza consequência reforçadora sem interrupção do estímulo e sirva para manter a elevação na quantidade de corrente; e outra resposta motora que também seja seguida de consequência reforçadora, mas interrompa a estimulação elétrica e leve à redução na quantidade de corrente. Tendo estas duas respostas como linha de base, o uso da resposta que interrompe a estimulação elétrica foi avaliado quando a elevação na quantidade de corrente aplicada tornar o estimulo desconfortável. Os resultados foram positivos, consistentes e mostraram a aplicabilidade de procedimentos operantes na regulagem de implantes cocleares de crianças com surdez pré-lingual e também para evidenciar a utilidade e eficiência de tecnologia operante na resolução de problemas aplicados em ambiente hospitalar.

Apoio financeiro: O trabalho foi realizado com apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) na forma de bolsa de Pós-doutorado para o primeiro autor (Processo: 150742/2009-6).

Palavras-chave: Controle de estímulos, esquemas concorrentes, implante coclear.

Pesquisador P

AEC

Sessão Coordenada: **PROCESSOS COGNITIVOS E CONHECIMENTOS RELACIONADOS À APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA**

Nos últimos 30 anos, estudos na área da Psicologia Cognitiva têm contribuído para a construção de modelos que procuram identificar e explicar a contribuição das diversas habilidades cognitivas envolvidas na aprendizagem da leitura e escrita. Os modelos do processamento fonológico têm enfatizado a consciência fonológica, particularmente no que se refere às habilidades de discriminar, segmentar, manipular e aglutinar os fonemas, assim como os processos de codificação fonológica, que se referem às habilidades de armazenar, recuperar e manipular informação fonológica na memória de trabalho, demandando também a participação da memória de longo prazo. Outro fator que tem se mostrado significativamente relacionado ao desempenho na aprendizagem da leitura e escrita diz respeito ao conhecimento do nome das letras, o qual envolve também aspectos relacionados ao processamento fonológico, porém os extrapola na medida em que demanda também habilidades relacionadas ao processamento visual, tais como: discriminação, memorização e extensão visuo-atencional. Dessa maneira, a presente sessão coordenada visa a apresentar resultados de pesquisa que justificam a atenção que vem sendo dada a essas habilidades, no sentido de contribuir para a explicação/compreensão dos complexos e multifacetados processos cognitivos envolvidos na aprendizagem da leitura e escrita. Considera-se que tal conhecimento é relevante, não apenas para a ampliação e aprofundamento do conhecimento sobre o tema, mas também tem implicações práticas para as questões relativas ao ensino e aprendizagem da leitura e escrita.
Psicologia Cognitiva

CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA, CONHECIMENTO DO NOME DAS LETRAS E ESCRITA DE PALAVRAS.. *Maria José dos Santos (Universidade Federal de Goiás/GO),*
Aprender a ler e escrever é um grande desafio que as crianças enfrentam nas fases iniciais da escolarização. O sucesso na alfabetização, não só condiciona o percurso escolar, mas também favorece o acesso a bens culturais e o desenvolvimento de processos intelectuais. Nesse sentido, as investigações sobre os processos de aprendizagem da leitura e escrita se revestem de uma importância que vai além do acadêmico e se constituem em responsabilidade social. Nas últimas décadas, diferentes tipos de investigações têm sido realizadas buscando uma melhor compreensão das condições pedagógicas que favorecem a aprendizagem da leitura e escrita bem como dos aspectos cognitivos e conhecimentos envolvidos no processo de alfabetização. Entre esses últimos, a consciência fonológica tem sido apontada como elemento favorecedor do sucesso na aprendizagem da leitura e escrita. Há também indícios de que o conhecimento das letras é indispensável para a aprendizagem da linguagem escrita alfabética, na qual as letras refletem o som das palavras faladas. Esse conhecimento tem sido considerado como um dos alicerces para o desenvolvimento da aprendizagem da leitura e escrita. Resultados de pesquisas sugerem que o conhecimento do nome das letras por crianças pré-escolares é um bom preditor do sucesso futuro na aprendizagem da leitura de palavras. A literatura aponta algumas hipóteses que explicariam a estreita associação entre conhecimento do nome das letras e habilidade inicial de leitura e escrita: (a) o conhecimento do nome das letras refletiria simplesmente um ambiente familiar rico em estimulação educacional, antes da entrada da criança na escola; (b) o nome das letras, assim como as pseudopalavras, não tem sentido fonológico, portanto memorizar essa etiqueta dependeria do processamento de memória fonológica; (c) familiaridade visual, ou seja, conhecer o nome das letras pode favorecer a familiaridade com a forma da letra e, finalmente (d) o conhecimento do nome das letras auxiliaria a criança em suas tentativas de conectar a escrita à fala. Na presente investigação nosso objetivo foi estudar a relação entre habilidades metafonológica,

desempenho em escrita de palavras e diferenças individuais no conhecimento do nome das letras. Foram investigadas 35 crianças pré-escolares, com idades entre 4 e 5 anos que frequentavam uma instituição de educação infantil. Foram aplicadas tarefa de conhecimento do nome das letras, tarefa de consciência fonológica e tarefa de escrita de palavras. Os resultados mostram uma correlação entre conhecimento do nome das letras, habilidades metafonológicas e escrita de palavras. O estudo oferece evidências de que as crianças utilizam o conhecimento do nome das letras na tentativa de conectar a escrita à fala. Discute-se implicações pedagógicas do ensino do nome das letras para crianças pré-escolares como elemento favorecer do processo de aquisição da linguagem escrita.
Palavras-Chave: consciência fonológica; conhecimento de letras; escrita inventada.
P
COG

A CONTRIBUIÇÃO DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA, MEMÓRIA DE TRABALHO E VELOCIDADE DE NOMEAÇÃO NA HABILIDADE INICIAL DE LEITURA. *Sandra Puliezi**, Dr. Maria Regina Maluf (Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, SP),*
Pesquisas recentes na área da Psicologia Cognitiva da Leitura têm evidenciado a importância de algumas habilidades do processamento fonológico na aquisição e desenvolvimento da linguagem escrita, quais sejam: a consciência fonológica, a memória de trabalho fonológica e a velocidade de nomeação. Conhecer o funcionamento dessas habilidades subjacentes à aprendizagem da linguagem escrita é essencial para entender os processos cognitivos envolvidos no ato de ler e escrever. Essa área de estudos ainda necessita de muitas pesquisas para ampliar o conhecimento sobre o assunto. Assim, a presente pesquisa teve como objetivo avaliar como essas três habilidades de processamento fonológico citadas (consciência fonológica, memória de trabalho e velocidade de nomeação) se relacionam com a habilidade inicial de leitura em um grupo de crianças recém-alfabetizadas que são falantes do português do Brasil. Também foi objetivo verificar se variações na habilidade de leitura (bons e maus leitores) estão relacionadas a variações nas habilidades de processamento fonológico. Participaram do estudo 28 alunos da rede particular de ensino com idade média de 6 anos e 7 meses. O procedimento consistiu na aplicação individual de tarefas de: leitura de palavras, identificação de rima, identificação de fonema inicial, segmentação de palavras em sílabas, repetição de dígitos, repetição de pseudo-palavras e nomeação rápida de figuras. Os resultados encontrados indicaram uma forte correlação entre a habilidade inicial de leitura e as habilidades de processamento fonológico corroborando as hipóteses de outros autores. Os dados foram expressos em pontos e submetidos a testes estatísticos. Os resultados do Teste-t, comparando os bons e maus leitores, nos permitiram concluir que os bons leitores são mais fluentes, leem mais rápido, que os maus leitores, assim como possuem melhores resultados em consciência fonológica. Com relação à memória de trabalho fonológica, podemos dizer que a diferença entre os bons e maus leitores não foi significativa. Na velocidade de nomeação há uma diferença significativa entre os bons e maus leitores. Os resultados das correlações de Pearson nos permitem concluir que o desempenho na leitura inicial está associado com o tempo de leitura. Também podemos dizer que a leitura inicial está associada com as três habilidades do processamento avaliadas: consciência fonológica, memória de trabalho fonológica e velocidade de nomeação. O presente estudo representa apenas uma fração de todas as possibilidades de pesquisa no campo da linguagem escrita. São essenciais muitas outras análises para que se consolide um conhecimento nessa importante área da psicologia cognitiva. Pesquisas ulteriores poderão dar continuidade a esta pesquisa para avançar na explicação dos processos que influenciam a aprendizagem da leitura nos primeiros anos de

escolaridade. Estudos longitudinais e experimentais envolvendo o treinamento das habilidades de processamento fonológico também se fazem necessários.
Bolsa auxílio CNPq
Palavras-chave: Leitura, consciência fonológica e velocidade de nomeação.
M.
COG

A IMPORTÂNCIA DA INSTRUÇÃO EM CONSCIÊNCIA FONÊMICA E DO CONHECIMENTO DAS LETRAS PARA A APRENDIZAGEM INICIAL DA LEITURA. *Luciene Aparecida Felipe Siccherino** (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/ SP). Maria Regina Maluf (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/ SP).,*
A aprendizagem da leitura e da escrita requer primeiramente o conhecimento de como funciona o sistema alfabético. A compreensão do funcionamento do sistema alfabético de escrita exige duas aquisições essenciais: a consciência fonêmica e o conhecimento do nome das letras. A consciência fonêmica refere-se à identificação e manipulação dos fonemas, que são os menores sons da fala e, por isso, são difíceis de serem percebidos na fala contínua. Há evidências empíricas de que as habilidades de reflexão e manipulação dos fonemas (consciência fonêmica) são essenciais para a aprendizagem da leitura e escrita alfabéticas. É importante que o aprendiz da linguagem escrita desenvolva a capacidade de manipular fonemas, como por exemplo, isolando-os, segmentando-os ou excluindo-os. Resultados de pesquisas apontam também que o conhecimento do nome das letras do alfabeto concomitantemente à instrução fonêmica assume grande importância porque (1) o nome da letra é escutado na pronúncia de muitas palavras e (2) ao representarem os fonemas de forma sistemática na grafia das palavras, os grafemas dão ao fonema uma certa materialidade. Dessa forma, é possível que a criança utilize o conhecimento que tem do nome das letras e das correspondências grafema/fonema para conectar a escrita á fala. Diante disso, o conhecimento das letras importa para o aprendizado da relação grafema-fonema, tendo em vista que grande parte dos nomes das letras contêm também os fonemas que as letras designam o que facilita a aprendizagem. Assim por exemplo, a letra t para telefone, ou a letra b para bebê. Há dados que sugerem que as crianças se beneficiam do conhecimento do nome das letras mesmo quando apenas parte do nome da letra é detectado na pronúncia da palavra. Nesta apresentação temos como objetivo expor os resultados de uma revisão de literatura realizada sobre pesquisas que tratam do papel da consciência fonêmica na aprendizagem inicial da linguagem escrita. Em um segundo momento, foi feita também uma revisão de pesquisas sobre as relações entre conhecimento do nome das letras e aprendizagem da linguagem escrita. A revisão incluiu pesquisas feitas com falantes do inglês e com falantes do português do Brasil. Para isso foram consultadas bases de dados dos últimos cinco anos, que incluíram artigos publicados em periódicos com avaliação por pares e teses/dissertações aprovadas em cursos de pós-graduação. Os resultados revelam evidências de que a instrução em consciência fonêmica e o ensino do nome das letras são fortes facilitadores da aprendizagem da leitura. No Brasil essas pesquisas ainda são muito pouco numerosas, porém vem se multiplicando nos anos mais recentes.
Apoio: Bolsa CAPES Integral.
Palavras-chave: consciência fonêmica; conhecimento das letras, aprendizagem da leitura.
D
COG

O PAPEL DO PROCESSAMENTO VISUAL SIMULTÂNEO DE LETRAS NA APRENDIZAGEM INICIAL DE LINGUAGEM ESCRITA E DE REGRAS ORTOGRÁFICAS. *Renan de Almeida Sargiani** (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP); Maria Regina Maluf (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP),*

Aprender a ler em sistemas alfabéticos de escrita requer que sejam aprendidas as correspondências letra-som (grafema-fonema). Assim, a habilidade de leitura envolve, necessariamente, um processamento visual, além do processamento fonológico já amplamente estudado na literatura da área. O processamento visual de leitura foi muito estudado desde o início do século 20, como um fator crucial para a aprendizagem de linguagem escrita, mas devido aos resultados que indicavam correlações, mas não indicavam efeitos de causalidade, essa hipótese passou a ser menos estudada. Em contrapartida, desde os anos 1970, muitas pesquisas demonstraram a importância das habilidades fonológicas na aquisição da leitura. No entanto, a importância do processamento fonológico já amplamente aceita na área de Psicologia Cognitiva da Leitura, não possibilita explicar algumas variações na aprendizagem inicial da linguagem escrita e na aprendizagem de regras ortográficas. Muitas das regras ortográficas, por exemplo, não podem ser explicadas por correspondências letra-som unívocas e então requerem que o leitor se concentre no tratamento visual de todas as letras para que possa memorizar e aprender tais regras. Assim, algumas pesquisas estrangeiras mais recentes têm demonstrado também uma relação entre a aprendizagem da linguagem escrita e a extensão visuo-atencional (EVA), independentemente da consciência fonêmica. A extensão visuo-atencional se refere ao número de letras processadas individualmente em um conjunto específico de letras (palavras). Dessa forma, quanto maior a capacidade de processar letras em um determinado conjunto, melhor a aprendizagem inicial da linguagem escrita e das regras ortográficas específicas. O conceito de extensão visuo-atencional (EVA) é coerente com o modelo conexionista de memória multi-traço de leitura de palavras polissilábicas, que possibilita integrar as hipóteses fonológicas com hipóteses visuo-atencionais, para compreender o desempenho em leitura. Esse modelo de leitura, ainda pouco estudado no Brasil, oferece importantes contribuições para a compreensão das diferenças no desempenho em leitura que não são explicadas apenas por dificuldades fonológicas. Nesta apresentação iremos expor e discutir o modelo de memória multi-traço de leitura e resultados de pesquisas recentes que apresentam evidências sobre a importância do processamento visual na aprendizagem inicial da linguagem escrita, independentemente das habilidades fonológicas. Pesquisas recentes (nacionais e estrangeiras) têm demonstrado que a extensão visuo-atencional contribui de maneira específica para o desempenho em leitura durante todos os anos iniciais de escolarização, principalmente no que se refere à leitura de palavras irregulares. Além disso, os resultados indicam que a impossibilidade de processar todas as letras de uma palavra decodificada parece dificultar a aprendizagem de regras ortográficas específicas.

Apoio: Bolsa GM de dedicação exclusiva do CNPq

Palavras-chave: desempenho em leitura, extensão visuo-atencional, psicologia cognitiva da leitura

M

COG

Sessão Coordenada: **PROJETOS FUTUROS DE JOVENS QUE SE ENCONTRAM EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SÓCIO ECONÔMICA**

A juventude é momento de transição para a vida adulta que envolve uma série de transformações biopsicossociais e a aquisição de novos papéis. Refere-se ao período do ciclo vital, no qual os indivíduos passam da infância à condição de adultos, sendo permeado por importantes mudanças biológicas, psicológicas, sociais e culturais, que variam segundo as sociedades, as culturas, as etnias, as classes sociais e o gênero. Esse período é considerado como particularmente sensível, pois inúmeros fatores podem tanto potencializar o desenvolvimento dos indivíduos como limita-los. Inúmeros jovens em nosso pais se encontram em situação de vulnerabilidade sócio econômica. A presente sessão busca apresentar estudos e experiências desenvolvidas no sul do pais que investigam ou trabalham com projetos de vida futuros de jovens que se encontram em situação de vulnerabilidade econômica ou social. Compreende-se que a vulnerabilidade está associada a um conjunto de situações mais, ou menos problemáticas, que situam a pessoa numa condição de carência, necessidade, impossibilidade de responder com seus próprios recursos as demandas presentes em seu cotidiano. O primeiro trabalho ao investigar a percepção de 200 jovens, oriundos de classes socioeconômicas desfavorecidas, a respeito de suas possibilidades de inserção no mercado de trabalho e da continuidade da vida acadêmica, discute alternativas para realização de orientação profissional de jovens provenientes de contextos socioeconômicos desfavorecidos. O segundo trabalho, por sua vez, investigou em que medida a institucionalização de adolescentes pode interferir nas expectativas desses adolescentes com relação ao seu futuro, a partir de informações coletadas em três contextos escola, instituição de acolhimento e unidade de internação para cumprimento de medida socioeducativa. Essa pesquisa conclui que a privação de liberdade possui forte impacto no desenvolvimento desses jovens; contudo, ter boas expectativas quanto ao futuro pode ser um importante fator de prevenção ao envolvimento com atos infracionais. O terceiro trabalho que foi realizado com de adolescentes privados de liberdade que cumprimento de medida sócio-educativa em função da prática de atos infracionais buscou investigar qualitativamennte os projetos de vida futuros desses jovens. Através da análise de casos múltiplos, observou-se que os jovens apresentam diferentes projetos, mais ou menos definidos, relacionados ao contexto familiar, afetivo e laboral. Os resultados apontam para a necessidade das instituições socioeducativas conseguirem identificar esses projetos de vida dos adolescentes, a fim de que as intervenções possam estar em consonância com os mesmos para sua efetivação. Por fim, o quarto trabalho apresenta o relato de uma experiência com jovens egressos do sistema sócio educativo denominado Programa de Oportunidades e Direitos Socioeducativo, que propõe alternativas de trabalho com esses jovens e suas famílias, baseadas nos princípios de protagonismo juvenil, justiça restaurativa e ressocialização.Esse projeto busca favorecer a educação, reinserção e ressocialização desses jovens, através do trabalho com círculos de compromisso.

Palavras chave: juventude, vulnerabilidade, projetos de vida, intervenções
Código da área da psicologia: DES - Psicologia do Desenvolvimento

Psicologia do Desenvolvimento

PROJETOS PROFISSIONAIS APÓS ENSINO MÉDIO DE JOVENS QUE SE ENCONTRAM EM CONTEXTO DE VULNERABILIDADE SOCIOECONÔMICA. *Ana Cristina Garcia Dias (Grupo de Pesquisa Avaliação e Intervenções no Desenvolvimento Humano, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS)*
Gênesis Marimar Rodrigues Sobrosa (Grupo de Pesquisa Avaliação e Intervenções no Desenvolvimento Humano, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS)

Marco Antônio Pereira Teixeira (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS) ,
As dificuldades características da transição do ensino médio para a universidade ou ao mercado de trabalho, muitas vezes, somam-se a obstáculos culturais e econômicos, em especial, quando se pensa em jovens provenientes de comunidades de baixa renda. Esta transição pode estar associada a condições adversas, que influenciam tanto na passagem para o mercado de trabalho como na construção do projeto de vida dos jovens. Muitas vezes, a inserção no mercado de trabalho e o desenvolvimento de um projeto de vida acabam sendo marcados pela busca de equilíbrio entre o ideal e o possível, determinado por fatores individuais e sócio históricos. O objetivo deste estudo foi investigar a percepção de jovens, oriundos de classes socioeconômicas desfavorecidas, a respeito de suas possibilidades de inserção no mercado de trabalho e da continuidade da vida acadêmica. Foi aplicado um questionário a 200 estudantes de duas escolas públicas do ensino médio do município de Santa Maria. O instrumento continha questões abertas e fechadas, que objetivaram conhecer os planos educacionais e profissionais dos participantes, bem como as dificuldades por eles percebidas para realizar esses planos. As informações obtidas nos questionários foram submetidos a análises de conteúdo descritivas e de frequencia. Os jovens que responderam ao estudo pretendem, em sua grande maioria, continuar os estudos, preferencialmente, cursando um curso de nível superior, uma vez que 23,5% apontam que esperam iniciar uma faculdade e 22% realizar um curso pré-vestibular. Entre os jovens 81% dos estudantes indicaram que pretendem realizar o concurso, 13,5% não sabem se prestarão ou não o vestibular, 4,5% não pretendem realizar esse concurso e 1% dos participantes não respondeu à questão. As principais dificuldades identificadas pelos jovens para se realizar um curso universitário foram passar no vestibular (38%), dificuldades de conciliar estudos e trabalho (26%), dificuldades financeiras (25,5%), escola não preparou o suficiente para entrar na universidade (9,5%), não sabe que curso fazer (8,5%). Também se procurou investigar as intenções dos estudantes no que diz respeito à realização de cursos técnicos. Foi encontrado que 43,5% pretendem obter uma qualificação neste nível de ensino, 38,5% não sabem se realizarão algum curso técnico, 14,5% apontam que não têm essa intenção e 3,5% dos jovens não responderam à questão. Ao serem questionados se acreditavam que encontrariam alguma dificuldade em fazer um curso técnico 35,5% afirmaram que teriam, 51% não esperavam encontrar dificuldades e 13,5% não responderam. As dificuldades esperadas pelos jovens que esperam encontra-las na realização do ensino médio são: dificuldades financeiras (18,5%), conciliar estudos com trabalho (17,5%), não sabem qual curso técnico fazer (9%), escola não preparou para ingressar em curso técnico (5,5%), não conhece alternativas de curso técnicos (4%). Conclui-se que os jovens consideram ser mais difícil ingressar em um curso de graduação do que obter qualificação de nível técnico, pois tanto o vestibular como limitações financeiras são percebidos como empecilhos a esse processo. As dificuldades financeiras também são identificadas na realização de cursos técnicos, assim o ingresso no mundo do trabalho é uma alternativa encontrada para suprir essas dificuldades. Observa-se ainda a necessidade de se trabalhar junto a esses jovens processos de orientação profissional com informações tanto relacionadas a cursos de graduação com o de nível médio.

EXPECTATIVAS QUANTO AO FUTURO NA ADOLESCÊNCIA: O IMPACTO DA INSTITUCIONALIZAÇÃO COMO CONTEXTO DE DESENVOLVIMENTO. *Jana Gonçalves Zappe** (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Adolescência, Bolsista de Doutorado (CNPq), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*
Débora Dalbosco Dell Aglio (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Adolescência, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)

,

A construção de um projeto de vida faz parte da adolescência e está relacionada com as expectativas de futuro. Por um lado, encarar a construção de um projeto de vida envolve realizar escolhas e responsabilizar-se por elas, o que pode se constituir como um evento estressante, mas, por outro lado, os projetos de vida refletem aspirações e desejo de realizações para o futuro, sendo considerados como fatores de proteção ao desenvolvimento. A institucionalização de adolescentes é um recurso previsto legalmente tanto como medida protetiva, em situações de risco pessoal e/ou social, quanto como medida socioeducativa, quando o adolescente praticou um ato infracional. Tendo em vista que o contexto possui forte influência no desenvolvimento humano, este estudo investigou em que medida a institucionalização pode interferir nas expectativas do adolescente com relação ao futuro. Participaram do estudo 946 adolescentes de diferentes contextos: escola (n=681), instituição de acolhimento (n=109) e unidade de internação para cumprimento de medida socioeducativa (n=129), sendo 53.4% do sexo feminino e 46.6% do sexo masculino, com idades entre 12 e 19 anos (M= 15,42; d.p.= 1,67). Os participantes responderam a um questionário (Questionário de Juventude Brasileira), sendo que neste trabalho serão apresentados os resultados referentes à questão que avaliou expectativas dos jovens quanto ao futuro. A pesquisa seguiu as recomendações éticas para pesquisas com seres humanos e foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS. Análises de Variância (ANOVA) indicaram diferenças significativas entre os adolescentes dos três contextos com relação ao escore total de expectativas quanto ao futuro ($F=15,17$; $p<0,001$). Identificou-se que os adolescentes internados para cumprimento de medida socioeducativa possuem expectativas mais baixas que os adolescentes escolares quanto a concluir o ensino médio ($F=50,91$, $p<0,001$), entrar na universidade ($F=44,56$, $p<0,001$), ter um emprego que garanta boa qualidade de vida ($F= 18,16$, $p<0,001$), ter um trabalho que dará satisfação ($F=6,07$, $p=0,03$) e ter amigos que darão apoio ($F= 13,28$, $p<0,001$), enquanto que os adolescentes que viviam em instituições de acolhimento apresentaram expectativas mais baixas que os adolescentes escolares apenas quanto a concluir o ensino médio ($F=50,91$, $p<0,001$). Os adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa também apresentaram expectativas mais baixas que os adolescentes que viviam em acolhimento quanto a entrar na universidade ($F=44,56$, $p<0,001$), ter um emprego que garanta boa qualidade de vida ($F=18,16$, $p<0,01$) e ter amigos que darão apoio ($F=13,28$, $p<0,01$). Não houve diferença significativa entre os grupos quanto a ter casa própria, ter uma família, ser saudável a maior parte do tempo e ser respeitado na própria comunidade, indicando que estas expectativas são compartilhadas pelos adolescentes dos três contextos investigados. No entanto, os adolescentes institucionalizados apresentaram expectativas mais baixas de concluir o ensino médio que os adolescentes escolares. De modo geral, as expectativas mais baixas foram identificadas entre os adolescentes internados para cumprir medida socioeducativa, o que indica, por um lado, que a privação de liberdade possui forte impacto no desenvolvimento e, por outro lado, que ter boas expectativas quanto ao futuro pode ser um importante fator de prevenção ao envolvimento com atos infracionais.
Apoio Financeiro: Apoio para pesquisa (CNPq e FAPERGS) e Bolsa de Doutorado (CNPq)
Palavras-chave: adolescente, expectativa quanto ao futuro, institucionalização
Nível do trabalho: D (Doutorado)

PROJETOS DE VIDA DE ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI. *Cristiane Rosa dos Santos** (Grupo de Pesquisa Avaliação e Intervenções no Desenvolvimento Humano, Bolsista de Mestrado (CAPES/CNPq), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS)*
Kátia Simone da Silva Silveira (Grupo de Pesquisa Avaliação e Intervenções no Desenvolvimento Humano, Faculdade Integrada de Santa Maria, Santa Maria, RS)*

*Jana Gonçalves Zappe** (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Adolescência, Bolsista de Doutorado (CNPq), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*
Ana Cristina Garcia Dias (Grupo de Pesquisa Avaliação e Intervenções no Desenvolvimento Humano, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS)

,

Estudos apontam que adolescentes em conflito com a lei vivenciaram situações de risco pessoal e social antes de praticar atos infracionais, o que tem o potencial de prejudicar a construção de projetos de vida positivos. A legislação brasileira prevê medidas socioeducativas que, além de responsabilizar o adolescente autor de atos infracionais, deve oportunizar a reconstrução de seu projeto de vida através da oferta de outros valores e perspectivas. O objetivo deste trabalho é apresentar uma discussão acerca dos projetos de vida de adolescentes privados de liberdade para cumprimento de medida sócio-educativa em função da prática de atos infracionais. Realizou-se um estudo de casos múltiplos, do qual participaram cinco jovens do sexo com idade entre 15 e 18 anos. A coleta de informações foi realizada através de entrevistas individuais guiadas. Foram adotados os procedimentos éticos para pesquisas com seres humanos e o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM. A análise das informações revelou que o projeto de vida mais presente na fala dos jovens envolve questões afetivas e familiares, pois todos os adolescentes revelaram que desejam ter uma família, ter um relacionamento afetivo ou ajudar a mãe no futuro. Três adolescentes revelaram que pretendem trabalhar e dois adolescentes relataram à intenção de adquirir algum bem material, como uma casa e uma moto. Apenas dois adolescentes indicaram o projeto de estudar e dois apresentaram projetos mais vagos, como ser um homem de bem (sic) e mudar de vida (sic). Um dos adolescentes revelou um projeto altamente negativo, que consiste em vingar-se da morte de seu irmão que morreu assassinado matando alguém, o primeiro que cair na minha frente (sic). Diante disso, pode-se concluir que os adolescentes investigados, em que pese todos terem cometido um ato infracional, apresentam diferenças importantes quanto aos projetos de vida e, consequentemente, quanto ao suporte que necessitam para efetivá-los. Entende-se que os adolescentes que apresentam projetos positivos e concretos para suas vidas, como ter uma família, estudar, trabalhar e adquirir bens, precisam ser incentivados a realizar tais projetos e receber suporte para isso através da inclusão em políticas de educação, profissionalização, trabalho e renda. Os adolescentes que apresentam projetos ainda vagos precisam ser estimulados a construir projetos mais concretos através de acompanhamento psicossocial, para então serem encaminhados para a busca de efetivação destes projetos. Finalmente, o caso do adolescente que possui um projeto de vingança merece atenção especial, pois este é um projeto bastante negativo que pode estar revelando indícios de dificuldades mais sérias, o que exige intervenção imediata. Por fim, salienta-se a responsabilidade das instituições socioeducativas em identificar os projetos de vida dos adolescentes para que as intervenções sejam condizentes com eles, oferecendo suporte tanto para a (re)construção quanto para a efetivação dos projetos de vida dos jovens institucionalizados.

Apoio Financeiro: Bolsas de Mestrado e Doutorado (CAPES/CNPq)
Palavras-chave: Adolescente em conflito com a lei; Projeto de vida; Instituição.
Nível do trabalho: M (Mestrado)
Código da área da psicologia: DES - Psicologia do Desenvolvimento

CÍRCULOS DE COMPROMISSO E PROGRAMA DE OPORTUNIDADES E DIREITOS SOCIOEDUCATIVO: POSSIBILIDADES NA RECONSTRUÇÃO DO PROJETO DE VIDA DE ADOLESCENTE EM EGRESSO DO SISTEMA SOCIOEDUCATIVO.. *Iara da Silva Ferrão (Grupo de*

Pesquisa Avaliação e Intervenções no Desenvolvimento Humano, Faculdade Integrada de Santa Maria, Santa Maria, RS)
Ana Cristina Garcia Dias (Grupo de Pesquisa Avaliação e Intervenções no Desenvolvimento Humano, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS)

,

A internação de adolescentes que cometeram um ato infracional parece mostrar-se cada vez mais ineficiente tanto na reconstrução do projeto de vida dos jovens como na superação do cumprimento de uma medida socioeducativa (MSE). São poucas experiências exitosas no sistema socioeducativo e inúmeras as dificuldades enfrentadas por esse tipo de atenção, assim torna-se necessário pensar e implementar novas possibilidades de atuação junto aos indivíduos envolvidos no cumprimento da MSE. A necessidade de novas oportunidades de desenvolvimento pessoal e social são fundamentais à reconfigurção da MSE, para além do viés punitivo, tornando-as atividades pedagógicas e ressocializadoras, como previsto no Estatuto da criança e adolescente. O presente trabalho busca apresentar as atividades que vem sendo realizadas na cidade de Santa Maria com jovens egressos do sistema sócio educativo. Considera-se que o Programa de Oportunidades e Direitos Socioeducativo POD pode ser uma alternativa para os adolescentes que cometeram ato infracional, uma vez que oferece um auxilio para o enfrentamento das principais dificuldades encontradas por esses jovens na sua reinserção familiar, social, escolar, no mercado de trabalho. O POD Socioeducativo teve inicio no Centro Social Marista Santa Marta no mês de abril de 2010, com objetivo de atender, de maneira multidisciplinar, aos jovens egressos da FASE. O programa através do acesso e permanência em espaços educativos pretende oferecer aos jovens à possibilidade de um desenvolvimento pessoal e profissional, uma vez que objetiva o retorno a educação formal, proporcionando a participação em oficinas de qualificação profissional e de formação humana cidadã. Os jovens que decidem participar voluntariamente do Programa recebem uma bolsa com valor monetário de duzentos e vinte reais ($220,0). São exigências impostas pelo Programa para participação: o não envolvimento em atos infracionais, frequentar regularmente a escola e participar das oficinas e/ou cursos oferecidos pelo Programa. O Programa fundamenta-se nos princípios da Justiça Restaurativa (JR), prevendo a realização de Círculos nas suas ações. Os Círculos de Compromisso dividem-se em três etapas: o pré-círculo (preparação para o encontro com os participantes); o círculo (realização do encontro propriamente dito) e o pós-círculo (acompanhamento). O pré-circulo é momento no qual são realizadas oficinas, que apresentam o projeto aos adolescentes, se realiza o contato com as famílias, comunidade e redes de profissionais que atendem aos jovens. O Círculo, por sua vez, é feito entre pessoas diretamente envolvidas no processo de acompanhamento ao egresso que optam por participar do POD. Neste momento busca-se articular o trabalho ao Plano Individual Atendimento (PIA) do egresso, responsabilizando os diferentes atores pelas ações acordadas no circulo. O pós-círculo é a fase do acompanhamento da execução do PIA construído, em equipe, no Circulo de Compromisso. A execução do Círculo de Compromisso é um momento único, sendo que cada círculo carrega a singularidade da historia de vida destes adolescentes. Por fim, considera-se que o POD Socioeducativo e os Círculos de Compromisso por proporcionarem espaços para a construção e a pactuação de novos projetos de vida aos adolescentes, suas famílias e outros atores envolvidos se constituem em uma possibilidade mais efetiva de intervenção junto a essa população.

Nível do trabalho: extensão relato de experiência
Código da área da psicologia: DES - Psicologia da saúde

Sessão Coordenada: **PROMOÇÃO DE SAÚDE E ATENÇÃO AO USO DE DROGAS**

Os estudos epidemiológicos indicam o significativo envolvimento da população brasileira com o uso de álcool e outras drogas, assim como a iniciação precoce no uso das mesmas, constituindo-se, dessa forma, em um dos graves problemas de saúde pública no Brasil. Esta situação espelha, na verdade, um fenômeno que tem contornos mundiais. O campo da atenção aos problemas relacionados ao uso de drogas esteve marcado, entretanto, durante sua história recente (até início dos anos 1990), por um predomínio do modelo biomédico, que se caracteriza pelo reducionismo da abordagem do fenômeno da saúde à lógica da doença e, no caso específico da drogadição, interpretada basicamente pela sua dimensão genética e neuroquímica, tratada através de internações em hospitais psiquiátricos ou clínicas especializadas e controlada através do uso de medicações. No entanto, as transformações no campo da saúde, produzidas pelo movimento sanitário e pela reforma psiquiátrica brasileira trouxeram uma ampliação na abordagem deste fenômeno, sendo que nas últimas duas décadas, ele vem, pouco a pouco, sendo incorporado a lógica da promoção da saúde e introduzido no campo dos novos dispositivos da área da saúde mental. A promoção de saúde é um conceito forjado nos anos 1970, que busca ampliar a visão do campo sanitário, introduzindo a visão da complexidade do fenômeno saúde e da necessidade da análise de suas determinantes, considerando-as em um processo de interação dialética entre as várias dimensões: a biológica, a social, a ambiental, a cultural, os estilos de vidas individuais. Este modelo, adotado mundialmente, organiza as ações em saúde em diferentes níveis de atenção, em ordem crescente de complexidade da intervenção requerida. Essa sessão coordenada buscará compreender, através do relato de diversas pesquisas de mestrado, sobre a relação entre promoção de saúde e tratamento ao uso de drogas tanto na atenção básica, enquanto porta de entrada do Sistema Único de Saúde, como nos CAPSad (Centros de Atenção Psicossocial, especializados em álcool e outras drogas), enquanto dispositivos centrais da atenção em saúde mental no Brasil. Essa discussão será introduzida por um estudo sobre a produção científica internacional, nos últimos cinco anos, sobre esta relação, buscando discutir os indicadores internacionais para o tema. A sessão coordenada tem como meta contribuir para a reflexão e proposição de melhorias no sistema público de atenção à drogadição em nosso país.
Saúde Mental

PROMOÇAO DE SAÚDE E ABUSO DE DROGAS: ANÁLISE DA PRODUÇAO CIENTÍFICA INTERNACIONAL (2007-2011). *Daniela Ribeiro Schneider (Núcleo de pesquisas em Psicologia Clínica. Programa de Pós Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC),*

O movimento de promoção da saúde surgiu nos anos 1970, inicialmente no Canadá e logo se internacionalizou. O primeiro grande evento mundial foi a I Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde (1986), no qual foi redigido a Carta de Ottawa, um dos documentos de referência nessa área. Inúmeros eventos, publicações e pesquisas têm contribuído para a definição de seu conceito e dos seus desdobramentos práticos para o campo sanitário. Destacam-se entre as produções o Relatório Lalonde (1974), os relatórios da I Conferência Internacional sobre Cuidados Primários de Saúde (Alma-Ata, 1978), e das seis Conferências Internacionais de Promoção da Saúde. O conceito de promoção introduz a análise dos chamados determinantes da saúde, estabelecendo as bases para uma nova forma de pensar saúde, que supera as limitações do modelo biomédico, ao considerar a interlocução entre os aspectos da biologia humana, do ambiente, dos estilos de vida individuais e coletivos, além da proposta da organização dos diferentes níveis da atenção em saúde como princípios norteadores da intervenção na área. Os problemas relacionados ao uso de drogas são hoje um dos mais relevantes problemas de saúde pública mundial, sendo que seu campo da atenção

esteve marcado, durante sua história, por um predomínio do modelo biomédico. Nas últimas duas décadas, ele vem, pouco a pouco, sendo incorporado a lógica da promoção da saúde. A presente pesquisa tem como objetivo realizar uma revisão das publicações internacionais nos últimos 5 anos (2007-2011) acerca da relação entre promoção de saúde e dependência de drogas, visando conhecer o estado da arte da temática em questão. Foi feita uma busca, em junho de 2012, nas bases de dados Science Citation Index Expanded (SCI) e Social Sciences Citation Index Science (SSCI), da Web of Science (WOS), com os seguintes indexadores Health Promotion, Substance* disorder*, Abuse Disorder*, Addiction, Substance abuse, com os anos de publicação acima definidos. Resultaram em 196 artigos. Foram aplicadas metodologias procedentes da bibliometria, utilizando o software Bibexcel, e da análise de redes sociais, com o software Pajek. Serão apresentados alguns indicadores bibliométricos, como o número de trabalhos publicados por ano, os países que mais produzem na temática, as redes de pesquisadores e instituições que investigam o tema, as principais áreas em que os artigos foram publicados, sendo detalhada a análise da co-ocorrências de palavras-chaves entre os artigos, como forma de discutir o universo semântico da produção científica da área. Esta revisão servirá de introdução para as pesquisas que serão apresentadas a seguir na sessão coordenada, sobre o tema de promoção de saúde e uso de drogas, em diferentes níveis de atenção em saúde.

Palavras-chaves: promoção de saúde, dependência de drogas, produção científica, bibliometria.

PRÁTICAS E ESTILOS DE PENSAMENTO EM PROMOÇÃO DE SAÚDE NO CONTEXTO DA ATENÇÃO BÁSICA. *Inea Giovana da Silva-Arioli (Universidade do Planalto Catarinense UNIPLAC, Lages, SC),*

A promoção de saúde constitui-se em um modo de significar a saúde e a doença, e pode tanto estar embasada no modelo biomédico, quanto trazer contribuições para o rompimento com esse modelo, implicando em significações radicalmente diferentes para as ações neste âmbito. A localização deste assunto no contexto nacional e internacional auxilia a análise deste campo em construção e evidencia indícios norteadores em pontos obscuros. Por esse motivo, foi realizada uma revisão de literatura que abarca a promoção de saúde inserida na especificidade da Atenção Básica, e que evidencia o que foi produzido entre 2006 e 2010 no portal CAPES e na Biblioteca Virtual de Saúde. O trabalho, aqui apresentado, configura-se em uma pesquisa de mestrado realizada na Atenção Básica de um município do interior de Santa Catarina que tem como objetivo compreender os estilos de pensamento e práticas de promoção de saúde de Equipes de Saúde da Família. Como trajeto mais coerente para consecução de seus objetivos utiliza o enfoque qualitativo, sendo uma pesquisa de campo de corte transversal. Para coleta de dados foi utilizado observação participante para a entrada em campo, seguida de grupos focais e entrevista semi estruturada. Para auxiliar na organização dos dados foi utilizado o software denominado ATLAS TI 5.0 (Qualitative Research and Solutions) e a análise dos dados foi realizada por meio da análise de conteúdo. Os resultados apontam as dificuldades e precariedades das condições de trabalho na Atenção Básica, os problemas do financiamento insuficiente e da falta de infraestrutura do sistema de saúde, assim como de sobrecarga de trabalho, que aliada às queixas de falta de motivação por boa parte dos profissionais participantes, resulta em sofrimento no trabalho e um processo de medicalização destes profissionais, como estratégia para lidar com este sofrimento. Esta situação evidencia que os caminhos trilhados dentro do próprio sistema de saúde vão em direção contrária as práticas de promoção, visto que o processo de medicalização é um caminho inverso. É fundamental ressaltar a contradição da situação: apesar do movimento de promoção de saúde constituir-se enquanto alternativa de oposição à medicalização do social, o que foi constatado nesta pesquisa é que a medicalização está arraigada nas práticas da AB e, inclusive, presente

nos processos de trabalho dos próprios profissionais da área, como uma alternativa para seu sofrimento. No que tange as práticas e estilos de pensamento em promoção de saúde, verificou-se um predomínio deste tema associado à prevenção de agravos e à perspectiva da educação em saúde tradicional, que dificultam o protagonismo da população. Conclui-se que existem estilos de pensamento divergentes de promoção de saúde entre os profissionais da Saúde da Família, sendo que a descrição do cotidiano indica, prioritariamente, ações voltadas para a prevenção, com dificuldade para o estabelecimento de práticas que visem intervir na determinação social da saúde e promovam a autonomia dos usuários.
Palavras-chaves: Promoção de saúde; Atenção Básica; Estilos de pensamento.
Mestrado
SMENTAL

AS AÇÕES DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE DA ATENÇÃO BÁSICA JUNTO AOS USUÁRIOS COM PROBLEMAS DECORRENTES DO USO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS. *Dálberti Sciamana de Lima** (Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC). ,*

A dependência e o uso abusivo de álcool e outras drogas se constitui como um grave problema no âmbito da saúde pública mundial e brasileira. A Política Integral do Ministério da Saúde para atenção destes usuários prevê, entre um conjunto de diretrizes e ações, a instalação de dispositivos especializados como os CAPS-ad. Contudo, em municípios que não apresentam estes serviços, a demanda em saúde gerada por estes usuários acaba sendo absorvida pelas Unidades Básicas de Saúde, mais especificamente, pelas equipes da atenção básica. Nesse contexto, o objetivo dessa pesquisa foi analisar as ações dos profissionais de saúde da atenção básica, junto a usuários com problemas decorrentes do uso de álcool e outras drogas, em um município de porte médio do Estado de Santa Catarina cuja rede de saúde não apresentava, até 2010, nem equipes de referência em Saúde Mental, nem Núcleos de Apoio a Saúde da Família (NASF), nem mesmo os serviços previstos pela política nacional de atenção à saúde mental, como os CAPS e os CAPS-ad. Foram realizadas entrevistas semi estruturadas com as Equipes da Saúde da Família (ESF), sendo um médico clínico geral, um enfermeiro e um agente comunitário de saúde de cada uma das cinco maiores Unidades Básicas de Saúde do município em questão. Ao todo, foram entrevistados quinze profissionais. Esta pesquisa se caracterizou como um estudo de campo qualitativo, do tipo descritivo exploratório, de corte transversal. Os dados foram gerados por análise de conteúdo e, depois de transcritos, organizados em categorias estabelecidas a priori, de acordo com eixos norteadores das entrevistas. A partir dos agrupamentos das respostas dos sujeitos dadas pelas semelhanças entre elas, foram definidas as subcategorias e os principais elementos de análise. Os resultados obtidos indicam que as equipes de saúde da atenção básica, em sua maioria, desconhecem as políticas públicas de atenção integral aos usuários de álcool e outras drogas do Ministério da Saúde, apresentam dificuldades no manejo destes usuários por decorrência da ausência de conhecimentos técnicos especializados e da falta de suporte de equipes de referência em saúde mental. Por essa razão, quando identificados por demanda espontânea ou por relato dos familiares, os usuários de álcool e outras drogas recebem a administração farmacológica como principal método de intervenção e são encaminhados para grupos de ajuda mútua, como Alcoólicos Anônimos e Narcóticos Anônimos, ou para os hospitais psiquiátricos da região. As equipes de ESF, que não haviam recebido até o momento da pesquisa, nenhuma capacitação específica para atuação na área do uso da saúde mental e uso de drogas, acabam por reproduzir o modelo de saúde mental tradicional, dentro da racionalidade biomédica, o que acaba por ferir, os princípios básicos que regem o Sistema Único de Saúde e as políticas de atenção integral aos usuários de drogas do Ministério da Saúde.

Palavras Chave: Atenção Básica Álcool e outras drogas Profissionais da Estratégia Saúde da Família
Mestrado
SMENTAL

RACIONALIDADES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DE PROFISSIONAIS DE CAPSAD: IMPLICAÇÕES PARA AS PRÁTICAS E CUIDADOS NO SERVIÇO. *Jeovane Gomes de Faria (Faculdade Metropolitana de Guaramirim/SC FAMEG/UNIASSELVI),*

O modelo de atenção aos usuários de álcool e outras drogas desenvolvido no CAPSad, contextualizado no âmbito das Reformas Sanitária e Psiquiátrica, ainda está em fase de implementação, sendo constituído de diferentes racionalidades teórico-metodológicas entre os profissionais nele inseridos. O objetivo deste estudo foi compreender essas racionalidades e suas implicações para as práticas e cuidados do serviço e para o projeto terapêutico institucional. Constituiu-se em um estudo qualitativo exploratório-descritivo, com delineamento de estudo de caso. Os participantes foram dezesseis profissionais do CAPSad de uma cidade de médio porte de um estado do sul do Brasil. A coleta de dados realizou-se por meio da observação participante, realizada ao longo de uma semana e cobrindo todos os períodos de funcionamento da unidade de saúde, com registro em diário de campo; e de entrevistas semi-estruturadas com todos os profissionais inseridos no CAPSad estudado, que foram captadas via gravador digital de áudio e posteriormente transcritas em sua íntegra. Os dados foram divididos e analisados a partir de oito categorias, sendo três emergentes das observações e cinco das entrevistas, que procuraram descrever a realidade da instituição pesquisada, compreendida pelas racionalidades teórico-metodológicas de seus profissionais e pelas práticas e cuidados desempenhados pelos mesmos diante dos usuários e demandas do serviço. Verificou-se um serviço composto por profissionais com trajetórias acadêmicas e profissionais bastante diferentes entre si e com importante experiência na atenção ao público em geral, mas que apresentavam dificuldades em organizar essa diversidade de forma convergente na atenção aos usuários, o que acabava tendo como consequência um conjunto de contradições entre as trajetórias e as formações profissionais com as práticas e cuidados desenvolvidas dentro do CAPSad, o que vai ao encontro dos resultados da revisão bibliográfica deste estudo, que demonstraram intervenções ainda baseadas em um modelo biomédico e moral, em contradição com a política oficial de atenção, voltada para a integralidade e promoção de saúde. A ideologia da reforma psiquiátrica, bem como a do movimento sanitário, apareceu apenas enquanto discurso, uma vez que a prática observada era baseada em uma postura disciplinar e focada na ideia de periculosidade dos usuários, não apresentando uma preocupação com a forma como os usuários inseridos no programa compreendiam a atenção recebida, apresentando assim um modelo de atenção verticalizado e superficial, eclodindo na ausência de um fluxograma formal e em projeto terapêutico institucional fragmentado. Sugere-se assim aproximar o serviço com a gestão municipal, a fim de promover a melhor compreensão da função do CAPSad dentro da rede de atenção, estabelecendo uma maior convergência das ações. Os resultados apontam para a necessidade de formação continuada que contemple tanto as questões relacionadas com a política de atenção, quanto procedimentos de planejamento estratégico. Também se faz importante a organização do dispositivo da supervisão clínico-intitucional, disponibilizado pelo Ministério da Saúde, como complemento na elaboração e efetivação de um modelo de atenção em álcool e outras drogas para o serviço estudado.

Palavras-chave: racionalidades; saúde mental; uso de drogas.
M

SMENTAL

O PERFIL DOS USUÁRIOS DE DROGAS EM TRATAMENTO NUM CAPS I DE UM MUNICÍPIO DO INTERIOR DO RIO GRANDE DO SUL. *Cinthia Maria Cecato Picoli** (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC).,*

O crack tornou-se uma droga popular nos últimos vinte anos e está presente, cada vez mais, como a substância de preferência de muitos usuários, em função de ser relativamente barata e de fácil acesso, bem como por produzir efeitos prazerosos de forma breve e intensa. Por outro lado, é uma droga que causa uma deterioração psicofísica e social muito rápida nos usuários, o que os leva a procurarem ou serem trazidos ao sistema de saúde, seja por problemas de ordem orgânica, seja pela própria questão da adição e seus desdobramentos psicossociais, em poucos meses após o início do uso. Aqui será discutida a primeira etapa da pesquisa de mestrado, que tem como foco a adesão de usuários de crack aos tratamentos. Esta primeira parte teve como objetivo descrever o perfil dos usuários de um CAPS I, de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul e, em especial, dos usuários de crack. Durante o período de um ano, realizou-se uma coleta de dados sobre as características dos usuários através dos prontuários do Serviço, totalizando 379 sujeitos. Identificou-se dados sócio-demográficos: sexo, religião, idade, estado civil, escolaridade, com quem reside, região de onde procede, como foi encaminhado ao serviço e a renda. Coletaram-se também informações acerca do diagnóstico, substância mais usada, nos casos de usuários de drogas. Realizou-se análises univariadas, como frequências, porcentagens e médias. Os dados coletados forma incluídos no programa SPSS. Verificou-se que 54,89% dos usuários buscaram o serviço em decorrência de problemas por uso de álcool e outras drogas e 45,11% por problemas mais específicos de sofrimento psíquico. Dentre os usuários de drogas, a substância mais consumida foi o álcool, em 46,6% dos casos. O uso múltiplo de drogas, como por exemplo, o uso concomitante de álcool, crack, cocaína e maconha; álcool e crack, crack e maconha e outras combinações, aparece em seguida representando 29,8% dos casos. Em terceiro, verificou-se que 20,2% dos usuários buscaram o serviço devido ao uso do crack. Destaca-se que dos usuários que fazem uso múltiplo de drogas, 26,9% associam ao crack. Portanto, ao se somar o uso exclusivo e o uso combinado constatou-se que 47,12% dos sujeitos fazem uso desta substância. Em relação aos dados sociodemográficos, os usuários de álcool e drogas são, na maioria, homens, de religião católica, com idade entre 30 e 39 anos, de baixa escolaridade, residem com familiares, buscaram espontaneamente o serviço e possuem uma renda entre 1 e 3 salários mínimos. Discutir-se-á os desafios para os CAPS na abordagem dos usuários de crack, na medida em que estes se caracterizam como uma das maiores demandas de atendimentos e os relatos de profissionais dos serviços apontam as dificuldades de adesão desses usuários aos tratamentos. Os serviços devem ofertar ao usuário um atendimento que tenha resolutividade sobre as consequências agudas e crônicas relacionadas ao consumo, as quais podem afetar tanto as áreas física, social, psíquica, familiar, tendo sempre como meta ampliar a acessibilidade aos serviços e a qualificação de suas ações.

Palavras-chave: crack, saúde mental, tratamento, avaliação de serviços

Mestrado - M

SMENTAL

A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS EM ADOLESCENTES DO SEXO FEMININO. *Ana Priscila de Oliveira Benites (Faculdade Metropolitana de Blumenau - Fameblu - Grupo Uniasselvi, Blumenau-SC). ,*

Devido às características desenvolvimentais da adolescência, o consumo de bebidas alcoólicas, nesta fase, configura-se como um preocupante problema de saúde pública, que vem ocorrendo de uma maneira cada vez mais precoce - já na pré-adolescência. Ademais, as diferenças de outrora no padrão de consumo entre adolescentes do sexo feminino e masculino têm diminuído, o que chama a atenção para os efeitos desse comportamento nas adolescentes. Sujeitas a prejuízos físicos e psicológicos, tais como gravidez indesejada, doenças sexualmente transmissíveis e dificuldades de aprendizagem, as adolescentes são mais vulneráveis aos efeitos negativos do uso frequente e/ou excessivo de álcool, dadas às peculiaridades biológicas do organismo feminino, como a maior quantidade de gordura, que faz com que elas absorvam o álcool mais facilmente, quando comparadas com os rapazes, com a ingestão da mesma quantidade de bebida. Embora o consumo de bebidas alcoólicas seja um fenômeno complexo e multideterminado, esse estudo centrou-se na relevância do contexto familiar e sua atuação, tanto como fator de risco, quanto de proteção, para o uso de álcool pelas adolescentes, visto que a literatura tem apontado que elas necessitam de maior apoio familiar como fator protetor ao envolvimento com grupo de pares desviantes. Dessa forma, o objetivo foi compreender a influência da família, no consumo de bebidas alcoólicas, em adolescentes do sexo feminino. A pesquisa, de natureza qualitativa, teve caráter exploratório, descritivo e corte transversal, e ocorreu em duas etapas. Na primeira, foi realizado um grupo focal em uma escola particular e outro em uma pública, em uma cidade do interior de Santa Catarina, para discutir com as adolescentes essa temática. Na etapa seguinte, as participantes foram convidadas para uma entrevista individual, além de responderem a um questionário sobre o uso de álcool e o Inventário de Percepção de Suporte Familiar, para avaliar como percebiam o suporte familiar recebido. Nos grupos participaram 17 adolescentes, sendo que destas, 12 foram entrevistadas. Os dados foram submetidos à análise de conteúdo categorial temática. Os resultados sinalizaram que as adolescentes participantes têm um padrão de uso social do álcool, assim como suas famílias e que elas perceberam o pai como mais proibitivo em relação ao consumo do álcool do que a mãe, que se mostrou mais permissiva. Para essa amostra, beber descontroladamente foi percebido como algo negativo e a ser evitado pelo sexo feminino. Ainda, regras claras para beber, suporte familiar e proximidade emocional com figuras femininas, mães e avós, atuaram como mecanismos de proteção, corroborando dados de pesquisas anteriores.

Palavras-chave: Adolescência, álcool, fatores de risco e proteção.

M

SMENTAL

Sessão Coordenada: **PSICOLOGIA DA SAÚDE E AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA: ESTUDOS E APLICAÇÕES EM ENFERMIDADES CRÔNICAS**

A Psicologia da Saúde é um campo da ciência psicológica em expansão, com avanços evidentes na atuação profissional e na produção de conhecimentos. A avaliação psicológica é uma atividade de suma importância que faz parte da atuação do psicólogo da saúde, tendo em vista a necessidade de investigar variáveis psicológicas associadas a outros indicadores  como adesão a tratamento, por exemplo , bem como de identificar demandas de atendimento. Assim, a identificação de instrumentos validados e adequados aos indicadores psicológicos que se pretende investigar é um desafio para profissionais e pesquisadores que pautam sua atuação na psicologia baseada em evidências. Outro ponto relevante é que estudos com enfermidades crônicas tem sido prioritários na área de Psicologia da Saúde, diante do propósito de conhecer melhor o impacto psicológico e social de condições com as quais as pessoas terão que conviver por toda a vida. A sessão coordenada denominada Psicologia da saúde e avaliação psicológica: estudos e aplicações em enfermidades crônicas têm por objetivo relatar quatro trabalhos de pesquisa direcionados à avaliação de variáveis psicológicas em contextos de doenças crônicas, como diabetes, obesidade e câncer ginecológico. Um dos estudos a ser apresentado tem características distintas  mas se insere no tema avaliação psicológica  pois teve por objetivo adaptar e validar para a cultura brasileira o Brief Illness Perception Questionnaire, um instrumento para avaliação da percepção de doenças, com grande potencial de utilização em serviços de saúde por equipes interdisciplinares. Sua amostra foi composta de pessoas com HIV/aids, diabetes, hipertensão arterial, psoríase e asma, ou seja, pacientes em condições crônicas. Um ponto comum dos trabalhos se deve ao seu desenvolvimento em instituições públicas, sendo que a coleta de dados ocorreu em hospitais universitários nos quatro estudos. Assim, os estudos articulam pesquisa e prática profissional da psicologia, o que qualifica a atenção em saúde. Destaca-se que os trabalhos possuem, entre seus autores, docentes que atuam em nível de graduação e pós-graduação (mestrado e doutorado), sendo que três deles (Eliane Seidl, Maria Cristina Miyazaki e Eleonora A. P. Ferreira) fazem parte de GTs da ANPEPP com temáticas do campo da Psicologia da Saúde. Um trabalho se refere a dissertação de mestrado e outro tese de doutorado. Destaca-se ainda que três dos quatro trabalhos tiveram apoio de agências de fomento, tal como explicitado em seus resumos. Esclareço que na qualidade de proponente da sessão coordenada, sou coautora do trabalho Propriedades psicométricas da versão brasileira do brief illness perception questionnaire (Brief IPQ), a ser apresentado pela primeira autora, Graziela Nogueira. Tal como orientado pela secretária da SBP, Kelly, digitei essa justificativa no campo Proponente, já que o primeiro trabalho a ser apresentado está listado no campo Apresentador 2. Isso foi feito para viabilizar a aceitação pelo sistema, já que este torna obrigatória a inserção de trabalho pelo coodenador da sessão.
Psicologia da Saúde

PSICOLOGIA DA SAÚDE E AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA: ESTUDOS E APLICAÇÕES EM ENFERMIDADES CRÔNICAS. *Eliane Maria Fleury Seidl,*
Esclareço que na qualidade de proponente da sessão coordenada, sou coautora do trabalho Propriedades psicométricas da versão brasileira do brief illness perception questionnaire (Brief IPQ), a ser apresentado pela primeira autora, Graziela Nogueira. Tal como orientado pela secretária da SBP Kelly, digitei essa justificativa no campo Proponente, já que o primeiro trabalho a ser apresentado está listado no campo Apresentador 1. Isso foi feito para viabilizar a aceitação pelo sistema da presente sessão. O segundo trabalho será apresentado pela Prof. Eleonora Ferreira (UFPA) denominado Avaliação de indicadores emocionais em adultos com diabetes tipo 2 e adesão ao tratamento. A terceira apresentação será feita pela Profa. Cristina

Miyazaki com o trabalho Candidatos a cirurgia bariátrica: análise de protocolos da avaliação psicológica pré-cirurgia. O quarto trabalho será apresentado pela psicóloga do Hospital Universitário de Brasília Nadielle Lira intitulado Mulheres em braquiterapia para câncer ginecológico: avaliação de aspectos psicossociais.

PROPRIEDADES PSICOMÉTRICAS DA VERSÃO BRASILEIRA DO BRIEF ILLNESS PERCEPTION QUESTIONNAIRE (BRIEF IPQ). *Graziela Sousa Nogueira**; Eliane Maria Fleury Seidl (Programa de Pós-graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde, Universidade de Brasília-UnB, Brasília-DF),*

Nos últimos anos houve o crescimento de pesquisas em âmbito mundial sobre a temática percepção de doenças. Tal expansão tem sido observada especialmente a partir do desenvolvimento e difusão de instrumentos embasados no Modelo de Autorregulação de Leventhal. Entre os instrumentos construídos a partir desta perspectiva cita-se o Brief Illness Perception Questionnaire (Brief IPQ), medida utilizada em diversos países, que auxilia no direcionamento de intervenções psicológicas, particularmente cognitivo-comportamentais. No Brasil são inexistentes instrumentos validados que avaliam a percepção de doenças, o que assegura a relevância de pesquisas com esta proposta. O objetivo deste estudo foi adaptar e validar o Brief Illness Perception Questionnaire (Brief IPQ) para a cultura brasileira, com análise de suas propriedades psicométricas. Trata-se de instrumento composto de oito itens (respondidos em escala de 0 a 10) e um nono item aberto que investiga a percepção de causalidade da doença (item não incluído na análise fatorial). O instrumento avalia a representação cognitiva e emocional da doença. Inicialmente, o Brief IPQ foi traduzido da versão original (inglês) para a língua portuguesa, mediante técnicas de tradução reversa e análise semântica, constituindo a validade linguística. A versão em português foi, então, aplicada a 324 pacientes (59,9% mulheres, idades entre 18 a 85 anos, média=40,4) com enfermidades crônicas: HIV/aids (n = 65), diabetes (n = 65), hipertensão (n = 65), psoríase (n = 65) e asma (n = 64), que constituíram amostra de conveniência. A análise dos componentes principais com rotação varimax extraiu três fatores: Fator 1, denominado representação emocional (α = 0,80), que agrupou dois itens originais da representação emocional (emoções e preocupações) e dois itens correspondentes originalmente à representação cognitiva (consequências e identidade); Fator 2 nomeado representação cognitiva (α =0,52) agrupou três itens de representação cognitiva, tal como na versão original (controle do tratamento, controle individual e compreensão); Fator 3 (percepção de temporalidade) constituído pelo componente de representação cognitiva \"dimensão temporal\", com item único. Para verificar qual estrutura fatorial possuía o melhor ajuste foram realizadas análises fatoriais confirmatórias, sendo testados dois modelos: Modelo 1, constituído por uma estrutura teórica com base no Modelo de Autorregulação de Leventhal; e Modelo 2 baseado na solução fatorial obtida no presente estudo, sendo excluído o item referente à dimensão temporal por se tratar de fator com item único. O Modelo 2 apresentou o melhor ajuste. A solução fatorial obtida, portanto, se refere a um instrumento com sete itens avaliados por uma escala de 0-10, mais uma questão aberta sobre causalidade da doença. Conclui-se que o Brief IPQ é uma medida válida e confiável para avaliar a percepção de doenças, sendo útil na prática de profissionais de saúde no Brasil que prestam assistência a pessoas com doenças crônicas. Porém, os achados revelaram a necessidade de mais estudos com outras populações para verificação de qual estrutura fatorial melhor representa o Brief IPQ, tendo em vista o Modelo de Autorregulação de Leventhal. Propõe-se ainda que sejam desenvolvidos itens alternativos, principalmente no que tange à dimensão temporal, que se mostrou pouco confiável neste estudo.

**Bolsista do CNPq

validação; percepção de doenças; Brief Illness Perception Questionnaire

M
Saúde

CANDIDATOS A CIRURGIA BARIÁTRICA: ANÁLISE DE PROTOCOLOS DA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA PRÉ-CIRURGIA. *Maria Cristina de Oliveira Santos Miyazaki (Hospital de Base, Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto e IPECS, São José do Rio Preto, SP), Ana Cláudia Russoni (Hospital de Base, Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, SP), Paula Sforcin Lopes Macedo (Hospital de Base, Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, SP), Neide A. Micelli Domingos (Hospital de Base, Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto e IPECS, São José do Rio Preto, SP), Nelson Iguimar Valerio (Hospital de Base, Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, SP), Sérgio A. Brienze (Hospital de Base, Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, SP).,*

Por sua etiologia multifatorial, várias formas de tratamento são utilizadas no manejo da obesidade. Uma revisão sistemática dos resultados clínicos e econômicos da cirurgia bariátrica concluiu ser esta mais efetiva para casos de obesidade mórbida quando comparada a outros procedimentos, já que atua na manutenção da perda de peso em longo prazo. Contudo, o procedimento não está isento de complicações e o emagrecimento súbito pode tornar o paciente mais vulnerável a uma série de transtornos mentais. Entre os aspectos que ainda precisam ser investigados sobre a cirurgia bariátrica, encontram-se o impacto desta sobre a qualidade de vida dos pacientes e as complicações psicológicas após o emagrecimento súbito promovido pela cirurgia. A avaliação pré e pós-cirurgia, bem como o acompanhamento durante todo este processo, fazem parte do atendimento oferecido a todos os pacientes do Sistema Único de Saúde, candidatos e submetidos ao procedimento no Hospital de Base da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (SP). O objetivo deste estudo foi caracterizar o perfil psicológico de candidatos à cirurgia bariátrica, a partir da análise dos protocolos de avaliação psicológica pré-cirúrgica no Hospital de Base. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da FAMERP. Foram analisados os protocolos da avaliação psicológica de pacientes do SUS candidatos à cirurgia bariátrica, no período entre 2003 e 2011. O protocolo da avaliação psicológica pré-cirurgia contém dados demográficos e resultados dos seguintes instrumentos: histórico de vida do paciente e roteiro de entrevista que inclui motivos subjacentes à escolha terapêutica (cirurgia); Inventário de Depressão de Beck (BDI); Inventário de Ansiedade de Beck (BAI); Inventário de Qualidade de Vida SF-36. Foram analisados protocolos de 353 pacientes, com idade entre 15 e 61 anos (M=37,38; DP=10,55), 277 (78,47%) do sexo feminino, 211 (59,77%) em união estável. A maioria tinha ensino médio completo (n=114; 32,29%), seguido de ensino fundamental incompleto (n=109; 30,87%). O Índice de Massa Corpórea (IMC) dos pacientes variou entre 32,71 e 74,77 (M=48,92; DP=7,12), as indicações para cirurgia foram motivos de saúde (n=237; 67,14%), saúde e estética (n=113; 32,01%) e estética (n=3;0,8%), sendo que 347 (98,30%) dos pacientes apresentavam comorbidades. Entre os pacientes com comorbidade, 170 (48,16%) faziam uso de substâncias psicoativas: 79 (22,37%) usavam álcool, 44 (12,46%) tabaco e 47 (12,46%) consumiam álcool, cigarro e outras drogas. Para a maioria dos pacientes a obesidade iniciou-se na infância (n=173; 49%) e na adolescência (n=37; 10,48%) e 351 (99,43%) já haviam tentado emagrecer anteriormente. O escore médio do BAI foi 14,61 (DP=11,81) e do BDI 15,83 (DP=32,21). No Inventário de Qualidade de Vida SF-36 foram obtidos os seguintes resultados: capacidade funcional (M=43,49; DP=24,65), aspectos físicos (M=33,62; DP=38,02); dor (M=45,30; DP=24,86), estado geral (M=54,77; DP=26,05), vitalidade (M=47,57; DP=23,95), aspectos sociais (M=59; DP=28,47), aspectos emocionais (M=59,99; DP=63,84) e saúde mental (M=59,40; DP=24,16). A avaliação psicológica no pré-operatório permitiu identificar dificuldades e problemas, favorecer seu manejo e prevenir complicações futuras. Um estudo longitudinal com estes pacientes está em andamento e

permitirá identificar aspectos relacionados a uma evolução positiva (ou negativa) após a cirurgia bariátrica.
Apoio: CNPq (M. Cristina Miyazaki é bolsista de produtividade em pesquisa) e FAMERP (Ana Claudia Russoni é bolsista de Iniciação Científica).
P
cirurgia bariátrica; obesidade; avaliação psicológica
Saúde

AVALIAÇÃO DE INDICADORES EMOCIONAIS EM ADULTOS COM DIABETES TIPO 2 E ADESÃO AO TRATAMENTO. *Luciane Ramos** e Eleonora Arnaud Pereira Ferreira (Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém-PA).,*
Em razão da complexidade que caracteriza o tratamento do diabetes Tipo 2, diversas variáveis têm sido investigadas para avaliar a adesão. Dentre estas, indicadores emocionais como estresse, ansiedade e depressão têm sido relacionados às dificuldades de adesão do paciente ao tratamento do diabetes. Entretanto, esta relação não está suficientemente clara. Este estudo objetivou analisar a relação entre indicadores emocionais (estresse, ansiedade e depressão), características sociodemográficas e adesão ao tratamento do diabetes. Participaram 30 adultos com diabetes Tipo 2 (18 mulheres e 12 homens, entre 33 e 59 anos) atendidos no programa Hiperdia de uma unidade municipal de saúde, com tempo de diagnóstico entre seis meses a 15 anos. Foram utilizados os seguintes instrumentos: questionário sociodemográfico, entrevista clínica semiestruturada, os Inventários de Ansiedade e de Depressão de Beck e o Inventário de Sintomas de Stress de Lipp. Valores de hemoglobina glicada dos participantes foram obtidos para avaliar a adesão ao tratamento. Os resultados mostraram que 70% (n=21) dos participantes estavam com valores de hemoglobina glicada acima de 6,5% (variando de 6,8 a 14%; M=8,54, DP=1,82, amplitude=7,3), indicando baixa adesão ao tratamento. Destes 21 casos com dificuldades de adesão, 67% eram do sexo feminino, 66,7% apresentaram estresse, 50% obtiveram escores indicativos de depressão e 36,6% de ansiedade. Os resultados revelaram, no entanto, que não houve relação estatisticamente significativa entre indicadores emocionais e adesão ao tratamento (avaliada por meio da hemoglobina glicada), sugerindo que tais indicadores não foram variáveis determinantes para a baixa adesão. Entretanto, os resultados apontaram a presença de alterações emocionais nos adultos com diabetes. Fez-se análise da associação entre adesão ao tratamento e as variáveis sociodemográficas idade, sexo, faixa etária, estado civil, escolaridade e renda familiar. Nesta análise foram considerados somente os 21 participantes (14 mulheres e sete homens) que apresentaram resultados de hemoglobina glicada indicativos de dificuldade no controle do diabetes. A análise demonstrou não existir diferenças estatisticamente significativas entre os participantes com relação às variáveis sociodemográficas e adesão ao tratamento. Explorando variáveis clínicas, verificou-se correlação positiva significativa entre tempo de diagnóstico e valores de hemoglobina glicada (r=0,591;
p=0,01), sugerindo que quanto maior o tempo de diagnóstico maior o valor da hemoglobina glicada, indicando histórico de não adesão às orientações prescritas. Esses dados sugerem que outras variáveis além dos indicadores emocionais podem estar interferindo na adesão ao tratamento desses participantes. Contudo, neste estudo não foi possível identificar quais fatores contribuíram para a baixa adesão, indicando a necessidade de estudos longitudinais que permitam acompanhar o indivíduo no processo de adesão ao tratamento.
** Bolsa de Doutorado da CAPES
Apoio Financeiro: FAPESPA (Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Pará)
diabetes, indicadores emocionais, adesão ao tratamento.

D
Saúde

MULHERES EM BRAQUITERAPIA PARA CÂNCER GINECOLÓGICO: AVALIAÇÃO DE ASPECTOS PSICOSSOCIAIS.. *Nadielle de Paula Moura Lira**; Juciléia Rezende Souza**; Elizabeth Queiroz; Christiane Xavier Ramos Magalhães (Centro de Alta Complexidade em Oncologia - CACON/Hospital Universitário de Brasília - HUB, Brasília-DF).,*

Apesar dos avanços tecnológicos, o diagnóstico e o tratamento do câncer ginecológico são ainda uma experiência física e psicologicamente desafiadora para as mulheres. A braquiterapia é uma modalidade de radioterapia que aplica elementos radioativos em cavidades do corpo para obter maior controle da doença e preservar as estruturas anatômicas adjacentes. No tratamento do câncer ginecológico, os aplicadores são colocados no canal vaginal com a mulher em posição ginecológica, podendo receber sedação para diminuição do desconforto gerado pelo procedimento. Esse tratamento é percebido como agressivo e invasivo e que expõe a intimidade da mulher no contexto da assistência à saúde. O presente estudo teve a finalidade de descrever aspectos psicossociais relativos à experiência de pacientes em braquiterapia para câncer ginecológico. Participaram dez mulheres entre 35 e 76 anos (M=48; DP=11,37) diagnosticadas com câncer de colo do útero e do endométrio, atendidas em uma unidade especializada em oncologia da rede pública de saúde do Distrito Federal. Utilizou-se um protocolo de pesquisa com roteiros de entrevista, um questionário de dados sociodemográficos e médico-clínicos, além de escalas para avaliar as variáveis psicossociais: estratégias de enfrentamento (Escala de Modos de Enfrentamento de Problemas); intensidade de dor (Escala Visual Analógica); suporte social (Escala de Suporte Social); ansiedade e depressão (Escala Hospitalar de Ansiedade e Depressão). As entrevistas e avaliações ocorreram antes das consultas de admissão no serviço e depois das quatro sessões do tratamento. Os dados quantitativos foram analisados empregando-se estatísticas descritivas e o Teste t pareado para comparar os níveis de ansiedade, depressão e dor, antes e depois da realização da braquiterapia. As variáveis estratégias de enfrentamento e suporte social foram avaliadas antes do início do tratamento com braquiterapia, mas não comparadas nos dois momentos. Os resultados indicaram que a maioria das pacientes relatou disponibilidade e satisfação com as modalidades de suporte social. As estratégias de enfrentamento focalização no problema (M=3,59; DP=0,65) e busca de prática religiosa/pensamento fantasioso (M=4,05; DP=0,44) foram as mais utilizadas. Verificou-se diferenças estatisticamente significativas nos escores de ansiedade obtidos antes e após a braquiterapia (t(9) = 2,42; p=0,038): os níveis de ansiedade (M=7,30; DP=3,92) foram maiores no período anterior ao tratamento, indicando a importância da preparação adequada da mulher para o procedimento. Por sua vez, não houve diferenças estatisticamente significativas entre as medidas de depressão obtidas nos dois momentos (t(9)=0,99; p=0,35). Quanto à intensidade de dor, constatou-se a existência de diferenças estatisticamente significativas (t(9) = -2,69; p = 0,025): as pacientes apresentaram uma intensidade de dor maior no final da braquiterapia (M=1,40; DP = 0,97), evidenciando a demanda por abordagens psicossociais para o controle da dor e o prolongamento da sedação até o término do procedimento de forma a minimizar o nível de sofrimento. O estudo contribuiu para o levantamento de aspectos a serem trabalhados em intervenções psicossociais para a redução dos níveis de distress e dos efeitos do tratamento de braquiterapia em mulheres com câncer ginecológico.

neoplasias ginecológicas; braquiterapia; variáveis psicossociais.

P
Saúde

Sessão Coordenada: **Psicologia do esporte: contribuições de pesquisas na perspectiva fenomenológica**

A sessão coordenada tem como objetivo apresentar o desenvolvimento e os resultados de investigações que se unem contemporaneamente pela temática e pela abordagem utilizada. Nesta sessão, diferentes objetos do universo da Psicologia do Esporte salientam a especificidade do fenômeno esportivo junto a certa variedade de manifestações corporais e psicológicas contempladas pelo mesmo. A perspectiva fenomenológica busca suspender o uso de concepções previamente determinadas, tais como a otimização do desempenho atlético, para dar abertura à emergência das experiências vividas por sujeitos da prática esportiva, a fim de apreendê-las e descrevê-las compreensivamente. Pretende-se, assim, ampliar a abrangência de experiências esportivas enfocadas e estimular o diálogo com abordagens predominantes na área, que tendem a enfatizar aspectos psíquicos funcionais à atividade esportiva. O entrelaçamento entre sujeito e objeto, evidenciado pela fenomenologia, encontra sua correspondência no desafio de investigar fenômenos nos quais a objetividade prática venha apresentada correlativamente à subjetividade do praticante. É enfrentando esse desafio investigativo que a sessão se dedica a destacar o desenvolvimento e os resultados, isto é, os meios e os fins que marcam as passagens e chegadas de investigações caracterizadas pelo esforço compreensivo dos diferentes trabalhos propostos na sessão.
Psicologia do Esporte

A EXPERIÊNCIA DE MORAR EM ALOJAMENTO DE UM TIME DE FUTEBOL PARA ATLETAS JUVENIS: UMA INVESTIGAÇÃO FENOMENOLÓGICA. *Rodrigo Lourenço Salomão* e Dr. Cristiano Roque Antunes Barreira*
Centro universitário de Franca, Uni-Facef
Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, EEFERP
Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto

,

A EXPERIÊNCIA DE MORAR EM ALOJAMENTO DE UM TIME DE FUTEBOL PARA ATLETAS JUVENIS: UMA INVESTIGAÇÃO FENOMENOLÓGICA
Rodrigo Lourenço Salomão* e Cristiano Roque Antunes Barreira
Centro universitário de Franca, Uni-Facef
Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, EEFERP
Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto
Este trabalho aborda a compreensão psicológica no que diz respeito à condição de jovens jogadores de categorias de base que vivem em alojamentos de Clubes de Futebol. É em relação a esse recorte contextual - e em acordo com a questão da responsabilidade social - que emergem experiências que são demandadas a tematizar esse trabalho. A instituição esportiva e seus profissionais, especialmente os psicólogos, devem se preparar para trabalhar de maneira adequada com as demandas formativas dos jogadores nessa condição, o que solicita, antes de mais, o reconhecimento apropriado das mesmas. É a partir desse ponto que se ergue a necessidade de um possível diagnóstico qualitativo sobre essa condição existencial, a fim de preparar encaminhamentos interventivos adequados para o acompanhamento formativo dos jovens nos clubes. Dessa maneira a presente investigação teve como objetivo identificar e compreender o conjunto de experiências típicas vivenciadas por jovens na condição de atleta da base de time de futebol morando em alojamento pertencente à equipe, com ênfase no modo como este sujeito enxerga esta situação e também a maneira na qual ele vive estas experiências. Valendo-se de procedimentos de cunho qualitativo, optou-se pela aplicação de uma metodologia de referencial fenomenológico, já que a mesma possibilita o acesso à experiência vivencial do indivíduo, por meio de análise da narrativa acerca de sua experiência.

Ao todo realizaram-se 19 entrevistas em clubes de futebol de primeira divisão dos campeonatos paulista e mineiro. As entrevistas foram, segundo os passos para análise fenomenológica, submetidas à redução intencional após terem sido áudio-gravadas e transcritas, possibilitando assim à individuação de unidades de sentido da experiência. Com os resultados conquistados, foi possível esclarecer os sentidos presentes nas narrativas dos sujeitos e suas articulações essenciais numa descrição do horizonte de experiência comum a todos os sujeitos e à especificidade dessa condição. Os elementos que caracterizam o fenômeno estudado foram individuados via cruzamento intencional, chegando-se à composição individuaram-se os elementos. das seguintes categorias: Brincadeira X Seriedade; Dificuldade de estar fora de casa; Processo de ambientação; Projeto de profissionalização; Correr atrás. Por fim, foi possível concluir que os elementos que delineiam a experiência vivenciada pelos atletas neste recorte contextual se entrelaçam alicerçados na última categoria, responsável por abrir e manter o devir que sustenta o projeto. O balanço entre sacrifício e meta molda e determina as decisões fundamentais para o posicionamento desses jovens. A justificativa e o valor do esforço de correr atrás compõem os atos espirituais fundamentais do sentido de ser atleta. É nessa dimensão decisória, irrestrita à assunção de estratégias positivas de enfrentamento, que o exercício profissional do psicólogo joga seu papel ético neste delicado contexto de transição de carreira. Disto desponta a demanda por compreensão da experiência singular dos atletas e por uma atitude do profissional de psicologia do esporte que priorize a liberdade e sacrifício das escolhas pessoais, favorecendo as condições psicológicas de sua realização.

Apoio CNPq
Palavras chave: transição de carreira, fenomenologia, psicologia do esporte.
IC
ESP

OLHARES DA PSICOLOGIA SOBRE O FENÔMENO DA TRANSIÇÃO NA CARREIRA ESPORTIVA.

Keila Sgobi de Barros (Departamento de Psicologia Social e do Trabalho Instituto de Psicologia Universidade de São Paulo São Paulo/SP)
Dr. Marcelo Afonso Ribeiro (Departamento de Psicologia Social e do Trabalho Instituto de Psicologia Universidade de São Paulo São Paulo/SP)

,

A carreira esportiva pode ser compreendida como processo vivido por quem pretende aperfeiçoar-se e ser reconhecido no esporte que pratica. A transição na carreira esportiva é estudada como parte deste processo iniciado a qualquer momento e que pode se apresentar primeiramente como prática de lazer e depois adquirir características competitivas que exigem aperfeiçoamento esportivo e diversas mudanças na vida do praticante. Nesta temática, o fenômeno mais abordado inclusive no Brasil é a transição de carreira, ou seu encerramento, com uma série de estudos que visam compreender suas causas e consequências físicas e emocionais aos atletas. Acreditando que tão importante quanto o encerramento da carreira é a vivência e compreensão pelo atleta das transições ocorridas durante uma carreira esportiva, o objetivo deste estudo é conhecer de que maneira este fenômeno tem sido estudado e qual o olhar dos fenomenólogos para ele nos últimos dez anos. Para isso, realizou-se uma busca nas principais revistas científicas relacionadas ao esporte no Brasil, Europa e Estados Unidos da América a partir dos descritores transição de carreira (retirement), transição na carreira (career transition), carreira esportiva (sport career), planejamento de carreira (career planning). Observa-se que os principais modos de analisar e compreender a transição baseiam-se nos estudos de Stambulova; Alfferman, Lavalle e Wylleman e Olgivie e Taylor (autores da psicologia do esporte que estudam o fenômeno há

pelo menos duas décadas) e Schlossberg (teoria da transição). Apresentam-se diversas propostas de intervenção. Em alguns casos, assemelham-se a processos de aconselhamento e orientação profissional, voltados a universitários e atletas em processo de encerramento da carreira numa abordagem cognitivista, sócioconstrutivista, ecológica holística, multicultural. Predominantemente, a carreira é apresentada como foco, tendo como público atletas universitários e de rendimento esportivo (principalmente de elite e olímpicos). Identificamos a aplicação de inventários e análise estatística para compreender como atletas sentem-se; entrevistas e análise qualitativa para a caracterização da trajetória esportiva; análise hierárquica de conteúdo; análise cross-cultural e outros métodos visando conhecer dificuldades e estratégias de enfrentamento. Apesar de haver estudos voltados à compreensão de diversos fatores envolvidos nas transições, não foram encontradas referencias na perspectiva fenomenológica ou fenomenológico-existencial. É possível que a busca não tenha sido suficiente, até o momento, para encontrar autores com este olhar voltados para este fenômeno. Entretanto, os estudos encontrados ampliam nosso olhar para o fenômeno da carreira esportiva, apontando ligações que podem ser estabelecidas pelo atleta com o mundo. Analisando resultados, valorizamos a futura ampliação do escopo deste trabalho em dois âmbitos: primeiro, direcionar-se àquele que vive a carreira esportiva e como vivencia sua carreira e transições que a constitui, abrangendo o sentir, pensar, imaginar como foi, é e será sua vida a cada passo dado na prática esportiva que se torna carreira profissional. Faz parte desta vivência o contexto social, cultural e econômico em que vive e neste ponto a Psicologia Social e do Trabalho no Brasil, o segundo âmbito, nos auxiliará na compreensão deste fenômeno por se apresentar como campo de estudos vasto a respeito da carreira e da pessoa na sociedade.

O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE ATLETAS COMPETITIVOS SOB A PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL. *Thania Xerfan Melhem** e Katia Rubio (Programa Pedagogia do Movimento Humano - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, SP).,*

O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE ATLETAS COMPETITIVOS SOB A PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Thania Xerfan Melhem** e Katia Rubio (Programa Pedagogia do Movimento Humano - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, SP, 2012).

Esta apresentação busca compartilhar e refletir a pesquisa realizada cujo objetivo foi compreender, segundo a concepção fenomenológico-existencial, o processo de formação de atletas competitivos apresentando possíveis contribuições dessa perspectiva no contexto esportivo. Pautando-se em pensadores existenciais como Kierkegaard, Heidegger, Sartre, Merleau-Ponty, Nietzsche, Buber e na fenomenologia de Husserl foi possível ressignificar a visão de mundo sobre a questão do ser atleta, sua formação e o esporte competitivo. Desta forma, falamos do atleta como corpo vivido, como um homem sem retalhos, consciente de sua liberdade e, portanto, sempre acompanhado pela angústia; de um homem aberto às possibilidades e que existe somente a partir de suas relações; de um homem que deseja, se motiva, busca sentido em sua vida; e que é sempre um ser inacabado. Assim, enquanto procedimento, foram realizadas quatro entrevistas com atletas de ambos sexos das modalidades voleibol e basquetebol que se encontravam em diferentes passagens da carreira esportiva: iniciação, especialização, profissionalização e saída do processo (aposentadoria). Orientada pela metodologia fenomenológica e pela concepção existencial a análise buscou explicitar o vivido expressado pelos atletas participantes da pesquisa. Dos discursos centrais dos entrevistados foram extraídas as unidades de significado das experiências convergentes do processo de formação. A partir dos relatos das experiências vividas foram encontradas dez unidades de significado constitutivas do processo de formação de atletas competitivos: 1 -

relação de empatia entre atleta e olheiro; 2 - importância da presença da família; 3 - vínculo do atleta com educador-técnico; 4 - vínculo afetivo do atleta com a modalidade praticada; 5 - jogar como projeto de ser-no-mundo; 6 - vivência da emoção à excitação; 7 - natureza do ser atleta competitivo; 8 - dores próprias da carreira esportiva; 9 - projeto de ser atleta e projeto de futuro; e 10 - transformações pessoais importantes. As unidades de significado se expressaram com frequências diferentes em cada passagem do processo de formação esportiva e, no todo, revelaram a importância da rede de apoio para o envolvimento dos atletas com a prática da modalidade, o jogar como forma de experiência singular de significação e o processo vivido como caminho de construção constante do existir destes atletas. Pensar o processo de formação de atletas competitivos a partir da realidade vivida por eles nos permite resgatar a questão do ser atleta em sua totalidade e mobilizar profissionais para uma visão ampliada sobre o trabalho realizado com eles e sobre o esporte competitivo como lugar educativo, formador e transformador da condição humana.
formação-atletas; fenomenologia; existencialismo.
M
ESP

FENOMENOLOGIA E PSICOLOGIA DO ESPORTE: REFLETINDO A INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA JUNTO A ATLETAS LESIONADOS EM TRATAMENTO. *Giovanna Pereira Ottoni* (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP), Prof. Dr. Cristiano Roque Antunes Barreira (Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP),*
Os desenvolvimentos recentes na área da Psicologia do Esporte têm revelado a experiência vivida por atletas lesionados em fase de reabilitação como um fenômeno bastante complexo. Nota-se que o processo ligado a essa ruptura de projeto na vida e carreira de um atleta profissional passou a ser foco de estudos na área, favorecendo a compreensão dos elementos implicados nessa experiência frequente no âmbito esportivo de alto rendimento. Os resultados encontrados na literatura recente se comprometem a delinear técnicas de intervenção, oferecendo alternativas práticas no intuito de facilitar o retorno do atleta. As discussões têm colocado em pauta, sob diversas perspectivas, a possibilidade de abranger a especificidade deste fenômeno, apreendendo as diferenças subjetivo-relativas/pessoais que o compõem sem precisar, com tal direcionamento, abrir mão das generalidades que o definem enquanto tal. Nesse contexto, buscando contribuir com o panorama científico vigente, teve início uma investigação fenomenológica com o objetivo de compreender a experiência de dor vivida por atletas lesionados que se encontram em tratamento e afastados da prática. Os dados foram acessados por meio de 20 entrevistas semiestruturadas, realizadas com atletas de diferentes faixas etárias e modalidades. As análises se dividiram em duas etapas: a primeira seguindo as indicações teórico-metodológicas da fenomenologia clássica de Husserl, permitindo elucidar categorias/unidades de sentido e destacando aspectos definidores do fenômeno conforme o mesmo se mostrou nos relatos. Identificou-se, em todas as categorias, um núcleo central de adversidade configurado pela condição presente do atleta, evidenciando o descompasso estrutural entre a vontade e a condição limítrofe imposta pela lesão relativa à corporeidade. Essa descrição essencial estimulou, por sua vez, a continuidade do tratamento dos dados, agora com referência a uma análise ontológica/existencial, ampliando os desdobramentos da pesquisa para o campo profissional de atuação do psicólogo. Isto se justifica pelo fato de que a adoção adequada de estratégias de enfrentamento requer um gradual ajustamento afetivo próprio à condição vivida. Constatou-se, porém, a necessidade de fundamentar as concepções de corporeidade e afetividade que norteiam a prática psicológica de forma determinante nesse processo. Assim, como segunda etapa de análise, foi considerada a antropologia

filosófica de Stein, trazendo o conceito de pessoa para designar uma consciência que o eu tem de si não apenas enquanto corporeidade, mas também como um eu corporal-psíquico-espiritual, isto é, dotado de materialidade, como ser animado e como pessoa espiritual. Esta unidade expressa nas análises de Stein elucida uma nova perspectiva para lidar com os fenômenos de natureza humana/espiritual, distinguindo-os daqueles que se inscrevem no domínio de apreensão e conhecimento das ciências naturais. Assumindo o caminho percorrido pela fenomenóloga, passa-se a reconhecer, em meio à análise dos relatos, a dinâmica experiencial relativa ao que Stein denominou potência, força, vontade, responsabilidade e liberdade, adentrando o terreno da corporeidade em sua ligação estrutural com a atividade anímica psíquica e espiritual. Esta retomada filosófica e fenomenológica, por fim, oferece possibilidades de articulações para o campo, precisamente no que se refere à compreensão em um nível integral de intervenção psicológica junto a atletas lesionados em tratamento.
FAPESP
Palavras-chave: atletas lesionados, fenomenologia, reabilitação.
IC
ESP

CAPOEIRA, MALÍCIA E A MALANDRAGEM: UM MOVIMENTO INTENCIONAL. *Pedro Henrique Martins Valério**(Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. São Paulo-SP) e Cristiano Roque Antunes Barreira(Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP),*
A capoeira se mostra em variadas faces, entrelaçadas em diferentes intensidades: a luta e seus ataques e esquivas, a dança no gingar e negacear, a brincadeira no jogo mais despreocupado, suas histórias e formas de ver e agir no mundo presente nos cantos, rituais e gestos. Estas e outras considerações, de modo geral, são bastante presentes na literatura. Toma-se a capoeira como uma manifestação cultural, ou seja, como um processo dinâmico e contínuo, que se re-origina ao ser transmitida de geração a geração mantendo, apesar das transformações ao longo do tempo, características essenciais que a permitem continuar sendo reconhecida como tal. Apesar da escassez de estudos sobre como a capoeira se constitui na intencionalidade dos praticantes, a partir de alguns resultados já alcançados, evidencia-se que o uso de um aparato conceitual prévio, fundamentado predominantemente na objetividade competitiva, como referência interpretativa da capoeira, seria impertinente. A execução de um trabalho de orientação fenomenológica no campo da psicologia do esporte, por outro lado, permite a apreensão de aspectos irredutíveis a conceitos estabelecidos previamente, acessando as especificidades do fenômeno abordado. Para acessar as vivências em capoeira foram coletados e transcritos depoimentos de 10 praticantes com o mínimo de 28 anos de prática. Nesta etapa são executadas entrevistas de inspiração fenomenológica, abertas e em profundidade, a fim de apreender o conteúdo intencional do relato sobre o tema estudado, almejando desviar-se de qualquer conteúdo pré-conceitual para acessar os fundamentos vividos em capoeira. Tal etapa é seguida por uma análise intencional dos depoimentos para individuar e compreender estas vivências. Os resultados mostram variações dos modos de aparição da capoeira que dão a ver a presença da luta, mesmo quando de forma lúdica, como um traço essencial que cruza o fenômeno. Porém, para além da luta, o desdobrar temporal da experiência da capoeira se desenvolve como uma gradativa sofisticação dos movimentos e alternativas gestuais. Esse desdobrar temporal está implicado em um processo de amplificação de alternativas frente ao perigo e/ou risco inerentes ao jogo. Neste movimento intencional, destacam-se a malandragem e a malícia. Apesar da distinção entre estas não ser clara, a primeira se revela predominantemente como sabedoria que envolve a percepção do risco/perigo, a ponderação das condições em que há exposição a estes e as ações a serem

realizadas. Já a malícia tende a uma espécie de cumplicidade adversa em que a atração, ou participação na intenção do outro, oculta uma contrariedade que pretende solucionar o jogo, vencendo, contornando ou evitando um confronto. Desta forma, malícia e malandragem emergem simultaneamente e se constituem na ação do capoeirista de modo essencial. A manifestação destes elementos essenciais varia em um amplo arco de possibilidades, sempre de acordo com cada capoeirista e as diferentes situações em que cada um pode se encontrar inserido. Uma interpretação da capoeira pautada em um aparato conceitual próprio à objetividade competitiva distorceria seu sentido por deixar de apreender o que os presentes resultados evidenciam como essencial à capoeira: o processo de amplificação do arco de alternativas e relacionamentos interpessoais no agir capoeira.

Bolsista CNPQ
Palavras chave: Capoeira, Fenomenologia, Malícia e Malandragem.
M
ESP

Sessão Coordenada: **Psicologia e Cultura**

Pesquisas teóricas e empíricas sobre a relação entre sujeito e seu mundo do social em termos culturais possibilitam um diálogo de caráter interdisciplinar, renuindo trabalhos de psicologia social, psicologia da religião e história da psicologia.
Psicologia Social

A POÉTICA DA CASA DA MINHA INFÂNCIA: REFLEXÃO SOBRE OPÇÕES COMO PESQUISADORA. *Elaine Pedreira Rabinovich, Família, Auto(Biografia) e Poética (Grupo de Pesquisa Família, Autobiografia e Poética, Universidade Católica do Salvador, Salvador, BA),*
Poetas e escritores denunciam, direta ou indiretamente, a influência de vivências infantis na produção de suas obras. De fato, por meio de um olhar renovado para o passado enquanto crianças, podemos ficar mais perto do eu que sendo tecido na medida em o fundamento do narrar é sempre a experiência, perceber como acontecimentos que fizeram parte de nossa história pessoal se constituíram em bases motivacionais para o presente que somos e como a linguagem pode também abrir, e não apenas ocultar, significados singulares, além dos decorrentes de suas injunções sócio-culturais. Na medida em que a criança é um in-fans, alguém que ainda não fala, esta linguagem que revela pode ser dita corresponder à poética ao abrir espaços para a liberdade individual na mesma medida em que esta revela o devir. As experiências evocadas pelo adulto em um posicionamento como criança podem trazer à tona as fissuras do sistema totalizador e repressor nas quais se instala o sujeito individual e desde onde este tem a oportunidade da intervenção criativa, ou seja, de um ato poético. Esta apresentação está baseada em dois relatos: a lembrança da minha moradia enquanto criança; e o conteúdo da introdução da tese de doutorado sobre moradia. A tese foi estruturada por meio das seguintes dimensões: simbólica; corporeidade; temporalidade; poética; brasilidade e, entre a temporalidade e a poética, um item denominado A casa dos mortos . Nos relatos, pode-se observar a continuidade entre as rememorações da infância e a tese: em ambas, a vivência do corpo por meio de seus sentidos atravessa os significados dados à casa; em ambas, um imaginário se sobrepõe aos aspectos materiais da moradia; em ambas, a história é atravessada pelo tempo que marca a vida e a morte e que, ele, não a narrativa, ordena os acontecimentos; em ambas, o não dito se refere a uma ruptura em que o símbolo passa a ser a coisa; em ambas, a territorialidade se expressa como enraizamento em um solo concreto. Esta continuidade, atravessada por 50 anos de diferença, levou a reflexões sobre experiências infantis que se perpetuam dentro de um itinerário sombra que pode se projetar como uma motivação fundamental no decorrer da vida. Ao mesmo tempo, este rememorar permitiu uma nova leitura das motivações implícitas no conteúdo da tese evidenciando, no caso do capítulo inconcluso, A casa dos mortos , como um mesmo acontecimento pode dar margem a uma abertura a percepção de que a moradia marca o tempo entre a vida e a morte - e a um fechamento, ou seja, enquanto os demais temas da tese foram fechados , este permaneceu em aberto.
Palavras-chave: (auto)biografia; infância; casa; experiência.
Pos-doc
SOCIAL

ASPECTOS DOS SABERES PSICOLÓGICOS NA HISTÓRIA DO PREDESTINADO PEREGRINO E SEU IRMÃO PRECITO. *Lidiane Ferreira Panazzolo*, Lívia Tieri Kuga* e Nayara Aparecida Saran* e Marina Massimi (Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto - SP),*
A novela intitulada A história do Predestinado peregrino e de seu irmão Precito , escrita por Alexandre de Gusmão, membro da Companhia de Jesus no século XVII, insere-se no âmbito

cultural brasileiro da Idade Moderna. A obra narra a história de dois irmãos que partem da mesma cidade, Gerson, optando por rotas diferentes de acordo com suas próprias escolhas. No início da história, percebe-se que as personagens são bastante semelhantes, e conforme o desenrolar da obra, estas vão percorrendo caminhos opostos até o Fim último de cada um: enquanto Predestinado se dirigia a Jerusalém, Precito optou por ir até Babilônia. A análise dessa novela alegórica permite um estudo sobre o entendimento da dinâmica do ser humano. O objetivo é compreender como ocorre o processo de elaboração das experiências individuais em contato com a realidade a partir das evidências das modalidades de elaboração das experiências ora expressas por meio das atitudes das personagens, ora narradas pelo autor em termos anímicos, corporais e de relações pessoais dos protagonistas e referentes às alegorias presentes na novela. A obra foi digitalizada e transcrita do português arcaico para o contemporâneo. Posteriormente, foram confeccionados dois mapas topológicos que demarcam as cidades visitadas por cada um dos peregrinos e a arquitetura presente nelas, juntamente com os principais personagens. Ademais, foram utilizadas fontes secundárias para embasar as análises. Sendo assim, pode-se perceber que os encontros entre as personagens principais e alegóricas, como a Vontade e a Razão, influenciaram no direcionamento dos caminhos opostos escolhidos por Predestinado e Precito. Outrossim, é provável que a obra tenha sido permeada por influências dos autores jesuítas Conibricenses, da Filosofia Clássica e da Escolástica. Ela insere-se no filão da literatura característica da época, marcada por uma dualidade entre a escolha do prazer imediato e o compromisso com a salvação da alma e a obtenção da vida eterna. De uma maneira geral, observa-se uma permanente influência da visão de mundo da época na construção da novela, que repercute no modo como o autor articula o texto de maneira persuasiva e didática. Além disso, a respeito do conteúdo da novela, pode-se ver que a dinâmica corporal está relacionada diretamente às escolhas e às experiências em ambas personagens principais, de modo a reiteirar a relação corpo e alma como una. Também evidencia-se um sentido intrínseco nos caminhos escolhidos por Predestinado e Precito que refletem na constituição das personalidades diferentes entre os irmãos, de acordo com as experiências e as modalidades de potências psíquicas do entendimento e vontade manifestadas.

Apoio Financeiro: FAPESP e CNPq

Palavras-chave: Alexandre de Gusmão SI, história dos saberes psicológicos, experiência

IC

HIST

SABERES PSICOLÓGICOS E CULTURA: AS CONCEPÇÕES DE CORPO, ALMA E ESPÍRITO NOS SERMÕES DE ANTÔNIO VIEIRA. *Sandro Rodrigues Gontijo**, Marina Massimi (Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto - SP),*

A oratória religiosa do período colonial é uma importante fonte para o estudo de saberes psicológicos difundidos na época. A cultura do século XVII, rotulada como barroco é uma cultura de persuasão, sendo a pregação religiosa o meio de comunicação de massa privilegiado. A oratória religiosa materializa-se, por excelência, nos sermões. Poucos dominaram essa arte tão magistralmente quanto Antônio Vieira (1608-1697). Ao inquirirmos sobre os conceitos e relações entre corporeidade, psique (alma) e espírito (intelecto e vontade) presentes na obra de Vieira, estamos fazendo uso de uma chave de leitura que nos propicia acesso à antropologia, psicologia filosófica e visão de mundo da época, bem como à tradição milenar de origem helênica e judaico-cristã que alicerçou o pensamento ocidental e que nos influencia fortemente até hoje. Tal operação não tem de modo algum o objetivo do resgate ou reatualização de conhecimentos passados, mas ajudar a clarear as distinções e

escolhas epistemológicas atuais, bem como evidenciar o forte vínculo entre psicologia e cultura. Aclarando a história de um tema, podemos repropor problemas, ampliar categorias e rever metodologias. Utilizamos como fonte primária a edição em português moderno da obra de sermões publicada pelo jesuíta. A partir de elementos teóricos retirados da Historiografia, da História Cultural e da História da psicologia, buscamos identificar o contexto de produção dos sermões e as apropriações feitas por Vieira. Foram lidos e analisados 208 sermões, onde as principais recorrências conceituais e as passagens mais representativas foram selecionadas e analisadas. Utilizamos como fontes secundárias, obras consideradas significativas da visão de mundo do período e da tradição no qual se fundamenta, tais como tratados de retórica e oratória sagrada, clássicos gregos e latinos e obras clássicas de cunho filosófico-teológico, assim como literatura crítica a respeito. Constatamos que o autor, compartilhando a visão de mundo de seus contemporâneos, realizaria uma apropriação da psicologia filosófica de inspiração aristotélico-tomista, em voga no século XVII, possuindo também grande influência agostiniana. Segundo o pressuposto da época, potências internas (senso comunis, cogitativa, imaginativa e memorativa) e externas (visão, audição, tato, paladar, olfato), paixões, apetites, vontade, intelecto e espírito são os elementos que compõem a alma em sua dinâmica. O homem é considerado como sínolo , composto indissociável entre corpo e alma. A corporeidade está relacionada à captação dos dados sensíveis, sendo imprescindível para ocorrer a dinâmica da alma e elaboração do conhecimento. Além disso, segundo a teoria dos temperamentos vigente na época a constituição corporal influencia diretamente o funcionamento da alma. O espírito é diversas vezes associado à alma racional, onde se encontram a potência volitiva (vontade), potência intelectiva (intelecto), e livre alvedrio (livre arbítrio e capacidade de deliberar). O espírito representa também o lugar de interação com o transcendente (é o pneuma, sopro divino) e junto com a memória representam a peculiaridade do homem.

FAPESP
Palavras-chave: Antônio Vieira, saberes psicológicos, cultura.
D
HIST

PSICOLOGIA E CULTURA: A VIVÊNCIA DO LIMITE E OS MODOS DE RESPOSTA DA PESSOA EM UMA COMUNIDADE TRADICIONAL. *Eduardo Vinícius Moura de Carvalho*, Miguel Mahfoud (Laboratório de Análise de Processos em Subjetividade, Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte MG),*
Em Psicologia Social há um relevante campo de discussão quanto à mútua relação entre pessoa e cultura: como a cultura incide na estruturação e no posicionamento de cada pessoa e como cada pessoa incide na cultura a partir de seu posicionamento. Partimos do fato de que cada pessoa é lançada a um contexto específico o qual convida e provoca a estabelecer miradas sobre a realidade, de modo tal que, cada pessoa, em sua unidade, remete-se a um contexto como orientador do posicionamento pessoal. Tivemos como objetivo identificar, a partir de entrevistas autobiográficas, como as modalidades de elaboração pessoal sobre a história de sua vida tangencia características próprias da cultura e tradição local. O presente trabalho teve como objeto duas entrevistas autobiográficas realizadas com Dona Clarinda, de 83 anos, por se tratar de alguém que é referência para comunidade onde nasceu e mora sob diversos pontos de vista, tais como educação, política, religião e música. Dona Clarinda é de Morro Vermelho, uma comunidade rural tradicional, distrito da cidade de Caeté, de aproximadamente 800 habitantes, localizada no interior de Minas Gerais. A comunidade se caracteriza por tradições advindas da colonização portuguesa que continuam vivas e transmitidas desde o início do século XVIII. Utilizamos o método fenomenológico para a análise

dos relatos autobiográficos para apreender, do encontro com o material, as vivências próprias de Dona Clarinda a partir de um recorte tangencial às tradições de Morro Vermelho. Como resultado, encontramos características buscas e respostas a elas dadas por Dona Clarinda: em meio à diversidade de modos de respostas às suas buscas ora reclamando, ora contemplando, às vezes admitindo as impossibilidades, outras lutando ela manifesta uma unidade de experiência, vivenciada em situações entendidas por ela como limite. A partir disso, propomos a organização de seus limites nas seguintes categorias: 1) Pessoais e 2) Comunitários. Dentre os pessoais, encontramos limites relacionados a fatores: a) Econômicos; b) Educacionais; c) Familiares; e d) Morte. Já dentre os comunitários, encontramos tipos de limites que dizem respeito a: a) transmissão de conhecimentos: b) Religiosidade; c) Artes (música, teatro, etc.); e d) Patrimônios da comunidade. Chegamos a apreender que Dona Clarinda toma as experiências de sua comunidade através da forte valorização da manutenção e transmissão das tradições locais, vivenciando frustração quando não obtida; da forte vinculação à religiosidade, como horizonte total e de apoio último; tem orgulho e cuidado com os bens da comunidade, vinculados à sua força e espírito de luta a fim de mantê-los; vivenciar as artes não apenas enquanto diversão, mas como continente de valores. As experiências de Dona Clarinda são um convite a nos atentarmos às possibilidades de apreender uma cultura tradicional de maneira viva, isto é, não enquanto comunidade fechada e/ou moralista, mas através de um horizonte de sentido e de pertença.
Palavras-chave: Psicologia e Cultura; Fenomenologia; Autobiografia
FAPEMIG
IC
SOCIAL

A TENSÃO ENTRE FINITO E INFINITO NA CORRESPONDÊNCIA EPISTOLAR DO CIENTISTA MIGUEL ROLANDO COVIAN. *Rafael de Paula da Silva*, Miguel Mahfoud (Laboratório de Análise de Processos em Subjetividade, Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte MG),*
A presente pesquisa se insere no campo de investigação dos modos característicos de uma pessoa elaborar a própria experiência e se posicionar no mundo para, assim, chegar a aspectos universais da experiência humana. O objeto deste trabalho é a apreensão da elaboração da experiência de mundo do médico fisiologista argentino Miguel Rolando Covian (1913-1992) convidado para consolidação do então recém criado Departamento de Fisiologia da Faculdade de Medicina da USP de Ribeirão Preto - a partir da sua correspondência epistolar com o cientista argentino prêmio Nobel de medicina Bernardo Alberto Houssay, considerado seu mestre, e com o padre jesuíta Jesus Montanchez, seu diretor espiritual. Foi feita uma análise fenomenológica das correspondências onde se evidenciou, na experiência de Covian, uma profunda tensão entre finito e infinito. Segundo Luigi Giussani, esta tensão é um aspecto constituinte da própria experiência originária da pessoa e, em Covian, ela se explicita 1) na sua relação com o cristianismo e com Deus, tomada por ele como elemento de grande importância em todos os campos de sua vida, de modo que esta relação sempre o estimulava a testar e melhorar a si mesmo; 2) na sua concepção ampla de ciência e religião, em que ambas são complementares, evidenciando em sua experiência uma unidade entre o passo do caminho científico e o passo religioso; 3) na sua concepção de universidade na forma como ela deve se posicionar criticamente na sociedade e no modo como deve formar os estudantes, possibilitando uma formação não apenas técnica dos alunos, mas também humanística; 4) nos seus constantes questionamentos sobre suas ações e escolhas pessoais evidenciando um movimento de busca de sentido e de procura por respostas que não dependiam apenas dele, mas também da vontade de Deus , onde se relaciona com um horizonte totalizante

onicompreensivo na tentativa de se aproximar de Deus; e 5) nos relacionamentos com seus mestres, principalmente Houssay e Montanchez, nos quais encontra a possibilidade de sair da mediocridade por meio do encontro entre espíritos que se sintonizam na busca da verdade. O elemento característico da experiência de Covian e da forma como ele se posiciona no mundo, que explicita a tensão entre finito e infinito, é a sua religiosidade: fica evidente, em todos os campos de sua vida - inclusive na sua atividade científica -, a sustentação da Religião como algo fundamental e estruturante da sua pessoa. A elaboração presente nas cartas de Miguel Rolando Covian deixa, portanto, a possibilidade de uma complementaridade entre Ciência e Religião como uma experiência pessoalmente enriquecedora.
Palavras-chave: Experiência Elementar, Fenomenologia, Psicologia e Religião
IC
RELIG

O EU SE REALIZANDO EM COMUM UNIDADE: CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA. *Ana Cláudia Bernardes Guimarães**, Miguel Mahfoud (Laboratório de Análise de Processos em Subjetividade, Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG),*
O objetivo do presente trabalho é compreender a complexidade da relação entre o processo de formação da pessoa e vivência comunitária, sem reduzir a um âmbito subjetivista nem socializante. Realizou-se pesquisa teórica a partir da obra da fenomenóloga Edith Stein, fazendo uma ponte com outros autores importantes da Fenomenologia tais como Husserl, Berger, Luckmann e Schutz. Apreendeu-se que a pessoa que somente é em relação é um ser uno incluído na realidade social e sujeito da própria experiência. A pessoa se realiza, ou seja, desenvolve suas potencialidades e suas características próprias, via a mútua constituição sujeito-mundo. O sujeito já se realiza ao se posicionar em direção à realização da estrutura de seu eu sua pessoalidade , ainda que vivencie dificuldades nesse processo. A dinâmica de realização é potencializada quando a pessoa participa ativamente e comunitariamente no mundo de relações que a constitui. Mundo este, concomitantemente pessoal e coletivo; mundo histórico-cultural concreto, organizado intersubjetivamente em usos e costumes, saberes e valores: é o mundo-da-vida. Sendo assim, o mundo das relações é constituído por um dinamismo de mútua constituição entre contexto sociocultural e pessoa. Além de a pessoa apreender as formações de sentido oferecidas pelo mundo-da-vida, também se apropria ativamente delas posicionando-se em seu ambiente. O sujeito ao se inserir num contexto sociocultural vivencia seu mundo-da-vida de modos variados, dependendo de como se posiciona em seu meio social. Uma das formas desse contexto é a comunidade. Nela não somente existem relações mútuas entre pessoas, mas sim elas comparecem como uma unidade e formando um nós. As pessoas que vivem esse nós se posicionam comunitariamente criando uma cultura compartilhada. As comunidades podem ser passageiras, durando algumas horas, ou duradouras. É o ato de solidariedade, de abertura diante do outro solicitando uma responsabilidade comum que é fundamental para a comunidade. A vivência comunitária implica um reconhecimento de uma experiência de nós , uma experiência de pertença. Este tipo de vivência é constituído pelo posicionamento pessoal dos membros que compõem a comunidade. Nela é possível existir um certo tipo de vínculo intersubjetivo que tem a força da constituição da pessoa. A cultura de uma comunidade pode contribuir para a constituição de um eixo organizador da vivência pessoal favorecendo o sujeito a lidar com os contextos externos. Ou seja, a integração da pessoa numa ordem de sentido comunitário possibilita uma unidade de experiência. O processo de o sujeito se posicionar intersubjetivamente na comunidade, realizando a estrutura pessoal, também permite a continuidade da constituição do mundo-da-vida dessa comunidade. Dessa forma, a

pessoa ao se colocar em seu contexto sociocultural constrói tanto a si mesmo quanto seu meio. Conclui-se que tanto a formação da pessoa quanto o desenvolvimento da comunidade dependem da relação eu-mundo para emergirem.

Palavras-Chave: fenomenologia; psicologia e cultura; conceito de pessoa.

M

SOCIAL

Sessão Coordenada: **PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO: MEDIAÇÕES POSSÍVEIS EM TEMPO DE INCLUSÃO**

A inclusão sugere um processo de desenvolvimento de culturas, políticas e práticas, que permitem o desenvolvimento social e intelectual de todas as pessoas, independente de suas peculiaridades. Para nós, a concepção de ser humano construído se dá no contexto cultural, entendido como resultante de um diálogo historicamente criado em uma dada sociedade. Portanto, a inclusão só faz sentido se for compreendida no seu contexto de construção, seja ele o hospital, a escola, a universidade ou organizações da sociedade civil. Nesse sentido, pensamos não somente em inclusão, mas em inclusões enquanto práticas e concepções que viabilizam o posicionamento das diferentes pessoas em um determinado contexto de atuação profissional e/ou estudantil. Tais contextos estão relacionados à dialética própria do processo de inclusão, vinculada ao processo de pertencimento e não pertencimento dos indivíduos e dos lugares. Esta sessão coordenada apresenta quatro trabalhos de pesquisa realizados em diferentes universidades e centros de pesquisa e formação profissional, como o Hospital Sarah, em que a experiência do trabalho com a inclusão, seja por professores e/ou estudantes, é problematizada e investigada em seu contexto próprio de construção. O primeiro trabalho levantou com os professores de escolas públicas inclusivas as ausências sentidas por eles no processo de inclusão de escolar. O segundo trabalho investigou a construção de identidade de jovens com paralisia cerebral. A terceira pesquisa investigou questões de formação de professores de ciências naturais para a atuação em inclusão. A quarta apresenta resultados de uma pesquisa realizada com uma aluna com altas habilidades em artes visuais sobre o conceito de inclusão. Os resultados dos trabalhos apontam para a compreensão de que a inclusão é um fenômeno múltiplo e que requer, de fato, a desconstrução de paradigmas que apontam para uma forma padrão de ser escola, hospital, instituição e para formas padrões de ser estudantes e profissionais. A inclusão nos desafia a nos posicionar diferentes em contextos diferentes, porque é a diferença que sustenta as práticas inclusivas e o sentir-se incluído/a em determinado contexto sociocultural.

Palavras chaves: inclusão, educação, psicologia
Psicologia do Desenvolvimento

OS PROFESSORES E AS AUSÊNCIAS SENTIDAS NA INCLUSÃO. *Rafaelle Estrela Lopes* (Faculdade UnB Planaltina, Planaltina, DF)*
Juliana Eugênia Caixeta (Faculdade UnB Planaltina, Planaltina, DF)

,

O direito a uma educação de qualidade, respeitando a diversidade dos alunos, reforça, cada vez mais, a necessidade de professores habilitados em sala de aula. A ausência de formação especializada dos professores constitui um sério problema visto que torna deficiente o processo ensino-aprendizagem com os alunos deficientes e/ou superdotados inseridos nas classes regulares. No entanto, estudos mostram que muitos professores não se sentem preparados para lidar com a diversidade nas salas de aula inclusivas. Nesse trabalho, nosso objetivo foi investigar as ausências sentidas pelos professores da rede pública de ensino, inclusive de formação acadêmica, na vivência do processo inclusivo, assim como sugestões apontadas pelos docentes para viabilizar a inclusão escolar. Para isso, realizamos entrevistas semi-estruturadas com quatro professores da rede pública de ensino do Distrito Federal que vivenciavam o processo inclusivo em suas práticas docentes. Nesse sentido, o roteiro das entrevistas focalizou as seguintes dimensões: ausências sentidas pelos participantes na realização do processo de inclusão em sala de aula; existência de capacitação durante a graduação e formação continuada para a atuação junto aos educandos com deficiência e/ou superdotação, além de sugestões apontadas pelos professores quanto a mudanças necessárias

para a viabilização da inclusão escolar. Para a análise, as entrevistas foram transcritas na íntegra, o que totalizou em, aproximadamente, duas horas de gravação e submetidas à análise dialógica temática que permitiu a elaboração de mapas de significados com os temas centrais de cada participante e um mapa de significados para todos eles. As principais ausências relatadas pelos professores disseram respeito à ausência de formação profissional, à inadequação da estrutura física e pedagógica, inclusive, dos recursos pedagógicos, à curta duração do tempo da aula e ao número adequado de alunos em sala. Como principais sugestões, os professores afirmaram ser: a capacitação do professor, com início na graduação; capacitação dos demais profissionais da escola; a redução do número de alunos por turma; ambiente escolar adaptado para receber alunos com deficiências e materiais didáticos de apoio ao professor. No entanto, o posicionamento preponderante dos professores foi sobre a questão da formação profissional. Para eles, os cursos de capacitação precisam de modificações na sua estruturação, ou seja, precisam relacionar teoria-prática, possibilitando troca de experiências entre profissionais e aprendizado de estratégias de atuação.
Palavras-chaves: inclusão; formação de professores; educação especial.
Nível do trabalho: IC
Código da pesquisa: DES

HISTÓRIAS DE VIDA E SEUS SIGNIFICADOS NAS IDENTIFICAÇÕES DE ADULTOS COM PARALISIA CEREBRAL. *Paulo França (Rede Sarah de Hospitais de Reabilitação/ Universidade de Brasília, Salvador, BA)*

,

Este trabalho objetiva estudar as prática discursiva e como acontece a construcao de significados relacionados às identificações de pessoas com paralisia cerebral. Por esse motivo, nosso estudo se baseia na fala de cinco participantes adultos (03 homens e 02 mulheres com diagnóstico de paralisia cerebral em atendimento em um centro de reabilitação). Buscamos investigar quais os significados emergentes das trocas dialógicas presentes nas narrativas de histórias de suas vidas; como esses participantes se autodescrevem e como elaboram as suas identidades; quais são as dificuldades enunciadas e como as enfrentam? Tomamos como referencial a pesquisa qualitativa em uma abordagem dialógica a partir da perspectiva da psicologia histórico-cultural. Esta escolha metodológica fundamenta-se no argumento de que a pesquisa qualitativa é um processo complexo de construção do conhecimento que atenta para aspectos importantes na exploração de um problema humano ou social. O trabalho de construção de dados aconteceu em três encontros individuais com cada um dos participantes, onde foram realizadas as entrevistas abertas e individuais. Todas as entrevistas foram gravadas em fita cassete totalizando 35 horas de gravação. Utilizamos o programa QDA Miner, software para análise qualitativa de dados, que nos permitiu agrupar o conjunto de respostas e formar um documento para cada um dos participantes. Os resultados foram definidos e organizados nas seguintes categorias: Gêneros (drama, comédia, romance, epopéia) referem-se ao tipo de texto em sentido mais amplo, uma vez que abrange também os contextos e se aplica para classificar os produtos culturais Períodos vitais: (nascimento, infância, adolescência, vida adulta, mudanças de lugar, mudanças de atitudes) referem-se aos episódios acontecidos na vida dos participantes; Conteúdos: (autopercepção, percepção social, diagnóstico, relacionamentos, expectativas) definidos a partir das diversas leituras dos textos produzidos a partir das entrevistas. As respostas obtidas e confrontadas com a teoria nos permitem entender que as narrativas se apresentam como uma maneira particular de compreendermos como as pessoas constroem os significados de suas histórias de vida. Neste estudo pensamos que os adultos com paralisia cerebral constroem suas identificações em relação com os aspectos constitutivos de suas histórias de vida e a deficiência.

Palavras-chaves: narrativas, história de vida, paralisia cerebral
Nível do trabalho: D
Código da pesquisa: DES

OS SIGNIFICADOS DE FORMADORES DE PROFESSORES SOBRE O PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS COM DISTÚRBIOS NEUROMOTORES, EM DISCIPLINAS DAS CIÊNCIAS NATURAIS. *Maynnã Amaral* (Faculdade UnB Planaltina, Brasília, DF)*
Silviane Barbato (Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF)

,

Neste trabalho discutimos o processo de construção da inclusão, como dinamogênico, gerado por e gerando conflitos pessoais e institucionais. Considerando nosso interesse nesta sessão, entendemos que, a partir do diálogo da psicologia do desenvolvimento com o ensino de ciências naturais, os conflitos referentes à inserção de novas políticas no âmbito da escola geram uma crise e colocam os professores e outros membros da comunidade escolar em transição. Essa transição implica, por sua vez, em um embate entre práticas culturais assentadas com as novas práticas introduzidas pelo conjunto de instrumentos da política de inclusão escolar, implicando a geração e adaptação destes e a geração de novas funções: na medida em que avançamos no processo de inclusão escolar, novos instrumentos vão sendo criados e novos significados vão sendo elaborados. Esse processo desencadeia e está implicado em duas dinâmicas importantes: a de hibridização em termos sociológicos e de convencionalização em termos psicológicos. Propomos analisar os significados que os especialistas, formadores de professores estão construindo sobre o estar na escola, o aprender e o desenvolvimento do ensino-aprendizado de alunos com distúrbios neuromotores enfocando o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio, relacionando a inclusão com a política pública e perspectivas na formação e estratégias de mediação. A pesquisa qualitativa foi desenvolvida a partir de questionários enviados via internet para especialistas em inclusão tratando de questões de formação de professores de ciências naturais para a atuação em inclusão. Aplicou-se a análise de conteúdo temática, onde os resultados obtidos foram o de formação inadequada de professores, dificuldade na formação continuada, péssimas condições físicas das escolas publicas, dentre outros. Espera-se contribuir para o desenvolvimento da compreensão da formação de professores inclusivos e apoiar professores de ciência na elaboração de novos materiais didáticos.
Palavras-chave: Ensino Inclusivo, formação de professores de ciências naturais e distúrbios neuromotores
Nível do trabalho: IC
Código da pesquisa: DES

SIGNIFICADOS DE INCLUSÃO NOS DESENHOS DE UMA ALUNA DO ENSINO MÉDIO COM ALTAS HABILIDADES EM ARTES VISUAIS. *Haianne Santos Sousa* (Faculdade UnB Planaltina, Planaltina, DF)*
Bruno Nascimento Morais (Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, DF)*
Thiago Rodrigues da Silva (Faculdade UnB Planaltina, Planaltina, DF)*
Juliana Eugênia Caixeta (Faculdade UnB Planaltina, Planaltina, DF)

,

São considerados superdotados ou com altas habilidades indivíduos que apresentam notável desempenho ou elevada potencialidade em qualquer um dos seguintes aspectos isolados ou combinados: habilidade intelectual geral, talentos acadêmicos, pensamento criativo, artes visuais e cênicas e habilidades psicomotoras. Este trabalho foi desenvolvido com uma aluna do

ensino médio, de 16 anos, que apresenta altas habilidades em artes visuais, demonstrando sua alta habilidade em desenhos e pinturas. O objetivo do trabalho foi investigar as concepções de inclusão da aluna para que ela pudesse desenvolver uma história em quadrinhos sobre inclusão. Para tanto, utilizamos a metodologia da pesquisa-ação, numa compreensão da metodologia qualitativa da pesquisa. Neste projeto, utilizaremos a metodologia da pesquisa-ação como perspectiva metodológica. Nesse sentido, o grupo de pesquisadores planejou um conjunto de intervenções que contemplaram: sessões de desenho livre, sessões de desenho mediados por oficinas de vivência das deficiências (visuais, físicas e auditivas) e sessões de desenho mediados por filmes de ficção ou não. Ao todo, foram realizados oito encontros nos quais foram realizados as mediações e os desenhos. Foi solicitado que a aluna também escrevesse um diário sobre suas experiências e reflexões que ela desenvolveu sobre os encontros. Para procedimento de análise, foi desenvolvida uma análise temática dialógica para os dados textuais e análise da imagem parada para os desenhos. Os resultados evidenciaram uma ampliação do conceito de inclusão, haja vista que, inicialmente, ele centrava-se na noção de incluir alunos das camadas populares nas escolas. Nesse contexto, a escola se apresentava como um espaço privilegiado de inclusão e de mobilidade social. Com o tempo, a aluna passou a desenhar temáticas como a diversidade de ser humano e dos direitos que toda pessoa tem de viver em sociedade tendo suas especificidades respeitadas e potencializadas não só na escola, mas em todo espaço social.

Palavras-chave: altas habilidades em artes visuais, imagens, inclusão
Nível do trabalho: IC
Código da pesquisa: DES

Sessão Coordenada: **Questões Filosóficas das Terapias Cognitivas**

As terapias de ênfase cognitiva são fortemente direcionadas à prática clínica e à construção de modelos psicopatológicos, geralmente negligenciando a sistematização de suas concepções de personalidade e fundamentações teórico-filosóficas, como a análise da origem de seus conceitos ou as concepções epistemológicas nas quais se assentam suas alegações de conhecimento. A presente sessão coordenada tem como objetivo apresentar os resultados iniciais das pesquisas de quatro mestrandos sobre diversos aspectos teóricos relevantes de abordagens como a Terapia Cognitiva de Beck, a Terapia do Esquema de Young e ainda a concepção de virtude na nascente Psicologia Positiva. Acreditamos poder contribuir com o aprofundamento do conhecimento sobre os fundamentos teóricos das terapias cognitivas, aspecto essencial para a coerência da prática clínica e o desenvolvimento da abordagem.
Psicologia Clínica e da Personalidade

IMAGEM DE HOMEM IMPLÍCITA NA TERAPIA COGNITIVA DE BECK. *Gustavo Arja Castañon Natália Quintela Rocha ** (Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG),*

A Terapia Cognitiva (TC) tem como uma de suas distinções mais características o fato de não ter nascido de uma teoria integrada, seja da aprendizagem ou da personalidade. Se definirmos personalidade como o conjunto de características da pessoa que explicam padrões consistentes de sentimentos, pensamentos e comportamentos, podemos concluir que, apesar disto, não faltam elementos nas obras de Beck que propiciem o reconhecimento de uma teoria da personalidade, sendo esta integrada ao modelo antropológico vigente no cognitivismo. Este estudo é uma análise teórica com base em dados levantados em pesquisa bibliográfica de fontes primárias da obra de Beck e de clássicos da revolução cognitiva. Implícita ou explicitamente, o Cognitivismo postula e defende um modelo de ser humano que: 1) é consciente, 2) ativo e 3) um processador de informação, uma vez que os processos são ativos e envolvem tanto dados inspectivos ou sensoriais (de uma realidade objetiva) quanto introspectivos (de uma realidade pessoal e subjetiva, em um tipo de configuração significativa), por exemplo, o processo de percepção. 4) É também reagente a significados atribuídos, ou seja, o significado que uma pessoa atribui a uma situação determinaria como aquela pessoa se sentirá e se comportará. Este é um dos principais fundamentos da TC. 5) É dono de emoções que atuam através da cognição, o que podemos ver centralmente na teoria cognitiva de Beck, que postula a especificidade do conteúdo cognitivo, no qual respostas emocionais específicas são associadas com diferentes tipos de construções ou cognições. 6) É possuidor de tendências inatas, dito de outro modo, é dotado de predisposições genéticas que na interação com as influências ambientais torna possível o desenvolvimento de certas capacidades especificamente humanas. Assim, pode-se dizer, por exemplo, que padrões comportamentais que são geralmente atribuídos a traços ou disposições de personalidade representam, na verdade, as estratégias interpessoais desenvolvidas a partir da interação entre disposições inatas e influências ambientais. Dessa forma, as características inatas devem ser vistas como tendências , que podem ser acentuadas ou diminuídas pela experiência . 7) É dono de um inconsciente cognitivo, caracterizado por processos mentais que operam fora da consciência fenomenal, mas que determinam a experiência consciente e o pensamento por meio do processamento cognitivo automático , como podemos por exemplo ver no conceito de pensamento automático elaborado pela TC, que, apesar de ser inicialmente inconsciente, pode ser facilmente admitido à consciência através das técnicas cognitivas. 8) É movido por causas e razões, 9) é construtor de parte das regras que coordenam sua cognição, como seu sistema de crenças. 9) É orientado a metas e epistemicamente motivado, 10) É constituído de mente e corpo que interagem e se influenciam mutuamente, num tipo de dualismo de propriedades. A teoria cognitiva clínica,

originalmente nascida de um modelo bem sucedido de terapia da depressão, se integrou à revolução cognitiva assumindo muitas de suas teses gerais e contrastando com o espírito reducionista e determinista disseminado na Psicologia e Psicoterapia pelo Behaviorismo e pela Psicanálise.
Psicologia Cognitiva, Teoria Cognitiva, Cognitivismo.
P
CLIN

FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS DA TERAPIA COGNITIVA. *Carlos Henrique Gonçalves** (Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, RJ)*

,

Os primeiros movimentos exploratórios da Terapia Cognitiva se deram a partir de 1956, quando Beck, na tentativa de fornecer apoio empírico a certas formulações psicodinâmicas de depressão (modelo psicanalítico), que entendia como certas na época, encontrou alguns fenômenos inconsistentes reformulando o conceito de depressão, passando a considerar a cognição como a chave para os transtornos psicológicos. Beck afirma que a Terapia Cognitiva é uma terapia ativa, diretiva, estruturada e limitada no tempo cujos objetivos principais são ensinar o paciente a reconhecer as cognições negativas e as conexões entre cognição, afeto e comportamento, e após exame de pensamentos que são automaticamente distorcidos, poder substitui por outros mais orientados para a realidade. A ênfase da experiência consciente subjetiva proveniente do movimento fenomenológico, das teorias comportamentais e dos trabalhos e Adler, Kelly, Mahoney, Bandura e Ellis, forneceram alguns dos conceitos básicos para a Terapia Cognitiva, que tem também algumas influências do estoicismo grego e budismo que postulavam a influência das ideias sobre as emoções. Estas afirmavam que os homens não eram perturbados pelas coisas, mas sim pelas visões que tinham das mesmas, e que as ideias não só podiam controlar os sentimentos mais intensos de uma pessoa, como também eram capazes de modificá-los. Paralelas às afirmações acima se observaram sugestões relacionadas às origens da Terapia Cognitiva provenientes de terapeutas construtivistas, afirmando que a Terapia Cognitiva é essencialmente objetivista, o que não é corroborado por Beck, que afirma ter no Racionalismo Crítico de Popper sua referência. Sendo assim, é válido questionar quais são os pressupostos epistemológicos assumidos, implícita e explicitamente pela Terapia Cognitiva. Nota-se que o foco de sua teoria e prática é voltado principalmente para os estudos da psicopatologia e elaboração de modelos psicoterapêuticos, apresentando a fragilidade de contar com pouca reflexão filosófica sobre seus fundamentos, e pouca ou nenhuma discussão epistemológica. Esta investigação teórica pretende contribuir para o reforço do conhecimento sobre a Terapia Cognitiva, que tem se expandido de forma considerável no Brasil, procurando também contribuir para uma solidificação de suas bases de estudo tornando mais claro e definido o perfil de atuação do terapeuta cognitivo, evitando confusões de orientações epistemológicas equivocadas.
Terapia Cognitiva, Terapia Construtivista, Racionalismo Crítico.
M
CLIN

A VIRTUDE NA PSICOLOGIA POSITIVA: UMA COMPARAÇÃO ENTRE AS CONCEPÇÕES DE ARISTÓTELES E SELIGMAN. *José Augusto Rento Cardoso ** (Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora/MG) ,*

A presente pesquisa trata de uma investigação no campo da Psicologia Teórica onde se buscou realizar uma clarificação do conceito de virtude no contexto da Psicologia Positiva, tendo como recorte o principal nome dessa abordagem, Martin Seligman. A Psicologia Positiva é um movimento contemporâneo da Psicologia, com origem na década de 90 nos Estados Unidos, que se volta para o estudo das qualidades pessoais e dos chamados estados positivos. Nesse contexto, tal abordagem vem resgatando conceitos que ficaram durante algum tempo relegados à filosofia, entre eles felicidade, caráter e virtude. Segundo a Psicologia Positiva a máxima aristotélica de que a vida feliz é a vida virtuosa é verdadeira e, descobrir as principais virtudes e forças do caráter pessoais seria um dos caminhos para proporcionar maior bem-estar subjetivo, sendo essa uma das metas da Psicologia Positiva. Para isso, diversos estudos vêm sendo realizados buscando mapear virtudes universais, sua manifestação em comportamentos pessoais e as consequências dos mesmos. Dentre estes um estudo realizado por Seligman e Peterson, indica a existência de seis virtudes universais, presentes em diferentes culturas ao longo do tempo: sabedoria, coragem, humanidade, justiça, temperança e transcendência. Tais virtudes foram divididas dando origem às chamadas 24 forças do caráter. Como ponto relevante da abordagem observa-se a elevada preocupação em realizar pesquisas empíricas, metodologicamente esclarecidas que buscam promover o caráter científico da Psicologia. Diante desse renovado interesse da Psicologia por abordar conceitos filosóficos torna-se importante investigar como a apropriação de tais termos vem sendo feita, com base em que pressupostos e as conseqüências do mesmo para teoria. Para isso, buscou-se realizar um estudo das principais obras éticas de Aristóteles Ética a Nicômaco, Moral a Eudemo e Magna Moralia como fundamentos para conceituação de virtude. A opção pelas obras do referido filósofo deve-se a importância do mesmo como sistematizador do conceito de virtude e a própria referência da Psicologia Positiva a suas ideias. Os objetivos principais foram a análise do conceito de virtude no contexto das chamadas obras morais de Aristóteles como base para clarificação do conceito de virtude na Psicologia Positiva, sobretudo no trabalho realizado pelo seu principal fundador, Martin Seligman, e a comparação entre a perspectiva Aristotélica e a perspectiva desse atual movimento da Psicologia no que diz respeito à virtude e a vida feliz. Tal análise permitiu apontar pontos convergentes e divergentes, bem como ressaltar a importância da fundamentação filosófica na abordagem da Psicologia Positiva para um maior esclarecimento de conceitos de origem filosófica.
Bolsista CAPES/REUNI
Palavras-chave: Psicologia Teórica, Psicologia Positiva, Virtude
M
CLIN

CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS DA TERAPIA COGNITIVA E TERAPIA DO ESQUEMA SOBRE O TRANSTORNO DE PERSONALIDADE.
*Melissa Gevezier Fioravante** (Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG),*

O termo Terapia Cognitiva (TC) e Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) são frequentemente usados como sinônimos para descrever as psicoterapias baseadas no modelo cognitivo. As abordagens cognitivas tem como pressuposto filosófico a crença em que um processo interno de cognição media cada comportamento. O significado de cada evento é construído pela pessoa, não sendo um componente pré-existente na realidade. A característica que melhor define a Terapia Cognitiva, do ponto de vista teórico, é a ideia de que os sintomas e os comportamentos disfuncionais e, consequentemente, as psicopatologias, são cognitivamente mediados. Nos últimos 30 anos, surgiram diversas abordagens em Terapia Cognitiva. Essas diferentes abordagens compartilham bases comuns, embora haja

consideráveis diferenças em princípios e procedimentos entre elas. Isso ocorre devido ao fato de que os pioneiros no desenvolvimento de intervenções cognitivo-comportamentais vieram de diferentes fundamentos teóricos. Estudos propõem uma classificação das terapias cognitivas em três diferentes tipos de modelo: de reestruturação cognitiva, cognitivo-comportamentais e construtivistas. Atualmente, observa-se o crescimento de Terapias Cognitivas com proposta integrativa, as quais, além de apresentarem características pertencentes as três abordagens, somam-se preocupações pertinentes às diferenças culturais e espiritualidade. A Terapia do Esquema foi criada por Jeffrey E. Young, em 1990, com a publicação do livro Cognitive therapy for personality disorders . Surgiu como proposta de continuação da teoria inicial da TC de curto prazo, como forma de superar a possível limitação que a Terapia Cognitiva tradicional (de Beck) apresenta no tratamento de pacientes com transtornos de personalidade ou aqueles com transtornos mais severos ou arraigados. Segundo O DSM-IV-TR, o traço de personalidade é um padrão persistente de perceber, relacionar-se com o pensar sobre o ambiente e sobre si mesmo, que se manifesta sobre vários contextos sociais e pessoais. Esses traços, quando inflexíveis e desadaptativos, causam mal-estar subjetivo e prejuízo funcional significativo, caracterizando assim, um Transtorno de Personalidade (TP). Os pacientes com Transtornos de Personalidade estão entre os casos clínicos mais desafiantes e difíceis, pois estes evitam ativamente trabalhar suas cognições e emoções gerando, por conseguinte, um elevado índice de abandono da terapia. Segundo Young, as habilidades ou características necessárias para que o paciente seja adequado a TC tradicional incluem (1) acesso aos sentimentos após breve treinamento; (2) acesso a pensamentos e imagens após curta orientação; (3) questões identificáveis a serem focadas; (4) motivação para realizar as tarefas e aprender estratégias de autocontrole; (5) problema importante como foco na terapia que não seja o relacionamento terapêutico; e (6) problemas cognitivos e comportamentais que possam ser mudados por meio de intervenções e práticas. Para Young, os pacientes com TP preenchem pouco ou nenhum dos critérios apontados, o que explicaria a baixa adesão ao tratamento de TC tradicional. O objetivo deste trabalho será discutir as confluências e divergências da Terapia Cognitiva tradicional (Beck) e a Terapia do Esquema, no que tange a intervenção clínica no atendimento de pacientes com Transtorno de Personalidade (TP).
Transtornos de Personalidade, Terapia Cognitiva, Terapia do Esquema
M
CLIN

DETERMINANTES INTERNOS E EXTERNOS DA PERSONALIDADE: VISÃO DA TEORIA COGNITIVA DE BECK. *Natália Quintela Rocha ** (Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG)*
,

O presente trabalho é uma investigação no campo de pesquisa da Psicologia Teórica, tratando-se de uma análise sobre a perspectiva teórica de Aaron Beck sobre os determinantes internos e externos da personalidade. Esta análise teórica foi elaborada por meio de dados obtidos a partir de pesquisa bibliográfica em fontes primárias da obra de Aaron Beck e literatura sobre teorias da personalidade. Tendo em vista que cada teoria enfatiza determinados aspectos como componentes constituintes do conceito e definição da personalidade, esta pesquisa teve como objetivo evidenciar o que a teoria cognitiva de Beck apresenta a respeito do debate em questão. Considerando, segundo Beck, os esquemas como elementos idiossincráticos e compostos por uma carga genética, estes se enquadram, de acordo com os teóricos da personalidade, nos fatores internos, portanto é possível afirmar que a perspectiva de Beck tende a considerar e a enfatizar os determinantes internos. Apesar disso, Beck não descarta os

fatores externos ou ambientais, mas sim observa a inter-relação existente entre ambos, assim como tem sido apresentada a discussão da maioria dos pesquisadores da personalidade. Observa-se que, na perspectiva de Beck, o peso maior é dado aos fatores internos, representado pelos esquemas (sistemas de crenças) que se referem ao modo de interpretar e organizar as experiências, ou seja, como o indivíduo vê o mundo, a si mesmo, aos outros e dá significado às situações. Ressalta-se que estas situações estão inseridas em um contexto, o que remete ao fator externo/ambiental, demonstrando assim a inter-relação, ou seja, certa influência de fatores externos, porém, sem que o contexto (fator externo) seja o determinante, mas sim a maneira de interpretar do indivíduo (fator interno no caso, representado pelos esquemas). O autor observa ainda que, a formação dos padrões de personalidade depende da interação das tendências inatas ou predisposições genéticas com a experiência, podendo ser mais ou menos acentuadas pelas condições ambientais. Contudo, para o autor em questão os esquemas idiossincráticos é que são os elementos básicos que constituem a personalidade, sendo a personalidade, portanto, um conjunto de esquemas individuais que determinam o funcionamento dos sistemas motivacionais, cognitivos, emocionais em relação ao contexto ambiental, social e biológico. E, se considerarmos ainda os pressupostos básicos da abordagem cognitiva que considera o ser humano como ativo, orientado a metas, capaz de processar informações e interpretar as situações atribuindo significados, além da capacidade de mudança, fica ainda mais evidente a ênfase nos fatores internos, até porque seria incoerente logicamente a suposição de determinismo externo/ambiental. Conclui-se portanto que apesar do reconhecimento de Beck do papel da inter-relação entre os fatores internos e externos, o que vai ao encontro da posição atualmente predominante entre os teóricos da personalidade, a tendência teórica fundamental dos modelos e pressupostos da Teoria Cognitiva de Beck aponta para o predomínio dos fatores internos da personalidade.

Bolsista CAPES/ REUNI

Palavras-chave: Personalidade, Teoria Cognitiva, Determinantes internos e externos

M

CLIN

Sessão Coordenada: **RELAÇÃO TERAPÊUTICA SOB DIFERENTES PERSPECTIVAS EM SUPERVISÃO CLÍNICA COM GRADUANDOS**

Na formação do futuro profissional psicólogo, há aspectos fundamentais, desenvolvidos no processo de ensino-aprendizagem, que merecem atenção no que diz respeito à prática clínica. Um desses aspectos é a importância da relação terapêutica que deve caracterizar a prática clínica e, portanto, professores responsáveis pelo acompanhamento das atividades relacionadas à modalidade de estágio profissionalizante clínico vem se dedicando à reflexão e à discussão do processo ensino-aprendizagem dos alunos de Psicologia, nesse momento de sua formação. Para tanto, a proposta dessa sessão coordenada apresenta, em primeiro lugar, elementos globais de avaliação do desempenho dos alunos no exercício dessa atividade. Após, são apresentadas formas de atuação de professores supervisores, sob diferentes enfoques teóricos e técnicos, mais especificamente sob os referenciais da Psicanálise e da Psicoterapia Analítico-Funcional acerca das características desse momento da formação dos alunos.
Psicologia Clínica e da Personalidade

O USO DA FUNCTIONAL ANALYTIC PSYCHOTERAPY (FAP) COM GRADUANDOS.. *Eliana Isabel de Moraes Hamasaki**, Diretoria da Saúde, Curso de Psicologia, Universidade Nove de Julho UNINOVE São Paulo (SP).*

,

Como parte da sessão coordenada intitulada: relação terapêutica sob diferentes perspectivas em supervisão clínica com graduandos, este trabalho descreve a introdução de atividades relacionadas à modalidade de estágio profissionalizante clínico desenvolvido obrigatoriamente por alunos de uma universidade particular da cidade de São Paulo. Para tanto, convencionou-se a functional analytic psychoterapy (FAP), descrita por Kohlenberg e Tsai (2001), como a proposta de atuação nos atendimentos prestados pelos estudantes na clínica-escola da universidade. A FAP ou psicoterapia analítica funcional, em tradução para a língua portuguesa é um tipo de processo terapêutico no qual as relações configuram-se intensas entre terapeuta e cliente e são determinantes tanto para detectar os chamados comportamentos-problemas do cliente, como, também, para promover a sua posterior mudança, quando esta faz-se necessária e desejada. Antes dos atendimentos propriamente ditos, o grupo de alunos era apresentado à proposta desse estágio, com leituras específicas e exposição de casos atendidos e/ou supervisionados pela professora responsável pelo acompanhamento do referido grupo. Faz-se pertinente, aqui, ressaltar que a escolha do aluno por uma determinada orientação teórico-prática para a realização dessa atividade, não se configura necessariamente como escolha; pois, os alunos são agrupados de acordo com critérios diversificados, com destaque para a compatibilidade de oferta (dos estágios) e disponibilidade na carga horária (dos alunos). Após essa apresentação teórica, os alunos começavam os seus atendimentos que eram relatados e discutidos em reuniões semanais supervisionadas. Os relatos descritos pelos alunos eram minuciosamente discutidos, levando-se em consideração a noção de comportamentos clinicamente relevantes (CRBs sigla da expressão na língua inglesa clinically relevant behavior). Os CRBs são divididos em três categorias: (a) CRB 1, como aquele(s) que se configura(m) como o problema ou alvo ; (b) CRB 2, como progresso(s) do cliente e que ocorre(m) na própria sessão, inclusive; e (c) CRB 3, como os próprios relatos do cliente, incluindo a sua interpretação da relação estabelecida com o terapeuta. Nos atendimentos dos alunos, estabeleceu-se a necessidade de atentar para a especificidade das cinco regras fundamentais para a condução dos casos, segundo a proposta da FAP: (1) observação dos CRBs; (2) evocação dos CRBs; (3) reforçamento dos CRBs; (4) observação dos efeitos reforçadores do comportamento do terapeuta em relação aos CRBs do cliente; e (5) fornecimento de interpretações de variáveis que afetam o comportamento do

cliente. Uma estratégia adicional que demonstrou eficácia na condução dos casos foi o uso de recursos artísticos, tais como letras de música e poesias, para o acesso e a descrição de sentimentos importantes experimentados pelos clientes e, também, dos alunos estagiários. Como resultados, tem-se permitido a modelagem de repertórios compatíveis com a atuação clínica do aluno em formação, além de promover o rompimento com certos estereótipos e preconceitos com relação à análise do comportamento aplicada à clínica.
Palavras-chave: supervisão graduação; psicologia clínica; FAP.
Nível do Trabalho: D Doutorado
Código da área: CLIN

AVALIAÇÃO DO ESTAGIÁRIO EM SUPERVISÃO.. *Angélica Capelari, Universidade Metodista de São Paulo - UMESP, São Bernardo do Campo (SP).,*
Esse trabalho compõe a sessão coordenada intitulada: Relação terapêutica sob diferentes perspectivas em supervisão clínica com graduandos, e enfoca a questão da avaliação dos atendimentos realizados por estagiários em supervisão, em uma universidade particular do grande ABC. Durante a graduação, quando realizam estágios em clínicas-escola, os estagiários são avaliados pelo seu desempenho nos atendimentos, e pela qualidade e pontualidade na entrega de relatórios. A pontualidade na entrega de relatórios não é difícil de ser avaliada; basta acompanhá-la a cada supervisão. A qualidade do relatório já envolve outras questões, tais como o tipo de relato, a fidedignidade entre os fatos ocorridos e o relato efetuado e as relações estabelecidas entre teoria e prática. Quando o relatório é na forma dialogada, ele pode dar possibilidade de avaliar inclusive a própria relação terapêutica, que é estabelecida entre o cliente e o estagiário e, a depender da qualidade da mesma, o atendimento terá um melhor ou pior desenvolvimento. Assim, a relação terapêutica acaba fazendo parte da avaliação do desempenho do estagiário. De qualquer forma, a grande questão acaba sendo então, como avaliar a relação terapêutica estabelecida. Além dessas questões, deve ser lembrada a própria relação entre o supervisor e o supervisionando. Esta relação é muito específica e não deve influenciar a avaliação do supervisor sobre o desempenho do estagiário. Para que não haja vieses na avaliação do desempenho do estagiário em função da relação entre supervisor e supervisionando, nesta universidade, houve algumas tentativas de fichas de avaliação do desempenho do estagiário. Essas fichas envolviam questões fechadas sobre o desempenho do estagiário, diminuindo a possibilidade de avaliações enviesadas. Em função da dificuldade de manter o preenchimento das fichas de avaliação e as discussões sobre os atendimentos clínicos, as fichas deixaram de ser usadas, mas a discussão sobre uma avaliação isenta do desempenho dos estagiários, constantemente é retomada e, de qualquer forma, parte dos itens das fichas continua sendo avaliados, mas não como um documento formal.
Palavras-chave: supervisão graduação; psicologia clínica; avaliação.
Nível do Trabalho: M - Mestrado
Código da área: CLIN

O IMPACTO DA RELAÇÃO TERAPÊUTICA SOBRE GRADUANDOS EM SUPERVISÃO CLINÍCA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL.. *Cristina Moreira Fonseca**, Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) e Centro de Análise do Comportamento (CeAC).,*
Esse trabalho compõe a sessão coordenada intitulada: Relação terapêutica sob diferentes perspectivas em supervisão clínica com graduandos, a qual visa refletir e discutir acerca da importância da relação terapêutica em diferentes abordagens (psicanálise e terapia analítico-comportamental). Nesse sentido, o presente trabalho procura abordar o impacto da relação terapêutica sobre o cliente e a pessoa do terapeuta, no caso aqui, o terapeuta-estagiário em

supervisão clínica analítico- comportamental. Enquanto uma variável que compõe o processo terapêutico, entende-se a relação terapêutica como um tipo de interação social em que se consideram as qualidades pessoais de um terapeuta, de um cliente e a interação entre os dois em um contexto clínico. Em se tratando de supervisão de estágio em clínica como, então, ajudar o terapeuta-estagiário a desenvolver uma boa relação terapêutica com seu cliente, já que esta é considerada uma medida importante para o sucesso da terapia? Ensinar o aluno a se portar como uma audiência não punitiva, ser empático e reforçador são condições essenciais, porém, podem não ser suficientes. Situações comuns ao setting terapêutico como, por exemplo, gestos, silêncios, atrasos, faltas, férias do terapeuta, bem como características do terapeuta (como idade, gênero, raça, peso, características físicas) e até ser parecido com alguém conhecido do cliente podem afetar o comportamento do cliente. Todas essas situações, ainda que não possam ser controladas pelo terapeuta, podem aumentar ou diminuir a probabilidade de uma boa relação terapêutica contribuindo, assim, para o sucesso ou não da terapia, respectivamente.
Palavras-chave: supervisão graduação; psicologia clínica; relação terapêutica.
Nível do Trabalho: D Doutorado
Código da área: CLIN

A FUNÇÃO ESPECULAR COMO RECURSO CLÍNICO NA SUPERVISÃO DE GRADUANDOS EM PSICOLOGIA: A RELAÇÃO TERAPÊUTICA X RELAÇÃO SUPERVISOR E ESTAGIÁRIO.. *Fernando Genaro Junior**, Faculdade de Psicologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie e Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.,*
Esse trabalho compõe a sessão coordenada intitulada: Relação terapêutica sob diferentes perspectivas em supervisão clínica com graduandos, a qual visa refletir e discutir acerca da importância da relação terapêutica em diferentes abordagens (psicanálise e terapia analítico-comportamental). Nessa sessão, enfatizo aspectos fundamentais desenvolvidos no processo de ensino-aprendizagem da prática clínica com adultos de orientação psicanalítica junto aos alunos-estagiários do 5º. ano da faculdade de Psicologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie, instituição em que exerço a função e de professor e supervisor. Desta forma, recorro à própria experiência como supervisor de estágio da disciplina psicoterapia de orientação psicanalítica para apresentar algumas considerações sobre a relação terapêutica estabelecida pelo aluno-estagiário e suas vicissitudes, positivas e/ou negativas no processo psicoterápico e de formação. Durante o exercício da supervisão clínica nos últimos anos, tenho percebido e me deparado com diferentes reações emocionais e psicológicas por parte dos alunos-estagiários diante da experiência vivida no setting analítico, e nesse âmbito, a do campo relacional, o receio e o medo surgem a partir da intensidade e da qualidade do tipo de relação vivida. Não raro, solicitam textos e técnicas a ser aplicadas no lugar daquilo que seria a relação com o outro. Assim, o espaço de supervisão sendo um lugar fecundo na formação e desenvolvimento clínico do aluno-estagiário torna-se fundamentalmente lugar de espelhamento das experiências vividas na relação com o supervisor a qual pode oferecer subsídio relacional pra a transposição na relação aluno-estagiário e paciente. Ao final do trabalho, discuto o conceito de função especular desenvolvido por Winnicott, como recurso clínico psicanalítico no espaço de supervisão para manejar o favorecimento de uma relação terapêutica que possa surgir e ser sustentada na singularidade e espontaneidade do encontro único entre terapeuta e paciente, relação que traz consigo impactos de diferentes registros pessoais dos alunos-estagiários.
Palavras-chave: Relação Terapêutica, Supervisão, Função Especular.
Nível do trabalho: D Doutorado.
Código da área: CLIN

Sessão Coordenada: **Relacionamentos românticos: escolha de parceiros e manutenção de relacionamentos.**

Os seres humanos são caracterizados por sua complexidade, que os leva a aprimorar cada vez mais seu sistema de sobrevivência e reprodução. Para isso, diferentes estratégias são utilizadas, incluindo a etapa de escolha de parceiros românticos, que possui papel fundamental para a continuidade da espécie. Devido à complexidade das relações românticas humanas e o tempo de investimento e de duração delas, é possível ver com clareza que existem inúmeros critérios para escolha de um parceiro romântico; critérios estes, que podem variar de acordo com os fatores, como a cultura e com o sexo, por exemplo. De forma a contribuir mais profundamente sobre o conhecimento deste tipo de interação humana, pesquisadores de três instituições brasileiras juntaram os resultados de suas pesquisas para propor a presente sessão coordenada. Nela, pretendemos abordar sobre: 1) como homens e mulheres avaliam atratividade, característica importante para a escolha de parceiros de ambos os sexos; 2) a satisfação feminina com os seus relacionamentos ao longo do tempo; 3) o índice de função sexual feminina durante a gravidez; e 4) qual a preferência de idade, de homens e mulheres, dos parceiros românticos, em adolescentes e jovens adultos. Portanto, o objetivo da nossa proposta é de que possamos abordar, sob ponto de vista evolutivo, os resultados e as diferenças culturais encontrados, uma vez que o Brasil é um país com uma ampla diversidade cultural e este fator pode influenciar diretamente na escolha de parceiros, além de ampliar a discussão sobre o tema.
Psicobiologia e Neurociências

HOMENS E MULHERES AVALIAM ATRATIVIDADE DA MESMA FORMA?. *Anthonieta Looman Mafra** (Laboratório de Etologia Humana, Programa de Pós-graduação em Psicobiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)*
*Felipe Nalon Castro** (Laboratório de Etologia Humana, Programa de Pós-graduação em Psicobiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)*
Wallisen Tadashi Hattori (Laboratório de Etologia Humana, Programa de Pós-graduação em Psicobiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)
Flora Santos Nüssle (Laboratório de Etologia Humana, Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)*
Amanda Toledo Pereira de Carvalho (Laboratório de Etologia Humana, Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)*
Fívia de Araújo Lopes (Laboratório de Etologia Humana, Departamento de Fisiologia, Programa de Pós-graduação em Psicobiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN),
A seleção de parceiros pode ocorrer de diferentes maneiras nas espécies animais. Entre mamíferos, sabe-se que o sexo que investe menos na prole compete por aquele de maior investimento, tido como recurso limitante, tornando-se, este, mais seletivo. No caso dos humanos, acredita-se que o sexo limitante seja o feminino, pois, comparado aos homens, as mulheres apresentam maior investimento fisiológico na prole, embora ambos invistam tempo e energia no cuidado. A Teoria das Estratégias Sexuais sugere que, para maximizar o sucesso reprodutivo individual, homens tendem a procurar parceiras que indiquem melhor fisiologia para gestação e amamentação, enquanto mulheres tendem a procurar bons provedores de recurso e cuidado. Para isso, estamos sempre avaliando os nossos competidores (indivíduos que possuem o mesmo interesse sexual), a fim de inferir quais as nossas possibilidades de nos relacionarmos com um parceiro romântico de alta qualidade. Procurando investigar se homens e mulheres avaliam de forma diferente a atratividade de indivíduos de ambos os sexos, realizamos uma pesquisa com 66 universitários (32 homens e 34 mulheres) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN. Os participantes, de forma voluntária e não

remunerada, após assinatura de TCLE, foram expostos a 80 fotos, sendo destas, 40 fotos de homens e 40 fotos de mulheres. Para cada foto, havia uma reta de 10 cm no questionário, na qual o sujeito deveria marcar quão atraente julgava ser o modelo apresentado. Quanto mais à esquerda da reta o participante marcasse, menos atraente ele considerava o modelo e quanto mais a direita, mais atraente. Para a análise dos dados, foi realizada uma ANOVA de medidas repetidas, comparando as médias das avaliações das fotos de homens e das fotos de mulheres realizadas pelas mulheres com as médias das avaliações das fotos de homens e mulheres realizadas pelos homens. Posteriormente, foi feito um teste t para cada foto, comparando as médias das fotos entre os sexos. A nossa hipótese era de que o sexo do modelo influencia na avaliação da foto. Dessa forma, homens tenderiam a avaliar melhor fotos de mulheres e mulheres tenderiam a avaliar melhor as fotos de homens, quando comparados com o sexo oposto. No entanto, o resultado contrariou nossa hipótese, pois as análises indicaram que não houve diferença significativa na maneira com que homens e mulheres avaliaram as fotos, independentemente do sexo. Todavia, embora homens e mulheres tenham analisado a maioria das fotos de forma similar, foi visto que, em algumas fotos, os homens atribuíram as maiores notas, independentemente do sexo do modelo da foto. Provavelmente, se o contexto de relacionamento romântico tivesse sido especificado (curto ou longo prazo), ou ainda, se outras informações sobre status social e personalidade, por exemplo, tivessem sido acrescentadas, os participantes poderiam ter avaliado diferentemente, uma vez que homens e mulheres geralmente possuem maneiras distintas de avaliar os seus parceiros românticos potencial.

SE OS OPOSTOS SE ATRAEM, NÃO FICAM SATISFEITOS: PREDITORES DA SATISFAÇÃO COM O RELACIONAMENTO AMOROSO EM MULHERES. *Heitor Barcellos Ferreira Fernandes* (Laboratório de Mensuração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*
*Jean Carlos Natividade** (Laboratório de Mensuração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*
Claudio Simon Hutz (Laboratório de Mensuração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS),
O amor romântico pode ser compreendido a partir de mecanismos psicológicos adaptativos que envolvem busca, seleção e manutenção de parceiros, tendo a reprodução e os cuidados parentais como fins últimos. Ao longo da trajetória evolutiva, as idiossincrasias de cada sexo proporcionaram diferenciações cruciais nesses mecanismos. Uma das disparidades entre os sexos pode ser verificada nas qualidades valorizadas em possíveis parceiros românticos - como tem sido denominado o conjunto dessas qualidades: valor de mercado. Para a seleção de parceiros, há evidências abundantes na literatura de padrões diferenciados para cada sexo. Outro tema fundamental para o sucesso adaptativo do amor, menos estudado que a seleção, é a manutenção do relacionamento. Manter um relacionamento por tempo suficiente para a reprodução e para garantir a sobrevivência da prole é especialmente importante para as mulheres, e envolve um complexo de variáveis entre as quais a satisfação com o relacionamento pode ser considerada central, funcionando como uma constante reavaliação do parceiro. Evidências de relações entre o valor de mercado e a satisfação com o relacionamento são escassas, sobretudo no Brasil. Considerando-se isso, os objetivos deste estudo foram verificar relações entre satisfação com o relacionamento amoroso e (1) o valor de mercado do parceiro romântico, (2) a distância entre valores de mercado (o quadrado da subtração entre próprio valor de mercado e o valor de mercado do parceiro); e (3) testar o poder preditivo do valor de mercado do parceiro e da distância entre valores de mercado para a satisfação. Participaram 169 mulheres heterossexuais, média de idade de 26,4 anos, todas em relacionamentos compromissados. Utilizou-se um questionário online com questões sociodemográficas e sobre satisfação com o relacionamento, além da Escala de Valor de

Mercado no Amor nas versões autodirigida e dirigida ao parceiro. As correlações entre os itens do valor de mercado dos parceiros e a satisfação com o relacionamento amoroso mostraram-se positivas para 14 itens; e não significativa para os demais. No que diz respeito às correlações da satisfação com a distância entre valores de mercado, as correlações foram negativas para 14 itens; e não significativas para os demais. Ao se testar o poder preditivo dessas variáveis para a satisfação com o relacionamento (regressão linear múltipla hierárquica), constatou-se que a variância explicada pelas características dos parceiros mostrou-se maior que a explicada pelos itens da distância entre valor de mercado. Foram preditoras positivas de satisfação com o relacionamento, responsáveis por 36,5% da variância explicativa do modelo, as seguintes características do parceiro: rosto atraente, gentil e compreensivo, inteligente, fiel e interessado em sexo. Já as variáveis relacionadas à distância entre valores de mercado foram preditoras negativas responsáveis por 5,8% da variância da satisfação, a saber: desejo de ter filhos e segurança financeira. Os resultados apontam para a importância da semelhança no valor de mercado entre os parceiros, além de algumas já esperadas qualidades do parceiro, enquanto preditoras da satisfação com o relacionamento amoroso. Esses achados fortalecem a importância da confluência de características de valor adaptativo relacionadas aos fins últimos do amor para a manutenção do relacionamento.

ANÁLISE DO ÍNDICE DE FUNÇÃO SEXUAL NA GRAVIDEZ. *Cibele Nazaré Da Silva Câmara** (Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento/Universidade Federal do Pará, Belém, PA)*
Regina Célia Souza Brito (Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento/Universidade Federal do Pará, Belém, PA)
*Mauro Dias Silva Junior** (Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento/Universidade Federal do Pará, Belém, PA/Experimental Psychology/University of Oxford, United Kingdom)*
Adriana S Oliveira (Universidade da Amazônia, Belém, PA)
Cassio V. Santos Aguiar (Universidade da Amazônia, Belém, PA)
Flávia Lima Costa (Universidade da Amazônia, Belém, PA),
Durante a gravidez ocorrem profundas adaptações anatômicas, fisiológicas e bioquímicas na mulher, cujo início ocorre logo após a fertilização e perduram por todo o período podendo exercer influência sobre a sua sexualidade. Tais mudanças são orquestradas pelos hormônios, dentre eles os que mais provocam alterações no comportamento sexual e diminuição da libido, estão a progesterona e a prolactina. A progesterona tem como função impedir as contrações uterinas, podendo também interromper os espasmos que ocorrem durante o orgasmo, funciona como um sedativo em doses moderadas e anestésicas em doses elevadas amortecendo o impulso sexual, cuja diminuição é devida também à redução nos níveis de testosterona, hormônio ligado ao impulso sexual. A progesterona trabalha em harmonia com a prolactina, outro hormônio que durante a gravidez apresenta níveis elevados visando preparação para a amamentação, porém, diminui a receptividade sexual interferindo no desejo sexual e orgasmo. Filogeneticamente o orgasmo feminino evoluiu para incentivar as fêmeas à procurar pelo sexo e estabelecer uma relação intima com parceiro amoroso, bem como, sinalizar sua satisfação e contribuir para a fertilização. O sexo na espécie humana é responsável pelo prazer e a formação de vínculos entre os casais. Objetivou-se analisar se o índice de função sexual em grávidas atendidas na Santa Casa de Misericórdia do Pará seria diminuído pelo estado da gestação. As informantes da pesquisa foram 102 gestantes no último trimestre gravidez com idade entre 18 e 38 anos, as quais não apresentavam gravidez de risco, que tiveram atividade sexual nas últimas quatro semanas e estavam em um relacionamento estável por no mínimo dois anos. Foi utilizado na pesquisa o questionário Female Sexual Function Index (FSFI) o qual avalia a resposta sexual feminina nos domínios do desejo sexual, excitação sexual, lubrificação vaginal, orgasmo, satisfação sexual e dor. Também foi utilizado o Questionário de Escolha de Parceiros, o qual investiga aspectos da relação amorosa com o

parceiro. Constatou-se que o índice geral de função sexual foi de 26,3, ligeiramente abaixo do escore de normalidade, que é acima de 26,6, indicando risco de disfunção sexual nas gestantes. Houve correlação positiva fraca entre orgasmo e desejo, entre orgasmo e relações sexuais que dependiam da vontade da informante e entre orgasmo e Satisfação com o relacionamento, ou seja, quando aumenta a quantidade de orgasmos aumenta a satisfação no relacionamento, na quantidade de relações sexuais dependentes da informante, ainda que o índice geral de função sexual seja baixo. As questões hormonais na gravidez conduzem a certos efeitos no comportamento incluindo a diminuição da libido e um comportamento materno de proteção da prole. No entanto, mesmo com o desejo diminuído e com a função sexual alterada, a gestantes não recusam as relações sexuais, o que denota uma estratégia evolutiva de manter o parceiro próximo. Acrescenta-se a necessidade de compreender mais a fundo a sexualidade durante a gestação especialmente em relação ao relacionamento com o parceiro.

PREFERÊNCIA DE IDADE DOS PARCEIROS ROMÂNTICOS EM ADOLESCENTES E ADULTOS JOVENS. *Fívia de Araújo Lopes (Laboratório de Etologia Humana, Departamento de Fisiologia, Programa de Pós-graduação em Psicobiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)*
*Felipe Nalon Castro** (Laboratório de Etologia Humana, Programa de Pós-graduação em Psicobiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)*
*Anthonieta Looman Mafra** (Laboratório de Etologia Humana, Programa de Pós-graduação em Psicobiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)*
Wallisen Tadashi Hattori (Laboratório de Etologia Humana, Programa de Pós-graduação em Psicobiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)
Maria Emília Yamamoto (Laboratório de Etologia Humana, Programa de Pós-graduação em Psicobiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN),
A investigação de preferências idealizadas em parceiros românticos pode nos fornecer pistas sobre a origem de determinados comportamentos ao longo da evolução humana. A idade do parceiro pode ser importante, já que a fertilidade pode variar em função do desenvolvimento. Para os humanos, a chance de reprodução aumenta da adolescência à idade adulta e diminui na velhice; todavia a reprodução feminina é mais sensível à idade já que o período reprodutivo é menor que o masculino. Este estudo investigou as preferências ideais da idade de parceiros românticos para homens e mulheres de diferentes faixas etárias. Neste trabalho, objetivamos verificar se as preferências sexuais típicas para a idade dos parceiros observadas na literatura são encontradas em uma amostra brasileira, considerando possíveis modificações ao longo da adolescência até o início da idade adulta. Um total de 1063 estudantes brasileiros, 356 do sexo masculino e 707 do sexo feminino, com idade entre 12 e 27 anos participaram do estudo. Para as faixas etárias abordadas no estudo, aproximadamente 24% da amostra possuía de 12 a 15 anos de idade, 36% de 16 a 19 anos, 31% de 20 a 23 anos e 9% possuíam idade entre 24 e 27 anos. A coleta de dados foi realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na Escola Estadual Atheneu Norte Riograndense e na Escola Estadual Desembargador Floriano Cavalcanti, Natal-RN. Os participantes responderam, de forma voluntária e não remunerada, após assinatura de TCLE pelos pais/responsáveis ou pelos participantes, conforme o caso, a um questionário anônimo e individual, indicando seu sexo e sua idade, além de avaliar as idades máxima, mínima e ideal preferidas em um parceiro romântico idealizado. Para as análises realizadas neste trabalho, calculamos a diferença entre a idade dos sujeitos e as idades preferidas (mínima, máxima e ideal). Para verificar se as preferências sexuais típicas para a idade dos(as) parceiros(as) um teste Modelo Linear Geral [GLM] Multivariado foi aplicado utilizando as variáveis sexo (masculino e feminino) e faixa etária (12-15, 16-19, 20-23 e 24-27 anos completos) como variável independente e as variáveis diferença da idade mínima

preferida, diferença da idade máxima preferida e diferença da idade ideal preferida em um parceiro romântico como variáveis dependentes. Nossos resultados mostram que houve efeito do sexo ($F(3, 1053) = 217,97$, $p < 0,001$), da faixa etária ($F(9, 3165) = 36,96$, $p < 0,001$) e interação entre estas variáveis ($F(9, 3165) = 4,36$, $p < 0,001$), sobre a diferença entre a idade dos sujeitos e idades preferidas. Análises posteriores indicaram que, para idade mínima e ideal, mulheres mantêm a preferência em todas as faixas etárias, enquanto homens preferem parceiras cada vez mais jovens. Para idade máxima, observamos que as mulheres preferem parceiros mais velhos quando comparadas à preferência dos homens. Ressaltamos que a idade é importante na seleção de parceiros românticos e que os sexos avaliam este traço de forma diferente. Este trabalho acrescenta evidências de que as preferências por idade podem ser universais na nossa espécie, já que o mesmo padrão foi encontrado em muitas culturas.

Sessão Coordenada: **Relações Familiares e Conflitos ao Longo do Ciclo Vital: Infância, Adolescência e Conjugalidade**

O conflito é inerente às relações. No ambiente familiar, estas divergências, que podem ser de opiniões, gostos e preferências, muitas vezes assumem intensidades exacerbadas. Sendo assim, não é incomum que as famílias encontrem dificuldades de resolver seus conflitos tanto de ordem interna como externa. Normalmente, as estratégias de resolução dos conflitos diferem de acordo com os valores, estrutura e regras familiares. Na atualidade, as famílias tendem a apresentar relações mais igualitárias, com fronteiras mais difusas e hierarquias mais flexíveis. Tendo em vista que a capacidade de resolução dos conflitos é um dos indicadores de saúde familiar, é importante conhecer as relações entre as estratégias utilizadas na família e os níveis de saúde e bem-estar que vivenciam. Já existem evidências, por exemplo, de que os conflitos conjugais, quando manejados de forma inadequada, podem reverberar na forma como os pais exercem a parentalidade (efeito spillover). Nesse sentido, já se sabe que o que conta não é a existência ou não de conflitos, mas sim a sua intensidade e a forma como são resolvidos. Esta sessão coordenada objetiva discutir os conflitos familiares em diferentes momentos do ciclo vital e em diferentes contextos, visando explorar a reverberação destes na saúde familiar. Para tanto, serão apresentados resultados de pesquisas que abordam o tema sob diferentes perspectivas. A pesquisa Estratégias de Resolução de Conflitos de Adolescentes Envolvidos em Relacionamentos Amorosos: Resultados Preliminares, inicia apresentando o modo como adolescentes portoalegrenses lidam com os conflitos que vivenciam com seus parceiros amorosos. Em seguida, o estudo Temas e Estratégias de Resolução de Conflitos de Homens e Mulheres Gaúchos aborda a frequência com que homens e mulheres discutem com seus cônjuges sobre temáticas comuns à vida familiar e apresenta as estratégias que mais utilizam para resolver seus conflitos conjugais. O trabalho Satisfação e Violência nos Relacionamentos Conjugais segue abordando o modo como a satisfação e a violência conjugal se correlacionam, discutindo como se processa a violência entre os casais como uma estratégia de resolução de seus conflitos. Na sequência, a pesquisa A Perspectiva dos Filhos sobre os Conflitos Conjugais de seus Pais explora a percepção que crianças e adolescentes têm acerca dos conflitos vivenciados entre seus pais. Por fim, o estudo Os Conflitos na Relação Família e Escola: Desacomodar para Intervir aborda os conflitos existentes na interação entre os sistemas familiar e escolar, evidenciando aspectos necessários para que se possa promover um desenvolvimento saudável das crianças, adolescentes e suas famílias. Em seu conjunto, os trabalhos desta sessão coordenada ilustram nuances das conflitivas familiares em diferentes fases do ciclo vital e em diferentes contextos. Assim, possibilitam reflexões sobre questões da prática profissional com famílias e casais, bem como apontam para lacunas que demandam novas pesquisas.

Psicologia da Família e da Comunidade

ESTRATÉGIAS DE RESOLUÇÃO DE CONFLITOS DE ADOLESCENTES ENVOLVIDOS EM RELACIONAMENTOS AMOROSOS: RESULTADOS PRELIMINARES. *Daniela Centenaro Levandowski/UFCSPA, Luiza Maria de Oliveira Braga Silveira/UFCSPA, Adriana Wagner/UFRGS, Lara Monteiro Schuck*/UFCSPA, Ivy Pimenta Dias*/UFCSPA, Paulo Roberto Taborda Souza Jr.*/UFCSPA ,*

Embora o estabelecimento de relações amorosas seja um fenômeno típico da adolescência, a literatura brasileira sobre esse tema ainda é escassa. Os adolescentes podem tanto se beneficiar destas relações no que tange à autoestima, popularidade e segurança, como se deparar com alguns desafios e conflitos inerentes a elas. O objetivo desse trabalho é apresentar uma análise preliminar de dados obtidos na primeira etapa do estudo Relações Amorosas de Adolescentes Gaúchos: Avaliação e Intervenção Psicossocial , no que se refere às

estratégias adotadas para a resolução de conflitos. Os dados foram coletados entre agosto/2011 e maio/2012. Participaram 100 adolescentes de escolas da rede pública e privada de ensino de Porto Alegre/RS, após o consentimento da escola e pais/responsáveis. Para avaliar as estratégias de resolução de conflitos usou-se o Conflict Resolution Behavior Questionnaire. Os adolescentes, em sua maioria (64%) tinham entre 14 e 16 anos de idade, eram do sexo feminino (56%) e 70% cursava o Ensino Fundamental. A renda familiar predominante variou de quatro a seis salários mínimos. No que tange aos relacionamentos, somente 19,6% declarou estar apaixonado/a pela pessoa com quem mantinha um relacionamento amoroso no momento de realização do estudo. Quanto às estratégias de resolução de conflitos empregadas pelo/a adolescente e percebidas por ele/a como sendo empregadas pela/o parceira/o, destacaram-se: ir direto ao ponto no momento das discussões (77,5% dos participantes e 76,7% das/os parceiras/os), buscar acordos (71,9%; 66,7%, respectivamente), pedir desculpas (74,2%; 66,7%), e raramente ou nunca dizer/fazer algo para machucar os sentimentos do outro (81,2%; 70%). Falar com amigos/parentes sobre o problema também foi bastante referido (64,6%; 54,8%). Encontrou-se níveis semelhantes de uso das estratégias \"revidar de algum modo\" (31%) e ficar nervoso e jogar coisas um no outro (15%) pelos próprios adolescentes e pela/o parceira/o. A análise preliminar dos resultados indicou a presença de estratégias de resolução de conflitos bastante diversificadas, com predominância de estratégias de negociação. Estas são consideradas adequadas e denotam um panorama positivo das relações estabelecidas pelos adolescentes. Entretanto, estratégias agressivas também foram referidas, embora menos frequentemente. Esse achado merece atenção, devido à intensidade com que os jovens tendem a viver suas experiências. Evidenciou-se também percepção mais positiva de si mesmos quanto às estratégias de negociação empregadas, em comparação ao parceiro/a. Esse dado pode estar enviesado por questões de desejabilidade social e falta de empatia, características da adolescência, o que pode ser corroborado pelo fato de que, frente às estratégias agressivas, não houve diferença, mas sim igualdade nessa percepção. Essa igualdade remete ao emprego de critérios diferentes para essa avaliação, com os sujeitos possivelmente minimizando os aspectos considerados negativos na sua autoavaliação. Sobre a busca de apoio para os conflitos, também constatada como estratégia, pode tanto contribuir para a efetiva resolução, como para intensificar o conflito, dependendo do tipo/qualidade do apoio recebido pelo adolescente. Os resultados reforçam a importância de novos estudos sobre o tema. A partir desse conhecimento, poderão ser organizadas intervenções para a promoção de estratégias de negociação e prevenção daquelas consideradas violentas na resolução de conflitos nessa população.

Apoio Financeiro: CNPq (Lara Monteiro Schuck - bolsista PIBIC/CNPq; Daniela Centenaro Levandowski, Adriana Wagner - Bolsistas PQ/CNPq)

Palavras-chave: relações amorosas, adolescência, estratégias de resolução de conflitos

Nível do Trabalho: Pesquisador - P

Área da Psicologia: FAMI - Psicologia da Família e da Comunidade

TEMAS E ESTRATÉGIAS DE RESOLUÇÃO DE CONFLITOS DE HOMENS E MULHERES DO RIO GRANDE DO SUL. *Juliana Szpoganicz Rosado**/UFRGS, Angélica Paula Neumann**/UFRGS, Adriana Wagner/UFRGS,*

Pesquisas apontam que o nível de satisfação e a estabilidade das uniões conjugais não estão associados à ausência de conflitos, mas sim à frequência de interações positivas e negativas que os casais vivenciam diariamente e às estratégias que adotam para a resolução de suas divergências. Considerando a importância desta temática para a saúde conjugal e familiar, o objetivo deste estudo é investigar a frequência com que homens e mulheres discutem com seus cônjuges a respeito de temas comuns à vida familiar e identificar as estratégias de

resolução de conflitos mais utilizadas para resolver divergências na esfera conjugal. A amostra foi composta por 1500 participantes, sendo 750 homens e 750 mulheres, com idades médias de 42,4 (dp=11,12) e 39,5 anos (dp=10,72), respectivamente. A amostra, acessada por conveniência, é proveniente de 67 cidades do estado do Rio Grande do Sul. Os instrumentos utilizados foram a Escala de Conflito Conjugal, que avalia a frequência com que os sujeitos discutem com seus cônjuges sobre tarefas domésticas, dinheiro, sexo, filhos, questões legais e tempo que passam juntos, e o Conflict Resolution Style Inventory (CRSI), que avalia as estratégias de resolução de conflitos utilizadas pelos participantes no contexto conjugal, de acordo com os estilos: resolução dos problemas, envolvimento no conflito, afastamento e submissão. Foram efetuadas análises descritivas. Numa escala de 6 pontos entre (1) quase nunca e (6) quase todos os dias, constatou-se que os temas mais recorrentes de conflitos são o tempo que os sujeitos tem para ficar com seus cônjuges (X=3,18 para homens e 3,08 para mulheres), sexo (X=2,39; 2,24), filhos (X=2,34; 2,36) e tarefas domésticas (X=2,13; 2,32). No que se refere às estratégias de resolução de conflitos, evidencia-se que a mais utilizada tanto por homens quanto por mulheres é a resolução positiva (X=14,42; 14,48), seguida por submissão (X=10,05; 9,65), afastamento (X=8,93; 8,78) e, por último, envolvimento no conflito (X=7,24; 8,20). Percebe-se que a amostra apresenta baixa frequência de discussão sobre as temáticas investigadas, e aponta estratégias de resolução positivas frente aos desentendimentos conjugais. Tanto homens quanto mulheres apresentam percepções similares acerca da frequência com que discutem por determinados temas, bem como sobre as estratégias que utilizam para resolver seus conflitos. A maior média na temática tempo que possuem para ficar com seu cônjuge corrobora a preocupação de preservar o espaço conjugal. Isso está associado a aspectos contemporâneos da conjugalidade, a qual tem se caracterizado pelo aumento de casais de dupla carreira, pela crescente demanda por investimentos profissionais e pela dinâmica entre a preservação do espaço da conjugalidade e da individualidade, entre outros fatores. Conclui-se que os participantes que mantém o vínculo conjugal apresentam boas estratégias de resolução de seus conflitos e demonstram investir em seus relacionamentos.

Apoio financeiro: PRONEX (FAPERGS/CNPq)
Palavras-chave: casais, conflitos, estratégias de resolução.
Nível do trabalho: P (pesquisador)
FAMI

TEMAS E ESTRATÉGIAS DE RESOLUÇÃO DE CONFLITOS DE HOMENS E MULHERES DO RIO GRANDE DO SUL. *Angélica Paula Neumann**/UFRGS, Juliana Szpoganicz Rosado**/UFRGS, Adriana Wagner/UFRGS,*

Pesquisas apontam que o nível de satisfação e a estabilidade das uniões conjugais não estão associados à ausência de conflitos, mas sim à frequência de interações positivas e negativas que os casais vivenciam diariamente e às estratégias que adotam para a resolução de suas divergências. Considerando a importância desta temática para a saúde conjugal e familiar, o objetivo deste estudo é investigar a frequência com que homens e mulheres discutem com seus cônjuges a respeito de temas comuns à vida familiar e identificar as estratégias de resolução de conflitos mais utilizadas para resolver divergências na esfera conjugal. A amostra foi composta por 1500 participantes, sendo 750 homens e 750 mulheres, com idades médias de 42,4 (dp=11,12) e 39,5 anos (dp=10,72), respectivamente. A amostra, acessada por conveniência, é proveniente de 67 cidades do estado do Rio Grande do Sul. Os instrumentos utilizados foram a Escala de Conflito Conjugal, que avalia a frequência com que os sujeitos discutem com seus cônjuges sobre tarefas domésticas, dinheiro, sexo, filhos, questões legais e tempo que passam juntos, e o Conflict Resolution Style Inventory (CRSI), que avalia as

estratégias de resolução de conflitos utilizadas pelos participantes no contexto conjugal, de acordo com os estilos: resolução dos problemas, envolvimento no conflito, afastamento e submissão. Foram efetuadas análises descritivas. Numa escala de 6 pontos entre (1) quase nunca e (6) quase todos os dias, constatou-se que os temas mais recorrentes de conflitos são o tempo que os sujeitos tem para ficar com seus cônjuges (X=3,18 para homens e 3,08 para mulheres), sexo (X=2,39; 2,24), filhos (X=2,34; 2,36) e tarefas domésticas (X=2,13; 2,32). No que se refere às estratégias de resolução de conflitos, evidencia-se que a mais utilizada tanto por homens quanto por mulheres é a resolução positiva (X=14,42; 14,48), seguida por submissão (X=10,05; 9,65), afastamento (X=8,93; 8,78) e, por último, envolvimento no conflito (X=7,24; 8,20). Percebe-se que a amostra apresenta baixa frequência de discussão sobre as temáticas investigadas, e aponta estratégias de resolução positivas frente aos desentendimentos conjugais. Tanto homens quanto mulheres apresentam percepções similares acerca da frequência com que discutem por determinados temas, bem como sobre as estratégias que utilizam para resolver seus conflitos. A maior média na temática tempo que possuem para ficar com seu cônjuge corrobora a preocupação de preservar o espaço conjugal. Isso está associado a aspectos contemporâneos da conjugalidade, a qual tem se caracterizado pelo aumento de casais de dupla carreira, pela crescente demanda por investimentos profissionais e pela dinâmica entre a preservação do espaço da conjugalidade e da individualidade, entre outros fatores. Conclui-se que os participantes que mantém o vínculo conjugal apresentam boas estratégias de resolução de seus conflitos e demonstram investir em seus relacionamentos.
Apoio financeiro: PRONEX (FAPERGS/CNPq)
Palavras-chave: casais, conflitos, estratégias de resolução.
Nível do trabalho: P (pesquisador)
FAMI

SATISFAÇÃO E VIOLÊNCIA NOS RELACIONAMENTOS CONJUGAIS. *Larissa Wolff da Rosa**/UNISINOS, Denise Falcke/UNISINOS,*
O relacionamento conjugal caracteriza-se como um palco no qual são vivenciadas complexas e intensas experiências. A satisfação no relacionamento é definida a partir da interação entre múltiplos fatores, dentre eles a forma como os casais lidam com seus conflitos e a presença ou não de indicadores de violência. A violência conjugal pode se manifestar de diversas maneiras, sendo as formas mais comuns a agressão física, psicológica e sexual. Na prática clínica, muitas vezes, percebe-se que casais violentos reportam bons níveis de satisfação conjugal, considerando que permanecem juntos porque se amam e são felizes no relacionamento. No entanto, ainda são imprecisas as correlações entre satisfação conjugal e violência. Partindo de tais pressupostos, o presente estudo teve por objetivo correlacionar violência e satisfação conjugal. A hipótese de pesquisa é de que a violência pode estar presente nos relacionamentos independente dos níveis de satisfação conjugal. Participaram deste estudo 751 casais, heterossexuais, residentes no Estado do Rio Grande do Sul, casados ou em união estável por, pelo menos, seis meses. A média de idade dos participantes foi de 41 anos (dp=11,09) e o tempo médio de união foi de 15,76 anos (dp=10,41). Os instrumentos utilizados foram o The Golombok Rust Inventory of Marital State (GRIMS), como medida de satisfação conjugal, e o Revised Conflict Tactics Scales (CTS2), para mensuração dos níveis de violência conjugal. Os dados foram analisados através do programa estatístico SPSS, por meio de análises descritivas e correlação de Pearson. Os resultados revelaram índices altos de violência conjugal na amostra, que variaram entre 2,4%, para coerção sexual grave, e 81,3%, para agressão psicológica menor. Observou-se uma correlação negativa entre satisfação conjugal e violência física (r=-0.117; p<0,001), agressão psicológica (r=-0,407; p<0,001) e sexual (r=-0,116;

p<0,001). Em relação à dimensão negociação, percebeu-se uma correlação positiva com a satisfação conjugal dos sujeitos (r=0,452; p<0,001). Desta forma, conclui-se que os casais com maiores índices de violência apresentam, a partir dos instrumentos utilizados, piores níveis de satisfação conjugal, contrariando a hipótese inicialmente definida para este estudo de que a violência poderia estar presente mesmo em relacionamentos com altos níveis de satisfação. Possivelmente esse resultado ocorra em vista das variáveis que compõe a medida de satisfação conjugal, que estão relacionadas ao companheirismo, comunicação, interesses compartilhados, confiança e respeito. Nesse sentido, sugere-se, para futuras investigações, que sejam utilizados outros instrumentos complementares para avaliação da satisfação conjugal, podendo ser incluída uma dimensão mais relacionada à constituição do vínculo amoroso, por exemplo.

** Larissa Wolff da Rosa - Bolsista PRONEX (FAPERGS/CNPq)
Palavras-chave: casal; violência; satisfação conjugal.
M
FAMI

A PERSPECTIVA DOS FILHOS SOBRE OS CONFLITOS CONJUGAIS DE SEUS PAIS. *Viviane Ribeiro Goulart** / UFRGS, Adriana Wagner/ UFRGS,*

Os conflitos conjugais são inerentes ao relacionamento dos casais. Entretanto, a literatura científica aponta que determinadas formas de expressão dessas situações familiares podem representar risco ao desenvolvimento saudável dos filhos. Considerando a relevância da temática, desenvolvemos um estudo qualitativo de caráter exploratório-descritivo, sobre a visão dos filhos acerca dos conflitos conjugais de seus pais. Objetivamos conhecer a perspectiva de crianças e adolescentes sobre os conflitos conjugais de seus pais, especialmente no que diz respeito às características destes e à forma como os filhos avaliam, se sentem e lidam com tais situações. Fizeram parte deste estudo 17 estudantes de uma escola pública de Porto Alegre, que coabitavam com seus pais. Os participantes foram divididos em dois grupos focais, de acordo com a faixa etária. Um dos grupos foi composto por 8 crianças com idade entre 8 e 9 anos, enquanto o outro grupo foi formado por 9 adolescentes, com idade entre 12 e 13 anos. Cada grupo teve um encontro único de 1h30min, aproximadamente, conduzidos na própria escola. Os grupos foram gravados em áudio e vídeo. Trabalhamos as seguintes temáticas que orientaram a discussão: percepção dos sujeitos sobre os temas dos conflitos conjugais, os sentimentos despertados e as estratégias utilizadas para lidar com tais situações no contexto familiar. Durante o grupo focal os participantes se engajaram em atividades como desenho e confecção de cartazes, que motivaram a discussão das temáticas. Todos os procedimentos adotados na coleta dos dados foram usados na compreensão dos aspectos investigados. Os dados foram transcritos na íntegra e o seu conteúdo foi analisado qualitativamente. A análise dos dados de cada grupo foi realizada em separado, em função das peculiaridades de cada faixa etária. Os resultados revelam que, na percepção dos filhos, os conflitos conjugais são situações que variam entre a discussão verbal e a agressão física, são frequentes, de temática abrangente e de expressão predominantemente negativa. Os resultados indicam que crianças e adolescentes estão atentos aos conflitos entre os seus pais, buscando identificar as causas das brigas e as suas consequências para si e para a família. Os filhos adotam estratégias para lidar com os sentimentos negativos despertados pelos conflitos conjugais. Essas estratégias compreendem a evitação e a mediação, podendo incluir comportamentos extremamente destrutivos, como a autoagressão. Embora a comparação entre os grupos não tenha sido o objetivo deste trabalho, os resultados apontam que a visão de crianças e adolescentes se assemelha em vários aspectos, entretanto, com algumas

diferenças. Especula-se que essas diferenças possam estar associadas à fase do desenvolvimento.
Apoio financeiro: Bolsa de mestrado CNPq - Viviane Ribeiro Goulart
Palavras-chave: conflitos conjugais; filhos; relações familiares
Nível do trabalho: Mestrado M
Área: FAMI - Psicologia da Família e da Comunidade

OS CONFLITOS NA RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA: CONHECER E DESACOMODAR PARA INTERVIR.
Luiza Maria de Oliveira Braga Silveira/ UFCSPA, Adriana Wagner/UFRGS,
O presente trabalho visa problematizar e explicar os conflitos na relação família-escola através de análise de estudos empíricos, destacando as continuidades e descontinuidades nesta relação num estudo realizado em escolas privadas de Porto Alegre. Historicamente, no Brasil, estima-se que a relação família-escola tenha sido influenciada pelo movimento higienista ocorrido por volta dos anos cinquenta e caracterizado pela maciça orientação de normas de saúde, alimentação, educação e cuidados básicos na criação de crianças e adolescentes. Tais orientações eram feitas por médicos às famílias em vistas de epidemias de doenças decorrentes de maus hábitos de higiene, reforçando a hierarquia do saber médico sobre os demais e as culturas e saberes familiar. Mesmo tendo um cunho preventivo, tais ações parecem ter modificado intensamente a relação da família com outros sistemas sociais. Em virtude desse movimento as famílias parecem ter sido invadidas e desempoderadas em sua função educativa, já que desqualificaram seus conhecimentos e práticas educativas. Muitos conflitos na atualidade se referem à delimitação de papéis e funções educativas, culpabilização pelos problemas de comportamento das crianças e adolescentes e baixo envolvimento parental na vida escolar dos filhos. Identificou-se que as expectativas de pais e professores, o envolvimento parental, a comunicação, a valorização de saberes, o compartilhamento de decisões e a participação nas atividades educativas fora da sala de aula são variáveis em destaque para compreender a qualidade desta relação e seus conflitos. No estudo realizado em três escolas privadas de Porto Alegre investigou-se quatro casos de crianças, em idade escolar, que apresentavam problemas de comportamento na escola, utilizando-se o delineamento de estudos de caso. Foram realizadas duas entrevistas com os pais e as professoras destes escolares, sendo uma entrevista dirigida (para levantamento das práticas educativas utilizadas por ambas) e uma entrevista semi-dirigida (para exploração das formas de interação família-escola). A análise de conteúdo das entrevistas foi realizada a partir de categorias mistas (construídas a priori e a posteriori), que reiteraram dados de pesquisas nacionais e internacionais e sugeriram conflitos nessa relação. Observou-se a ambivalência quanto ao problema de comportamento da criança, delimitação rígida de fronteiras entre a família e a escola, dificuldades na comunicação entre os sistemas, ideias ligadas à submissão da família ao saber e orientações da escola e atitudes conjuntas focadas no caráter curativo e orientador da escola sobre a família. A discussão dos dados destaca a falta de modelos integrativos família-escola e a necessidade de maior flexibilidade de fronteiras entre os sistemas, participação da família junto a atividades escolares e empoderamento da mesma. Associando-se os aspectos históricos mencionados, surge a necessidade de planejar, mobilizar tais sistemas e intervir junto aos mesmos para além das questões de aproveitamento escolar, mas de saúde pública que envolvem o desenvolvimento saudável de famílias, crianças e adolescentes.
Doutorado - D
FAMI-Psicologia da Família e da Comunidade

Sessão Coordenada: **TDAH: a pesquisa que o tipifica, a clínica que o amplia e o ensino que o traduz**

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, TDAH, embora seja tema exaustivamente estudado há muitos anos, ainda hoje é assunto que demanda muitas reflexões, talvez por habitar a interface da psiquiatria, da psicologia e da pedagogia, bem como se imbricar com comportamentos muitas vezes da alçada da moral e dos costumes. O certo é que crianças podem se beneficiar de um diagnóstico preciso e cuidadoso que realmente as identifiquem como tais e avaliem seus sofrimentos psíquicos e prejuízos sociais, fornecendo-lhes em muitos casos a medicação que as equilibrem, associado a tratamentos objetivos que visam a sua adequação como um todo, denominados de psicossociais. Esses são os indicadores da pesquisa em bancos de dados nos últimos dez anos, que validam como realmente eficientes e eficazes os tratamentos comportamentais muitas vezes associados aos fármacos. Mas, contudo, deixam em aberto tanto as crianças que deles não se beneficiam, em porcentagem expressiva de 30%, como também o fato de seus efeitos não perdurarem quando os tratamentos se finalizam. Espaço que poderia ser ocupado por muitos trabalhos clínicos que, contudo, não alcançam visibilidade científica por não se pautarem pelas regras da pesquisa quantitativa. Exemplarmente trazemos à luz casos clínicos que ampliam o entendimento possível sobre a criança denominada TDAH, contextualizando-a em seu ambiente psíquico, familiar, social e cultural, trazendo qualidade às descrições comportamentais que as escalas propiciam. Deixando espaço para que seja apreendida sob setting acolhedor, com espaço definido para projetar suas angústias, muitas delas provindas da própria contemporaneidade, período sem tempo, em meio à produtividade e consumo desenfreado, para que se forneça espaço de crescimento à criança entendendo-a como tal, um ser em desenvolvimento. O estudo de caso, assim, mostra-se pesquisa empírica eficiente para que se possa aprofundar as informações sobre a criança com acuidade para o latente, ou seja, o não manifesto, bem como para a pertinência de se considerar a criança como um todo, sem querer dela produtividade padronizada. O cenário da pesquisa e da clínica, assim, afunila-se no ensino, em que se enquadra o TDAH como transtorno psicopatológico descrito no DSM-IV e perceptível por meio de escalas objetivas, deixando de lado tanto o contexto sociocultural de formação do sintoma e construção da queixa escolar, quanto da necessidade de se ter profissionais com acuidade para perceber e tratar o sofrimento que necessita ser entendido em toda a sua complexidade.

Psicologia Clínica e da Personalidade

Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, TDAH: o que se ensina na universidade?.
Maria Regina Brecht Albertini (Universidade Presbiteriana Mackenzie),
Em geral, no curso de formação de psicólogos a disciplina de psicopatologia infantil apresenta o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, TDAH, mas as informações são ampliadas em um conjunto de disciplinas que abordam diferentes aspectos do desenvolvimento humano e que culminam nas disciplinas de estágio. O objetivo final é oferecer um repertório de conhecimentos que serão integrados nas atividades de atendimento. Especificamente na área infantil, não se pode deixar de considerar que, na atualidade nossas crianças são objeto de idealizações exacerbadas projetadas pelo ambiente, portanto torna-se fundamental a construção de formas de atendimento capazes de discriminar em seus comportamentos os distúrbios reativos. Esses distúrbios seriam reações da criança a situações em que são exigidas a realizar adaptações sociais nem sempre possíveis, pois não estão em sintonia com o seu estágio de amadurecimento emocional. Como sabemos, adaptação social não é sinônimo de saúde mental. Os estudos sobre as psicopatologias na infância apontam cada vez mais para uma especificação de critérios de diagnóstico. Nesse contexto social, como articular a

demanda dos pais, que buscam respostas e soluções para as dificuldades da criança, e, ao mesmo tempo, oferecer novos olhares, menos centrados em classificações discutíveis, para os delicados e complexos comportamentos infantis? O pedido para que seja efetuado um psicodiagnóstico em uma criança geralmente ocorre em função do aparecimento de algum comportamento considerado desviante, na escola ou em casa, relacionado ao desempenho de atividades ou, ainda, a dificuldades relacionais apresentadas pela criança. Os pais procuram ajuda a partir de uma indicação da escola, do pediatra ou, do fato de estarem espontaneamente preocupados com as dificuldades do filho. Usualmente, chegam ao consultório com uma pergunta central: o que está acontecendo com meu filho? Para responder a essa indagação, pertinente do ponto de vista dos pais, o psicoterapeuta infantil inicia um processo de investigação e intervenção repleto de outras questões, tais como: por que essa criança está apresentando esses comportamentos? Como foi desde o nascimento? Ela nasceu com dificuldades? Em que medida a criança tem clareza do que está acontecendo com ela? E os pais, como eles se relacionam entre si e com a criança? Qual a história dessa família? Quais as características do ambiente familiar, escolar e social em que essa criança vive? Diante de tal quadro, de questões e argumentos a respeito dos critérios de saúde mental quando voltados à criança a perspectiva da formação precisa atender às demandas atuais da clínica psicológica, que clama por uma compreensão aprofundada dos sintomas. Estes surgem, muitas vezes, como reação da criança às invasões ao seu desenvolvimento. Essas reações, sinais vitais de sofrimento e construção de defesas, de forma não rara, infelizmente, são rotuladas como patológicas e tratadas de maneira medicamentosa. Em um curso de formação de psicólogos o TDAH precisa ser compreendido a partir desse cenário.
Palavras-chave: TDAH; psicopatologia; clínica-escola.
CLIN

Revisão de literatura das psicoterapias para crianças e adolescentes com déficit de atenção e hiperatividade, TDAH. *Me.Déa Bertran Munhoz; Dr.Andrés Eduardo Aguirre Antúnez (Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, SP),*
Esta pesquisa de mestrado revisou as publicações científicas dos últimos dez anos (2000 2010) referentes a psicoterapias e tratamentos psicológicos para crianças e adolescentes de 6 a 16 anos, diagnosticadas como portadoras do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, TDAH, a fim de conhecer como os bancos de dados refletem essa realidade (Medline, PsycINFO, Lilacs, SciELO, Psicodoc). Embora descrito na literatura médica desde 1900, o TDAH sempre primou por revelar-se assunto amplo que, desde que foi descrito, permaneceu associado à controvérsia científica. De um lado há os que o remetem à doença psiquiátrica e, oposto a este, aqueles que o associam à época contemporânea. Com incidência na população entre 3% a 7%, é descrito como causador de prejuízo pessoal e social significativo, já que seus portadores não conseguem acompanhar o ritmo de seus pares, pois expressam hiperatividade, desatenção e impulsividade em graus incompatíveis principalmente com as normas escolares que exigem concentração, imobilidade e controle dos impulsos. A pesquisa resultou em um total de 2.214 artigos que, após seleção, totalizaram 92 referências. Os resultados demonstraram a relevância do Medline e do PsycINFO sobre os demais bancos, principalmente os latinoamericanos. Quanto aos Tipos de tratamentos utilizados, o tratamento combinado foi o mais indicado, com boa relação custo-benefício. Encontramos em quatro trabalhos a recomendação do uso da medicação isolada, sendo o metilfenidato o que obteve respostas mais efetivas. Foram citadas raras evidências de abordagens não mensuráveis experimentalmente, como é o caso da abordagem psicodinâmica, bem como a variante sistêmica, além de um trabalho na abordagem existencialista. Quanto à duração dos tratamentos observou-se uma variação de seis semanas a 36 meses, sendo que os ganhos

obtidos não permaneceram por longo tempo, assim que a medicação e/ou tratamento psicoterápico são interrompidos, os sintomas retornaram. Observando-se Tipos de pesquisa utilizados percebeu-se a presença dos trabalhos empíricos com pouca diferença dos obtidos pelos teóricos e de revisão. Isso talvez possa ser explicado pela necessidade dos textos sobre TDAH serem informativos sobre o transtorno. A metodologia do estudo de caso foi privilegiada em 14 artigos (15,21%), sendo que enquanto o Medline publicou somente um artigo referente a este método, o PsycINFO, por sua vez, trouxe à luz 12 trabalhos. Considerando-se Número de sujeitos nas pesquisas empíricas e nas de estudos de caso, as pesquisas empíricas aglutinaram número significativo de crianças, totalizando 3.634 crianças estudadas. Já a metodologia do estudo de caso contemplou um total de 23 crianças. As metodologias mostraram-se incomparáveis neste quesito, no que se refere à sua abrangência. Finalmente, estudando-se Países em que as pesquisas foram publicadas, os Estados Unidos mostraram toda a sua potencialidade de pesquisa, respondendo por 25 das 44 pesquisas, ou 56,81%, seguido da Inglaterra, com sete estudos e 15,90% da totalidade. A Alemanha ficou em terceiro lugar, com cinco pesquisas e 11,36%, sendo o restante localizado em países europeus. A partir deste estudo é inquestionável a predominância da corrente comportamental e sua variação, a cognitivo-comportamental, na imensa maioria dos trabalhos referentes a tratamentos psicológicos para o TDAH.

Palavras-chave: Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), psicoterapias, tratamento psicológico.

M Mestrado

CLIN

O TDAH para além das escalas: a busca constante do entendimento do sofrimento psíquico e do desenvolvimento do self. *Sonia Regina Jubelini,*

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, TDAH, é resultado de um diagnóstico clínico estabelecido, frequentemente, pelas observações dos pais e professores, acrescido da aplicação de escalas baseadas em sintomas do comportamento da criança. Através do viés da psicologia se buscou, neste trabalho, trazer a discussão sob o ponto de vista do apuro na compreensão de cada caso, requisito definitivo para que se encontre o tratamento adequado. Isso se faz necessário para que o TDAH seja contextualizado à época atual, em que o tempo, o sucesso e a felicidade são supervalorizados, com um nível alto de exigência, ansiedade, racionalização tudo tem que ser entendido, solucionado rapidamente e pouco sentido. Como agravante, tem-se a negação do desconforto psíquico quando os pais, frente às exigências dos filhos, só procuram o caminho da satisfação e da ampliação das expectativas materiais. Evitam as frustrações, apresentando frente a elas sentimentos de menos valia, raiva ou tristeza. Uma das demandas frequentes de pais e escolas tem sido o de como lidar com crianças inquietas, impulsivas, oposicionistas e agressivas. Elas não tratam bem seus iguais, não aceitam os combinados, nem normas estabelecidas. Encontram problemas na aprendizagem em função da dispersão da atenção, embora evidenciem bom potencial intelectual. Normalmente identificadas como TDAH, todos querem uma maneira rápida para modificar seus comportamentos estressantes, devido à sociedade atual não conviver bem com a falta. O que combina melhor com esses tempos é a medicalização e não o exercício da observação, questionamento e hipóteses, algo que ocorre no psicodiagnóstico que, primeiramente, visa identificar e compreender como está a criança em suas funções executivas, quais sejam a atenção, a concentração, a percepção visomotora, a organização tempero-espacial, assim como seu julgamento de valores, tipo de raciocínio e planejamento das ações. Mas estende sua observação para outros elementos importantes de investigação, entre eles: a) a atenção aguçada à queixa trazida, analisando de quem é a demanda e como é formulada; b) identificar

o histórico do nascimento e dos primeiros dias de vida; c) aplicar desenhos; d) aplicar desenho após uma história contada; e) observação do ambiente escolar. Em nossa experiência na pesquisa e na clínica temos constatado que apesar do humano ser singular, encontra-se similaridades no psicodinamismo das crianças com TDAH, e uma delas é que este transtorno se evidencia na relação com o outro, senão na origem, em sua manutenção e em seu desenvolvimento. No caso de em se existir falhas nessas relações, buscar a explicação através de seu psicodinamismo pelo modo como percebe a si, o outro, o meio ambiente, os conflitos, ansiedades predominantes, os mecanismos defensivos que utiliza para ir à busca do que necessita, com o foco no desenvolvimento psíquico possível na idade em que se encontram, com considerações sobre o seu ser e o cuidado necessário para que fluam em seu crescimento. Esta questão é de bastante relevância neste momento em que tanto se discute a medicalização infantil, tema relevante tanto para o instrumento de avaliação quanto para o tratamento.

Palavras-chave: Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), psicodiagnóstico, medicalização.

P Pesquisador

CLIN

Estudo de caso: a busca por um encontro possível na delicada relação entre mãe e criança com TDAH. *Me. Carmen Silvia de Souza Nogueira; Dr. Geraldo Fiamenghi Jr. (Programa de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento da Universidade Presbiteriana Mackenzie, SP).*

,

A pesquisa clínica do estudo de caso é pertinente e de extremo valor no entendimento de circunstâncias vivenciais que se apresentam no Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. Em nosso trabalho, procedeu-se à análise de um caso clínico a fim de discutir a importância de auxiliar a mãe e/ou os familiares a investir no relacionamento com a criança que apresenta comportamento hiperativo e, portanto, gerador de grande incômodo no meio familiar e escolar. As crianças TDAH iniciam a sua jornada de dificuldades, expressando inquietude, voracidade de contato sobrecarregando as mães e familiares que se veem despreparados para lidar com as solicitações de seus filhos, afligem-se com sua movimentação e não se sentem ouvidas por sua distração. Esses percalços acabam por originar sofrimento psíquico e, ao ser frustrada em suas expectativas maternas, a criança é olhada e percebida apenas parcialmente, não havendo o investimento em suas possibilidades e recursos internos. Através do psicodiagnóstico com vista à compreensão psicodinâmica, buscou-se o entendimento da qualidade do vínculo estabelecido no par mãe-bebê/criança, os dados sobre o histórico de vida e de seu desenvolvimento, propiciando uma dimensão ampliada de compreensão dos aspectos afetivos, emocionais e cognitivos da criança. A queixa de dificuldades escolares de uma criança de dois anos apontadas pela professora do maternal gerou forte impacto na mãe, já que esta reconhecia no comportamento agitado e inquieto do filho um aspecto natural de sua idade e de desenvolvimento. A escola enfatizou a diferença dele das outras crianças, solicitando avaliação médica, encaminhamento feito a neurologista que diagnosticou transtorno hipercinético com prescrição medicamentosa, que vem sendo utilizada há dois anos. Embora tenha relutado em admitir o comportamento do filho como anormalmente inquieto, a própria mãe descreveu inúmeras dificuldades vividas na relação com o filho, desde seu nascimento, revelando a presença de um descompasso entre ambos. Insatisfeita e impaciente ao constatar que ele não respondia de acordo com o que esperava, afastou-se do contato, e a criança ficou sem apoio nem continência para sua imensa necessidade de atenção. As várias demandas impostas pela escola, pelo médico e pela própria vida diária tornou a mãe desgastada e frustrada em suas expectativas. Buscou o auxílio de

especialistas, mas não pareceu perceber que poderia contribuir para a atenuação do sofrimento de ambos. O caso clínico a ser apresentado discute a promoção da aproximação afetiva, e o investimento nos recursos internos da criança, enfatizando que a compreensão nos tipos de vínculo que a mãe faz tanto com a criança como quanto com as dificuldades encontradas se torna fundamental para dar perspectivas de mudança na vida dessas famílias.
Palavras-chave: transtorno de déficit de atenção e hiperatividade; psicodiagnóstico; orientação pais.
P - Pesquisadora
CLIN

Sessão Coordenada: **Tema: adolescente em contexto de aprendizagem: reflexão e propostas de escuta e olhares.**

Existem muitas teorias com formulações distintas, que buscam explicar a adolescência, e é por meio delas que a sociedade vê, compreende e se relaciona com o adolescente. Apesar de avanços nos estudos sobre desenvolvimento e psicologia infanto-juvenil foi nos trinta últimos anos que começou o interesse por parte dos especialistas nesta etapa da vida. Na década de 80 as autoridades brasileiras começaram a se preocupar com a assistência ao escolar e ao adolescente, instituindo em 1986 procedimentos e rotinas para o atendimento dessas faixas etárias, mas na prática houve uma atenção reduzida para os escolares e praticamente nenhuma ao adolescente. A organização Pan-americana de Saúde (OPAS,1990) , definiu o marco conceitual da saúde integral do adolescente. O estudo científico da adolescência é recente, contudo, historicamente as preocupações em relação a esse grupo etário vêm desde a antiguidade. Platão já estava preocupado com a educação dos jovens. Rousseau (2004) propôs um projeto para a formação de um novo homem e uma nova sociedade. A proposta deste pensador do Século XVIII, de uma educação de acordo com a natureza, foi considerada inovadora e revolucionária, pois ele se opõe a educação do seu tempo e a formação humana em geral proposta pela educação de sua época. Apresenta uma proposta que valoriza a liberdade, bem como o desenvolvimento das faculdades das crianças, priorizando a educação conforme a natureza, Rousseau desejou que o homem fosse educado para si mesmo. Vendo assim a necessidade de se repensar à educação, considerando para tanto uma nova forma de compreender a infância, a adolescência e a fase adulta. A partir disto chega-se aos diferentes modos de educar segundo as diferentes etapas de formação humana. A primeira destas etapas é a infância, segunda a adolescência, e a última a vida adulta. A adolescência é um período de modificações, um novo nascimento que remete o indivíduo a um processo de aprendizagem em direção a autonomia da vida adulta. No período que vai dos doze aos treze anos, próximo à adolescência, a criança, por não ter todas as suas necessidades desenvolvidas, suas forças são superiores. Pois, aos doze ou treze anos, as forças da criança desenvolvem-se bem mais rapidamente do que suas necessidades (ROUSSEAU; 2004, p.211). A educação de quinze a vinte anos, se educa o coração para a vida em comum e para as relações sociais. Este é o período de preparar o indivíduo moralmente para as suas relações com a humanidade. A adolescência é uma fase importante, pois é o momento em que o jovem começa a ter um papel na sociedade. Trazendo para os dias atuais, segundo o movimento todos pela educação com base no Censo demográfico de 2010, na região Sudoeste do Brasil mais de 1,2 milhão de jovens na faixa etária de 04 a 17 anos, estão ausentes da escola, a região Nordeste está em segundo lugar com 1 milhão e 84 mil pessoas nesta faixa etária fora da escola e a região Sul esta em terceiro lugar com 591 mil crianças excluídas da escola, dados obtidos pelo IBGE divulgados em fevereiro na quarta edição do relatório. Hoje, a atenção ao adolescente é imprescindível, Esse número dimensiona a magnitude e a importância da necessidade de atenção a essa faixa etária, pois se sabe que há algo acontecendo e que urge por mudanças, e nós como sociedade na qual está inserido esse jovem, precisamos ter olhares diferenciados para este núcleo de pessoas que necessitam de atenção. E sendo assim, se questiona as várias causas que leva o adolescente a evasão escolar e o péssimo rendimento escolar; questões familiares, de dificuldades de aprendizado, problemas com vícios, violências, algumas doenças mentais mais frequentes na adolescência, como a depressão, os transtornos de ansiedade, transtornos de conduta, abuso de substâncias etc. Este tema justifica-se no sentido de abrir caminho para outros olhares e escutas no cuidado com o indivíduo que se encontra na fase de adolescência, com isso trazer possibilidades de reflexão sobre a questão da saúde e encaminhamentos do nosso adolescente, e o que psicólogos e educadores podem fazer para enxergar este indivíduo em conflito, a partir daí questionar o que podemos fazer para esta fase

primeira, que irá nortear as outras subseqüentes, ser ouvidos e ter atenção e primordial, acreditamos que dessa maneira seremos iguais no entendimento de sermos humanos. Saber ouvir o que pensa o adolescente é de extrema importância, é uma maneira de aproximação do mundo deste, justifica-se a pesquisa do artigo A visão do adolescente sobre a questão do bom professor, por dar a oportunidade ao adolescente, em ambiente escolar, de ser ouvido, permitir que esses tenham o conhecimento, mostrar que dependem deles também a construção de seu próprio saber e reconhecer que sua opinião tem valor. O tema aprendizagem nos artigos que apresentaremos, é entendido como um processo inerente ao ser humano, por conceber que o indivíduo está sempre aprendendo, ele se apropria da realidade integrando-a com seu conhecimento pessoal desenvolvendo uma habilidade de elaboração para explicar o meio em que vive. Sendo assim, aprender permite aos seres humanos adquirir habilidades e conhecimentos necessários para se adaptar à realidade de suas vidas e também permitir transformá-la. O processo de aprendizagem emerge como um mediador da relação entre seres humanos e seu meio ambiente, tanto objetal quanto social. Ao mesmo tempo, o aprendizado em si é um ato mediado por uma série de mecanismos, tais como os órgãos dos sentidos, redes conceituais prévias, paradigmas de pensamento, etc. Considerando que a relação entre professor e aluno, mesmo de forma inconsciente, sempre pressupõe uma concepção de ensino e aprendizagem que determina a compreensão dos papéis de professor e aluno, da metodologia, da função social da escola e dos conteúdos a serem trabalhados. No artigo intitulado concepções do adolescente sobre a aprendizagem , com o objetivo de identificar e refletir sobre a concepção de aprendizagem, por adolescentes em fase escolar, justifica-se este, pois permiti que o estudante se expresse, dando voz a sua opinião. Em um mesmo ambiente, o escolar, justifica-se o artigo projeto e mediação de novas tecnologias em ensino e aprendizagem de adolescentes que trata de adolescentes entre 10 e 15 anos, em aprendizagem por meio das novas tecnologias, ou seja, computadores, abordando essa relação com fundamentos da psicopedagogia, pois levando em consideração que a linguagem da contemporaneidade é a tecnológica, e que ao nos aproximarmos desta linguagem, estamos nos aproximando do nosso adolescente, podendo entende-lo e ter uma participação maior em sua vida, justificando que temos e podemos usar todas as ferramentas que está ao nosso dispor em benefício do adolescente em sua aprendizagem. Na sequência a relevância da pesquisa em que se deu o artigo adolescente com problemas de aprendizagem: resgate em arteterapia nos leva a pensar em arteterapia como sendo mais uma ferramenta viável para a atenção ao adolescente, com problemas de aprendizagem, em decorrência de conflitos familiares que o levou a um quadro depressivo. Para justificar a utilização desta terapia, a arteterapia faz o participante se observar e ter um autoconhecimento de si para melhorar sua auto-estima. Mesmo sendo uma terapia pouco conhecida e que ainda é vista com desconfiança por alguns setores da área da saúde, por entenderem que ela requer subsídios teóricos e práticos mais consistentes que melhor fundamentem sua eficácia como instrumento diagnóstico psicodinâmico e como estratégia psicoterapêutica, esta pesquisa justifica-se, inicialmente, por buscar contribuir para a análise compreensiva de um processo arteterapêutico em indivíduo em fase escolar e pelo número expressivo de adolescentes que, atualmente, apresentam transtornos no Brasil. Além disso, a necessidade de se buscar estratégias para promoção da saúde mental dos adolescentes é reconhecida pelos órgãos públicos.

Psicologia Escolar e da Educação

A VISAO DO ADOLESCENTE SOBRE A QUESTAO DO BOM PROFESSOR.. *Maria do Carmo dos Santos Motta (Faculdade Polis das Artes, Embu das Artes, SP), M, ESC.,*

A etimologia da palavra adolescente vem do latim, que significa para e olescere, que quer dizer crescer; ou seja, \"crescer para\". Pensar na etimologia desta palavra nos remete à idéia de

desenvolvimento, de preparação para o que está por vir, algo já estabelecido mais à frente; preparação esta para que a pessoa se enquadre neste à frente que está colocado. O termo deriva também de adolescer, origem da palavra adoecer, fazendo com que estes significados indiquem a condição de crescimento físico e psíquico, que ocorre como um adoecimento, ou seja, com sofrimentos emocionais, transformações biológicas e mentais. Sociologicamente, adolescência é o período de transição da dependência infantil para a auto-suficiência adulta. Psicologicamente falando, é uma situação marginal nos quais novos ajustes, que diferenciam o comportamento da criança do comportamento adulto em uma determinada sociedade, têm que ser realizados; e, fisiologicamente, ocorre no momento em que as funções reprodutivas amadurecem. Existem muitas teorias com formulações distintas, que buscam explicar a adolescência, e é por meio delas que a sociedade vê, compreende e se relaciona com o adolescente. Apesar de avanços nos estudos sobre desenvolvimento e psicologia infanto-juvenil foi nos trinta últimos anos que começou o interesse por parte dos especialistas em estudar sobre esta etapa da vida. O objetivo desta pesquisa foi entender o que é ser um bom professor na visão do adolescente de escolas da região sudoeste de São Paulo: uma da Rede Pública do Estado e outra da Rede Particular. Participaram 60 adolescentes com idades entre 13 e 17 anos, distribuídos em dois grupos: grupo (G1) formado por 30 adolescentes da escola particular e grupo (G2) composto por 30 adolescentes de escola pública. Para a coleta de dados foram utilizados questionário e entrevista semi-dirigida. Os dados foram analisados pela técnica análise de conteúdo. A pesquisa conclui que a visão que o adolescente tem sobre o bom professor aparece cristalizada em dois temas: dimensão humana e dimensão técnica. Em relação à dimensão humana surgem duas categorias teóricas: O Eros aqui entendida enquanto dimensão do desejo, das pulsões, dos impulsos, da corporeidade, das emanações vitais básicas. O Pathos definido como a dimensão da sensibilidade, do sentimento, da afetividade, geradora da simpatia, da empatia, da antipatia e da apatia na relação do homem consigo mesmo e com os outros. A categoria teórica que emerge relacionada à dimensão técnica é o Logos, dimensão do pensamento, do conceito ordenador e dominador da realidade pela razão, ciência e técnica. Os resultados indicam que, embora a competência técnica seja valorizada, a dimensão pessoal aparece numa freqüência duas vezes maior que a primeira. Esse resultado parece sugerir que, embora valorizada pelo aluno, a competência técnica deixa de ser o diferencial do bom professor.

Palavras chave: Adolescentes; professor; Representações sociais

CONCEPÇÕES DO ADOLESCENTE SOBRE A APRENDIZAGEM. *Wilma Nascimento dos Santos Ganso Carvalho (UNIFIEO - Centro Universitário FIEO, Osasco, São Paulo) M, ESC.,*

Este artigo objetiva identificar e refletir sobre a concepção de aprendizagem, por adolescentes, estudantes do Ensino Médio. Tendo em vista estudos e literatura atual em que a capacidade de aprender se mostra imprescindível, esta pesquisa teve por problematização: \"o que o adolescente, na atualidade, pensa sobre o aprender/a aprendizagem?\". Sabendo-se que a aprendizagem faz parte de toda a vida e de todos os espaços vitais que habita o ser humano. Essa situação remete à necessidade de aprender a aprender. O processo de busca do conhecimento parece executar um movimento próprio em que o saber e a vida se integram de modo mais ou menos harmonioso. Não existe um saber separado das condições mesmas de sua produção. Assim, na educação, é preciso entender o papel fundamental de todos os elementos compreendidos no processo. O saber passa a ser compreendido não como um dado estanque que pode ser \"apreendido\", mas como algo que se constrói em comunidade. Para se alcançar o objetivo proposto realizou-se três estudos de caso descritivos de caráter transversal: participaram da pesquisa 82 adolescentes de ambos os sexos, estudantes do

Ensino Médio, com idades entre 15 e 19 anos, divididos em três grupos: O primeiro grupo (GEP1) formado por 10 alunos de escola particular (EP1); o segundo grupo (GEP2) formado por 54 alunos de escola particular (EP2) e o terceiro grupo (GEPu) formado por 18 alunos de escola pública estadual (EPu). Todos os participantes foram selecionados por meio de amostra aleatória de conveniência. O critério de inclusão foi ser adolescente, estudante do Ensino Médio, aceitar participar da pesquisa e apresentar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido devidamente assinado. Para a coleta de dados foi aplicado questionário semi-estruturado combinando-se questões fechadas e abertas. Foram realizadas duas formas de análise: os dados qualitativos foram analisados pela técnica da Análise de Conteúdo; aos dados quantitativos foram conduzidas análises descritivas e inferenciais. Foram levantadas, a posteriore, três categorias teóricas que emergiram dos discursos dos participantes indicando distintas representações sociais e concepções sobre aprendizagem: concepção tradicional, renovada e contemporânea. Os resultados indicam que há predominância da concepção contemporânea nos grupos estudados. Essa situação sugere que os adolescentes representam a aprendizagem de forma vinculada ao sistema periférico, dispositivo que prepara as transformações, amortecendo o confronto entre a realidade subjetiva e elementos consensuais, constitutivos das representações sociais. Concluindo que nas representações identificadas e analisadas, subjazem certas concepções, mais ou menos conscientes e explícitas, sobre o que é o conhecimento e como se chega a conhecer, suas crenças epistemológicas. Ainda que as crenças epistemológicas pessoais não sejam realmente concepções sobre aprendizagem, a maneira como concebem a natureza do conhecimento influi no tipo de processos e estratégias que se emprega para aprender. Dessa forma esta pesquisa representa uma contribuição no conjunto de pesquisas que apresentam dados sobre a população adolescente e sua escolaridade.

Palavras-chave: Aprendizagem; Adolescente; Representações sociais.

PROJETO E MEDIAÇÃO DE NOVAS TECNOLOGIAS EM ENSINO E APRENDIZAGEM PARA ADOLESCENTES.. *Jane Nogueira dos Santos (Faculdade Polis das Artes, Embu das Artes, SP), M.; ESC.,*

Este artigo teve como objetivo refletir criticamente sobre as respostas de aprendizagem de adolescente na aplicação da informática educacional. Foi realizada a implantação de cinco projetos envolvendo as disciplina como Língua Portuguesa, História, Artes, Religião e Geografia, em uma escola particular localizada na Zona Sul de São Paulo, de filosofia Adventista. Os objetivos específicos da pesquisa foram: ressaltas a situação de aprendizado numa perspective psicopedagógica, apresentando os fundamentos da Psicopedagogia, seu objeto de estudo, relacionando-a com a informática e aprendizagem; analisar a influência da tecnologia na educação apresentando o computador como uma ferramenta de aprendizagem para o adolescente em aprendizagem; refletir sobre as novas formas de ensinar e aprender com a interação professor e aluno, utilizando-se de projetos de informática educacional. Participaram da pesquisa 60 alunos com idades entre 10 e 15 anos e 05 professores. A escolha do grupo de adolescentes se deve a experiência particular da pesquisadora em seu trabalho de informática educacional, que desenvolveu junto à educação infantil, fundamental e médio nesta instituição de ensino, na qual verificou a necessidade de um estudo mais aprofundado sobre a prática da Informática educacional e seus efeitos no processo de aprendizagem das crianças e adolescentes. Para a coleta de dados foi utilizado entrevistas semi-estruturadas, que possibilitou aos participantes falarem sobre seu envolvimento com as atividades desenvolvidas no laboratório de informática da instituição. Verificou-se por meio das análises de conteúdo a fala e a visão dos educadores e adolescentes, no caso alunos, com relação à contemporaneidade tecnológica, e que os computadores não são mais somente mais uma

tecnologia. Para fundamentar teoricamente esta pesquisa, utilizamos à situação da aprendizagem numa visão psicopedagógica, a informática educacional como ferramenta da aprendizagem para o adolescente e uma didática para o professor. Diante dos dados coletados pelos alunos e professores e das análises realizadas, podemos perceber que foi notório nas falas de todos a respeito da aprendizagem bem sucedida por meio da tecnologia da comunicação e da informação. Ficou evidente, durante os estudos, que toda e qualquer atividade, seja ela na informática ou não, precisa ter uma aprendizagem vincular. Nesta visão, concluímos que o envolvimento dos participantes dos projetos tende a enriquecer toda ação, o que leva-nos a acreditar que a coletividade é o caminho para alcançar o sucesso escolar. Foi notório perceber, através das entrevistas e dos indicadores que o professor precisa incluir em sua proposta pedagógica e em seu trabalho individual, estar aberto ao diálogo, abrir mão de espaços (sala de aula), tempo (hora-aula). É necessário que o professor não perceba seu aluno como alguém deficitário em determinado conteúdo. Cabe ao professor capturar o que o adolescente em fase de aprendizagem tem para oferecer e ajudá-lo a construir um conhecimento maior, valorizando suas capacidades e suas habilidades. A partir dos resultados, as propostas didáticas que utilizam as tecnologias de informação e comunicação como instrumentos de aprendizagem devem ser complementares e integradas com perspectiva de ensino que visem às questões sociais, afetivas e cognitivas do adolescente.
Palavras Chave: Adolescentes, Ensino Aprendizagem, Informática Educacional.

ADOLESCENTE E DIFICULDADES DE APREDIZAGEM: RESGATE EM ARTETERAPIA:. *Magali Marques Macêdo Martins (Faculdade Polis, Embu das Artes, SP) M, ESC.,*

Este artigo teve como objetivo realizar uma análise compreensiva do processo de intervenção arteterapêutica em adolescente com problemas de aprendizagem. Como trazer uma estrutura para este adolescente com problemas emocionais e comportamentais que interfere em sua aprendizagem? Como ajudá-lo a enfrentar seus conflitos internos? A adolescência é compreendida, por alguns, como uma fase especial do desenvolvimento humano caracterizada por conflitos e turbulências decorrentes das alterações físicas que remete à biologia e a estados do corpo. Porém, indivíduos que além de estar neste processo de mutação, também passa por problemas emocionais e/ ou familiares, a atenção precisa ser diferenciada, porque a instabilidade emocional pode acarretar problemas de saúde. Sendo um estudo de caso, este artigo tem a participação de um adolescente de 14 anos, que na ocasião da pesquisa, cursava a 6ª série do Ensino Fundamental, e que já havia feito tratamento na Clinica Escola, em psicopedagogia; veio a participar do grupo em atendimento arteterapêutico, para a pesquisa, e em paralelo, fazia tratamento psiquiátrico para depressão. O participante foi encaminhado com diagnóstico médico de transtornos de comportamento e emocional. O método utilizado nesta pesquisa de intervenção foi clínico-qualitativo. Foram utilizados na coleta de dados dois tipos de instrumentos: entrevista com o responsável visando a levantamento de sua história pessoal; e na sequência aconteceram 23 sessões de arteterapia, durante dois semestres letivos, no Atelier Terapêutico da Clínica-escola. É importante esclarecer que a proposta de intervenção adotada foi a arteterapia, terapia que consiste no fazer terapêutico que por meio da Arte, o indivíduo percebe seus conflitos internos, analisa-os e visualiza-os, tendo uma compreensão da totalidade desse conflito interno, se direcionando para o seu equilíbrio integrador. Todas as sessões analisadas neste estudo foram gravadas com a autorização prévia do participante, sendo transcritas em momento posterior. Todas as produções artísticas foram arquivadas e digitalizadas, formando um arquivo de imagens digitais, para serem posteriormente analisadas. O responsável pelo participante assinou um termo de consentimento livre e esclarecido. A coleta de dados nas sessões arteterapêuticas constou de

técnicas lúdicas, de atividades artísticas e da condução das dinâmicas espontâneas, com o propósito do participante entrar em contato consigo mesmo, externalizando seus sentimentos e emoções. As técnicas empregadas procuraram oferecer atividades livres /espontâneas e também dirigidas. Como resultado e discussão desta pesquisa houve algumas categorias temáticas recorrentes, que emergiram das produções do participante: O sentimento de rejeição provocado pelo abandono da mãe, sua necessidade de proteção e a dificuldade em expressar a mágoa decorrente dessa separação; observa-se na simbologia das cores em seus trabalhos, oposição das cores primárias, parece representar o conflito provocado pelos sentimentos de amor e ódio, que o participante pareceu vivenciar na relação com sua família. Nesse sentido, pode-se estabelecer como categorias recorrentes a insegurança e o conflito. Além destes resultados o participante, antes de finalizar o tratamento arteterapêutico, o psiquiatra lhe deu alta de seu medicamento. Concluindo assim, que a arteterapia, como uma ferramenta de escuta, pode vir a resgatar esse ser fragmentado, ajudando-o num todo, aumentando sua auto-estima, dando-lhe oportunidade para seu autoconhecimento.
Palavras-chave: Adolescente, dificuldades de aprendizagem, Arteterapia

Sessão Coordenada: **Terapia assistida com cães para crianças com autismo**

O Transtorno Invasivo do Desenvolvimento, como é classificado o Autismo pelo CID-10, causa prejuízos severos na esfera social e psicológica, exigindo atendimento especializado. Entre as principais características do autismo estão déficit na interação social, evitação de olhar, dificuldade de adaptar-se a um ambiente novo e também reação inadequada a estresse. Apesar do crescente volume de estudos dedicados ao autismo, a sua etiologia ainda permanece incerta e não existe ainda nenhum tratamento realmente eficiente para esse distúrbio.

A Terapia Assistida com Animais (TAA) consiste em intervenções terapêuticas ou programas de apoio, em que haja a inserção de animais, com vistas à promoção do desenvolvimento físico e/ou psicológico de crianças, jovens ou adultos. A TAA tem um histórico de séculos de prática e alguns estudos lhe atribuem um grande potencial. Um deles mostra que o simples fato de acariciar um cão, de interagir positivamente com ele, é suficiente para, tanto no animal como no ser humano, diminuir a pressão arterial e elevar as concentrações sanguíneas de β-endorfina, de ocitocina, de prolactina e de dopamina (todas substâncias relacionadas com o comportamento afiliativo e a formação de laços sociais) assim como reduzir a concentração sanguínea de cortisol do ser humano. A primeira comunicação relativa aos benefícios da interação prazerosa com cães sobre a capacidade de comunicação social de crianças autistas foi feita em 1961, numa reunião da American Psychological Association pelo psiquiatra Boris Levinson da Yeshiva University Medical School. Quando a criança brinca com o cão , escrevia o autor alguns anos depois ela estabelece seu próprio mundo cujos limites ela mesma determina. O terapeuta, então, participa desta aventura penetrando num cantinho do mundo da criança, onde a criança se sente segura. Nele criança e terapeuta estão em pé de igualdade e as portas da comunicação podem se abrir entre eles . Passados 50 anos, muitos relatos vieram confirmar esta abertura mediada pelo animal. A maioria da informação disponível, porém, é qualitativa ou anedótica e ainda falta uma clara demonstração por estudos científicos criteriosos dos benefícios da TAA para pacientes autistas. A necessidade de fundamentação científica rigorosa do uso da TAA é grande e urgente, desafiando os profissionais e pesquisadores.

Por todos esses motivos, uma equipe multidisciplinar de psicólogos, terapeutas ocupacionais, biólogos e veterinários está desenvolvendo um projeto que tem como finalidade investigar quão benéfica é a participação de um cão em sessões de terapia de uma criança autista. Parceria inédita entre o Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, a Marinha do Brasil e o Centro Educacional de Integração Paulista, e o Instituto Nacional de Ações e Terapias Assistidas por Animais, o projeto envolve 27 crianças com autismo severo, suas terapeutas, cães especialmente condicionados e seus condutores e uma veterinária. Nossas hipóteses são que: 1) a participação de um cão numa sessão terapêutica aumenta a motivação da criança a se engajar nas atividades propostas e a tomar iniciativas de atividades, 2) facilita as ações comunicativas e diminui a aversão ao contato visual do autista e 3) torna a sessão menos estressante para os envolvidos. Para testar estas hipóteses, cada criança participa de 20 sessões de terapia, alternando-se blocos de sessões com e sem o animal. Todas as sessões são filmadas e os comportamentos das crianças registrados nas filmagens são avaliados posteriormente para verificação de padrões de variação ao longo do tratamento, e mesmo no decorrer de cada sessão. A fim de complementar os indicadores comportamentais com indicadores fisiológicos, o estresse resultante de cada sessão será avaliado por determinação da concentração de cortisol salivar de cada participante (criança, terapeuta e cão) antes e depois da sessão. Serão também analisadas potenciais correlações destas concentrações com comportamentos indicadores de estresse.

INDIVÍDUOS COM AUTISMO EVITAM MENOS O OLHAR DE UM CÃO DO QUE DE OUTRO SER HUMANO. *Marie Odile Monier Chelini (Departamento de Psicologia Experimental, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, SP); Juliana Rhein Lacerda** (Departamento de Psicologia Experimental, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, SP); Victor Mangabeira** (Departamento de Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, SP); Emma Otta (Departamento de Psicologia Experimental, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, SP) ,*

A primeira comunicação relativa aos benefícios da interação prazerosa com cães sobre a capacidade de comunicação social de crianças autistas foi feita em 1961. Passados 50 anos, a literatura dedicada ao assunto tende a confirmar esses efeitos, mas ainda falta uma clara demonstração por estudos científicos criteriosos dos benefícios da TAA para indivíduos autistas. Quais características dos cães fazem deles instrumentos terapêuticos eficientes no autismo, é uma das perguntas às quais nenhum estudo respondeu até então. No contexto de um projeto interdisciplinar envolvendo psicólogos, terapeutas ocupacionais, biólogos e veterinários com a finalidade de investigar quão benéfica é a participação de um cão em sessões de terapia de uma criança autista, quantificamos a tolerância de 18 crianças com autismo severo ao olhar de outro ser humano e de um cão. Nossa hipótese era de que a aversão ao contato visual com um cão era menor do que a aversão ao contato visual com outro ser humano. Para testar esta hipótese, foi medido o tempo durante o qual cada criança desviou o olhar de fotografias apresentadas individualmente durante 5 seg: a) um rosto feminino cujo olhar não estava dirigido para o observador, b) um rosto feminino com olhar dirigido para o observador, c) um rosto masculino cujo olhar não estava dirigido para o observador, d) um rosto masculino com olhar dirigido para o observador e) uma paisagem, f) um cão cujo olhar não estava dirigido para o observador, g) um cão com olhar dirigido para o observador. Duas crianças não conseguiram realizar o teste todo. A comparação estatística das durações médias de desvio de olhar de cada estímulo entre as 16 crianças que completaram o teste mostrou que o tempo durante o qual desviaram o olhar das fotografias da mulher e do homem olhando diretamente para o observador (1,79 ± 1,49s e 2,67 ± 1,35s respectivamente) foi significativamente maior (Teste t, com nível de significância fixado em 0,05) do que o tempo médio durante o qual desviaram o olhar tanto da paisagem (0,79 ± 1,01s) como das duas fotografias de um cão, olhando (1,31 ± 1,23s) ou não (1,31 ± 1,40s) para o observador. Os resultados deste teste simples sugerem, portanto, fortemente uma melhor tolerância por parte de crianças com autismo ao contato visual com um cão do que com outro ser humano. Este dado vá de encontro à proposta segunda a qual os animais atuariam como objetos transicionais para crianças com dificuldades na interação social, facilitando o estabelecimento de vínculos que podem depois ser transferidos para pessoas.

Apoio Financeiro: CAPES, CNPq

Autismo, terapia assistida com animais, contato visual

PD

AEC

AVALIAÇÃO DE ESTRESSE EM CÃES DURANTE SESSÕES DE TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS DE CRIANÇAS COM AUTISMO SEVERO. *Carolina Faria Pires Gama Rocha**; Juliana Rhein Lacerda**; Monica Baptista Ciari**; Patricia de Oliveira Muñoz**; Marie Odile Monier Chelini; Emma Otta (Departamento de Psicologia Experimental - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo - São Paulo SP),*

Um dos principais desafios levantados pela incorporação de animais, cães por exemplo, em intervenções terapêuticas com humanos é de natureza ética e resulta da falta de

conhecimento sobre o bem estar do animal durante a sessão. São ainda escassos os estudos dedicados ao cão nesta situação e por isso não sabemos se ocorre ou não um aumento dos níveis de estresse do animal. Através da análise de comportamentos de resposta ao estresse, específicos à espécie canina, é possível avaliar se as atividades e o ambiente aos quais o animal é submetido levam à diminuição do seu bem estar geral. Caso isso ocorra, esperamos que ocorra uma adaptação do animal no decorrer das sessões, levando à uma redução nos níveis de estresse. Nosso trabalho é parte de um estudo sobre os benefícios da introdução de um cão em terapia de crianças com autismo. Crianças autistas com baixo funcionamento receberam 20 sessões individuais de terapia ocupacional em blocos alternados de sessões com e sem o cão. Todas as sessões foram filmadas. O objetivo deste estudo foi verificar se ocorre uma diminuição dos comportamentos de estresse nos cães da primeira para a terceira sessão. Analisamos registros filmados da primeira e terceira sessão de seis duplas (6 cães e 6 crianças) entre o quinto e o décimo minuto após o início da sessão e registramos com qual frequência ocorrem os seguintes comportamentos considerados como indicadores de estresse: sacudir o corpo, agachar, abrir a boca, comportamentos orais, levantar a pata, bocejar. Também foi registrada a duração de: farejar, ofegar, tremer, deitar, sentar, andar, em pé, postura baixa, e postura muito baixa. Além disso, analisamos a alternância dos quatro estados locomotivos supra citados. Verificamos que, para todos os cães houve uma redução na frequência média dos comportamentos orais, abrir a boca, levantar a pata, na duração de ofegar, postura baixa, do estado locomotivo de andar, e na alternância entre os estados locomotivos de andar e ficar em pé. Observou-se também o aumento na frequência do comportamento agachar, na duração do comportamento farejar e dos estados locomotivos de deitar, sentar e se manter em pé, comportamentos esses associados à participação do cão nas atividades da sessão. Cada cão apresentou predominância de um ou dois comportamentos, caracterizando diferentes perfis de respostas ao estresse, sempre com comportamentos descritos na literatura como indicadores de estresse. Nossos resultados sugerem uma redução do estresse do animal entre a primeira e terceira sessão associada a um aumento de sua participação nas atividades propostas.
Apoio financeiro: CAPES, CNPq
Cães, estresse, autismo.
M
AEC

TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS PARA CRIANÇA COM AUTISMO: ESTUDO DE CASO. *Juliana Rhein Lacerda**; Carolina Faria Pires Gama Rocha**; Marie Odile Monier Chelini; Emma Otta (Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP).,*

Desde a primeira descrição clínica do transtorno do espectro autista feita em 1943, muito tem-se pesquisado e estudado sobre o assunto. Apesar dos avanços tecnológicos da ciência, a causa e possíveis implicações do transtorno ainda não foram totalmente esclarecidos, dificultando o planejamento de uma intervenção eficaz. Apesar de ser uma técnica muito utilizada, pouco se sabe sobre a utilização de animais como metodologia de atendimento para indivíduos com autismo. A pouco literatura encontrada relatando esse tipo de atendimento aponta para a necessidade de mais pesquisas que mostrem os benefícios da utilização de animais bem como uma metodologia clara nos atendimentos clínicos. O presente trabalho tem por objetivo verificar o efeito da participação de um cão em sessões terapêuticas sobre o comportamento social de uma criança com transtorno do espectro autista. Para tanto, foram realizadas 20 sessões de terapia divididas em blocos de 5 sessões, com delineamento de

reversão ABAB (A= sem cão e B= com cão), todas as sessões foram filmadas. Foram selecionados comportamentos de interação social e comportamentos de estereotipias e cada comportamento foi analisado quanto a frequência e duração utilizando um software de análise comportamental específico para esse fim. De acordo com os resultados encontrados, durante as sessões nas quais o cão estava presente, houve aumento significativo nos comportamentos de interação social e diminuição dos comportamentos de isolamento, em especial na primeira sessão com a presença do cão e na primeira sessão subsequente sem a presença do cão. Esses resultados mostram que o cão nas sessões de terapia pode fazer o papel de objeto transicional e a relação que a criança estabelece com ele é transferida para os humanos. Esses achados, condizentes com a literatura encontrada, apontam a terapia assistida por animais como escolha plausível no atendimento de crianças com transtorno do espectro autista.

Apoio Financeiro: CAPES, CNPq

Terapia Assistida por Animais, Autismo, Interação social.

M

AEC

A EXPRESSÃO DE EMOÇÕES EM CRIANÇAS AUTISTAS. *Renata Paula Silva Roma (Centro de Atenção Psicossocial Infantil, Osasco SP); Marie Odile M. Chelini; Carolina Faria Pires Gama Rocha**; Emma Otta (Departamento de Psicologia Experimental, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, SP),*

Diversos estudos sobre a habilidade de crianças autistas de expressar e compreender emoções apontam que elas têm dificuldade em manter a atenção e atribuir significado às expressões emocionais, habilidade fundamental nas interações sociais por permitir conhecer o estado emocional dos membros do grupo para elaborar respostas adequadas a cada situação. No esforço de estudar abordagens terapêuticas que facilitem o desenvolvimento das habilidades sociais das crianças diagnosticadas com autismo, a terapia assistida por animais utilizando cães tem ampliado seu espaço de pesquisa, porém ainda são pouco investigadas quais características do cão favorecem o desenvolvimento dessas habilidades. Este estudo de caso de uma criança de oito anos do sexo masculino é parte de pesquisa sobre os benefícios de um cão na terapia de crianças autistas. O objetivo deste piloto foi investigar quais caracteristicas na interação criança/ cão são diferentes quando comparadas com a interação da criança com terapeuta e condutor do cão. Foram selecionados comportamentos comuns entre terapeuta, condutor e cão ao interagirem com a criança, observando se a abordagem era realizada com posicionamento frontal ou lateral e se esta diferença poderia interferir nas respostas acompanhadas de expressões de alegria ou rejeição emitidas pela criança. As expressões selecionadas foram baseadas nas seis emoções básicas. Considerou-se expressão de alegria comportamentos apontados como sinais de alegria/ afirmação; e expressões de rejeição aquelas apontadas como sinais de raiva/medo. A hipótese testada é que cão, terapeuta e condutor utilizam estratégias diferentes para interagir, sendo que o cão prefere a abordagem lateral ao interagir, facilitando a receptivade emocional. A criança foi atendida em 20 sessões divididas em quatro blocos intercalados com e sem o cão. As sessões foram gravadas em video, cinco minutos da primeira e da penúltima sessão de cada bloco foram analisadas quantitativamente utilizando-se o software Solomon. Calculou-se a razão entre quantidade de cada expressão por abordagem. Verificou-se que o cão utilizou a abordagem lateral em 75% das sessões, sendo nesta abordagem o maior número de respostas acompanhadas de expressões de alegria/aceitação, a razão dessas expressões variou entre 0,3/1,3. A razão de expressões de rejeição foi maior com terapeuta/condutora (0,8) do que com o cão (0,3), nos dois casos em abordagens frontais. A razão das expressões alegria/aceitação em abordagens

frontais da terapeuta/condutora aumentou de 1,4 da segunda sessão sem cão para 4,0 na penúltima sessão com cão e variou entre 0,5/4,0. Os resultados confirmaram a preferência do cão pela abordagem lateral o que, nesta interação, favoreceu a expressão de alegria/aceitação. Terapeuta e condutora preferiram a interação frontal, abordagem que favoreceu o aumento de expressões de rejeição, porém não demonstrou interferir negativamente na frequência de expressões de alegria/aceitação. A criança respondeu mais com expressões de alegria/aceitação às abordagens frontais da terapeuta/ condutora na presença do cão.

Apoio financeiro: CAPES, CNPq

Autismo, Cães, Terapia assistida por animais.

P

AEC

INTERAÇÃO ENTRE CÃES E CRIANÇAS AUTISTAS O QUE FAZ O CÃO SER ESPECIAL?. *Patricia de Oliveira Lima Muñoz**; Marie Odile Monier Chelini; Emma Otta*

(Departamento de Psicologia Experimental, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP)

,

Existem diversos relatos de casos de sucesso em terapia para crianças com autismo onde foram inseridos um cão como coterapeuta. Além destes relatos algumas poucas pesquisas apoiam a eficiência da Terapia Assistida por Animais para melhorar habilidades sociais de pessoas com autismo. No entanto, qual a especificidade comportamental do cão é responsável por este resultado é uma questão que permanece sem resposta. Nosso trabalho é parte de um estudo sobre os potenciais benefícios da introdução de um cachorro na terapia de crianças autistas. Crianças autistas de baixo funcionamento receberam 20 sessões individuais de terapia ocupacional em blocos alternados de sessões com e sem cão. Todas as sessões foram vídeo-gravadas. O objetivo deste estudo piloto foi avaliar quem - criança ou cão - é responsável pela criação de um relacionamento e como este relacionamento se mantem ao longo das sessões. Fazendo uso de um software específico, foram analisados os vídeos dos primeiros e dos últimos encontros de seis díades (3 cães e 6 crianças, sendo duas meninas e quatro meninos) e registrado quantas vezes cada um deles se aproximou do outro e quanto tempo eles ficaram a uma curta distância, bem como quantas vezes um deles dirigiu seu olhar para o outro e quantas vezes se tocaram. Os cães foram responsáveis pela maioria das interações (51,02% a 97,23% da duração total da sessão) e ficaram um longo período de tempo perto das crianças (38,78% a 91,67% da duração total da sessão) nas primeiras sessões. Em contraste, como esperado, as crianças iniciaram muito poucas interações espontâneas na primeira sessão (menos de 4,08% da duração total da sessão). No entanto, três participantes tocaram os cães enquanto estes estavam perto (até 8 vezes durante a sessão). Nas últimas sessões os cães continuaram demonstrando disponibilidade (93% da duração da sessão) enquanto que as crianças tocaram mais vezes o cão (aumento de 39%) durante a sessão. Observou-se também uma redução do número de contatos negativos ao cão pela criança, e um aumento dos contatos positivos como acariciar, agradar e sentir o pelo do cachorro. Ainda na última sessão, três crianças se engajaram em interações com o cão com brincadeiras como arremessar bolinhas, entre outros, comportamento inexistente nas primeiras sessões. Nossos resultados mostram que os três cães tentaram estabelecer contato com as crianças autistas, mesmo quando estes não responderam e nem os incentivaramm. Nossos resultados apontam para uma possível explicação para o relativo sucesso da inserção de um cão em Terapia Assistida por Animais para indivíduos com transtorno autista.

Apoio financeiro: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Palavras-chave: Cão, Terapia Assistida por Animais, Autismo
M
AEC

Sessão Coordenada: **TESTE DAS FÁBULAS: PERSPECTIVAS ATUAIS E NOVAS PESQUISAS**

De acordo com a resolução 002/2003 do Conselho Federal de Psicologia (CFP) todos os instrumentos psicológicos devem passar por constantes aprimoramentos para garantir sua qualidade e a conseqüente confiabilidade dos resultados neles obtidos. Diante de tal cenário o número de testes disponíveis aos profissionais de psicologia sofreu um decréscimo considerável. Na área de avaliação projetiva infantil esta realidade se apresenta ainda mais preocupante, visto que não há nenhum instrumento validado para tal faixa etária. O Teste das Fábulas é um instrumento projetivo que visa avaliar os conflitos postulados pela teoria psicanalítica. Tal instrumento visa especificamente explorar crises situacionais e de desenvolvimento, conflito de tipo neurótico e transtornos de tipo neurótico e psicótico. Além disso, este instrumento tem sido um valioso colaborador na compreensão psicodinâmica de crianças, recurso bastante válido em estudos sobre o desenvolvimento infantil, para avaliação de resultados de psicoterapia, assim como tem se apresentado como ferramenta para diversas questões de pesquisa e testagem de hipóteses a partir da psicanálise. O objetivo desta sessão coordenada é apresentar estudos atuais desenvolvidos com Teste das Fábulas ou utilizando-se dele como ferramenta de pesquisa, discutindo sua importância e as questões éticas do uso de instrumentos psicológicos projetivos em avaliação psicológica.
Avaliação Psicológica

UMA REVISÃO DA LITERATURA ACERCA DO USO DO TESTE DAS FÁBULAS EM PESQUISAS BRASILEIRAS. *Rodrigo Luis Bispo Souza*, Laura Zaslavsky** e Maria Lucia Tiellet Nunes (Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS),*
O Teste das Fábulas surgiu como ferramenta que pudesse investigar os conflitos postulados pela teoria psicanalítica e teve resultados que demonstraram rapidez e evidência de manifestação dos mesmos através deste instrumento. Na década de 90, o teste foi adaptado para o Brasil e tem sido utilizado em avaliação psicológica e em pesquisas. Tal instrumento tem sido recurso bastante válido em estudos sobre o desenvolvimento infantil, para avaliação psicológica, para avaliação de resultados de psicoterapia, assim como tem se apresentado como ferramenta para diversas questões de pesquisa e testagem de hipóteses a partir da psicanálise. O objetivo deste estudo é fazer uma revisão dos estudos brasileiros feitos com o Teste das Fábulas e publicados em periódicos nacionais, visando conhecer a realidade do instrumento no contexto de pesquisa no país. As palavras-chave usadas para a pesquisa foram: Teste das Fábulas, Técnicas Projetivas e Método das Fábulas. Os critérios utilizados para avaliação inicial dos trabalhos foram: o artigo deveria ter sido publicado em periódico científico; o Teste das Fábulas deveria ser um dos instrumentos utilizados na pesquisa; deveria ser um estudo que usasse a versão de Cunha e Nunes para a amostra brasileira, e o estudo deveria ser brasileiro ou com amostra brasileira. Foram encontrados ao final da busca, realizada nas bases Scielo, IndexPsi, Lilacs e Pepsic, 11 artigos que atendiam aos critérios de inclusão no estudo. A época de publicação do material compreendida pelos artigos encontrados variou de 1989 a 2011, e o total das amostras somado os participantes de todos os estudos foi de 447 sujeitos. A idade dos pesquisados foi de três anos e três meses a 12 anos. Os estudos também foram avaliados quanto ao uso do teste de forma direta e/ou indireta, metodologia empregada e os principais achados. A partir disso pode-se constatar, como descrito na literatura sobre o tema, que os testes projetivos podem ser considerados como mediadores capazes de operacionalizar construtos teóricos que de outra forma seriam intangíveis, o que corrobora a hipótese deste estudo. Entretanto, os resultados obtidos neste estudo também apontam que, mesmo que haja a demonstração da validade clínica do uso do Teste das Fábulas como instrumento de pesquisa, ainda existe um paradoxo entre esta utilidade e o desenvolvimento de trabalhos sistemáticos usando o teste e publicados no meio

científico. Tal realidade pode ser resultado da ainda presente distância entre a prática clínica e a pesquisa acadêmica que dificulta a articulação entre profissional que utiliza o teste em sua prática e a produção cientifica sobre a qualidade e uso do teste em diferentes contextos. Outra possibilidade reside no aumento de exigências acerca das qualidades psicométricas sobre os instrumentos de avaliação que, ao serem transpostas às técnicas projetivas ainda apresentam maior dificuldade de serem atendidas do que em testes psicométricos, levando à menor opção pela produção com tais instrumentos.
Conselho Nacional de Pesquisa
Palavras-chave: Teste das Fábulas; Crianças; Revisão de Literatura
M; IC
TEP

O TESTE DAS FÁBULAS NA AVALIAÇÃO DO FUNCIONAMENTO PSICODINÂMICO DE CRIANÇAS ENVOLVIDAS NO FENÔMENO DA ALIENAÇÃO PARENTAL. *Vera Regina Röhnelt Ramires e Fabiana da Motta Damiani* (Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Vale dos Sinos, São Leopoldo, RS),*

O objetivo dessa comunicação é discutir o uso do Teste das Fábulas, de Cunha e Nunes publicado em 1993, na avaliação de características do funcionamento psicodinâmico de crianças envolvidas no fenômeno da alienação parental. O estudo apresentado tem por base o procedimento de Estudos de Casos Múltiplos, realizado com crianças que vivenciaram separações altamente conflitivas de seus pais e estavam afastadas de um desses genitores, numa dinâmica de interações que corresponde àquela que tem sido descrita na literatura como alienação parental. Foram avaliados dois meninos e duas meninas com idades entre de seis a 10 anos, em uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre/RS, através do Teste das Fábulas, instrumento que possibilita a compreensão do diagnóstico psicodinâmico, identificando os conflitos centrais organizadores da personalidade, além de ser um indicador da natureza das relações entre a criança e seus pais. Os resultados apontaram para conflitos das crianças com ambos os pais, sendo predominantes os conflitos de: separação-individuação, com características de dependência, passividade, controle da expressão afetiva e imaturidade. Nos protocolos, é evidente a pobreza das fantasias, fragilidade na organização egóica das crianças, ansiedade de separação, percebidas pelas respostas do tipo medo de luz apagada , a criança teve um sonho que perdeu a mãe dele , o pai e a mãe foram para bem longe , a criança sonhou com a mãe morrendo . São utilizados, para fazer frente aos conflitos, mecanismos de defesa tais como: racionalização e repressão. Tais resultados apontam para funcionamento psicodinâmico regressivo, com ansiedade de separação associada a vivências de relação fusional com as genitoras alienadoras.
Palavras-chave: Teste das Fábulas; Alienação Parental; Crianças.
IC
TEP

O TESTE DAS FÁBULAS EM CRIANÇAS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA. *Letícia Ferreira Lima e Rosangela Kátia Sanches Mazzorana Ribeiro (Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT)*

,

Este trabalho tem como objetivos avaliar os indicadores emocionais e os danos psíquicos causados em crianças vítimas de violência doméstica, que estavam em situação de acolhimento institucional provisório, em uma instituição que acolhe mães e seus/suas filhos/as. Para o estudo, foram utilizadas uma entrevista e a técnica projetiva do Teste das

Fábulas, em uma amostra de seis crianças, (quatro do sexo masculino e duas do sexo feminino), com idade entre seis a 10 anos. O Teste das Fábulas é interpretado com base em referencial teórico psicodinâmico, sendo instrumento de medida qualitativa que facilita a emergência de material inconsciente e explora aspectos da personalidade. Para este estudo foi utilizada a versão pictórica brasileira, desenvolvida por Cunha e Nunes, em 1993. Como resultados no Teste das Fábulas, em relação ao estado emocional, a categoria alegria apareceu de modo mais freqüente, seguida de medo e tristeza . Em relação às fantasias, destacaram-se com maior frequência a agressão deslocada para o ambiente , manifestada se o agente agressivo está localizado no ambiente, ou quando o próprio ambiente é hostil, seguido de privação , que ocorre quando a criança manifesta a falta de algo ou quando alguém o deixa, mas não por vontade própria. Os mecanismos de defesa mais frequentes foram de racionalização e projeção . As situações mais conflitantes vivenciadas por estas crianças foram: na Fábula 6 , ao tratar das reações frente às experiências fálicas; na Fábula 8 , em relação ao conflito edípico (pai agressor); na Fábula 9 , em relação aos medos e proibições; e na Fábula 10 , manifestada pela heteroagressão e autoagressão. Durante as entrevistas, as crianças relataram que estavam tristes, pois sabiam que ficariam na instituição por tempo determinado, mas que não queriam sair de lá, já que tinham o que comer todos os dias e que lá sentiam-se protegidas. Houve demanda espontânea dessas crianças em falar sobre a situação de violência doméstica vivenciada, mais especificamente sobre o medo e raiva que sentiam do pai por terem agredido a mãe (não necessariamente elas) e ainda por esses pais não darem carinho a elas. Em relação ao estado emocional de alegria , mais evidenciado na análise, parece relacionado à condição atual de acolhimento provisório na instituição. Pode-se concluir que a situação dessas crianças de terem sido vítimas de violência doméstica vem lhes causando sofrimento e dano psíquico, que possivelmente interferem no seu desenvolvimento emocional.

Palavras-Chave: Teste das Fábulas; Crianças; Violência Doméstica.
IC
TEP

EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DO TESTE DAS FÁBULAS EM ESCOLARES: DADOS PRELIMINARES.

*Marcelle Louise Coelho de Freitas** e Sonia Regina Pasian (Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP),*

Dentre os diversos recursos para avaliação psicológica, os métodos projetivos destacam-se pela riqueza de suas informações a respeito dos componentes e do funcionamento psíquico, nomeadamente na área da investigação de características de personalidade. Para examinar crianças, o Teste de Fábulas tem se mostrado relevante e útil, embora com necessidade de revisão de suas evidências psicométricas no contexto brasileiro. O presente trabalho objetiva buscar evidências de validade do Teste das Fábulas, em seu uso em crianças escolares de seis a 12 anos de idade, comparando as produções obtidas deste método projetivo em três grupos, a saber: a) crianças usuárias de um serviço de psiquiatria (G1); b) crianças com problemas de desempenho escolar e/ou emocional (G2); c) crianças não pacientes, isto é, com sinais de desenvolvimento psíquico e escolar típicos (G3). Pretende-se, deste modo, identificar variáveis do Teste das Fábulas que favoreçam o diagnóstico clínico diferencial em crianças escolares de seis a 12 anos, examinando-se ainda eventuais efeitos do sexo e da idade sobre os resultados nos três grupos de crianças. Os participantes serão selecionados de serviços clínicos e de escolas públicas do interior do Estado de São Paulo, procurando-se pareá-los em termos do sexo e da idade, excluindo-se aqueles com limite intelectual. Para tanto, serão utilizados os seguintes instrumentos: formulário de identificação dos participantes; Questionário de

Capacidades e Dificuldades (SDQ); Teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven e o Teste das Fábulas, devidamente aplicados e codificados conforme seus respectivos manuais técnicos. Neste momento, são apresentados resultados iniciais deste estudo, por meio da contraposição de dois casos, de modo a ilustrar a sensibilidade e possibilidades informativas do Teste das Fábulas em psicodiagnóstico infantil. O primeiro participante trata-se de uma criança identificada como caso clínico psiquiátrico (G1) e, o segundo participante, caso não clínico (sem dificuldades pelo SDQ - G3), ambos de mesmo contexto sociocultural, pareados em termos etários. Suas características principais são: a) criança de G1: nove anos, 5ª série, sexo feminino, quadro de transtorno alimentar, em geral apresentou recursos cognitivos, entretanto com produção marcada por defesas de somatização e hipocondria; b) criança de G3: nove anos, 5ª série, sexo masculino, inteligência acima da média no Raven, em geral fez uso de defesas maduras e, em momentos de maior mobilização afetiva, sinalizou uso de projeção, mas conseguiu reconhecer conflitos do herói, evidenciou boa adaptação. Embora parciais e preliminares, os atuais resultados buscam, por meio de ilustrações de casos individuais, apontar a sensibilidade do Teste das Fábulas para questões do funcionamento psíquico, estimulando seu uso e investigação para o avanço do conhecimento científico sobre este método projetivo, bem como embasar sua utilização na prática profissional de psicólogos no contexto brasileiro.

Palavras-Chave: Métodos projetivos; Teste das Fábulas; Avaliação Psicológica.

M

TEP

QUESTÕES ÉTICAS NO USO DE TESTES PSICOLÓGICOS EM PESQUISAS COM CRIANÇAS. *Rita Petrarca Teixeira - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Maria Lucia Tiellet Nunes - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul*

,

O objetivo de qualquer investigação científica na área da saúde é descobrir novos métodos na prevenção, recuperação e reabilitação. Considerando que a criança está em desenvolvimento e, portanto vulnerável em seus aspectos biopsicossociais e a especificidade dos testes projetivos, a pesquisa com crianças envolve questões éticas próprias que devem ser cuidadosamente avaliadas. Historicamente, a investigação científica teve sua primeira normatização em 1947 por meio do Código de Nuremberg. Desde então as questões éticas continuam merecendo atenção de órgãos e instituições da área da saúde. No Brasil, o primeiro documento destinado a regulamentar a pesquisa com seres humanos em todas as áreas da saúde data de 1996 por meio da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. No que se refere à participação da criança em pesquisa, as resoluções existentes enfatizam o cuidado que os pesquisadores devem tomar na análise dos riscos e benefícios da pesquisa em virtude da condição especial de vulnerabilidade da criança. Ainda se faz importante destacar a obtenção do consentimento, pois são os pais ou responsáveis legais pela criança que devem anuir com sua participação, mas sendo de fundamental importância o assentimento da própria criança. Alguns autores argumentam que crianças só devem ser envolvidas em pesquisa quando o proposto é obter conhecimento relevante sobre elas e, nesse sentido, o uso de testes projetivos fornece um rico material sobre as percepções, pensamentos, sentimentos que a criança tem sobre diversos aspectos do seu mundo, permite obter uma amostra do comportamento e de aspectos globais da personalidade infantil que não seriam possíveis sem a participação direta da criança na pesquisa. A realização de pesquisas com testes projetivos e crianças se faz cada vez mais necessária a fim de verificar empiricamente construtos, de desenvolver novos instrumentos de avaliação ou qualificar os existentes, possibilitando maior conhecimento do mundo infantil e de suas manifestações. Outros aspectos que merecem

atenção na pesquisa com criança diz respeito ao sigilo das informações, a garantia do anonimato e a proteção da identidade da criança, respeitando o direito da mesma e dos seus pais ou representantes legais ao acesso aos resultados. Cabe ao pesquisador responsabilidade e competência ética e técnica para utilizar os testes projetivos na pesquisa com crianças.
Palavras-chave: Testes Projetivos, Ética, Pesquisa com crianças.
TEP

Sessão Coordenada: **Triagem e Diagnóstico Psicológico: os procedimentos técnicos na compreensão da psicodinâmica da criança**

O tema tratado nesta sessão coordenada intitulada Triagem e Diagnóstico Psicológico: os procedimentos técnicos na compreensão da psicodinâmica da criança , inserido na área da Avaliação Psicológica, conta com um grupo de pesquisadores que parte da consideração destas etapas como fases do atendimento clínico, imprescindíveis, tanto para a compreensão prévia do paciente, especialmente quando envolve crianças e adolescentes, quanto para a proposição de ações interventivas no âmbito do tratamento terapêutico, orientando, deste modo, a prática clínica.

Neste caso, a triagem e o psicodiagnóstico buscam acolher a queixa inicial, esclarecendo-a e integrando-a em um quadro global e dinâmico, que vai além da mera explicitação de seus aspectos constitutivos, mas pressupõe uma análise mais profunda atravessada pelo raciocínio eminentemente clínico.

Ressaltamos a necessidade de ampliar a dimensão dos indicadores de análise, pois, por mais complexo que seja o motivo da consulta, ou por maior que seja o comprometimento emocional do paciente, cabe ao profissional investigar os recursos positivos de sua personalidade.

Assim, justificamos a pertinência destes estudos, apresentando diferentes estratégias diagnósticas. O primeiro trabalho relata a Entrevista Familiar Diagnóstica (EFD) utilizada em uma família composta por mãe e filha com dificuldades no relacionamento, ilustrando como este procedimento acrescenta novos elementos ao contexto clínico apontando dificuldades no exercício da função materna. No segundo estudo, nos deparamos com uma situação de triagem, na qual a escuta especializada, marcada pela atitude de acolhimento às angustias do paciente infantil podem assegurar conforto psicológico e uma resolução positiva da queixa. A terceira pesquisa que compõe esta sessão demonstra a contribuição do método de Rorschach para o psicodiagnóstico da criança, analisando aspectos psicodinâmicos e psicopatológicos relacionados ao sofrimento psíquico trazido na queixa. Já no quarto trabalho apresentado contamos com o manejo das entrevistas diagnósticas realizadas com crianças e seus responsáveis, sob a prespectiva winnicottiana, no âmbito da unidade básica de saúde, demonstrando, ainda que provisoriamente, falhas na provisão ambiental.

Na totalidade dos estudos são apresentadas situações diagnósticas que partem de recursos e procedimentos diferenciados, mas em comum, identificamos a importância do psicólogo afastar-se dos rótulos e das classificações e de encontrar um sentido para a multiplicidade de fatores presentes em cada caso estudado, tendo como base suas próprias habilidades clínicas e seu contato com a vida mental.

Avaliação Psicológica

A PSICODINÂMICA DA RELAÇÃO MÃE E FILHA: PSICODIAGNÓSTICO A PARTIR DA ENTREVISTA FAMILIAR DIAGNÓSTICA.. *Profa. Dra. Hilda Rosa Capelão Avoglia, Eunice Porto Fernandes*, Silmara Ruzza Pretti Barciella*, Viviane Caruso Farnocchia Veras* (Curso de Psicologia - Universidade Metodista de São Paulo/ São Bernardo do Campo/ SP).*

,

O psicodiagnóstico se constitui em um processo que visa uma compreensão profunda e completa da personalidade do paciente. Trata-se de um procedimento que, em um curto espaço de tempo, é norteado por um olhar essencialmente clínico fazendo uso de técnicas e instrumentos diversos. No caso do diagnóstico de uma criança, sempre consideramos as relações que esta mantém com seus familaires, pois o paciente que vai à clínica é resultante, não apenas de seus próprios conflitos intrapsíquicos, mas também da intersubjetividade

desencadeada por relações familiares patológicas. Em alguns momentos, uma complexidade de sentimentos interage na família de forma predominante entre as progenitoras e suas filhas, instalando-se o conflito. Alheias a essa dinâmica, mães e filhas perdem-se no caminho da compreensão do conflito, permeadas por vários universos, de saber, amizade, afeto, compreensão, amor incondicional, apego e dedicação. Entretanto, coexistem outros sentimentos, tais como raiva, rivalidade, cobrança, conflito, inveja, disputa e dependência. Assim, neste estudo, temos como objetivo descrever e analisar o relacionamento entre mãe e filha por meio do procedimento da Entrevista Familiar Diagnóstica (EFD) durante o processo diagnóstico da filha. A participante é uma adolescente de 13 anos com queixa de dificuldades no relacionamento com a mãe, com quem reside. O diagnóstico ocorreu em um total de 6 sessões, na Policlínica da Universidade Metodista de São Paulo. Entre as diversas técnicas e estratégias utilizadas no diagnóstico, destacamos a EFD que investiga a estrutura familiar inconsciente, o significado do sintoma e visa trabalhar com o núcleo familiar quando não se tem conhecimento acerca do mesmo. Por meio desta estratégia diagnóstica foi possível perceber que a mãe, neste caso, mostrou-se regredida e narcisicamente envolvida com suas próprias necessidades sem condições de oferecer um modelo de família capaz de apoiar, compreender e dar continência às angústias de sua filha. Os papéis mãe-filha mostraram-se invertidos, revelando uma comunicação distorcida entre elas, além de assumirem a variante de acusado-acusador. Outro aspecto relevante observado foi a insuficiente elaboração do complexo de Édipo e a persistência incontrolada de fortes impulsos incestuosos, tanto na mãe quanto na filha. Este estudo evidencia a relevância de pesquisas que envolvam mais famílias, possibilitando ampliar a compreensão sobre o assunto, especialmente no que tange a função materna, podendo contribuir para que as mães assumam de modo mais comprometido sua função nestas relações. Além deste aspecto, acredita-se também na contribuição do procedimento de Entrevista Familiar Diagnóstica (EFD) para a prática clínica, pois possibilitou uma visão ampliada dessa relação e, consequentemente, da compreensão diagnóstica.
Palavras-chave: psicodiagnóstico, relação mãe e filha, Entrevista Familiar Diagnóstica (EFD).
Nível do trabalho: Iniciação Científica - IC
Código da área: AVAL Avaliação Psicológica.

TRIAGEM INTERVENTIVA E O AMOR ÀS VERDADES DO PACIENTE. *Nayara Cristina Cavalheiro*, Dra. Helena Rinaldi Rosa, Dra. Maria Luísa Louro de Castro Valente (Departamento de Psicologia Clínica Universidade Estadual Paulista - Campus Assis/SP.),*
Trata-se de uma reflexão sobre o processo de triagem da demanda que chega ao atendimento psicológico na clínica-escola de uma universidade. A triagem é um processo de contato inicial com a pessoa que busca auxílio psicológico, que permite uma contenção das questões que afligem o paciente. Pensando assim, na triagem interventiva nota-se como ela é um momento de acolhimento de angústia, um primeiro contato, essencial. Quando o paciente procura atendimento psicológico, ele está no ápice de sua ansiedade e angústia. Desse modo, esse contato inicial que a triagem proporciona é muito significativo e um dos mais importantes, pois aquele que tria irá manejar essa ansiedade que impulsionou o paciente a buscar ajuda. É nesse contato, devido à grande carga de ansiedade, que o paciente nos expõe mais claramente sua dinâmica de funcionamento. Nesse primeiro contato devemos imprescindivelmente, e com grande afinco, demonstrar amor às verdades que o paciente nos traz, ainda que estejamos lidando apenas com suas fantasias. Ter amor às verdades do paciente não significa fazer conluios conscientes ou inconscientes com ele, e nem mesmo sair da postura necessária na relação terapeuta-paciente, mas com o respeito e profissionalismo necessários adotar uma postura de comprometimento profissional com a dor do outro. É por meio desse interesse que transmitiremos a sensação de acolhimento ao paciente, de que esse foi compreendido e teve

abrigo para a angústia que tanto o mobilizava e paralisava. Na triagem o paciente sente no atendimento um porto seguro para as turbulências que o impedem de navegar. A cada novo encontro, o empenho com que o terapeuta dedica-se à escuta sincera das angústias do paciente possibilita não somente um acolhimento verdadeiro, como também a compreensão ampla da demanda e pensar sobre os possíveis encaminhamentos a serem tomados. No entanto, outra possibilidade que a triagem e a escuta sincera das verdades do paciente proporcionam é que não seja necessário nenhum encaminhamento, visto que muitos casos encerram-se no próprio processo de triagem. Como no caso abaixo que exemplifica como um contato sincero com as verdades do paciente, já no processo de triagem, é responsável por um acolhimento que possibilita a resolução de alguns tipos de conflitos, sem que seja necessário passar por uma psicoterapia. S., um menino de cinco anos, chega com uma queixa inicial de agressividade tanto em casa, com a família, como na escola. Os pais estavam separados há quatro meses. Durante o atendimento, S. mostrou-se uma criança inteligente, comunicativa e com muita imaginação, sua agressividade não foi percebida. Isso foi dito na devolutiva com a mãe, que comunicou que S. estava bem mais calmo, pois os pais estavam fazendo atividades junto dele. Dessa forma, a conclusão a que se pode chegar é que a postura do profissional diante do atendimento é muito mais essencial do que se pensa, para se obter uma resolução positiva da queixa. Sendo que nem sempre a demanda trazida corresponde à real necessidade, mas a escuta sincera do conteúdo apresentado possibilita ler as entrelinhas e direcionar o caso para um encaminhamento adequado.

‎Apoio financeiro: Bolsa Proex
Palavras-chave: triagem interventiva, acolhimento, amor às verdades.
Nível do trabalho: Iniciação Científica - IC
Código da área: AVAL Avaliação Psicológica.

CONTRIBUIÇÕES DO MÉTODO DE RORSCHACH PARA O PSICODIAGNÓSTICO INFANTIL: ESTUDO DE CASO.. *Dra. Carla Luciano Codani Hisatugo** (Pós Doutorado) e Dra. Eda Marconi Custódio.*
(Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano - Universidade de São Paulo/ São Paulo/SP).

,

A avaliação psicológica infantil com o uso do Rorschach possibilita uma abrangente análise de aspectos emocionais, cognitivos e interpessoais. Com base nestes aspectos, podem-se desenvolver planos de atuação psicoterápica após uma triagem de principais sintomas psicopatológicos. Entre os sistemas em uso para a técnica de Rorschach no Brasil, existem o Sistema Compreensivo e o R-PAS (Rorschach Performance Assessment System) - em fase de estudos normativos. A avaliação destes dados psicológicos é obtida com modo objetivo de codificação e delineamento de inferências. Objetivo: Indicar a contribuição do método de Rorschach para o psicodiagnóstico infantil por meio da análise de aspectos psicodinâmicos e psicopatológicos relacionados ao sofrimento psíquico. Método: Trata-se de um recorte de uma pesquisa normativa com o Rorschach, em andamento. Neste estudo de caso, há uma análise qualitativa de dados apresentados por uma criança, a qual chamaremos de Leila, com baixa renda econômico-social, idade de 07 anos, estudante de escola pública. Utilizou-se o CBCL, Child Behavior Checklist e as Matrizes Progressivas Coloridas de Raven para comparação de dados obtidos pelo Rorschach sob variáveis de dois sistemas de interpretação (Sistema Compreensivo e R-PAS). A criança foi avaliada em quatro encontros. Resultados: Leila pontuou sintomas de transtorno de oposição pelo CBCL com nível intelectual médio (III+) e percentil = 70 no Raven. No Rorschach houve habilidade para realizar tarefas (R=25); percepção adequada do convencional (P=1); aptidão imaginativa (M=0, FM=2, m=1); dificuldade no aspecto

interpessoal e de percepção de si mesma (A=19, H=0), habilidade para concentração (DR1=02) e dependência emocional (ODL=2). Estão presentes conteúdos agressivos (AGC=1); respostas dadas com base em próprio conhecimento e experiências pessoais (PER=1). São ausentes as respostas conteúdo humano e referência a figuras femininas ou masculinas (H), as quais são substituídas por respostas de conteúdo animal (A) e anatomia (An), indicando dificuldade no processo de identificação com figuras parentais e relacionamento interpessoal debilitado. Discussão: Leila apresenta alguns recursos cognitivos para lidar com situações adversas. O levantamento de sintomas de transtorno de oposição está de acordo com sofrimento psíquico emocional, dada a presença de agressividade, dificuldade interpessoal e dependência afetiva. Há indicação para psicoterapia com ênfase nas relações interpessoais e na internalização de figuras parentais acolhedoras. Conclusão: Os dados permitem a interpretação de aspectos psicodinâmicos do desenvolvimento e de questões relacionadas ao sofrimento psíquico, além de sintomas de quadro psicopatológico presente.
Apoio financeiro: FAPESP
Palavras-chave: Avaliação Psicológica; Teste de Rorschach; Crianças.
Nível do trabalho: Pós-Doutorado - PD
Código de área da Psicologia: AVAL - Avaliação Psicológica.

AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA COMO CONDUTA INTERVENTIVA WINNICOTTIANA EM UNIDADES BÁSICAS DE SAÚDE. *Dra. Diana Pancini de Sá Antunes Ribeiro (Universidade Estadual Paulista/ UNESP/ Campus Assis/SP).,*
A avaliação psicológica é própria da prática clínica em saúde mental, sendo etapa crucial para avaliar a real demanda do paciente. Winnicott considerava possível que houvesse uma conduta interventiva e terapêutica já nos primeiros contatos com os pais, nas entrevistas iniciais avaliativas com crianças, por ele denominadas de Consultas Terapêuticas. Este modelo pode ter sido usado como paradigma para a prática atualmente denominada como Psicodiagnóstico Interventivo. O objetivo deste trabalho, no entanto, é refletir sobre o manejo winnicottiano de entrevistas diagnósticas em situação de acolhimento de pacientes, crianças e seus responsáveis, em unidades básicas de saúde em um município do interior do estado de São Paulo. Metodologia: O fazer psicodiagnóstico com crianças à luz dos conceitos psicanalíticos winnicottianos pressupõe o conhecimento prévio da teoria do amadurecimento emocional de Winnicott, como um balizador dos pensamentos clínicos deste procedimento. A partir desta teoria realizam-se análise de casos clínicos considerando a etapa maturacional das crianças e seus responsáveis, especialmente aquelas condizentes com as etapas iniciais: dependência absoluta e dependência relativa. Na busca por este conhecimento, qual seja a etapa maturacional na qual o paciente se encontra seja a criança trazida para avaliação e/ou os adultos por ela responsáveis -, entrevistas clínicas são efetivadas levando-se em consideração a possibilidade comunicacional do paciente e de seus responsáveis. São realizadas seis entrevistas diagnósticas com esta metodologia, por semana, em três diferentes unidades de saúde pública. Resultados e Conclusões: Ao longo do primeiro semestre de 2012, as entrevistas com o uso desta metodologia, possibilitaram que um olhar avaliativo para os membros da família, em suas diversas configurações, fosse também lançado, além daquele já posto na criança depositária da queixa. Não se trata de metodologia inovadora, haja vista outros trabalhos que lançam mão de entrevistas familiares, inclusive, mas a proposta aqui é de se levar em conta a constituição individual de cada membro familiar e ainda da provisão ambiental que se dispõe para aquela criança e aquelas pessoas participantes desta avaliação naquele especial momento de suas vidas. A demanda para psicologia é assim delimitada por uma avaliação que pensará o encaminhamento a ser efetuado - ou não - e também a opção por manejo ou atendimento psicoterápico apropriado do ponto de vista winnicottiano grupal ou individual. Observa-se que o manejo tem sido privilegiado nos encaminhamentos, haja vista

que a maioria da origem da problemática psíquica - entendida como falha importante na provisão ambiental - ter ocorrido em várias crianças, assim como em seus familiares na dependência absoluta destes com o meio, tal como preconizado por Winnicott. Podemos concluir provisoriamente que a maioria das crianças que são encaminhadas para avaliação nestes contextos públicos de saúde contou com provisão ambiental insuficientemente boa, de diversas características, desde os primórdios de seu amadurecimento emocional.

Palavras-chave: Winnicott; avaliação psicológica; manejo terapêutico.

Nível do trabalho: P Pesquisador

Código da área: AVAL Avaliação Psicológica.

Sessão Coordenada: **VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: EPIDEMIOLOGIA, DIAGNÓSTICO E PREVENÇÃO**

A Violência Doméstica contra crianças e Adolescentes (VDCA) é um problema social que atualmente vem preocupando pesquisadores e trabalhadores de várias áreas de conhecimento, em função dos altos índices de incidência na população mundial, aliados às graves sequelas e transtornos desenvolvidos pelas vítimas. A literatura científica mais atual na área tem apontado que a experiência de vitimização doméstica pode trazer sérias consequências para a vítima, implicando em distúrbios de personalidade, cognição, adaptação social e outros.

Esse fenômeno deve ser entendido como um problema configurado na família enquanto espaço privado, numa esfera micropolítica, e também um problema de relações sociais de gênero e geração, numa esfera macro política, em que o adulto transgride o seu poder disciplinador, negando, negligenciando as necessidades e direitos da criança e tolhendo sua liberdade, colocando-a, assim, numa posição de mero objeto dos desejos do adulto.

A abordagem profissional da VDCA apresenta inúmeras dificuldades, pois se caracteriza como um problema que se manifesta de maneira sigilosa, configurando um segredo familiar, e por estar envolvido por dispositivos de velamentos que, muitas vezes impedem sua identificação e notificação.

A partir do exposto e devido às graves consequências da experiência de vitimização doméstica nas diversas áreas do desenvolvimento das vítimas, torna-se fundamental o desenvolvimento de estratégias de identificação precoce e compreensão dos casos, visando, principalmente, à prevenção da cronificação dos traumas advindos desta experiência e o planejamento das intervenções psicossociais, visando minimizar as sequelas e interromper o ciclo de VDCA, levando-se sempre em consideração o perfil epidemiológico do fenômeno.

Embora extremamente relevante para o estabelecimento de políticas públicas de atendimento, é difícil definir com rigor a incidência e o perfil epidemiológico da VDCA e esta dificuldade decorre de alguns fatores. Primeiro por que dependem da própria definição de violência doméstica, que muitas vezes, é controversa, parcial e não consistente. Segundo, destaca-se a existência da cifra negra, quando se trabalha apenas com os casos notificados, não considerando a existência de inúmeros outros que não chegam aos órgãos competentes, e que com certeza, pode aumentar os índices encontrados nas estatísticas. Apesar disso, pesquisas epidemiológicas desenvolvidas em diversos contextos têm mostrado que o enfrentamento eficaz deste problema social exige a compreensão de suas mais diversas facetas, principalmente na realidade social em que se está inserido.

No campo da intervenção psicossocial em situação de VDCA torna-se fundamental também um trabalho de sistematização dos passos para compreender o impacto desse tipo vivência na psicodinâmica da vítima e em sua saúde mental. Nessa perspectiva, o profissional de psicologia deve apreender esse tipo de experiência subjetiva, fundamentando-se em instrumentos que facilitem essa tarefa. Mas, por outro lado, deve-se considerar que para se proceder a uma avaliação psicológica nessa situação é importante não só escolher um instrumento adequado, mas também garantir a confiabilidade das inferências feitas a partir da aplicação de instrumentos que devem ter propriedades psicométricas, como precisão e validade.

Assim, a avaliação de saúde mental de uma criança ou adolescente vitimizado pode ser mais relevante e válida mediante a inclusão de medidas específicas que podem ser usadas no atendimento de criança ou adolescente em que o problema da violência esteja presente.

Entretanto, pesquisas mostram que não existem muitos instrumentos que medem e avaliam a exposição de uma criança à violência doméstica e que foram submetidas a estudos de análise psicométricas, e que sãos poucos os instrumentos projetados para monitorar a exposição das crianças à violência doméstica, principalmente no Brasil.

Portanto, percebe-se a necessidade de estudos e pesquisas que visem à adaptação e validação de instrumentos aptos à avaliação psicológica de crianças e adolescentes vítimas de VDCA que possam auxiliar os profissionais que trabalham na área para melhor atender essa clientela e embasar estratégias interventivas junto a essa população.
Se por um lado, a identificação das diversas facetas da VDCA no que se refere aos aspectos epidemiológicos e psicodinâmicos são estratégias importantes para o seu enfrentamento, por outro, o efetivo trabalho de combate a esse problema social deve incluir outras ações de proteção, promovendo a integração dos diversos segmentos sociais e estimulando o diálogo e a reflexão entre os diferentes atores sociais e instituições que possam gerar estratégias preventivas, numa ampla rede de apoio social e comunitário.
Dentre os setores importantes nessa rede de proteção e prevenção da VDCA, destaca-se a área da Saúde Coletiva, pois os profissionais de saúde desempenham um papel importante em todos os níveis de prevenção da VDCA, atuando desde a sua identificação e tratamento até o encaminhamento a outros níveis de maior complexidade. Mas, sobretudo, estes profissionais cumprem uma função primordial como agentes de denúncia em casos suspeitos de maus-tratos para as instituições de proteção à Infância.
Mas, para que haja a notificação dos casos de VDCA por parte dos profissionais de saúde é necessário que esses sejam preparados e habilitados na identificação deste problema. Contudo, deve-se salientar que a maioria das profissões não possuem em seus currículos e programas de educação continuada a formação e o treinamento dos aspectos relacionados com a violência.
Sobre isso, diversos estudos apontam para a precariedade da formação destes profissionais sobre o tema, o que interfere na oferta de uma atenção adequada à saúde das vítimas e de sua proteção. Além disso, outros fatores dificultam o trabalho dos profissionais de saúde frente a esses casos. Primeiramente, percebe-se a falta de integração entre os profissionais e os diversos setores dentro do campo da saúde que deveriam lidar com essas questões. Além disso, a formação quase exclusivamente biomédica dos profissionais de saúde impõe obstáculos para intervir, de forma eficaz, em problemas mais relacionados com o social, como a VDCA. Da mesma forma, as dificuldades dos profissionais de saúde em trabalhar com casos de VDCA implicam quase sempre em uma vivência que provoca emoções intensas de revolta, indignação a até mesmo de medo de serem perseguidos pelos familiares das vítimas e seus agressores. Essas emoções geram obstáculos para a abordagem satisfatória por parte desses profissionais.
Esse fato impõe a necessidade de desenvolver estratégias de capacitação dos profissionais de saúde para a identificação precoce dos casos suspeitos de VDCA, o seu correto encaminhamento e, principalmente, para a sua prevenção.
Considerando o exposto acima, a presente Sessão Coordenada objetiva apresentar e discutir estudos e pesquisas na área da VDCA, focando:
1. Os dados epidemiológicos e de caracterização da VDCA no Estado de São Paulo.
2. Os dados de validação e adaptação de dois instrumentos de avaliação psicológica de crianças e adolescentes vitimizados.
3. Os dados de um projeto de capacitação de profissionais de saúde para a prevenção da VDCA no Estado do Mato Grosso do Sul.

Psicologia do Desenvolvimento

A PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO CAMPO DA SAÚDE COLETIVA. *Antonio Augusto Pinto Junior/Universidade Federal Fluminense,*
Este trabalho discute os resultados de um projeto de extensão desenvolvido pelo curso de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), visando à capacitação dos

profissionais das equipes da Estratégia Saúde da Família (ESF) do município de Dourados/MS para a prevenção, identificação precoce e encaminhamento de casos de Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes (VDCA). Para tanto, foram realizados encontros semanais em cada Unidade de ESF, com duração média de 04 horas, seguindo as seguintes etapas: a) apresentação e discussão das concepções teóricas do tema, suas definições, epidemiologia e consequências; b) apresentação e discussão acerca dos indicadores comportamentais da criança, do agressor e da família vitimizada que facilitam a identificação pelos profissionais de saúde; c) apresentação da trajetória de intervenção, apresentando os recursos que os profissionais de saúde dispõem para cada caso e os tipos de encaminhamentos necessários; d) discussão de um caso clínico fictício para orientar as ações de intervenção na área. Ao todo foram capacitadas 29 equipes de ESF, perfazendo um total de 442 profissionais sensibilizados para a prevenção da VDCA. Para a análise da eficácia do trabalho, antes e logo após as capacitações foi aplicado de um questionário visando identificar o conhecimento prévio dos profissionais sobre o fenômeno da VDCA e suas formas de identificação, enfrentamento e prevenção (Pré-teste), e as mudanças de suas representações sobre o tema após o trabalho realizado (Pós-teste). O questionário empregado nas duas fases do trabalho foi o mesmo e composto por 12 questões, baseadas nos mitos sobre VDCA, apresentados por Azevedo e Guerra (1998), em que o profissional deveria responder Verdadeiro (V) ou Falso (F). Após a realização de todas as capacitações procedeu-se a análise estatística dos dados para verificar se houve mudança de percepção e representação da VDCA pelos profissionais da ESF com o trabalho de sensibilização realizado. Para tanto, foi utilizado o teste t de Student para mostras pareadas, a fim de verificar as diferenças nas freqüências de pontuação dos itens dos questionários pré e pós-teste respondidos pelos participantes do referido projeto de extensão. A análise dos dados aponta que houve diferença significativa em 11 das 12 questões do questionário de sondagem acerca das representações da VDCA respondidas pelos profissionais de saúde, todas com $p < 0{,}001$. Os dados apresentados apontam para a importância da realização de projetos de capacitação com os profissionais de ESF, pois verificou-se, neste trabalho, que ideias errôneas acerca da VDCA antes apresentadas pelos profissionais de saúde foram desconstruídas e transformadas por representações mais ética e cientificamente corretas, o que pode favorecer a sua prevenção a partir do engajamento no combate a este tipo de problema social que aflige a vida de crianças e adolescentes brasileiros.

DADOS EPIDEMIOLÓGICOS DA INCIDÊNCIA DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO ESTADO DE SÃO PAULO. *Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo/Universidade de São Paulo*

Antonio Augusto Pinto Junior/Universidade Federal Fluminense,

A violência doméstica contra crianças e adolescentes vem sendo reconhecida como um importante problema de saúde pública, no Brasil e em outros países, pelas sérias consequências que traz. Em diversos contextos são desenvolvidas diversas pesquisas epidemiológicas, de incidência e de prevalência, que mostram o aumento desse fenômeno, sendo que o enfrentamento eficaz deste problema social exige a compreensão e sistematização nos passos para identificar sua ocorrência. Sendo assim vem sendo desenvolvidas pesquisas nessa área. A partir dos resultados de uma destas (apoiada pela FAPESP processo n. 06/56308-0) destacam-se os dados da população estudada, visando o presente trabalho apresentá-los como estudo epidemiológico da ocorrência do fenômeno no Estado de São Paulo. Como aspectos metodológicos, ressalta-se que se trata de uma amostra por conveniência, de crianças e adolescentes de ambos os sexos, de 6 a 16 anos de idade . Ou seja, foram estudadas crianças e adolescentes vitimas de violência (física e sexual) comprovada e atendidas por instituições especializadas, governamentais e não governamentais, que manifestaram a concordância na participação na pesquisa. Os responsáveis também

manifestaram essa concordância, sendo o projeto aprovado por Comitê de Ética. Assim foram estudados um total de 502 crianças e adolescentes nesse intervalo de idades. Entre os dados pesquisados, foram mencionados sexo, idade e nível de escolaridade. Assim como resultados, que receberam tratamento estatístico, pode-se citar os seguintes: a maior parte é do sexo feminino, sendo (31) e 191 do masculino. Vale mencionar que muitas instituições que apoiaram a pesquisa se dedica ao cuidado de vítimas de abuso sexual, o qual é mais frequente no sexo feminino. Por outro lado, muitas instituições dedicam-se à atenção à criança vitimizada de forma geral, e ainda assim há esse predomínio do sexo feminino. No total da amostra (502) há o predomínio da violência física, (pouco mais da metade) o que ocorre também em outros contextos. Considerando o total de meninas, praticamente há o mesmo úmero de vitimas de violência física e sexual com um certo predomínio da primeira. Porem há muito mais meninas vitimas de abuso sexual do que meninos; no total de sujeitos e principalmente quando se considera o conjunto de sujeitos do sexo masculino. Entre os meninos é muito menor o numero de vitimas de abuso sexual. O tipo de violência mais raro em todo o grupo e em cada um dos grupos é o que conjuga as duas formas de violência: física e sexual, porém é o que traz em outros estudo mais intensos prejuízos. Com respeito às idades, as maiores frequências concentram-se entre 10 e 12 anos para as meninas, e 11 anos para os meninos. Quanto ao nível de escolaridade, observa-se muitas crianças fora da escola, ou em séries posteriores às esperadas pelas idades, confirmando os transtornos cognitivos e ainda mais o abandono e a negligência de que são vítimas. Como conclusões se considera a importância de serem feitos estudos como esse, mais amplos e abrangentes e que sejam desenvolvidos projetos de prevenção e intervenção junto a essas crianças e adolescentes.

O EMPREGO DO INVENTÁRIO DE FRASES NO DIAGNÓSTICO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES (IFVD) COM CRIANÇAS VÍTIMAS DE ABUSO SEXUAL INTRAFAMILIAR. *Viviane Manfre Garcia de Souza/Universidade de São Paulo*
Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo/Universidade de São Paulo
Antonio Augusto Pinto Junior/Universidade Federal Fluminense,

O abuso sexual infantil intrafamiliar é considerado um grande fator de risco para o surgimento de inúmeros transtornos nas vítimas. Alguns instrumentos têm sido utilizados para avaliar os efeitos da violência nas vítimas, como o Inventário de Frases no Diagnóstico de Violência Doméstica Contra Crianças e Adolescentes IFVD. Trata-se de um instrumento qualitativo (inventário de autodescrição) elaborado a partir das expressões verbais mais utilizadas pelas crianças e adolescentes (entre 06 e 16 anos) vítimas de violência física e/ou sexual e que objetiva avaliar transtornos nos níveis: emocional, cognitivo, social, física e comportamentos observáveis na clínica. O presente estudo objetivou avaliar especificamente crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual através do IFVD. Para tanto, o instrumento foi aplicado em 747 crianças brasileiras com idades entre 06 e 16 anos, sendo 209 vítimas de abuso sexual (grupo experimental) com uma amostra de 538 sujeitos sem histórico de violência sexual. Os resultados de cada indivíduo foram analisados de acordo com os transtornos associados à experiência de vitimização, ou seja: comportamental, cognitivo, emocional, físico e social. Para a análise dos dados, foram obtidas as médias e os desvios padrão para o total de pontos do IFVD e o total para cada tipo de transtorno associado, tanto para o grupo de controle quanto para o experimental, em função do sexo, da idade do participante e do tipo de violência sofrida. Para verificar se os resultados no teste seriam capazes de diferenciar o grupo de vítimas de violência de um grupo sem queixa de violência, foram comparadas as médias dos diversos grupos (em função das variáveis descritas acima) através do teste t de Student e da Análise de Variância (One-Way Anova). A análise dos resultados apontou que as médias do grupo experimental foram maiores que o de controle em todas as situações investigadas, tanto quando são consideradas a pontuação total no instrumento quanto nos totais por

transtorno associado. Conclui-se que o IFVD é um instrumento útil e auxiliar no trabalho de profissionais na área da violência doméstica, pois se mostrou muito capaz de discriminar entre crianças vítimas de violência doméstica das sem essa suspeita, tendo apresentado, assim, validade.

4º. TRABALHO: VALIDAÇÃO DO TESTE DO DESENHO DA PESSOA NA CHUVA COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO CONTEXTO BRASILEIRO. *Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo/Universidade de São Paulo*
Antonio Augusto Pinto Junior/Universidade Federal Fluminense
Lucilena Vagostello/Universidade São Judas Tadeu,

A compreensão e o conhecimento da experiência emocional de crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica se torna cada vez mais relevante, em função do número crescente de casos e das sérias consequências que o fenômeno acarreta ao processo de desenvolvimento e à saúde física e mental das vítimas. Além disso, trata-se de problemática com deletérios efeitos sociais tais como inadaptação escolar e repetição de atos violentos em cadeia, dentre outros. . As técnicas projetivas, desde que validadas e aprovadas, configuram poderoso recurso no contexto do Psicodiagnóstico, pois permitem a expressão de aspectos inconscientes, favorecendo o tratamento e encaminhamento adequados, especialmente em situação de violência doméstica. O Desenho da Pessoa na Chuva, técnica projetiva pouco conhecida no Brasil, é empregada por profissionais de países latinoamericanos em diversos contextos, em especial na avaliação das crianças vítimas de violência doméstica. O presente trabalho descreve os dados de uma pesquisa multicêntrica, financiada pelo CNPq, que tem como objetivo principal realizar um estudo de validação e padronização do Teste do Desenho da Pessoa na Chuva em crianças e adolescentes brasileiros em situação de violência doméstica, nas modalidades física e sexual. Nesta pesquisa, participaram 1030 crianças e adolescentes de ambos os sexos, de 6 a 16 anos de idade, distribuídos em diversas regiões do Brasil (Sudeste, Norte, Nordeste e Centro-Oeste), sendo 515 com confirmação de serem vitimas de violência doméstica, e 515 do mesmo sexo e idade, das mesmas regiões, sem suspeita de vitimização. A coleta dos dados, em aplicações individuais, foi realizada em instituições de atendimento de crianças e adolescentes em situação de violência doméstica e em escolas públicas por psicólogos previamente treinados e capacitados. A análise dos resultados foi procedida a partir da categorização e classificação das respostas de cada um dos desenhos, e submetidos a tratamento estatístico para realização dos estudos normativos, de validade e precisão (fidedignidade). Foram feitas todas as comparações possíveis entre os dois grupos: com vitimização comprovada e sem suspeita, considerando a amostra total. A análise dos dados aponta que o grupo de crianças e adolescentes vitimizados apresentou diferenças significativas em comparação com o grupo sem suspeitas de vitimização em vários indicadores da técnica projetiva, tais como: dimensão pequena, cabeça grande, ausência de linha de solo, entorno, chuva setorizada, ausência de guarda-chuva, e presença de raios. A partir dos dados analisados, conclui-se que o Teste do Desenho da Pessoa na Chuva é uma técnica útil no trabalho do psicólogo que atende crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica, principalmente na tarefa de diagnóstico psicológico, pois auxilia a compreensão dos aspectos psicodinâmicos associados a esta vivência.

JOGO DAS RELAÇÕES INTRAFAMILIARES: APRESENTAÇÃO DE UMA TÉCNICA LÚDICA PARA CRIANÇAS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA. *CHRISTIANI MARTINS RODRIGUES TIRONI/Universidade de São Paulo*
Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo/Universidade de São Paulo
Maria Aparecida Mazzante Colacique/Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo,

O presente estudo tem como objetivo apresentar o Jogo das Relações Intrafamiliares (JRI), no contexto brasileiro. Trata-se de uma técnica lúdica baseada no Desenho de Família, técnica projetiva gráfica que permite que o psicólogo tenha acesso a informações sobre o paciente, por meio dos recursos formais e de conteúdo do desenho realizado. O Desenho da Família permite ainda analisar a conduta do sujeito, características do conjunto desenhado, primeira pessoa desenhada, sequência das figuras restantes, ações atribuídas ao desenho e o próprio relato da pessoa avaliada, no contexto da família. As técnicas lúdicas também permitem a expressão de crianças, no que diz respeito aos desejos, medos e angústias. O Jogo das Relações Intrafamiliares (JRI) é uma técnica lúdica, criada por pesquisadoras argentinas, que vem se mostrando muito promissora com crianças e adolescentes que apresentam dificuldades em se expressar pelo desenho, como crianças pequenas, ou resistência em realiza-los. O JRI foi baseado no Teste da Família e permite avaliar as relações familiares e os vínculos de parentesco. Proposto pelas pesquisadoras argentinas para ser empregado no estudo de crianças vítimas de violência doméstica. Consiste em um jogo de quebra-cabeças, onde as peças representam diferentes figuras que podem compor a família. A criança é convidada a montar duas famílias: uma família qualquer e a sua família. A partir de um referencial de análise proposto pelas pesquisadoras argentinas, se pode fazer a análise: inclusão do avaliado; conceito de família; posição da criança, personagens valorizadas e desvalorizadas, mais felizes e mais tristes, identificação das emoções felicidade e tristeza, identificação com um personagem, entre outros. O presente estudo foi realizado a partir de estudos de casos múltiplos, sendo participantes três crianças entre 4 e 6 anos de idade, vitimas de violência doméstica, atendidas em instituição especializada (com os consentimentos necessários). Como resultados foram obtidos: duas das três crianças não se incluíram nas famílias construídas e, a criança que se incluiu, na família real, posicionou-se entre os irmãos e, na família imaginada, posicionou-se ao lado da personagem que representava seu agressor sexual e longe dos pais. Duas crianças não souberam definir o conceito de família, e uma o fez de modo confuso. Em dois dos três casos, a personagem mais valorizada foi a mãe, e no caso da criança cuja mãe era um dos agressores, não houve personagem mais valorizada. A personagem desvalorizada divergiu entre as três crianças. Ao se comparar essa escolha com a história de vida da criança, percebeu-se que essa representava o seu agressor. Por fim, a identificação da criança ou foi com a personagem desvalorizada ou não foi atribuído valor. Como na pesquisa argentina, o JRI no Brasil, ainda que de forma preliminar, permitiu que a criança, mesmo pequena, pudesse mostrar as relações em sua família, bem como o lugar que ocupa, como se identifica e identifica os demais membros da família; e nesses acoso se evidenciaram os conflitos que sentem em consequência da situação abusiva que viveram.

Sessão Coordenada: **Violência e Família**

A temática da violência, mais especificamente da violência doméstica vem ganhando destaque no cenário mundial. Apontada como uma das prioridades nas ações da Organização Mundial de Saúde (OMS), a violência tem sido considerada um problema de saúde pública global a partir do reconhecimento das suas sérias implicações de curto e longo prazo para a saúde, bem como para o desenvolvimento psicológico e social de indivíduos, famílias e comunidades. A referida instituição destaca a necessidade de pesquisas visando a mensuração da violência, a caracterização de seus diferentes tipos, suas causas, fatores de risco e sua associação com outros fenômenos. Além disso, evidencia a importância da elaboração de estratégias capazes de prevenir o problema. Nesse sentido, o âmbito da família é percebido como contexto no qual emergem tais condutas e também como ambiente propício à intervenção e prevenção do problema.

Psicologia Social

VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA: UM ESTUDO DOMICILIAR COM MULHERES NUM BAIRRO DE BAIXA RENDA. *Fernanda Monteiro de Castro Bhona (Psicóloga do Tribunal de Justiça de Minas Gerais)*
Carla Ferreira de Paula Gebara (Universidade Federal de São Paulo)
Marcel de Toledo Vieira (Universidade Federal de Juiz de Fora)
Ana Regina Noto (Universidade Federal de São Paulo)
Lelio Moura Lourenço (Universidade Federal de Juiz de Fora)

,

Estudos na área de violência doméstica tendem a focalizar determinados grupos considerados mais vulneráveis (mulheres, crianças e idosos por exemplo) ou se centrar em díades específicas. Contudo, a violência que acontece no contexto das relações familiares é fenômeno complexo cujo impacto e manifestações vão além de díades e relações unidirecionais. Com o objetivo de identificar condutas de violência na família, foram investigadas mulheres entre 18 e 60 anos, num bairro de baixa renda da cidade de Juiz de Fora/MG/Brasil. Realizou-se estudo descritivo, transversal, através de levantamento domiciliar por amostragem probabilística. Utilizou-se um questionário sócio-demográfico e duas escalas de violência: CTS2, para avaliar a violência entre o casal e a CTSPC, para avaliar a violência praticada contra os filhos. Realizou-se análises estatísticas bivariadas (Q quadrado de Pearson) com o objetivo de avaliar a associação entre os diferentes episódios de violência doméstica. Na amostra pesquisada (N=292 mulheres com companheiro; N=252 mulheres com filhos) as mulheres adotaram mais condutas agressivas que seus companheiros. A violência psicológica praticada pelas mulheres apresentou prevalência de 77%, e de 71%, quando praticada pelos homens. A violência física foi de 24% para mulheres agressoras, e de 20% para homens agressores. Quanto às agressões aos filhos, as prevalências foram de: 90% de violência psicológica, 77% de punição corporal e 20% de maus tratos físicos. Considerando a mulher como agressora dos parceiros e dos filhos, verificou-se associação estatisticamente significativa entre a prática de violência física contra o parceiro e contra os filhos (p=0.005), bem como da violência psicológica contra o parceiro e também contra os filhos (0.000). Além disso, praticar violência psicológica contra os parceiros mostrou-se associado à perpetração de outros tipos de violência contra os filhos (punição corporal, p=0.004, e maus tratos físicos, p=0.002). Os dados obtidos também indicam que existe associação entre a vitimização da mulher pelo parceiro e a prática, pela mulher, de violência contra os filhos. Na amostra analisada, ser vítima de violência psicológica praticada pelo parceiro associou-se (p=0.008) a praticar o mesmo tipo de conduta contra os filhos. De forma equivalente, observou-se associação estatisticamente significativa (p=0.010) entre sofrer injúria do parceiro e maltratar fisicamente os filhos, ambas as condutas consideradas modalidades de violência física graves. No que tange à violência entre parceiros, foram

encontradas associações estatisticamente significativas (p<0.05) entre agredir e ser vítima de todas as modalidades de violência investigadas (psicológica, física, sexual e injúria). A exceção diz respeito à relação entre ser vítima de violência sexual pelo parceiro e praticar violência psicológica contra ele (p=0.076). As elevadas prevalências e as associações entre os diferentes tipos de relações de violência familiar evidenciam a circularidade das relações violentas e, dessa forma, a relevância de ações preventivas no sistema familiar em detrimento a ações individualizadas.

Apoio financeiro: FAPESP (processos n°: 2010/51094-7e n°: 10/518370) e CNPQ (processo n°400675/2010-2).
Palavras-chave: violência na família; conflito conjugal; abuso da criança.
Nível do Trabalho: D
Código da área: SOCIAL

QUAL A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NO APARECIMENTO, MANUTENÇÃO E TÉRMINO DE COMPORTAMENTOS CRIMINAIS? UMA DISCUSSÃO À LUZ DA TEORIA DA APRENDIZAGEM SOCIAL.. *Adriana A. de Almeida** (Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora-MG, Núcleo de Estudos em Violência e Ansiedade Social-NEVAS),*

Tentar entender porque as pessoas cometem crimes não é uma tarefa fácil. Não há uma verdade universal, tendo apenas diferentes fatores que quando combinados tentam explicar a causa de tais comportamentos, havendo na literatura vários modelos teóricos que focam alguns fatores em particular. Dentre tais fatores estão os individuais: baixa realização escolar, hiperatividade, conduta antissocial na infância, bullying; familiares: supervisão parental pobre, disciplina severa, abuso físico infantil, inconsistência na disciplina, atitudes parentais frias, conflitos parentais, pais infratores, irmãos delinquentes; socioeconômicos: baixa renda familiar e tamanho da família; de pares: ter pares delinquentes, ser rejeitado pelos pares, baixa popularidade; escolares: taxa de delinquência alta na escola, gestão escolar ruim; e fatores da vizinhança: alto número de crimes. Alguns eventos da vida também podem encorajar o sujeito a desistir de cometer crimes, como casar-se com parceiros que não aprovam os atos cometidos contra a lei; ter filhos; converter-se a uma religião; entre outros. Esta sessão coordenada visa discutir qual a influência dos fatores familiares no aparecimento, manutenção e término de condutas violentas ou criminais. Para isso utiliza a teoria da aprendizagem social, que reúne elementos do interacionismo simbólico, das teorias cognitivas e do behaviorismo radical. Sua principal proposição é de que o comportamento, independentemente de ser criminal ou não, é uma resultante das diversas influências e experiências vivenciadas pelo indivíduo. O processo de aprendizagem é o mesmo tanto para os comportamentos desviantes como para os conformistas, podendo ser descritos e explicados por meio de quatro grandes conceitos: associação diferencial, definições, reforço diferencial e imitação. A família aparece como variável fundamental e pesquisadores afirmam que o comportamento criminal está diretamente vinculado ao modelo apresentado pelos pais, que são os principais responsáveis pelas primeiras informações que favorecem o desenvolvimento de habilidades sociais nos filhos. Crianças com pais negligentes, que oferecem disciplina errática, têm conflitos entre si, ou cometem crimes, envolvem-se precocemente em comportamento criminal, o que está por sua vez relacionado à manutenção do comportamento a longo prazo. Adolescentes com pouco apego maternal ou com pais ausentes, pouco engajados, conectados emocionalmente ou muito permissivos relacionam-se a aumentos na frequência de delinquência, uso de álcool/drogas e vínculo com pares delinquentes. Comportamentos antissociais de início precoce, segundo a teoria em questão, refletem falhas nos processos de aprendizagem social devidas, entre outros fatores, a falta de aptidões educativas da parte dos cuidadores. Para enriquecer a discussão, serão apresentados os resultados encontrados em tese de mestrado

sobre o tema, em que 55 entrevistas abertas foram realizadas com egressos do sistema prisional da cidade de Juiz de Fora/MG. Os dados encontrados corroboraram esta teoria, com egressos filhos de pais com problemas com a lei, que usavam de castigos físicos para educar , que eram muito permissivos, usuários de substâncias, entre outros. Debater sobre o tema torna-se importante a partir do momento em que abre o campo do conhecimento e influencia na criação de medidas protetivas e de intervenções mais eficazes na área.
Apoio financeiro: Bolsa CAPES Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.
Palavras-chaves: criminalidade; família; teoria da aprendizagem social.
Nível do trabalho: M
Código da área: SOCIAL

TRANSTORNO DE ESTRESSE PÓS-TRAUMÁTICO EM MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA PRATICADA POR PARCEIRO ÍNTIMO. *Andréia Monteiro Felippe** (Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora-MG, Professora de Psicologia Jurídica do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora-MG),*
A violência contra a mulher é considerada como um problema de saúde pública, devido às graves sequelas físicas e emocionais que produz. De acordo com a Lei 11.340/2006 (Lei Maria da Penha), a violência doméstica e familiar contra a mulher é configurada em três hipóteses: a) no âmbito da unidade doméstica, b) no âmbito familiar, c) em relações íntimas de afeto, ou seja, quando o(a) agressor(a) convive ou tenha convivido com a vítima, independente de coabitação. O foco deste estudo é a violência por parceiro íntimo (VPI), com base no referencial dado pela lei Maria da Penha, ao destacar a violência praticada em relações íntimas de afeto. A VPI causa consequências sérias para a mulher, principalmente, do ponto de vista emocional, como o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT). Os sintomas do TEPT podem ser divididos em três grupos: revivescência do trauma (em pesadelos, pensamentos incontroláveis), esquiva ou entorpecimento emocional e hiperestimulação autonômica (como a irritabilidade e a insônia). O diagnóstico é feito se esses sintomas gerarem comprometimento social e ocupacional significativos. Sendo assim, o objetivo geral do projeto é investigar a relação entre TEPT e violência contra a mulher por parceiros íntimos, com foco nas vítimas atendidas pelo setor de psicologia no Grupo Tático Operacional Família (GTO-Família) da delegacia de Juiz de Fora-MG. Os objetivos específicos são: constatar qual a prevalência de TEPT nos casos de VPI acima citados; analisar quais os sintomas típicos mais prevalentes nos casos de TEPT em mulheres vítimas de VPI; e verificar se fatores como suporte social, histórico de violência na família de origem, vitimização prévia, tempo de exposição ao evento traumático e tipo de violência sofrida podem estar associados ao desenvolvimento do TEPT ou agravar o seu curso, no grupo acima mencionado. Trata-se de um estudo transversal, quantitativo, com amostra compreendida por mulheres, de idade superior a 18 anos, vítimas de violência por parceiro íntimo. Os instrumentos utilizados foram: cadastros do setor de psicologia, Post-Traumatic Stress Disorder Checklist- Civilian Version (PCL-C), Escala de Percepção de Suporte Social (EPSS) e uma entrevista estruturada com dados sobre a vítima, o tipo de violência praticada, tempo de exposição ao evento traumático, histórico de violência na família de origem e vitimização prévia. A partir dessas informações pretende-se colocar em discussão a relação entre TEPT e violência, assunto que ainda carece de estudos no Brasil.
Palavras-chaves: violência por parceiro íntimo; transtorno de estresse pós-traumático; Lei Maria da Penha.
Nível do trabalho: M
Código da área: SOCIAL

A TEMÁTICA DA VIOLÊNCIA FAMILIAR, SUAS PRINCIPAIS INTERAÇÕES E FENÔMENOS CORRELATOS. *Prof. Dr. Associado Lélio Moura Lourenço (Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora-MG, Núcleo de Estudos em Violência e Ansiedade Social-NEVAS),*

De origem latina, o vocábulo violência vem da palavra vis, que quer dizer força e se refere às noções de constrangimento e superioridade física sobre o outro. No sentido material os eventos violentos são relativos a conflitos de autoridade, às lutas pelo poder e à vontade de domínio. A consideração sobre a mesma é plástica, variando de acordo com épocas, circunstâncias, locais, e culturas. Frequentemente o fenômeno integra o âmbito familiar, afetando as relações interpessoais nesse e desse organismo. Embora ocorra entre todas as faixas etárias, são as crianças e adolescentes, por estarem em processo de crescimento, os que se apresentam em situação de maior vulnerabilidade. A preocupação com a temática da violência familiar traduz-se no grande aumento das investigações sobre a temática, sendo a mesma entendida ou descrita em suas diversas especificidades: violência doméstica, violência intrafamiliar, violência entre parceiros íntimos e abuso sexual são algumas das realidades vivenciadas e analisadas neste universo. A violência familiar foi sendo, cada vez mais, referenciada como um grave problema de saúde pública tendo um forte impacto no desenvolvimento de famílias e comunidades. Violência doméstica como fator de risco para crianças e adolescentes, violência doméstica e transtornos associados, e violência doméstica relacionada a criminalidade juvenil e adulta são algumas das interações vigentes nas academias e nas pesquisas voltadas para o fenômeno da violência e em particular no ambiente familiar.

Palavras-chave: violência; violência familiar; violência doméstica.
Código da área: SOCIAL

A VIOLÊNCIA FAMILIAR COMO FATOR DE RISCO PARA O DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES. *Luciana Xavier Senra**, Lélio Moura Lourenço (Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora-MG, Núcleo de Estudos em Violência e Ansiedade Social-NEVAS),*

A violência familiar ou doméstica é um dos tipos de violência interpessoal (comunitária e familiar ou doméstica) que atinge a população mundial independente do nível cultural, social e econômico. É descrita pela Organização Mundial de Saúde-OMS como uma modalidade de violência interpessoal, que ocorre necessariamente entre membros da mesma família, com ou sem laços consanguíneos. O fenômeno consiste em ato ou omissão cometidos por uma pessoa, membro da família ou que conviva no mesmo espaço doméstico, em posição de poder, que prejudique o bem-estar físico ou a integridade psicológica, a liberdade e o direito ao desenvolvimento integral de um indivíduo ou grupo. Os tipos dessa modalidade de violência podem ser o físico (lesões ósseas e cutâneas), sexual (lesões do aparelho sexual e doenças sexualmente transmissíveis), psicológico (agressões verbais), financeiro (extorsão financeira), patrimonial (danos a objetos de uso pessoal ou de valor sentimental), abuso (geralmente abuso sexual de menores) e negligência (omissão de cuidados). As principais vítimas são idosos, mulheres, adolescentes e crianças. O contexto traz repercussões negativas de curto e longo prazo para aqueles envolvidos, sobretudo crianças e adolescentes vítimas diretas e/ou indiretas da violência. Dentre tais repercussões prejudiciais e de impacto negativo para o desenvolvimento de crianças e adolescentes, destacam-se (a) problemas fisiológicos como dores abdominias, enurese, enxaqueca, transtornos alimentares e do sono; (b) problemas psicológicos tais como transtornos de ansiedade e de stress pós-traumático, depressão, baixa estima por si mesmo e insegurança; e (c) problemas comportamentais e

sociais que envolvem agitação motora, choro, queda no desempenho escolar, comprometimento das relações interpessoais, adoção ou reprodução de condutas agressivas como estratégia para resolução de conflitos com a família e com os pares, além de envolvimento com violência na escola e bullying, com comportamentos indisciplinares, agressivos e intencionais, repetitivos e de assimetria de forças, visando causar danos físico e moral. Dessa forma, pode-se inferir que esses problemas acabam por culminar em novos prejuízos sociais e familiares, compondo, talvez, um caráter cíclico do fenômeno da violência.

Apoio financeiro: Bolsa CAPES Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.
Palavras-chave: violência familiar ou doméstica; bullying; crianças; adolescentes.
Nível do trabalho: M

Sessão Coordenada: **Violência e transversalidade de gênero**

A violência está presente em nosso cotidiano, trazendo insegurança e perplexidade diante de sua expansão e instrumentalidade. A mídia, particularmente a televisiva, tem nos atos violentos seu objeto preferencial de divulgação exibindo-os em forma de espetáculo nas primeiras páginas dos noticiários. Entre os diferentes atores sociais, vítimas e autores, alguns grupos sociais são mais vulneráveis aos atos violentos, como crianças e adolescentes, mulheres e homossexuais. Grupos que podem ser considerados minorias políticas, com menor poder nas relações sociais. No que diz respeito à violência contra a mulher, esta é praticada, majoritariamente, por pessoas próximas à vítima e, mais frequentemente, no espaço doméstico. Com a promulgação de Lei 11.340, conhecida como Lei Maria da Penha, em 2006, a violência contra a mulher ganhou visibilidade, passou a ser criminalizada, podendo os autores receber punição em conformidade com a lei. Já a violência contra homossexuais, em uma sociedade que tem se manifestado homofóbica, ainda é um problema a ser contemplado com ações governamentais e educativas mais assertivas. Gays, travestis, lésbicas, transgêneros são ainda considerados desviantes ou doentes pelo senso comum, crença partilhada por muitos agentes que deveriam prevenir e conter as manifestações violentas contra essas minorias, sejam agravos de ordem moral, física ou psicológica. Já a violência cometida por adolescentes de ambos os sexos, que pode ser enquadrada como ato infracional, recebe um tratamento diferenciado àquela cometida por adultos, cumprindo os adolescentes em conflito com a lei medidas socioeducativas em instituições especializadas. Os temas acima, de inegável relevância, serão tratados nesta proposta de sessão coordenada em quatro pesquisas realizadas por pesquisadores de duas instituições Universidade de Brasília e Universidade Federal de Goiás. A violência contra a mulher é tratada do ponto de vista de alunos e professores buscando-se entender como construíram representações sociais sobre o problema e se as ações governamentais, incluindo a Lei Maria da Penha, foram incorporadas nas explicações e compreensão de tal violência. Outra pesquisa focalizou a violência contra homossexuais a partir de notícias sobre o tema, buscando caracterizar tal manifestação e verificar os avanços em relação aos direitos conquistados como, também, os desafios enfrentados cotidianamente por estes sujeitos. Outro estudo teve lugar em instituições onde adolescentes estão internados cumprindo medidas socioeducativas, tendo como sujeitos os agentes socioeducativos. O objetivo foi entender como esses agentes vivenciam o seu cotidiano com os adolescentes internos e que impactos seu trabalho tem em suas vidas profissionais e pessoais. Finalmente, em pesquisa documental realizada nessas mesmas instituições, o objetivo foi verificar se existem diferenças entre o perfil dos adolescentes acusados de prática de agressão letal, que justifiquem estratégias específicas de gênero para prevenção. Os resultados obtidos em tais pesquisas podem ser úteis para politicas publicas que visem o combate e a prevenção da violência assim como a capacitação de profissionais que lidam com essa questão.
Psicologia Social

RESPOSTA A VIOLÊNCIA EM INSTITUIÇÃO SOCIOEDUCATIVA: UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO.
*Luíza Mariana Brito Soares ** Guilherme dos Santos Novaes* Débora de Paula da Silva* Ana Lúcia Galinkin (Laboratório de Diversidade e Cultura nas Organizações, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de Brasília, Brasília, DF),*
O Sistema Socioeducativo é uma rede articulada em todas as esferas governamentais que prioriza atendimentos educacionais, de saúde, e de inserção no mercado de trabalho bem como a aplicação de medidas socioeducativas. Que é a manifestação do Estado em resposta aos atos infracionais praticados por adolescentes menores de 21 anos incompletos. Sua aplicação objetiva é inibir a reincidência, desenvolvida com a finalidade pedagógico-educativa. Atendente de Reintegração Social ATRS, ou Os Agentes Socioeducativos, ou Atendente de

Reintegração Social ATRS são responsáveis pela execução de tarefas relativas à guarda, à vigilância, ao acompanhamento e à segurança de adolescentes em conflito com a lei. Muito embora a já citada função de reintegração socioeducativa esteja prescrita na descrição de atividades, o que existe de função real nas atividades dos ATRS s é evitar fugas, lesão corporal grave e dano ao patrimônio. Cabendo ainda, executar guarda, planejamento e execução dos horários de atividades dos menores, e resolução de demandas não programadas (brigas internas, tentativas de fugas e rebelião) o que pode gerar estresse. O estresse pode ser entendido como o desequilíbrio entre as demandas do trabalho e a capacidade de resposta dos trabalhadores. Fatores estressantes como um ambiente de trabalho perigoso, baixo controle sobre o processo de trabalho (cumprimento de ordens), frequente contato com o público (atendimento da comunidade geral), longas jornadas de trabalho (em razão da escala), recursos insuficientes, insatisfação com a atividade e a remuneração, dificuldade de ascensão profissional, além da exposição ao sofrimento alheio e a problemas familiares, estariam relacionados ao sofrimento ou distúrbios psíquicos e, no caso dos Agentes, todos esses fatores estão presentes . O objetivo desse estudo foi investigar as diferentes reações de stress entre sexos diante da ameaça eminente de violência, além de distinguir as formas com as quais o estresse se manifesta. Foi usado como um dos instrumentos, o Inventário de Sintomas de Stress para Adultos que possibilita diagnosticar o estresse em diferentes etapas e formas de manifestação (física ou emocional). A pesquisa foi realizada em três dos quatro Centros de Internação Socioeducativos de Brasília, em duas etapas. A primeira contou com a participação de 160 Agentes, respondendo a escala ISSL, além de um questionário construído pela pesquisadora. Constatou-se que as mulheres, ao contrário dos homens, encontram-se em fases menos avançadas do stress e têm prioritariamente, manifestação do estresse por sintomas emocionais, enquanto os homens apresentam sintomas físicos. E na segunda etapa foram feitas entrevistas semiestruturadas baseadas nos com 6 agentes de cada sexo, onde foram constatadas diferentes formas de tratamento e possibilidades de ação entre homens e mulheres. Observou-se diferentes formas de reação entre sexos frente às dificuldades no trabalho, entre elas ameaças eminentes de violência, pelo menos no que tange às reações de stress.

Bolsista CAPES
Gênero, Agente Socioeducativo, stresse
M
SOCIAL

VIOLÊNCIA CONTRA HOMOSSEXUAIS NO BRASIL CAMINHOS E DESCAMINHOS NA BUSCA PELO DIREITO DE SER . *Adair Marques Filho, Ana Lúcia Galinkin, Jaqueline Gomes de Jesus (Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goias, Goiânia-GO) ,*

Por meio deste trabalho objetivamos apresentar dados sobre os casos de violência contra homossexuais no Brasil nos últimos cinco anos (2007-2011), evidenciando de um lado, os avanços em relação aos direitos conquistados e, de outro, os desafios enfrentados cotidianamente por estes sujeitos. Este trabalho é resultado de uma pesquisa realizada no período supracitado, em que a coleta dos dados se deu através de notícias veiculadas pelos meios de comunicação, sobretudo por meio da internet. Foi realizada uma pesquisa através de sites de busca, utilizando como parâmetro o termo violência contra homossexuais . A partir da coleta das noticias encontradas, a maioria veiculadas em jornais de notícias, realizamos uma análise de conteúdo dos documentos a fim de verificar as principais ocorrências relativas a violência contra homossexuais. Os resultados da pesquisa apontam para um cenário preocupante em relação à violência contra homossexuais, violência esta que não é somente física, é também e, principalmente, uma violência psicológica. Os casos estudados ocorrem

dentro do grupo familiar, dentro de escolas e faculdades e, também no ambiente de trabalho. Não bastassem as pressões externas, os sujeitos homossexuais, criados dentro de preceitos cristãos, se fragilizam cada vez mais em uma sociedade ainda homofóbica, privados que são de seus direitos individuais. No entanto, quando nos referimos aos avanços relacionados aos direitos conquistados pelo público LGBTT de um modo geral, percebemos que ainda há muito a ser feito. Entre os avanços na conquista de direitos temos a equiparação da união civil entre pessoas do mesmo sexo, aprovada pelo STF em 2011, as decisões judiciais em favor do reconhecimento de duas pessoas do mesmo sexo como família e da possibilidade de adoção de filhos, de uma maior visibilização, mesmo que algumas vezes caricata, tanto nas paradas LGBTT, quanto por meio de personagens na Televisão, etc. Já os retrocessos são encabeçados, em grande medida, justamente por membros do cristianismo, representantes de igrejas católicas e evangélicas que, em vez de amar o próximo como a si mesmo acabam por promover uma caça às bruxas em pleno século XXI, buscando entre outros projetos, promover a cura gay , questão já superada desde anos de 1980. Outro ponto que merece destaque e que não podemos deixar de reconhecer é, sem dúvida, a visibilidade que os homossexuais vêm experimentando nos últimos anos, seja através das já citadas participações na televisão, seja por meio das pesquisas que vem sendo realizadas e divulgadas em congressos nacionais e internacionais, criando espaços institucionalizados ou não de debates sobre as relações de gênero e o papel da diversidade e seu respeito na sociedade brasileira.
Gênero. Violência. Homossexualidade
D
SOCIAL

PRÁTICA DE VIOLÊNCIA LETAL NA ADOLESCÊNCIA: GÊNERO E PREVENÇÃO. *Fernanda Campos Marinho**Ana Lúcia Galinkin,Carolina Knihs de Camargo*, Samantha Lima dos Santos*(Laboratório de Diversidade e Cultura nas Organizações, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de Brasília, Brasília, DF),*
A violência letal tem sido fenômeno de preocupação social, principalmente devido à gravidade e irreversibilidade de suas consequências. A prevenção deste tipo de violência é, assim, uma prioridade. Estudos sobre agressão entre humanos demonstram que esta é uma estratégia opcional, determinada pela experiência prévia do indivíduo, bem como pelo contexto social específico em que vive. Apesar de os homicídios praticados por adolescentes responderem por apenas 3,69% do total praticado no DF, estudos realizados com adolescentes em conflito com a lei apontam para a necessidade de maior produção científica sobre o tema. Apesar de muitas vezes negligenciada, a questão do gênero na prática ilícita é significativa, pois, avalia-se que 96% dos adolescentes que cumprem internação são do sexo masculino. As mudanças decorrentes das transformações socioeconômicas, especialmente com a participação mais protagonista do feminino nas esferas de poder, evidenciaram, também, mudanças no perfil das mulheres envolvidas com crimes. A presente pesquisa objetivou verificar se existem diferenças entre o perfil dos adolescentes acusados de prática de agressão letal, que justifiquem estratégias específicas de gênero para prevenção. Trata-se de uma pesquisa documental cuja amostra é composta de 100 documentos, relativos à 100 adolescentes que cumpriram internação provisória pela tentativa ou prática de homicídio e latrocínio. Foram selecionados aleatoriamente 21 Relatórios sociais de meninas e 79 de meninos. Os dados foram analisados a partir do Software Statistical Package for Social Sciences, por meio do teste Qui-quadrado e Correlação de Pearson. Como resultados destacam-se a similaridade entre gêneros quanto á idade do cometimento do ato, que apontam para um padrão curvo ascendente em direção aos 17 anos. Também, não foram obtidas diferenças significativas entre gêneros, quando comparados quanto à escolaridade, o tipo de violência e frequência escolar por ocasião da apreensão. A variável reincidência foi a que obteve a maior diferença e

a única significativamente forte ($x^2(9)=21,87$; $p<0,05$). Os resultados demonstraram que, quando se leva em conta o perfil dos adolescentes que praticam agressão letal, a diferença de gênero não é tão saliente. Assim, quanto aos fatores de risco envolvendo idade e evasão escolar, não se justificam estratégias diferentes de prevenção primária. Quanto ao tipo de violência letal, o fato de não terem ocorrido diferenças significativas, podem apontar que os adolescentes envolvidos com práticas ilícitas, independente do gênero, compartilham o mesmo contexto de conflitos. Pesquisas têm sugerido que a falta de acesso aos bens e serviços, a distância do poder público e a marginalização contribuem para a violência, inclusive, como forma de resolução de conflitos. Quanto à reincidência, a diferença pode sugerir a necessidade de reforço em estratégia de prevenção secundária para meninos, uma vez que 78% já haviam praticado outros crimes antes da violência letal. Os dados podem indicar que o controle social exercido sobre as mulheres e a divisão sexual de papeis sociais, tradicionalmente prescritos, exerce influência sobre a vulnerabilidade destas à reincidência. Dado ser o delito uma construção social, este não pode ser explicado pela concepção de natureza humana, demandando uma maior compreensão dos lugares sociais que originam as ações humanas.
Violência Letal, Adolescentes, Gênero, Prevenção.
M
SOCIAL

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER ELABORADA POR ALUNOS E PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA.. *Karine Brito dos Santos** , Ana Lúcia Galinkin (Departamento de Psicologia Clinica,Universidade de Brasília, Brasília, DF),*
A violência contra a mulher é um fenômeno que ocorre em vários países, em diversas culturas. No Brasil, esse tipo de violência de gênero possui alta magnitude, expressa por meio de estatísticas alarmantes. A literatura tem apontado essa questão como um problema mundial de saúde pública, uma violação de direitos humanos, situando-a no âmbito da judiciarização e criminalização dos conflitos interpessoais, notadamente a partir da sanção da Lei Maria da Penha no Brasil em 2006. Diversos autores têm dedicado esforços para compreender a etiologia da violência de gênero e seus efeitos nas vítimas, havendo, no entanto, uma escassez de trabalhos situados para além da perspectiva da vitimização, ao modo de abordagens de cunho preventivo, dirigidas ao âmbito escolar, no intuito de refletir sobre os papeis de gênero que legitimam a violência e acabam por naturalizar essa prática. Nesse sentido, o presente trabalho objetivou identificar as possíveis representações sociais da violência contra a mulher elaboradas por alunos e professores do ensino médio de uma escola pública. Para alcançar tal objetivo foram realizados dois estudos. No estudo 1, com a participação de 238 alunos, os dados foram coletados por meio de um questionário de evocação livre e a análise realizada através dos softwares EVOC e ALCESTE. O estudo 2 contou com a participação de 8 professores, mediante realização de um grupo focal com base em um roteiro semi-estruturado, com posterior análise de dados pelo ALCESTE. Os resultados dessa pesquisa apontam para a existência de conteúdos comuns e divergentes nas representações sociais da violência contra a mulher. Quanto aos aspectos comuns, pode-se dizer que ambos, alunos e professores, consideram a violência contra a mulher como uma construção sociocultural, uma violência baseada no gênero, notadamente conjugal, perpetrada pelo marido contra a mulher, e localizada no âmbito doméstico e intrafamiliar. Dentre os aspectos divergentes, os alunos significam essa violência em função das diferenças de gênero, e caracterizam-na como uma violação dos direitos humanos. Já os professores, significam a violência contra a mulher em razão das relações de poder construídas e legitimadas por ambos os sexos e da educação familiar, e apontam barreiras para falar e/ou lidar com esse tipo de violência na escola. A partir dos resultados encontrados foi possível identificar que alunos e professores construíram

representações sociais da violência contra a mulher, as quais podem não somente orientar práticas, como servir de substrato para se pensar em políticas públicas de enfrentamento, com foco na prevenção primária desse tipo de violência de gênero.

Violência contra a mulher, gênero, representações sociais
M
SOCIAL

Sessão Coordenada: **Violência intrafamiliar contra mulheres e crianças: Prevenção e Intervenção**

A Violência contra mulheres e crianças vêm atingindo índices alarmantes. Em contrapartida, as pesquisas acerca desta temática ainda são incipientes, principalmente, ao se tratar da literatura nacional, que ainda se restringe a estudos predominantemente teóricos acerca da temática. O conjunto de estudos envolvidos na presente proposta procura desenvolver pesquisas na direção da prevenção do fenômeno e do enfrentamento do mesmo, por meio de estratégias e possibilidades de intervenção.
Dentre os cinco estudos, dois tiveram como objetivo investigar a atuação de profissionais envolvidos na rede de proteção à mulher e a criança, vítimas de violência intrafamiliar, ressaltando a necessidade de se compreender o importante papel que tais profissionais têm, tanto no combate a práticas de violência, como na prevenção desta.
Um terceiro estudo procurou investigar as conseqüências, a longo prazo, da exposição à violência intrafamiliar, identificando fatores de risco e de proteção presentes no contexto familiar, apontando possibilidades de prevenção.
Um quarto estudo procurou identificar e analisar as estratégias de enfretamento da violência doméstica por mulheres e o impacto desta violência em seus filhos, tentando estabelecer relações entre ações mais adequadas, que podem reduzir o impacto dos atos agressivos no desenvolvimento infantil. E um último, mas não menos importante, buscou levantar os estudos encarregados de investigar programas de prevenção acerca da violência intrafamiliar contra crianças. A despeito da crítica, anteriormente feita, de que os estudos no país são predominantemente teóricos, não se descarta a necessidade de fazê-los, principalmente em relação ao levantamento de estudos de intervenção, ou seja, avaliações e análises de programas ou projetos de intervenção e prevenção da violência contra crianças, foco da última pesquisa. Aponta-se, sim, a necessidade de estudos que investiguem as possibilidades de intervenção a respeito do fenômeno da violência intrafamiliar e possibilitem uma discussão de formas mais exitosas de enfrentamento ao problema e o alcance de ações de prevenção, em seus diferentes níveis. Adicionalmente, a presente proposta de sessão coordenada pretende discutir a necessidade de se estudar o fenômeno da Violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes e contra a mulher (violência conjugal) de forma relacionada, uma vez que apresentam aspectos em comum e dizem respeito a uma complexa rede de relações familiares, em que são praticadas relações de poder entre homens e mulheres, e entre adultos e crianças, bem como a perpetuação do ciclo da violência e do fenômeno da Intergeracionalidade, em que vítimas de agressões podem se tornar futuros agressores.

Psicologia da Família e da Comunidade

O PAPEL DESEMPENHADO PELO CONSELHO TUTELAR E AS POSSÍVEIS DIFICULDADES ENFRENTADAS NA CONDUÇÃO DE CASOS DE VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR ENCAMINHADOS PELA ESTRATÉGIA DE SAÚDE DA FAMÍLIA. *Rachel de Faria Brino (Departamento de Psicologia, Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, Universidade Federal de São Carlos); Lívia Maria Bolsoni (Aprimoramento em Psicologia Clínica e Institucional, Hospital Psiquiátrico Santa Tereza, Ribeirão Preto). ,*
A violência intrafamilar é, sem dúvida, responsável por milhares de crianças e adolescentes vitimizados. Sendo assim, a notificação torna-se um poderoso instrumento de política pública, pois é um elemento crucial na ação pontual contra a violência, ajudando a dimensionar a questão da violência em família, a determinar a necessidade de investimentos em núcleos de vigilância e assistência, e ainda permitir o desenvolvimento de pesquisas e o conhecimento da dinâmica da violência em família. Devido às dificuldades na notificação, como: a identificação

da violência nos serviços de saúde ser ainda carregada de muitas incertezas, o despreparo dos profissionais em suas formações e dificuldades relacionadas ao Conselho Tutelar, como exposto pelos médicos do Programa Saúde da Família, constatado em estudo anterior, identificou-se a necessidade de analisar a interlocução do Conselho Tutelar e as unidades da Estratégia de Saúde da Família no que se refere a encaminhamentos de casos suspeitos de violência contra crianças. Este estudo, portanto, teve como objetivos: descrever quais os procedimentos adotados pelo Conselho Tutelar diante de casos encaminhados pelas unidades da Estratégia de Saúde da Família de um município do interior de São Paulo; analisar tais procedimentos de acordo com a legislação vigente, apontando se houve resolutividade para os casos encaminhados; e, por último, levantar e analisar as dificuldades enfrentadas pelos conselheiros na condução dos casos. Participaram do estudo os Conselheiros Tutelares que atuaram em casos encaminhados pela ESF acerca de violência contra crianças no referido município. Foi aplicado um roteiro de entrevista semi-estruturado para uma análise qualitativa de conteúdo. Os resultados encontrados possibilitaram indicar os principais determinantes da não resolutividade dos casos encaminhados por profissionais que trabalham diretamente com crianças. Verificou-se, além disso, a falta de comunicação entre os serviços que compõem a rede para articular as medidas de proteção às crianças necessárias e acompanhar seu cumprimento. A partir dos mesmos, foram então apontadas soluções para que o Conselho Tutelar se torne um órgão mais efetivo na proteção às crianças vítimas de violência e deixe de ser indicado pelos profissionais como uma das principais razões para o não encaminhamento de casos de violência contra crianças aos órgãos de proteção. Considerando que a efetividade da intervenção e do tratamento desses casos depende, em grande parte, da boa coordenação e comunicação entre os profissionais e serviços envolvidos na rede de proteção à crianças e adolescentes. É importante ressaltar também que, independente dos resultados obtidos com a notificação, o conselheiro tutelar deve ser encarado como um parceiro que abre possibilidades de ação complementares àquelas desenvolvidas pelo profissional de saúde, as quais são fundamentais à meta comum de proteger a criança.

Palavras chaves: maus-tratos, notificação, médico da Estratégia de Saúde da Família, Conselho Tutelar.

FAMI

IC/Pesquisador

* Fapesp

A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E O ATENDIMENTO PRESTADO ÀS VÍTIMAS: A PERSPECTIVA DE POLICIAIS CIVIS. *Patrícia Tonissi Migliato Nunes** (Programa de Pós-graduação em Educação Especial, Laboratório de Análise e Prevenção da violência, Universidade Federal de São Carlos) Rachel de Faria Brino (Departamento de Psicologia, Laboratório de Análise e Prevenção da violência, Universidade Federal de São Carlos). ,*

As Delegacias de Defesa da Mulher foram criadas para combater e prevenir a violência contra a mulher, e assim, consequentemente, intervir a tempo de evitar a ocorrência ou agravamento de danos ao desenvolvimento dos indivíduos. Porém, alguns estudos observacionais, bem como pesquisas realizadas junto às mulheres vítimas de violência, evidenciam que o atendimento nestas delegacias é insatisfatório, marcado por costumes patriarcais, colaborando para que as mulheres não dêem continuidade à queixa de crime praticado contra elas, o que contribui com a perpetuação da violência. Desta forma, é social e cientificamente relevante estudar a realidade que cerca o policial civil e os desafios enfrentados por ele. O presente trabalho teve como objetivo identificar e caracterizar as crenças de policiais civis a respeito da violência contra a mulher e as suas concepções acerca de tal tipo de violência e do atendimento que prestam às vítimas. Participaram do estudo 20 policiais civis da circunscrição

de uma cidade de médio porte no interior do Brasil. Foram utilizados os seguintes instrumentos para coleta de dados: a) Questionário sobre Crenças a Respeito de Violência Doméstica e b) Questionário sobre as concepções do policial civil acerca da violência contra a mulher e do atendimento que prestam às vítimas. A aplicação dos instrumentos ocorreu em dois momentos distintos. Por meio dos instrumentos, foram feitas análises quantitativas e qualitativas. A análise quantitativa foi obtida usando-se métodos descritivos. A análise qualitativa foi obtida a partir das categorias definidas. Os resultados obtidos indicaram que a grande maioria das respostas dos policiais às afirmações do primeiro questionário apontou para baixa porcentagem de respostas inadequadas, porém, os policiais civis que participaram da pesquisa apresentaram crenças específicas a respeito da violência contra a mulher com altas taxas de inadequação, incluindo culpabilização da vítima pela permanência na relação violenta, concepções errôneas sobre os efeitos da violência no desenvolvimento da criança e concepções que culpabilizam a vítima pela violência. Contudo, os participantes apresentaram visão mais adequada com relação a algumas crenças, tais como: concepções sobre as mulheres precisarem ou merecerem apanhar e o abuso físico ser mais ameaçador do que o abuso psicológico. As crenças nas quais os policiais civis apresentaram taxa mais elevada de respostas inadequadas podem afetar diretamente o atendimento oferecido por eles às mulheres vítimas de violência. Os resultados também indicaram que a violência doméstica é mais frequentemente vista pelos participantes como agressões físicas, apesar dos participantes demonstrarem um bom conhecimento acerca das diferentes práticas de violência. Adicionalmente, os policiais civis apontaram alguns desafios enfrentados por eles ao atenderem as vítimas de violência, como a falta de capacitação, escassez de funcionários e debilitado estado emocional dos funcionários, que pode produzir um atendimento insuficiente. Como considerações finais aponta-se a necessidade de uma melhor formação aos profissionais no tocante a questões da violência contra a mulher, bem como a elaboração, realização e avaliação de cursos de capacitação para tais profissionais, visando preencher esta lacuna na formação dos mesmos.

Palavras-chave: Atendimento Policial; Crenças Patriarcais; Polícia Civil; Prevenção da Violência; Violência contra a Mulher.

FAMI

Mestrado

FAMÍLIAS ENVOLVIDAS EM VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR: ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO E CONSEQUENCIAS PARA O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS. *Leila Estevão da Silva Cacciacarro Lincoln** (Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Laboratório de Análise e Prevenção da Violência Universidade Federal de São Carlos); Rachel de Faria Brino (Departamento de Psicologia, Laboratório de Análise e Prevenção da Violência - Universidade Federal de São Carlos). ,*

O presente trabalho tem como objetivo levantar e caracterizar como vítimas de violência doméstica enfrentam tais situações, descrever as estratégias utilizadas por vítimas de violência doméstica no enfrentamento desta, descrever os fatores de risco e de proteção identificados neste contexto e verificar a influência desta violência para as crianças, que são expostas a tais situações. Para isso, este trabalho está estruturado em três eixos: resiliência, violência doméstica e desenvolvimento de crianças expostas à violência intrafamiliar. O primeiro eixo diz respeito a resiliência, conceito este que surgiu nos Estados Unidos nos anos 70, e alguns autores consideram que sua definição ainda está em construção na literatura, mas o mesmo pode ser compreendido como um conjunto de processos intrapsíquicos e sociais, que faz com que o indivíduo supere as adversidades da vida, portanto, tendo seu desenvolvimento de uma forma sadia. O segundo eixo descreve que a violência contra a mulher pode ser caracterizada

pela interação do marido/companheiro de intimidar, ameaçar, fazer uso da forma física, bem como fazer algo contra a propriedade da mulher. O terceiro eixo discorre sobre as conseqüências para o desenvolvimento das crianças expostas a este contexto de violência conjugal. Neste estudo, foi feita a escolha, construção e adequação dos instrumentos, sendo eles: entrevista semi-estruturada, aplicada de forma individual às mulheres vítimas de violência doméstica, casadas e com filhos. Em seus respectivos filhos foi aplicada a Escala de Resiliência para crianças e adolescentes de Sandra Prince-Embury, traduzida e validada em 2008, que é comporta por 3 sub-escalas (controle, capacidade de relacionamento e reatividade emocional). Antes da realização da pesquisa, foi feito um teste piloto para estimativa do tempo de aplicação e adequação dos instrumentos. Após aprovação do Comitê de Ética, e os devidos esclarecimentos da pesquisa, participaram da mesma 4 mulheres vítimas de violência doméstica e 3 filhos dessas mulheres. Como resultados, pode-se destacar que as mulheres participantes sofreram violência psicológica e física (apenas duas mulheres relataram ter também sofrido violência sexual). As mulheres apresentaram algumas estratégias de enfrentamento, como por exemplo: a realização de denúncia, apoio de pessoas importantes no cotidiano, apoio de instituição (CREAS e Centro de Referência da Mulher) e bom relacionamento com seus filhos. Em relação à Escala de Resiliência, foi observado que 2 crianças/adolescentes estão na média na sub-escala de controle e a outra criança obteve baixo controle. Em relação à sub-escala de capacidade de relacionamento, 2 participantes estão na média e um obteve alta capacidade de relacionamento. Na sub-escala de reatividade emocional, um participante teve como resultado abaixo da média, outro obteve uma baixa reatividade e o último teve uma alta reatividade. Especificamente nesta sub-escala, quanto maior o índice, mais vulnerável é a pessoa, e apenas uma criança/adolescente apresentou alta vulnerabilidade. É possível apontar, a partir dos resultados, que a violência doméstica sofrida pela mãe têm impacto nos filhos, por meio de diferentes conseqüências e estes, por sua vez, apresentam diferentes maneiras de enfrentamento, sendo necessários novos estudos, com um número maior de participantes, a fim de se identificar tendências neste impacto.

Palavras-chave: Violência Doméstica; Resiliência; Vulnerabilidade; Fator de Risco e Proteção.

FAMI

Mestrado

ESTUDO LONGITUDINAL COM VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR. *Paulo Celso Pereira** (Centro Universitário FAFIBE, Bebedouro) e Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams (Departamento de Psicologia, Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, Universidade Federal de São Carlos),*

Sabe-se que a violência intrafamiliar é um fenômeno internacional, vitimizando, dentre outras pessoas, prioritariamente, crianças e mulheres. A criança pode ser alvo do abuso e/ou estar exposta à violência conjugal; a mulher é a vítima preferencial dessa agressão. Trata-se de um grave fator de risco para o desenvolvimento. O objetivo da pesquisa foi realizar um estudo longitudinal para investigar as vicissitudes ao longo do tempo, de famílias que conviviam com a violência intrafamiliar, para: a) verificar o impacto da violência intrafamiliar no desempenho escolar dos filhos; b) identificar fatores de risco e fatores de proteção presentes no contexto marcado pela violência intrafamiliar e c) identificar história de vitimização do pai e sua concepção sobre violência intrafamiliar. Participaram do estudo, 18 adolescentes, 17 mães e 12 pais, que foram atendidos na condição de vítima ou de agressor pelo Setor Técnico de Psicologia do Fórum Judicial de Catanduva-SP. Os adolescentes foram atendidos na escola e responderam a uma entrevista semiestruturada e ao Inventário de Estilos Parentais (IEP); apresentaram o caderno escolar e o Boletim Escolar para o registro dos conceitos das disciplinas de Português e Matemática e elaboraram uma redação sobre um desenho livre

para a análise da escrita. As mães e os pais foram atendidos nas respectivas casas, respondendo a uma entrevista semiestruturada. Foram seis anos de acompanhamento, com coleta de dados em 2004 e 2005, 2008 e 2010. Os dados obtidos revelaram que para a maioria das famílias dois fatores de risco violência intrafamiliar (contra o adolescente e contra a mulher) e uso de álcool e/ou droga tinham cessado. A condição de pobreza dessas famílias, outro fator de risco, se manteve ao longo do tempo. A média de filhos era de quatro, acima da média nacional, segundo o IBGE; família numerosa é um fator de risco de acordo com a literatura. A baixa escolaridade materna pode ser um fator de risco para o desempenho escolar do filho; as mães tinham menos de 4 anos de estudo e, apesar dessa condição e a presença de violência no lar, ao longo desse período de acompanhamento apenas um adolescente estava evadido da escola. Mais da metade dos adolescentes manteve ou melhorou o desempenho escolar; assim, permanecer na escola atuou como fator de proteção. Ajuda material e/ou financeira oferecida pela família extensa e/ou pelas politicas públicas foram dois fatores de proteção verificados nas famílias com o estudo longitudinal. Dos 12 pais que responderam à entrevista, seis informaram história de vitimização na infância. Os resultados do IEP, aplicado nos filhos antes e depois de um programa de intervenção - Projeto Parceria, conduzido com as mães, revelaram, segundo as respostas daqueles, uma melhora no estilo parental tanto do pai, como da mãe, sendo que, quanto às praticas parentais maternas essa mudança foi estatisticamente significativa.
Palavras-chave: violência intrafamiliar, violência conjugal, estudo longitudinal.
FAMI
Doutorado

VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR CONTRA CRIANÇAS E INTERVENÇÃO PRECOCE JUNTO À FAMÍLIAS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA. *Domitila Shizue Kawakami Gonzaga** (Programa de Pós-graduação em Educação Especial, Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, Universidade Federal de São Carlos) e Rachel de Faria Brino (Departamento de Psicologia, Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, Universidade Federal de São Carlos). ,*
A violência doméstica é reconhecida mundialmente como um dos principais problemas sociais e de saúde pública devido a sua elevada ocorrência. Um aspecto crucial, que caracteriza a violência contra a criança, é a relação de poder dos pais perante os filhos. Trabalhar com as famílias aumenta a probabilidade de a intervenção trazer benefícios para a criança, pois as famílias são as principais responsáveis pela solução dos problemas diários que surgem durante as várias etapas de desenvolvimento de seus filhos. O objetivo desse estudo foi realizar uma revisão bibliográfica a respeito de estudos enfocando intervenções para prevenção da violência contra crianças e adolescentes. A revisão envolveu a identificação de artigos que visavam a violência contra crianças e a capacitação de profissionais da saúde e da educação e o desenvolvimento de práticas parentais e habilidades parentais adequadas em famílias e pais. Com as premissas de que a família é o principal meio de proteção ou de risco para a criança e que as situações de violência contra crianças e adolescentes são prejudiciais ao desenvolvimento infantil saudável, uma vez que crianças e adolescentes como seres em desenvolvimento, psicológica e moralmente imaturos, não conseguem resistir a um familiar adulto que lhes impõe sua autoridade, transformando-os em objetos para agressões. Os principais achados indicam que quanto mais a família toda estiver envolvida nos programas de prevenção e quanto mais cedo estes forem incorporados, melhores serão os ganhos para a criança e para agregar conhecimentos de proteção aos pais. Entretanto, na literatura nacional, ainda são escassos os programas de intervenção precoce que incluem a família e que atentam para as necessidades destas. Além disso, foi visto que os profissionais que trabalham diretamente com crianças em órgãos de proteção às mesmas, têm pouco conhecimento

acerca do assunto e se sentem inseguros frente a essas situações. Dentre os resultados, também não foram encontrados estudos que propusessem um treinamento para pais, que visasse principalmente que os mesmos atuassem como principal protetor da criança contra maus-tratos, possibilitando assim, um desenvolvimento adequado aos filhos. Adicionalmente, esses mesmos estudos apontam que seriam necessários programas de capacitação para pais que objetivassem a família como principal meio de proteção à criança e ao adolescente. Indica-se que são necessários programas que auxiliem os pais que podem apresentar déficits nas habilidades parentais em sua totalidade, que supram saudavelmente o desenvolvimento da criança, atuando como fatores de proteção no enfretamento do fenômeno da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes.

Palavras chave: Intervenção Precoce, Violência Intrafamiliar, Família.

FAMI
Mestrado

Sessão Coordenada: **VITIMIZAÇÃO NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA: ELABORAÇÃO DE INSTRUMENTO, AVALIAÇÃO RETROSPECTIVA E PREVALÊNCIA**

Há carência de estudos brasileiros em relação a quanto ocorre violência a crianças e adolescentes, seja a que é cometida por um adulto em relação à criança, ou a que ocorre entre crianças ou a que é devida a ineficiência dos sistemas governamentais de zelar pelos Direitos dessas, como ter o acesso à Educação formal. Diante dessa lacuna, essa sessão tem como objetivo destacar como importante apontar que a avaliação de prevalência da violência a crianças e adolescentes deve ocorrer por meio do uso de instrumentos com suas propriedades psicométricas avaliadas e adequadas, investigar a prevalência do problema e realizar estudos retrospectivos que permitam inferir as consequências em longo prazo de tal vitimização. Tais objetivos serão alcançados por meio da apresentação de estudos empíricos, derivados de projetos de doutorado.
Psicologia Jurídica, Forense e Criminal

ALUNOS DE 6º. A 9º ANO DE ESCOLAS PÚBLICAS: VITIMIZAÇÃO POR CELULAR E COMPUTADOR E SINTOMAS DEPRESSIVOS.. *Ana Carina Stelko-Pereira**, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência LAPREV - Universidade Federal de São Carlos São Carlos/SP),*
A violência entre alunos com a utilização da tecnologia vem sendo investigada em estudos internacionais, porém há carência de investigações brasileiras sobre o tema. Diante dessa lacuna, esse estudo teve como objetivo avaliar qual a frequência de alunos que dizem ter sido vítimas de ofensas, ameaças ou humilhações por meio do uso do celular e/ou internet. Participaram do estudo 397 alunos, com idade média de 13.34 anos (dp=1.4), sendo 53.4% meninas e estes estavam entre 6º. a 9º ano de duas escolas públicas situadas em um bairro vulnerável socialmente (Índice Paulista de Vulnerabilidade Social igual a 6) do interior de São Paulo. Esses estudantes responderam a Escala de Violência Escolar (EVE) e ao Inventário de Depressão Infantil (Child and Development Inventory). Do total de alunos, 20 recebeu mensagens violentas pelo celular e 15 pelo computador. Não houve relação entre essas formas de vitimização e sexo, a partir de análises por teste qui-quadrado (X^2=0.041, p=0.84 para vitimização por telefone e X^2=0.273, p=0.84). Houve correlação positiva significativa entre ser vítima por celular e índice de depressão (R=0.11, p=0.01), e correlação negativa significativa entre ser vítima por celular e idade (R=-0.15, p=0.02). Não houve correlações significativas em relação a ser vítima por computador, possivelmente por ter sido pequena a porcentagem dos alunos que foram vítimas desse tipo de violência (4%). Apesar das limitações dos estudos correlacionais, como a impossibilidade de controlar terceiras variáveis, esse estudo foi capaz de evidenciar ser necessário atentar para as vítimas desse tipo de violência, pois podem também apresentar sintomas depressivos. Adicionalmente, esses resultados destacaram a importância de se priorizar o ensino do uso adequado da tecnologia digital e de se prevenir o cyberbullying principalmente entre os alunos mais novos, uma vez que conforme aumenta a idade diminui o índice de vitimização. São necessários outros em escolas atendendo público com diferentes características sócio-econômicos, com a análise de outras variáveis como punição por funcionários, violência doméstica, auto-estima, autoria de violência por bullying tradicional e com o uso de técnicas de análises estatísticas mais complexas, como análise de regressão.
Bolsa: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)
Palavras chaves: cyberbullying, depressão, violência na escola
JUR

INVENTÁRIO DE POTENCIAL DE ABUSO INFANTIL - CAP: ADAPTAÇÃO TRANSCULTURAL, FIDEDIGNIDADE E VALIDADE PARA O BRASIL.. *Karyne de Souza Augusto Rios (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência-LAPREV; Centro Universitário Adventista de São Paulo-UNASP); Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência-LAPREV; Universidade Federal de São Carlos-UFSCar).,*

O objetivo geral foi realizar a adaptação transcultural do Inventário de Potencial de Abuso Infantil (CAP) para o Brasil. Os objetivos específicos foram realizar e avaliar a equivalência semântica do instrumento, sua validade de conteúdo e sua validade de constructo. Para avaliar o sentido geral e referencial de cada item, 6 pesquisadores realizaram a tradução do Inventário CAP e o avaliaram, por meio do Formulário para Avaliação de Equivalência Semântica. Um professor de inglês realizou a retrotradução, e 13 cuidadores avaliaram a compreensão dos itens. Em relação ao significado geral, 89.4% dos itens foram considerados inalterados. O Inventário CAP demonstrou um índice de 81.9% de concordância entre os juízes sobre o significado referencial dos itens. No total, 19 itens (12%) do instrumento foram reformulados. Para verificação da validade de conteúdo, participaram três pesquisadores especialistas que atuaram como juízes. Por meio do Formulário para Avaliação da Validade de Conteúdo verificou-se que, quando havia apenas um conceito expresso no item, houve concordância acima de 80%, entre os juízes, em 9 itens (31.1%). Em relação à validade de constructo, participaram 135 cuidadores que foram selecionados por amostragem aleatória simples e responderam ao Inventário CAP e a um questionário sociodemográfico. Bancos de dados de outras pesquisas, realizadas no Brasil, foram utilizadas para ampliar a análise dos resultados. O perfil dos participantes do estudo foi: cuidador com idade média de 35.9 anos, sexo feminino, casado(a), com escolaridade inferior a quatro anos de estudo, com média de 2.5 filhos. Os dados sociodemográficos foram semelhantes aos encontrados nos outros bancos de dados do Brasil e na amostra comparativa norte-americana, excetuando-se, o nível de escolaridade, que foi maior na amostra norte-americana. Para analisar os dados advindos das escalas do Inventário CAP, procedeu-se, primeiramente, a adaptação das escalas de validade do instrumento que possibilitou a definição das notas de corte para o Brasil. Em relação ao escore de potencial para abuso físico infantil, a média de escore da amostra brasileira foi de 180.1 (102.5), resultado superior ao encontrado na amostra norte-americana que foi de 91 (75). A partir da Análise Fatorial de Componentes Principais decidiu-se pela estrutura de 5 fatores, denominados como: sofrimento, infelicidade, rigidez, problemas com a criança e com os outros e disciplina. A estrutura encontrada apresentou similaridades com a análise fatorial original do Inventário CAP, excetuando-se o fator disciplina. Hipotetiza-se que a versão brasileira do instrumento possa apresentar uma estrutura fatorial alternativa à versão original norte-americana, sendo necessário outros estudos a fim de verificar tal hipótese. Por meio do alfa de Cronbach chegou-se ao coeficiente de 0.95 de consistência interna. Em geral, os dados apresentaram resultados positivos sobre a equivalência semântica do instrumento, sua validade de conteúdo, validade de constructo e fidedignidade, confirmando as hipóteses relacionadas à viabilidade de adaptação do Inventário CAP para o Brasil. Entretanto, a fim de gerar um corpo de conhecimento que permita a análise de tendências e relações entre os resultados aqui principalmente relacionadas à verificação da validade de constructo.

Apoio financeiro CAPES

Palavras-chave: abuso físico, adaptação transcultural, potencial de abuso, maus-tratos

Nível do Trabalho: D (doutorado)

Código de área: AVAL - Avaliação Psicológica

MULHERES ENCARCERADAS: BAIXA ESCOLARIDADE COMO FATOR DE RISCO PARA O INGRESSO NA VIDA CRIMINAL. *Gabriela Reyes Ormeno** Centro Universitário Paulista e Lúcia*

Cavalcanti de Albuquerque Williams (Departamento de Psicologia Laprev. Universidade Federal de São Carlos- SP),
A população carcerária a nível mundial e nacional vem aumentando consideravelmente. O total de presos, no Brasil, em dezembro de 2010 era de 496.251, já em dezembro de 2011 passou para 514.582, sendo que 29.347 eram do sexo feminino; no estado do São Paulo o número de encarceradas era de 9.762. A mulher presa brasileira possui o seguinte perfil: mulheres jovens, solteiras, com pouca ou baixa escolaridade, afrodescendentes, com filhos e predominância no envolvimento com drogas seja como usuária ou com tráfico. Estas características colocam tais mulheres em uma situação de vulnerabilidade social. Ao analisar a situação da escolaridade do preso, os dados do Ministério de Justiça apontaram que 42% dos presos brasileiros ou (216.870), possuem apenas o ensino fundamental incompleto; no caso das mulheres encarceradas no Estado de São Paulo 36,8% era (3.601). Tinham o ensino fundamental incompleto. Entende-se por fatores de risco as situações negativas que podem comprometer o bem estar do indivíduo ou seu desempenho social, e fatores de proteção aqueles que podem diminuir as respostas para os riscos no ambiente. Considerando que quanto maior o nível de escolaridade menor a possibilidade de os indivíduos estarem envolvidos em situações delituosas ou de risco, o presente trabalho tem como objetivo descrever a média de escolarização de mulheres encarceradas e apontar as principais dificuldades enfrentadas por elas durante sua trajetória escolar. Participaram do estudo 152 mulheres encarceradas em uma penitenciária e de quatro cadeias do interior do estado de São Paulo. Foram realizadas entrevistas estruturadas com duração aproximada de 60 minutos nas unidades prisionais em ambiente privado. Percebeu-se que 3.0% das mulheres não tinham qualquer instrução formal; 73.7% das participantes realizaram apenas o ensino fundamental, sendo que dessas mais de 60% teve apenas quatro anos de estudo; 16.7% terminaram o ensino médio, 1.3% finalizaram o ensino superior; 4.5% apresentaram ensino técnico ou outros e 1.5% freqüentaram aulas na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE). Ao serem questionadas se por algum motivo, durante sua infância ou adolescência, seus pais foram chamados pelo conselho tutelar, 28.3% das participantes responderam afirmativamente e em 50% dos casos os assuntos estavam relacionados a problemas de disciplina na escola enquanto 50% eram relativos a assuntos envolvendo maus- tratos ou abuso de substâncias por elas ou familiares. Estes dados apontam para a necessidade eminente de se lidar com a baixa escolaridade desta população, assim como, intervir no ambiente escolar, buscando que alunos que apresentem dificuldades de aprendizagem e de comportamento possam se manter na escola, já que está é indiscutivelmente um fator de proteção para o não ingresso na vida criminal.
CNPQ CAPES
Mulheres encarceradas, Educação Inclusiva, Escolarização
D
ESC

PRINCIPAIS FORMAS DE VITIMIZAÇÃO AO LONGO DA ESCOLARIZAÇÃO: RELATO DE UNIVERSITÁRIOS. *Paloma Pegolo de Albuquerque**, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência LAPREV - Universidade Federal de São Carlos São Carlos/SP),*
A violência na escola pode envolver diversos atores escolares, como a vitimização praticada por professores e a agressão repetida por pares, fenômeno conhecido como bullying. Tais experiências podem levar a consequências para as vítimas, como problemas emocionais, intelectuais, sociais e comportamentais. Esse estudo teve o objetivo de identificar os principais tipos de violências vivenciados pelos estudantes no período escolar, a frequência de tais

ocorrências e os agressores principais. Para tanto utilizou-se uma versão traduzida e validada semanticamente do Student Alienation and Trauma Survey (SATS), instrumento retrospectivo sobre as experiências escolares aversivas dos estudantes e os sintomas decorrentes das mesmas para a saúde mental das vítimas. Participaram 691 estudantes universitários pertencentes aos 34 cursos presenciais de uma universidade pública do interior de São Paulo, com média de 21,1 anos, sendo 54,8% do sexo feminino e 45,2% do masculino. Das dez experiências escolares mais citadas pelos participantes, cinco pertenciam à categoria violência relacional , duas a violência verbal , duas a violência física e uma a disciplina injusta . As experiências mais relatadas foram As pessoas me \'zoavam\' , vivenciada por 604 estudantes; Eu fiquei com vergonha , citada por 509 participantes e Me escolheram por último , com 402 citações. A maioria dos participantes, 80,2%, relatou que sua pior experiência envolveu um(a) estudante como autor da violência; 28,6% afirmaram ter sido vitimizados por um(a) professor(a); 5,8% tiveram experiências envolvendo o(a) diretor(a), vice-diretor ou coordenador(a) e 1,7% relataram o envolvimento de funcionários. Em relação ao sexo do agressor, 53,4% era do sexo masculino, 43,4% do sexo feminino e 12,6% relataram o envolvimento de agressores dos dois sexos. A idade de início da pior experiência escolar foi em média 12,3 anos, variando de 4 a 20 anos; sendo que na época 71,3% dos participantes estavam no Ensino Fundamental, 19,5% no Ensino Médio e apenas 2% na Educação Infantil. Em relação à duração da experiência, 32,1% afirmaram ter durado apenas um dia , 19,4% dias ou semanas , 22,6% meses , 8,4% um ano e 10,5% relataram ter durado anos . Sobre o grau de incômodo a partir da vivência da pior experiência escolar, a maioria, 55,4%, afirmou ter se incomodado muito ; 35,6% se incomodou um pouco ; e 6,8% não se incomodaram . Além disso, 45,3% afirmaram que obtiveram algo de bom ou positivo com a experiência, apontando alguns fatores de proteção, como bom relacionamento com funcionários escolares, amparo familiar e amizades. A partir dos resultados foi possível traçar um esboço de como a violência se expressa nas escolas, apontando para a gravidade e frequência dos principais tipos de vitimização escolar. Os dados encontrados podem auxiliar programas de intervenção que, além de buscarem prevenir e reduzir casos de vitimização escolar e de bullying, podem conscientizar professores e demais funcionários sobre os males que uma única experiência traumatizante pode trazer, prejudicando o desenvolvimento sócio-emocional e acadêmico do indivíduo.

Bolsa: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)
Apoio Financeiro: CNPq Produtividade
Palavras-chave: Violência Escolar, Bullying, Experiências traumáticas
D
ESC Psicologia Escolar e da Educação

Sesiones paralelas: **La inclusión de la perspectiva de género en el ámbito académico**

En esta sesión se considera relevante el tema a tratar dado que parte de la base de la necesidad de analizar el papel que tiene hoy la inclusión de los temas de género en el ámbito académico, considerando que el género se ha posicionado como una categoría para el análisis de la desigualdad desde hace más de treinta años. Pero a pesar del auge de lo que se ha denominado Estudios de Mujer o Estudios o Escuelas de Género, no ha habido una transversalización e inclusión de los conceptos en todas las disciplinas y en este caso, el simposio pretende analizar la situación en la psicología, particularmente la psicología social. Todo esto reconociendo que la psicología, estudia la exclusión y marginación y desde distintas áreas, como es el caso de la psicología clínica, trabaja los efectos de la discriminación de la que han sido objeto las mujeres, como consecuencia de la construcción de género basada en patrones de socialización de la cultura que reafirman la desigualdad. Las autoras consideran que el simposio es un aporte a la formación de profesionales de la Psicología para avanzar hacia una sociedad en donde la igualdad entre los seres humanos deje de ser un discurso muchas veces considerada una utopía y trabaje por la igualdad de oportunidades entre hombres y mujeres. Así mismo en el análisis que hacen de los retos proponen líneas de acción basadas en la colaboración, en la creación de alianzas y la cooperación internacional como estrategias para avanzar en la equidad.
Psicología Social

Los retos y dificultades para la inclusión de la perspectiva de género y el lugar de los feminismos en el medio académico en la Universidad Simón Bolívar de Barranquilla, Colombia. *MG. García Acuña Yomaira** (Programa de Psicología, Instituto de Investigaciones, Universidad Simón Bolívar, Barranquilla, Colombia),*
El trabajo tiene relevancia al vincular al mundo de la psicología dos temas que a menudo no son considerados en este campo, como son los feminismos y la perspectiva de género. Los primeros, ubicados en el plano de los derechos, y al tener un lugar destacado en la historia de la humanidad, deben tener su inclusión en esta disciplina. Por su parte, la incorporación de la perspectiva de género, es una estrategia para el logro de la igualdad entre hombres y mujeres y como tal fue establecida en la Plataforma de Acción para la promoción de la Mujer en Beijing durante la Cuarta Conferencia Mundial sobre la Mujer en 1995, y fue firmada por más de 100 países entre ellos Colombia. Una de las 12 Líneas de Acción se refiere a la educación y a pesar de los avances en el acceso de las mujeres a la educación superior, esto no ha ido acompañado de otras medidas que garanticen el logro de la igualdad. Los movimientos de mujeres, reclamaron que era necesario ir más allá de una incorporación de las mujeres al mundo universitario: es necesario un replanteo de las prácticas que perpetúan la desigualdad y esto pasa por la revisión de los planes de estudio, las metodologías, el análisis de los textos es decir todo el sistema educativo. La autora reconoce los avances y al vincular la perspectiva de género como un asunto relacional se reconoce que la igualdad sólo es posible, con la vinculación también de los hombres. Destaca que la psicología trabaja con categorías vinculadas a situaciones que afectan a las personas como la discapacidades, la raza , etnia , el nivel socioeconómico, etc. El género es una categoría que permite ver las diferencias entre hombres y mujeres y cómo afectan los patrones que se definen en función del sexo a cada uno de ellos. La ponente muestra cómo a pesar de los avances desde lo público, poco es lo que se hace en la práctica desde los medios universitarios por incluir en los currículos esta perspectiva y así lo muestra soportado en los resultados a partir de los resultados de sus investigaciones, examinado los temas de trabajos de grado, análisis bibliográfico y el currículo visto a través de los planes de estudios de tres Programas académicos: psicología, Trabajo Social y Derecho. Se considera de relevancia las conclusiones del trabajo, las cuales se dirigen a una propuesta de revisión crítica de la formación de profesionales en Psicología, los retos y dificultades para

trabajar el tema, particularmente en un país como Colombia atravesado por conflicto armado desde hace más de 60 años, lo que le agrega otro carácter a la formación. También destaca la importancia de la articulación con investigadoras de otras universidades y de otros países para realizar alianzas, y desarrollar trabajos conjuntos, y cita como ejemplo el Proyecto SIFIIO, que se llevó a cabo bajo la coordinación de la Dra. Tomasa Luengo de la Universidad de Valladolid, con vinculación no sólo de docentes sino de estudiantes

Análisis y propuestas desde la perspectiva de género de la bibliografía en el programa de la licenciatura de psicología de la FES Iztacala. *Dra. Aguado Herrera Irene (Departamento de Psicología, Universidad Nacional Autónoma de México, FES Iztacala, México, México,D.F; Dra. Palomino Garibay Laura (Departamento de Psicología, Universidad Nacional Autónoma de México, FES Iztacala, México, D.F, México);,*

La exclusión y marginación de la que han sido objeto las mujeres como consecuencia de la construcción de género basada en la desigualdad y la discriminación ha tenido como resultado su exclusión o presencia marginal en el mundo público. El ámbito de la educación superior no es la excepción a esta situación, y se encuentra en todos los niveles, como estudiantes, docentes e investigadoras, y en las prácticas que se sostienen. En consecuencia los ámbitos de la investigación, así como de la producción y la transmisión de conocimiento han sido construidos desde una perspectiva masculina a partir de la cual lo universal, lo humano se interpretan y se reducen desde y a lo masculino. Gracias al constante y persistente movimiento por la vindicación de la posición y derechos de la mujer se han dado cambios que ha propiciado una mayor presencia de las mujeres en todos los espacios y prácticas sociales; entre ellos el de la educación superior. De tal suerte que la presencia de las mujeres se ha modificando de manera significativa al pasar por ejemplo de 1920 a 2000 de un 20 a un 49.6 por ciento de matrícula femenina a nivel licenciatura de manea global, siendo la presencia femenina mucho alta en las llamadas carreras femeninas alcanzando hasta un 90 por ciento en algunas carreras. A nivel del personal académico también se encuentra la misma tendencia ya que ha pasado de un 13.4 por ciento en 1960 al 39.5 por ciento en 2000 de mujeres. Sin embargo, la sola presencia de un mayor número de mujeres en las aulas, la docencia y la investigación no basta para transformar el carácter monogenérico que la educación superior ha tenido; también es necesario analizar y modificar las lógicas institucionales que reproducen o trasmiten prácticas discriminatorias e inequitativas dentro este ámbito. Entre los diferentes aspectos en los que se pueden llevar estas acciones están: el laboral, el administrativo, el legislativo y el curricular. Con este marco de referencia se puede señalar que la relevancia del trabajo que se presenta consiste en: Realizar un análisis de los contenidos curriculares de la carrera de Psicología de la UNAM FES Iztacala, a fin de romper con una tradición androcéntrica y dar lugar a una formación que se formule desde la perspectiva de género. Elaborar propuestas tendientes a visibilizar las aportaciones teóricas y metodológicas realizadas por autoras en el campo del conocimiento y la investigación psicológica en los contenidos que se imparten en la licenciatura de Psicología. A partir de lo anterior impulsar que los contenidos curriculares se formulen teniendo como uno de sus ejes rectores el análisis que la implicación desde el género tiene tanto en el proceso de producción de conocimiento como en su transmisión.

Construyendo redes para una cultura de equidad: Enfoque de Género y Universidad. *Dra. Luengo Rodríguez Tomasa (Departamento de Psicología, Universidad de Valladolid, Valladolid, España; Dra. Rodríguez Suaza Carmen (Departamento de Sociología y Trabajo Social, Universidad de Valladolid, Valladolid, España).,*

Las autoras parten de que las universidades españolas han asumido las demandas de la sociedad y los lineamientos establecidos en la Ley Orgánica 3/2007 de 22 de marzo para la

igualdad efectiva entre mujeres y hombres, la cual establece entre otros artículos que :El sistema educativo incluirá entre sus fines la educación en el respeto de los derechos y libertades fundamentales y en la igualdad de derechos y oportunidades entre mujeres y hombre (Artículo 23). Así mismo, retoman La Ley Orgánica 4/2007, de 12 de abril, por la que se modifica la Ley Orgánica 6/2001, de 21 de diciembre de Universidades, haciéndose eco de la necesidad de igualdad se pronuncia de la siguiente forma en la Exposición de Motivos: Esta Ley no olvida el papel de la universidad como transmisor esencial de valores. Esta Ley impulsa la respuesta de las universidades a este reto a través no sólo de la incorporación de tales valores como objetivos propios de la universidad y de la calidad de su actividad, sino mediante el establecimiento de sistemas que permitan alcanzar la paridad en los órganos de representación y una mayor participación de la mujer en los grupos de investigación. De igual forma se basan en lo establecido en el Real Decreto, la ANECA ha elaborado un Protocolo de Evaluación de Títulos Universitarios Oficiales de Grado y Master de la ANECA, de 18 de febrero de 2008. En el Protocolo, además de recordar que tanto en los objetivos relacionados con las competencias generales y específicas como en la planificación de la enseñanza se deben incluir los principios establecidos en el Real Decreto relativos a la igualdad entre hombres y mujeres. No obstante, en demasiadas ocasiones se da por conquistado el equilibrio entre hombres y mujeres porque ya hay una ley que así lo contempla, lo que genera la idea de que no es necesario hacer nada más. Sin embargo, la práctica diaria en las aulas nos ofrece ejemplos de enorme distancia entre la igualdad legal y la igualdad real. El estudio de las cuestiones relativas a la igualad entre hombres y mujeres es piedra angular en la construcción de la sociedad del conocimiento, y su tratamiento es imprescindible en todos los niveles educativos, especialmente en el ámbito universitario. La Universidad, como espacio del conocimiento y la libertad, debería custodiar la conquista de la igualdad, ser la institución donde todas las personas pudieran lograr el desarrollo integral de sus capacidades. En este sentido, integrar la perspectiva de género en todas aquellas disciplinas concomitantes con la igualdad, generadoras de cambios psicológicos y sociales (identidades), y hacerlo desde una óptica interdepartamental, pluriinstitucional y transversal (mainstreaming), puede ayudar a construir ese espacio de conocimiento, de democracia

Los grupos de discusión como técnica para recabar información en la investigación de la violencia de género contra las mujeres en Aguascalientes. *Mg. Carrillo Flores Irma** (Departamento de Educación, Universidad Autónoma de Aguascalientes);,*

Relevancia: Los investigadores tenemos a nuestra disposición un conjunto muy variado de diseños, estrategias y técnicas metodológicas para desarrollar los estudios de género. En el grupo de las técnicas de conversación contamos con los grupos de discusión que en combinación con la estrategia de encuesta, mediante cuestionarios cerrados y semiabiertos permitieron en el trabajo los grupos de discusión como técnica para recabar información en la investigación de la violencia de género contra las mujeres en aguascalientes confirmar que los grupos de discusión son un recurso valioso y eficaz al hacer acopio de información. Los investigadores tenemos a nuestra disposición un conjunto muy variado de diseños, estrategias y técnicas metodológicas para desarrollar los estudios de género. En el grupo de las técnicas de conversación contamos con grupos de discusión que en combinación con la estrategia de encuesta, mediante cuestionarios cerrados y semiabiertos permitieron en el trabajo los grupos de discusión como técnica para recabar información en la investigación de la violencia de género contra las mujeres en aguascalientes confirmar que los grupos de discusión son un recurso valioso y eficaz al hacer acopio de información.

El instrumento grupos de discusión es una guía de entrevista abierta colectiva que se compone del Modelo gráfico del protocolo de Acompañamiento y los flujo-gramas de los protocolos de Atención, Contención y Tratamiento de agresores. Este documento es el apoyo de la

coordinadora. Le servirá para poder guiar a los participantes y respetar los lineamientos que se requieren, así como obtener la información de acuerdo a los temas a considerar. Primero, se entrega a los participantes el modelo gráfico y los flujo-gramas correspondientes a cada protocolo, como recordatorio de lo visto en la capacitación y para facilitar su participación en el grupo de discusión. Este elemento lo llamaremos: Conocimiento de los protocolos de actuación. El siguiente elemento a indagar es la viabilidad de los protocolos, posteriormente se recupera información sobre fortalezas, debilidades y sugerencias para mejorar estos protocolos. La información obtenida, posteriormente será la materia prima para realizar mapas conceptuales con ayuda de la herramienta computarizada del mindjet Mind Manager. El MindJet MindManager, en este estudio, ayudó a elaborar mapas conceptuales, es decir, instrumentos de representación de los conocimientos sencillos y prácticos, que permiten transmitir con claridad mensajes conceptuales complejos y facilitar tanto el aprendizaje como la enseñanza. Para mayor abundamiento, adoptan la forma de grafos.
Este método de investigación que combina dos tipos de conocimientos: el conocimiento teórico y el conocimiento de un contexto determinado, implica un esfuerzo conjunto entre los profesionales y entrevistados. El criterio de verdad se desprende de discusiones cuidadosas sobre informaciones y experiencias específicas. Permite la generación de nuevos conocimientos al investigador y a los grupos involucrados así como el mejor empleo de los recursos disponibles con base en el análisis crítico de las necesidades. El enfoque etnográfico en este estudio, se realiza al recabar hechos observados y registrados por el grupo relator que serán sujetos a la descripción y a las proposiciones que de ellos haga el equipo investigador. Se trata entonces de una manera de recabar información muy util en la Psicología cuando es necesario reunir información de uno o varios sujetos en estudio

Trayectoria de las mujeres en las instituciones de salud. *LAURA PALOMINO GARIBAY**, IRENE AGUADO HERRERA** (UNAM FES Iztacala, México).,*
El presente trabajo tiene como propósito exponer los avances del trabajo realizado por las ponentes sobre la trayectoria de las mujeres en el campo de la salud, trabajo que dividen en tres momentos, el primero de ellos ubican los referentes teóricos que guían el documento. En un segundo momento presentan los avances de la matriz bibliográfica que muestra los puntos de análisis que se realizan y finalmente proponen algunas líneas de reflexión. El trabajo destaca como un hecho indiscutible, soportado en estadísticas el proceso de feminización de la matrícula universitaria, su crecimiento y las preferencias de hombres y mujeres sobre ciertas carreras lo que permite prever que existirá un impacto en las instituciones laborales donde se insertan las egresadas toda vez que las expectativas profesionales desde lo femenino difieren de lo masculino. Es necesario señalar que en los últimos cincuenta años la incorporación laboral femenina ha ido en aumento, por lo cual se hace necesario recuperar la trayectoria que han mostrado en las instituciones de salud, carreras como la medicina, odontología, enfermería, trabajo social; nutrición y psicología. Así, investigar su trayectoria es el punto de partida para delimitar el lugar desde el cuál se puede recuperar el impacto de la presencia de la mujer en el área de la salud. La relevancia del presente trabajo se encuentra en: Analizar los espacios y el lugar que ocupan las mujeres dentro de la organización de las instituciones prestadoras de servicios de salud como indicadores de los cambios que se han propiciado contribuye a documentar una mayor presencia en actividades que actúan como extensión del papel de lo femenino y menor presencia en los lugares de toma de decisiones lo cual supedita sus acciones a políticas de índole masculina. Debatir la relación entre la formación profesional de las mujeres en carreras de la salud y su inserción laboral permite reflexionar las políticas educativas que subyacen a la formación académica lo cual permite retroalimentar a las instituciones formativas sobre la importancia de incluir la perspectiva de género en sus planes y programas para favorecer relaciones diferentes en lo laboral y en la redefinición de roles

profesionales. Reflexionar sobre la trayectoria de la inserción laboral de las mujeres supone atender cuestiones de coherencia educativa lo cual favorece la puesta en práctica de aspectos de inclusión de lo masculino y femenino que permitan crear una cultura laboral de equidad

Sesiones paralelas: **Logros y retos: Experiencias de investigación Psicología del Trabajo y las Organizaciones en Colombia**

A partir de la temática definida en este evento sobre Psicología sin fronteras presentamos desde Colombia y desde la Red de Investigadores en Psicología del Trabajo y las Organizaciones los siguientes trabajos que corresponden a proyectos desarrollados por algunos grupos de investigación pertenecientes a dicha Red. El VIII Congreso Iberoamericano de Psicología - FIAP - Sao Pablo, Brasil, 17 al 20 de octubre de 2012 nos permitirá presentar a la comunidad académica avances de trabajos de investigación desarrollados en reconocidas universidades del país, y a la vez, fortalecernos como grupo para asumir los nuevos retos con miras a lograr la integración de esfuerzos académicos, de proyección social, de investigación y de formación de investigadores de Iberoamérica.
Psicología del Trabajo y de las Organizaciones

LA EXPERIENCIA DISCURSIVA DEL METAVERSO SECOND LIFE EN LA COMPRENSIÓN DEL CONFLICTO ORGANIZACIONAL. *Luis Felipe González-Gutiérrez/Universidad Santo Tomás,*
El presente trabajo de investigación tiene por objetivo establecer los aportes conceptuales y metodológicos de la ciencia social performativa y la simulación virtual de prospección de problemas sociales y culturales para la comprensión cualitativa del conflicto organizacional. Para tal fin, se consideran los aportes del metaverso Second life para crear un escenario de simulación de un contexto organizacional (unos consultorios en psicología) en los que se han creado dos situaciones potencialmente conflictivas, en el que sus participantes (gracias a las interacciones con otros avatares dentro de la simulación) crean estrategias de resolución del conflicto, a partir de la identificación con los roles diseñados dentro del escenario. La metodología es cualitativa, específicamente orientada al análisis del discurso. Como producto de esta investigación, se ha creado un juego de rol en second life, para indagar las experiencias de participación de los participantes, además de encontrar formas de comprensión del conflicto en las organizaciones a partir de miradas narrativas, construccionistas sociales y performativas. Como resultados del estudio, se rescata la interacción de las tecnologías de la información y la comunicación, la utilización del metaverso second life y la creación de niveles de realidad, expresados en un juego de rol interactivo, que accede a la creación conjunta y a los principios de la inteligencia colectiva, como motores de la interacción humana y la consolidación de respuestas actualizadas y narrativas sobre lo que se entiende por conflicto en las organizaciones.

EMPLEABILIDAD Y MERCADO LABORAL. *María Constanza Aguilar/Universidad Santo Tomás,*
Los cambios económicos, tecnológicos, sociales y culturales que se viven en las organizaciones en general, Colombia no es la excepción, crean nuevos retos a las instituciones de educación superior. Uno de éstos, es la evaluación permanente del impacto que en la sociedad tienen los procesos académicos y para esto es necesario generar estrategias que permitan conocer el impacto de su acción y al mismo tiempo, identificar nuevas demandas formativas en cada una de las prácticas profesionales, todo ello con la finalidad de responder a las necesidades sociales.
Es, en este contexto, cuando la transición de los jóvenes de la universidad al mundo del trabajo es un fenómeno complejo que se da en múltiples puntos y niveles del sistema educativo y productivo, presentando en cada caso una problemática propia (Burke y Cooper, 2002). Si se analizan las trayectorias educativas y laborales (Rentería, García, Restrepo y Riascos, 2007) en la vida de las personas, se puede identificar que se desarrollan en distintos ámbitos y que influyen en su desarrollo todos ellos significativos para su presente y su futuro (p. 3) (Gallart y Bertoncello, 1997). Por lo general, las personas son trabajadoras y su participación social en

el mundo del trabajo y en la sociedad en general, como afirman estos autores, puede depender de la adquisición equitativa de competencias que les permitan discernir libremente sus opciones y faciliten trayectorias de crecimiento a lo largo de la vida (p. 4) .

Una vez, las personas egresan de las instituciones de educación superior se espera, - como expectativa social que se construye-, que todos tengan al menos una oportunidad de competir por la obtención de trabajos calificados/competentes de acuerdo con su formación, que a su vez, les permitan fortalecer sus aprendizajes y competencias. Este esfuerzo no es tarea solamente de las instituciones de educación, sino que también le compete a las diferentes instancias públicas y privadas, empresarios, que definen parte de las políticas de empleo y de integración social.

Este proyecto de investigación se concentró en el paso de la vida universitaria al trabajo como experiencia laboral con una característica importante y es que los profesionales debían tener un trabajo coherente con la formación realizada y con la trayectoria educativa. Adicionalmente, se incluye el análisis de los antecedentes y las consecuencias de la empleabilidad como una cuestión de especial relevancia práctica pues se requiere el incremento del conocimiento en un campo donde las conclusiones derivadas de datos empíricos son muy escasas (Fundación Chile, 2004) y más aún, se considera importante para la psicología del trabajo y las organizaciones, identificar las relaciones entre formación, inserción laboral y empleabilidad desde el punto de vista de los egresados de instituciones de educación superior.

En el marco de esta investigación, se presenta este trabajo que describe la posición actual de los psicólogos en el mercado laboral, su capital de movimiento, la facilidad de movimiento percibido, el contexto, factores externos o contextuales, transición, disposición al movimiento para tomar otro empleo con un empleador nuevo o la disposición para moverse a otro proceso y/o actividad dentro/fuera de la organización, eventos de choque o situaciones que llevan al individuo a hacer juicios deliberados sobre el hecho de mantener o dejar su empleo, actividades de mejora del capital de movimiento o llevar a cabo acciones que enriquecen oportunidades y disposición para mantener y mejorar el propio capital de movimiento, según Forrier y Sels (2003). Se llevó a cabo un estudio de caso en una institución de educación superior, en Bogotá, Colombia, con la participación de 22 psicólogos. Los resultados se analizaron a nivel cuantitativo, descriptivo a través del SPSS 15.0 y, del SPAD versión 5.0. Se presentan los resultados descriptivos y se evidencian aspectos importantes sobre la percepción que tienen acerca de las oportunidades de empleo que ofrece el mercado laboral colombiano.

DISEÑO, ELABORACIÓN Y VALIDEZ DE CONTENIDO DE UN MODELO DE FORMULACIÓN EN PROBLEMÁTICAS ORGANIZACIONALES, BASADO EN OBM. *Irma Yaneth Gómez/Fundación Universitaria Konrad Lorenz,*

Para el siglo XXI las empresas públicas y privadas requieren de los Psicólogos para mantener y mejorar sus procesos productivos, lo cual a su vez, obliga al psicólogo del nuevo milenio a capacitarse gradualmente para analizar científicamente el comportamiento Organizacional. Hoy, la Psicología Organizacional reconoce que las organizaciones son sistemas sociales complejos y que los determinantes de la conducta de un individuo dentro de la organización se deben considerar desde el punto de vista de todo un sistema social. El desarrollo de nuevas teorías en las ciencias físicas, biológicas y sociales, han planteado formas diferentes de ver los problemas de orden psicológico. Los grandes y rápidos cambios que ha sufrido la tecnología y la sociedad durante las últimas décadas, han obligado a científicos y profesionales a reconocer la interdependencia de factores humanos y tecnológicos y la necesidad de desarrollar teorías y conceptos que puedan explicarla (Pérez & Cols, 2004) .

El propósito del presente trabajo fue diseñar, elaborar y realizar el análisis de contenido de un modelo de formulación en problemáticas organizacionales basado en los planteamientos de OBM (Organizacional Behavior Modification), para lo cual se realizó una revisión documental de la literatura disponible en el campo de diagnóstico y formulación organizacional a nivel nacional e internacional, así como de las investigaciones que se han realizado para probar los diferentes modelos disponibles tanto en la psicología organizacional como en OBM. Posteriormente, se diseñó el modelo de formulación a partir de las variables internas y externas de la organización, así como las variables asociadas al comportamiento humano dentro de las organizaciones, luego, se elaboró la matriz de formulación, junto con los respectivos formatos de soporte, para finalmente realizar en análisis de contenido a partir de la validación por jueces expertos del modelo planteado. La evaluación desarrollada por los expertos, permitió realizar una serie de correcciones al modelo en sus componentes teóricos y metodológicos. Después de los ajustes realizados se puede afirmar que, en términos generales, el Modelo FIPO-OBM es válido, tomando en cuenta las categorías evaluadas.

VALIDEZ DE CONTENIDO, PROPIEDADES PSICOMÉTRICAS Y ANÁLISIS FACTORIAL DEL SBI UN INSTRUMENTO PARA EVALUAR BURNOUT EN ADOLESCENTES. *Diana Riaño-Hernández/Universidad Santo Tomás,*

Freudenberg conceptualizó el síndrome de burnout como el sentimiento de cansancio absoluto.Estudios recientes han trasladado el concepto de burnout al contexto escolar, dadas las similitudes entre este contexto y el laboral. Los estudiantes están expuestos a una sobrecarga de información en el medio escolar, generando en los estudiantes estados de apatía, baja autoestima, depresión y ansiedad. Se conceptualiza el síndrome por medio de tres dimensiones: 1. agotamiento por las demandas de la escuela (fatiga crónica por la sobrecarga escolar). 2. Cinismo (indiferencia hacia la escuela) 3. Sentido de eficacia en la escuela (sentimiento de incompetencia como estudiante).

Debido a la existencia de burnout en estudiantes adolescentes, resulta relevante evaluar el burnout en el ámbito educativo, siendo además necesario contar con instrumentos que permitan evaluar el burnout en el contexto escolar. Por ello, el propósito de este estudio es validar y examinar las propiedades psicométricas de la adaptación del SBI para población adolescente colombiana, para este fin se ha realizado la validez de contenido y se han analizado las propiedades psicométricas junto con el análisis factorial exploratoria del SBI. Para la validez de contenido se realizó un juicio de de nueve expertos, seleccionados según su especialidad, junto con una entrevista cognitiva realizada a 28 adolescentes escolarizados de la ciudad de Bogotá. Los jueces completaron un formulario en el grado de comprensión y equivalencia de cada uno de los ítems y los adolescentes respondieron al protocolo de la entrevista donde se hizo énfasis en posibles dificultades en la comprensión de cada ítem. Los resultados fueron analizados teniendo en cuenta tres criterios: a) Los comentarios de los jueces sobre el Ítem, b) Coeficiente V de Aiken y c) Porcentaje de total acuerdo en equivalencia y comprensión que estos brindaron, estos tres criterios, también se tuvieron en cuenta con los resultados de los participantes o sujetos en el proceso de Entrevista Cognitiva. Los resultados muestran que el análisis de las características del instrumento, es adecuado para la población, indicando que el SBI es una herramienta comprensible para la población a la cual va dirigida. Luego de contar con un instrumento adaptado a población colombiana, se procedió a evaluar 567 adolescentes; pertenecientes dos colegios de la ciudad de Bogotá. La edad estuvo comprendida entre los 12 y los 19 años. Se realizó el análisis de las propiedades psicométricas del SBI en una muestra adolescentes colombianos, donde se puede concluir, en primer lugar, los ítems presentan adecuadas propiedades psicométricas, lo cual asegura que cada uno de ellos, es pertinente para la evaluación del Burnout Escolar en adolescentes. En segundo lugar,

el AFE muestra la estructura de tres dimensiones, al igual que los autores originales. Finalmente, se evidencia para la escala total una fiabilidad de 0,80 específicamente para la dimensión de agotamiento = 0,65, cinismo = 0,63 y eficacia = 0,55. El presente estudio ofrece por tanto el primer instrumento para evaluar el burnout en estudiantes adolescentes colombianos.

Sesiones paralelas: **PSICOLOGIA HISTÓRICA-CULTURAL: APROXIMACIONES EPISTEMOLÓGICAS PARA LA INVESTIGACIÓN EN CONTEXTOS**

La presente propuesta se somete a consideración del comité científico de la 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia bajo la modalidad SESSÕES COORDENADAS . Se trata de un grupo académicos de instituciones universitarias de dos países Universidad de San Buenaventura Cali (Colombia) y Universidade de Brasília (Brasil) cuyos intereses epistemológicos, teóricos, metodológicos y políticos tienen convergencia en lo que se ha conocido como psicología desde la perspectiva histórico-cultural. Esta visión paradigmática ha sido relativamente desconocida en buena parte de los círculos académicos y científicos, en tanto todavía éstos conservan un significativo, e incluso hasta hegemónico, acervo de las pretensiones positivistas que le apostaban a las explicaciones lineales, causales, a-históricas y desarrollistas. Una de las consecuencias de esa concepción científica dominante fue la negación de la subjetividad como dimensión articuladora de varias esferas que se integran en la experiencia del sujeto concreto.

Esta invitación no pretende descalificar esa visión monolítica de la realidad que representa el positivismo, toda vez que este ha mostrado ser pertinente para el progreso de ciertas áreas del conocimiento. Un ejemplo de ello son la industria y la tecnología, sectores que lograron acumular una amplia información y capital financiero sin parangones en la historia reciente de Occidente. No obstante, también tenemos la convicción de que los actuales problemas de la sociedad y que conciernen a la psicología , la tecnologización de la relación profesor - estudiante, las transiciones subjetivas en la escuela y los trastornos en la salud mental, temas específicos que abordaremos en nuestras presentaciones precisan de una cosmovisión que esté más allá de la otrora lógica científica centrada en la relación mecánica de variables.

Evitamos, así, cualquier búsqueda de conocimiento objetivo y asumimos que también metodológicamente el investigador se posiciona subjetivamente frente a los fenómenos a estudiar. Por tanto, con los temas a trabajar en esta mesa, tenemos la intención de mostrar cómo al retomar la subjetividad dentro de la investigación reducimos considerablemente el apego a un modelo de reglas objetivas. Así, nos ubicamos como investigadores que no pretenden la búsqueda de la verdad absoluta, ni neutralidad en su trabajo, por el contrario, apelamos a una visión flexiva y compleja de la realidad, la cual no puede ser aprehendida totalmente en la pesquisa, buscando armonizar epistemología, teoría y metodología. En la práctica, no se trata solamente de un problema epistemológico de las comunidades científicas, sino también un asunto que tiene sensibles implicaciones de tipo socio-político y ético. En este sentido, partimos de la hipótesis de que insistir en un paradigma esencialista, universalista y determinista de lo psíquico deja por fuera una gran cantidad y variedad de elementos significativos para la comprensión e intervención de las demandas más apremiantes de los sujetos y sus tejidos socio-culturales. Por esta razón, nos inscribimos y creemos en una línea de trabajo que asume los siguientes presupuestos de base:

1) una concepción ontológica de tipo dialéctico-constructivo, que nos lleva a comprender que la constitución de la subjetividad se produce en la tensa y abierta imbricación entre el sujeto, el tiempo y el contexto.

2) una innovadora forma de imaginar la relación entre los científicos, los sujetos estudiados y las problemáticas sociales, en la cual la reflexividad epistemológica permite constantemente cuestionar las teorías, las presunciones morales y éticas del investigador y las metodologías que se emplean en los abordajes investigativos e interventivos.

3) una conciencia del papel social que cumplimos quienes estamos vinculados a centros investigativos e instituciones educativas. Este papel no solo nos lleva a ser productores y consumidores de la industria científica de las publicaciones; también nos exhorta a ser sujetos

que, en el marco de las ciencias sociales y humanas, contraemos una responsabilidad social frente al malestar subjetivo de este mundo en transición.
Con lo anterior, juzgamos que las cuatro temáticas tanto en conjunto como de manera independiente, proporcionan elementos de análisis para pensar problemáticas actuales que son de interés de nuestra disciplina. La apertura para que la novedad sea integrada en la investigación científica, pasa a ser premisa básica para la construcción de un pensamiento cualitativamente diferenciado, comprometido con la realidad a la cual nos remitimos. Siendo fieles a este compromiso, confiamos en que una discusión de esta naturaleza, como la que proponemos para el presente congreso, enriquezca nuestra mirada científica y nuestra capacidad de agencia social, posibilidad que representa desdoblamientos ingentes para la paulatina edificación de una sociedad más digna, solidaria y significativa.

Otras

CONSIDERACIONES SOBRE LA PSICOLOGÍA CULTURAL: EL GIRO EPISTEMOLÓGICO EN LA MIRADA. *JOSE FERNANDO PATINO TORRES - UNIVERSIDAD DE SAN BUENAVENTURA CALI COLOMBIA*
El presente texto es un ejercicio de investigación epistemológica en el cual se hace una exploración de los elementos que llevaron al surgimiento de la epistemología cualitativa, nuevo pensamiento paradigmático en la psicología caracterizado por un giro complejo en la mirada. Para llevar a cabo este cometido, se realiza una caracterización de las condiciones históricas y socio-políticas ocurridas en la naciente sociedad capitalista y que dieron origen a la psicología occidental de finales del siglo XIX e inicios del XX, cuyas concepciones resultaron siendo una herencia acrítica de la cosmovisión de las ciencias modernas y sus tres pilares fundamentales: la división, el análisis y la síntesis. El autor parte de la tesis de que es urgente construir una reflexión filosófica y política para comprender cómo cierta parte de la psicología devino como una disciplina cuyo objeto quedó confinado a las restricciones de los métodos de las ciencias positivistas. Es una psicología a-ontológica pero instrumentalmente útil para las nuevas formas de producción cultural, social y económica, enmarcadas en las coordenadas sociales de los estados modernos. Empero, esta revisión también contrapone, ante esa hegemonía, el surgimiento de una visión alternativa iniciada en la perspectiva histórico-cultural de los trabajos de Lev Vigotsky, y continuada por autores actuales como Fernando Luis González Rey, Jerome Bruner y Michael Cole, camino que ha posibilitado desdoblamientos de gran calado para constituir otra forma paradigmática de ciencia psicológica que va a poner a la subjetividad en el centro de la discusión epistemo-ontológica. Asumir la subjetividad como objeto es una decisión que promueve nuevas concepciones, prácticas y roles para los investigadores que ahora se ubican como sujetos sensibles hacia las personas y situaciones que estudian, así como creadores de múltiples escenarios sociales investigativos y productores de comprensiones más abarcantes sobre los problemas psicológicos contemporáneos. Este trabajo tiene, como propósito más significativo, desnaturalizar las formas dominantes que han dado lugar a una psicología sin sujeto. Una psicología que, desde su lugar de ciencia mistificada, desconoce los elementos más importantes del acontecer subjetivo en la compleja madeja social, por el proclive uso a-crítico de las teorías y los métodos. No solo es un problema de formación profesional en los psicólogos, es también un asunto ético y político que escasamente se examina. En últimas, el giro epistemológico propiciado por la epistemología cualitativa es una alternativa que nos exhorta a asumir una posición intelectual en la que el conocimiento científico sea un tejido erigido colectivamente, atravesado por los saberes transdisciplinares y generador de potencialidades imaginativas para una sociedad más digna, justa y con sentido.
Key Words: epistemología cualitativa, subjetividad, psicología moderna.

Código de la actividad: HIST Historia de la psicología

EPITEMOLOGIA, SUBJETIVIDADE E SAÚDE MENTAL: CONSTRUINDO ALTERNATIVAS PARA IR ALÉM. *DANIEL MAGALHÃES GOULART - UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA*

Nesta apresentação, busco abordar algumas discussões epistemológicas travadas na atualidade período que considero ser de transição entre os ideais modernos de ciência e a construção do conhecimento sobre novas bases. Nesse sentido, ressalto alguns limites e consequências do pensamento moderno, com destacada ênfase para a negação da subjetividade enquanto dimensão articuladora de várias esferas que se integram na experiência do sujeito concreto. Argumento como as condições para se alcançar o conhecimento científico construídas pelo próprio ser humano pretensamente o excluiu das questões por ele mesmo colocadas. Assim, o mundo passou a ser questionado e, no entanto, o olho que via não, culminando num posicionamento que parece ter deixado de lado questões fundamentais. Posteriormente, aponto para algumas alternativas epistemológicas e ontológicas que têm emergido dessa discussão, sobretudo, para a Teoria da Subjetividade e para a Epistemologia Qualitativa. A partir de novas elaborações teóricas e novas formas de conceber o conhecimento, a pretensa busca pelas verdades universais parece visivelmente fadada aos limites inerentes à sua própria concepção. A noção de um conhecimento instável, localizado historicamente, sem uma continuidade, com imprevisibilidades e acidentes e, sobretudo, implicando o sujeito que conhece na produção do conhecido foram importantes inovações nessa discussão. Os objetos antes isolados e reificados transformam-se em complexas redes em conexão e a relação difusa entre as diversas esferas existentes passa a ser foco de atenção, sem lançar mão da simplificação em explicações descritivas estéreis. Nesse debate, algumas noções caras à modernidade passam a ser profundamente questionadas, como a continuidade, o processo e a generalização. Novas proposições teóricas dão visibilidade às dimensões da ruptura, do momento e da singularidade. Para além da discussão do que seriam essas dimensões em si, a questão se coloca na relação que o pesquisador estabelece com elas. A abertura para que a novidade seja integrada na pesquisa científica passa a ser premissa básica para a construção de um pensamento qualitativamente diferenciado, comprometido com a realidade à qual nos remetemos. Por fim, busco uma articulação dessas idéias com as nuances epistemológicas que sustentam, e ao mesmo tempo são implicações, do movimento social conhecido como Reforma Psiquiátrica, buscando aproximações que permitam novas inteligibilidades desse processo. Nesse sentido, estabeleço uma discussão a partir dos conceitos de desinstitucionalização e de complexidade e coloco como desafio urgente a recriação de práticas clínicas sobre outras bases, numa concepção que privilegie o cuidado, mediante favorecimento do potencial da subjetividade, afastando-se da noção tradicional de consultório, que postula a cura como objetivo central da relação terapêutica. Nessa discussão, aponto para a possibilidade de pensar dimensões pouco consideradas no âmbito clínico, como o modo de vida, a educação e as relações de poder implicadas nas dinâmicas sociais. Parto da premissa de que refletir sobre essas questões e transformar as ações cotidianas com base em elaborações pertinentes a esses questionamentos não é apenas questionar o estatuto da pessoa atendida e de quem a atende, senão questionar os meios sociais que dispomos e podemos criar com vistas a transformações sociais fundamentais em nosso tempo.

Agência financiadora: CAPES Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.
Palavras-chave: Epistemologia, subjetividade e saúde mental
Nível do trabalho: Mestrado M.
SMENTAL Saúde Mental.

A PERSPECTIVA SOCIOCULTURAL: CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO DOS CONTEXTOS ESCOLARES. *MONICA RONCANCIO MORENO - UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA*

Na abordagem sociocultural o desenvolvimento humano é considerado como dinâmico, complexo e em permanente transformação. A partir de uma perspectiva epistemológica qualitativa consideramos o desenvolvimento em qualquer nível (biológico, psicológico, sociológico) como um fenômeno sistêmico-aberto no qual a novidade se cria constantemente. Abandona-se a idéia de desenvolvimento por etapas, acumulativo, e finalista. Centra-se em propor um diálogo entre cultura e sujeito, reconhecendo que cada indivíduo é único e que traz consigo uma história e uma cultura que não podem ser ignoradas. Nesta abordagem o sujeito não é apenas histórico e cultural, mas também qualquer fenômeno humano e social, sendo assim fundamental a sua contextualização. A cultura se constitui em um contexto privilegiado de co-construção de sentidos e significados, legitimando a interação como fundamental para o desenvolvimento. Como conseqüência, todos os participantes da cultura em que o sujeito está inserido são fundamentais para o desenvolvimento, isto é, pais, irmãos, mídia, professores, etc. são importantes agentes de canalização cultural das gerações mais novas. O sujeito não somente recebe mensagens dos outros, mas também modifica os sentidos e significados do meio no qual está se desenvolvendo, ou seja, existe uma transmissão cultural bidirecional entre sujeito e contexto cultural. Desta maneira, quando a psicologia sociocultural assume um caráter co-construtivista, epistemologicamente enfatiza a participação ativa do sujeito na construção de seu desenvolvimento, e a existência de mecanismos de canalização cultural orientados pelos limites (constraints) presentes nos contextos sócio-culturais dentro dos quais se dá o desenvolvimento humano. Essa perspectiva faz contribuições aos contextos educativos, especificamente, enxerga as práticas na escola como fundamentais para a socialização da criança, para a construção de um sistema de crenças e valores que vão lhe permitir se relacionar com os outros, na sua comunidade e em outros grupos sociais. Assim, o estudo dessa prática e de todos os atores da escola é fundamental para compreender as interações entre os diferentes membros da comunidade e propor novas formas de ações pedagógicas. A teoria sociocultural de orientação construtivista também contribui na maneira de enxergar os processos envolvidos nos sujeitos que interagem na sala de aula. O reconhecimento da complexidade dos fenômenos psicológicos com um embasamento desde a epistemologia qualitativa fornece elementos para pensar as relações tecidas professor-aluno e aluno-aluno na sala de aula.

Bolsa Capes.

Palavras chave: Abordagem sociocultural, desenvolvimento humano, contextos educativos.

D

DES

FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE ENSINO MÉDIO PARA O USO DE AMBIENTE ONLINE: CONTRIBUIÇÕES DA ABORDAGEM SOCIOCULTURAL. *ROSSANA MARY FUJARRA BERALDO - UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA*

Na contemporaneidade, temos sido lançados em uma cultura digital, produtora e produzida pelos avanços tecnológicos que implica na revolução nos suportes da informação e comunicação, criando novas formas de aprender e produzir conhecimento. A importância da cultura e dos contextos sociais ganham ênfase na sociedade pós-moderna e pós-industrial, novas perspectivas foram estabelecidas por meio dos estudos que descreviam e explicitavam padrões comportamentais referentes aos aspectos de mudança e estabilidade, continuidade do biológico para o psicológico, da organização e reajuste das estruturas, da cronologia variada conforme o ritmo de cada indivíduo etc. Buscando contribuir para a formação de professores

de ensino médio para essa nova realidade, a Universidade de Brasília vem ofertando, desde 2006, o curso Construa sua sala em Moodle, para professores da rede pública de ensino com base em um modelo de aprendizagem colaborativa. Considerando que 88,5% dos 86 professores da turma de 2009 construíram salas online, usando-as em sua prática pedagógica rotineira, no presente estudo objetivamos investigar as diferentes formas de salas online que têm sido criadas e como eles têm percebido a relação entre essas práticas e os processos de aprendizagem dos alunos. Uma primeira análise interpretativa dos resultados indica o uso criativo desses ambientes e a percepção de que o modelo colaborativo incide positivamente nas práticas educativas. O propósito da apresentação é mostrar de que maneira a psicologia sociocultural permite sustentar teórica e epistemologicamente este tipo de pesquisa. Tomamos como ponto de partida um modelo colaborativo, onde o papel do professor é central no gerenciamento da informação e na condução das dinâmicas que vão sendo construídas em torno dos conteúdos propostos para o estudo. Sob essa perspectiva, abre-se uma gama de opções para que o educador use criativamente o ambiente e promova situações para que a aprendizagem ocorra. Os alunos, por sua vez, passam a atribuir valor, significado e sentido à construção do conhecimento, bem como, no compartilhamento das informações. Assim, temos em consideração os pressupostos da abordagem sociocultural, e principalmente os aspectos histórico-culturais do grupo a pesquisar. Tendo em vista ainda as pesquisas contemporâneas podemos verificar um alargamento metodológico da ciência do desenvolvimento devido à inter-relação das teorias psicogenética, sociogenética, teorias sistêmicas e culturalistas.

Palavras-chave: formação de professores, processos de aprendizagem colaborativa, ambientes online.

Sesiones paralelas: **USO DE PRUEBAS PSICOLOGICAS EN LATINOAMERICA, DESARROLLO Y PERSPECTIVAS DE LA CALIDAD DE PRUEBAS USADAS EN LA PRÁCTICA.**

La practica de la psicologia en cualquier area hace uso de las pruebas psicológicas como herramientas de trabajo para la recoleccion de datos, informacion que es soporte de diagnosticos, seguimientos, valoracion, calificacion e investigacion. La calidad de la informacion depende directamente de la calidad de las pruebas, que como tecnologias permiten la evalucion y medicion de constructos psicologicos, que en su naturaleza dependen de variables culturales
y demograficas, razon por la cual su uso en grupos poblacionales requiere de una valoracion previa, que permita garantizar la sensibilidad y pertinencia. En América Latina, el uso de pruebas psicologicas, es una actividad del que hacer profesional que en muchos paises no cuenta con un acompañamiento que permita garantizar la validez y confiabilidad de las ungran numero de pruebas. La sesión presenta experiencia desarrolladas en algunos paise latinoamericanos que contextualizan esta situacion, y presenta la experiencia brasilera como un ejemplo de desarrollo, alcance e impacto de la adopcion y aplicacion de estandares de calidad en el uso de pruebas psicologicas. Esta sesión pretende ser un espacio de discusion que permita abrir discusion y alianzas para en el futuro desarrolar una comision latinoamericana que permita
el seguimiento del desarrollo y calidad de las pruebas psicologicas en los paises Latinoamericanos.
Evaluación Psicológica

MODELOS INTERNACIONALES USADOS EN LA EVALUACIÓN DE PRUEBAS PSICOLOGICAS Y EL DESARROLLO DEL MODELO DE ESTANDARES PARA COLOMBIA. *Flor Angela Leon Grisales (Universidad Nacional de Colombia)*
Se presentan los modelos de estándares desarrollados dos de las asociaciones de psicología internacionales que han servido como guías para el desarrollo, uso y aplicación de pruebas psicológicas también se presentan los modelos de desarrollados en México y España. El modelo mexicano muestra una iniciativa completa y sencilla para construcción de pruebas objetivas, desarrollado por la empresa privada en México, es un modelo ejemplo de las actividades de control de calidad necesarias para garantizar la idoneidad de las pruebas usadas en la medición psicológica. También se refiere una breve revisión de la experiencia Española, que desde hace más de una década adelanta la revisión de pruebas mediante la aplicación de un protocolo desarrollado a partir del modelo ITC, ejemplos de las actividades pendientes a desarrollar en el contexto latinoamericano. De igual manera mostrará brevemente el plan de desarrollo para el desarrollo de un modelo de estándares para Colombia, experiencia que en curso que gracias al apoyo del Colegio Colombiano de Psicologos se encuentra en su fase inicial.
Frente al impacto del uso de las pruebas psicológicas en los procesos de evaluación que se adelantan en el quehacer del psicología profesional, asociaciones internacionales como la APA American Psychology Association , la EFPA European Federation of Psychologist Associations, de psicología han publicado documentos técnicos que sobre la revisión de los criterios para garantizar la calidad técnica de las pruebas psicológicas, modelos de estándares que sirven como directrices para la construcción, traducción, revisión y uso de las pruebas. Estos modelos han servido como orientadores de diferentes experiencias internacionales sobre el desarrollo de modelos de evaluación de pruebas psicológicas, en varios países, como ejemplo se revisa la propuesta desarrollada en México después de la Meta evaluación de la pruebas diseñadas por (Ceneval) Centro Nacional para la Evaluación de la Superior de México, desarrollado por Agustin Tristan y Rafael Vidal desde el IEIA Instituto para la Evaluación y la

Ingeniería Avanzanda. Se reseña el avance en España que ha implementado por medio del Colegio Oficial de Psicologos, la evaluación de la calidad de las pruebas más utilizadas en la práctica profesional de los psicólogos españoles, se exponen los puntos de mejora a considerar para el desarrollo de experiencias similares.

Aportaciones de la Etnopsicometría: Desarrollo y validación psicométrica de pruebas culturalmente relevantes. *Isabel Reyes Lagunes (Universidad Autónoma de México),*
A pesar del generalizado acuerdo con la importancia del papel de la cultura en la medición psicológica, los esfuerzos para su vigilancia han sido pocos. Partiendo de la afirmación de Clyde Kluckhon (1954) de que Cultura es a Sociedad lo que Memoria es al Individuo y nuestra definición de instrumento de medida situación estandarizada experimental en la que obtenemos una muestra representativa de conductas en las que se refleja la característica, atributo, que queremos medir (Reyes Lagunes, 1993) hemos desarrollado una serie de propuestas de metodología mixta (cuali-cuanti) que nos permitan asegurar que las pruebas psicológicas evalúen los diversos atributos psicológicos en forma culturalmente relevante. Presentaremos, tanto las técnicas desarrolladas (ej. Redes Semánticas Naturales Modificadas) como ejemplos (Ej. Masculinidad-femineidad, Locus de Control, Orientación al Logro, Estilos de Enfrentamiento, Individualismo-Colectivismo) en los que se ha probado su eficacia aunado a lineamientos propuestos para su validación psicométrica.

RECOGIENDO EXPERIENCIAS PARA EL DESARROLLO DE LOS TEST EN EL PERU Y AMERICA LATINA. *José Livia (Universidad Nacional Francisco Villareal - Perú)*
Se describe el panorama internacional de los test psicológicos destacando recursos de información, organizaciones académicas y profesionales, así como directivas para la investigación y uso adecuado. Se destaca el desarrollo histórico de los test en América Latina y el desarrollo editorial, tomándose la experiencia de la psicología brasileña al haber sistematizado la evaluación de los test, la formación de usuarios y el desarrollo de la investigación. Sobre ese contexto se plantea el rol del colegio de psicólogos del Perú para la regulación de la evaluación psicológica y se recomienda algunos aspectos para su aplicación en América Latina.

PANORAMA DA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA NO BRASIL. *Ana Paula Porto Noronha (Universidade de São Francisco - Brasil)*
A avaliação psicológica no Brasil é uma das práticas mais antigas, sendo que as primeiras publicações são anteriores ao reconhecimento da profissão de psicólogo em 1962. Ao longo dos 50 anos de história de psicologia muitos foram os avanços nas teorias e práticas avaliativas. O Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (SATEPSI) foi promulgado pelo Conselho Federal de Psicologia em 2001 e tem sido considerado um marco no desenvolvimento da avaliação psicológica; ele é composto por um sistema operacional que disponibiliza as informações em um sítio na internet, por um conjunto de Resoluções e por uma comissão de especialistas. Qualquer instrumento psicológico utilizado em avaliações deve possuir o parecer favorável do SATEPSI, que por sua vez, considera alguns critérios mínimos para sua aprovação. Todo instrumento deve possuir uma fundamentação teórica bem articulada, estudos de validade para os objetivos aos quais são destinados, estudos de precisão e normas com amostras brasileiras. As informações devem estar disponíveis em um manual organizado, no qual há um responsável técnico (psicólogo) por ele. Ao lado desse sistema, outros elementos contribuíram para o avanço da área, tal como a organização de duas instituições científicas relacionadas à avaliação que a defendem e impulsionam, bem como a criação de muitos laboratórios de pesquisa em regiões distintas do Brasil, que desenvolvem pesquisas e articulam publicações. O que se pretende com esta apresentação é refletir sobre o

cenário da avaliação psicológica atual e os desafios ainda necessários para seu permanente desenvolvimento.